2010000354

unesp

MÁRCIO LEONEL FARIAS REIS PÁSCOA

A VIDA MUSICAL EM MANAUS NA ÉPOCA DA BORRACHA (1850-1910)

INSTITUTO DE ARTES UNESP BIBLIOTECA

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Artes (Área de Concentração: Musicologia).

Ays Bca 0026661

Orientadora: Profa. Dra. Míriam Xavier Fragoso
Co-orientador: Prof. Dr. Régis Duprat

São Paulo
1996

Este trabalho é dedicado aos meus pais Álvaro e Regina, por que sem eles nada disso teria sido possível.

E à minha companheira Luciane, pela inolvidável dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Instituto de Artes da UNESP na pessoa da Professora Doutora Míriam Xavier Fragoso e do Professor Doutor Régis Duprat, pela acolhida do projeto e a identificação que tiveram com a proposta;

ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas na pessoa de Geraldo Xavier, pela sua disposição em ajudar na consulta do acervo;

ao Museu Amazônico - UA, na pessoa de seu dirigente, Geraldo Pinheiro, pela sua disposição em ajudar na consulta do acervo da casa;

ao Superintendente Estadual de Cultura, Dr. Joaquim Marinho, pelo acesso que me concedeu ao acervo da Biblioteca Pública do Amazonas e a sua particular coleção de iconografia amazonense;

ao Professor Doutor Alberto Ikeda pelo inestimável apoio que se estendeu desde suas pertinentes opiniões até o empréstimo e doação de livros de sua biblioteca particular;

à pianista Lindalva Cruz, remanescente de tempos próximos ao da pesquisa e que muito esclareceu com suas palavras;

à pianista e professora Ivete Ibiapina, pelo grande interesse no assunto levando-a a abrir as portas que lhe eram possíveis para auxiliar nesta empreitada, incluindo-se o seu arquivo particular;

ao Dr. Ornan Corrêa Filho, pela cessão de valiosa bibliografia;

ao Dr. Felismino Soares Filho e Dr. José de Jesus Lins de Albuquerque (In memoriam), pelo inesquecível crédito que me deram em razão deste trabalho.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 1

PARTE I: ***A CIDADE DE MANAUS***

CAPÍTULO 1: *A Borracha Constrói a Cidade*
1.1. A Modificação do Espaço Urbano 3
1.2. As Finanças Públicas e Privadas 20

CAPÍTULO 2: *O Indivíduo e o Cotidiano*
2.1. A População e as Condições de Vida 31
2.2. Hábitos e mentalidades 42

CAPÍTULO 3: *A Instrução Pública e o Ensino da Música*
3.1. O Ensino Regular 55
3.2. Os Educandos Artífices 70
3.3. A Academia Amazonense de Belas Artes 88
3.4. A Música e o Ensino Particular 95

PARTE II: ***A VIDA MUSICAL EM MANAUS***

CAPÍTULO 1: *A Música de Cena*
1.1. Os Gêneros do Teatro Musicado 106
1.2. Os Teatros e suas Temporadas 112

CAPÍTULO 2: *Música Instrumental e outra Música Vocal* 144

CAPÍTULO 3: *A Crítica Musical e as Preferências do Público*
3.1.O Gênero Lírico e seus Semelhantes 168
3.2. Os Concertos e os Concertistas 204
3.3. Publicações Especializadas em Crítica Musical:
"O Theatro" e "A Platéa" 218

CONSIDERAÇÕES FINAIS 225

BIBLIOGRAFIA 231

APÊNDICE "A" 249

APÊNDICE "B" 268

Apresentação

A proposta de investigar a vida musical da cidade de Manaus na época do fastígio da borracha pareceu-me, desde o início, interessantíssima. O ineditismo do tema, a importância nacional (e internacional) que a cidade alcançou neste período, eram pretextos que por si só justificavam a empreitada. No decorrer da pesquisa, outros tantos motivos somaram-se, como o descobrimento de lugares e atividades teatrais e musicais até então desconhecidos do nosso tempo atual. Mais que isso. Desconcertava-me o fato de tanta informação ainda não ter sido explorada pelos pesquisadores locais; nas conversas que tive com muitos deles, fui-me certificando de que o que estava trazendo à luz, passadas estas tantas dezenas de anos, era algo totalmente novo. Afinal, achava eu que o tempo que passara, não justificava a quase total obscuridade em que o assunto estava mergulhado. Se levarmos em conta as possibilidades de temas que o período em questão nos oferece, percebe-se que muito pouco, ou quase nada mesmo, se escreveu, e um quadro mais satisfatório sobre a época da borracha e suas personagens ainda está por vir.

É possível que, em parte, esta falta esteja relacionada diretamente às dificuldades inerentes ao processo de pesquisa no Brasil. Estas são inúmeras mas, para citar apenas duas que afligem mais, posso mencionar o mau aparelhamento das instituições e a má conservação do respectivo patrimônio, que já bastam para impedir o interessado de localizar, identificar e alcançar um determinado acêrvo ou mesmo parte dele. Tais problemas dão causa a trabalhos incompletos, mesmo que bem intencionados.

Entretanto, incompletos também ficam aqueles estudos que, embora interessados no filão que o ciclo da borracha põe à disposição, somente se importam em ver os fatos por ângulos limitados. Na maioria das vezes as publicações referem-se a aspectos econômicos e político-sociais, reduzindo tudo mais a dados insignificantes, sendo que estes, não raro, suscitam conclusões equivocadas. Mesmo os escritos que tencionam dedicar-se a caracteres de ordem cultural, recorrem freqüentemente a uma orientação por demais estreita, desprezando as possibilidades de compreensão dos acontecimentos e mentalidades que compuseram a nossa história.

Tais problemas ocorrem à maioria das obras com que me deparei, não sem uma explicação, uma vez que esta fazia-se necessária não só para a compreensão do 'fenômeno', mas no intuito de compor uma razoável bibliografia.

Em primeiro lugar, certifiquei-me do volume de escritos sobre a época da borracha e qual a matéria de destaque nessas obras. Depois, como não poderia deixar de ser, dediquei-me à leitura de tais livros. Foi então que percebi duas atitudes distintas que predominavam nestas tantas obras.

Na primeira delas, há uma forte tendência saudosista, de apologia ao passado, evocando a época, o modo de vida, o comportamento dos habitantes e principalmente o seu sistema de valores. Esta corrente batizou Manaus como a "Paris das Selvas" e vê nela um exemplo a ser seguido. Este ponto de vista, sujeito frequentemente a exageros, encontra-se mais repetidamente em obras dos anos 30 aos 60, o que não significa que naquelas escritas posteriormente não se verifiquem os mesmos traços.

A segunda atitude assume um antagonismo em relação a primeira. A tendência destes escritos é de desdém em relação aos elementos significativos

unesp

do período da borracha, com recusa total aos seus valores. Para estes o discurso que interessa é o da luta de classes e só por este ângulo importa ver a história.

Tais opiniões contraditórias têm por fundo um só problema, que diz respeito ao mito da Manaus da época da borracha. Alguns detalhes auxiliaram na exacerbação deste mito, como o fato da quebra repentina do ciclo econômico que dava sustentação à cidade e o consequente êxodo, de pessoas e bens, feito de forma assustadoramente rápida. Os remanescentes passaram a viver de forma bem diferente, principalmente no que diz respeito ao usufruto da cidade que, sem dinheiro, aos poucos voltaria literalmente ás trevas. Apesar das tentativas de manutenção do modo de vida, sem a presença dos elementos culturais que se evadiram, não foi possível esconder a profunda decadência em que mergulharam estes 'sobreviventes'.

É bem provavel que este problema mítico, que envolve numa só raiz as duas categorias de escritos sobre o período da borracha, tenha começado aí.

A primeira corrente, aludida acima, reverencia o passado na crença de que é dele que emanam os valores a serem seguidos pela contemporaneidade. A vida da cidade no seu apogeu, durante o fastígio da goma elástica, é o modelo a ser seguido, é dele que se deve apreender os 'bons ensinamentos', sua ordem de valores, seu cotidiano. Tais escritos estão cheios de amargura e desesperança em relação ao futuro e não só duvidam, como negam quaisquer outros valores vindos da contemporaneidade. A segunda corrente, antepõe-se fortemente aos valores da primeira, que tornou Manaus antiga num mito. Por isso tenta de todas as formas desmitifica-la (usando até mesmo de leviandade), sob o pretexto de que o que aconteceu na cidade não passou de um dislumbre capitalista. Quando trata das manifestações culturais dessa Manaus, e não raramente o faz de forma pejorativa, afirma de maneira reducionista que tudo não passou jamais de futilidades burguesas. Tais manifestações, ainda sob este distorcido ângulo, teriam sufocado as expressões culturais populares e autóctones, que no seu entender são as verdadeiras, autênticas, originais, puras.

Como se vê, estabelece-se aí também um outro mito. Na verdade ambos os pontos de vista estão intimamente ligados, ao manifestar sua desconfiança pela cultura científico-tecnológica ocidental, uma vez que acreditam ser esta violadora, destruidora da autêntica relação do Homem consigo próprio e com a natureza, o seu mundo. Em ambas as posturas idealizou-se homem e mundo, de forma que só estas idealizações importavam para o contexto histórico que tais escritos pretendiam construir. Se um não confia no futuro e elege o passado para mito, o outro não confia em nada que não venha da cultura popular, dos 'excluídos', e crê, incondicionalmente, que aí repousam as formas puras e autênticas de saber, 'o saber primitivo, primeiro'. Esta última opção encontrou partidários que se entregaram ferozmente ao intuito de tudo desmitificar. Esta palavra de ordem, bastante generalizada e banalizada a partir dos anos 60, também não passou de mais um mito, o do universo em desencanto.

Sem deixar de reconhecer tais mitos, parece-me muito mais acertado que, ao empreender uma pesquisa histórica como esta, eu não me negasse a ver a variedade de acontecimentos e motivações da cidade. A trajetória das personagens e o ambiente cultural, os gostos, as mentalidades, a diversidade e as limitações. Tudo isto me parece bem mais importante, até porque esta é a época da libertação das diferenças, dos elementos locais, da emancipação dos vários dialetos, das muitas formas de fazer história. Mais que reconhecer a racionalidade local, tal emancipação diz muito mais quando somarmos estes elementos ao contexto gobal, muito maior, que compreende os demais dialetos, o que nos permitirá conhecer o nosso próprio sabendo o papel que desempenhou.

unesp

Parte 1
A cidade de Manaus

Capítulo 1
A Borracha constrói a cidade

1.1 A Modificação do Espaço Urbano

No início, Manaus nem era cidade e tampouco tinha esse nome. Era Lugar da Barra do Rio Negro. A data da fundação do forte, que neste lugar foi construído com o objetivo de vigiar a confluência dos rios Negro e Amazonas, remonta ao ano de 1669, ainda que falte maior certeza. Entretanto, antes desta data, pelo menos duas expedições tentaram fixar-se na área hoje pertencente aos limites urbanos de Manaus. Tanto a primeira quanto a segunda partiram de São Luís do Maranhão, a 22 de junho de 1657 e 15 de agosto de 1658, levando militares, índios e jesuítas, que se instalaram num mesmo lugar à boca do rio Tarumã. A intenção de fixar era só uma: garantir o vasto território amazônico que estava além dos limites do tratado de Tordesilhas. Para tanto, outros pontos de estabelecimento mais avançados, quer no rio Amazonas, ou no rio Negro, (onde estava situada Barcelos, a vila de Mariuá, aquela que foi a primeira capital da capitania de São José do Rio Negro) tinham maior importância. Passado o tempo das ameaças mais preocupantes, a dos holandeses que desciam da Guiana e a dos espanhóis que invadiam pelo Solimões, e instalada a capitania em 1757, o desarme do forte da Barra foi inevitável (1783). Transferiu-se a artilharia para Barcelos, uma vez que era a capital e estava próxima aos limites ainda em questão pelas coroas portuguesa e espanhola. O lugar da Barra no entanto, continuava a ostentar sua posição privilegiada, além de estar um tanto mais próxima do Pará. Possivelmente terão sido estes os motivos que levaram Manuel da Gama Lobo d'Almada, o terceiro governador desta capitania, a mudar a sua sede para a Barra, em 1791.

Nesta época surgiram os primeiros prédios públicos de alguma expressão na Barra, como o Palácio dos Governadores, o hospital, o quartel e a cadeia. Ainda sob a administração do brigadeiro Lobo d'Almada, que também era engenheiro, ergueu-se uma fábrica de panos de algodão e outra de tecidos e redes (estes de juta), um depósito de pólvora, uma olaria, uma padaria, uma tarracena e uma cordoaria, além das tentativas de empreendimento agrícola e da introdução de gado na região do rio Branco. Foi, como se vê, pela ação do governador, que o Lugar da Barra conheceu os primeiros sinais de desenvolvimento, ainda que com todas estas melhorias não se conseguisse produzir mais do que importar. Dependia o nosso lastimoso arraial, de tudo quanto fosse preciso para a sobrevivência dos seus poucos habitantes, uma vez que não tinha sido concebido para se sustentar. Durou a administração de Lobo d'Almada, desde 1788 até próximo de sua morte, em 1799, permanecendo a vida na Barra num lentíssimo desenrolar até a instalação da Província, em 1852.

unesp

O viajante Alfred Wallace, aqui chegado em 31 de dezembro de 1849, teve simpática impressão da então cidade da Barra do Rio Negro (foi elevada à categoria de vila em 1827 e de cidade em 1848), ainda que não tenha escondido a sua modesta aparência:

> *"A Cidade da Barra do Rio Negro está situada na margem oriental do Rio Negro, a doze milhas de sua confluência com o Amazonas. Assenta-se em terreno irregular, a uma altitude média de uns trinta pés acima do nível do rio. Atravessam-na dois córregos tão insignificantes que até parecem valos. Na época das chuvas, porém, as águas sobem consideravelmente nos seus leitos. Para atravessa-los, foram construídas duas pontes de madeira, sobre cada um. As ruas são dispostas de maneira regular, mas não têm qualquer tipo de calçamento. Ademais, são esburacadas e cheias de altos e baixos, tornando bem desagradável o ato de caminhar por elas à noite.*
>
> *As casas são geralmente de um só pavimento, cobertas de telhas vermelhas e assoalhadas de tijolos. Pintam-se as paredes, quase sempre, de branco e amarelo, e as portas e janelas de verde. É bem agradável o aspecto do casario rebrilhando ao sol.*
>
> *Da antiga 'Fortaleza da Barra' restam apenas os restos de suas muralhas, que hoje circundam um montão de terra."* (1)

Nota-se aí uma disposição regular de casas parecidas, que deve remontar à época colonial, quando prevalecia a organização militar. Não só o forte estava em ruínas àquela época, também a cadeia pública e a antiga igreja matriz haviam se incendiado sem reposição, evidenciando as dificuldades por que passava o lugar.

Mesmo dez anos depois (1859), quando nos visitou Robert Avé-Lallemant, o aspecto da Barra ainda era o de uma zona rural. Pouquíssima coisa havia se alterado na sua paisagem. Alguns prédios aparentavam solidez, mas a maioria se encontrava em estado de precariedade e abandono, apesar de recentes, pela má construção e pela escassez de recursos financeiros.

> *"Terras altas e baixas - casas nos oiteiros e á beira da água - sólidos edifícios em estilo europeu e primitivas casas tapuias de barro - ora rua, ora igarapé - ali uma estrada, aqui uma comprida ponte de madeira...*
>
> *As ruas da cidade, se é que se pode falar de ruas ou duma cidade, consistem em meros lanços, términos, esquinas e interrupções. Sobe-se e desce-se. Quase por toda parte, o largo, tranqüilo e escuro rio, em baixo, ou segue-se por um caminho, descendo, para atravessar, por uma modesta ponte de madeira, um igarapé, tão escuro quanto o próprio Rio Negro.*
>
> */.../*

(1) - WALLACE, A. R. *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro: trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Edusp 1979, p.109*

unesp

...ninguém se apressava em engrandecer a nova capital da Província do Amazonas, a antiga Barra do Rio Negro. O chamado Palácio do presidente parecia mofar um tanto maliciosamente do seu nome e se sustinha sobre pés fracos. A casa defronte de mim, onde morava o chefe de polícia, um sobrado com seis janelas de frente, era muito mal construída. Só edificaram alguns novos sobrados; tudo parecia esperar alguma coisa, que deveria dar o impulso.

Até que essa qualquer coisa chegasse, dividiram a cidade em paróquias...[das três que havia] *só a última possuía igreja.*

[...]

Por toda parte a natureza acumula bananeiras, palmeiras, jenipapeiros, laranjeiras, etc., até junto das casas dos brancos e dos fuscos, e nos lugares altos e telhados dos grandes e dos pequenos pousam e correm urubus às dúzias dum lado para o outro, com a intenção pacífica de zelar o melhor possível pela limpeza pública."(2)

Quando Avé-Lallemant aqui esteve, a instalação da Província do Amazonas tinha sido feita há muito pouco tempo (1852). Esta sua descrição da cidade de Manáos (Lei nº 68 de 4 de setembro de 1856), ao atestar o erguimento de novos prédios, ainda que feitos com deficiência, já representa o início de uma mudança no estado das coisas. A população acostumada ao marasmo e às dificuldades de tempos outros, reagia com otimismo às mais sutis diferenças; uma ponte sobre o igarapé do Espírito Santo, um chafariz, o quartel dos contingentes, uma ou outra loja de comércio, significavam não só a modificação do espaço urbano, mas o aparecimento de novos hábitos em função desta ampliação do espaço.

"O estado de nossa capital é o mais lisonjeiro possível. A população está animada e satisfeita - As obras tanto públicas quanto particulares vão em satisfatório andamento..."(3)

Era mesmo motivo de animação. A receita orçada da província, até o ano de 1855, nem encontra registro e a arrecadação deste ano resumia-se a modestos 44:201$377 réis (4). Só há pouco a navegação a vapor tinha sido permitida ao interior da Amazônia e o primeiro vapor chegara a Manaus em 1853. A comunicação era feita com o Pará por barcos que saíam num intervalo de muitos meses. O isolamento era tão grande que Manaus só sabia do que se passava no resto do império brasileiro e no mundo através de jornais vindos por estes barcos, de Santarém, Belém, e vez por outra de São Luís e Recife. Eram aguardados com muita expectativa, uma vez que por eles chegavam, além das notícias, os diversos gêneros de alimentos, indumentária, ferramentas, etc. Elizabeth Agassiz, esposa do naturalista Louis Agassiz, quando da sua estada em Manaus (1865), relata a alegria e excitação com que, certa noite, chegando um paquête vindo do Pará, os convidados de um baile onde estava o casal, interromperam as danças e correram para apanhar os jornais no barco.(5)

(2) - Avé-Lallemant *No Rio Amazonas (1859)* trad. Eduardo Lima Castro. BH: Ed. Itatiaia; SP: Edusp. 1980. pp. 100-102

(3) - *Estrella do Amazonas, numero 155, de 5 de julho de 1856*

(4) - Mensagem lida perante a Assembleia dos representantes, em 10 de julho de 1910, pelo Exmo. Sr. Gov. do Estado do Amazonas Cel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt. Manáos, Imprensa Oficial, 1911. Anexo

(5) - Agassiz, Mme. et M. Louis *Voyage au Brésil* Paris, Librairie de L. Hachette et cie., 1869. p. 163-195

unesp

A côrte, por seu turno, dificilmente sabia o que se passava numa província tão distante como a do Amazonas:

> *"Até o ano de 1839, jamais existira qualquer meio de comunicação rápida e regular entre a Capital e as regiões afastadas do Império especialmente as do extremo norte. Poucas eram as casas comerciais do Rio de Janeiro que mantinham correspondentes situados além de Pernambuco, e, não raramente, notícias políticas do Maranhão e do Pará chegavam à Corte, via Grã-Bretanha ou Estados Unidos, em tempo mais curto que se enviadas diretamente"*(6)

A situação em relação a Manaus ainda era um tanto pior, uma vez que a navegação para o interior da Amazônia não era totalmente livre. Muitas das companhias de navegação nacionais não tinham interesse em entrar e as estrangeiras não podiam. A "Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas" detinha o privilégio exclusivo de navegar pela região (Decreto nº 1037 de 30 de Agosto de 1852). A Companhia renunciou ao privilégio em 1854, mesmo ano em que estava sendo formada em Nova Iorque, a "Amazon Steamship Company", que se propunha a navegar até o Perú, parando em Manaus.(7)

Os problemas com a navegação nos rios amazônicos, não submetiam Manaus a única dificuldade de conseguir gêneros básicos de consumo. A exportação da borracha silvestre via-se empecida por obstáculos e interesses que atrasavam o desenvolvimento da Província do Amazonas. Só a partir de 1867, com a abertura dos rios da Amazônia à navegação internacional, é que Manaus libertou-se do Pará (embora nunca o tenha conseguido totalmente) e começou a crescer de forma rápida e assombrosa.

A prospecção da goma elástica da selva amazônica se fez tão ansiosamente quanto a necessidade mundial de viabilizar muitos inventos importantes, como a eletricidade, o telefone e os pneumáticos para os carros, dentre outros tantos. Todos dependiam, uns mais outros menos, da borracha, para servirem a um grande número de pessoas e, consequentemente, espalhar o progresso ao maior número de localidades possível. Afinal, o século XIX ficou marcado por uma atividade industrial verdadeiramente irresistível.

Manaus, primeiro porto por onde passavam as grandes quantidades desta matéria prima tão requisitada, beneficiou-se muito. Ainda que a borracha sustentasse muitas riquezas, cujos donos aqui nunca vieram, outras tantas fortunas formaram-se na lida diária, incessante, da praça de Manaus. Aqui foram ganhas e aqui foram aplicadas, na melhoria de vida daqueles que as aquinhoaram e dos tantos outros, que mesmo desempenhando funções secundárias, passaram a depender de forma direta ou indireta da exportação da borracha, desfrutando todos uma vida que jamais sonharam. A cidade, ao conhecer uma movimentação nunca esperada, transformara-se em centro comercial dos mais importantes do país e mesmo da América do Sul.

Para abrigar as contínuas e crescentes correntes migratórias que tinham por destino o interior da Amazônia, Manaus, parada obrigatória para uns e ponto final para outros, mudou de tamanho, feição e conteúdo. O mapa da página ao lado corresponde à Manaus de 1852, aquela vista por Bates, Wallace e Avé-Lallemant.

---

(6) - Kidder, Daniel. *Reminiscências de viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas Províncias*. BH: Itatuaia; SP: Edusp, 1980. p. 17

(7) - *Estrella do Amazonas, 27 de Março de 1854*

unesp

Escala de 1:10.000

J Bernet Des

PLANTA
(Croquis)
DA
CIDADE DE MANÁOS
J B de F. Tenr Aranha A D. 1852

O crescimento de Manaus, a partir de 1852, não consistiu apenas na ampliação de seu espaço físico, mas na transformação dos logradouros já existentes, com as devidas correções e aperfeiçoamentos, no intuito de torna-los mais úteis, de circulação mais rápida e de aspecto agradável. E ainda que o desenvolvimento urbano, durante o período imperial, tenha sido feito de forma um tanto desordenada, os governos nesta época, se esforçaram para dar a Província prédios públicos, quer pertencentes a Administração Pública ou não, que tivessem significado emblemático para qualquer cidade e dos quais Manaus estava desprovida. Houve até mesmo tentativas de se iniciar um processo de urbanização planejada, embora mal sucedidas(8). Muitos são os benefícios que se atribuiu à chegada da República, mas que na verdade já tinham sido elaborados, se não postos em execução, pelos presidentes da Província do Amazonas. Até mesmo porque as receitas da Província, desde a sua criação, surpreendiam a cada exercício fiscal. Isto permitia aos administradores diversos investimentos, embora houvesse em determinadas ocasiões, embevecimento de tal forma com os valores da arrecadação que, não raras vezes, as expectivas orçamentárias se excediam em otimismo. Os números que seguem abaixo, revelam os valores da receita orçada e arrecadada no período provincial.(9)

ANO	RECEITA ORÇADA	RECEITA ARRECADADA
1852	-	17:777$221
1853	-	29:303$789
1854	-	33:318$517
1855	-	44:201$377
1856	40:625$000	53:729$199
1857	34:316$000	58:542$621
1858	42:915$000	69:512$211
1859	52:044$000	80:655$228
1860	60:593$000	101:875$696
1861	65:213$000	90:220$485
1862	83:384$000	93:286$150
1863 (1º Sem.)	-	57:270$166
1863/64	87:785$700	113:201$595
1864/65	94:682$240	110:314$224
1865/66	103:846$000	165:017$053
1866/67	184:768$000	212:196$536
1867/68	105:072$000	246:920$579
1868/69	186:715$000	304:743$076
1869/70	193:828$000	420:338$744
1870/71	206:989$000	365:468$691
1871/72	253:047$000	454:433$022
1872/73	318:504$000	567:986$906
1873/74	430:124$000	524:745$902
1874/75	500:960$000	422:954$688
1875/76	563:583$000	584:424$316
1876/77	508:316$500	625:703$502
1877/78	635:844$000	597:640$237
1878/79	662:970$000	667:286$555
1879/80	592:137$000	1.015:381$104
1880/81	635:228$000	851:144$966
1881/82	738:313$391	1.059:167$766
1882/83	1.004:199$440	1.582:930$487
1883/84	2.482:858$000	2.523:102$955
1884/85	3.094:449$550	1.549:514$072
1885/86	2.047:495$000	1.789:698$000
1886/87	1.812:080$000	1.967:662$941
1887 (2º Sem.)	-	1.270:952$073
1888	1.890:847$000	1.724:528$741
1889	1.967:078$966	1.499:178$688

(8) - Mesquita, Otoni M. *"A Belle Epoque manauara e a sua arquitetura ecletica"* Rio, 1992, 2v, Tese de Mestrado, ENBA-UFRJ
(9) - *Mensagem 1910...Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt*. Obra citada

Esta relação de valores, da receita orçada e arrecadada, permite algumas ligeiras observações, que estão intimamente ligadas à expansão da cidade. A primeira delas é a cautela inicial da Administração Pública quanto a elaboração da peça orçamentária, no período anterior a 1867, quando a navegação internacional ainda não estava autorizada e, portanto, as dificuldades de exportação freavam produção e preços. A arrecadação entretanto, sempre ultrapassa o orçamento e por vezes vai além do dobro do previsto, permitindo a recuperação do patrimônio existente e o início de novas obras. Após 1867, a arrecadação tende a subir vertiginosamente e o fastígio financeiro começa a se consolidar, exemplo disto é a receita do triênio 1867 a 1870 que embora prevista para 587:532$000, atingiu aproximadamente 1.000:000$000. Neste período a Província foi governada por João Wilkens de Mattos, que diante da expansão econômica não regatearia dinheiro para as obras públicas. As quantias aí aplicadas atingem, só no exercício fiscal de 1868/69, o valor aproximado de 158:033$500, que tiveram o seguinte destino: (10)

Igreja Matriz:	40:278$787	(em construção)
Calçamento na Rua Brasileira	24:400$000	
Outros calçamentos	21:700$000	
Palacete Provincial	14:709$980	(em construção)
Igreja dos Remédios	10:962$304	(reformas)
Rua do Imperador	9:900$000	
Canos de Esgoto	7:727$148	(instalação)
Travessa da Imperatriz	7:300$000	
Rampas da Praça da Imperatriz	5:866$540	(melhorias e ampliação)
Paço da Assembléia Provinicial	3:014$233	
Próprios Provinciais	1:977$025	(melhorias e restauração)
Estabelecimento dos Educandos	143$000	(melhorias)
Cadeia Pública	54$500	

Sem contar os mais de 43: 000$000 já reservados para a construção do mercado público.(11)

A partir de 1870, as previsões cada vez maiores, tornam-se bastante otimistas, o que não evita algumas decepções, como nos exercícios de 1874/75, 1875/76, 1877/78 e naqueles do final do período imperial, de 1884/85 até 1889. Apesar disto, o Amazonas fechou o período imperial longe da crise financeira, garantido pelo enorme saldo de exercícios anteriores e a respectiva aplicação deste dinheiro.(12) A construção da cidade continuaria a ser executada e ao menos planejada, até o fim do Império, quanto maiores fossem as rendas públicas, ainda que de forma lenta se comparada ao crescimento da população e suas atividades.

Entretanto, foi no alvorecer da República, que a impetuosidade e a grande determinação de um homem, modificou profundamente o aspecto da cidade, impondo-lhe o feitio que passaria à História. Foi ele o governador Eduardo Gonçalves Ribeiro, cuja ação terá sido tão radical que os governos que lhe sucederam, mesmo os de seus adversários e após sua morte, não tiveram como fugir aos seus ditames.

(10) - Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas João Wilkens de Mattos, in *Amazonas, 28 de Março de 1870, no220*.
(11) - *Amazonas, 28 de Março de 1870, no 220*
(12) - Mensagem ... lida em 10 de julho... Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt. Ob. Cit

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Os feitos de Eduardo Ribeiro à frente do governo do Amazonas são longos e não se resumem às obras públicas; mesmo estas, se relacionadas, proporcionariam uma lista quilométrica. Sua vasta atuação como administrador e empreendedor rendeu-lhe o consenso dos cronistas e historiadores do Amazonas, desde Sant'Anna Nery até hoje(13). Soaria um tanto pretensioso e pouco original, se estas linhas fossem dedicadas unicamente para reproduzir a grande relação de benfeitorias que o ilustre governador proporcionou a Manaus. Até porque esta será apenas uma das tantas vezes que ainda se há de falar em Eduardo Ribeiro neste trabalho. Entretanto, neste momento parece bem mais interessante saber como e em que circunstâncias ele realizou tal administração e as consequências que isso teve para o crescimento da cidade.

Em primeiro lugar será necessário dizer que o maranhense Eduardo Ribeiro cursou a Academia Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, de 1881 a 1887, ano em que é designado para servir em Manaus. Fato este de pouca relevância não fôra estar se falando de um mulato, de ascendência pobre e obscura, republicano, admirador de Benjamin Constant. A sua presença nas milícias e a conquista de patentes, tem diversos precedentes importantes. O mais recente à época era o da convocação dos negros e escravos para a Guerra do Paraguai, em 1870. Ressalte-se, antes de ir para o Rio de Janeiro, Eduardo Ribeiro já atuara na imprensa maranhense, com o jornal *"O Pensador"*, e tinha à sua volta gente do porte de Aluísio Azevedo; este também transferira-se para o Rio na mesma época.

Em Manaus, seus caminhos para chegar ao poder entrelaçaram-se com os do ocaso da monarquia. Designado para cá como se fosse uma reprimenda à sua postura ideológica e sua condição social, Eduardo Ribeiro tornou-se diretor de obras públicas do primeiro governo republicano do Amazonas, sob a gestão de Augusto Ximeno Villeroy e sob a provável indicação da cúpula republicana do Rio de Janeiro. Uma sucessão de imprevistos levou o tenente de engenheiros a assumir o governo do Estado do Amazonas, ainda em condição de interinidade. Não desperdiçada a chance, conquista a simpatia popular com atuação elogiável, ainda que de curta duração. Bastar-lhe-ía para obter o apoio de Floriano Peixoto para candidatar-se pelo Partido Republicano ao cargo de governador do Amazonas para a gestão de 1892 a 1896. Este episódio evidencia não só a sua sagacidade como o ótimo conceito que devia envergar diante do novo governo, no Rio, uma vez que aqui ficaram preteridos muitos ilustres partidários da República. Por isso mesmo sofreu diversas tentativas de golpe, das mais sutis como propostas de negócios excusos e fraude ao erário, às mais radicais, como a quartelada que moveram contra ele, em 1893, e que foi sufocada, não sem antes deixar um bom número de vítimas(14).

Em meio às bernardas era ele quem revolucionava. Traçou e pôs em execução um plano de expansão para a cidade, com ruas dispostas paralela ou perpendicularmente, niveladas por aterros onde houvesse buracos, escavações onde houvesse morros, pontes de ferro onde houvesse igarapés. Abriu arruamentos, fez praças com jardins, fontes e luz elétrica, onde antes havia só um quarteirão desolado. Aterrou as áreas pantanosas que dificultavam a circulação, ameaçavam o estado sanitário e enfeiavam a cidade. Criou novos bairros e começou a construir as linhas de bonde para unir Manaus.

Estas poucas informações já bastariam para identifica-lo como positivista comtiano, e ele realmente o era(15). Veja-se como.

---

(13) - Alem do *"Pais das Amazonas"*, do Barão de Sant'Anna Nery, muitas são os autores cuias obras constantes da bibliografia destacam a figura de Eduardo Ribeiro, dentre eles Mário Ypiranga Monteiro, Agnello Bittencourt, Mendonça de Souza e Genesino Braga.

(14) - Monteiro, M. Y. *"Negritude e Modernidade"*. Manaus, Governo do Estado do Amazonas, 1990.

(15) - Monteiro, M.Y. *"Negritude e Moderidade", pp. 13 e 151.*

"O Pensador", como Eduardo Ribeiro era conhecido, elaborou um planejamento urbano que revela infuências diretas daquele que o Barão Haussman concebeu para a reforma de Paris, alguns anos antes. A abertura de ruas em traçado rigidamente reto, a construção de grandes bulevares, com vistosos edifícios ou monumentos públicos em volta e no final, de preferência quando houvesse aclive, e a preocupação com as fachadas dos prédios(16). Desta maneira, a partir do *Pensador* passaram a existir construídos ou planejados por ele: a Avenida Eduardo Ribeiro, (onde antes havia o igarapé do Espírito Santo) que ao seu final deveria se impor o novo Palácio do Governo; o Bulevar Amazonas, uma imensa e larga avenida em linha reta, com duas mãos e passeios públicos, nos limites da cidade; o erguimento de prédios monumentais como o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça (ambos na Avenida Eduardo Ribeiro, que também possuía outros palacetes de diversos fins) e o Reservatório d'Água do Mocó (próximo ao Bulevar Amazonas); a instalação das também monumentais pontes de ferro que ligavam a Rua Municipal, desde o bairro de São Vicente até o bairro da Cachoeirinha, ligando a cidade de ponta a ponta, numa reta só; a criação do elegante bairro da Vila Municipal. Para tanto veja-se a planta de João Miguel, desenhada por Willy von Bancels e impressa em 1895 pela Companhia Nacional de Lisboa, que consta na página ao lado (com ligeiras alterações que se fizeram acrescer nesta versão aqui reproduzida de 1913).(17)

Ainda que faltem mais documentos e estudos que confirmem a intenção de Eduardo Ribeiro em utilizar a reforma de Haussman como modelo, parece não haver dúvidas quando se compara a obra de ambos os engenheiros e percebe-se o objetivo comum (e os padrões estéticos que serviram de inspiração): associar à imagem da cidade os conceitos de beleza, praticidade, grandiosidade e durabilidade.

A obra urbanística do *Pensador* impôs, definitivamente, novos padrões estéticos para Manaus. A cidade modificou-se profundamente e descobriu-se cosmopolita. Afinal, viviam em Manaus inúmeras colônias dos mais diversos países, sem falarmos dos nordestinos vindos de vários Estados. Com esta ampliação do espaço urbano e a diversidade cultural presente, revelaram-se os variados gostos que contribuíram para uma arquitetura eclética.

No início, Manaus possuía prédios com características muito simples, timidamente pendendo para o neoclassicismo. Este estilo tornou-se comum no fim da época imperial (anos 70 e 80), e está presente em importantes construções como as igrejas da Matriz e dos Remédios, o hospital da Sociedade Beneficente Portuguesa, dentre outros tantos, incluindo-se os da administração pública.

Na fase republicana, o neoclassicismo continuou a ser adotado (palacete Silvério Nery), e mesmo nos prédios da administração pública após a reforma de Eduardo Ribeiro (chefatura de polícia), ainda que desta vez muitos também exibam caracteres renascentistas (Alfândega).

Mas, foi a partir da reforma do "Pensador" que o Ecletismo tomaria conta do cenário arquitetônico, tanto nas casas (palacete Scholz, palacete Miranda Corrêa) como nos predios públicos de circulação pública e significado emblemático (Teatro Amazonas, Penitenciária, Mercado, Palácio da Justiça e até o projeto do novo Palácio do Governo que não ficou pronto), registrando-se ainda forte influência orientalista; muitas construções públicas e particulares têm caracteres mouriscos. Até as casas mais simples adotaram o estilo eclético, conjugando o prédio do formato de caixote com as fachadas afrancesadas.

---

(16) - Mesquita, Otoni M. "A belle epoque manauara e sua arquitetura eclética: 1892-1910" p. 225-231

(17) - *Annuario de Manaos 1913-1914*

unesp

PLANTA
DA CIDADE DE
MANAOS
PARA O ANNUARIO DE MANAOS
VILLA
MUNICIPAL
LEGENDA
Escala 1/16.000
1 Palacio do Governo
2 " " " em construcção
3 Regimento Militar do Estado
4 Esquadrão de Cavallaria
5 Thesouro Estadoal
6 Theatro Amazonas
7 Palacio da Justiça
8 Delegacia Fiscal
9 Alfandega
10 Santa Casa
11 Beneficente Portugueza
12 Quartel do 36.º de Caçadores
13 " General
14 Gymnasio
15 Imprensa Official e Bibliotheca
16 Paço Episcopal
17 Mercado Publico
18 Theatro Alcazar
19 Cathedral
20 Egreja dos Remedios
21 " S. Sebastião
22 Instituto B. Constant
23 Escolas Publicas
24 Directoria de Hygiene
25 Reserv.º d'agua da Castelh.ª
26 " " do Mocó
27 Cemiterio S. José - Velho
28 " S. João
29 Hospital Militar
30 Casa antiga da Viação Fr.ª
31 " da Luz e V.ta Electrica
32 Pegueas da Alfandega Barbosa
33 Penitenciaria
Boulevard Amazonas
Praça General Carneiro
Praça 14 de Janeiro
Praça General Osorio
Praça Rio Branco
Praça Floriano Peixoto
Pr. 5 de Setembro
Pr. S. Sebastião
Pr. da Constituição
Pr. 15 de Novembro
Praça Senador Christo
P.B. Constant
Avenida Codajas
Avenida Parentins
Avenida Itacoatiara
Avenida Manicoré
Avenida Santa Izabel
Avenida Canutama
Avenida Ajuricaba
Avenida Humaytha
Avenida Antimary
Igarapé da Cachoeira Grande
Igarapé da Cachoeirinha
Rio Negro

De todos, o Teatro Amazonas é sem dúvida um dos melhores representantes do estilo eclético, comum à França da segunda metade do século XIX e que chegaria a Manaus no fim deste século com a reforma urbana de Eduardo Gonçalves Ribeiro, inspirada em Hausmann, e numa série de construções públicas e particulares a partir daí. O ecletismo parecia bastante apropriado para uma promissora cidade cosmopolita. Desta forma, a adoção do estilo foi feita com todas as obediências às técnicas empregadas na Europa e para isso muitos trabalhos foram encomendados a artistas de lá.

Embora o projeto do Teatro Amazonas datasse da década anterior, sua conclusão só foi possível porque o governador Eduardo Ribeiro, engenheiro em ciências matemáticas e físicas, deu-lhe prioridade, em sua gestão à frente do Amazonas. Afirma Mário Ypiranga Monteiro que Manuel Coelho de Castro, contratado em 31 de maio de 1893 para a empreitada do teatro, teria seguido até o fim das obras, afirmação essa refutada por outro autor, Agnello Bittencourt, que diz ter sido tornado sem efeito o acordo.(18) A exemplo das considerações de Clarival do Prado Valadares, em sua valiosa obra sobre o Teatro Amazonas, adota-se aqui uma posição de cautela sobre considerar de pronto o engenheiro Manuel Coelho de Castro como o único empreiteiro de uma obra grande como esta(19). Saber quem são todos os envolvidos na construção, aparelhagem e decoração deste teatro é tarefa das mais difíceis, pois que para o costume da época, entregava-se parte do trabalho comissionado (ou às vezes todo ele) a sub-contratações, no intuito de cumprir prazos e fornecer produto de qualidade. Nas obras do Teatro Amazonas não terá sido diferente. Quanto às dotações orçamentárias e aos trabalhos de concretização da obra, o que pode e vale a pena ser dito é que da idéia luminar em 1881, que pretendia um teatro público para a capital do Amazonas, aos seus arremates ainda depois de sua inauguração, em 31 de dezembro de 1896, quase tudo foi feito a partir de 1893 pelo "Pensador". Antes dele somente havia 2 metros de paredes erguidos(20)

No período anterior, na década de 1880, aprovou-se um projeto que concebia uma planta para a obra, escolheu-se o terreno e a ele foi dada uma forma adequada, pretendeu-se os alicerces, sendo que para isso também se realizaram medições. No entanto, o mais significativo para este trabalho não é a cronologia da engenharia que se empregou, mas verificar a qualidade artística que envolveu a sua concepção, bem como definir seu conteúdo e, se possível, ao menos alguns autores da façanha.

Em primeiro lugar é necessário dar as características da rica obra. O ecletismo em que se encaixa não se lhe impõe unicamente por causa dos ornatos ou da aparência superficial da decoração, posto que ambos também são caracterizadores do estilo. É a própria estrutura do prédio, com seus motivos de *décor* interno e externo, caso da sua originalíssima cúpula armada em ferro, ousadia da engenharia e da estética daquele fim de século, mesmo para países mais avançados; ao invés do simples tetraedro que comumente se usa no acabemento do teto de outros prédios do gênero, fez-se o zimbório. O atrevimento tem seu lugar se for lembrado aqui que esta é a marca inesquecível do prédio, que o torna único no gênero, pois não há outro que sequer o lembre. Desta feita, a obra da cúpula é a afirmação de um gosto, de uma vontade, da diferenciação, de algo que distinguisse quem havia levantado tal prédio e a terra que o envergava, afinal a obra era pública. Esta pretensão, entretanto, não é original, posto que a Torre Eiffel também é uma construção marcante, de arrojo tecnológico e de funcionalidade não imediata.

(18) - Valadares, C. P. *Restauração e recuperação do Teatro Amazonas*. Governo do Estado do Amazonas, 1974, p. 56
(19) - No mesmo sentido Valadares, C. P. Obra Citada, p. 56
(20) - Valadares, C. P. Obra Citada, p. 55

unesp

É justamente isso que relaciona a ostensiva torre parisiense com a magnífica cúpula do Teatro Amazonas, com seu revestimento de cerâmica policromada, de telhas em escamas, esmaltadas, e o anel de vidros coloridos que indicam à distância que a casa está em função.

Por ser uma obra eclética o Teatro Amazonas está então relacionado à *Belle Èpoque*, é o que nos diz Clarival do Prado Valadares:

> *"A belle époque corresponde ao ecletismo, quando proliferaram múltiplas propostas do romantismo decadente, firmando-se na evocação de períodos estilísticos remotos. Fase dos neo-gótico, neo-renascença, neo-barroco, neomourisco neocolonial, etc."*(21)

Entretanto, o mesmo autor adverte que, embora haja diferenças essenciais entre *belle époque* e *art nouveau*, o Teatro Amazonas pode se relacionar também a este último, por possuir sinais particulares do estilo, *"...que corresponde a uma diferenciação, com forte apelo aos materiais industrializados e à pluralidade do consumo, sobretudo urbano."* (22) O que identifica o Teatro Amazonas com o estilo *art nouveau* é portanto a sua escada de ferro com serralheria fitomórfica, o varandim de separação da orquestra, as colunas e gradis dos camarotes, os lustres da platéa e do terraço e tudo mais que foi importado e trazido pronto pela firma "Koch Fréres"(23).

Outra característica do ecletismo é o uso de materiais e de respectiva técnica, especializada em fingimento, ou seja, substituir materiais nobres por outros que sob determinadas condições o aparentem.(24) Desta forma, colunatas, balaústres, alizares e óculos são feitos de cimento alvenaria e reboco; ainda que digam os atentos historiadores do Teatro, que tais substituições se devem a falta de mão de obra e de material (muita coisa se perdeu em naufrágios) para a realização da obra com os materiais nobres.(25) Esta afirmação também deve ser vista com cautela, uma vez que Eduardo Ribeiro baixou lei concedendo passagens gratuitas, por conta do Estado, a artistas nacionais ou estrangeiros, vindos do sul do país, da América do Norte ou da Europa, para fixar residência no Amazonas.(26) Calcula-se que mais de 200 operários e técnicos nacionais e estrangeiros teriam sido contratados, embora este número pareça insuficiente em vista da quantidade de trabalho a entregar no prazo determinado.(27)

Em 1895, havia sido contaratado Henrique Mazzolani e em 1896 o estucador Manoel Gomes da Rocha e o engenheiro eletricista Vicente Miranda(28) Antes, em 23 de fevereiro de 1894, Crispim do Amaral é contratado para a decoração interna do teatro, incluindo-se o fornecimento do mobiliário e os mecanismos.(29) Também de Crispim do Amaral são algumas poucas idéias de decoração externa como as figuras do frontão, a própria fachada, os bustos das personagens e os óculos, estes aliás, inspirados no Teatro da Ópera de Paris.(30) Assim como as peças de arte, as estátuas e as faianças, e também a disposição das acomodações da sala de espetáculos, lhe têm como autor (31)

---

(21) - Valadares, C. P. Obra Citada, p. 42
(22) - Idem
(23) - Idem, p. 44
(24) - Hauser, A. *Historia da Arte e da Literatura* Obra Citada, p. 789
(25) - A hipotese de que o estuque foi adotado como opção estetica, tambem explica a presença de técnicos especialistas neste oficio
(26) - Valadares, C. P. Obra Citada, pp. 54 e 55
(27) - Idem
(28) - Idem, p. 55
(29) - Idem, p. 60
(30) - Idem, pp. 61-63
(31) - Idem

unesp

A cargo de Crispim do Amaral também deveriam ser comissionadas as pinturas, mas para este serviço, o decorador indicou o italiano Domenico de Angelis. E antes que se fale de De Angelis e da obra que fez para o Teatro Amazonas, dá-se alguma notícia biográfica do admirável Crispim do Amaral.

Nascido em Olinda, Pernambuco, em 1858, Crispim do Amaral atuou como músico, pintor, ilustrador, desenhista, caricaturista, cenógrafo e decorador. Era irmão de mais dois destacados artistas, o caricaturista Amaro do Amaral e o pintor e fotógrafo Libânio do Amaral, que foi professor da Academia Amazonense de Belas Artes e era sócio de George Hübner na casa fotográfica Hübner & Amaral, do Rio de Janeiro e de Manaus. Afirma-se que Crispim do Amaral começou seus estudos com o pintor León Chapelin(32), mas é possível que aí haja um engano. De León Chapelin sabe-se que viveu e atuou em Salvador, sem contudo se confirmar que esteve em Pernambuco(33). Um outro Chapelin, um escultor de nome François Etienne, é que seguramente residiu no Recife, pelo menos desde 1836, contratado por aquela província para o Departamento de Obras Públicas(34). Por volta de 1876, Crispim do Amaral pode ter chegado em Belém para trabalhar como cenógrafo(35), quase certamente em outros teatros que não o Teatro da Paz, este, com seu serviço de iluminação, decoração, cenografia e acessórios, a cargo do empresário teatral Vicente Pontes de Oliveira(36).

É possível que Vicente Pontes de Oliveira tenha influenciado o jovem Crispim do Amaral, mas este terá encontrado sua decisiva formação na Europa, para onde deve ter partido após os 8 anos que ainda viveu no Norte (talvez tenha voltado a Pernambuco por mais uns 2 anos). Na Europa, Crispim do Amaral deve ter passado cerca de 9 anos e tanto seu lugar de estudo, a Academia di San Lucca, na Itália, como o seu ofício de cenógrafo da *Comédie Française* carecem de maior comprovação para que se lhe dê crédito(37). De qualquer forma, na França ele atuou como caricaturista, no jornal *Le Rire*, onde alcançou sucesso no ofício. Mas uma caricatura sua, alusiva a política colonialista britânica (a rainha Vitória presa como uma criança debaixo do braço de Kruger que lhe sofraldava a saia e lhe dava palmadas, tendo abaixo a legenda *Dum-Dum!* ; tipo das balas usadas no conflito anglo-bôer), rendeu-lhe, como resultado da 'impertinência', a sua 'notoriedade' e um processo da justiça francesa contra si e seu editor.(38) Como Crispim foi condenado a 3 anos de prisão, voltou imediatamente para o Brasil, talvez o Rio de Janeiro, mas o fato é que em 1894 lá estava ele em Manaus, e com fama suficiente para ser chamado para a empreitada do Teatro Amazonas, o que indica de certo modo a sua boa formação. Na capital do Amazonas trabalhou até o final do século, mais ou menos, também se ocupando na exploração exclusiva do negócio de quiosques. Só depois, então, retorna definitivamente ao Rio de Janeiro onde veio a falecer em 1911, de um ataque de uremia.(39)

O indicado de Crispim do Amaral para a execução das pinturas do Salão Nobre e *plafond* do Teatro Amazonas, Domenico de Angelis, que o pernambucano deve ter conhecido em Belém quando dos trabalhos que o italiano realizou no Teatro da Paz, era possuidor de credenciais para a obra. Sua biografia é quem o diz.

---

(32) - Lima, H. *História da caricatura no Brasil* pp. 1064-1070

(33) - A dúvida é levantada por José Roberto Teixeira Leite em *Pintores Negros do Oitocentos*, São Paulo, Ed. Emaoel Araujo; Industria de freios KNORR, MWM motores, 1988, pp. 141 e 142

(34) - Idem

(35) - Valadares, C. P. Obra Citada, p. 64

(36) - Idem

(37) - A afirmação de que Crispim do Amaral esteve a serviço da *Comédie Française* e de que esteve a estudar na *Academia di San Lucca* na Itália, são feitas por Augusto de Freitas Lopes Gonçalves em sua obra *Dicionario Historico e Literario do Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Caterdra, v. 1, pp. 134 e 135

(38) - Leite, J. R. T. *Pintores Negros do Oitocentos no Brasil*. Obra Citada, pp. 143-148

(39) - Idem

Segundo a "Enciclopedia della pintura italiana", de Galetti e Camesasca, Domenico de Angelis nasceu em Roma no ano de 1852 e aí faleceu no ano de 1904(40). Entretanto, em 30 de março de 1900 o jornal manauense "Diário de Notícias" expôs a seguinte notícia: *"Somos gratos às adesões que tem merecido justa homenagem que fazemos ao emérito pintor italiano Domenico de Angelis, mandando celebrar uma missa na próxima 2a feira em sufrágio de sua alma".*(41) Veio também do "Diário de Notícias" uma segunda data de nascimento do referido artista, o ano de 1853(42). Mesmo que se queira manter a controvérsia sobre uma ou ambas as datas, pertence ao "Diário de Notícias" o conjunto mais importante, até agora, de informações sobre De Angelis, e com elas a certeza de que o artista italiano tinha méritos suficientes para a empreitada do Teatro Amazonas; e a credibilidade do noticioso aumenta quando se sabe que as linhas que se transcreve a seguir são de autoria de Raul de Azevedo:

> *"Ainda na véspera de partir para a bela Itália, conversavamos cordialmente. Já estava doente o pobre De Angelis. A sua fisionomia outrora risonha, aberta, simpática, insinuante, contraía-se de quando em quando golpeada pela dor. Os olhos sem a antiga firmeza, o rosto empalidecido...*
>
> *Dizia-nos o inesquecível camarada na sua pronúncia ítalo-brasileira, que tinha um pressentimento de que não voltaria mais ao Amazonas querido, que não acabaria o monumento que tanto o preocupava...*
>
> *Era um belo artista o nosso desditoso amigo. Pintor excelente, paisagista de primeira plaina, retratista de largo mérito, decorador consciencioso, sabia espalhar a cor no quadro, sabia dar a luz precisa, sem exageros, fazendo viver a tela...*
>
> *Companheiro de Capranesi, Giovanni Capranesi, seu colega e sócio no afamado atelier da praça Vittorio Emanuele. Romano de nascimento, falando a língua de Dante mestriamente, De Angelis morreu ainda moço, apenas com 47 anos - 1853-1900. Fez seus estudos na respeitável Academia di San Lucca, recebendo as lições das notabilidades em Arte: Cavv. Carta e Podesti, e do conhecido retratista Alessandro Marini.*
>
> *O seu primeiro quadro foi um trabalho à óleo - há 20 anos talvez - A tela foi adquirida anos depois.*
>
> *Diz um seu biógrafo... que o emérito paisagista fez o seu primeiro trabalho com Capranesi em 1882, iniciando-se na difícil e opulenta arte decorativa. A sua estréia de felicidade rara foi a sala do Palácio Ferri. Daí a sua notabilidade, daí o rasgado elogio que lhe fez o célebre arquiteto Luca Caramini, daí o contrato com Dom Antonio de Macedo Costa para decorar a Catedral do Pará*
>
> [...]

(40) - Galetti, U. e Camesasca, E. *Enciclopedia de la pintura italiana*. Italia. Aldo Garzanti Ed. 1950. p. 78
(41) - *"Diario de Noticias"*, 30 de março de 1900
(42) - Idem

unesp

Transportou-se De Angelis para o Brasil em 1886, fixando quase residência no Amazonas...

Outros trabalhos elogiados pela imprensa italiana... ... pintura na Capela do Sacro Cuore na Igreja de Santo Ignacio na Itália... ...câmara no Quirinal feita para o imperador da Germânia... ...decorações do Salão do Banco da Itália e da Sala de Baile do Palácio Campanari... "(43)

O artigo de Raul de Azevedo, aqui transcrito parcialmente, é de grande importância. Primeiro, porque nele encontram-se trechos de algumas críticas publicadas na Itália, sobre a obra de De Angelis, de onde certamente Raul de Azevedo extraiu a pequena e significativa coleção de exemplos dos trabalhos do artista. Segundo, porque revela a formação de De Angelis, identificando-o como um egresso da Academia di San Lucca, a segunda mais antiga academia de arte da Europa da modernidade, e a mais afamada àquela época. Terceiro, porque mostra De Angelis ligado desde muito cedo às Artes Decorativas, e ao sócio Giovanni Capranesi com quem mantinha ateliê. Todas estas informações constituem-se em grandes novidades, pois por muito tempo os pesquisadores tentaram sem sucesso coletar dados sobre Domenico de Angelis. A frustração aumentava quando os dicionários e enciclopédias de pintura não apresentavam seu nome, e quando muito expunham um verbete pouco informativo. Este insucesso levou muitos a acreditarem que as obras do Teatro Amazonas tinham sido entregues a um ilustre desconhecido Entretanto, fica cada vez mais claro que De Angelis não se vê citado nos alfarrábios como pintor, por que o conjunto de sua obra o mostra envolvido justamente com as Artes Decorativas, onde pelo pouco que se viu, alcançou notoriedade e sucesso. E faz-se necessário aqui que se diga que este gênero não é menor que a Pintura ou a Escultura, mas sim, alvo de enorme preconceito que até hoje ainda exclui os seus praticantes das grandes coletâneas sobre Arte, como se desde há muito as casas, os palácios, os castelos, da burguesia, da nobreza e do clero não estivessem a solicitar o serviço especializado de um artista decorador. Vai aqui um só exemplo da mesma época e situação. O famoso Gustav Klimt passou à história da Arte como habilidoso pintor que era. Mas, quase não se diz ser ele um decorador e que ganhava a vida com esta atividade, apesar de ser um dos artistas mais significativos do período *art-nouveau*. Tanto Klimt quanto De Angelis tiraram sustento da mesma atividade, pois tinham escritório montado e trabalhavam com outros artistas especializados em diversos ofícios. Ambos foram privilegiados com a comissão de grandes trabalhos na sua Europa natal

E foi a Domenico de Angelis, este decorador de nomeada, que se confiou a obra de vulto que o esperava no Teatro Amazonas; que ele executou soberbamente, ao lado do não menos talentoso sócio Giovanni Capranesi, pintor das telas do Salão Nobre do Teatro Amazonas. Para que não pairem dúvidas quanto a esta última assertiva (sobre a autoria dos trabalhos de pintura) consulte-se o documento fidedigno do cônsul italiano no Pará, Giulio Roberti (comerciante ativo em Manaus nos primeiros anos deste século), que diz que os trabalhos que Crispim do Amaral entregou à perícia de Domenico de Angelis, foram executados na firma que este último mantinha com Giovanni Capranesi, sendo que foi este último quem realmente os pintou, por achar De Angelis que o sócio era superior a si neste ofício.(44)

---

(43) - *"Diario de Noticias"*, 2 de abril de 1900

(44) - O depoimento de Giulio Roberti esta transcrito por Clarival do Prado Valadares, em obra citada aqui, p. 81

unesp

A afirmação de Roberti ganha em valor quando ele revela ter estado no ateliê em Roma, o quinto andar de um prédio na praça Vittorio Emanuele, na condição de portador de uma carta de De Angelis para Capranesi. Lá, Roberti viu os painéis (os gobelins, quadros e tapeçarias) do Salão Nobre, que estavam sendo preparados por Capranesi segundo instruções de De Angelis, pois terá sido deste a escolha temática para os quadros (um assunto da ópera *Il Guarany*, de Carlos Gomes e os outros sobre paisagens amazônicas). De Angelis estaria em Manaus, na ocasião, a montar o *plafond* do referido salão, esta seguramente uma obra sua (leva a firma do pintor).(45)

O tema proposto por De Angelis para o *plafond* do Salão Nobre é o da glorificação das artes no Amazonas, certamente concebido em seu ateliê em Roma. Nele figuram as musas que descem do monte Helicon sobre a floresta amazônica.

Portanto, o que se percebe é um trabalho de equipe na elaboração das pinturas do Teatro Amazonas (os quadros do Salão Nobre não estão assinados), fato que nem um pouco desmerece as obras, nem seus autores, pelo alto valor artístico e monumental da empreitada e por se tratar de uma prática usual naquele tempo e até em outros mais remotos, o do trabalho de escola, de ateliê; há seguramente a participação de outros profissionais nesta empreitada, entre assistentes e discípulos da dupla De Angelis e Capranesi.

Dentre os cinco assistentes principais de De Angelis, três vieram com ele da Itália para ajudá-lo na execução das pinturas do Teatro Amazonas: Adalberto De Andreis, Francesco Alegiani e Sílvio Centofanti. Embora todos tenham deixado obras em Manaus, Sílvio Centofanti, por ser considerado o assistente principal, o *"predileto"*(46), ganhou mais notoriedade. Centofanti era bastante querido em Manaus, onde viveu durante algum tempo com um escritório de arquitetura(47), sendo de sua autoria alguns importantes trabalhos como a pavimentação da referida Praça de São Sebastião, além, é claro, do grupo de amorinos sobre fundo folheado a ouro, pintura que está entre as colunas do Salão Nobre do Teatro Amazonas(48).

Quanto a autoria do pano de boca da sala de espetáculos do Teatro Amazonas, pode-se atribuir a Crispim do Amaral. E ele teria feito pelo menos mais outro; um para ser usado no início e fim dos espetáculos e o outro nos entreatos.(49)

Há ainda um grupo de esculturas cuja autoria pertence à Domenico de Angelis. São os bustos do padre José Maurício, Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, José de Alencar, Carlos Gomes, Henrique Gurjão e Martins Pena, feitos na Itália e que vieram para Manaus, para serem instalados no Salão Nobre do Teatro; uma exposição de fotografias deste trabalho precedeu a vinda das esculturas(50). Os bustos são de gesso e foram modelados, quase que certamente, por Enrico Quattrini.(51). Este toreuta trabalhou com De Angelis em dois monumentos de sua concepção, o da Abertura dos Portos do Amazonas, na Praça de São Sebastião e o da estátua de um bispo do Pará, em frente à Sé de Belém. Ambos foram desenhados por De Angelis e modelados por Quattrini entre 1899 e 1900(52).

---

(45) - Idem

(46) - Valadares, C. P. Obra Citada, p. 81; trecho do depoimento de Roberti: *"... toda a decoração do mesmo salão* [Nobre], *feita em conjunto com o seu predileto discipulo Sr. Silvio Centofanti"*

(47) - *Jornal do Commercio*, 21 de setembro de 1904: *" Será muito cumprimentado hoje, pela passagem de seu aniversário natalicio o estimado artista Silvio Centofanti, que nesta capital conta grande numero de afeições..."*

(48) - Valadares, C. P. Obra Citada p. 95

(49) - Gonçalves, A. F. L. *Dicionario Historico e Literaario do Teatro no Brasil*. Obra Citada, p. 135

(50) - Valadares, C. P. Obra Citada, p. 96

(51) - Idem p. 100

(52) - Idem

unesp

Entretanto, outros bustos foram postos nos óculos frontais externos do Teatro Amazonas. Estes são de autoria duvidosa, e pelo desnível artístico que têm em relação aos demais, é quase certo que não pertençam nem a De Angelis e nem a Crispim do Amaral; este último só teria indicado o lugar onde deveriam ser colocadas as esculturas.(53)

As obras do Teatro Amazonas demoraram para terminar, pois havia uma infinidade de detalhes para cuidar e se for levado em conta o espaço de tempo de 4 anos, tempo que Eduardo Ribeiro teve para retomar a obra e a sua inauguração, ver-se-á que o prazo foi pequeno. Muita coisa ainda estava sendo executada até a entrada deste século e até mesmo muitos anos após o ciclo da borracha ter se fechado; as temporadas artísticas foram acontecendo em meio às obras de acabamento.

Na virada do século, Manaus estará em ritmo acelerado de crescimento. Todos os administradores que sucederam a Eduardo Ribeiro se entregaram à tarefa de construir. O Álbum de 1901-1902 contém pouco mais de uma centena de lâminas fotográficas(54). Destas, mais da metade mostra obras em andamento ou concluídas recentemente, há menos de 10 anos. As décadas de 1890 a 1900 e de 1900 a 1910, são sem dúvida alguma os anos mais exuberantes do período da borracha. As receitas são magníficas:

ANO	RECEITA ORÇADA	RECEITA ARRECADADA
1890	1.732:650$000	1.736:329$604
1891	4.628:550$000	4.282:323$139
1892	5.981:700$000	5.799:540$339
1893	6.559:100$000	8.186:084$983
1894	6.706:200$000	8.807:752$520
1895 (1º Sem.)	8.105:200$000	5.591:797$356
1895/96	8.400:400$000	10.762:739$119
1896/97	9.285:400$000	14.244:056$090
1897/98	9.526:400$000	20.424:100$432
1898 (2º Sem.)	6.497:100$000	7.922:193$542
1899	13.720:000$000	24.344:833$182
1900	18.020:000$000	22.041:523$529
1901	18.011:000$000	16.587:245$804
1902	16.010:000$000	13.368:455$105
1903	14.465:000$000	18.290:066$556
1904	14.439:000$000	20.470:918$540
1905	15.686:000$000	15.233:686$015
1906	17.751:000$000	15.422:295$617
1907	14.496:000$000	12.770:551$366
1908	13.400:000$000	9.357:201$251
1909	10.241:000$000	14.936:665$316
1910	-	18.056:133$475 (55)

Até a Intendência Municipal de Manaus realiza sua independência financeira e concorre para o aparelhamento e embelezamento da cidade. De 1902 a 1907, a administração de Adolpho Lisbôa empreendeu a construção de um novo Mercado Público, do Matadouro (com Laboratório de Análises e Posto Vaccínico anexos) e do Bosque Municipal. Dotou as praças de chafarizes e estátuas de bronze, além de bebedouros e mictórios públicos. Empreendeu a construção de vilas operárias e logo proporcionou a estes lugares substanciais melhoramentos, fazendo o mesmo nos arrabaldes da cidade, como o calçamento em pedra e asfalto, a iluminação pública e a distribuição de água potável. Além disso, a Intendência era responsável pela manutenção dos seus próprios públicos(56).

(53) - Idem, p. 96.

(54) - *Album do Amazonas 1901-1902*. s.l. [Pará ?] [Fidanza],[1902]. 183p.

(55) - *Mensagem ...Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt...1910*. Ob. Cit.

(56) - Lisbôa, A. *"O Municipio de Manaus - 1902-1907: Relatórios do Superintendente Adolpho Lisbôa"* Manaus, Liv. e Tip. Universal, [1907]. 127p.

unesp

Note-se que a intendência de Manaus sequer estava entre as primeiras em arrecadação de impostos (ocupava uma modesta posição intermediária).

Vale lembrar que esta emancipação municipal é decorrente dos benefícios da Constituição republicana de 1891, que incluem a transferência da competência de arrecadação de alguns impostos, anteriormente provinciais, para a esfera municipal. Deste modo, muitas intendências no interior do Amazonas puderam se desenvolver, especialmente as localizadas nas regiões de maior atividade extrativista. Das 26 cidades, vilas e lugares que enviavam anualmente seus relatórios ao Secretário do Interior, até o final do século XIX mais da metade possuía iluminação pública e até mesmo umas poucas contavam com algum tipo de equipamento para adquirir água potável.(57)

O progresso do Amazonas contrastava com a situação de decadência por que passavam alguns Estados do Nordeste. Pernambuco, Paraíba, Ceará, Maranhão, estavam todos envolvidos em grande crise. O viajante e jornalista pernambucano Gonçalves Maia descreveu suas impressões quando da sua passagem pelo Nordeste em direção a Manaus.

> *"Não sei porque associação de idéias o Maranhão se assemelha a Pernambuco. A velha Atenas brasileira é, talvez, como uma cidade grega, uma cidade em ruína; ela terá tido como Pernambuco a sua época brilhante...*
>
> *Hoje a nossa situação, a de ambos os estados é talvez aquela que o poeta divino descreve quando diz que não há dor maior que recordar, na miséria, os tempos felizes"*(58)

O seu julgamento sobre o Ceará e a Paraíba não é muito melhor; encontrou-os em abandono(59).

Será dele a impressão sobre a Manaus do início do século, revelando euforia e assombro. O ano era 1904.

> *"O passageiro que salta em Manaus, vê antes de tudo que está numa cidade nova, uma cidade de ontem, uma cidade de hoje, uma cidade em plena formação. Só há casas novas, novíssimas; as praças tem ainda a cor do paralelepípedo novo, os passeios têm os lagedos sem mossas, as árvores e plantas dos jardins terão tido talvez a sua primeira floração. E a cada passo, ao atravessar um largo ajardinado, cujo nome ignoro ainda, o viajante ouvirá esta frase do seu guia:*
> *- Quando eu cheguei aqui, isto era um igarapé que entrava pela cidade e a atravessa até lá.-*
>
> [...]

(57) - Relatório do cidadão Pedro Freire

(58) - Maia, G. *Livro de Viagem* Manaus, Tip. do "Amazonas", 1906, p. 42

(59) - Maia, G. *Livro de Viagem* p. 13-27,32-39

"O que assombra, porém, neste trabalho, não é a despeza; é que todo ele é de ontem, é que todos o viram fazer, é que os igarapés desapareceram, a cidade se aplainou, sobre os aterros abriram-se grandes praças, surgiram enormes prédios e tudo isso tão depressa,tão rapidamente, que aqueles que saíram para uma longa viagem de poucos anos, de dois, de três anos, quando voltarem terão desconhecido a sua cidade!

Ao lado de um grande edifício, um outro maior se levanta. Atravesso uma praça...; os pedreiros trabalham em três edifícios novos".(60)

Manaus realmente transformara-se. E continuou a crescer ainda por mais uns dez anos. O aspecto bucólico de zona rural fôra substituído pelo de metrópole com os privilégios e confortos da modernidade (nada comuns no resto do país), alcançados de forma tão rápida que ainda hoje surpreende.

(60) - Maia, G. Obra citada p. 117 e 118.

unesp

1.2 As Finanças Públicas e Privadas

Inicialmente, pode-se imaginar que aqui se discorrerá sobre questões de gosto. Não necessariamente. A intenção verdadeira é a de identificar como os interesses público e privado contribuíram para o crescimento da cidade. A Manaus do período da borracha é uma cidade surgida no século XIX e consequentemente regida por questões que dizem respeito a estas duas esferas.

O governo provincial era o poder competente para cuidar dos interesses da comunidade, até porque no fim do Império os ideais republicanos dão o tom aos debates políticos, pressionando por atitudes em favor do bem comum e dos anseios do povo. Em alguns lugares distantes da influência da côrte, proliferaram rápido as ideologias libertárias, como é o caso do Amazonas, de modo que ao gerir sua própria economia a nova província tratava imediatamente de assegurar benefícios para seus habitantes, coisa que em momento algum lhe foi dispensada pelo poder central. Certamente as atitudes dos governos provinciais serão mais tímidas do que as dos governos da era republicana. Mas não deixam de ter seus méritos, uns por acreditarem numa ordem política que estava por vir, outros por perceberem as dificuldades da longinqua terra, todos por dever de bem administrar um lugar que quase nada tinha ou podia.

A par disso tudo a iniciativa das inúmeras organizações privadas fomenta a economia e proporciona uma movimentação de recursos e bens de tal monta, que por si só já se constitue num grande benefício para todos. Até mesmo os seringais onde a vida era rude e difícil, ofereciam uma opção de vida para os inúmeros retirantes que vinham fugidos da avassaladora seca que deixava o Nordeste em situação desesperada. É bem verdade que em muitos destes núcleos extrativistas imperava um regime de semi-escravidão, onde se trabalhava por comida e remédios, o que até certo ponto não destoava muito do razoável, para um país que ainda admitia a escravidão de imensa parcela de sua população. Mas é verdade também que em muitos seringais as comunidades prosperaram transformando-se em vilas e cidades, com luz elétrica, água potável e variedade de gêneros alimentícios.(1)

Algumas destas vilas arreacadavam em impostos muito mais que Manaus, a capital. Os dados transcritos a seguir, pertencem ao exercício fiscal de 1904, listam as seis melhores rendas e também a de Manaus, que estava em décimo-quinto lugar:

1º	**SÃO FELIPPE**	414:477$210	
2º	**FLORIANO PEIXOTO**	298:338$631	
3º	**LÁBREA**	240:029$433	(Terá a maior arrecadação no exercício de 1905)
4º	**HUMAYTHÁ**	212:341$772	(Ocupará a segunda posição em 1905)
5º	**TEFFÉ**	128:972$001	
6º	**MANICORÉ**	124:340$543	
15º	**MANAUS**	8:260$718	(2)

(1) - Um bom exemplo é Labrea, fundada em 1871, as margens do rio Purus, por uma colônia de retirantes maranhenses, rapidamente passou a condição de vila (1881) e em 1904/05 ja possuia luz eletrica e distribuição de agua potavel aos domicilios.

(2) - *"Recebedoria de Rendas Públicas. Relatorio apresentado ao Exmo. Sr.Cel. Felippe Santiago Minhos, inspetor do Thesouro, por Domingos José de Andrade, escrivão servindo de Administrador da Recebedoria - Maio de 1905"* Manaus, Tipografia do Amazonas, 1906

Estas intendências localizavam-se nas quatro regiões que mais produziram borracha para exportação. Dos 13.514.518 quilogramas de borracha produzidos no Amazonas e exportados no ano de 1904, 5.216.729 quilos vinham da região do rio Purús onde estavam Lábrea e Floriano Peixoto (hoje no município de Boca do Acre). Da região do rio Juruá, onde estava São Felippe (hoje Eirunepé) foram exportados 3.525.622 quilogramas. O rio Madeira, que banha Manicoré e Humaitá, exportou 2.179.324 quilos. E a região do Solimões, onde está Tefé, contribuiu com 1.465.010 quilos. Os 1.127.875 quilogramas restantes foram extraídos nas demais regiões.(3)

Manaus, como se percebe, não tinha produção expressiva. Entretanto, era no porto da capital que toda esta borracha, e mais aquela vinda do Mato Grosso, Bolívia, Venezuela, Perú (nesse mesmo ano, 1904, foram despachados de Iquitos 2.105.163 quilos) e posteriormente do Acre, era aferida, pesada, apreçada, taxada e embarcada para o exterior.(4)

Desde a época provincial o imposto que o governo cobrava mantinha-se na aliquota de 10 a 20% do valor de mercado. Posteriormente, já no período republicano, foi cobrada uma taxa adicional sobre o quilo da borracha. Este último expediente visava cobrir os possíveis prejuízos com a crise que se tornava iminente e seria irreversível.

A exportação de borracha era responsável pela quase totalidade da arrecadação do Amazonas. A Recebedoria do Estado, no ano de 1904, constatou que a arrecadação total fôra de 16.906:637$955, sendo que 16.711:642$289 vinham da goma elástica.(5)

Estes números que por um lado alegravam, por outro preocupavam. A dependência do extrativismo era muito grande. As iniciativas governamentais, para diversificar a economia, até que foram muitas, mas de quase nada adiantaram. A agricultura e a indústria ficavam obscurecidas pelo extrativismo ou o comércio frenético que se fazia em volta dele.

Ainda no período imperial, as plantações de café, cacau, algodão, tabaco, guaraná e mandioca, quando muito, abasteciam o consumo local. E apesar de que em muitos casos a qualidade dos produtos permitia a exportação, ela significava pouco mais de 10% do que rendia a exportação da borracha(6).

As poucas indústrias da fase provincial resumiam-se a olarias, engenhos, serrarias e pequenas fábricas (como a de sabão, de Amorim & Irmão). Muitas delas tiveram financiamento da provincia. Na gestão de Wilkens de Mattos, por exemplo, foi feita a aquisição de diversas máquinas, afim de incrementar os serviços industriais(7). Mesmo assim o extrativismo do látex continuaria a dominar a economia. A borracha superava não só a indústria, a agricultura, como as demais formas de extrativismo vegetal ou animal que participavam das receitas da Provincia. É o caso do pirarucú salgado, a castanha e a manteiga de ovos de tartaruga.(8) Na pecuária também havia problemas. Os campos de criação eram distantes de Manaus e a cidade sentia o desabastecimento com alguma frequência. Os investimentos neste setor seriam um tanto mais custosos e, mesmo assim, a sua exploração ainda era um tanto rudimentar.

---

(3) - *"Relatorio da Recebedoria de Rendas Publicas .... 1905"* Obra citada

(4) - *"Relatorio da Recebedoria.... 1905"* Ob. Cit.

(5) - Idem

(6) - Loureiro, A. *O Amazonas na Epoca Imperial*. Manaus, Ed. U. Calderaro, 1990, p. 197

(7) - Idem, p. 194-195

(8) - *Amazonas*, 30 de Março de 187(illegible)

Todas estas atividades consistiram-se em preocupações constantes dos administradores do Amazonas. Poucas pessoas queriam se dedicar a elas. As grandes somas que a extração da borracha prometia, ou mesmo o comércio à sua volta, arregimentava todos.

Havia até mesmo a concessão de auxílios pecuniários aos autores de inventos de utilidade pública, quando foram revelados métodos e produtos eficazes, necessários e de algum pioneirismo(9). Entretanto, nada parecia desviar a atenção dos investidores que vinham para o Amazonas.

Tal situação perdurou por todo o fim do regime imperial e entrou na fase republicana como um dos maiores medos dos governantes.

É que de certa forma sentia-se que a concorrência dos seringais asiáticos derrubaria o preço da borracha amazônica e o Estado precisaria de uma economia de apoio. Silvério Nery, governador do Amazonas entre 1901 e 1904, reiterou em um de seus relatórios esta preocupação:

> *"A indústria extrativa é alvo que deslumbra a todos, o ponto de convergência a que vão ter os milhares de braços que nos traz a constante corrente de imigração. Bem podeis avaliar o perigo que este fato representa para o nosso equilíbrio financeiro. Agora mesmo estamos sob a pressão de uma crise fortíssima agravada pela alta do câmbio e consequente baixa no preço do nosso principal produto de exportação - a borracha, que como sabeis é cotada a oiro nos grandes mercados estrangeiros.*
>
> *Para obviar a esta situação, que no futuro poderá apresentar-se em maior grau, trazendo grande embaraço para nossa economia financeira, cumpre que os poderes públicos adotem medidas eficazes favorecendo e movimentando outras fontes de produção...*
>
> *Apressei-me em promover por todos os meios o fomento da agricultura..."* (10)

Alguma coisa foi feita, mas nada que amparasse a economia a ponto de evitar sua queda. O interesse individual de um enriquecimento mais rápido e mais fácil (ainda que para muitos não tenha sido bem assim), se sobrepunha ao interesse público de manter o bem comum que havia sido conquistado. Mesmo as administrações da Província e posteriormente as do Estado, rendiam-se de certa forma às imposições do sistema extrativista; não o desestimularam quando o setor se encontrava sobrecarregado, afinal, intimamente desejava-se que mais gente estivesse a produzir, para mais se exportar. No mesmo ano em que Silvério Nery dirigia estas palavras acima transcritas (1901) à Assembléia Legislativa, a Junta Comercial do Amazonas efetuava o registro de 239 firmas comerciais na capital e 348 no interior do Estado(11). Dentre elas, muitas estrangeiras de variada nacionalidade.

---

(9) - *Jornal do Amazonas*, 28 de março de 1886. Traz lista enorme de inventos e inventores amazonenses beneficiados com subvenção.

(10) - *Mensagem lida perante o Congresso dos Representantes, na abertura da 1ª Sessão da 4ª Legislatura, em 10 de julho de 1901, pelo Governador Silverio José Nery*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Commercio, 1902, p. 15

(11) - *Mensagem lida perante o Congresso dos Srs.Representantes por ocasião da abertura da 2ª Sessão ordinaria da 4ª Legislatura pelo Sr. Dr. Governador do Estado Silverio José Nery, em 10 de julho de 1902, acompanhada dos relatorios dos chefes de repartições*. Manaus, Tip. da Livraria Ferreira Penna 1903, 2vls. anexo

No início da década de 1850, com a instalação da província, a máquina administrativa auxiliou a iniciativa privada para que esta produzisse. Houve um rigoroso controle de gêneros e até mesmo de pessoas, para sair da Província. O viajante Alfred Wallace queixou-se dos procedimentos burocráticos que teve de cumprir para partir do Amazonas, dentre eles o pagamento de taxas pelos animais que queria levar consigo.(12)

Sendo a exploração da borracha silvestre a fonte com maiores possibilidades de renda imediata, quase toda os esforços da política econômica da época concentraram-se na sua produção, favorecendo a migração de grandes contingentes humanos para trabalhar nos seringais ou mesmo através de concessão de terras e delimitação de fronteiras. O passo logo imediatamente a este era o de facilitar a exportação do látex, o que foi um tanto custoso devido às dificuldades de acesso a uma cidade tão distante como Manaus; foi necessário subvencionar companhias de navegação que pudessem (eram necessários navios de grande cabotagem) fazer a operação de embarque e transporte. A primeira foi a "Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas", que deteve um privilégio de exclusividade da navegação pelas águas da Bacia Amazônica, durante um curto espaço de tempo, até renuncia-lo. A partir daí muitas se interessariam no transporte, não só comercial mas de passageiros também. Até o fim do Império, Manaus já se achava ligada diretamente à Europa (Inglaterra, Alemanha, França, Itália e Portugal), África (Marrocos), América do Norte (Estados Unidos), Antilhas, Perú, Colômbia, Bolívia, e diversas províncias brasileiras (Pará, Paraíba, Ceará, Pernambuco, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Bahia, Alagoas, Espírito Santo e Rio de Janeiro), além da comunicação com dezenas de lugares no interior do Amazonas, por dentro de todos os rios mais importantes afim de chegar aos seringais mais longínquos.(13)

Após a virada do século, a cidade conta com mais companhias, que chegam até mesmo ao oriente. A "Amazon Steamship Company" será a primeira companhia estrangeira de navegação, e uma das maiores, a operar na Amazônia (em 1900 terá 33 barcos nestas águas). Seguiram-se a ela a "Booth Steamship Co." (com 15 barcos de grande tonelagem operando em 3 linhas internacionais de cargas e passageiros), a "Red Cross Line", (como as outras, inglesa de Liverpool), a "Ligure Brasiliana" (italiana de Gênova), a "Hamburg Amerika Line" (alemã de Hamburgo) e a "Sudamerikanische" (também alemã). Além destas, e do "Lloyd Brasileiro" que ligava a Bacia Amazônica ao Rio da Prata, houve diversos armadores nacionais e principalmente locais. Estes eram na verdade comerciantes, aviadores, armazenadores estabelecidos em Manaus, que possuíam frota exclusiva para ir buscar borracha diretamente no seringal e trazê-la até a capital (houve até mesmo uma "Companhia de Manáos"). Os maiores eram: "B.A.Antunes & Cia", B.Levy & Cia", "J.H.Andresen" (este tinha capacidade de levar o produto até a Europa) e "J.G.Araújo", havendo ainda muitos outros.

Para este formidável movimento, foi construído um porto que à época de sua inauguração (1903) era o mais moderno do Brasil, junto com o de Santos.(14) Dentre as suas principais aparelhagens estavam as plataformas fixas (concreto sobre ferro) e os cais flutuantes, de aproximadamente 250 metros, cada um; muralhas de sustentação da terraplenagem (420 metros), guindastes que funcionavam à eletricidade; armazéns, em número de 16, que superavam a área de 18.000 metros quadrados; e uma usina eletrógena, instalação de bombas elevatórias de água, além das casas da administração e dos magníficos edifícios da Alfândega e da Guarda-moria.(15)

---

(12) - Wallace, A.R. *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro* Itatiaia/Edusp, 1979, p. 203 e 211

(13) - Sant'Anna Nery, Barão de *O País das Amazonas* Itatiaia/Edusp, p. 154-157

(14) - *Portos do Brasil* Inspetoria Federal de portos, rios e canais do Ministerio da Viação e Obras Públicas, Rio, Ed. O Norte, 1922, p. V

(15) - *Portos do Brasil* p. 13-17

unesp

Com tal capacidade de escoamento da produção, gradativamente foram aparecendo as magníficas receitas, que já tinham se mostrado expressivas desde o início da elaboração das primeiras peças orçamentárias provinciais.

Com isso, a máquina administrativa do Amazonas cresceu vertiginosamente. O modesto organograma provincial de 1858, mostra a existência de uma Secretaria de Governo, que trabalhava em assessoria ao presidente, a Chefia da Polícia, a que deviam obediência todos os delegados e subdelegados, a Diretoria da Instrução Públiça, a Diretoria de Obras Públicas e a Administração da Fazenda Provincial com suas coletorias espalhadas pelo interior. Além disso havia a Assembléia Provincial, os órgãos do Poder Judiciário e algumas repartições imperiais (Comando das Armas, Guarda Nacional, Hospital Militar de São Vicente, os Correios, a Tesouraria e a Recebedoria da Fazenda Nacional, Diretoria Geral dos Índios e a Delegacia de Terras Públicas, esta extinta em 1860)(16).Em 1899, o Estado do Amazonas sustentará uma complexa divisão administrativa cuja folha de pagamento de funcionários chega ao valor de 3.080:727$020 .(17)

repartições	vencimento anual dos funcionários
Secretaria do Congresso	73:120$000
Palácio do Governo	74:520$000
Secretaria dos Negócios do Interior	43:920$000
Saúde Pública	38:520$000
Instrução Pública (Escolas de primeiras letras e parte administrativa)	572:820$000
Gymnasio Amazonense	211:200$000
Secretaria do Gymnasio	26:520$000
Diretoria de Estatística e Biblioteca Pública	58:920$000
Museu	25:920$000
Instituto de Artes e Ofícios	82:692$000
Instituto "Benjamin Constant"	49:800$000
Setor de Obras Públicas [com status de Diretoria]	196:680$000
Theatro Amazonas	28:080$000
Secretaria da Fazenda	36:720$000
Thesouro do Estado	192:420$000
Recebedoria do Estado	196:320$000
Pontões do Estado	7:800$000
Escaleres do Fisco	7:200$000
Trapiche "15 de Novembro"	45:120$000
Posto Fiscal de Tabatinga	9:600$000
Posto Fiscal de Abunã	12.000$000
Imprensa Oficial	21:600$000
Secretaria da Justica	36:720$000
Desembargadores, Juízes e Promotores	575:600$000
Secretaria do Tribunal e Escrivães	55:920$000
Escrivães do Jury	7:200$000
Junta Comercial	19:920$000
Depósito Público	9:000$000
Secretaria de Segurança Pública	150:000$000
Cadeia Pública	8:400$000
Força do Estado	91440$000
Vencimentos dos praças dos Batalhões	8:939$880
Praças do Corpo de Bombeiros	4:655$040
Secretaria da Indústria	36:720$000
Diretoria de Terras	55:320$000
Pessoal da Contadoria	9:400$000

(16) - Loureiro, A. *O Amazonas na Época Colonial*. Ob. Cit. pp. 34 e 35.
(17) - *Relatorio... Pedro Freire... 30 de junho de 1900*

unesp

Esta diferença entre a repartição administrativa do Amazonas de 1858 e a de 1899, é um dos melhores exemplos de como a economia extrativista favoreceu a região e de como os administradores governamentais, apesar da preocupação com a dependência ao sistema extrativista, continuaram a estimula-lo; uma dezena de órgãos públicos, neste organograma de 1899, destina-se ao controle e arrecadação das rendas da borracha. As aparentes contradições têm sua razão de ser. No início, a dificuldade em atrair mão-de-obra e capital, leva o Governo Provincial a abrir o mercado à iniciativa privada, com todas as vantagens que se podia oferecer, afinal era uma terra distante com condições aparentemente inóspitas. Atingido este primeiro objetivo, havia ainda pela frente a preocupação em consolidar a economia extrativista, a que proporcionava as melhores rendas no espaço mais curto de tempo. Mais uma vez será pela ação do Governo que isto acontecerá. Nada mais justo do que o interesse público esperar pela justa contrapartida de seus investimentos: até o fim, será sempre o Poder Público o grande fomentador do sistema extrativista e do interesse privado. A contrapartida destes privilégios que o Público concedeu ao Privado, consistiu nos inúmeros bens que a comunidade da modesta Cidade da Barra (e do interior do Amazonas) usufruiu e jamais sonhara. Público e Privado trocaram interesses e favores, unidos em torno da borracha, comprometendo-se de tal forma que a manutenção de suas instituições passou a depender exclusivamente desta fonte. A quebra desse elo também poderia significar a derrocada.

Esta relação íntima de esferas, Pública e Privada, em certos momentos deixa transparecer alguma confusão sobre a competência pela prestação de serviços públicos, como eletricidade, transporte, distribuição de água potável, telefone, esgoto e recolhimento de lixo. Talvez porque, inicialmente, sendo prestados por pessoas de direito privado, alguns deles o tenham sido fornecidos a quem podia pagar. Mas para os prestadores de serviço, o melhor contrato seria aquele firmado em larga escala, com uma intendência municipal ou o Governo do Estado (e mesmo o Provincial), ainda que não estivessem totalmente preparados para grandes empreitadas, o que levou a Administração a encampar por diversas vezes estes serviços. Todos foram alternadamente executados pelo Poder Público ou por concessionários a seu mando, em curtos períodos.

Em 1870, após muita espera e reclamação, o contrato (que previa duração de oito anos de serviço) para a instalação de 60 lampeões a querosene nos limites urbanos de Manaus, foi cumprido. Não fôra a primeira vez que este problema no serviço de iluminação pública causaria irritação e transtorno. Outrora, quando da iluminação a gasogênio, ocorreram problemas semelhantes.(18)

A eletricidade passou a ser utilizada na iluminação pública a partir de 1896 (serviço inaugurado a 22 de outubro), custeada pelo Governo do Estado, por não ter a Intendência Municipal os recursos necessários para esta despesa.(19) Em 1898, um contrato (de 29 de abril) concedia, mediante subvenção, este serviço à John C. Redkin.(20)

Em 1901, o Estado já havia encampado parte deste serviço, o da iluminação pública e particular, para a qual tinha sido criada a Empreza de Luz Elétrica. Os serviços de viação urbana e do bombeamento e distribuição de água, a partir dos reservatórios do Mocó e da Castelhana, eram feitos pela "Manáos Railway Company" e a "Eletric Lighting Plant". Todas as empresas eram fiscalizadas pela Superintendência Geral de Fiscalização dos Serviços por Eletricidade.(21)

---

(18) - *Amazonas*, 25 de março de 1870

(19) - *Mensagem dirigida ao Congresso dos Representantes pelo Exmo.Sr.Dr. Fileto Pires Ferreira, em 4 de março de 1897*. Manaus. Diario Oficial do Estado, p. 25

(20) - *Mensagem ... Silverio Nery... 10 de julho de 1902*. Obra Citada. anexo

(21) - *Mensagem ... Silverio Nery... 15 de janeiro de 1901*. Obra Citada. p.117

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

A distribuição de luz elétrica abrangia os domicílios e casas comerciais além de prédios e logradouros públicos. A iluminação pública urbana contava. nesse ano de 1901, com 327 lâmpadas de arco voltaico em diversas ruas do centro da cidade. Além do Jardim Público, da Praça São Sebastião e dos coretos das demais praças, a Catedral, o Quartel, o Instituto Benjamin Constant e o Palácio do Governo estavam iluminados à eletricidade. As lâmpadas, de pouco mais de 16 velas, permaneciam acesas de 3 a 4 horas por dia nos prédios públicos, chegando a 12 horas por dia em logradouros como a Praça São Sebastião.(22) A quantidade de lâmpadas nestes locais também variava conforme o ponto e o destaque que se pretendia dar, mas em determinadas ocasiões podia haver uma centena delas iluminando o mesmo logradouro ou prédio público, como aconteceu num baile no Palácio do Governo em 1902, quando 340 lâmpadas ornamentaram a fachada do prédio e outras muitas foram postas nos salões, alpendre, pátio e demais dependências para *"a luz elétrica jorrar pródiga e feericamente"*.(23) Em 1909, mais de 25 ruas e avenidas de Manaus, inclusive no elegante bairro suburbano da Vila Municipal, possuíam a iluminação pública por eletricidade. Nesse mesmo ano as escolas onde funcionavam cursos noturnos viam-se beneficiadas de modo igual.(24) Até que tais benefícios da luz elétrica atingissem toda a cidade, o antigo método, à gás acetileno, completava a tarefa de iluminar Manaus, de modo que a partir de 1903, os subúrbios mais distantes e de difícil acesso, como os bairros do Mocó, a Colônia Oliveira Machado e São Raymundo, já se achavam contemplados, deixando de ficar às escuras.(25)

Mas a primeira vez que a luz elétrica teve uso em Manaus, mesmo na iluminação pública, não foi em 1896.(26) Um espetáculo no Éden Theatro, em 25 de Novembro de 1888, já fez uso da luz elétrica e é bem possível que outros endereços da capital tenham experimentado tais benefícios por volta desta época, até um pouco antes.(27)

Neste mesmo ano de 1888, o Palácio do Governo já se achava ligado por telefone à chefatura de polícia e uma outra linha telefônica ligava esta repartição ao quartel do corpo policial.(28) Ernesto André Cameron propõe, em requerimento publicado a 9 de Fevereiro deste ano, a construção de mais duas linhas de telefone, o que suscita a criação de uma comissão governamental para examinar o aparelho e avaliar a proposta.(29) Em 6 de Novembro de 1888, Heliodoro Jaramillo aparece como beneficiado de um contrato para a instalação de novas linhas telefônicas na capital. É possível que Jaramillo já tivesse feito aqui outros serviços; seu nome já era conhecido aqui desde 1885.(30) Logo em 1890, será a vez de Joaquim Caribé da Rocha (que também já havia solicitado formalmente a permissão para ligar todas as linhas da capital, ainda em 26 de novembro de 1888) obter pemissão do Governo para estabelecer linhas de telefone na capital e seus subúrbios (Decreto nº 71 de 10 de novembro de 1890), mas é possível que ambas as partes só tenham assinado o compromisso em 11 de dezembro de 1891.(31) Em 30 de novembro de 1896 é firmada a transferência deste contrato para Heliodoro Jaramillo, que parece não ter se ausentado de tais negócios na capital, antes desta data.(32)

---

(22) - *Mensagem... Silvério Nery... 15 de Janeiro de 1901.* Obra Cit. anexos

(23) - *Commercio do Amazonas, 26 de abril de 1902*

(24) - *Mensagem... Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt... 10 de julho de 1910*. p. 37

(25) - Lisbôa, A. *O Municipio de Manaus 1902-1907...* Ob. Cit.

(26) - Vale, Celda *Silvino Santos: um cineasta na Amazônia.* Dissertação de Mestado, PUC/SP, 1994, p. 135

(27) - Num outro espetáculo da Cia de Operetas de Eduardo Alvares, no Eden Theatro, a 4 de setembro deste mesmo ano, foi utilizada uma *"iluminação deslumbrante"*. Ambas as informações encontram-se no *Jornal do Amazonas* das mesmas datas

(28) - *Jornal do Amazonas, 9 de fevereiro de 1888*

(29) - *Jornal do Amazonas, 9 de fevereiro de 1888*

(30) - Pedro Ayres Marinho publicou uma polca de sua autoria, intitulada "Jaramillo". Ver *Jornal do Amazonas, 2 de abril de 1885*

(31) - *Relatório ... Fileto Pires Ferreira... 1897.* Ob. Cit. anexo

(32) - a Lei nº 153, de 19 de agosto de 1896, concedia a Heliodoro Jaramillo, uma area de terra para central de iluminação

O serviço de telefones parece ter se desenvolvido bem, não havendo graves reclamações; a Empreza Telephonica, que firmou contrato com o Governo em 20 de maio de 1898, estava executando o seu compromisso a contento e até uma linha "aérea" de Manaus a ilha de Marapatá havia sido inaugurada.(33) Pelo menos 3 marcas de aparelhos telefônicos encontravam-se à venda na cidade, por volta de 1901: da Ericsson, de Estocolmo; da Western Eletric, de Chicago; e da Bell, da Bélgica. Em 1895, todas as repartições públicas do Estado já se achavam ligadas por telefone e a maior parte do comércio também. Até mesmo uma proposta 'futurista', feita pela dupla Richard Henry Mardock e Charles J. B. Ancher, obteve do Governo a concessão para explorar e usar com exclusividade por 15 anos um serviço de telégrafo e telefone sem fios (autorizados pela Lei 391 de 29 de setembro de 1902 e regulamentado o serviço pelo Decreto 608 de 22 de dezembro do mesmo ano).

Esta mesma lei e decreto também diziam respeito ao serviço de telégrafos, concedido à mesma dupla. Este serviço, um dos mais úteis para manter a praça comercial de Manaus ligada ao resto do país e ao exterior, foi sempre prestado irregularmente, embora tivesse mudado de mãos algumas vezes.

A distribuição de água potável parece ter sido uma das preocupações mais antigas. Uma Portaria provincial, de 13 de março 1868, previa penalidades pecuniárias para quem cortasse árvores, varas e arbustos maiores de 5 palmos em todos os riachos ou igarapés que ficassem dentro dos limites da cidade, incluindo-se aí os igarapés da Cachoeira Grande e da Cachoeirinha (que à época delimitavam a cidade a oeste e a leste), e em uma zona de 60 palmos de largura a partir do leito dos mesmos riachos. A mesma pena era aplicada a quem fizesse escavações, revolvesse lama, deitasse lixo, paus, coisas pútridas, ou qualquer outra matéria que pudesse alterar a pureza das águas. Obviamente, esta medida tinha por fim principal conservar os mananciais de água considerada própria para o consumo, uma vez que as águas do rio Negro não se prestavam para fins domésticos. A Lei nº 503, de 3 de novembro de 1880, autorizou o gasto inicial de 20 contos de réis para a construção de um reservatório de água. Este reservatório era o Mocó, concluído somente na gestão de Eduardo Ribeiro. Nesse meio tempo (1883), as obras de canalização da água potável já haviam começado.(34) Em 1894, a lei nº 73 de 17 de dezembro deste ano, regulava a distribuição de água para as casas particulares. Pouco a pouco, o serviço de distribuição de água passa a ser fornecido junto com o serviço de esgotos. Este, pelo menos desde 1891, já estava sendo prestado na capital, conforme contrato de Antônio Ignácio Martins com a Junta da Fazenda do Tesouro, motivado pela Lei nº 2 de 10 de julho daquele ano, deixando evidente que esta era uma das prioridades do governo republicano recém-instalado. Este serviço, além daqueles anteriormente citados, que na virada do século tinham sido encampados pelo Estado, foram todos levados à concorrência pública em 1904, autorizados por uma lei só: a de nº 431 de 12 de fevereiro deste ano, voltando a ser controlados por empresas privadas, no mesmo sistema de subvenções do Estado. Neste segundo período de prestação de serviços públicos por empresas privadas, há a tendência de que mais de um destes venha a ser controlado por uma mesma firma, caso da "Manaos Improvements", que se responsabilizou pelo serviço de águas e esgotos (1906) e pertencia a uma grande corporação estrangeira que também atuava no Rio de Janeiro e em Santos.

(33) - *Mensagem... Silvério Nery... 10 de julho de 1902*
(34) - *Relatorio ... José Jansen... 21 de setembro de 1885*. anexo

unesp

Como se vê, Manaus já dispunha, nesta mesma época, de confortos que poucas cidades gozavam, quer no Brasil ou na Europa, salvo as grandes capitais, aquelas que já possuíam centenas de milhares de habitantes. E, se estes serviços públicos não chegaram a correr perfeitamente, terá sido por poucos e justificáveis motivos, como a novidade de tais benefícios e a confusão entre Público e Privado na prestação e responsabilidade destes serviços de manutenção da cidade, como anteriormente se viu. Tal problema não terá sido uma exclusividade manauara da época da borracha.

O setor privado de administração financeira contou com grandes bancos e companhias de seguros instaladas em Manaus. Dentre estas últimas, a "Alliança da Bahia" parece ter sido a primeira a abrir aqui uma filial (1877); a prática mais comum era a da representação através de firmas comerciais. A maioria das seguradoras que se instalou aqui a partir de então, ostentava capital semelhante àquele que a "Alliança" detinha em 1905, chegando a 2.000:000$000.(35) A maior parte delas trabalhava em cooperação direta com grandes aviadores, caso da firma "Lealdade" (sediada no Pará) que protegia o patrimônio da casa B.A.Antunes (possuidora de armazéns, frota de barcos, etc.), ou ao lado de companhias de navegação como era o caso da "Amazônia - Companhia de Seguros Terrestres e Marítimos", cuja sede era no número 72 da rua 15 de novembro, em Manaus. Muitas seguradoras estrangeiras também estendiam seus negócios à praça de Manaus, como a "New York Life Insurance Company", cujo estabelecimento se deu em 1887, na rua do Hospício, 31. Além destas, pelo menos mais uma dúzia de grandes seguradoras atuava em Manaus na virada do século, incluindo algumas com sede constituída nesta praça, como a já citada Amazônia e o Lloyd Amazonense. Dentre os bancos destacaram-se aqueles ligados diretamente às grandes casas aviadoras, como a "Zarges, Ohlinger e Cia" e os "Armazéns Andresen"; os estrangeiros "London and Brazilian Bank", "London and River Plate Bank" e o "Banco Commercial do Porto", que permitiam ao seu cliente sacar cheques em quatro continentes; e os de constituição local, como a "Caixa Econômica Amazonense", o "Banco do Amazonas", o "Banco de Manáos" e o "Banco Amazonense", uma instituição estatal que em 1908 tornara-se popular, sob a alcunha de Banco do Tostão (em 1874 houve outro Banco Amazonense sem comprovada relação com este último). Certamente outros vários bancos nacionais e estrangeiros, incluindo aqueles com sede no Pará, na Bahia e no Rio, abriram agências em Manaus, até o fim da época áurea da borracha. É um tanto difícil dizer quantas instituições financeiras passaram pela praça de Manaus àquela época, mas em algumas ocasiões houve cerca de vinte estabelecimentos do gênero, operando simultâneamente na cidade. Os valores totais negociados na praça de Manaus são ainda mais difíceis de se precisar. Entretanto, cálculos feitos por técnicos do "Banco Amazonense", constantes em relatório que esta instituição entregou ao governador do Estado no ano de 1905, estimam que o capital de giro do comércio amazonense, em 1904, tivesse ultrapassado a 112.000:000$000.(36)

Esta cifra astronômica não dizia respeito somente aos valores envolvidos no negócio da borracha. Um largo, variado e sofisticado comércio de serviços e produtos a varejo, que crescera vertiginosamente desde os tempos imperiais, contribuía para as receitas do Amazonas. Em 1870, uma classificação oficial das firmas individuais e sociais, que atuaram na Província durante o exercício fiscal de 1867/68, revela que havia 165 casas de comércio no Amazonas e no exercício seguinte já seriam 212 firmas (150 delas eram individuais). Destas, 95 estavam na capital, sendo que a segunda cidade com o maior número de firmas era Codajás, com 17 estabelecimentos comerciais.(37)

(35) - *"Amazonas", 5 de janeiro de 1905*
(36) - *"Relatório... Constantino Nery... lido em 15 de abril de 1905"*, anexo
(37) - *"Amazonas", 18 de abril de 1870*

unesp

Das 95 firmas instaladas em Manaus, a grande maioria, 75 delas, eram lojas de fazendas e secos e molhados. As restantes eram boticas, padarias e açougues, em número de três cada, que se somavam às nove lojas de calçados, ao bilhar e à farmácia.(38) As lojas de alimentos não perecíveis, os bazares e os armarinhos que dominaram o comércio varejista desde o alvorecer da província, foram substituídos (sem contudo desaparecer) a partir desta mesma época, por casas comerciais mais sofisticadas como a "La Ville de Pariz" (1870), o "Centro Comercial Amazonense" (1871), a "Kahn & Pollack" (1874), "Riedel Spengler", a "Lurine & Cia" (1876) e o "Bazar de Pariz" (1877). Estes estabelecimentos, por sua variedade, quantidade e qualidade, demonstravam estar mais próximos do que se conhece hoje por lojas de departamento, do que os 'armazéns' que os antecederam. Nestas casas, e nas especializadas que abrir-se-íam a partir do fim do século, vendía-se de tudo, das mais variadas procedências, da mais diversa qualidade, para quantos fossem os gostos e as preferências. O fastígio do comércio de Manaus foi tamanho, que um estudioso brasileiro, como Luís da Câmara Cascudo, chegou a afirmar:

> *"Despejavam-se pela alfândega porcelanas, cristais, jóias, perfumes, mulheres, tecidos, os mais caros da cristandade, os mais difíceis, raros, inacessíveis à riqueza comum...*
>
> *"Os amazonenses foram os últimos brasileiros que tiveram o gesto de pagar uma conta com um disco de ouro inglês"*(39)

Seguramente, não há exagero nestas palavras. Abertas as páginas dos almanaques, anuários e jornais da época, saltam imediatamente aos olhos os anúncios das inúmeras casas estabelecidas em Manaus, com seus produtos, ainda hoje difíceis, raros e inacessíveis à riqueza comum. Porcelana de Sévres e os cristais "Baccarat" podiam ser encontrados na Casa Pekin.(40) Jóias e relógios suíços, ingleses e americanos, (marcas afamadas como Ômega, Waltam, Eloim, Roskopf, dentre outras) encontravam-se com facilidade na " À Pêndula Amazonense", na "La Ville de Paris" ou na casa "Roberti & Pelosi". Estes últimos eram, ainda, representantes dos automóveis "Fiat" e depositários dos pneumáticos "Michelin".(41) Só a "Perfumaria Universal" detinha numeroso estoque de marcas francesas como "Lubin", "Roger et Gallet", "Rodrigaut", "L. T. Piver", dentre muitas outras. Tecidos da China, Índia, França, Itália, Inglaterra, eram mercadoria farta em qualquer grande estabelecimento, especializado (como a casa "Au Bon Marché") ou não (como a "Casa Pekin").(42)

A relação de comerciantes e produtos é bem maior e só este assunto já fica a dever pelo menos uma tese. Não será portanto, em poucas páginas, que este trabalho terá a pretensão de desvelar toda a magnífica atividade comercial da Manaus da época da borracha, sob pena de ser tão pretensioso quanto incompleto, ou quando muito enfadonho. O objetivo aqui ainda é tão somente o de mostrar como uma pródiga economia fez uma grande cidade.

---

(38) - Cascudo, Luis da C. Prefácio in Braga, G. *Fastigio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem*. Manaus, Imprensa Oficial, 1983
(39) - Luciani, A. e Lima, B.M. *O Estado do Amazonas*. Gênova, A. Montorfano, 1899
(40) - Figueiredo, H. *Annuario de Manaus, 1913-1914*. Lisboa, A Editora Limitada, 1913.
(41) - Idem
(42) - Idem

unesp

O "Annuario de Manaus 1913-14", conta nas suas páginas, cerca de 850 estabelecimentos comerciais de reconhecida qualidade, nos mais variados ramos, quer sejam eles firmas de construção, escritórios de arquitetura, advocacia ou contabilidade, agências bancárias, de seguros, de comissões e consignações e representações, corretores diversos, exportadores, importadores, estivas, drogarias, farmácias, hotéis, joalherias, perfumarias, malarias, armazéns de talheres, louças, móveis e utensílios domésticos, lojas de material de construção, casas de moda, companhias de navegação, papelarias, livrarias, lojas de partituras e instrumentos musicais, padarias, confeitarias, restaurantes, tabacarias, torrações, tipografias, restaurantes, botequins, choperias, leiterias, ourivesarias, mercearias, loterias, fábricas de cerveja, águas gasosas e refrigerantes, cigarros, roupas, sabão, gelo, mosaicos, tintas, pães, biscoitos e massas.

Note-se mais uma vez que, tal profusão de atividades que esta obra apresenta, não enumera em muitos casos, todos os estabelecimentos de um mesmo ramo. Como é o caso dos hotéis, representados neste anuário em número de cinco, certamente os de mais alto luxo e conforto, uma vez que havia mais de duzentas casas cadastradas, no ramo hoteleiro (incluíndo-se as pensões, albergues e casas de cômodo). (43)

Outra observação importante recai sobre a data do presente anuário de onde se tomou por base estas últimas informações. O ano de 1913 corresponde ao período de declínio da economia do látex. Certamente, algumas importantes casas já haviam cerrado suas portas e é bem possível que a quantidade e qualidade de uma boa parte de serviços e produtos já não fosse a mesma de anos anteriores.

O fabuloso movimento financeiro proporcionado pela borracha modificou profundamente a cidade. Mudou-a de feição, conteúdo e razão. Não havia novidade na Europa e na América que logo não chegasse a Manaus. Aqui, toda a espécie de comércio foi feita, de tudo se vendia, para todos. Não foi à toa que o cronista do "Jornal do Commercio", desabafava encantado:

> *"Manaus tem-se civilizado assombrosamente. Vêde aquele edifício imenso...*
>
> *Há bilhares, há biblioteca, há... que sei eu ? Uma infinidade de regalias que fazem encher dágua na boca muito paisano bom.*
>
> */.../*
>
> *A Manaus do meu tempo* [a da juventude do cronista] *não era esta garrida"* (44)

(43) - *Relatório... Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt... 1912.* anexos

(44) - *Jornal do Commercio*, 24 de abril de 1904

Capítulo 2

O Indivíduo e o Cotidiano.

2.1 A população e as condições de vida

Quando Alfred R. Wallace esteve no Amazonas, no alvorecer da Província, calculou que a Cidade da Barra devia ter cinco ou seis mil pessoas.(1) Sua estimativa deve ter levado em consideração apenas a população adulta. É que um censo realizado pela Secretaria e Governo da Província, no ano de 1856, contabilizou 9813 habitantes livres, sendo 2124 homens, 2428 mulheres e 5261 menores. Havia ainda 368 escravos e 128 estrangeiros residentes. Pela descrição de Wallace, a população estava consideravelmente miscigenada, composta na sua maior parte de índios e mestiços, de onde se pode concluir que os cálculos oficiais acima mencionados devem ter relacionado todo o contingente da Barra e seus arredores. A confirmação aparece na obra de André Araújo, que por sua vez busca as informações no "Dicionário Topográfico, Histórico e Descritivo da Comarca do Alto Amazonas", de 1853, autoria de Lourenço da Silva Araújo e Amazonas.(2) Por estas fontes, a população da Barra aparece composta de 900 brancos, 2500 mamelucos, 640 mestiços, 380 escravos e 4080 indígenas, perfazendo um total de 8500 habitantes, número próximo daquele que seria divulgado três anos depois e em perfeito acordo com os cálculos feitos por Wallace, uns poucos anos antes.

Para tanto, há que se ressaltar o aspecto de grande zona rural que a modesta Cidade da Barra envergava nos idos da década de 1850, fator que deve ter influenciado as estatísticas, pois muitos deviam morar afastados da sede da comarca, espalhados em diversos fogos, uma vez que na Barra não havia núcleo comercial expressivo e muito menos diversões; a cidade carecia até mesmo, como já se viu, de prédios que acomodassem as residências e as instituições, não dispondo, de igual modo, de arruamentos decentes ou qualquer outro vestígio mais forte de organização urbana.

A vida, na Barra ou nos seus arredores, era dura e um tanto monótona. Tudo era bastante difícil. Os gêneros alimentícios vinham quase todos por barco, de Belém. Da mesma forma, materiais de construção, tecidos, produtos de higiene e limpeza, também eram importados. Quando um paquête se retardava, ou deixava de vir, as necessidades aumentavam ainda mais.

O cotidiano da Barra nesta primeira década da Província foi rapidamente descrito por Wallace:

---

(1) - Wallace, A. *Viagens...* Obra cit. p. 110

(2) - Araujo, A. *Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação* Manaus, Fundação Cultural do Amazonas, 1974, p. 104

"Os mais civilizados moradores da Barra dedicam-se ao comércio, podendo-se dizer que não conhecem outras diversões a não ser beber e jogar, se bem que o façam em pequena escala. A maior parte deles jamais abriu um livro e desconhece todo e qualquer tipo de ocupação intelectual. Como era de se esperar nestas circunstâncias, a moda é uma de suas maiores preocupações. Aos domingos, na missa, trajam-se todos em grande estilo. As mulheres comparecem elegantíssimas, num multicolorido desfile de musselinas e gazes francesas. Suas belas cabeleiras, cuidadosamente arrumadas e adornadas de flores, jamais se escondem sob toucas e chapéus. A seu lado, os cavalheiros, que durante a semana ficaram nos seus imundos armazéns em mangas de camisa e chinelos, agora trajam finíssimos ternos pretos, chapéus de feltro, gravatas de cetim e botinas de verniz de cano bem curto. Depois da missa é hora de visitas de cerimônia, quando todo mundo vai à casa de todo mundo, e lá ficam comentando os escândalos que se acumularam durante a semana."(3)

Muito pouca coisa acontecia àquele tempo, que alterasse esta rotina, como por exemplo as festividades do Espírito Santo, em junho, as festas de Nossa Senhora dos Remédios, na praça em frente à capela de igual nome, em janeiro, ou mesmo um baile em homenagem a pessoas ilustres, fossem altos funcionários governamentais ou viajantes estrangeiros em visita à Província. Podem se somar a estas poucas diversões alguns acontecimentos isolados, caso do "artista mágico" que se apresentou em Manaus (não se sabe se mais de uma vez), em 1858(4) , ou do equilibrista Luiz Pisslr(sic), em 1862.(5)

Pertence a esta época a primeira associação recreativa de que se tem notícia no Amazonas: A Sociedade Recreação Amazonense, em atividade nos anos de 1854 e 1855 (não se sabe quando deixou de atuar).(6) Tal agremiação parecia dividir com a Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, a responsabilidade pela organização das poucas diversões da Barra. Logo em 1861, uma outra associação, a Sociedade Brilhante Familiar Amazonense passou a anunciar partidas brincantes no jornal.(7)

Com o estabelecimento de linhas regulares de navegação para o Amazonas e a consequente migração para os trabalhos de extração da borracha, a Provincia recebeu pessoas e costumes diferentes. Brasileiros e estrangeiros, vindos de muitas partes, atraídos pela perspectiva de trabalho e enriquecimento, passaram a compor uma nova população. Será a partir de então que esta Manaus começou a tomar um perfil cosmopolita, por seus hábitos, mentalidades e gostos. O ponto de partida foi a variedade étnica e cultural que aqui se juntou

No intuito de aumentar as rendas do extrativismo, o governo da Província fomentou uma política de colonização no Amazonas, cuja maior parte do território, além de não ter seus limites bem demarcados, encontrava-se despovoado.

---

(3) - Wallace, A. Obra Citada p. 110

(4) - *Estrella do Amazonas*, 14 de abril de 1858

(5) - *Estrella do Amazonas*, 5 de novembro de 1862

(6) - *Estrella do Amazonas*, 21 de abril de 1854 e 3 de outubro de 1855

(7) - "Na noite de 7 do corrente, terá lugar a partida de costume" *Estrella do Amazonas*, 2 de fevereiro de 1861

unesp

Desta forma a Administração Provincial dispendia com os imigrantes, o transporte até as terras onde deveriam ser assentados para a fundação das colônias (inclusive o pagamento de diárias aos guias e aos emigrantes operários, durante a jornada), os utensílios domésticos, ferramentas de trabalho, sementes para plantio de uma horta inicial, comedorias, medicamentos, além de pagar um professor de primeiras letras para ensinar na comunidade recém-estabelecida. Também se faziam incluir nestes gastos auxílios para socorros diversos e prestação de serviços ou tarefas.(8)

Os mais aptos a ingressar na Província, sob este programa de colonização, eram os nordestinos. Na segunda metade do século, uma sucessão de temporadas secas castigou de tal forma o Nordeste que, calcula-se, só no período de 1892 a 1900, mais de 140.000 pessoas fugiram da miséria, em busca de uma nova vida em outras partes do Brasil.(9) É possível que grande parte deles tenha vindo para o Amazonas, atraída pela possibilidade do enriquecimento fácil, é bem verdade, mas também amparada pela política de colonização que chegava a recrutar os indivíduos em sua cidade de origem. Além disso, havia a proximidade geográfica e a facilidade de adapatação climática.

A maioria das obras que comenta o ciclo da borracha, afirma, muitas vezes sem amparo documental, que o imigrante nordestino foi vítima de uma enganação, vindo para cá viver em condições desumanas. Esquecem-se tais autores que, bem ou mal, o Amazonas acolheu, e até mesmo favoreceu, legiões de despossuídos que aqui vieram tentar a sorte. A multiplicidade de histórias e situações relacionadas à aventura da borracha, mostra o quanto é temerário falar em generalidades. Muitos imigrantes tiveram sucesso e até retornaram às suas terras, outros sucumbiram das mais diversas moléstias, outros ainda sequer conseguiram guardar alguma coisa, ou por nada ganhar ou por tudo perder. A vida dos seringais, árdua e ambiciosa, é uma história de desbravadores e fundadores de cidades. Uma história que permanece à espera de ser devidamente contada.

Mas para que este trabalho não padeça do mesmo mal daqueles os quais se pôs a criticar, ficam transcritos aqui uns poucos ditos de seringueiros que estiveram em atividade na virada do século e cujos depoimentos, algumas dezenas deles, engrossam a obra que aqui se toma como fonte.

> *"Miguel Feliz de Melo veio para o Amazonas ainda rapazinho, em 1907. É de Natal, riograndense do norte. Voltou para a sua terra em 1931. [...] Quantos anos viveu aqui, perguntei:*
> *- Uns diazinhos seu moço. Aí por uns vinte e três anos... Conheço todo o Acre, Yaco e Purús. Ganhei muito dinheiro. Cheguei a fazer uns 50$000 de borracha por dia, mas gastava tudo na bebida; nunca juntei dinheiro. Também 50$000 era como se fosse $500 pra mim. Danava-se a beber e pagar quinado de $30 pra todo mundo. [...]*
> *- Eu sempre disse a mulher: vamos deixar esta terra* [R.G. do Norte], *senão acabamos como todo mundo, pedindo esmola ou morrendo de fome..."*(10)

(8) - *"Exposição com que o Barão de Maracaju entregou a Administração da Provincia...em 26 de agosto de 1879."* p. 14
(9) - Araujo, A. *Sociologia de Manaus...* Ob. Cit. p. 86
(10) - Benchimol, S. *Amazônia: um pouco-antes e além-depois* Manaus, Ed. Umberto Calderaro, 1977. pp. 268 e 269

unesp

Um outro seringueiro, Manuel Rosas, de Canindé, Ceará:

"Vim pro Amazonas em 1899, ainda rapazinho. Logo quando subi o Juruá os mansos me disseram que daí em diante o chefe de polícia e o delegado eram o rifle e a bala. Se matava gente como se mata veado. Mas comigo nada aconteceu. Fui seringueiro todo o tempo. Fiz dinheiro. Voltei em 1905 ao Ceará, a passeio, e desde esse tempo nunca mais voltei pra lá. Casei-me com amazonense e tenho uma porção de filhos. [...] Eu me dei bem no seringal. Meu patrão era um homem de critério, mas disposto e resolvido pra tudo." (11)

Em outro depoimento, o seringueiro nativo Cláudio Ferreira de Lima conta sua vida ao mesmo tempo que avalia o caráter do retirante nordestino.(12)

"Sou madeirense, quero dizer, meu pai e eu nascemos em Santerém, mas ele me trouxe, em 1910, ainda curumim, pra Humaitá. Por isso é que eu digo que sou filho do Madeira Foi nele que eu me criei. [...] Toda a vida trabalhei na seringa e na castanha do Baixo. Eu não gosto da agricultura. Quer dizer é porque você trabalha o dia inteiro debaixo do sol, com formiga e tudo. Agora tem que esperar muito tempo pra ver a sua mandioca, o seu milho e o seu jerimum crescer. Na seringa, não. Você trabalha quando quiser, se não quiser trabalhar, não trabalha. Está na sua vontade. É só tirar o leite e defumar. Já ganhou o dia. Faz dois, três quilos de borracha a 6$000. Não precisa de mais trabalhar. É um serviço rendoso e maneiro. Ainda tem mais. É só terminar a época do fábrico e você pode ir pra onde quiser, e só volta no outro ano. Todo ano venho a Manaus, quando tenho saldo, mas depois volto, quando chega a vazante. Os cearenses que eu conheço não fazem assim. Quando tem um saldo que dá pra uma passagem, volta tudo pro Ceará. São muito ambiciosos... vão embora e muitas vezes nào voltam mais. Um belo dia lá estão eles de volta e levam nisso. Logo quando eles chegam são muito valentes, brigam por qualquer coisa. [...] Depois de uns dois anos estão mansos que até deixam de usar a faca."

Mas não só estes perseguiram a fortuna, a vida na capital também foi feita de venturas e desditas. Negociantes dos mais diversos ramos e procedências vieram para Manaus em busca de vida promissora. Submeteram-se à Fortuna, como todos. Muitos quebraram, outros tiveram sorte.

Dentre os muitos casos, alguns poucos são dignos de citação, para que se ilustre ainda mais este relato.

---

(11) - Benchimol, S. *Amazônia...* Ob. Cit. pp

(12) - Idem, pp

unesp

Veja-se, por exemplo, a trajetória do comerciante alemão Waldemar Scholz. Chegado aqui no início deste século, logo em 1903 estava estabelecido na Rua dos Remédios, com armazém e escritório de compra e beneficiamento de borracha. O acúmulo de riqueza e a projeção social levam-no a presidência da Associação Comercial do Amazonas, em 1911, permanecendo seu diretor até 1913, mesmo ano em que ainda ostentava a posição de cônsul da Áustria em Manaus. Residia num palacete, que fez construir à rua Sete de Setembro e que tornou-se desde então num dos prédios mais belos e famosos da capital. Com o início da guerra de 1914, a navegação de Manaus a Hamburgo é interrompida, pondo em dificuldade o escoamento da produção de borracha amazônica, já muito barateada pela forte concorrência asiática. Scholz perde tudo, inclusive o palácio, por hipoteca, que será utilizado como sede do governo a partir de 1918. Neste ano, terminada a guerra, Scholz retorna a Alemanha, imaginando que ainda pudesse reunir condições para voltar e recomeçar, o que não aconteceu. (13)

Situação diferente foi vivida por Joaquim Gonçalves de Araújo, português, dono de sólida empresa que fez chegar a seus descendentes. J.G.Araújo, como ficou conhecido, fundou sua firma de aviamento da borracha em 1877. No período áureo da borracha deve ter controlado cerca de 10% do látex para exportação, estima-se. Sua firma que além de aviadora, passou a ser também exportadora, salva-se da derrocada graças à habilidade comercial do seu proprietário. A "J.G.Araújo & Cia" transfere seus negócios para os mais diversos ramos, ao mesmo tempo que retira-se lentamente do comércio da borracha, nos anos de declínio. Seus negócios (e de seus sucessores) estenderam-se a administração de imóveis, materiais de construção, ferragens, estivas, gêneros alimentícios, drogaria e perfumaria, fazendas e miudezas, lubrificantes e derivados de petróleo, transporte fluvial de passageiros e carga, autopeças, serraria, fábrica de pregos, fazendas de gado, tratores, cultura de juta e outros gêneros regionais, supermercado e uma pioneira Seção de Filmes de propaganda e material fotográfico, nos anos 1910. (14)

Casos como estes, aconteceram às dezenas. É dura a tarefa de saber quantos vieram trabalhar em Manaus, nessa época, atraídos pelo 'ouro negro', quantos prosperaram, quantos se salvaram, quantos sucumbiram, nas matas ou na cidade.

Conforme o registro da Alfândega, movimentaram-se para dentro do Estado, em 1899, cerca de 53.064 pessoas e saíram 42.566.(15) Já haviam entrado em 1897 cerca de 20.905 passageiros e entrariam em 1900 mais 48.931.(16)

Uma relação de 30 hotéis estabelecidos em Manaus no ano de 1900, mostra registros de 6619 hóspedes. Neles hospedaram-se 4534 brasileiros, 675 portugueses, 330 espanhóis, 326 italianos, 220 franceses, 124 russos, 91 peruanos, 63 bolivianos, 59 colombianos, 46 alemães, 37 ingleses, 20 americanos, 17 argentinos, 10 suíços, 10 uruguaios, 9 árabes, 6 holandeses e 2 húngaros.(17) Há de se notar o número relativamente baixo de ingleses, alemães e árabes, cujas colônias tinham expressão na capital. Certamente, muitos estrangeiros mais estavam hospedados nas várias pensões e casas de cômodo da cidade; estas, acrescidas dos hotéis, chegaram a somar, em 1911, cerca de 227 estabelecimentos.(18) Estes imigrantes tendiam a se instalar em núcleos ou redutos.

---

(13) - Bittencourt, A. *Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado*. Manaus, Conquista, 1973, pp. 516 e 517.

(14) - Benchimol, S. *Manaos-do-Amazonas: memória empresarial*. Manaus, Governo do Estado, FUA, ACA, 1994, pp. 8-12.

(15) - *Relatório do Secretário dos Negócios do Interior Francisco P. R. Bittencourt...* 1900. p.235.

(16) - *Mensagem ... Silvério Nery... 10 de julho de 1901*. Obra Citada, anexo.

(17) - Idem, anexos.

(18) - *Mensagem... Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt... 10 de julho de 1912*. anexos.

Por exemplo: Em 1900, o Hotel Primeiro de Janeiro, hospedara exclusivamente portugueses, e os franceses, apesar de haver em Manaus um Hotel Francez e um Hotel de França, parecem ter preferido os serviços do Hotel América, onde se registraram 78 deles. Outros estabelecimentos desta mesma época, possuíam nomes característicos: American Hotel, Hotel dos Artistas ou Hotel do Commercio. (19)

Dentre os brasileiros que desembarcaram em Manaus, a grande maioria vinha do nordeste. Tome-se o exemplo da próspera colônia agrícola "Campos Salles" (havia ainda outra, a "Pedro Borges"). Estava formada por 387 cearenses, 18 gaúchos, 3 pernambucanos, 3 paraibanos e 3 alemães.(20)

Não só na qualidade de colonos, agricultores e seringueiros, vinham estes nordestinos para o Amazonas. Vários profissionais liberais nascidos no Nordeste destacaram-se em cenário amazonense. Três dos primeiros governadores: o piauiense Thaumaturgo de Azevedo, o maranhense Eduardo Ribeiro e o outro piauiense Fileto Pires Ferreira governaram em sequência, de 1891 a 1898. Mais tarde, em 1916, será a vez do baiano Pedro de Alcântara Bacellar ocupar o posto de governador do Estado. Antes deles, o cearense Theodureto Souto, no cargo de presidente da província do Amazonas, notabilizara-se em declarar abolida a escravatura no Amazonas (1884). Os médicos mais afamados da época eram baianos: Alfredo da Matta, Adriano Jorge, Astrolábio Passos, Jônathas Pedrosa, Hermenegildo Campos e Aprígio de Menezes. Alguns seguiram carreira política, outros carreira acadêmica, doutorando-se no exterior, todos clinicando em Manaus, onde também publicaram teses e artigos na "Revista Médica do Amazonas". Este periódico existia sob os auspícios da Sociedade de Medicina e Farmácia de Manaus, fundada em 1899 por essa brilhante comunidade. Outros tantos profissionais, das mais diversas áreas, como os engenheiros Bretislau de Castro Jr. e Leovegildo Coelho, ou os bacharéis em Direito Anísio Jobim, Augusto Cezar Lopes Gonçalves e Artur Virgílio e ainda jornalistas como Plácido Serrano e Adelino Costa, compuseram uma larga plêiade de imigrantes nordestinos que fizeram seu nome ao mesmo tempo que construíam a cidade.

Dentre os estrangeiros, serão os portugueses a compor a maior colônia no Amazonas, dominando grande parte da atividade comercial. E para tanto, observe-se o fato de que pelo menos 60 firmas, dentre as mais conhecidas, pertencentes a portugueses, eram registradas em nome de algum jota (João, Joaquim ou José): J.G.Araújo & Cia. e J.C.Rodrigues & Cia., dentre outros.(21)

Além destes, vale ressaltar a participação dos conterrâneos do Pará, que como território vizinho não poderia deixar de contribuir na formação desta Manaus promissora. Ainda que vindos em menor escala, mas dedicados às tarefas de grande importância, estão os ingleses, que por momentos chegaram a dominar integralmente os serviços públicos, e ainda os italianos, de expressiva atuação nos vários ramos artísticos.

Deste modo, Manaus chegou ao final do século XIX com uma população estimada em 40.000 habitantes.(22) Até o fim da primeira década do século seguinte, a cidade continuará crescendo em número de habitantes. Só em 1901, atracaram no porto de Manaus 1097 embarcações trazendo 29.605 pessoas e saíram 1074 barcos conduzindo 25.271 passageiros.(23)

---

(19) - *Mensagem... Silvério Nery... 10 de julho de 1901.* anexos
(20) - *Mensagem... Silvério Nery... 10 de julho de 1903.* p. 284
(21) - Benchimol, S. *Manaos-do-Amazonas*... Ob. Cit. pp.15 e 16
(22) - *Mensagem... Fileto Pires... 4 de março de 1897.* p.117
(23) - *Mensagem... Silvério Nery... 10 de julho de 1902.* p.29

unesp

A vida em Manaus, nesta virada de século, melhorara muito desde os primeiros anos da província. Alfred Wallace, estando num local próximo à Barra, revelou o estado miserável em que muitas famílias viviam àquela época distante:

> *"Na casa em que eu estava alojado havia dois outros quartos que eram habitados por três famílias. [...] A princípio fiquei bastante intrigado acerca do horário de suas refeições, pois quase não os via alimentando-se. Finalmente descobri que eles costumavam tomar, bem de manhãzinha, uma cuia de mingau. Depois, lá para o meio-dia, comiam beijús de farinha ou inhame assado. Por fim, já à noite, outra cuia de mingau. [...] Uma vez por semana, em média, alguém pega um peixe ou um passarinho, mas como é costume dividir tudo entre todo mundo, a porção que cabe a cada um serve apenas para dar um gosto diferente ao beijú.* (24)

A poucas milhas dali, a cidade da Barra não estava muito melhor. O fastio na mesa dos amazonenses de 1850 dependia quase que exclusivamente das cheias e vazantes dos rios, que determinam quando há alimento e quando não há. Só após a quebra do isolamento em que a capital vivia, é que as mesas ficaram mais fornidas. Mesmo assim, haveria ainda de se esperar que o dinheiro da borracha circulasse e que um comércio varejista de maior qualidade se instalasse. Somando-se às grandes lojas importadoras da década de 1870 estavam a "Ville du Havre", onde alguns alimentos enlatados como o leite condensado (de origem suíça) já podiam ser encontrados. Também no "Túnel de Londres" a população já podia encontrar um variado número de frutas européias, ao lado das estivas.(25)

Quando o século XIX acabou, Manaus já estava abastecida com ananás, milho, café, mandioca, açúcar, tabaco, arroz e outros grãos, plantados nas colônias "Campos Salles" e "Pedro Borges", nos arredores da capital.(25) Havia ainda plantações de cacau, melão e melancia e uma enorme variedade de frutas regionais, fornecidas pela atividade extrativa. A indústria pastoril, com os campos do Rio Branco, regularizou de vez o abastecimento de carne no mercado público de Manaus. Além desta, as carnes de aves e algumas caças podiam ser encontradas facilmente e a preços populares: um prédio todo em ferro, destinado ao mercado público de Manaus, foi construído em 1883 por "Backus & Brisbin" e substituído nos primeiros anos deste século por um maior e mais moderno, em alvenaria. A narrativa do viajante Gonçalves Maia relata o quão farta e variada podia ser a mesa dos manauaras:

> *"Aqui, a carne verde, mais bella, mais sadia, mais gorda que tenho visto.*
>
> *É uma falsidade o que me disseram, quando me garantiram que a carne aqui era escassa, de má qualidade e cara. Ella é de todos os preços; desde 2S, pela manhã cedo, e a melhor, até 500 réis, à tarde.*

(23) - Wallace, A. Obra Citada, p.113

(24) - Braga, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. Manaus, Imprensa Oficial do Estado, 1987, p.177

unesp

A matança diária regula talvez de 35 a 40 bois. Relativamente mais do que o Recife com a sua população de 150 a 160 mil habitantes.

Adiante a carne de porco, de veado, de paca, de carneiro. Além, as fructas, todas as nossas fructas, o abacate, o ananaz, limas enormes, como os abios, a laranja, a manga, a sôrva, orgulho das fructas amazonenses e que achei com um gôsto pronunciado...

[...]

Em outros compartimentos, artigos indígenas, flechas, arcos, maracas, cuias de Santarém, mil cousas que eu não conheço e até hervas...

A tartaruga é, porém, o boi *do Amazonas. À margem do mercado há uma infinidade disposta pelo chão. [...]*

[Há também] *uma bellíssima collecção de peixes d'água dôce, cujas denominações a minha memória não retém. É a pescada, o apapá, o marapá, a arraia, o tucunaré, o dourado, a piramutaba, o peixe-boi, o tambaqui, o pirarucú...* " (26)

Mas não era só isso. Finos artigos comestíveis, importados diretamente para um comércio especializado, tornaram-se cada vez mais comuns. Enfim, chegara um tempo em que tudo estava disponível aos habitantes da capital do Amazonas. E como se vê, muitos destes privilégios eram acessíveis também ao trabalhador comum. Vai aqui um exemplo. Em 1899, o quilo da carne de vaca custava (a melhor), cerca de 1$800 réis.(26) Com o salário de servente, pago pelo Estado, em qualquer das suas repartições, no ano de 1898, (150$000 réis por mês) era possível comprar cerca de 83,3 quilos desta melhor carne.(27) O salário pago ao mesmo servente das repartições públicas estaduais, quase cem anos depois, não equivale a 15 quilos da mesma carne.

Há que se levar em conta que, nesta época de virada do século, uma inflação tinha se acumulado; o tal quilo de carne de primeira, passara de 1$000 réis, em 1889(28) para os 1$800 de dez anos depois, chegando a 2$000, verificados por Gonçalves Maia em 1904. Mesmo assim, havia enorme movimentação no comércio. Recorre-se novamente à folha de pagamento do funcionalismo público estadual para que se tenha idéia de como eram os vencimentos mensais de grande parte da mão de obra qualificada de Manaus. Em 1905, um porteiro de repartição terá percebido 300$000 réis por mês; um professor primário, 500$000 réis (100$000 réis a mais que o administrador do Trapiche "Amazonas"); o Diretor da Saúde Pública alcançou 1:200$000; um desembargador, 1:500$000, e o mais alto posto do organograma, excluindo o governador, terá recebido 2:000$000, por um mês de trabalho.(29) Até o fim desta década a maioria destes funcionários não recebeu aumento em seus salários, devido à crise que se aproximava e também às administrações imprevidentes. Deram-se por felizes aqueles que tiveram seus vencimentos pagos em dia. Houve quem esperasse (como alguns funcionários da magistratura, por exemplo) até três anos para receber os seus vencimentos integrais.(30)

(26) - Gonçalves Maia. *Livro de Viagem*. Obra Citada. pp.127 e 128.
(27) - *Lei Orçamentaria no 184, de 24 de maio de 1897*.
(28) - Sant'Anna Nery, Barão de. *O País das Amazonas*. Obra Citada. p.
(29) - *Lei Orçamentária no 454, de 10 de outubro de 1904*.
(30) - *Mensagem ... Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt ... 10 de julho de 1910*. anexos.

unesp

Não é pretensioso deduzir que o Amazonas pagava bem aos seus funcionários, em concordância com o que poderia ser oferecido pela iniciativa privada. Talvez, em alguns casos, até houvesse ligeira vantagem em servir a Administração Pública. O que permite tal raciocínio é o fato de que são muitos os homens de grande preparo e comprovada competência, em diversas áreas, que estiveram a serviço da Província e do Estado. Houve o renomadísimo Barbosa Rodrigues, na direção do Museu Botânico, de 1883 a 1890. Este carioca, internacionalmente conhecido, só deixaria o Amazonas para se pôr à frente do Museu Botânico Nacional, no Rio de Janeiro. Não se pode também esquecer de Alfredo da Matta, dermatologista e especialista em profilaxia, autor de um livro ("Flora Médica Brasiliense") duplamente premiado no exterior (incluindo-se a Medalha de Ouro da Academia Italiana de Ciências Físico-Químicas) e de 234 monografias publicadas em revistas nacionais e estrangeiras. Ocupou a direção da Saúde Pública nas gestões republicanas da virada do século e em especial na de Antônio C.R.Bittencourt, quando em 1908 combate com sucesso uma feroz epidemia de impaludismo, recebendo elogios do colega Oswaldo Cruz .(31) Ao lado deste último pode-se colocar o também Doutor em Medicina, Astrolábio Passos, ginecologista com especialização na Europa, médico do Instituto de Artes e Ofícios, do Instituto Benjamin Constant, do serviço de Inspeção Sanitária Municipal, dentre outras tantas ocupações que teve ao longo da carreira, mas sobretudo reitor (e um dos fundadores) da Escola Universitária Livre de Manaus, logo a partir da sua instalação em 1909. Outro nome notável é o do advogado Porfírio Nogueira, secretário geral do governo de Silvério Nery. Bastará dar por referência o fato de que o lendário jurisconsulto Clóvis Beviláqua o convidara para trabalhar consigo no seu escritório do Rio de Janeiro (32). Obviamente há muitos outros mais, para se compor longas listas, que não é o objetivo aqui. Bastarão estes poucos e célebres nomes para se dar de exemplo às argumentações de que esta terra podia recompensar dignamente seus trabalhadores.

Resta saber o quão bem era possível viver na capital, com estes salários. Já foi dado de exemplo o preço da carne de vaca, vinda do rio Branco. Os demais gêneros alimentícios pareciam sair a preços mais razoáveis ainda, uma vez que os grãos e as frutas eram produzidos próximo a Manaus. Além disso, havia a grande variedade de peixes, de quelônios e de carne de caça, como opção para a mesa do manauara. As despesas com uma moradia confortável, embora o preço dos imóveis variasse muito conforme a localização, pareciam ser os mais caros itens no orçamento do habitante de Manaus. A distribuição de água potável, bem como o sistema de esgotos, administrados pela "Manáos Improvements", custavam relativamente caro ao bolso do manauara. Em 1910 (quando o funcionalismo público ainda se mantinha com salários pouco maiores que os de 1905), um imóvel de qualquer tamanho que fosse, pagava pela água uma taxa mínima de 15$000 réis mensais, equivalentes a 4 mil galões (18.184 litros, conforme conversão feita pelo valor do galão imperial inglês), sendo que, para cada mil galões excedentes, a quantia de 3$000 réis. A taxa mínima era paga, quer o imóvel estivesse ocupado ou não, o que provocou descontentamento da população e da Administração Pública (33).

> *"... a água é caríssima e o proprietário está obrigado a pagar quer o prédio esteja ocupado, ou não, gaste um galão gaste 4000... tenho esperança de conciliar os interesse da população com os da "Manáos improvements".*

(31) - Bittencourt, A. *Dicionário Amazonense de Biografias*. Ob. Cit. p.55

(32) - Bittencourt, A. Idem p. 413

(33) - *Mensagem... Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt... 10 de julho de 1910*. p. 27

unesp

Outras taxas mesmo não sendo fixas, eram motivo de reclamação, mesmo porque o que mais a população cobrava era a eficiência do serviço. Para que se tenha então, uma idéia mais exata das despesas com moradia, ainda em 1910, tome-se por base um imóvel de valor locativo equivalente a 100$000 réis mensais (um bom imóvel). Pagava 25$000 réis por mês pela utilização do sistema de esgotos. Pagava de imposto predial 96$000 réis (contribuição anual de 12,5% do valor de locação). Mais 2$000 réis mensais eram pagos pelo serviço de limpeza pública, que recolhia o lixo das casas e das ruas. Somava-se a isto tudo a taxa da água, que como já se viu, era de 15$000 réis por mês, no mínimo. Os cálculos atingiam a cifra de 50$000 réis mensais (600$000 anuais).(34) Havia ainda a despesa com eletricidade, que não se fez incluir nesta previsão de gastos porque o consumo era (e ainda é) bastante variável, conforme o número de lâmpadas e de utensílios elétricos na residência e, também, de moradores.

Manaus chegou ao fim da primeira década deste século, contando sua população em cinquenta mil habitantes. Já avistara-se a crise, mas pouco se acreditava nela. O maior medo da população e dos visitantes da cidade, eram as epidemias. Grassavam tal qual na época da província. Era como se nenhuma medida tivesse sido tomada, como se os avanços da ciência trazidos pelos renomados sanitaristas que Manaus acolhera, de nada tivessem adiantado. As conquistas neste campo foram muito lentas, diante dos esforços. Alfredo da Matta, servindo na condição de diretor da Saúde Pública, em 1902, identificava os problemas mais sérios:

> *"... avultam três* [problemas] *que se impoem pelo seu grande valor e grandes consequências deles resultantes: a rede de exgottos, o beneficiamento da água antes de ser entregue ao consumo e a drenagem e consequente saneamento dos igarapés encravados na cidade e circunvizinhanças."*(35)

Para tanto, algumas providências já estavam sendo levadas a efeito. Em 1901, já se utilizava um processo de filtragem da água que abastecia Manaus (responsabilidade de Alfredo da Matta). Ainda neste ano, a 9 de fevereiro, foi montado o Laboratório de Análises Bacteriológicas, destinado a acompanhar tanto as epidemias quanto as doenças isoladas, além de controlar alimentação e água consumidos na cidade. Dispunha de aparelhos e materiais, suficientemente modernos àquela época, a fim de realizar exames bromatológicos e toxicológicos que deveriam auxiliar no combate às infecções.(36) Para o laboratório, foram contratados médicos de comprovada experiência: o cirurgião manauense Jorge de Moraes (formado na Bahia, com especialização obtida em Paris e na Itália) e o francês Camillo Levy, que tinha sido farmacêutico químico em Estrasburgo. Ao lados deles, um verdadeiro exército saía às ruas para executar o que se chamava de tratamento profilático: (37)

> *"... beneficiações do ar por meio de aldehide fórmico, cloro e anidrido sulfuroso, desinfecções em boca de lobo, sarjetas, ruas, sentinas, mictórios públicos e privados, com soluções de ferro-cúpricas, leite de cal e KRESOLINA WERNECK"*

(34) - *Mensagem... Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt... 10 de julho de 1910.* p.27
(35) - *Mensagem... Silverio Nery... 10 de julho de 1902.* p. 65
(36) - *Mensagem... Silverio Nery... 10 de julho de 1901.* anexos
(37) - Idem

Apesar da ação decidida de médicos e governantes(38), o balanço final da primeira década do século XX, não era assim animador. Continuava-se a padecer e a morrer, na capital, de doenças como o paludismo, a tuberculose, a disenteria, a febre amarela e até mesmo de béri-béri. Em 1909, faleceram 1638 pessoas na capital, sendo que 881 por moléstias transmissíveis. Algumas delas retrocederam em sua fúria, caso da febre amarela que fizera 157 vítimas em 1905, 170 em 1907 e 61 em 1909. Outras, apesar de alguns sinais de enfraquecimento, retornavam com vigor. A ação do paludismo de 1897 a 1909 não deixa dúvidas a esse respeito. Nestes 13 anos registrados, a doença fez 9482 vítimas só em Manaus. Alguns anos foram especialmente terríveis, como 1900, que teve 1495 mortes causadas pela moléstia. A filtragem da água em 1901, reduziu um pouco a manifestação da doença, que neste ano fizera 611 vítimas. Os números dos anos seguintes voltariam a subir e em 1904 houve 914 ocorrências fatais (retrocederia mais uma vez, após esta data). Nenhuma destas moléstias poupava uma classe de indivíduos que fosse. Sucumbiam todos, fossem novos, velhos, pobres ou ricos, havendo um ligeiro aumento da incidência destes males em estrangeiros. Um deles em particular, atingiu quase que exclusivamente os forasteiros: a desinteria. (39)

De qualquer modo, viveu-se melhor nestes anos por volta de 1910 do que nos anos anteriores. As condições de vida já permitiam a fixação de um variado contingente humano em Manaus. Não só pelos ganhos da borracha, pela alimentação, ou pela insistente luta em favor da saúde pública. Manaus possuía vantagens de cidade grande, como a eletricidade, a distribuição de água potável, o sistema de esgotos, linhas de bonde que abrangiam toda cidade, telefone, serviços a domicílio, arruamentos calçados em paralelepípedo, pedra e asfalto, grandes praças arborizadas, boas casas, teatros e vários outros estabelecimentos de diversão, dentre outros tantos atrativos. Mesmo o cidadão de qualquer classe nível teve acesso a estes bens ou parte deles(40). Tudo isso numa cidade tropical, onde o clima estável mantinha-se ameno, não excedendo a 32 graus.(41).

Não admira que Paul Adam a tivesse considerado "deslumbrante"(42).

(38) - Silverio Nery, logo nas paginas iniciais de sua fala a Assembleia dos Representantes, no ano de 1902, diz que " Lutamos a esse respeito [pelas melhorias das condições de vida], com uma corrente de opinião ... que reputo exclusivamente oriunda ou da má fe ou da ignorância". *Mensagem ... lida em 10 de julho de 1902*. p. 7

(39) - Todos estes numeros pertencem aos anexos da *Mensagem ... de Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt... lida em 10 de julho de 1910*

(40) - Dentre as obras do prefeito Adolpho Lisboa, esta a construção de uma vila operaria com iluminação publica, agua encanada, arruamentos e cuja aquisição das unidades residenciais foi destinada a classe operaria. Ver *Relatorios... Adolpho Lisboa....1902-1907*.

(41) - Annuario do Amazonas, 1899. Obra Citada p.s/n. O Amazonas ja fazia medições de temperatura desde a sua primeira decada de existência provincial. Ver *Estrella do Amazonas*

(42) - *Real e Benemerita Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas: flagrantes historicos*. Manaus, Ed. Umberto Calderaro, 1973, p. 123

unesp

2.2 Hábitos e mentalidades

A comunidade que se formou em Manaus ao longo das últimas décadas do século XIX, veio de variada procedência, trazendo seu modo de falar e se relacionar com pessoas e instituições, suas práticas cotidianas de ver, entender e fazer. Aqui, estes indivíduos de diferentes formações, se encontraram e aprenderam a conviver entre si e com os habitantes nativos. Ao passo que contribuíam com sua cultura, assimilavam outras tantas. Os vários 'dialetos' auxiliaram a cada um para que entendesse melhor o seu. O encontro de culturas proporciona também que cada cultura veja a outra de forma própria, particular, e a partir de então o resultado é algo novo, uma outra cultura.

Assim aconteceu com a Manaus do período da borracha. A soma destes muitos modos de ver o outro (e a si mesmo), permitiu que se compreendesse melhor as diferenças, quer fossem de costumes, de mentalidades, ou de linguagem. Como todas as cidades cosmopolitas, a Manaus desta época, ao aceitar a diversidade, favorecia novos hábitos e livrava-se do preconceito. Muito do que era uso em Manaus, não seria bem visto na maioria dos outros lugares, como o fato de, desde meados do século XIX, as mulheres de qualquer condição, exibirem na rua as suas longas cabeleiras, sem toucas ou presilhas. É bem verdade que neste ponto o clima ajudou a impor padrões estéticos mais condizentes, mas na grande maioria dos casos (inclusive este) houve uma conquista social, com causa cultural, mas sobretudo, pelo progresso científico-tecnológico, que seria decisivo para a emancipação do indivíduo no século XIX.

Modernamente, tem-se o hábito de desaprovar melhorias que afetem apenas umas poucas pessoas. Esquece-se que tais benefícios se constituíram num objetivo pelo qual trabalhadores e extratos médios da sociedade passaram a lutar; situação muito diferente de épocas anteriores, quando não havia perspectiva de progresso e nem motivação para lutas, reuniões de trabalhadores, associações de classe ou mesmo a formação de uma consciência crítica e de uma opinião pública. Ainda assim, a luz elétrica, a distribuição de água potável e as muitas comodidades surgidas no século XIX, chegaram sem muita demora ao grande público. Manaus fez chegar muitos destes privilégios aos seus habitantes quase ao mesmo tempo que a capital francesa.(42) É bom que se diga, Paris e as demais cidades francesas amargaram dificuldades à espera do fornecimento de muitos destes serviços, que em alguns casos foi longa.(43)

---

(42) - O fonógrafo de Edson e o telefone de Bell foram admirados em Paris em 1878. A invenção do sr. Bell só seria patenteada em 1883.
Weber, E. *França Fin-de-Siècle*. São Paulo, Cia das Letras, 1989, p.93

(43) - Na última década do século XIX, Paris ainda distribuía água para consumo doméstico, sem qualquer tratamento, retirada do poluído rio Sena. Além disso, antes da 1ª Guerra Mundial, nenhuma cidade francesa a exceção de Paris, possuía sistema de esgoto ligado às casas, não havendo, de igual forma, coleta regular de lixo. Estes motivos, dentre outros tantos, contribuíram para o surgimento de diversas epidemias, principalmente de tifo, que atingiram cidades grandes e pequenas.
Weber, E. Obra Citada. pp. 73-77

unesp

As ligeiras comparações que se pode dar de exemplo, têm a única pretensão de mostrar que a capital do Amazonas teve recursos e audácia suficientes para oferecer aos seus moradores o que a modernidade podia lhes proporcionar de melhor àquela época. Paris, apesar de todos os problemas, continuava a ser uma das maiores cidades de então. Não só pelos seus dois milhões e meio de habitantes ou pelos seus muitos séculos de existência, mas por estar repleta de atrativos culturais, científicos e tecnológicos, que ostentavam sua fama e ditavam regra para outras partes do mundo.

Manaus adotara muito do que se podia ver em Paris, como a arquitetura, os cafés-concerto ou detalhes de usos e costumes facilmente identificáveis. Mas, impôs para si um particular ritmo de vida, com adaptações ao invés de imitações. Fruiu à sua maneira o que havia de melhor para lhe chegar às mãos, de acordo com suas necessidades, possibilidades e comodidades.

Se no Recife a movimentação cotidiana se iniciava às 9 horas da manhã e no Rio às 11 horas, em Manaus ela começava das 6 para as 7 da manhã. (44)

> *"É que as manhãs são frescas. É preciso aproveitar-se E das 10 e meia, onze, até duas horas, a cidade, o commercio, os jornaes, as escolas, tribunaes, repartições públicas, a cidade toda recolhe-se do grande calor, dos raios ardentes do sol, nas horas em que elle queima como uma brasa viva. [...]*
>
> *É a hora do almoço. A cidade almoça ao meio dia e deixa que o sol oblique os seus raios de fogo para sair. Depois a vida recomeça das duas em diante"* (45)

Diversas eram as atividades que se davam quase que exclusivamente pela manhã, como a reunião do Congresso dos Representantes e a jornada escolar. A maioria das obrigações do cotidiano eram feitas neste turno.

> *"Mas eu vejo o quanto há nisso de sensato e rasoável.*
>
> *Sujeitar as crianças ao trabalho das escolas nas horas extenuantes de um calor abrazador, é matal-as, enerval-as, exgotal-as. Seria bárbaro.*
>
> *Esta barbaridade, eu vejo-a, entretanto, em muitos estados e nas estações calmosas e asphixyantes!"* (46)

À tarde completava-se o expediente. O comércio varejista que só se fechava às 8 ou 9 horas da noite, passaria a cerrar suas portas às 6 da tarde, a partir de 1908/9.(47) É certo que para a maioria destes trabalhadores, o fechamento das lojas às 6 horas significava uma oportunidade de frequentar os cursos noturnos de primeiras letras, a Escola de Commercio, ou ainda a Academia de Bellas Artes.(48) Mas, para outros (e não eram poucos), a redução da jornada de trabalho fez com que se entregassem ao lazer, acontecimento até então inédito para a classe trabalhadora. Prova disso é a proliferação de bares, clubes, cafés-concerto, *music-halls*, pequenos teatros de bairro (houve vários), para onde uma grande quantidade de pessoas se dirigia todas as noites.

---

(44) - Gonçalves Maia, Obra Citada, p.129.
(45) - Idem, p.129-130.
(46) - Idem, p.130.
(47) - Loureiro, A. *A Grande Crise*. Manaus, T.Loureiro & Cia, 1986, pp.57-59.
(48) - *Relatorio... do Secretario dos Negocios do Interior Francisco Publio Ribeiro Bittencourt... 11 de junho de 1900*, anexos.

unesp

Tais diversões, comuns em cidades grandes (sobre as quais têm-se estudado mais), não faltaram em Manaus; aliás, dormia-se tarde na capital do Amazonas. Não poucas vezes, os bondes circularam até 1 da manhã. Pelo menos sempre que houvesse temporada teatral ou estação lírica.(49)

> *"Por nosso intermédio os frequentadores do teatro lírico, inclusive muitas exmas. famílias, solicitam da empresa de serviços elétricos providências de haver bondes depois dos espetáculos. Grande número de pessoas deixam de ir ao Teatro Amazonas na impossibilidade de transporte de preço comodo. O horário dos bondes termina à meia-noite, quando geralmente acabam os espetáculos. Assim, a digna empresa, para bem servir o público pois acreditamos ser esse o seu desejo, pode prolongar o serviço até a uma hora da manhã"*

O pleito foi imediatamente atendido, até porque esta não foi a primeira vez que houve tal necessidade.(50)

O prolongamento do horário de circulação do transporte público favorecia também uma enorme quantidade de estabelecimentos que ofereciam diversões e espetáculos teatrais e musicais. Em 1909, uma dezena deles fazia-se anunciar nas páginas dos jornais.(51) Certamente, muitos outros, que se anunciavam raramente ou sequer recorriam a propaganda, funcionavam na cidade; eram lugares modestos ou bastante populares (muitas pessoas frequentavam dois ou três lugares por noite). Em todos, o horário de funcionamento variava de acordo com a atividade. A partir das 4 e meia, 5 horas da tarde já era possível encontrar algum lugar aberto, especialmente confeitarias e bares, incluíndo-se as casas de chopp. Daí em diante as possibilidades de diversão aumentavam e estendiam-se até a madrugada. Uma crônica do "Diário de Manáos", pelo seu crítico de espetáculos que se assinava Binocolini, revela tal movimentação:

> *"Façam de conta que o cronista chama-se Antonio e que para festejar dignamente o seu santo patrono lisboêta passou toda a noite de domingo em folia. Foi ao adro da Matriz e tirou nas sortes do 22 um chinês abanando-se com um leque; depois, foi ao teatro e ouviu o Rigoletto; em seguida dirigiu-se à casa de um amigo onde esgrimiu-se denodadamente contra um leitão assado e fez proezas de agilidade nas polkas e nas valsas. Nestas condições, o cronista na segunda-feira pela manhã sentando-se à mesa defronte de uma dúzia de tiras, com a cara amarrotada, e na boca o sabor característico que deixam as noitadas, a que um filósofo já denominou 'gosto de cabo de chapéu de sol' - o cronista bem vêem não pode dizer coisa que preste"* (52)

(49) - *A Platea*, 23 de abril de 1907. A mesma reclamação repetiu-se em várias temporadas antes desta. Ver *Amazonas Commercial* 1899.
(50) - *A Platea*, 4 de maio de 1907. Traz o agradecimento do público ao diretor da companhia de eletricidade. Os bondes circulam após o término dos espetáculos desde 1899, pelo menos. Ver *Amazonas Commercial*, 16 de julho de 1899.
(51) - *Jornal do Commercio*, 1 a 28 de fevereiro de 1909. Mostra que o funcionamento destes estabelecimentos era diário.
(52) - *Diário de Manáos*, 14 de junho de 1892.

unesp

Esta crônica mostra, além da movimentada noite de domingo que se podia ter em Manaus, alguns hábitos peculiares dos manauaras e que se assemelham àqueles praticados em cidade grande, de grandes negócios e sofisticado passatempo. A começar pelos horários. Viu-se anteriormente que o dejejum era quebrado logo de manhã cedo, às 7 horas e que o almoço corria entre 11 da manhã e 2 da tarde. Pela grande quantidade de anúncios em jornal, nota-se que confeitarias e bares tinham função musical destinada a combater a forte concorrência do horário compreendido entre as 5 da tarde e as 8 da noite, momento em que se tomava algum lanche, um simples chá ou cerveja, à espera do jantar. Este normalmente acontecia a partir das 6 da tarde, mas em muitos restaurantes, como o "Francez", ele era servido até a meia noite, para fregueses como Binocolini, que tinham ido ao teatro, ou frequentavam outras diversões noturnas.(53) Em ambientes privados percebe-se também o hábito de uma ceia quente e sólida num horário tardio, fazendo-se a digestão com algumas danças (ou mesmo ouvindo alguém declamar ou tocar instrumentos), terminando a noite tão tarde quanto a conveniência de cada um.

Os horários das refeições se alteraram no decorrer do século XIX, à medida em que nas cidades maiores uma classe trabalhadora foi surgindo e, portanto, estabelecendo novos hábitos. O hábito do dejejum matinal leve e bem cedo precede o início da jornada que deveria ser longa (baixaria de 16 para 8 horas ao longo do século XIX, havendo se mantido na maior parte do tempo em 10 ou 12 horas). O almoço dividia os turnos e o jantar acontecia após o expediente. Nos grandes centros, com a redução da jornada, uma quantidade de divertimentos populares passa a atrair este contingente operário e a última refeição ainda podia ser feita bem à noite. Esta prática, que era a da Manaus na virada do século, pode parecer comum nos dias de hoje, mas não era na grande maioria das cidades do Brasil e no exterior. Nas cidades pequenas ou de escassa movimentação financeira onde geralmente não havia expressiva classe trabalhadora, o cotidiano terminava bem mais cedo. Ainda que o café da manhã fosse tomado no mesmo horário, o jantar era habitualmente servido às 4 ou 5 da tarde, antecedido por uma refeição fria às 10 ou 11 horas da manhã.(54)

Um outro hábito que se pode observar, diz respeito ao vestir. O clima quente e estável impõe tecidos claros e leves para quase todas as atividades e ocasiões. Com a importação de produtos de variada qualidade, Manaus passou a adotar uma indumentária mais despojada, de forma quase que homogênea.

> *"Cada vez me convenço mais, nestas primeiras impressões ligeirissimas, que estou diante de um povo prático.*
>
> *São raras as mulheres que vejo de chapéu. O tipo comum de sapato é o de brim branco.*
>
> *É o pleno regime do brim branco, da palha de seda, do chapéu de palha e do guarda-sol de cores alegres.*
>
> *É a toilette da rua, é toilette do trabalho. Hão de concordar que é muito mais sensato...* [No Rio de Janeiro] *uma inversão da higiene ou do bom gosto nos faz vestir, na estação quente, roupas espessas de casemira, longos casacos de sarja e pano fino, e cobrir-nos de alto chapéu de pelo onde*

(53) - *Amazonas*, 3 de janeiro de 1901.

(54) - O jantar foi, durante o século XIX, a refeição que mais mudou de horário. Em França, no ano de 1808 ele era servido no máximo as cinco, não sendo incomum fazê-lo antes das quatro. Esse horário passou a ser alterado em Paris a partir da revolução industrial e até o final da primeira metade desse século o hábito é o de jantar entre as cinco e seis horas. No fim do século XIX os convites para jantar prevêem a refeição por volta das sete e meia. Ver Duby, G. e Aries Ph. *História da Vida Privada: da revolução francesa a primeira guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp.202-203.

ar não entra. [...] - Não há maior absurdo do que usarmos roupas de inverno em pleno calor!" (55)

Este costume relativo à indumentária (peculiar, se levarmos em conta a época desde a qual passou a ter uso), e adotado por um número cada vez maior de pessoas, fez com que bazares ou mesmo as costureiras e alfaiates, passassem a fornecer ao grande público, roupas adequadas ao clima de Manaus.(56)

Mas não só por estes sinais evidencia-se uma sociedade cosmopolita de variados usos e mentalidades, sob muitos aspectos, avançados.

Em 1870 fundou-se o primeiro grupo abolicionista com estatutos aprovados e publicados. Era a Sociedade Emancipadora Amazonense. Seus responsáveis chamam a atenção, não só pelos aspectos biográficos, mas pela interessante relação que conservavam. Um deles era José de Lima Penante, ator e empresário teatral cuja atividade artística ainda há de ser falada adiante. Para já importa somente saber que a esta altura ele era um socialista bastante ativo no circuito entre Manaus e Belém, representando peças ideologicamente engajadas como "A Cabana do Pai Tomás" de Dumanoir e D'Ennery, ou escrevendo dramas panfletários como "O Filho do Povo"(57). Ao seu lado, na militância abolicionista encontrava-se Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, filho do fundador da Província e neto do primeiro poeta amazonense.(58) Bento Aranha foi militar, professor primário, deputado, mas sobretudo jornalista de tendências progressistas (certamente um republicano). Vigoroso, impávido, incansável e idealista, sua postura o levou a prisão em pelo menos uma ocasião, em dezembro de 1871, por injúrias impressas.(59) Outro membro sobre quem interessa chamar a atenção é Miguel Gomes de Figueiredo, Chefe de Polícia da Província nesta mesma época.(60) A presença destes três homens na mesma associação libertária evidencia a difusão de ideais progressistas em setores consideráveis da imprensa, das milícias(61), do teatro e da Administração Provincial (é bom lembrar que o cargo de chefe de polícia é posto de confiança do Presidente da Província);o relatório anual do mandatário da Província foi mandado publicar no "Amazonas", jornal que através de longos artigos, transcritos uns, de autoria própria outros, muitos de primeira página, empreendeu campanha abolicionista.(62) Seu proprietário nesta época era Antônio da Cunha Mendes, que na qualidade de representante do "Atheneu das Artes", proferiu discurso na instalação daquela organização abolicionista.

Ainda em 1870, o "Amazonas" trazia transcrições traduzidas na integra de outros artigos de cunho ideológico e progressista, como um "Manifesto" dos operários franceses, alemães e espanhóis, que protestava contra as condições de vida e de trabalho e conclamava a união mundial do operariado.(63) Ideais socialistas, comunistas e anarquistas parecem ter encontrado boa acolhida no Amazonas, entretanto um estudo maior encontra grande dificuldade ao esbarrar nas coleções desfalcadas de periódicos locais. De qualquer forma, o movimento progressista parece ter crescido bastante a partir de então.

---

(55) - Gonçalves Maia, Obra Citada, pp. 131-132

(56) - Além dos bazares, *ateliers* de modistas como a Atelier de Modas da Madame Rouaix, estavam se tornando comuns

(57) - Salles, V. *Epocas do Teatro no Grão-Para: ou apresentação do teatro de epoca*. Belem, UFPA, 1994, v.1 pp. 116;122

(58) - Bento Aranha, o avô, nasceu em Barcelos no alto Rio Negro em 04.09.1769 e faleceu em Belem a 25.11.1811. Alem de poemas, produziu dramas em verso para serem representados na Casa da Opera do Grão-Para. Há fortes evidências de que pelo menos uma de suas composições, o drama pastoril *"Os Pastores do Amazonas"*, tenha sido uma opera levada à cena em 1793, da qual só o libreto, publicado em Portugal no ano de 1794, sobreviveu . Para mais informações ver Salles, V. Obra Citada

(59) - *"Amazonas"*, 18 de dezembro de 1871 (data em que começou a vigorar a pena)

(60) - Portaria publicada em 20 de fevereiro de 1870 no *"Amazonas"*. Mesma data da publicação da portaria que aprovou os estatutos orgânicos da Sociedade Emancipadora Amazonense

(61) - Muitos republicanos serviram, nesta epoca, no Batalhão de artilharia a pe no Amazonas, dentre eles Floriano Peixoto

(62) - Ver numeros a partir de 2 de agosto

(63) - *"Amazonas"*, 22 de setembro de 1870. Transcrito do *"Diário de Pernambuco"*

unesp

Em 1891, aparece o "Guttenberg", jornal da classe operária local, *"anseio de há muito tempo"*(64), divulgador das idéias do Partido Operário, por quem era mantido. Em fins de 1892, o periódico mudou de nome e passou a se chamar "Operário", sem alterar suas características. Pelo contrário, tornara-se mais enfático, contundente, com críticas ao governo e ao sistema, publicando manifestos à sociedade e divulgando atividades panfletárias. Antes, em 1º de maio, comemorou a data com a eleição da nova diretoria do Partido e a inauguração de sua Escola Noturna, situada à Praça 5 de setembro (atual Praça da Saudade), casa número 4.(65) Cada vez mais, as comemorações do 1º de Maio tornavam-se frequentes e o ideal socialista mais comum, fazendo grande número de adeptos e sendo difundido pela grande imprensa.

Em 1902, o "Commercio do Amazonas", outro grande periódico diário da capital, traz longa nota de capa, comemorando o 1º de maio:

> *"Tinha necessariamente de surgir um dia, mais cedo ou mais tarde, a comemoração anual da comunidade de interesses de todos os povos, cada vez mais ligados entre si pelas múltiplas vias de comunicação, pela solidariedade de aspirações e pela comunhão de idéias e sentimentos." [...]*
>
> *O pensamento, uma vez iniciado, foi acolhido com entusiasmo pelas classes operárias de todos os países...n'alguns centros industriais [e] n'algumas nações, onde de ano para ano é maior o número de manifestantes, reunindo-se ao proletariado, todos os adeptos conscientes dos progressos humanos... O Socialismo entrou no verdadeiro caminho prático. As sociedades conservadoras já não podem tapar sistematicamente os ouvidos aos reclames das classes laboriosas. Têm de as escutar. Absurdo seria nega-las.[...]*
>
> *A humanidade tende cada vez mais a abandonar os restos que ainda conserva das civilizações atrasadas. [...]*
>
> *Os governos representantes dos interesses conservadores da sociedade contemporânea não podem ver sem receio este despertar de consciência humana que se patenteia na festa internacional do trabalho. Daí as espetaculosas e até provocantes precauções militares que por vezes, em alguns lugares, têm transformado as manifestações pacíficas do proletariado em cenas sangrentas...Para evitar cenas horrorosas e revoltantes, urge que todos os governos constituídos tenham a clara compreensão do momento histórico em que nos encontramos"*(66)

Mas o discurso do "Commercio do Amazonas", embora progressista, soava um tanto brando se comparado ao de outro grande periódico cotidiano local. O "Jornal do Commercio" atacava os poderes e as instituições vigentes, através de autênticos petardos panfletários com fortes tintas anarco-socialistas:

(64) - *"Guttenberg"*, 15 de novembro de 1891.
(65) - *"Guttenberg"*, 1º de maio de 1892.
(66) - *"Commercio do Amazonas"*, 1º de maio de 1902. O artigo não está assinado. O jornal era propriedade de Rocha dos Santos, que durante o período imperial foi deputado provincial (ao lado de Bento Aranha) com destacada luta pela abolição da escravatura.

unesp

"MANIFESTAÇÃO OPERÁRIA
CAMPANHA PROLETÁRIA

"Tão velho como a humanidade é o socialismo. [...]
...desde que o homem sentiu necessidade de manter-se e por conseguinte de trabalhar nasceu a ambição, o que quer dizer que esta qualidade humana deve ser combatida e desprezada por ser um atestado da ignorância do homem primitivo. [...]
... algumas religiões foram criadas para a salvação do proletariado... Morreram os fundadores do cristianismo que proclamava a igualdade entre os povos e vieram os sucessores especuladores, transformando tudo, inventando muito e adaptando a elas [as religiões] tudo quanto lhes podia ser proveitoso. [...] O verdadeiro amor nunca existiu nas religiões, muito ao contrário, enquanto as religiões catecistas se apossavam da consciência do povo, criavam-se exércitos garantindo as mesmas religiões. Enquanto elas obtinham do governo as mais escandalosas concessões, aclamavam os privilégios da nobreza que monopolizavam aos seus o direito de mandar. [...] Passaram-se os séculos e o socialismo avançou junto com a ciência, sempre opondo aos alicerces da nobreza e das religiões a picareta resistente da razão. [...] Com que era usurpado aos inimigos e extorquido ao povo, fizeram-se riquezas pública e particulares e quer uma quer outra eram somente desfrutadas pelos padres, militares e governo e o que é mais edificante: a decantada civilização que condenou tantos usos da antiguidade guardou o egoísmo e cultivou o preconceito. Quanto mais felizes poderemos ser ainda sem isto!

Os privilégios e concessões fizeram com que as classes sofredoras aumentassem e o proletário a quem era negado o direito de saber, levantou-se por diversas vezes tão encolerizado e valente que fez o sangue correr profusamente, aniquilando a prepotência e adquirindo um pouco mais de liberdade, porém lá estava o padre, que com a falsa humildade da hipocrisia, facilmente subordinava o povo obscuro e engrossava-se mais a pseudo-força mantenedora e assim tripudiavam Força, Nobreza e Clero. [...] [Ainda assim] suplantada a nobreza o proletário trabalhou somente em proveito desse novo estado que se levantou de entre os intrigantes, gananciosos, charlatães e especuladores - a burguesia." (67)

Embora poupasse de condenação o cristianismo dos primeiríssimos tempos, o articulista do "Jornal do Commercio" não via sequer necessidade de religião e de outro poder. O levante do proletariado contra as injustiças teria que levar à queda total do sistema e das instituições. A crença de que a revolução era o caminho para liberdade e da prosperidade humana, fazia com que, frequentemente, as classes trabalhadoras fossem conclamadas para a união e o levante.

(67) - *Jornal do Commercio*, 1o de maio de 1904. O "Jornal do Commercio" foi fundado neste mesmo ano de 1904 pelo mesmo Rocha dos Santos proprietario do "Commercio do Amazonas" nos anos anteriores

unesp

"Que os operários de todas as pátrias consigam a realização de seus princípios de confraternidade.

Que os proletários de todas as tendas se concretizem para luta contra o Monopólio, para a derrocada da Bastilha que lhes embaraça o futuro, para o combate aos potentados que lhe voltam as costas, são esses os votos do JORNAL DO COMMERCIO"(68)

Não havia somente estes jornais a manter uma postura de esquerda, apesar de que "Commercio do Amazonas" e "Jornal do Commercio" faziam parte da grande imprensa, o que significava larga tiragem cotidiana e grande número de páginas. Em 1902 surgira o "Quo Vadis?" (outro jornal de saída diária), que empreendeu críticas tão ácidas ao governo de Silvério Nery, que este o mandou fechar debaixo de violência policial, segundo se reclamou à época.(69) Desde o seu início, o "Quo Vadis?" recebera certo crédito por sua proposta de defender o interesse das classes populares. Quem o diz é o "Commercio do Amazonas", ainda que com sábia desconfiança:

"A plataforma do Quo Vadis? devemos dizer com franqueza, nos agradou. Um jornal que tem por missão defender os interesses do ***povo*** *é um jornal que merece ser aproveitado, apesar de que não há na vida da imprensa um só que não tenha declarado possuir aquelas intenções."*(70)

Outros periódicos engajados tiveram, aparentemente, vida mais curta, apesar de serem significativos para o movimento das classes trabalhadoras do Amazonas, como por exemplo a "Tribuna do Caixeiro"(1908), a "Confederação do Trabalho"(1909), a "Lucta Social"(1914) e "A Vida Operária"(1920). Muitos destes 'pequenos' jornais eram mantidos por partidos, associações de classe e colônias estrangeiras, destacando-se os portugueses, os espanhóis, os italianos, os ingleses e os sírio-libaneses. Alguns outros, de vida curta, parecem ter sido combativos, embora seja difícil no momento precisar elementos ideológicos, uma vez que pouquíssimos exemplares, ou nenhum, dependendo do caso, chegaram até nossos dias; como o "Voz do Povo" (1881-82) e o "Amazônia" (1884-85), cujo subtítulo era: *"Não há pior tirania que aquela que se exerce à sombra da lei"*(71). Certamente, um destes jornais de duração efêmera precisa ser mencionado. O "Abolicionista do Amazonas" (1884), que era composto exclusivamente por mulheres(72) e revelava-se republicano logo a partir de seu subtítulo: *"Liberdade, Igualdade, Fraternidade"*. Obviamente houve muitos outros jornais envolvidos na campanha pela abolição da escravatura, grandes e pequenos, e até das colônias de imigrantes(73). Mesmo as associações e clubes abolicionistas existiam em grande número. Além do grupo de Bento Aranha, formado em 1870, houve a "Associação Manumissora Amazonense" à mesma época. Seguindo-se a estas, muitas outras podem ser destacadas.

(68) - *Jornal do Commercio*, 1º de maio de 1909. Nesta época o jornal já pertencia a Vicente Reis que chegara há pouco em Manaus. Vicente Reis havia se tornado conhecido no Rio de Janeiro como autor de Revistas Musicais de grande êxito, na década anterior.

(69) - *Quo Vadis?*, 20 de março de 1904.

(70) - *Commercio do Amazonas*, 21 de novembro de 1902.

(71) - *Catálogo de Jornais*, p. 36.

(72) - A obra "Catálogo de Jornais" afirma que o "Abolicionista do Amazonas" era mantido por uma tal Associação Beneficente e pelo Club Emancipador. Entretanto, Mendonça de Souza em sua obra *O Grande Amazonas*, Manaus, 1956, p. 331, afirma que o jornal era mantido pela loja maçônica "Amazonas", ligada a associação Libertadora 25 de Março. Neste sentido: Braga, Genesino "Chão e Graça de Manaus", Manaus, 1983, p. 127.

(73) - Por exemplo: o "Ave Libertas", da colônia cearense.

unesp

A "Libertadora 25 de Março", a "Liberdade Cearense", a "Comissão Central Abolicionista Amazonense", o "Clube Escolar Abolicionista" (integrado por alunos de escolas públicas e particulares), a "Cruzada Libertadora" (dos alunos do Liceu e da Escola Normal em cujo salão se reuniam), a "Sociedade Abolicionista 1o de Janeiro" e pelo menos mais dois expressivos grupos formados só por mulheres, o "Clube Juvenil Emancipador" e as "Amazonenses Libertadoras", encabeçada por Elisa Souto, esposa do presidente de província Teodoreto Carlos Faria de Souto, que passaria à história por ter sido em sua administração que se deu a completa abolição da escravatura no Amazonas.

O processo abolicionista do Amazonas começou com leis que consignavam verba para a emancipação servil; ao que parece a mais antiga foi a de número 184, de 19 de maio de 1869. A partir daí foi criado um fundo de manumissão pública, fomentado por particulares, mas principalmente pela ação cada vez mais frequente dos presidentes da província e deputados provinciais do Amazonas. Ao passo que tais fundos compravam a alforria de escravos, tentavam-se instrumentos políticos e legais a favor da abolição. A ampla participação social garantiu o sucesso da empreitada, de tal forma que a abolição da escravatura se deu no Amazonas em 24 de maio de 1884.

Povo e imprensa mobilizavam-se inclusive pela melhoria das condições de vida na cidade. Isto certamente garantiu um excelente padrão de vida para uma cidade com menos de cinquenta mil habitantes. Quando um bem de consumo ou um serviço público era posto à disposição do público, exigia-se que fosse acessível, que houvesse em quantidade e primasse pela qualidade.

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

> *"Nova lixópolis - será este o verdadeiro nome a aplicara a cidade de Manaus se as cousas municipais continuarem como vão.*
>
> *O modo como se faz a limpeza da cidade e o dinheiro que isso custa dava para um romance.*
>
> *Há os que devem varrer e limpar, os que devem recolher o lixo em caixas ou latas de querosene, e os que devem queima-lo, reduzi-lo a cinzas: - três pessoais distintos num só verdadeiro !"* (74)

O crescimento da população, principalmente na virada do século, e o estabelecimento de associações de operários e demais trabalhadores, faz crescer a exigência pelo lazer. Considerados *"Necessidades Públicas"*(75), os passeios públicos, as praças, os logradouros e o embelezamento geral da cidade, eram pleiteados comumente pela população, através da imprensa e das associações. Não que houvesse descaso das administrações. Sabe-se que foram bastante empreendedoras. Mas eram acompanhadas bem de perto pelo povo.

As associações populares e operárias foram sendo constituídas logo após o movimento abolicionista e republicano, legitimadas pela causa comum que unia interesses ideológicos progressistas, mas também pela vitória que experimentaram nestas duas empreitadas. Surgiram, oficialmente reconhecidas pelo Poder Público, as seguintes (entre parênteses a data de aprovação dos estatutos): a "Sociedade Beneficente Cearense" (1897), a "Fraternidade Cearense" (1898), a "Sociedade Italiana de Mutuo Socorro" (1900), a "Associação dos Panificadores de Manaus" (1904), a "Sociedade Beneficente União dos Foguistas de Manaus" (1906), a "Corporação dos Maquinistas do

(74) - *Jornal do Commercio*, 30 de novembro de 1904
(75) - *Jornal do Commercio*, 15 de setembro de 1904

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Amazonas" (1906), a "Sociedade dos Práticos do Amazonas" (1906), a "Associação dos Empregados no Comércio do Amazonas" (1907) e a "Confederação" do Trabalho do Amazonas" (1908), havendo ainda outras associações operárias após 1918.(76)

Muitas vezes, as associações de trabalhadores se juntavam no *"Movimento Operário"*, que tinha por objetivo angariar simpatizantes e, se possível, arregimentar novos sócios:

> *"MOVIMENTO OPERÁRIO*
> *A reunião de propaganda*
> *Às 3 horas da tarde de domingo último, relizou-se como estava anunciada a sessão de propaganda operária.*
> *Diversos oradores fizeram uso da palavra manifestando-se solidários com o movimento que se opera atualmente no meio poletário de Manaus e citando exemplos e baseando-se nos ensinamentos da doutrina socialista, como deve ser realmente interpretada, convidaram os companheiros mais esforçados a propagarem a idéia por todos os meios ao seu alcance.A sessão que durou cerca de hora e meia esteve regularmente concorrida notando-se a mesma ordem e entusiasmo das reuniões passadas. A continuar, assim cremos, será uma realidade o levantamento moral e intelectual da grandiosa classe de trabalhadores nesta futurosa capital."* (77)

A formação da consciência ideológica social, política e cultural de então, deve, sem dúvida, tributos a ação de algumas obras notáveis. As escolas, que terão tratamento exclusivo em capítulo a seguir, foram responsáveis pela revelação de nomes respeitáveis, até no cenário internacional. Mas, além disso, havia em alguns governantes a idéia (emprestada da revolução francesa de 1789) de que a verdadeira libertação acontecia com a instrução, com o conhecimento, com o saber que não se restringia às atividades da sala de aula. Foi assim que, além das escolas regulares e estabelecimentos pios, o governo provincial decidiu acolher projetos como da instalação e manutenção de um "Museu Botânico" em Manaus. A noção de sua importância fica bastante clara logo nas primeiras linhas da primeira edição que reúne os estudos do diretor Barbosa Rodrigues, diretor do referido museu e autor das seguintes palavras:

> *"A força moral de uma nação não se determina só pelo número de seus soldados ou de seus vasos de guerra, pelo incremento de seu comércio ou de sua indústria, mas principalmente pelo grau a que têm atingido as ciências, as letras e as artes. São estas que inventam o canhão, encouraçam as esquadras, impelem as locomotivas, fazem mover-se as correntes elétricas, desvendam os mistérios da floresta e do solo e, tornando-os em realidades, transforman-nos em produtos que se derramam pelas fábricas e pelos mercados. É pela força intelectual e não física, pois, que uma nação progride, que campeia entre as outras. ... é preciso que tudo se mova pela força do gênio de seus filhos..."* (78)

(76) - A obra *Indicador Alfabetico*, anteriormente citada, da uma relação das associações constituidas legalmente, ate 1927.

(77) - *Jornal do Commercio*, 27 de setembro de 1904

(78) - Rodrigues, Barbosa. *Velosia: contribuições do Museu Botânico do Amazonas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional,1892. s.p.

unesp

A idéia da criação do Museu Botânico, em que pesem as afirmações sobre a nobre autoria da Princesa Imperial(79), no ano de 1882, só pôde ser posta em prática porque o Amazonas arrogou para si tal responsabilidade de fazer surgir, custear e manter a instituição; ironicamente o governo imperial não aceitou na peça orçamentária, o pedido de aditivo de 30 contos de réis, feito pelo representante do Amazonas, Adriano Pimentel, para a instalação do Museu.(80) Não tendo sido, portanto, com dinheiro do imperador e sim da província do Amazonas que se executou a obra. O Museu foi criado pela lei nº 629, de 18 de junho de 1883 e teve o seu regulamento baixado em 22 de janeiro de 1884, na gestão de José Paranaguá (filho do Visconde de Paranaguá, presidente do conselho de ministros do Império). Quando abriu, o Museu já contava com um bom número de coleções no seu herbário, adquiridas pelo próprio Barbosa Rodrigues, entre 1872 e 1875, durante viagem sua pelo vale amazônico na condição de estudioso do Ministério da Agricultura. A proposta do botânico incluía o estudo das plantas da flora amazonense, sua classificação, o respectivo estudo para fins médicos e industriais, a consequente preparação de produtos para fins comerciais e o arquivamento das espécies no herbário (que também era composto por mostras de caules, raízes, resinas, etc.) e em desenhos, conservados sempre que possível em duplicata, para que em ambos os casos se pudesse expor o acêrvo à comunidade e trocar com coleções do exterior. Para tanto, Barbosa Rodrigues solicitava um prédio próprio com área externa e um laboratório químico. O quadro de pessoal era formado, além do botânico (que seria o diretor do museu), por um químico, quatro ajudantes, dois serventes e um porteiro. Mais que isso, deveria ser lançada uma revista que publicaria os trabalhos do Museu, as descobertas e descrição de plantas novas, acompanhada de desenhos, o estudo dos vegetais e seus produtos, e a descrição da província pelo lado histórico, geográfico e etnográfico. Por necessidade de divulgação no exterior, os artigos sairiam em francês (o que aconteceu com apenas alguns artigos).(81) Em 1886, o herbário já possuía 1281 espécies (representantes de 78 famílias e 322 gêneros), em mais de 5.000 exemplares, todos classificados e catalogados. Havia ainda uma coleção proveniente dos Estados Unidos, que foi enviada ao botânico brasileiro por John Donnel Smith, e que contava cerca de 800 espécies. A seção etnográfica continha 1103 objetos indígenas, de 60 tribos da Amazônia, sendo que todos estavam já descritos, catalogados e até mesmo fotografados(82) É possível que boa parte destes objetos indígenas tenham vindo da região do rio Jauaperi, onde Barbosa Rodrigues passou um bom tempo entre 1884 e 1885, na missão pacificadora dos índios Krichanás. A missão, segundo o presidente de província José Paranaguá, tinha o duplo objetivo de entrar em contato com os 'gentios' daquela região desconhecida e estuda-la cientificamente.(83)

Apesar de consignada a verba para a aquisição de todo material solicitado, a aquisição do prédio, a montagem do laboratório(84), a contratação do pessoal e as viagens de coleta, Barbosa Rodrigues encontrou grandes dificuldades para obtenção dos bens e do erário; todas as aquisições do Museu foram sendo feitas ao longo da sua existência e não de início como pleiteava o botânico. Quanto às dificuldades iniciais, como se viu, o Amazonas não pode ser culpado. Tal previsão de despesa precisaria de certa antecipação para ser lançada, não podendo ser feita com a mesma presteza que a idéia luminar (atribuída) imperial foi concebida.

(79) - Rodrigues, Barbosa *Velosia*... Obra Citada v. 2, p. 61

(80) - Idem

(81) - Idem, p.62

(82) - *Relatorio... Ernesto Adolpho Vasconcellos Chaves... 25 de marcco de 1886*, p. 18 e seguintes; *Relatorio... Joaquim Cardoso de Almeida... 5 de setembro de 1888*, anexos. Falam de 94 objetos etnográficos e fotográficos

(83) - Barbosa Rodrigues, *Velosia*... Obra Citada p. 63

(84) - Os equipamentos para o laboratorio foram mandados vir todos da Casa Fontaine, de Paris, e eram os mais modernos que se podiam adquirir naquela epoca. Uma relação completa dos equipamentos encontra-se no *Relatorio... E.A.V. Chaves*, Ob. Cit. p. 23

Entretanto, alguns incidentes de natureza política, envolvendo o botânico João Barbosa Rodrigues, complicaram a atividade do Museu. Em 16 de maio de 1886, foi assassinado em Manaus o capitão Custódio Pires Garcia, poderoso agiota da praça de Manaus, conhecido pela rudeza e truculência(85). Logo apontado, o suspeito foi preso (por ser conhecida pessoa pública de carreira política, seu nome foi sempre que possível conservado em segredo). Levado a júri, a peça principal que o condenaria era o laudo oriundo do Museu Botânico, da lavra do seu diretor, a partir do sangue encontrado nas botas do acusado. Num segundo júri, surge um parecer contrário de dentro do próprio Museu, desta vez de autoria do suíço Francisco Pfaff, professor da Universidade de Genebra, que havia sido contratado pela província para o posto de químico do laboratório do Museu. A primeira consequência disto foi o rompimento do diretor do Museu e de seu químico responsável. A tal ponto que o Laboratório foi desmembrado e retirado da tutela do Museu Botânico. Como o esclarecimento da morte de Custódio Pires Garcia interessava a muito pouca gente, o resultado a longo prazo foi um boicote velado ao botânico Barbosa Rodrigues e, infelizmente, ao Museu Botânico.(86)

O mais importante, obviamente, é o saldo dos sete anos de atividade do botânico no Amazonas, a frente do Museu, que mesmo com as adversidades, contou com o apoio da província(87). O resultado da obra do Museu, tem relevância internacional. Foram descobertas 105 espécies novas, estudadas outras 700, descobertos 4 novos gêneros e desenhadas 394 amostras. A revista teve 2 volumes (o primeiro saiu em 1887) compostos, contendo além dos estudos botânicos, outros de natureza etnográfica, paleontológica, zoológica e geográfica, inclusive com litografias.(88) O trabalho mereceu o elogio do explorador Marcel Mounier e do botânico americano Frank Vincent, que chegou a visitar o Museu.(89) Barbosa Rodrigues juntou ainda, coleções de moedas, jornais e livros importantes para a história da província. Em 1890, retirou-se do Amazonas, dispensando convite do primeiro governador republicano, Augusto Ximeno Villeroy, para que permanecesse na direção do Museu Botânico. Saiu festejado por grande parte da imprensa, da população e até da classe política, para assumir o Museu Botânico Nacional. (90)

Outra grande obra, que não poderia deixar de ser mencionada, é a Biblioteca Pública do Amazonas. Antes de habitar no seu edifício próprio e definitivo, a Biblioteca tomou emprestado o espaço de algumas repartições públicas. Começou como Sala de Leitura, inaugurada em 19 de março de 1871 nas dependências do Liceu Provincial. Funcionando de 9 às 15 horas (na quinta-feira, o expediente era das 9 às 11 horas da manhã e de 1 as 6 da tarde), o ingresso e permanência na Sala de Leitura eram gratuitos(91). Havia somente 1200 volumes à disposição dos consulentes. Nela trabalhavam o bibliotecário e o porteiro, submetidos ao secretário da Diretoria de Instrução Pública. Muitos livros foram adquiridos por doação e a Província também gastaria algum dinheiro para montar o acêrvo; em 1874, o presidente da Província, Domingos Monteiro Peixoto entregou quantia ao engenheiro francês Joseph Gaune (já havia trabalhado para o Maranhão) para que este, achando-se na Europa, comprasse bons livros para a biblioteca provincial.(92) Em 1876, não se tinha verificado ainda a chegada dos livros e o catálogo era ainda bastante incompleto.

---

(85) - Bittencourt, A. *Dicionario Amazonense de Biografias*. Obra Citada. p. 183-186

(86) - Rodrigues, Barbosa *Vellosia*... Obra citada v. 2, p. 7. Nesta mesma obra encontra-se depoimento do ex-secretario do Museu Camos Porto, em defesa de João Barbosa Rodrigues

(87) - Idem, primeiro prólogo, p. VII. Barbosa Rodrigues agradece aos presidentes de provincia, citando os feitos destes para com o Museu

(88) - *Relatorio... Ernesto Adolpho Taconcellos Chaves*... Obra Citada; *Relatorio... Joaquim Cardoso de Almeida* Obra Citada; anexos

(89) - Rodrigues, Barbosa *Vellosia* Obra Citada. v.2, pp. 76 e 77

(90) - Os artigos elogiosos da Imprensa local, encontram-se transcritos na obra acima citada, paginas 77 - 79

(91) - *Amazonas*, 25 de março de 1871

(92) - *Riatorio ... Domingos Monteiro Peixoto... 16 de março de 1875*. p.16

unesp

Entretanto, em 1874, já havia se instalado um concorrente. O Gabinete de Leitura, pertencente a Bernardo de Oliveira Braga, anexo a livraria de Abel Maria de Souza, que pela taxa de 3$000 réis mensais, oferecia para consulta o seu acêrvo de 4000 volumes.(93) No ano seguinte, a livraria anunciava o seu catálogo com as novas aquisições, mandadas vir do Rio de Janeiro e da Europa (pelos anúncios de jornal, sabe-se que compravam livros usados também).

A Biblioteca Pública seria reorganizada em 1883, pelo presidente da província, José Paranaguá, após período de ostracismo. Paranaguá mandou vir da Europa obras valiosíssimas, a maioria de editores franceses. Foram selecionadas e indicadas pelo Barão de Ramiz Galvão, bibliotecário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. As compras foram fiscalizadas em Paris pelo Barão de Nioac, Manuel Antônio da Rocha Freire, que ali já residia e de onde remeteu mais de mil volumes para Manaus, isentos de qualquer despesa alfandegária. Uma seção de livros sobre a Amazônia foi montada a partir de uma aquisição feita pelo livreiro B.L. Garnier. Enquanto as obras não chegavam, uma campanha de arrecadação de livros e donativos em dinheiro mobilizava a cidade em favor da composição do acêrvo da Biblioteca Provincial. Só Bento Aranha (que seria diretor da Biblioteca mais tarde) e Carlos Gavinho recolheram mais de um conto e meio de réis, em meio a muitas outras contribuições (a mais vultosa contribuição individual parece ter sido a de José Antônio Nogueira Campos, que deu um conto de réis). Muitas pessoas ofereceram livros e as repartições públicas provinciais e imperiais enviaram mapas, álbuns cartográficos, anais, etc. Mas a Biblioteca Pública teria de esperar até o século XX, para ocupar o prédio próprio que se lhe fez construir. Começado em 1904, seria concluído só em 1910, após longos anos de espera, quando chegou até a funcionar no consistório da Igreja Matriz. O seu primeiro diretor desta nova etapa, Bento Aranha, entrega-se a árdua tarefa de reorganizar o acêrvo que ficara guardado em depósitos de repartições públicas; muitas vezes em condições adversas que maltrataram livros e estantes. Quando inaugurou-se o prédio, a 5 de setembro de 1910, a Biblioteca Pública já possuía cerca de 10.000 volumes, dos quais boa parte ainda não tinha sido catalogada.(94) A Biblioteca, que durante muito tempo esteve submissa a Diretoria de Estatística e Arquivo Público, agora independente, continha o espólio do antigo Museu do Estado (órgão que, depois do Museu Botânico, geriu o que restou do patrimônio deste e mais uma valiosa coleção de moedas adquiridas do numismata Bernardo Ramos(95)). O acêrvo da Biblioteca se fez compor ao longo de todos estes anos, de todas as obras que dissessem respeito ao Amazonas, incluindo inúmeras edições estrangeiras. Ainda assim, a maioria era pertencente a literatura universal (obras completas de Rousseau, Voltaire e Racine, entre outras integrais) e da história e ciências naturais.

Como não poderia deixar de ser nas construções de importante finalidade, feitas em Manaus, a Biblioteca ganhou prédio amplo e suntuoso, digno da importância que lhe conferiu o desejo e o esforço popular, que teve seu início duas décadas atrás. A partir da primeira década do século XX, a Biblioteca Pública continuará crescendo. Somando-se a ela as sete livrarias que existiam em Manaus, juntas ofereciam ao público jornais, revistas e livros da maioria dos países europeus, dos Estados Unidos e de todo o Brasil, numa variedade e quantidade invejável.(96)

---

(93) - Braga, G. *Chão e Graça de Manaus*. Obra Citada. p. 79

(94) - Braga, G. *Nascença e Vivência da Biblioteca do Amazonas*. 2ª Ed. Manaus, Imprensa Oficial, 1989. pp. 45 - 118

(95) - A coleção de moedas de Bernardo da Silva Ramos, foi adquirida pelo Estado após autorização da lei 296, de 6 de outubro de 1899. A seção de Numismática é criada em 30 de novembro de 1900, mas sua inauguração só acontece em 24 de agosto de 1901. O Museu do Estado, foi organizado em 1895 e extinto cinco anos depois.

(96) - *Album de Manaus, 1913 - 1914*. Obra Citada

unesp

3. A Instrução Pública e o Ensino da Música

3.1 O ensino regular

O Amazonas foi a penúltima província do Império brasileiro a ser criada (a última foi o Paraná). Pedidos para sua instalação não faltaram. Há muito que a pequena comunidade das vilas e lugares amazonenses rogava por este pleito, ressentindo-se do imenso atraso a que tinha sido condenada, pelo esquecimento da Côrte. Esta só parece ter-se decidido pela emancipação do Amazonas quando resolveu garantir o vasto patrimônio territorial sobre o qual ainda pairavam várias questões de limites. Avizinhava-se o progresso que outras nações empreendiam. Fazia-se necessário e urgente que um aparelho burocrático se instalasse no Amazonas, para a demarcação de terras, o consequente povoamento e a fiscalização dos bens e pessoas em trânsito. É possível que a emancipação amazonense tenha sido até um alívio para a Província do Pará, sobre quem recaía a responsabilidade de resguardar tantas terras e promover a educação em localidades tão distantes da capital Belém. Alguns episódios, como a Cabanagem, parecem ter decidido a favor da instalação da Província do Amazonas, uma vez que o controle militar e o poder de polícia haviam se mostrado frágeis e ineficientes, para a manutenção da ordem imperial. Além disso, a fragmentação do território nacional em províncias, com núcleos mais ou menos autônomos, era a possibilidade de progresso para muitas localidades. Para algumas, a única benesse que a Côrte lhes concedera. Certamente, para a população da Barra, a instalação da Província do Amazonas representou esta chance de desenvolvimento, ainda que com muitas décadas de atraso em relação ao resto do país

De fato, quando a Província do Amazonas se instalou, a tal aparelhagem burocrática se estabeleceu na sua atividade fiscalizadora e mantenedora.(1) Entretanto, um dos primeiros atos do presidente João Batista Figueiredo Tenreiro Aranha(2), foi o de regulamentar o ensino primário da nova província. É que, embora o Brasil ainda fosse uma monarquia, muitos de seus homens públicos já tinham sido bafejados pelo ideal iluminista e pelas doutrinas libertárias do século XIX, que parecem ter encontrado grande receptividade no norte e no nordeste do país, mais distantes do poder imperial.

O Regulamento nº1 da Instrução Pública, de 8 de março de 1852, é a primeira de uma série de medidas tomadas pelo governo provincial para modificar a situação de abandono a que o ensino público estava entregue. Antes desta data, só umas poucas escolas de primeiras letras haviam funcionado. José Ricardo Pires de Almeida, na sua obra de 1889 sobre a instrução pública brasileira, afirma que em 1840, apenas a vila de Ega (hoje a cidade de Tefé), no futuro território da Província do Amazonas, possuía escola primária mantida pelo governo paraense.(3) O relato feito em 1852 (data em que terminou de escrever) pelo poeta Gonçalves Dias ao Imperador, sobre as condições do ensino público nas províncias do Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Pernambuco e Bahia, quando encarregado oficialmente de tais inspetorias, atesta a existência de um Seminário no Rio Negro, feito à custa de uma subscrição promovida pelo próprio Bispo do Pará, D. José Afonso de Morais Torres, que arrecadara 5:314$660 réis.(4)

---

(1) - O inspetror Geral de Medição de Terras Públicas da Província do Amazonas era o Conde Florestan Rozwadovsky. Seu nome aparece no jornal local entre 1854 e 1856, quando sofreu atentado a faca pelo cidadão prussiano Gustav Adolph Bloch. Em 1860, é possível que ta estivesse no Rio de Janeiro, onde se deu a estreia da ópera composta por sua esposa *"Dois Amores"*(1861)

(2) - Tenreiro Aranha (1798-1862), foi deputado no Pará (1840-49) e o primeiro presidente da Província do Amazonas. Era filho do poeta amazonense Bento Aranha e pai de outro Bento Aranha, o jornalista, educador e abolicionista.

(3) - Almeida, J.R.P de *Historia da Instrução Pública no Brasil (1500-1889): história e legislação* Trad. Antonio Chizzotti. São Paulo. INEP - PUC/SP, 1989. p.74

(4) - Idem, anexos. p.341

unesp

Era este Seminário o da cidade da Barra, aberto a 14 de março de 1848. Nele, aprendia-se Latim, Francês e Música, com a aplicação de Canto. O reitor do Seminário nos primeiros tempos foi o padre Torquato Antônio de Souza, que retirar-se-ía para Vila Bela da Imperatriz em 1852, por força de sua nomeação ocorrida a 12 de janeiro deste mesmo ano, para lecionar primeiras letras e música vocal. O professor de Música do Seminário, antes de 1852, tanto pode ter sido ele quanto o padre Romualdo Gonçalves de Azevedo, que o substituiu na reitoria do Seminário e passaria a ser seu único professor.(5)

Mas estas não teriam sido nem as únicas e nem as primeiras escolas do Amazonas. A vila de Barcelos, antiga capital do Rio Negro, deve ter possuído uma escola de primeiras letras. Ao menos é o que confirma a Carta Régia de 22 de fevereiro de 1800(6). Em 1823, quando da proclamação solene, no Lugar da Barra, da Independência do Brasil, a Junta Governativa (instalada em 23 de novembro daquele ano) criou uma outra escola primária na vila de Moura. Em 1827, além destas, já havia uma outra na Barra. Em 1845 já se dava registro de mais outra, existente na Freguesia de Na Sa do Carmo de Tupinambarana (depois Vila Bela da Imperatriz e hoje Parintins). Cadeiras de ensino primário haviam sido criadas para as Freguesias de Santana de Saracás (Silves) e Na. Sa. do Rosário de Serpa (Itacoatiara), à mesma época, mas com preenchimento provisório.

Nenhuma destas escolas aparece no levantamento feito por Gonçalves Dias e nem naquele de Pires de Almeida. Mas a explicação é simples. Tanto um quanto outro limitaram-se a reproduzir os dados referentes a esta Comarca retirados da Diretoria da Instrução Pública em Belém, sede da Provincia do Pará, que abrangia o Amazonas até 1852. Possivelmente o fizeram assim por se encontrarem impedidos à época de adentrar o Amazonas. Isto reforça a idéia de que estas escolas teriam sido criadas e mantidas por uma ou mais Câmaras Municipais, interessadas em oferecer instrução aos poucos moradores daqueles lugares. Entretanto, uma ressalva no relatório de Gonçalves Dias pode servir de precaução quanto ao funcionamento regular destes estabelecimentos: o preenchimento das vagas de professor no interior das províncias era questão por vezes difícil de ser resolvida, em parte pela dificuldade em arranjar pessoal qualificado para função, por outra, quando se arranjava, o difícil era sua manutenção no posto. A maioria dos indivíduos habilitados, mas designados para lugares ermos, desistia, muitas vezes antes de tomar posse do cargo, amedrontados pelas sezões e por outras tantas moléstias. Desta forma, o preenchimento era feito na melhor das hipóteses, com padres das paróquias próximas, em situação provisória que nem sempre estava à mão. Noutras vezes, não havendo remédio, recorria-se ao que estava disponível, não raro alguem de pouco preparo. Posteriormente, no primeiro regulamento provincial amazonense sobre a instrução pública, ficou proibido o ensino de primeiras letras em escolas públicas ou particulares, sem a permissão do chefe de governo e sem que se habilitasse pelo tempo necessário para ser examinado na escola da capital(7). Ficou também estabelecido o ensino simultâneo, como método a ser adotado em todas as escolas.(8)

O currículo inicial das escolas primárias previa, além das primeiras letras, a educação física e moral, caligrafia, doutrina cristã, numerações e primeiras regras de aritmética, estudo de gramática portuguesa, noções de geometria aplicada às artes, história natural, história sagrada, história do Brasil e Geografia. O ensino do sexo feminino, era pouca coisa diferente, fazendo-se incluir as prendas domésticas.(9)

---

(5) - Uchôa, J.B. *Flagrantes educacionais do Amazonas de ontem*. Manaus, Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1966, p. 24.

(6) - Idem, p.16.

(7) - Idem, p.33. O candidato ao cargo de professor era examinado por uma banca na capital e, se aprovado, entraria interinamente no cargo onde deveria permanecer 3 anos para obter provisão vitalícia, desde que desse provas de moralidade, assiduidade e aptidão profissional.

(8) - Idem, p.25. Possivelmente antes se aplicasse o ensino mútuo.

(9) - Idem.

unesp

É importante salientar que uma escola do sexo feminino foi criada na Barra ainda em 1849(10), numa época em que eram pouquíssimas as instituições femininas no Brasil. Em 1840, havia apenas um escola para o sexo feminino no Pará (em Belém) e o número delas não chegava a 60, se somarmos todas as outras províncias (57 para ser exato), excetuando-se a cidade do Rio de Janeiro.(11) Este número é até mesmo irrisório se for levado em conta que a Bahia, nesta mesma época, possuía apenas 7 escolas primárias destinadas ao sexo feminino e 125 outras destinadas ao sexo masculino.(12)

O fato de existir esta escola primária feminina na Barra antes mesmo da instalação da provínia amazonense, revela antes de mais nada consideração pela condição feminina (logo a seguir, em 1854, outra seria criada em Ega), coisa rara àquela época, e ainda mais se for observado que em províncias como o Piauí e o Alagoas não mantinham uma escola sequer, destinada ao sexo feminino.(13) Isto geralmente só acontecia em províncias mais populosas e onde o número de escolas primárias já havia atingido uma quantidade razoável. Na verdade a nova província tinha pressa em recuperar o tempo em que ficara relegada ao ostracismo. Criara de imediato uma cadeira de francês, preenchida por Eugéne Japiot, um bacharel formado em Universidade francesa, e outra de Aritmética, Álgebra e Geometria, preenchida por Hilário Antunes Gurjão.(14)

Como a intenção parecia ser a de proporcionar desde logo uma instrução humanística aos habitantes, foi criada em 1854, na capital, outra cadeira, de Filosofia Racional e Moral(15). Ao mesmo tempo que outras onze escolas eram criadas no interior do Amazonas, o ensino particular já despontava, mantido por padres em Silves, Borba e na Barra, com ensino de latim, primeiras letras e música.(16) Havia um outro estabelecimento em Ega, mantido pelo cidadão italiano Julião(sic) Sabattini. (17)

Em 1857, as 20 escolas primárias da rede pública provincial contabilizavam 464 alunos, dentre homens e mulheres(18). Entretanto, a frequência de matrículas deste ano havia sido menor do que no ano anterior (549 alunos) e seria menor ainda em 1858. Esta evasão escolar ensejou a criação de uma inspetoria escolar e a encomenda de um relatório a Gonçalves Dias, sobre a situação do ensino na Província do Amazonas àquela altura, nos moldes daquele que entregara anos antes ao Imperador, sobre a instrução em algumas províncias do Norte e Nordeste. Em seu relatório, Gonçalves Dias encontrou problemas comuns a outras províncias brasileiras, como o fato de a instrução primária não ser obrigatória. Mas algumas peculiaridades locais foram detectadas, dentre elas o abandono escolar durante os meses de vazante dos rios, época em que o alimento escasseia e a contribuição de todos se faz necessária para o sustento da família.(19) Outro velho problema era o do provimento das cadeiras, que em muitos casos, por falta de pessoal habilitado deixava de ser feito. O Amazonas entrara na década de 1860 com 25 escolas criadas, sendo 6 delas para o sexo feminino, mas apenas 14 estavam providas (só 2 do sexo feminino) e mesmo assim só 2 professores eram vitalícios.(20)

---

(10) - Uchôa, J.B. *Flagrantes Educacionais do Amazonas de Ontem* Obra Citada. p. 28

(11) - Almeida, J.R.P. *História da Instrução Pública no Brasil*... Obra Citada. pp. 66-79

(12) - Idem. pp. 67-69

(13) - Idem. pp. 66 e 74

(14) - Hilário Antunes Gurjão, irmão mais velho do compositor paraense Henrique Eulálio Gurjão, era tenente do exército quando veio servir na nova provincia. Foi deputado na Assembleia Provincial, junto com outros militares e professores da rede pública

(15) - Uchôa, J.B. *Flagrantes*... Obra Citada, p. 31

(16) - As classes de musica tinham 23 alunos, 18 deles na Barra. *Estrella do Amazonas*, 24 de janeiro de 1855

(17) - Idem. p.32

(18) - Idem. p.34

(19) - Idem. pp. 49-52. Este problema , tinha tambem a muitos professores. Gonçalves Dias verificou que em muitas localidades os professores estavam com seus salarios em atraso. Tendo que se dedicar a outras tarefas para poder se sustentar, descuidavam assim dos trabalhos escolares, o que prejudicou sensivelmente a regularidade de muitas escolas

(20) - Idem. p.36

Também no Seminário de São José (da Barra do Rio Negro) a frequência havia caído de 22 alunos na época de sua fundação, para 7 em 1852.(21) Em 1859, só 6 alunos no Seminário estudavam música e primeiras letras.(22)

Das soluções encontradas, algumas pretendiam um efeito imediato, como a criação das inspetorias e de estabelecimentos pios. Entretanto, outras precisaram de mais tempo para corrigir os problemas. Uma série de regulamentos e medidas, a partir de então, reformariam o ensino de maneira a que se tornasse eficaz na formação do indivíduo.(23) De imediato, separou-se o Liceu do Seminário, onde funcionava precariamente. Por volta de 1877, o Liceu já funcionava em prédio próprio e possuía um bom currículo nitidamente voltado à formação humanística, que incluía Latim, Francês, Inglês, Gramática e Literatura Nacional, Álgebra, Aritmética, Geografia, História Universal, Filosofia Moral e Racional, Gramática Filosófica, Pedagogia e Escrituração Mercantil.(24) Diante disso, em 1879 começaram a ser feitos exames de preparatórios na Província.(25) A boa desenvoltura do Liceu, abriu perspectivas para a instalação de uma Escola Normal. De início ela era um anexo do Liceu, de onde logo se desmenbraria. Em 4 de novembro de 1880, através da lei provincial de nº 506, e regulamentada em 14 de dezembro do ano seguinte, ficou oficialmente criada. O Artigo 64 deste regulamento, definia bem o seu papel (igual ao de muitas outras no País): formar professores primários para as escolas da Província, através de curso teórico e prático. A princípio havia apenas 9 matérias e a Música já era uma delas, sendo aplicada no 1º e 3º ano.

Ainda em 1871, um plano de premiações foi criado pelo Diretor da Instrução Pública, Gustavo Adolpho Ramos Ferreira, com intuito de estimular a permanência e a produtividade do aluno na sala de aula. Ao melhor aluno de cada uma das 8 escolas de ensino primário, era concedida uma bolsa de estudos que incluía alojamento separado, alimentação, vestuário e livros, durante 5 anos. Os alunos do Liceu concorriam a outra bolsa de estudos. Esta, premiava 2 deles a cada 5 anos, concedendo-lhes 100$000 réis mensais durante 6 anos, para estudar em qualquer parte do Brasil ou do exterior (inclusive as despesas de traslado)(26). Aprovado o projeto, os resultados começaram a aparecer bem rápido, de modo que pelo grande número de bolsistas a partir daí, é possível que as regras possam ter mudado para favorecer um número maior de estudantes. Em 1875, o orçamento provincial já previa despesa com 8 contemplados que faziam curso superior em diversas partes do Império e no Exterior.(27) Dentre eles, surge o nome de um tal José Antônio Rodrigues Pará, *"para aplicar-se em pintura na Itália"*(28), sobre quem não se tem mais nenhuma informação. Um dos primeiros estudantes que parece ter se beneficiado do ensejo provincial de formar bons valores é Frederico José de Santanna Nery, o futuro Barão de Santana Nery. Um ofício de nº 137, datado de 1º de julho de 1870, garantia a subvenção de seus estudos em Roma, onde se doutorou em Direito.(29) Há certa dificuldade para se saber quais os estudos a que estes bolsistas se aplicaram, fora da província. A maioria das fontes relaciona seus nomes, mas omite o lugar e a instituição para onde foram.(30)

(21) - *Falla do Presidente da Provincia a Assembléia Provincial, em 5 de setembro de 1852... Herculano Ferreira Penna*. p.15 e 16

(22) - *Falla do Presidente da Provincia a Assembléia Provincial, em 3 de maio de 1859... Francisco José Furtado*. p.7

(23) - Embora o ensino secundário já existisse, sendo aplicado no Seminário, onde em 1859 havia 8 materias (Filosofia, Retorica, Musica, Gramática, Latim, Francês, Geografia, Aritmetica), a evasão escolar e a falta de professores fez com que, em 1866, apenas 4 delas (as últimas citadas) permanecessem no curriculo, o que agravaria a crise na instrução pública.

(24) - Uchôa, J.B. *Flagrantes...* Obra Citada. p. 97

(25) - Os exames haviam sido criados por um decreto imperial, em 2 de outubro de 1873, mas só em 1879 foram executados no Amazonas

(26) - *Relatorio do Bel. Jose Miranda da Silva Reis... 25 de março de 1871*. Anexos

(27) - *Relatorio do Inspetor do Thesouro Público Provicial, Thomaz Luis Simpson... 27 de fevereiro de 1875*

(28) - Idem

(29) - *Relatorio da Tesouraria da Fazenda Provincial...1870*

(30) - As instituições de nível superior do Império, mais procuradas pelos estudantes amazonenses, até o final do século, foram: A Faculdade de Direito do Recife, a Faculdade de Medicina da Bahia e os cursos de engenharia da Academia Militar do Rio de Janeiro.

unesp

O resultado foi bastante satisfatório e a procura pelas escolas aumentaria ainda na década de 1870, sendo feita em especial pelo sexo feminino:

ANO	N. ALUNOS	N. ALUNAS	TOTAL
1874	950	257	1207
1875	861	256	1117
1876	1042	313	1281
1877	887	394	1281
1878	760	266	1026

(31)

Em 1887, 22 alunos de escolas primárias da Província estavam amparados por bolsas de estudo, que lhes garantia completamente o ingresso no curso secundário e mesmo a sua conclusão.(32)

Os resultados do investimento na instrução pública neste final de período imperial foram bastante animadores para a Província do Amazonas, com a proporção de alunos em relação à população de 4,3%, a maior taxa dentre todas as outras províncias do Império.(33) Para tal feito, o Amazonas, apesar de ter a menor população do País, conseguiu ocupar a 8ª colocação, dentre todas as províncias, em investimentos na educação.(34) Não só o número de escolas aumentou, como o seu currículo ficou mais farto e o corpo docente mais qualificado.(35)

Em 1889 já havia 124 escolas públicas primárias em toda Província, 23 na capital, sendo 4 delas noturnas e 7 mistas. Havia ainda outras 5 escolas mistas, dentre os 11 colégios particulares com curso primário e secundário(36). Até o Seminário de São José reabilitar-se-ía após negro período. Em 1888 mantinha 88 alunos nos cursos primário e secundário(37). O ensino do Amazonas achava-se, então, dividido em 5 categorias: o primário, o secundário (Liceu), o Normal, o Médio-Profissional, no Instituto Amazonense, antigo Estabelecimento de Educandos Artífices, sobre os quais falar-se-á em breve, e o Científico, que deveria ser aplicado no Museu Botânico, conforme Lei nº 651, de 11 de junho de 1884, mas que nunca chegou a ter funcionamento regular.(38)

(31) - *Falla... do Barão de Maracajú... 29 de março de 1879*. p. 24

(32) - *Exposição... Francisco Antônio Pimenta Bueno... 12 de junho de 1888*. p. 8

(33) - Almeida, J.R.P. *História...* Obra Citada. p. 278. Nenhuma outra Provincia terá uma proporção tão elevada de estudantes em relação à população, exceção feita ao Municipio Neutro (Rio de Janeiro), sede da Côrte Imperial onde se concentrava a grande maioria das escolas e cursos superiores do Brasil. Eram 93 escolas públicas primárias, 67 particulares, 53 subvencionadas, sendo 7 noturnas, 23 noturnas não subvencionadas, 6 pertencentes a Sociedade Promotora da Instrução, 16 pertencentes a diferentes nações, e outras 40, que incluiam os 5 Liceus, a Escola Normal, as Escolas de Aprendizes, o Colégio Naval, a Politecnica, a Escola Militar, a da Marinha, um instituto de jovens cegos e outro de surdos-mudos, a Academia de Bela-Artes, A Faculdade de Medicina, o Colegio "Pedro II" e aquelas ministradas por religiosos, como os Seminarios e os Asilos.

(34) - Almeida, J.R.P. *História...* Obra Citada. Anexos da página 292. Um quadro comparativo das rendas aplicadas na instrução pública por cada Provincia, mostram que o Amazonas saltou da 18ª posição em 1875/76, para a 8ª colocação em 1889, permanecendo atrás do Rio de Janeiro (incluindo o Municipio), Minas Gerais, que tinha a maior população, São Paulo, a terceira maior população, Pernambuco, possuidora de uma das 2 Faculdades de Direito existentes no País (a outra ficava em São Paulo), a Bahia, com a Faculdade de Medicina e o Curso de Farmacia (Bahia e Pernambuco eram a 2ª e 4ª provincias mais populosas), o Rio Grande do Sul e o Pará, ambos com população cinco ou seis vezes superior ao Amazonas, que era a mais despovoada de todas as Provincias.

(35) - O quadro de materias e professores do Liceu Amazonense em 1889 era o seguinte: Português (Dr. João Machado de Aguiar e Melo), Inglês (Antônio Augusto Alves), História (Pe. Dr. Israel Freire da Silva), Geometria, (Dr. Pedro Aires Marinho), Geografia (José Augusto Rodrigues de Andrade), Latim (Pe. Bruno da Silva Figueiredo), Filosofia (Dr. Júlio Mário de Sousa Freire), Francês (Dr. Jônatas de Freitas Pedrosa), Matematica (Dr. Antônio Dias dos Santos), Retórica (Dr. Aprigio Martins de Menezes).
A composição da Escola Normal a mesma data era: Português (Dr. Augusto Luis de Vasconcelos), Aritmetica e Geometria (Carlos Pereira de Pinho), Pedagogia (Dr. José Mateus de Aguiar Cardoso), Francês (Dr. Manoel de Miranda Leão), Ciências Fisicas e Naturais (Francisco Antônio Monteiro), Geografia e Historia (Dr. Domingos Teófilo de Carvalho Leal), Desenho (Dr. Lauro Batista Bitancourt), Musica (Adelelmo Francisco do Nscimento), Caligrafia (Carlos da Silva Pereira), Prendas Domesticas (Maria Luiza de Amorim Antony). Esta última materia, obviamente destinava-se apenas ao sexo feminino. Ver: Uchôa, J.B. *Flagrantes...* Ob. Cit. p. 188.

(36) - Idem, pp. 277 e 278.

(37) - *Relatorio ... Joaquim Cardoso de Almeida... 5 de setembro de 1888*. O curriculo do curso primario do Seminario São José, era bastante bom, contando com 7 materias: Leitura, Caligrafia, Elementos da Gramatica Portuguesa, Resumos de Historia Patria, Noções de Geografia Espacial do Brasil, Elementos de Aritmetica e Religião. A instrução secundaria havia melhorado sobremaneira, com um quadro de 14 materias: Português, Francês, Inglês, Alemão, Latim, História Universal e do Brasil, Matemáticas (sic), Geografia Fisica, Filosofia, Desenho, Musica, Religião e Civilidade.

(38) - Uchôa, J.B. *Flagrantes*...Obra Citada. p. 148.

unesp

Com a chegada da República, algumas modificações tiveram lugar. A primeira, de grande repercussão, será a extinção do ensino religioso de todas as escolas do Estado.(39) Em seguida, o Liceu Amazonense, a exemplo de outros tantos liceus do País, é substituído pelo Gymnasio Amazonense. Este tomou vida a 13 de outubro de 1893, pelo Decreto de número 34 desta mesma data e ganhou equiparação ao Gymnasio Nacional através do Decreto do Governo Federal de nº 1778, de 23 de agôsto de 1894. No Gymansio Amazonense houve um processo de elaboração curricular, com vistas a suprir a falta de ensino científico que deveria ter sido ministrado pela Escola do Museu Botânico(40). Ainda sob esta idéia, foi montado um laboratório para experiências físico-químicas, correspondente às aulas práticas de algumas matérias.(41) A organização de uma biblioteca particular da instituição de ensino secundário foi finalmente levada a cabo(42).

Algumas mudanças não tiveram êxito. Quando da extinção do Liceu, em 1890, criou-se à mesma data um Instituto Normal Superior. Entretanto os relatórios de chefe de governo de datas posteriores, não se referem a ele. É possível que nestes primeiros tempos de República houvesse intenção de suprimir, além do Liceu, também o antigo curso da Escola Normal, para que ambos os colégios se juntassem num só. Ainda que nada de concreto tenha aparecido para provar tal argumento, vale lembrar que 3 anos separam a extinção do Liceu da criação do Gymnasio, e que a data da extinção do Liceu corresponde a da criação do Instituto Normal Superior. Outro ponto que pode causar alguma confusão é o que diz respeito a alguns organogramas de repartições, como aquele feito no ano de 1899, que não incluem registros de funcionamento da Escola Normal.(43) Mas ela certamente existia: um relatório da Diretoria da Instrução Pública de 30 de maio de 1899, mostrando a divisão do ensino público, revela que o Curso Normal não só existia, como era um dos mais procurados(44). E não só isso. A Lei nº 264 de 2 de setembro deste mesmo ano, autorizou a sua reforma. O problema parece ter resolução, caso se observe que a Escola Normal, a esta época, não possuíndo prédio próprio, ocupava as dependências do Gymnasio Amazonense, dividindo horários, salas (inclusive o laboratório e a biblioteca) e alguns professores, o que por isso mesmo lhe tenha valido o nome de Curso Normal.(45) Situação semelhante se passou com a Escola Modêlo, criada em 1895 com o nome de "Eduardo Ribeiro", que nem sempre aparece nos relatórios governamentais, como aquele citado anteriormente. Mas existia, e com bom funcionamento, exibindo currículo semelhante ao do curso secundário e Curso Normal.(46)

---

(39) - Decreto nº 24, de 25 de janeiro de 1890.

(40) - O ensino científico foi previsto na lei de criação do Museu Botânico, de nº 629, de 18 de junho de 1883.

(41) - *Relatório... Silvério Nery... 1902*. Mostra que o laboratório era comum aos alunos do curso secundário e do especializante.

(42) - Uma relação dos livros que compunham a biblioteca do Gymnasio Amazonense, revela um modesto, porém valoroso acérvo, com cerca de 610 títulos. Metade deles era sobre História, Sociologia, Etnografia, Música, Artes Plásticas , especialmente Pintura e Escultura, e humanidades em geral. Os livros estrangeiros (mormente franceses), representavam metade do acérvo. Para tr conhecimento da lista completa ver: *Relatorio da Diretoria de Instrução Pública, apresentado ao Major Pedro Freire, Secretario dos Negócios do Interior, por Francisco Antônio Monteiro, em 30 de maio de 1899*. Manaus, Imprensa Oficial, 1899, Anexos.

(43) - *Relatório... Pedro Freire... 1900*. Obra Citada. Folha de Pagamento do Estado, distribuida por repartição.

(44) - *Relatório... Francisco Antônio Monteiro... 30 de maio de 1899*. p. 267. O Resumo da matrícula no ensino público, no ano de 1899, registra 73 inscritos para o Curso Normal, 31 para o Gymnasio Amazonense, 15 no Curso Comercial,3912 nas escolas primarias, 100 no Instituto "Benjamin Constant", 125 na Academia de Bellas Artes, 35 no Asilo Orfanológico de artífices lavradores, em Tefe e outros 300 em escolas particulares do Amazonas, não aparecendo qualquer instituição sob o nome de Escola Modêlo.

(45) - Em 1902 o Curso Normal é desmembrado do Gymnasio Amazonense para que se torne novamente Escola Normal. No Gymnasio seria ministrado o curso secundário com as seguintes materias: Português, Francês, Inglês, Alemão, Latim, Grego, Matemática, Astronomia e Mecânica, Noções de Física, Química e História Natural, Lógica, Geografia e Corografia, História, Literatura, Desenho e Caligrafia, Taquigrafia e Ginástica. A duração do ensino secundário seria de 6 anos e o curso da Escola Normal tinha sua conclusão em 4 anos. Na Escola Normal, mulheres frequentavam às segundas, quartas e sextas feiras pela manhã, de 8 às 12 horas e os homens às terças, quintas e sábados, das 2 às 5 horas da tarde. Embora houvesse tal divisão, apenas uma materia não lhes era semelhante, as Prendas Domésticas. De resto o currículo era absolutamente igual: Português, Francês, Matemática Elementar, História, Geografia, Corografia, Noções de Física, Química e História Natural, Desenho e Caligrafia. Ver *Mensagem... Silvério Nery... 10/07/1902*.

(46) - O Currículo da Escola Modêlo: Português, Alemão, Francês, Inglês, Geografia e História, Matemática Elementar, Física, Química e História Natural, Instruções Práticas sobre Comércio, Agricultura e Indústria. Ver obra citada acima.

unesp

Apesar disso, pela composição das matérias, a Escola Modêlo parecia destinada a formar uma classe profissional, apta para trabalhar na praça comercial de Manaus e mesmo na administração de negócios individuais. Posteriormente, uma Escola Complementar Mixta teve a incumbência de preparar uma classe de trabalhadores destinados às funções burocráticas, administrativas e contábeis. A Escola de Comércio, também com vistas ao mercado de profissões da capital, preparava indivíduos para muitas das funções já mencionadas. A aparente confusão do Poder Público neste início de período republicano, no que diz respeito ao papel do Estado na formação do indivíduo, com supressões, alterações e criações de matérias e cursos, sua transformação em colégios autônomos por vezes, e em noutras, subordinados a uma segunda instituição, não é diferente daquela já verificada anteriormente neste trabalho, quando se falou da distribuição de concessões de serviços públicos para serem geridos por particulares, a sucessiva encampação deles pelo Estado e o posterior retorno de tais atividades à iniciativa privada. Em ambas as situações o Estado executou todas estas mudanças num prazo bem curto, menos de 20 anos. Nas duas situações percebe-se claramente a tentativa do Estado em definir sua atuação, os limites de sua competência em administrar direta ou indiretamente bens e serviços públicos, e, no caso da instrução pública, a preocupação em proporcionar a formação adequada ao indivíduo, se com escolas e cursos de um tipo ou de outro. São, certamente, dúvidas que se impuseram pela nova mentalidade que se instalara.

Resta agora que se fale aqui, como o ensino da música era visto pelos governantes e em que circunstâncias tal matéria foi lecionada. Para tanto, há de se começar desde o período imperial e a consequente fase republicana.

Nas linhas seguintes falar-se-á somente da inclusão de tal disciplina no currículo das escolas de ensino regular, ou seja, aquelas de curso primário e secundário, e da Escola Normal. Somente em seguida, com o destaque devido, é que se tratará do ensino da música em escolas profissionalizantes, a saber, o Estabelecimento dos Educandos Artífices, o Instituto Amazonense que lhe deu sequência, e a Academia de Belas Artes, porque nelas esta atividade teve orientação e objetivos diferentes. O ensino da música no Seminário de São José é considerado aqui neste capítulo, pois este colégio aplicava instrução primária e secundária.

E será pelo Seminário de São José que se dará início. Lá a Música existe desde a sua fundação em 1848, como já se viu momentos atrás, sendo lecionada nos primeiros tempos, ou pelo padre Romualdo Gonçalves de Azevedo, que permaneceria sozinho à frente da instituição assumindo todas as cadeiras, inclusive a de Música, ou pelo padre Torquato Antônio de Souza, que retirou-se do colégio em 1852 para assumir a cadeira de primeiras letras na Vila Bela da Imperatriz. Que o padre Romualdo ensinava música em 1852, assim como as outras matérias, isto é certo. Entretanto, em 1854, um expediente provincial autorizava a despesa de 1:200$000 réis com o Seminário, para compra de instrumentos de música, compêndios (que poderiam não ser necessariamente de música), papéis para os alunos mais pobres, prêmios para os alunos que mais se distinguissem, dentre a subvenção que a província fazia chegar aos 12 alunos da instituição e o *"professor de Gramática Latina e Retórica"*.(47) Ao que parece, o professor das duas disciplinas mencionadas não era mais o mesmo que ensinava música, visto que ainda nessa época só estas matérias subsistiam. A Província havia contratado um professor de música vocal e instrumental. Era Gaspar José de Matos Ferreira de Lucena, que teve provimento a 22 de julho de 1854.(48)

(47) - *Estrella do Amazonas*, 28 de outubro de 1854

(48) - *Quadro Demonstrativo dos Professores publicos da Provincia*. 1854

Gaspar de Lucena deve ter sido este professor do Seminário. Uma ressalva no citado quadro de professores, diz que fora ele, *"os outros ensinam no Seminário Episcopal"*(49) É possível que ele também atendesse em casa, mas a aula pública que aplicava tinha lugar numa sala da casa da Administração da Fazenda Provincial, onde antes já estivera funcionando uma escola de primeiras letras.(50) Ainda que não se saiba o horário em que o professor atendia, um anúncio de jornal informa que a partir das 8 horas da manhã do dia 24 (de julho de 1854, dois dias após sua nomeação), ele já se encontrava à disposição do público.(51) Seus vencimentos eram de 400$000 réis anuais e mais uma gratificação de 16$000 réis mensais caso a escola fosse frequentada por mais de 6 alunos(52). O orçamento provincial do ano seguinte, 1855, garantia-lhe 592$000 réis entre ordenado e gratificação(53). Nada mais se sabe até o momento sobre Gaspar de Lucena ou de suas atividades. De sua autoria resta um soneto que foi publicado no jornal *"Estrella do Amazonas"*, em 6 de fevereiro de 1855, que é a última informação que se tem dele:

"Soneto dedicado ao Exmo. Sr. Conselheiro Herculano Ferreira Penna, Presidente da Província do Amazonas, pelo professor de Música Gaspar José de Mattos Ferreira de Lucena.

Amazonense gentil, dos rios gigante,
E deles o maior do mundo inteiro
Tu causas admiração ao estrangeiro
E enches de prazer ao viajante

Agora ofereces mais brilhante
Um futuro feliz e lisonjeiro
Por que hoje um distinto brasileiro
Dirige teus destinos sabiamente

É o excelentíssimo Penna, nobre e honrado,
Que pelo sábio Governo já tem sido
Em eminentes lugares empregado

Desempenha-los com honra tem sabido
E em todos os seus atos tem mostrado
Possuir amor da Pátria mui subido (54)

Logo a 28 de agosto de 1855, um outro professor de música seria nomeado para a municipalidade. Seu nome era Francisco da Silva Galvão, contratado para dar 3 lições por semana no Seminário Episcopal, além de ser obrigado a ensinar em casa.(55) Seus vencimentos parecem ter sido menores que o do antecessor.(56)

---

(49) - *Quadro Demonstrativo dos Professores da Provincia*. 1854

(50) - *Estrella do Amazonas*, 22 de julho de 1854

(51) - Idem

(52) - *Resolução Provincial nº 33*,, de 27 de setembro de 1854

(53) - *Lei nº 40 [orçmentaria]*,de 30 de setembro de 1855. Publicada no *Estrella do Amazonas* em 28 de outubro de 1855. O orçamento da Provincia previa ainda o pagamento de 1:800$000 reis de vencimentos para os outros quatro professores (450$000 para cada ?)

(54) - Herculano Ferreira Penna foi presidente de 8 provincias brasileiras: Espirito Santo em 1846, Para em 1846/47, Pernambuco em 1848 Maranhão em 1849, Amazonas em 1852, Minas Gerais em 1856?57, Bahia em 1859 e Mato Grosso em 1862/63

(55) - *Falla ... Angelo Tomaz do Amaral... 1º de outubro de 1857*. Anexo 2, p. 3

(56) - *Lei nº 81*, de 9 de janeiro de 1858 manda pagar 600$000 reis de ordenado e gartificações *".. aos professores de música vocal e instrumental, na forma da Lei nº 67 de 2 de setembro de 1856"*. O outro professor a que se refere a lei e o Padre Torquato Antônio de de Souza, em Vila Bela da Imperatriz

Com a lei nº 67 de 2 de setembro de 1858, a Música passava a ser oficialmente um das matérias do curso secundário e como este era lecionado no Seminário, o professor competente devia ser Francisco da Silva Galvão. A situação só se modificou quando Liceu e Seminário foram separados e passaram a funcionar como duas instituições diferentes. Com a reforma proposta pelo Regulamento nº 16 de 4 de agosto de 1865, da Instrução Pública, a disciplina musical sai do currículo do ensino secundário, junto com outras três: Retórica, Álgebra e Geometria, e Latim.(57) Entretanto, além da Música, uma outra cadeira, de Canto Gregoriano, havia sido criada no Seminário, existindo desde 1860 pelo menos(58). Quanto tempo ela durou não se pode dizer até o momento, mas quando um novo currículo para o Seminário foi divulgado, em 1870, constava uma aula de Música Vocal (Canto Gregoriano ?), ministrada pelo então reitor da escola, o Padre Frederico Catani.(59) Seus vencimentos eram de 1:400$000 réis, pagos pelos cofres gerais que lhe remuneravam 1 conto de réis, e pelos cofres provinciais que davam o restante.(60)

O ensino da Música não reapareceu mais no curso primário até a reforma feita pela lei nº 79 de 24 de maio de 1882, mas que só terá sido posta em prática no ano seguinte, pelo Regulamento nº 47, de 28 de março de 1883. Além de assegurar a disciplina musical nas escolas de primeiras letras, estas agora com um extenso currículo(61), garantiu também a qualidade da formação de futuros mestres, ao estabelecer e consolidar a Escola Normal, que ganharia excelente quadro de matérias e professores, com base no mesmo regulamento auspicioso.(62) De forma que a 14 de julho de 1883, Adelelmo do Nascimento é nomeado professor de música da Escola Normal, permanecendo a serviço da instrução pública até 1897, ano em que se aposentou. Quando no período republicano o Curso Normal se achava transcorrendo no prédio do Gymnasio Amazonense, quase que se confundindo com ele, Adelelmo assumiria as funções ginasianas também.(63) Nestas duas últimas décadas do século XIX, este grande violinista baiano terá ocupado, e por vezes acumulado, todas as cadeiras públicas de ensino da música no Amazonas, exceção feita ao Seminário São José, e mesmo assim porque não se tem provas concretas de quem terá sido o professor de tal disciplina após a retirada do padre Frederico Cattani, em 1875. Mas, pelo menos até 1882, Adelelmo não foi. Ele só chegou a Manaus neste ano(64). A sua obra de pedagôgo musical foi importantíssima, haja visto que além do ensino público esteve a militar também no ensino particular(65). Para tanto, dispôs-se a escrever um tratado de aprendizagem que denominou de *"Compêndio de Música elementar"*, que o governo do Estado do Amazonas fez editar em 1904. Ainda que a edição seja póstuma, isto não quer dizer que o seu conteúdo não venha a condizer com o método empregado pelo seu autor quando lecionava. Pode-se até concluir mais. Ele o fez ao longo do magistério que exerceu e o seu interesse em uma obra pronta e acabada, de sua lavra, para tais funções instrutivas, tem por fim prover o ensino público da Música. Primeiro, preparando os normalistas para a futura profissão e segundo, providenciando-lhes uma cartilha para que preparassem estes os seus discípulos, no ensino primário. A simultaneidade com que ensino primário e Normal foram agraciados com a disciplina musical em seus currículos, pela reforma de 1882/3, é uma das muitas evidências de que o poder governamental tinha apreço especial pela matéria.

---

(57) - *Relatório ... do diretor da Instrução Pública, Gustavo Adolpho Ramos Ferreira... 27 de junho de 1866*

(58) - *Falla ... Manoel Clementino Carneiro da Cunha... 3 de maio de 1851.*

(59) - Uchôa, J.B. *Flagrantes...* Obra Citada, p. 70

(60) - *Relatorio... José de Miranda Reis... 25 de março de 1871*

(61) - Uchôa, J.B. *Flagrantes...* Obra Citada, p. 122. Contem a relação das materias, quase 10 (Noções de legislação, Ginastica, etc.)

(62) - Idem, p. 124. Apesar de o curriculo inicial da Escola Normal ser de 16 materias, apenas aquelas da N.R. (44) permaneceram

(63) - *Almanach do Amazonas: historico, administrativo, comercial, estatistico e literario*. Manaus, Typ. do Amazonas, 1895

(64) - *Polyanhthéa homenagem á memoria do maestro Adelelmo do Nascimento feita pelo G.A e E.N.* s/n, s/l, s/d [1898]

(65) - Adelelmo foi professor também no Colegio Brasileiro, fundado em 1882 por Cândida Maria Pedrosa

Reserva-se este espaço para a descrição e comentário do referido compêndio, o único método de ensino musical de que se tem notícia, nessa época. Ainda que Adelelmo tenha sido professor de estabelecimentos pios também, o método que escreveu dirigia-o a Escola Normal e Gymnasio Amazonense, o que fica inequívoco logo na abertura da obra: *"Compêndio de Música elementar / compilado e organizado para uso da Escola Normal e do Gymnasio Amazonense / Edição de Lino Aguiar & Irmão / Manáos"*(66). A edição feita em 1904 é um livro de 70 páginas, acrescidas de 13 outras que se puseram no seu início, estas contendo a ata de reunião da congregação do Gymnasio quando tomou ciência do parecer da comissão que analisou a obra indicando-a para publicação, homenagens feitas pela congregação (discurso e transcrição de artigo da *Polyanthéa*), o encaminhamento oficial do Gymnasio ao chefe do Poder Executivo, o texto da lei nº 430, de 10 de fevereiro de 1904, que abre crédito para a despesa de impressão e a autorização governamental ao editor. O trabalho está dividido em 3 partes, precedidas de brevíssima introdução, e mesmo que as partes não tenham título o seu conteúdo é bastante distinto. A introdução refere-se ao fenômeno físico que proporciona os sons. A primeira parte dá de conhecer as figuras musicais e seu significado: pautas, notas, claves, unidades de valor, compasso (ensina a formula-los) e demais elementos essenciais a leitura do texto musical (como síncopas, por exemplo), inclusive com rudimentos de interpretação (explica o que são tempos fortes e tempos fracos). A segunda parte versa sobre harmonia de um modo geral, desde a montagem de escalas até o cadenciamento harmônico. A terceira e última parte, ficou reservada a questões interpretativas, ensinando a reconhecer frases musicais, a reconhecer a velocidade adequada para a execução musical e os vários tipos de ornamento melódico usados à época.(67) Na última página há uma pequena bibliografia, que relaciona obras teóricas de autores de língua francesa, com uma indicação ao final: *"Imprensa de Breitkopf & Härtel"*(68), levando a crer que seja a origem das edições. Os autores e obras utilizados por Adelelmo são todos bastante conhecidos pelo século XIX e, mesmo em meados deste século, ainda gozavam de respeito e consideração(69), o que explica o fato de não haver outros dados na relação bibliográfica, além do nome do autor, nome da obra e a indicação da editora. A intenção provável do autor do *"Compêndio..."* terá sido certamente a de aconselhar obras consagradas, de fácil alcance, para aqueles que quisessem se aprofundar nos estudos teóricos e até mesmo dirimir dúvidas.

A linguagem utilizada por Adelelmo é bastante simples e direta, não se alongando mais do que o necessário para que se consiga um simples entendimento sobre a matéria. Alguns conceitos ele os transcreve de suas fontes:

---

(66) - Nascimento, A. F. *Compêndio de Música elememtar* Manaus, Lino Aguiar & Irmão, 1904

(67) - Os topicos em cada uma das três partes têem destaque em negrito. A saber: 1ª Parte - Musica/Notas da Música; Notação/Pentagrama; Graus conjuntos; Graus disjuntos; Divisão em duas partes iguais; Sinais de Duração/Silêncios; Claves; Sinais de Duração/ Pontos de aumento/Ligadura; Sinais de duração/Notas superabundantes; Compassos; Quadro da Formula dos Compassos; Quadro da Fórmula dos Compassos Compostos; Compassos alternados e mixtos; Syncopa; Contra-tempos; Notas de Passagem/Notas Artificiais. 2ª Parte - Escala Diatônica; Escala Diatônica em Tom de Dó Maior; Funções das Notas da Escala; Sinais de Alteração; Escala Cromática; Dos Intervalos; Quadro dos Intervalos Naturais; Modificações dos Intervalos Naturais; Intervalos Aumentados; Intervaloa Diminutos; Quadro Geral de Todos os Intervalos, de suas duversas modificações e de suas inversões, com o numero de tons e de semitons diatônicos ou cromáticos de que se compõem; Tonalidade/Formação da Escala Diatônica; Escalas ou Tons; Envadeamento dos Tons; Escalas por sustenidos; Escalas por bemois; Maneira de conhecer o tom de um pedaço de musica; Dos Modos; Dos tons relativos; Resumo das regras precedentes; Quadro Geral das escalas diatônicas. 3ª Parte - Divisão da Musica; Transposição; Ornamentos Melódicos; Do Portamento, Do Mordente; Da Apoggiatura Dupla; Do Grupeto; Do Grupo; Do Trilo ou Trinado; Da Fioritura ou Cadenza; Movimento/Sinais de Movimento - Metrônomo/Alterações do Metrônomo; Sinais de Chamada, de Repetições e de Abreviatura. As Partes não possuem titulo e a Bibliografia não esta em folha separada

(68) - Nascimento A.F. *Compêndio...* Obra Citada, p. 70. Transcreve-se aqui a bibliografia, na forma emo seu autor a sugeriu: *Fetis, Obras Completas; Kastner, Grammaire Musicale; Savard, Principes de la musique; Lussy, Traite de l'expression musicale; Alexis Garaudé, Nouvelle methode de musique; Blazerne et Hermoitz, Le son et la musique; A. Marmontel, Obras completas; Camille Saint-SaEns, Harmonie et melodie*

(69) - O Dicionario de Musica de Tomás Borba e Fernando Lopes Graça reconhece todos eles como pedagógos e teoricos musicais. Alguns deles são compositores, sendo Camille Saint-Saens o mais afamado, pelos concertos e principalmente pela opera "Sansão e Dalila", bastante conhecida a epoca. Ver Borba, T. e Lopes Graça, F. *Dicionario de Musica ilustrado*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1958, 2v.

unesp

A obra começa com uma citação à Fetis, *"Música é a arte de comover por meio da combinação dos sons"*.(70) Em seguida, um conceito de Kastner: *"Música é moralmente a arte de exprimir os sentimentos e as paixões por meio dos sons. Ou fisicamente, a arte de combinar os sons entre si, debaixo de certas formas e em certas condições"*.(71) Ambas as definições são especialmente racionais e revelam de início a forte tendência positivista do autor do *"Compêndio..."*, ainda que ele tenha arriscado um modesto e seco arremate a estas citações: *"Os sons formam os elementos constitutivos da Música"*.(72) Entretanto, fôra ainda nas primeiras linhas da introdução que ele já se definira: *"O resultado de certas vibrações sonoras a que se dá o nome de notas, é a base de toda música na acepção rigorosa da palavra"*(73). E para que a idéia que se tenha dele não seja inequívoca, veja-se mais: *"Som musical é o resultado das vibrações dos corpos elásticos e ao mesmo tempo sonoros, cuja altura ou gravidade pode-se apreciar calculando o número e a duração de suas oscilações"*(74). Estaria o mestre Adelelmo, ao utilizar estes princípios físicos e estudos acústicos (por isso ele terá relacionado uma obra como a de Félix Savart), em perfeita concordância com as correntes estéticas da Europa desta época, algo Positivista, mas também com uma certa dose de Naturalismo. Estas tendências do Romantismo da segunda metade do século XIX, resultariam nos movimentos de vanguarda que arrebentariam mais de 20 anos depois da morte de Adelelmo do Nascimento. Ele mesmo mostra-se tolerante e não faz restrições quando diz que harmonia é *"no sentido absoluto da palavra, a emissão de muitos sons diferentes. Quando três, quatro ou cinco notas diferentes são ouvidas simultaneamente dá-se a essa combinação o nome de harmonia"*(75). E ainda que ele diga que *"os intervalos consonantes são aqueles cujo efeito são agradáveis ao ouvido"* e *"os dissonantes são aqueles cujo efeito é menos satisfatório"*(76), alguns exemplos especialmente dissonantes aparecem nas páginas do trabalho.(77) O compêndio encontra-se ainda fartamente recheado de exemplos musicais, o que facilita mais ainda a compreensão. Dentre estes exemplos há apenas um trecho de composição musical, pertencente a outro autor: são quatro compassos iniciais de um minueto da ópera Don Giovanni (que vem impresso no *"Compêndio..."* como *"Don Juan"*) de Mozart.(78) Há poucas opiniões do autor sobre questões de gosto (praticamente se limitam ao que já foi dito aqui), podendo-se dizer que ele evita o assunto, o que leva a crer que sua vontade era deixar que seus alunos formassem um livre juízo a respeito da Música. Redigido de forma objetiva, direta e simples, não é de estranhar que tanto o trabalho como o seu autor tenham gozado de grande prestígio em seu tempo.(79)

Não se pode afirmar ainda, ao certo, desde quando este *"Compêndio de Música elementar"* já existia, pois seu manuscrito já vinha sendo consultado há um bom tempo, na biblioteca do Gymnasio Amazonense.(80) Mas há aqui um pequeno ponto de controvérsia. No encaminhamento dos manuscritos, com o seu pedido de publicação à Assembléia Estadual, lê-se o seguinte, a dado momento:

---

(70) - Nascimeto, A. *"Compêndio..."* Obra Citada p.2
(71) - Idem.
(72) - Idem.
(73) - Idem. p. 1
(74) - Idem.
(75) - Idem. p. 57
(76) - Idem. p. 38
(77) - Idem. pp. 57 e 61, por exemplo.
(78) - Idem. p. 26
(79) - Os seus discípulos não se resumiam a clientela de Manaus. Quando morreu em Paris, a 28 de julho de 1898, uma missa com "Libera-me", foi mandada celebrar em Manacapuru, cidade próxima a Manaus, situada as margens do Rio Solimões, com a presença de muitos discípulos e dos professores das escolas públicas da região. Ver *"Polyanthea"*, Obra Citada
(80) - Idem. p.XII

unesp

"O Congresso do Estado, em sua sessão extraordinária do corrente ano [1904]*... decretou uma lei autorizando o Governo a mandar imprimir a obra de Adelelmo do Nascimento, que já pertencia à Biblioteca do Gymnasio.*

Alguns professores deste instituto de ensino, que tiveram a ocasião de ouvir as metódicas lições daquele grande mestre, diante da magnanimidade do Congresso, presurosamente procuraram harmonizar e catalogar as lições esparsas de Adelelmo Nascimento.

O resultado desse serviço é o que se vê nessas 156 páginas que remeto a Va. Exa. ..." (81)

Diante desta afirmação, abrem-se aqui algumas dúvidas. Qual seria o estado dos manuscritos que serviram de base ao *"Compêndio..."*? Em caso de haverem necessitado dar algum tipo de tratamento ao texto, qual terá sido? E em que proporção os professores organizadores o fizeram? Quem foram estes organizadores?

Primeiramente, é necessário afastar a hipótese de o referido texto não ser da autoria mencionada. Os professores que tomaram parte da comissão interna do Gymnasio, que tinham por missão formar juízo sobre a obra e relata-la em parecer, para que esta fosse aconselhada à publicação, não deixam dúvidas:

"A Comissão encarregada de dar parecer a respeito do Compêndio de Música compilado e organizado pelo lente catedrático Adelelmo F. do Nascimento para uso da Escola Normal e Gymnasio Amazonense, vem hoje desempenhar-se da tarefa que lhe foi confiada por esta Congregação. [...]

Para recomendar o livro em questão, basta vir firmado por esse nome ilustre e bem conhecido em grande parte do Brasil, o qual à sua reconhecida proficiência alia grande prática do ensino.

[Esta comissão] contudo, para conscienciosamente cumprir o seu dever teve o prazer de ler e examinar com minucioso cuidado o referido livro e em conclusão, afirma, que este não desmerece o conceito já predominante" (82)

Que o livro foi realmente feito pelo mestre Adelelmo, isso não restam dúvidas. Quanto ao acabamento do texto também não há o que suspeitar. Os próprios pareceristas afirmam mais adiante que *"A exposição deste livro está bem metodizada e clara, ao alcance de todas as inteligências, tirando aos mestres grande parte dos trabalhos com que geralmente lutam no ensino da música"*(83). Por fim, os pareceristas que são certamente os organizadores e compiladores, a quem se referia o autor das linhas acima, são os professores Antônio Monteiro de Souza (relator) e Francisco Antônio Monteiro.(84) É provável que o trabalho de organização e compilação a que estes se entregaram, não seja mais do que a recuperação e restauração dos manuscritos, possivelmente danificados pela ação do tempo, da alta umidade e dos usuários.

(81) - Nascimento, A. *"Compêndio..."* Obra Citada, p. XII
(82) - Idem, P. I
(83) - Idem
(84) - Idem

unesp

A elaboração do *"Compêndio..."* em 3 partes, deve guardar estreita relação com o fato de a disciplina musical ser dada em 3 anos consecutivos, os 3 primeiros, dos 5 anos de duração do Curso Normal.(85) Os professores que se formavam na Escola Normal, prestavam estágio na Escola Elementar e nos Jardins de Infância, este para crianças de 3 a 7 anos, aquele para crianças de 7 a 11 anos, ambos estabelecimentos anexos à Escola Normal.(86) É claro que, após os estágios, os normalistas iam para o magistério público de primeiras letras, em qualquer ponto dos Estado.(87)

Com a aposentadoria de Adelelmo do Nascimento, em 1897 o seu substituto será Aristides Bayma, que foi nomeado interinamente para o cargo de lente interino de Música do Gymnasio Amazonense, ainda em 7 de março de 1896.(88) Certamente, Adelelmo do Nascimento foi se desobrigando gradativamente das muitas funções no Estado (havia ainda os cargos de mestre de Música no Instituto de Artes e Ofícios, Instituto Benjamin Constant e Escola Normal). Aristides Bayma assumiu efetivamente o cargo de professor de música da Escola Normal em 10 de janeiro de 1905(89), o que quer dizer que ele teve um período de interinidade no cargo; em 5 de junho de 1902, ele também se efetivara como servente da Escola Modêlo(90), possivelmente para dar aulas de música. Aristides Bayma licenciou-se de todas as suas funções, por motivo de saúde, em 14 de junho de 1909, não retornando mais ao magistério.(91) Após o seu falecimento, a cadeira de música da Escola Normal foi posta em concurso, tendo saído vencedor o pianista Paulino Lins de Vasconcellos Chaves, que assumiu as funções de professor em 18 de abril de 1910(92), desligando-se da instituição em 1913.

Pouco se sabe das atividades de ambos os professores, Aristides Bayma e Paulino Chaves, à frente das instituições onde lecionavam, se usavam cartilhas próprias ou de outrem (a de Adelelmo do Nascimento, possivelmente). Como também não se sabe dos métodos usados pelos professores que precederam Adelelmo do Nascimento no magistério público das escolas regulares: Gaspar de Lucena (1854/55), Francisco da Silva Galvão (1856 até 1868) e os padres que ensinaram no Seminário: Torquato Antônio de Souza, Romualdo Gonçalves de Azevedo e Frederico Catani.

Resta agora que se transcreva aqui as informações biográficas que se pôde obter, a respeito de cada um deles, que nalguns casos ainda são poucas.

---

(85) - O currículo de materais da Escola Normal quase não mudou , após a aposentadoria de Adelelmo do Nascimento, e as poucas alterações acontecidas já neste século XX, em relação ao currículo estabelcido nos anos 1880/90, dizem respeito ao desdobramento de cadeiras, aumento de carga horaria e raras supressões e acrescimos no quadro de disciplinas. Eis a distribuição de materias, ano a ano (Quando a Escola Normal passou a funcionar em predio proprio, a sua jornada foi condensada em 4 anos, sem perda de materias ou carga horaria, sendo então aproveitados todos os dias da semana e não alguns apenas, como na epoca em que dividiu o prédio com o Gymnasio Amazonense. Apesar disso algumas aulas ainda funcionariam nas dependências do Gymnasio.)

1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO
Lingua Portuguesa	*Lingua Portuguesa*	*Lingua Portuguesa*	*Lingua Portuguesa*	*Historia da Literatura Port. e Bras.*
Lingua Francesa	*Lingua Francesa*	*Geometria*	*Geografia*	*Historia do Brasil*
Aritmética	*Algebra*	*Fisica*	*Historia Natural*	*Corografia do Brasil*
Escrita	*Escrita*	*Quimica*	*Historia Universal*	*Pedagogia*
Desenho	*Desenho*	*Desenho*	*Pedagogia*	*Instrução Moral e Civica*
Musica	*Musica*	*Musica*	*Instrução Moral e Civica*	*Lógica e Metodologia*
Ginastica	*Ginastica*	*Ginastica*	*Ginastica*	*Ginastica*

*Ver *Relatório ... Pedro Freire... 11 de junho de 1900*

(86) - *Relatorio ... Pedro Freire ... 11 de junho de 1900*. Obra citada.

(87) - O conteudo das disciplinas do curso primario exigiam um bom preparo dos normalistas. Desde o final do periodo provincial que uma politica de valorização da instrução pública se estabelece, com o intuito de bem formar. O ensino primario a partir de então conteve Gramatica Portuguêsa, Noções gerais de Geografia, Cosmografia e Historia, Noções de Fisica, Quimica e Historia Natural e suas aplicações, Noções de Economia Social e Economia Domestica, leitura da Constituição Politica e de alguma legislação (Código Civil, Codigo Criminal, etc.), Desenho linear, Geometria, Musica e Ginastica. Ver *"Flagrantes..."* Obra Citada, p. 122.

(88) - *Relatorio do diretor da Instrução Pública, cidadão Francisco Antônio Monteiro... 30 de maio de 1899*

(89) - *Mensagem... Constantino Nery... 10 de julho de 1905*. anexos

(90) - *Mensagem... Silvério Nery... 10 de julho de 1903*. anexos

(91) - *Mensagem... Antônio Clemente Ribio Bittencourt... 10 de julho de 1910*. Anexos

(92) - Idem

Tudo o que se pôde saber sobre Gaspar de Lucena já foi mencionado neste trabalho, talvez porque o dito mestre tenha se demorado pouco no seu ofício. Quanto aos padres do Seminário Episcopal, pouquíssima coisa pode ser dita no momento. O padre Romualdo Gonçalves de Azevedo, como muitos letrados daqueles tempos primeiros da Província, tentou a carreira política.(93) Com mais notícias, tanto na política quanto na música, aparece o nome do padre Torquato Antônio de Souza. Já se viu que ele foi o primeiro reitor do Seminário e que deixou suas funções no dito estabelecimento para assumir uma cadeira de professor primário na Vila Bela da Imperatriz, a partir de 12 de janeiro de 1852. Em 1858, ele tinha 10 alunos de música, 2 a mais que no ano anterior(94). Seus vencimentos na função eram de cerca de 600$000 réis anuais e mais uma gratificação de 360$000 réis, pela aula de música vocal(95). Ao que parece, as atividades musicais que desenvolvia não se restringiam unicamente à sala de aula. Apresentava-se à frente de um côro, provavelmente composto de alunos seus, nas ocasiões festivas da igreja e em solenidades:

> *"No dia 18 do corrente, concluiu-se a festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira desta vila [Bela da Imperatriz]*
> *Não tivemos a satisfação de assistir a todas às novenas, mas estivemos à Véspera e tivemos ocasião de notar o asseio com que estava ornado o pequeno templo. Grande na verdade foi a concorrencia do povo...*
> *... e o sr. Padre Torquato dirigiu o coro atraindo a atenção dos ouvintes com a elegância e a harmonia das vozes que fazia executar..."* (96)

A julgar pelo número de alunos de sua classe, é possível conjecturar que fossem estes os seus cantores. Tal formação não destoa daquela bastante usada no passado, quando a prática polifônica era de um pequeno número de vozes por cada parte escrita, não excedendo 2 ou 3 cantores, com o objetivo de tornar o texto mais perceptível. Mas, além da Música, o padre Torquato dedicou-se também à Política. Foi representante na Assembléia Provincial por algumas legislaturas, chegando a ser seu presidente.(97) O padre Torquato Antônio de Souza aposentou-se do cargo de professor primário em 15 de setembro de 1869, após 17 anos, 8 meses e três dias de serviços prestados à instrução pública e musical.

Quanto a Francisco Galvão, a sua história se confunde com a do Estabelecimento dos Educandos Artífices, onde esteve mais de 10 anos. Também nesta instituição, numa fase diferente, esteve empregado o mestre Adelelmo do Nascimento, executando função diferente daquela para qual seria contratado nas demais escolas da Província e do Estado. Ao ser mestre de banda do estabelecimento, Adelelmo orientou um dos mais solicitados grupos musicais da época, certamente utilizando-se das enormes qualidades de intérprete e de compositor, que lhe deram a larga fama de que já gozava quando chegou a Manaus e assumiu este seu primeiro emprego. Nada mais justo que se dê as notícias biográficas de ambos os mestres quando se for contar da existência do Estabelecimento dos Educandos Artífices, o que será feito a seguir.

---

(93) - *Estrella do Amazonas*, 4 de janeiro de 1854
(94) - *Relatório... Francisco José Furtado... 7 de setembro de 1858; Relatório... João Pedro Dias Vieira... 26 de feereiro de 1857*
(95) - *Estrella do Amazonas*, 10 de março de 1858. *Lei No 81, de 9 de janeiro de 1858*. De acordo com a já citada lei orçamentaria de 1854
(96) - *Estrella do Amaonas*, 7 de agosto de 1858
(97) - *Estrella do Amazonas*, 10 de agosto de 1854

unesp

E antes que se passe definitivamente para a história do referido estabelecimento, algumas palavras ainda devem ser ditas sobre Aristides Bayma e Paulino Chaves, os dois últimos nomes que estiveram a serviço do ensino musical na instrução pública regular do Amazonas, no período da Borracha. Do primeiro ainda é pouco o que se sabe. Ingressou no magistério em substituição a Adelelmo do Nascimento, possivelmente amparado pelo seu bom relacionamento político.(98) Antes do fim do século XIX, Aristides Bayma havia se tornado mestre da banda da Polícia Militar. Em 1906, associou-se a Joaquim Franco na empresa que trouxe a Companhia Lírica Francesa daquela temporada, para trabalhar no Teatro Amazonas.

Por outro lado, sobre o professor da Escola Normal, Paulino Lins de Vasconcelos Chaves, sabe-se bem mais. Nasceu no Rio Grande do Norte em 25 de Junho de 1880, mas ainda aos 4 meses de vida, veio com a família radicar-se no Pará. Fez seus estudos de piano em Belém, com a professora Idalina França. Ainda em 1897 tirou o diploma de agrimensor. Foi para Leipzig em 1899, possivelmente para estudar Engenharia. Chegando lá, matriculou-se no afamado conservatório de música local, onde estudou por 3 anos com Robert Teichmüller (piano), S. Jadassohn (contraponto e fuga) e depois com Paul Quasdorf. A 27 de fevereiro de 1902 conquistou o "Mozart-Stipendium", prêmio concedido pela direção do conservatóro, e em 4 de maio do mesmo ano fazia seus exames finais em audição pública. Quando retornou a Belém, já em 1903, foi imediatamente nomeado professor no Instituto Carlos Gomes, chegando ao cargo de diretor do instituto em 1906. Entretanto, logo em 1908, o Instituto Carlos Gomes fecha suas portas e após uma curta viagem ao Rio de Janeiro, Paulino Chaves retornaria mais uma vez a Belém tentando se fixar no magistério particular. Em 1910, após disputado concurso com o flautista Antônio Sobreira Lima, um egresso do Conservatório de Milão, Paulino Chaves passa a ocupar a cadeira de professor da Escola Normal do Amazonas. Em 1913 vai para Leipzig no intuito de passar um ano, mas em abril de 1914 está de volta a Belém. Com o grande esvaziamento da região norte, ocasionada pela decadência do ciclo da borracha, Paulino Chaves passa a ocupar lugar de maior destaque no cenário musical paraense, fundando e dirigindo grupos instrumentais e vocais. Teve larga atuação como concertista; em dois momentos memoráveis, em 1908 apresentou-se na Exposição Naconal do Rio de Janeiro, com orquestra regida por Alberto Nepomuceno e pouco antes, ainda em Belém, executara os dois concertos de Liszt, para piano e orquestra, com um grupo local. Foi também compositor e das obras suas que se tem notícia há, dentre outras, um quarteto de cordas, uma sinfonia em mi menor e uma "Missa Solene em honra a São Luiz", com a qual granjeou o título de Oficial de Instrução Pública, outorgado pelo governo francês, além de ocupar o cargo de mestre de capela do consulado francês no Pará. Sabe-se ainda que se dedicou à atividade de regente, conduzindo em ocasiões diversas, em Belém, algumas aberturas de Wagner, sinfonias de Mendelsohn e Beethoven.(99) Em Manaus, além do magistério, sua atividade estendeu-se também à música camerística.

Terminada esta etapa, sobre a música no ensino regular, passa-se a partir de agora ao Estabelecimento dos Educandos Artífices e suas notícias históricas, pois já se fazia necessário.

(98) - Pereira, E. *A Musica, O Consulado e Eu*. Elpídio Pereira insinua que o governo amazonense lhe concedeu bolsa de studos, com o objetivo de favorecer Aristides Bayma no concurso em que ambos disputavam a vag de Adelelmo do Nascimento

(99) - Salles, V. *Musica e musicos do Pará*. Belem, Conselho Estadual de Cultura, 1970, pp. 114-116

3.2 Os Educandos Artífices

A movimentação acontecida na Europa, em fins do século XVIII, havia difundido ideais iluministas pelo interior do continente e em muitas colônias americanas, onde começava um processo de insurreição contra o poder monárquico dos tutores europeus. Com a independência de algumas das nações do Novo Mundo e a Revolução Francesa, palavras de ordem como cidadania, poder público, terceiro estado, democracia e república, passaram a ser discutidas, seu significado foi levado à prática e suas consequências experimentadas por milhares de pessoas. Na França as mudanças foram levadas a pontos extremos, como a alteração do calendário com nova denominação para os meses já conhecidos ou a obrigatoriedade de um uniforme civil para homens e mulheres, que mesmo não dando muito certo durante a maior parte do tempo, impingiu um novo gosto no uso das roupas, com corte, tecido e cores peculiares adotados por grande parte da população. Assim, uma série de novos hábitos que deveriam ser seguidos por todos, foi se disseminando, com o fito de que se identificasse um novo tempo. Havia enorme necessidade de romper com o passado e com as imposições de uma época que todos, ou quase todos, tinham interesse em deixar para trás. A população passou a exercitar direitos individuais e a partir deles ganhou o que veio a se chamar cidadania. Não terá sido uma conquista simples e nem foi levada à cabo de um momento para o outro. Muitos progressos recuaram, aparentemente substituídos por opções mais tradicionalistas. O direito ao divorcio, por exemplo, surgido na virada do século XVIII para o XIX, teve vida curta. Mas,

unesp

tais recuos foram apenas aparentes. Mesmo a maior das conquistas, a República, sofreu com o retrocesso, sucumbindo ao Império. Voltaria mais tarde ao palco onde muitas personagens desempenharam os mais diversos papéis políticos e ideológicos. Mas o saldo mais importante de todos estes acontecimentos está na difusão do saber e na consequente manifestação popular que tornara-se mais loquaz.

Embora a industrialização tenha trazido um ônus elevado para os trabalhadores, estes agora estavam organizados em classes que lutavam por direitos e tentavam uma igualdade de chances, apoiados em doutrinas libertárias. Isto só foi possível por que o homem comum passara a ser mais conhecedor de sua importância, tinha uma visão do mundo e das coisas muito melhor do que o seu antepassado. Tinha luzes e com elas uma perspectiva de enxergar mais e melhor. Esta emancipação se deve principalmente ao ideal de algumas gerações de pensadores e artistas notáveis do século XVIII, em favor de uma instrução comum que atingisse a todos os indivíduos e o seu imediato acesso aos bens culturais, não só física mas intelectualmente; tais bens sofreram alterações de forma e conteúdo para que fossem entendidos e apreciados por um número maior de pessoas. A instrução pública foi se tornando gradativamente uma obrigação dos governos e terá sido também por imposição destes tempos em que circulavam novos pensamentos, que a escola foi chegando a lugares cada vez mais distantes, na intenção de que ninguém ficasse preso às trevas da ignorância. O ideal iluminista e republicano que se espalhou pelo mundo, levou consigo a consciência de que a liberdade repousava no saber.

Estes ideais, como já se viu, chegaram cedo ao Amazonas, trazidos de diversas partes, por inúmeras bocas. E como não poderia deixar de ser naqueles tempos da iniciante província amazonense, a instrução pública, mesmo que fossem só as primeiras letras, tornara-se desde então numa das maiores preocupações. Havia ainda as dificuldades peculiares à região, que deviam ser enfrentadas para que se tivesse êxito.

Crianças e adultos, ainda que não vivessem em miséria total, passavam periodicamente por uma escassez de recursos e tamanha falta de posses que a labuta cotidiana era a única garantia de sobrevivência naqueles tempos remotos, e mesmo em Manaus a situação não era diferente das vilas do resto do Amazonas. Grande parte dos que começaram a estudar largavam pouco tempo depois.

Foi quando o governo provincial tomou a iniciativa de abrir um estabelecimento em regime de pensionato, que amparasse seus internos e que lhes proporcionasse uma profissão, além de lhes ensinar a ler e escrever: o modelo, que não foi uma exclusividade do Amazonas, pois outras instituições semelhantes existiram no mesmo período em outras províncias, tem a sua mais provável origem nos conservatórios napolitanos (côrte com a qual Portugal manteve estreitas relações, mormente culturais) do século XVII, onde meninos desvalidos tinham sua instrução de primeiras letras e o aprendizado de música dados em tempo integral.

Portanto, pela lei nº 60 de 21 de agôsto de 1856, foi criado o Estabelecimento dos Educandos Artífices, que tinha por objetivo instruir a mocidade desvalida e encaminha-la para um ofício; o ingresso de menores no estabelecimento, conforme farta publicação de expediente provincial, era feito após o pedido dos pais ou tutores e da comprovação, por parte das autoridades, da precariedade de condições financeiras das crianças e suas famílias (se tivessem), que deveria ser alegada em requerimento (o mesmo procedimento foi verificado no encaminhamento de meninas ao estabelecimento similar chamado Colégio Nossa Senhora dos Remédios e conhecido à época como Casa das Educandas, que teve curta duração pois tendo sido inaugurado em 7 de maio de 1859, extinguiu-se por força da lei nº 119 de 14 de junho de 1862).

unesp

O prédio do Estabelecimento dos Educandos Artífices foi construído nos arredores de Manaus (um pouco abaixo da cidade), situado numa colina com vista para o Rio Negro, separado da urbe por um igarapé. Sua inauguração só aconteceu no dia 25 de março de 1858, *"...com toda a solenidade...* [contando] *doze alunos, dois dos quais são gentios."*(1)

Os educandos passavam quase o dia todo nas oficinas, em trabalhos de chapelaria com bombonaça, ou aprendendo outros ofícios. Ao final do dia, das 4 às 6 horas da tarde, frequentavam a aula de 1as letras, às terças e sábados. Às segundas, quartas e sextas, neste mesmo horário, aplicavam-se todos na aula de música. Como às quintas, das 10 às 12 horas faziam a recordação das lições de música, o horário vespertino após as 4 horas, neste dia, estava livre. Os que se dedicavam a serviços agrícolas (extração de raízes e frutos, horticultura e cereais) o faziam das 4 às 6 da tarde e eram dispensados da aula de 1as letras.(2)

O ensino da música na Casa dos Educandos, como era mais conhecido o Estabelecimento em sua época, tinha suas justificativas. Os meninos aprendiam a tocar um instrumento, o que também lhes garantia uma profissão. Enquanto estavam no instituto, integravam a Banda, fazendo apresentações públicas e particulares. Para estas, cobravam um cachê que tinha a seguinte distribuição: O professor de música e mestre da banda tinha direito à quinta parte dos lucros auferidos. Do saldo restante, retirava-se o necessário para a manutenção do instrumental e para custear pequenas despesas do Estabelecimento. Caso ainda houvesse sobras, estas seriam guardadas em favor dos próprios músicos.(3) Podiam posteriormente formar novos grupos fora da Casa, especialmente nas milícias. Além do mais, a educação musical era vista pelos próprios governantes como formadora de um bom caráter, pois *"Os músicos raras vezes cometem crimes atrozes"*.(4)

O número de alunos do Estabelecimento foi aumentando pouco a pouco. Ainda em 1858, o ano terminaria com 16 alunos (todos estudando música).(5) Em 1864, os educandos já eram 39, sendo que 26 deles frequentavam as aulas de música(6). Em 1868, o número de pensionistas foi para 68, e eram 51 os que se aplicavam nas aulas de música.(7) Em 1872, o Estabelecimento abrigava 120 alunos.(8) Uma das causas de haver aumentado a procura pela Casa dos Educandos, foi a abertura das oficinas. Em 1864, já funcionavam 6 atividades distintas: marcineiro (11 alunos), alfaiate (9 alunos), chapeleiro (9), sapateiro (7), ferreiro (5) e livreiro (4).(9)

Mas as aplicações, bem como o número de alunos em cada uma delas, variava bastante de ano a ano, por motivo já conhecido: a dificuldade de se conseguir pessoal qualificado para ensinar. Em muitas ocasiões algumas oficinas eram suspensas, e em casos extremos um mesmo professor acumulava todas, como foi o caso do alemão Guilherme Blasius(sic), que instruiu as 6 oficinas descritas acima, no ano de 1864.(10)

---

(1) - *Estrella do Amazonas*, 27 de março de 1858
(2) - *Falla... Francisco José Furtado... 7de setembro de 1858*. Posteriormente a aula de 1as letras tornou-se obrigatoria no instituto
(3) - Lei no
(4) - *Falla ... J. Wilkens de Mattos... 11 de agosto de 1868*.
(5) - *Falla... Francisco José furtado... 3 de maio de 1859*. p. 7
(6) - *Relatorio... Adolpho de Barros Cavalcante Albuquerque de Lacerda... 1o de outubro de 1864*. pp. 25 e 26
(7) - *Falla... J. Wilkens de Mattos... 11 de agosto de 1868*. Obra Citada
(8) - *Relatorio... José de Miranda da Silva Reis... 25 de março de 1872*. p. 17
(9) - *Relatorio... Adolpho de Barros Cavalcante Albuquereque de Lacerda... 1o de outubro de 1864*. pp. 25 e 26
(10) - *Falla... Adolpho de Barros Cavalcante Albuquerque de Lacerda... 1o de Outubro de 1864*. pp. 25 e 26

unesp

Muitas vezes a Província do Amazonas foi buscar professores no Nordeste(11), e em uma ocasião pelo menos arregimentou-os no exterior. Em 1872, o governo provincial mandou buscar 4 professores na Alemanha(12), provavelmente motivado pelo contrato assinado em 17 de dezembro de 1870, publicado em Manaus a 16 de fevereiro de 1871, que firmava acordo entre o governo imperial brasileiro e os indivíduos J.M.Mackal Filho (e Cia.) e Guilherme Handfield, para a introdução de 5 mil imigrantes por ano, em território nacional; a cláusula sétima deste acordo pedia que pelo menos metade destes imigrantes, que deveriam ter menos de 45 anos e gozar de boa saúde, fossem alemães(13).

A contratação do governo provincial com os 4 mestres de oficina alemães, o pedreiro Frederick Christian Petersen, os serralheiros Frederick Hermann Schneider e Reinaldo Giése(sic), e o marcineiro Oswald Ruhig, não deu certo. Menos de um ano depois um termo de rescisão já havia sido assinado.(14)

> *"Depois do embaraço causado pelos mestres de oficina alemães, que evadiram-se uns, embriagaram-se outros... Entendo que os nacionais devem ser preferidos para mestres do estabelecimento e autorizei o seu diretor a contrata-los no Maranhão, onde tanto desenvolvimento têm as artes e abundam os profissionais"*(15)

Outro motivo do crescente numero de procuras pela Casa dos Educandos era o prestigio da sua Banda de Música, bastante requisitada para as mais diversas ocasiões. Não admira que mais da metade dos alunos do instituto sempre se aplicasse nas aulas de música. Algumas apresentações, como as feitas em praça pública, eram gratuitas e periódicas. Mas para o restante das ocasiões que não se prestavam às solenidades oficiais, a Banda fazia valer a sua tabela de cachês, conforme a ocasião, o tempo que precisavam tocar e a finalidade.

> *"Tabella*
> *1.Por uma tarde, das 4 horas até a ave maria - 20$000 réis*
> *Por uma manhã das 9 horas até o final da missa - 25$000 réis*
> *Uma novena, das 6 da tarde até o final - 20$000 réis*
> *Por uma dita, das 7 horas da noite até o final - 15$000 réis*
> *Por todas as novenas, das 6 da tarde até o final -150$000 réis*
> *Por todas as novenas, das 7 da tarde até o final -120$000 réis*
> *Por acompanhamento de procissão - 40$000 réis*
>
> *[...]*

(11) - *Relatorio... Domingos Monteiro Peixoto... 25 de março de 1873*. p. 13; dentre outras fontes
(12) - *Relatorio... Domingos Monteiro Peixoto... 25 de março de 1872*. p. 17
(13) - *Amazonas*. 16 de fevereiro de 1871
(14) - *Relatorio... Domingos Monteiro Peixoto... 25 de março de 1873*. p. 13
(15) - Idem.

Musicos no Coro

2. Em novenas, cada um - 2$000 réis
Em vésperas, cada um - 3$000 réis
Em missa de 1a classe (música extensa), idem - 4$000 réis
Em missa de 2a classe (menos extensa), idem - 3$000 réis
Em missa de 3a classe (menor), idem - 2$000 réis
Em Te-Deum e Memento, idem - 3$000 réis

Bailes

3.Toda a Banda de Música, das 8 horas ate 2 da madrugada - 50$000 réis
Idem, Idem, Idem, sem pancadaria - 40$000 réis

Reuniões Familiares

4. Meia Banda de Música, com pancadaria, das 8 horas da noite às 2 da madrugada - 30$000 réis
Idem, Idem, Idem, sem pancadaria - 20$000 réis

Passeatas

5. Toda Banda de Música (à noite) - 80$000 réis
Toda a Banda de Música (de dia) - 60$000 réis
Idem, idem, para acompanhar mascaradas, das 6 horas da tarde às 12 da noite - 80$000 réis
Idem, idem, das 3 horas às 6 da tarde - 60$000 réis
Idem, idem, para acompanhar corpos arregimentados - 40$000 réis
Idem, idem, para acompanhar enterros - 30$000 réis
Idem, idem, para tocar das 4 da tarde às 8 da noite estando parada - 30$000 réis
Idem, idem, das 6 horas qs 12 da noite, idem, idem - 40$000 réis
Idem, idem, em batizado, durante o ato - 15$000 réis
Idem, idem, em casamento, idem - 20$000 réis

Teatros

6. Toda a Banda de Música, das 7 e meia horas da noite até o final - 40$000 réis
Idem, idem, sem pancadaria, idem, idem - 20$000 réis
Idem, com vaudeville - 50$000 réis

Sendo meia banda de música se cobrará somente a metade dos preços aqui estipulados.

Quando a Banda de Música tiver de ser contratada para tocar fora da cidade será o ajuste feito com o diretor que se entenderá previamente com o presidente da província para dar o consentimento" (16)

Os rendimentos da Banda de Música eram substanciais e embora o Estabelecimento funcionasse sem depender deste dinheiro, a sua aplicação certamente facilitava as coisas. Em alguns periodos, não se verifica nem em relatório provincial e nem em lei orçamentária o vencimento do mestre de música. O que se pode imaginar é que a quinta parte dos cachês pagava seu salário.

(16) - *Diario do Amazonas*, 27 de fevereiro de 1873

unesp

Apenas no primeiro trimestre de 1870, a Banda dos Educandos Artífices rendeu aos cofres da Casa, 1:161$000 réis. Era uma quantia pequena diante do rendimento total das demais oficinas, que havia chegado a 6:372$000 no mesmo espaço de tempo.(17) Entretanto, 2 anos antes a contabilidade do instituto havia registrado o ingresso de 7:641$500 réis em seus cofres, arrecadados pela Banda de Música.(18) Este decréscimo em seu orçamento, deve-se ao surgimento de outro corpo musical que lhe faria concorrência. Em 1871, surgiu uma Banda do 3o Batalhão de Artilharia, que até valia-se por vezes dos instrumentistas do Estabelecimento dos Educandos(19), mas retirou-lhes clientela e isso certamente foi a causa da diminuição das receitas.

> *"A Banda de Música Marcial que até o princípio do do ano passado [1871] era a única existente nesta capital, pela razão da concorrência que com outra desde aquela época se dá, rendeu neste exercício menos que no anterior"* (20)

É possível que muitos alunos a esta altura já estivessem fora da Casa, exercendo algum ofício, afinal mais de 10 anos se haviam passado desde que a instrução musical estivera a preparar instrumentisats, e como as milícias ofereciam certas garantias que pouquíssimos empregadores podiam dar à época, muitos terão entrado a serviço do referido Batalhão, formando parte de uma nova banda de música, senão toda ela. Além disso, se tratando de um grupo tão solicitado, este dos Educandos Artífices, há que se imaginar que alguns deles tentassem uma renda individual, integrando outros grupos, o que não era uma coisa assim tão simples, pois os meninos dependiam de autorização do seu diretor, para desempenhar atividades fora do instituto.

Foram encontradas notícias em jornais de diferentes anos, que atestam a participação da Banda dos Educandos Artífices em todas as ocasiões que a sua tabela de honorários previa. Nos capítulos pertinentes à execução musical cuidar-se-á de relatar todas elas, da igreja ao *vaudeville*.

O primeiro professor de música dos Educandos Artífices foi o alferes Francisco da Silva Galvão. Ele já vinha desempenhando as funções de educador musical da municipalidade desde 1855, e com a criação do Estabelecimento, passou a dar aulas lá também.(21) O alferes devia ser um homem um tanto voluntarioso e enérgico, o que lhe rendeu algumas repreensões por escrito:

> *"O professor de música, Francisco da Silva Galvão porém não se porta bem, e por isso algumas vezes o tenho advertido como me permite o artigo 31, parágrafo 4o , tanto por apresentar falta de delicadeza, que a boa educação obriga ao mestre para com seus discípulos, como por querer ir de encontro às determinações que lhe são dadas, pretender arrogar a si a autoridade que não tem no estabelecimento."* (22)

---

(17) - *Relatorio... Wilkens de Mattos... 25 de março de 1870*
(18) - *Relatorio... Wilkens de Mattos... de novembro de 1868*
(19) - *Amazonas*, 22 de abril de 1871
(20) - *Relatorio... Jose de Miranda da Silva Reis... 25 de março de 1872*, p. 17
(21) - *Falla... Francisco José Furtado... 7 de setembro de 1858*, p. 3 . Francisco Galvão deu aulas na "Casa das Educandas" tambem.
(22) - *Falla.... Manoel Gomes Corrêa de Miranda... 3 de novembro de 1860*, anexo 9

Parece que, apesar de tudo, o mestre tinha seus predicados e permaneceu à frente da Banda ainda por um bom tempo, não sendo de lá removido nem por contingências de patente(23), embora outro professor de música já estivesse na cidade exercendo ensino particular(24). Não se sabe ao certo quando deixou as funções do estabelecimento, mas ao que parece foi ele quem não quis renovar contrato para continuar.

Ao que tudo indica é ele o professor de música a que se refere o relatório do presidente Wilkens de Mattos: *"O contrato do professor de música venceu a 21 de outubro* [de 1868 ?] *e o mesmo professor não quis renovar ainda até novembro"*(25)

Tudo leva a crer que a esta altura, o alferes já estivesse querendo cuidar de sua aposentadoria, possivelmente numa posição melhor. Pelo menos é o que se pode entender da ordem de despesa encontrada em relatório do inspetor da Tesouraria Provincial, alguns anos depois:(26)

> *"Despesa*
> *... ao administrador aposentado da Recebedoria, Francisco da Silva Galvão - 149$998 réis"*

Seus vencimentos, quando ocupava o cargo de professor de música dos Educandos, não ultrapassavam a 600$000 réis anuais(27). Além disso havia a quinta parte dos cachês, que ainda em 1868 podem ter-lhe rendido pouco mais de 200$000 réis. Com o passar dos anos também subiu de patente o que deve ter-lhe trazido melhorias econômicas. Com estes dinheiros pôde adquirir algumas posses:

> *"Tendo de escolher o local para a edificação do Teatro [*Amazonas*], pareceu-me que nenhum se presta melhor a esse fim do que o terreno em frente à praça do Payssandú... Já se acham desapropriadas 4 casinhas e um terreno que possuía o capitão Francisco da Silva Galvão"* (28)

Não há muita certeza, por escassez de fontes, sobre quem veio a substituir Francisco Galvão no cargo de professor de música dos Educandos Artífices, e quando isso se deu. O mais provável é que tenha sido o oficlidista Miguel Torres. Os documentos confirmam-no no posto de mestre de banda dos Educandos, no ano de 1871(29), mas omitem o nome do professor do Estabelecimento, no interregno entre a saída de Francisco Galvão e esta data. A única prova mais convincente de que Miguel Torres tenha assumido as funções na Casa dos Educandos, ainda em 1868, o mais tardar em 1869, é o fato de que ele já estava aqui em 1867:

---

(23) - *Estrella do Amazonas*, 2 de agosto de 1862. Traz o pedido feito pelo diretor da Instrução Pública em favor de Francisco da Silva Galvão, para que este fosse dispensado pelo Conselho de Revisão de Alistamento da Guarda Nacional. O pedido foi concedido.

(24) - *Estrella do Amazonas*, 8 de julho de 1863. Traz o seguinte anuncio: *"Jerônimo Emiliano de França, professor de música, tendo chegado a esta capital no último paquête, oferece-se ao respeitável público desta capital, não só para ensinar música vocal e instrumental, como propõe-se a ensinar piano: quem de seus prestimos quiser se utilizar dirija-se à casa do sr. Mariano Sabino da Silva, onde reside.*

(25) - *Relatorio... Wilkens de Mattos... de novembro de 1868*

(26) - *Relatorio do inspetor do Thesouro Público da Provincia Thomaz Luis Simpson ao Presidente da Provincia Domingos Monteiro Peixoto, em 27 de fevereiro de 1875.* Pagina não numerada

(27) - *Relatorio... Francisco José Furtado... 3 de maio de 1859*. p. 7

(28) - *Relatorio... José Paranaguá... 25 de março de 1883*. p. 81

(29) - *Livro de Receitas e Despesas da Thesouraria da Fazenda Provincial (1871-1872)*. Manda pagar *"Comedorias ao ex-professor de música do Estabelecimento dos Educandos Artífices, Miguel Torres - 25$000"*

"Programa dos Festejos do dia 7 de setembro e da Abertura do Rio Amazonas [...]

Não só ao romper d'alva, como por ocasião da benção da memória tocará o novo hino patriótico feito para aquele dia, composição do nosso concidadão, o sr. Miguel Torres" (30)

São poucas as informações pertinentes à passagem de Miguel Torres pelo Estabelecimento dos Educandos Artífices. Demitiu-se de lá em 13 de agosto de 1871, sendo este o teor de seu requerimento:

"Miguel dos Anjos Torres, professor de música do estabelecimento dos educandos artífices, pedindo rescisão do contrato porque se obrigava a ensinar no mesmo estabelecimento." (31)

Miguel dos Anjos de Santana Torres foi de certeza um dos melhores profissionais que já esteve a serviço da atividade musical em Manaus. Nasceu na Bahia, a 16 de dezembro de 1837, filho de Joaquim Cornélio de Santana Torres, instrumentista e professor de certa fama, com quem começou a estudar. Foi nomeado em 1859, para mestre de música do 1º Batalhão de Artilharia, no Rio de Janeiro. Dois anos depois seguiu para Belém do Pará, provavelmente transferido pela sua corporação militar, onde se aperfeiçoou em harmonia e contraponto com Henrique Eulálio Gurjão(32). A Enciclopédia da Música Brasileira afirma que Miguel Torres veio para Manaus no ano de 1865 (33). O músico volta a Bahia após deixar Manaus e organiza a banda do 42º Batalhão da Guarda Nacional, em Nazaré, Bahia, o que deve ter acontecido por volta de 1872(34). Posteriormente fixou-se em Salvador, onde foi professor de música dos menores do Arsenal de Guerra e da Academia de Belas Artes da Bahia(35). Neste último estabelecimento, Miguel Torres ensinou solfejo e canto, sendo estas as primeiras cadeiras e ele o primeiro professor (e diretor) do curso de música da instituição, que havia sido criada em 1877 e tivera seus estatutos aprovados em 12 de julho de 1880.(36) Nesse meio tempo, esteve a dirigir vários grupos musicais, inclusive orquestras(37).

Miguel Torres também foi compositor, e pelo volume de sua produção deve ter providenciado música para todas as formações e ocasiões nas quais esteve envolvido. Foram algumas centenas: 16 missas festivas, 1 missa de requiem, 9 novenas, 8 Te Deum, 7 Credos, 10 Tantum Ergo, 5 Ecce Sacerdos, 4 Ave Maria, 12 hinos, 60 marchas fúnebres, 80 marchas militares, 300 dobrados, 100 polcas, 90 quadrilhas (50 para banda e 40 para orquestra), 100 valsas (60 para banda e 40 para orquestra), 12 minuetos, 20 árias, 3 temas com variações, para oficleide e mais *"diversos arranjos, salmos e sinfonias"*.(38) Como disse o musicólogo Guilherme Melo, *"... seu talento só não se sobressaiu como compositor de óperas líricas porque o nosso meio não o permitiu"*(39)

(30) - *Jornal do Rio Negro*, 1º setembro de 1867

(31) - *Amazonas*, 13 de agosto de 1871

(32) - *Enciclopédia da Musica Brasileira: erudita, folclorica, popular*: São Paulo, Arte Editora, 1977, p. 760

(33) - Idem. Deve ser feita aqui uma ressalva a referida obra. Na p. 760 ha a afirmação de que Miguel Torres veio para Manaus em 1865, para organizar a banda de Musica do Liceu de Artes e Oficios. Nem foi ele seu organizador nem o instituto tinha este nome

(34) - Pela referida Enciclopédia, Miguel Torres voltou a Bahia em 1870,para Nazare, mas isso não deve ter acontecido até final de 1871

(35) - A Enciclopedia afirma que o musico foi para Salvador em 1872, apos sua estada em Nazare. Data e local podem ser revistos

(36) - Mello, G. *A Musica no Brasil*. Bahia, s.n. 1909. pp. 126-127

(37) - *Enciclopédia*... Obra Citada, p.760; Melo, G. *A Musica no Brasil*. Obra Citada, p. 262

(38) - Santos, Maria Isa Queiros, Ob. Cit. p. 76

(39) - Melo, G. *A Musica no Brasil*. Obra Citada, p. 262

unesp

A despeito desta abundante produção, sua obra envergava elogiável qualidade a ponto de se fazer estimar como *"artista de apurado gosto"*(40):

> *"...como compositor é um exemplar, o seu estilo é despretensioso sem ser vulgar, modesto porém correto, e por vezes de um mimo originalíssimo, surpreendente. Carlos Gomes o apreciava devidamente e fez dele as melhores referências sobre uma das suas sinfonias"* (41)

Destacava-se também como executante de oficleide, instrumento que dominava com habilidade notável(42).

Infelizmente, a obra que Miguel Torres compôs no Amazonas e para as corporações locais de que fez parte, não foram encontradas até o momento, sendo igualmente dificeis as notícias sobre a sua permanência em Manaus, que não foi curta. A descoberta de seu legado musical devolver-lhe-ía o prestígio que adquiriu em sua época:

> *"Se há quem mereça um lugar proeminente na história da arte brasileira de par com Carlos Gomes, Leopoldo Miguez, Padre José Maurício, Francisco Manoel, Adelelmo do Nascimento e outros, há de ser como Miguel Torres...."*(43)

Após a saída de Miguel Torres do seu posto na Casa dos Educandos Artífices, a aula de música e a direção da Banda ficou a cargo de Alexandre Ramos Ramiro e Silva, que já era professor de 1as letras do Estabelecimento.

> *"Achando-se já no estabelecimento o instrumental que mandei vir de França para uma seção de músicos de orquestra, encarreguei o professor de 1as letras Alexandre Ramos Ramiro e Silva, que para isso já está habilitado e de bom grado se presta sem outra retribuição além da 3a parte da receita mensal da mesma seção em quanto dela for professor conforme lhe assegurei"* (44)

Como os compromissos da Banda não cessaram, após a saída de Miguel Torres, o novo encarregado da música no Estabelecimento deve ter assumido imediatamente estas funções, enquanto organizava a seção de orquestra. Alexandre Ramos Ramiro e Silva devia ter predicados suficientes para, além de montar e dirigir grupos, prover-lhes a música. Há notícia de que ao menos uma peça de sua autoria foi publicada, embora numa época posterior a sua estada entre os educandos (ele seria jubilado do cargo de professor público em 9 de agosto de 1888, o que indica sua permanência no magistério público, mas ainda ocuparia cargos de confiança até bem depois disso):

---

(40) - Melo, G. *A Musica no Brasil*. Obra Citada. p. 126.

(41) - Idem, pp.126-127.

(42) - Idem. p. 127. Guilherme Melo afirma que Miguel Torres era criterioso, expressivo e correto executante, demonstrando tais qualidades mesmo depois de ter se retirado das atividades que empreendia.

(43) - Idem. p. 126. Miguel Torres morreu em Salvador, a 16 de julho de 1902.

(44) - *Relatório ... José de Miranda da Silva Reis... 25 de março de 1872*. p. 17.

"Peça Musical

Pelo Sr. Alexandre Ramos Ramiro e Silva nos foi oferecido um exemplar de sua composição, para flauta, intitulada - Fantasias sobre o motivo da canção popular brasileira O Andador. Essa concepção do Sr. Ramiro é oferecida ao estimável cavalheiro, nosso amigo Sr. Salustiano Antunes de Carvalho" (45)

Neste ponto é necessário que se faça uma ressalva. A seção de orquestra a que se referem as palavras do presidente José de Miranda da Silva Reis, pode ser uma completa seção de sopros que transformaria a Banda Marcial dos Educandos Artífices em uma Banda Filarmônica, com o acréscimo de vários instrumentos com a qual não contava (oboés e fagotes por exemplo). Não se descarta a hipótese de a pretensão governamental ser a de estabelecer uma orquestra na Casa dos Educandos.

De qualquer forma a idéia não vingaria. Poucos anos depois o Estabelecimento dos Educandos Artífices seria extinto. Antes, ainda houve tempo de contratar um outro professor e contra-mestre para a banda. Surge o nome de Raymundo João Carneiro, chegado do Piauí entre fins de 1872 e início de 1873.(46) O posto de contra-mestre de banda, na Casa dos Educandos, estava previsto pelo Regulamento nº 25 de 8 de fevereiro de 1873, que reformava o Estabelecimento dos Educandos Artífices da Província do Amazonas.

"Art. 25 - O professor de música além das obrigações dos parágrafos do artigo 23 [inerentes a qualquer funcionário da Casa], que lhe são aplicáveis, tem por dever acompanhar a música dos educandos sempre que ela tenha de comparecer em qualquer lugar para tocar.

Art. 26 - O professor de música proporá para seu adjunto na aula o educando que mais se distinguir pelo procedimento e aproveitamento.

único - Na falta de um educando habilitado poder-se-á contratar um contra-mestre." (47)

De fato, não há depois de 1872 qualquer menção sobre a permanência do Sr. Ramiro no cargo de professor de música, como também não há nada sobre sua possível demissão. Entretanto, em 1873, um relatório do presidente da província amazonense confirma que o novo responsável pela música na Casa dos Educandos, vinha do Maranhão:

"Entendo que os nacionais devem ser preferidos aos para mestres do estabelecimento e autorizei o seu diretor a contrata-los no Maranhão...

Por esta forma já conseguiu-se o professor e contra-mestre de música e mestres para as oficinas de alfaiate, carpinteiro e sapateiro" (48)

---

(45) - *Jornal do Amazonas*, 17 de novembro de 1887

(46) - *Relatório do Inspetor do Thezouro Público Provincial, Thomaz Luis Simpson... 27 de Abril de 1875*. Obra Citada. Anexo A. Balanço de 1/07/1873 a 31/10/1874. Manda paga, a despesa do transporte de Raymundo João Carneiro. *"...de Theresina ao Maranhão [66$000 reis] e do Maranhão a Manaus [cerca de 53$000 reis]..."*

(47) - *Diário do Amazonas*, 28 de março de 1873

(48) - *Falla ... Domingos Monteiro Peixoto... 25 de março de 1873*. p. 13

unesp

Raymundo João Carneiro começou a trabalhar na Casa dos Educandos desde março de 1873, pelo menos, conforme prova o balanço de despesa do exercício de 1872/73, que ordena que se pague *" a Raymundo João Carneiro, professor de música dos educandos, 20% deduzidos do rendimento da banda de música, dos meses de março a junho - exercício de 1872/1873 - 53$280 [réis]"* (49)

Embora as aulas de música marcial e orquestral tenham funcionado em 1872, com 40 alunos inscritos em uma e 24 em outra(50), sob a provável orientação de Alexandre Ramos Ramiro e Silva, não há mais notícias a respeito destas atividades até o fechamento do Estabelecimento em 1877.

Em 7 de julho de 1877, alegando medida de economia, o então presidente da Província do Amazonas, Agesilau Pereira da Silva, extingue o Estabelecimento dos Educandos Artífices. Na verdade, alguns desbaratos administrativos somaram-se às imprevidências orçamentárias (do exercício de 1874/75 ao de 1878/79, a expectativa de receita ficou aquém da arrecadação) e o fechamento da Casa de Educandos Artífices foi proposto à Assembléia Provincial que acatou a sugestão do chefe de governo. Não sem resistência. Ao menos 4 deputados opuseram-se ardorosamente ao projeto de extinção: Gustavo Adolpho Ramos Ferreira, que já havia sido diretor da Instrução Pública, Gabriel Antônio Ribeiro Guimarães, J.J.Braule Pinto e Francisco A. Monteiro Tapajós. Os 3 primeiros apresentaram a seguinte declaração de voto:

> *"Ainda em terceira discussão votamos contra o Projeto nº 12, como prejudicial a Província, porque destrói a instituição eminentemente popular, do único estabelecimento da Província em que a infância desvalida podia encontrar, a par da educação sólida, um meio de vida honesto; de um estabelecimento cujo único defeito proveio das más administrações e falta de uma lei regulamentar."* (51)

Do deputado Francisco Tapajós transcreve-se aqui alguns trechos da sua declaração de voto, que fez em separado:

> *"Voto contra a extinção do Estabelecimento dos Educandos Artífices desta província [...] porque é uma medida anti-progressista e portanto retrógrada [...]*
>
> *... não quero acarretar sobre mim e sobre meus filhos a maldição do povo, desse povo que cansado de trabalhar para pagar impostos de produção que com o suor de seu rosto adquire, e que tem em compensação não a educação de seus filhos condenados à ignorância e ainda: à minha consciência de aceitar a civilização e o progesso tão apregoados, extinguindo-se estabelecimentos e instituições que servem para educar"* (52)

(49) - *Relatorio do Inspetor do Tesouro Provincial ... 27 de fevereiro de 1875*. Obra citada. Anexo A, sem numero de pagina
(50) - *Relatorio... José de Miranda Reis... 25 demarço de 1872*. p.23
(51) - Uchôa, J.B. *Flagrantes Educacionais do Amazonas de Ontem*. Obra Citada. pp. 93 e 94
(52) - Idem, p. 94

Entende-se perfeitamente a indignação dos deputados. A Casa dos Educandos tinha recebido muitos investimentos do governo provincial desde a sua criação. Suas dependências foram aumentadas sempre que houve necessidade de abrigar mais crianças. As oficinas tinham instalações próprias. Desde o início o estabelecimento contava com empregados na cozinha e para os serviços gerais(53). Os meninos eram sustentados pela Província, que lhes dava alimento, roupa e material necessário aos estudos e ao trabalho nas oficinas. Vale lembrar que, com o plano de premiações eleborado por Gustavo Adolpho Ramos Ferreira quando foi diretor da Instrução Pública, os meninos do curso primário que alcançassem distinção, seriam totalmente custeados pelo governo provincial. Estes, passavam a residir no Estabelecimento, onde além de todos os privilégios já mencionados (comida, material escolar livro e roupas - um uniforme com distintivo do presidente da província), garantiam a ocupação individual de um quarto(54).

Estes cuidados, resultantes de um sério investimento da província em seus filhos desvalidos, certamente não ficaram sem recompensa. Mesmo que o objetivo tenha sido o de modestamente assegurar um futuro a estes despossuídos, deve-se destacar o fato de que dentre os Educandos Artífices saiu um senador da República, pelo Amazonas: Joaquim José Paes da Silva Sarmento, que por sinal estudou música(55), e muitos anos mais tarde, já embrenhado na carreira de homem público, ainda era um violinista diletante, com algum tempo para participar de concertos.(56)

Pode-se agora ter uma vaga idéia do prejuízo inestimável que a nefasta medida provincial de 1877 causou aos amazonenses, em especial os pobres.

A banda de música que atingira o auge no final da década de 1860 e mesmo depois de surgida a concorrência, ainda mantinha-se muito solicitada, quando o estabelecimento foi fechado. Ficaram os cidadãos não só espoliados de uma diversão ou um aparato solene, mas de um bem sucedido centro de formação artística. E para que se tenha idéia do interesse que as administrações passadas tinham em manter a qualidade do grupo, enumera-se aqui as vezes em que o instrumental da banda foi trocado para que os meninos tivessem à disposição as melhores condições de desempenho.

Não se sabe se a primeira aquisição do instrumental foi feita fora da província, ou mesmo no exterior. Mas é possível que a tenha feito aqui mesmo:

> *"Na loja de Leonardo Ferreira Marques tem para venda[...] realejos, rabecas, violões ricos, flautas com bomba e sem elas, tersos[?], clarinetas, guarnições de marfim, uma rica flauta de ébano com sete chaves e caixa, cornetim à pistom, trompas, corneta de chave, trombones, basson 14 chaves ophicleide, ..."* (57)

Além desta loja, que já em 1855 possuía vasto sortimento de instrumentos, uma outra em 1858, propriedade de Antônio Joaquim da Costa e Irmão, vendia *"harmônicas de diversos tamanhos..."*(58). Mas se alguma dúvida paira quanto à procedência do instrumental que inaugurou a banda dos Educandos, a primeira troca foi feita por instrumentos vindos seguramente de Pernambuco:

---

(53) - *Relatório... Francisco José Furtado... 7 de setembro de 1858.* Havia 2 ou 3 "africanos livres", empregados para serviços diversos.

(54) - *Relatório... José de Miranda Reis... 25 de março de 1871.*

(55) - *Falla... Manoel Gomes Corrêa de Miranda... 3 de novembro de 1860.* Dentre os alunos do Estabelecimento, aparece relacionado o nome de Joaquim José Paes da Silva Sarmento, com aplicação em música.

(56) - *Commercio do Amazonas*, 7 de setembro de 1903. Concerto orquestral com obras do violinista e compositor Elpídio Pereira.

(57) - *Estrella do Amazonas*, 25 de agosto de 1855.

(58) - *Estrella do Amazonas*, 24 de fevereiro de 1858.

"O péssimo estado do instrumental da música moveu-me a antecipar a vossa solicitude [do diretor dos Educandos] mandando vir de Pernambuco o de que a banda precisava... A quantia de 2:000$000 de réis, que para esse fim mandei pôr à disposição do Exmo. Presidente d'aquela província, foi superior ao custo dos que já chegaram, o estão muito a meu contento." (59)

A outra aquisição de instrumentos da qual se tem notícia, foi aquela feita na gestão provincial de José de Miranda da Silva Reis, e já relatada aqui neste trabalho. Mandou vir da França os instrumentos necessários para compôr um seção de orquestra. Como se vê, periodicamente houve reposição de instrumentos novos aos alunos, não só pelo desgaste natural (estas 2 grandes trocas aconteceram no espaço de 6 e 8 anos, respectivamente), como pela necessidade de acompanhar a modernização dos sistemas de digitação dos instrumentos de sopro, que acontece com intensidade em meados do século XIX e, por fim, pela simples razão de que o número de alunos que entrou no Estabelecimento ao longo destes anos, foi sempre crescente(60).

Quando em 1877, o instrumental da banda já necessitava de reparos e substituições, até por que a banda retomara o seu crescimento de arrecadação, o governo provincial resolve pela extinção do Estabelecimento.

O prédio dos Educandos passou, a partir de então, a alojar uma hospedaria de imigrantes, e em 1880 o Seminário Episcopal.(61) Com isso pretendia-se aproveitar as boas instalações, que desde a fundação da Casa dos Educandos recebera manutenção adequada e a ampliação de que precisava(62).

Muitos terão sido os inconformados que imediatamente passaram a pleitear o restabelecimento da Casa do Educandos. Em 1881, o chefe de governo, Alarico José Furtado, só não reabriu a instituição porque sua gestão foi curta:

"Quanto à Casa dos Educandos, creio não existir quem não lastime a sua supressão por muito retas que hajam sido as intenções que a determinaram. Era uma árvore formosa... à cuja sombra formaram-se as inteligências e o coração de tantos filhos desta província, que honram a classe dos artistas. Lastimo não haver-me sido permitido pelo curto período da minha presidência restabelecer essa bela instituição - A Casa dos Educandos - [...]" (63)

A retomada do estabelecimento não tardaria muito. Em 8 de maio de 1882, sob a iniciativa do presidente José Paranaguá, reinstala-se o Estabelecimento dos Educandos Artífices, que agora teria o nome de Instituto Amazonense de Educandos Artífices. Destinar-se-ia ao seu propósito original, à infância desvalida (menores do sexo masculino). Deveriam ter de 7 a 15 anos, preferindo-se os mais pobres e os índios.(64)

---

(59) - *Relatorio... Adolpho de Barros Cavalcante Albuquereque de Lacerda... 1º de outubro de 1864*. pp. 25 e 26

(60) - Esporadicamente o numero de matriculados de um ano para outro podia decrescer, mas isto não ocorria com frequência

(61) - *Relatorio ... Satyro Dias... 4 de abril de 1881*

(62) - Em todos os relatorios e falas de chefe de governo até então, podem ser encontradas despesas de obras feitas na Casa dos Educandos. As mais comuns são as de ampliação de espaço, calçamento, pintura e manutenção de instalações (telhados, bombas d'agua, etc.)

(63) - *Relatorio ... Satyro Dias...4 de abril de 1881*. p. 23

(64) - Uchôa, J.B. *Flagrantes...* Obra Citada p. 114

Para reviver o antigo Estabelecimento dos Educandos, a Assembléia Provincial destinou uma verba inicial de 40:000$000 de réis, para reparos e aumento do prédio onde funcionava o instituto.(65) O Instituto de Educandos deveria ter a capacidade para abrigar, agora em sua nova fase, até 100 alunos(66); abriu com 79(67), mas em 1884 ja contava 119 internos.(68)

Como seu regulamento foi baixado a 25 de novembro de 1882 e aprovado a 19 de junho do ano seguinte, as aulas podem ter começado imediatamente à criação do Instituto, pois o corpo docente já estava definido por José Paranaguá desde o início de 1883(69): a cadeira de 1as letras seria regida por José Augusto Rodrigues de Andrade, a de Ginástica (uma novidade para a instituição) ficou aos cuidados de Virgílio Tavares de Oliveira e a aula de Música seria ministrada por Adelelmo Francisco do Nascimento.(70) Em seguida foram definidos os mestres das oficinas: Domingos Tertuliano do Nascimento (alfaiate), Joaquim Tavares Cesar (sapateiro), Mariano Ernesto da Silva Ribeiro (ferreiro e serralheiro) e Francisco José dos Santos (marceneiro e torneiro), havendo também uma oficina de encadernação, sob a orientação do maranhense José dos Reis Rayol, que só não funcionou desde o começo por não se encontrar devidamente montada.(71) Deveria haver ainda uma oficina de funileiro e fundidor, uma de pedreiro e outra de tipógrafo.(72)

As aulas de música no Instituto de Educandos devem ter começado em sua nova fase, por volta de junho de 1883. Embora o regulamento do instituto seja desta mesma data, o mestre Adelelmo só seria efetivado lá, depois. O que amparou a sua participação junto aos Educandos foi a sua nomeação para o cargo de professor de música da Escola Normal, a 14 de julho de 1883. Adelelmo do Nascimento acumulou a partir daí, os cargos de professor de música de ambos os colégios e mais o do Gymnasio Amazonense, posteriormente.

Logo em maio de 1884, chega o novo instrumental de *"cordas e de metal"*(73) para o instituto, juntamente com os acessórios, as partituras *"de óperas e várias peças de músicas importantes dos mais modernos e melhores autores, pedidos pelo respectivo professor da Banda Marcial e Orquestra"*(74)

Entretanto, a permanência de Adelelmo do Nascimento, na direção da música dos Educandos Artífices, teve uma interrupção. Em 19 de maio de 1885 ele deixaria a instituição, por desavenças com o diretor da casa.(75) A estreante cadeira de Desenho também ficaria sem provimento, quase certo que pelos mesmos motivos: em 22 de junho de 1885, Joaquim José Madeira sai do Instituto, onde estava desde 1o de agosto de 1884(76). Seu substituto também não ficaria muito tempo: José Irinêo de Souza assumiu as funções em 24 de julho de 1885 e as deixaria em 8 de fevereiro de 1886.(77)

A partir desta data a cadeira de Desenho seria ocupada pelo botânico João Barbosa Rodrigues, diretor do Museu Botânico.(78)

---

(65) - Uchôa, J.B. *Flagrantes...* Obra Citada, p. 118

(66) - *Lei no 564, de 8 de maio de 1882.*

(67) - *Relatório... José Paranaguá... 25 de março de 1883*, p. 34

(68) - *Relatório... José Paranaguá... 16 de fevereiro de 1884*, anexos

(69) - *Relatório... José Paranaguá... 25 de março de 1883*, p. 34

(70) - O regulamento que aprova a contratação de Adelelmo para o Instituto ampara-se na Lei no 630, de 19 de junho de 1883

(71) - Uchôa, J.B. *Flagrantes...* Obra Citada, pp. 117 e 118

(72) - Idem

(73) - *Relatório... Theodoreto Carlos Faria Souto... 12 de julho de 1884*, p. 25

(74) - Idem

(75) - *Relatório... Ernesto Adolpho Vasconcellos Chaves... 25 de março de 1886*, Anexo 6, p. 27

(76) - Idem

(77) - Idem

(78) - Idem. A presença de Barbosa Rodrigues no Instituto de Educandos fazia parte da intenção do governo provincial e do cientista em instalar um ensino científico na Província. No Instituto os meninos aprendiam a reconhecer e desenhar especimes vegetais

Aliava-se uma necessidade institucional a uma pessoal. Se de um lado o cientista carecia de recursos para se manter, do outro, eram os Educandos que ficavam bem servidos com um professor de tamanho gabarito.

Logo no dia seguinte à exoneração de Adelelmo do Nascimento, é nomeado o novo professor de música: Manuel Napoleão Lavor, executante e regente conhecido em Manaus por sua atuação nas temporadas teatrais, à frente de orquestras que acompanhavam as companhias de teatro que aqui vinham trabalhar, assumiu a 20 de maio de 1885.(79) Pela experiência que já possuía é bem provável que o professor Lavor, como era chamado, mantivesse os alunos na prática de música orquestral, e não só na aplicação de música para a banda, tal como Adelelmo do Nascimento já vinha fazendo.

Entretanto, nem Napoleão Lavor, nem Barbosa Rodrigues permaneceriam em seus cargos. Em 9 de junho de 1888, ambas as cadeiras, de música e desenho, são postas em concurso por ordem do presidente da província.(80)

Não se sabe exatamente quando os professores Lavor e Barbosa Rodrigues deixaram o cargo, e nem quando os seus substitutos entraram em atividade, mas isto deve ter acontecido ainda em 1888.(81)

Para a cadeira de música, retornava ao Instituto o mestre Adelelmo Francisco do Nascimento, agora já um professor vitalício da Escola Normal.(82) Ao seu lado, na cadeira de desenho, aparece o nome de Arturo Lucciani; esta aquisição, além de fazer jus ao prestígio da velha Casa de Educandos, não deixava a dever em nada ao antecessor da cadeira. O italiano Arturo Lucciani, formado pela Academia de Belas Artes de Florença(83), era pintor, decorador, fotógrafo(84) e publicitário(85): *"Pinta também casas segundo o gosto moderno ou do meio evo ou a trezentista, decora salas de baile, recreios, etc. Pode ser encontrado na sua residência na rua Conde D'Eu, ou no hospício da propaganda."*(86) Arturo Lucciani permaneceria ao menos 10 anos no Instituto dos Educandos Artífices, até 1899, apesar de breve interrupção(87).

Quanto a Adelelmo do Nascimento, não se sabe quantos anos mais ficou no Instituto(88), mas em 1897, quando ele já estava de partida para a França, o professor de música no Instituto de Artes e Ofícios(89) era José Raymundo da Silva(90).

Adelelmo do Nascimento terá dado imensa contribuição ao ensino da música no Amazonas, e aqui nos Educandos Artífices ele desempenhou um papel diferente daquele que lhe foi solicitado na Escola Normal e no Gymnasio Amazonense.(91) Com as obrigações de mestre de banda e preparador de orquestra, ele terá formado músicos profissionais de consideravel nivel, com base em sua grande experiência de executante, motivo pelo qual foi convidado por Pedro Ayres Marinho para se fixar no Amazonas.(92)

---

(79) - *Relatório... Ernesto Adolpho de Vasconcellos Chaves... 25 de março de 1886*. anexo 6, p. 27

(80) - *Exposição... Raymundo Amâncio de Miranda... 12 de junho de 1888*. p. 4

(81) - Adelelmo do Nascimento foi admitido novamente no Instituto dos Educandos a 13 de agosto de 1888. Ver *Relatório... Joaquim Cardoso de Almeida... 5 de setembro de 1888*. Lá, ganhou efetivação em 7 de janeiro de 1889. Ver *Relatório... Joaquim de Oliveira Machado... 2 de junho de 1889*. anexo E, p. 82.

(82) - *Exposição... Ernesto Adolpho de Vasconcellos Chaves*. 10 de janeiro de 1887. Adelelmo tornou-se vitalício na E.N. em 29/10/1886.

(83) - *Jornal do Amazonas*, 5 de abril de 1887

(84) - Arturo Lucciani fotografou especialmente personalidades públicas. Ver Braga, G. *Fastígio e sensibilidade*... Obra Citada, p. 50

(85) - O álbum *Estado do Amazonas* (obra citada), de 1899, foi autoria sua e de Bertino de Miranda Lima.

(86) - *Jornal do Amazonas*, 5 de abril de 1887

(87) - *Mensagem... Fileto Pires Ferreira... 3 de fevereiro de 1897*. anexos. Lucciani era professor dos Educandos neste ano. O *Relatório... Pedro Freire...30 de maio de 1899* cita sua nomeação recente (fevereiro/1899), em substituição a Jose Avelino de Mendes Cardoso

(88) - Adelelmo pediu contagem de tempo de serviço no Instituto Amazonense (e no Instituto Benjamin Constant) em 4 de setembro de 1895 (Lei nº 105). Ver *Indicador Alfabetico*, obra citada.

(89) - O Instituto Amazonense de Educandos Artífices é reorganizado pelo Decreto nº 48, de 15 de fevereiro de 1894, ocasião em que também troca de nome, passando a se chamar Instituto de Artes e Ofícios.

(90) - *Mensagem ... Fileto Pires Ferreira.... 3 de fevereiro de 1897*.anexos.

(91) - Embora na Escola Normal os alunos se aplicassem em violino, harmônio ou piano, não haviao mesmo rigor do Instituto Amazonense

(92) - Nascimento, A. *Compêndio de Musica elementar*. Obra Citada, p. IX

unesp

Adelelmo do Nascimento ganhou fama ainda na Bahia, onde nasceu(93). Estudou os primeiros rudimentos da música aos nove anos, com seu pai, o clarinetista e também violinista José Francisco do Nascimento, passando logo depois ao professor Isidoro, *"...que naquele tempo era o maior violinista da Bahia..."*(94) e por fim ao regente e violinista italiano Giuseppe Baccigaluppi(95). Adelelmo estudou ainda com Joaquim Torres, pai de Miguel Torres e fez o curso de humanidades do Liceu Provincial da Bahia(96) Foi cantor e mestre-de-capela da Sé da Bahia(96), e depois regente da orquestra do Teatro São João; na temporada lírica de 1880, Adelelmo é convidado a integrar a Companhia Lyrica Italiana de Tomás Passini, nas funções de 1º violino e 2º regente, e para excursionar por algumas capitais, chegando a Belém em 1882, quando então recebe a proposta de Pedro Ayres Marinho para vir a Manaus.(97) O convite para a excursão que resultaria na sua vinda definitiva para Manaus, aconteceu em meio ao enorme sucesso que Adelelmo granjeara, quando naquela temporada lírica de 1880 foi convidado por Carlos Gomes para dividir consigo a regência da ópera "O Guarany" (esta já um grande sucesso), demonstrando o enorme apreço que tinha pelo virtuose baiano(98). E quem o eleva a esta qualidade é o famoso violinista cubano José White(99), que por duas vezes ao menos, felicitaria Adelelmo: uma, quando o viu reger e tocar e na outra quando tocaram juntos em uma memorável execução pública(100).

Adelelmo do Nascimento também foi compositor, mas por *"...excessiva modéstia que tanto o caracterizava impediu que desse publicidade a muitas de suas composições."*(101) Entretanto, dele parecem ter restado algumas obras sacras, que escreveu para a Sé da Bahia, dentre elas dá-se destaque a uma *"Missa dedicada a Nossa Senhora da Boa Esperança"*.(102) Da sua produção feita em Manaus nada se conhece, mas não há dúvidas de que ele tenha continuado a compôr peças: *"... os seus discípulos as conhecem e sabem quanto elas valem."*(103) Estes discípulos em Manaus foram muitos. Apenas na Escola Normal e Gymnasio Amazonense, de 1883 a 1897, aplicou exames a 396 alunos.(104) Mas muitos de seus alunos que se tornaram executantes profissionais, e mesmo amadores de excelentes predicados, devem ter vindo do ensino particular e do Instituto Amazonense. Os mais destacados foram Geraldo Amorim e Lourival Muniz.(105)

---

(93) - O *Compêndio de Música elementar*, de Adelelmo, nas páginas em que estão as homenagens que lhe fez a congregação, há a seguinte afirmação: *"Nasceu em 1852, na freguesia de Santana, no Provincia da Bahia...."*, p. VIII. Esta informação é repetida em outra obra já citada aqui, a *Enciclopédia da Música Brasileira*, p. 516. Entretanto, o historiador Guilherme Melo, afirma que Adelelmo do Nascimento *"Nasceu em 1848 na freguezia da Sé..."*. Ver *A Música no Brasil*, obra citada, p. 268.

(94) - Nascimento, A. *Compêndio de Música elementar*, obra citada, p. VIII

(95) - O regente e violinista Giuseppe Baccigaluppi, nascido em Gênova, Itália, veio para o Brasil com uma companhia lírica. Fixou-se em Salvador, Bahia, e em 1856 foi nomeado professor de violino da Sociedade de Belas Artes, na cadeira de música. Foi responsável pela introdução de novos métodos de ensino no Brasil. Regeu muitas companhias líricas que se apresentaram no Brasil e após 20 anos de Brasil, regressou à Itália. Ver: *Enciclopédia da Música Brasileira*... obra citada, p. 60

(96) - Adelelmo já era conhecido como cantor e violinista, quando substituiu seu pai na mestrança da capela da Sé, em ambas as funções. Este, teria se dedicado ao canto após ficar impossibilitado de tocar clarinete, sendo então nomeado para a Sé. Ver: Melo, G. *A Música no Brasil*, Obra Citada, p. 269

(97) - Adelelmo amargaria dias difíceis após ser dispensado pela Sé da Bahia. Recuperar-se-ia quando da chegada na Bahia da Companhia Lírica de Eva Carlani. Nesta ocasião ele estava na regência do Teatro São João e permaneceu, o que lhe deu prestígio, pois o hábito era o de as companhias serem regidas pelos seus próprios maestros. Ver: Melo, G. *A Música no Brasil*, obra citada, p. 269

(98) - Duas fontes confirmam o relacionamento de admiração e respeito entre Carlos Gomes e Adelelmo do Nascimento: O *Compêndio de Música elementar*,do ilustre violinista, p. VIII e IX, e *A Música no Brasil*, de Guilherme Melo, p. 270

(99) - O cubano José White chegado ao Brasil em 1883, era professor de violino da Princesa Isabel. Foi sob seus auspícios que o violinista fundou a Sociedade de Concertos Classicos (onde também esteve Artur Napoleão), com o objetivo de realizar concertos camerísticos e sinfônicos, divulgando obras de autores como Beethoven, Haydn e Mendelsohn. Ver: Almeida, R. *História da Música Brasileira* 2ª ed. São Paulo, Briguiet e Cia, 1942, p. 390

(100) - Nascimento, A. *Compêndio*... Obra Citada, p. IX

(101) - Idem, p. X

(102) - *Enciclopédia da Música Brasileira*... Obra Citada, p. 516

(103) - Nascimento, A. *Compêndio*... Obra Citada, p. X

(104) - Idem

(105) - Nos capítulos sobre a execução musical, há de se falar destes e outros discípulos de Adelelmo do Nascimento.

Além de bons professores, o Instituto de Educandos Artífices continuava a fornecer tudo mais que os alunos precisassem. Os alunos, nesta segunda época da instituição, tinham 3 jogos de uniforme: um de saída, de pano fino com botões amarelos (que por vezes mandou-se buscar fora da província) e dois de serviço, sendo um de algodão azul trançado e outro de brim pardo.(106)

A rotina diária no Instituto, embora austera e tradicional, não era feita só de obrigações. O horário a que obedeciam os Educandos era o seguinte: (107)

5 h.	Despertar
5 h. e 15m.	Formar para rezar
5 h. e 30m	Formar para o banho
6 h.	Limpar o estabelecimento
7 h.	Almoçar
7 h. e 30m.	Recreio no pátio (2a, 4a e 6a)
8 h.	Aula de Desenho (3a e 5a) e Música (sábado)
9 h.	Entrada para as oficinas
11 h.	Jantar
11 h. e 30m	Recreio
12 h.	Voltar às oficinas
5 h. (da tarde)	Recreio ou banho
5 h. e 15m.	Merenda
5 h. e 30m.	Aula primária
8 h.	Refeitório
8 h. e 30m.	Música
9 h.	Rezar e recolher
9 h. e 30m.	Silêncio

A limpeza do instrumental da banda era feita de 30 em 30 dias.

Não há muitos nomes conhecidos de integrantes da Banda de Educandos Artífices. Apesar de haver uns poucos relatórios que identifiquem os alunos de música, apenas um documento, com o nome de *"Mapa de adiantamento da aula de Música dos Educandos artífices"*, elaborado por Francisco da Silva Galvão em 21 de agosto de 1860, dá os nomes dos executantes e os instrumentos que tocavam:(108)

1a Classe (mais adiantados):

Romualdo da Silva Minguém	-	*Requinta*
Evaristo Antonio da Natividade	-	*Clarineta*
Crescencio Antonio	-	*Pistão*
Euzébio Joaquim de Matos	-	*Opheclide*

2a Classe (adiantados):

Manuel do Nascimento	-	*Flautim*
Gregório Pinheiro	-	*Clarineta*
Albino Nery	-	*Trompa*
Maximiano Marques	-	*Opheclide*

(106) - *Relatório... Joaquim Cardos de Andrade... 5 de setembro de 1888*. anexo 7 p. 1
(107) - *Relatório... Joaquim de Oliveira Machado... 2 de junho de 1889*. anexo E, p. 82
(108) - *Falla.... Manuel Gomes Corrêa de Miranda... 3 de novembro de 1860*.

unesp

3º Classe (serve de 2º acompanhamento para os outros):

Jacob Dias da Silva	-	*Clarineta*
Lucas Ignacio	-	*Trompa*
João de Castro	-	*Trombone*
Manoel Domingues	-	*Trombone*

Pancadaria (ainda estão no solfejo):

Daniel Antonio Serralho	-	*Bombo*
Joaquim Pinheiro	-	*Tambor*
Felipe José dos Santos	-	*Campainha*
Francisco da Gama	-	*Pratos*

Aprendizes: [?]

José da Silva	-	*Trompa*
Hypolito Afonso dos Santos	-	*Clarinete*
Manoel da Trindade	-	*Solfejo*
Manoel Victorino	-	*Solfejo*

Externos (faz[em] *parte da Banda de Música)*

Pedro Pinheiro	-	*Pistão*
Manoel do Carmo	-	*Solfejo* [?]
João Pedro	-	*dito*

Um último exemplo de como o ensino e a prática de música alcançaram alta importância na Manaus daqueles tempos. Os salários dos professores de música dos Educandos estavam sempre entre os melhores proventos pagos aos professores daquela época. Francisco da Silva Galvão, como já se viu, tinha salário igual aos dos demais professores. Seu substituto Miguel Torres foi além. Sua renda no exercício financeiro de 1870/71, foi de 1:529$028 réis. Muito mais do que terá ganho o professor de primeiras letras do Estabelecimento, com 931$000 réis, ou um professor do Lyceu, com 666$660 réis (embora a carga horária fosse menor)(109). Alexandre Ramiro usufruiu de mais vantagens, pois a parcela dos cachês que lhe foi concedida chegou à terça parte, enquanto o usual estabelecido recaia sobre a quinta parte. A situação de Adelelmo do Nascimento nem é passivel de comparações; ele ocupou o cargo de professor de música em 4 instituições públicas diferentes (sem contar o ensino particular, em instituições e a domicílio).

Com a criação da Academia de Belas Artes em 1898 e o desdobramento do ensino profissionalizante em outras escolas especiais, o governo do Estado resolve suspender os trabalhos do Instituto Amazonense de Educandos Artífices, (que já havia se transformado em Instituto de Artes e Oficios em 1894) em janeiro de 1899 sendo extinto em 27 de novembro deste ano.(110)

---

(109) - *Livro de Receita e Despesa da Thezouraria Provincial 1871-1872.*Anexo A (balanço 1870-1871)

(110) - O Decreto nº 309, de 25 de janeiro de 1899, suspendeu os trabalhos no Instututo de Artes e Oficios e o Decreto nº 370 de 27 de novembro de 1899, extingue o estabelecimento

3.3 A Academia Amazonense de Belas Artes

No fim do século XIX muita coisa havia mudado em Manaus. Não eram só os melhoramentos materiais que haviam excedido as expectativas, mas as condições de progresso intelectual, que entraram em franca ascensão durante os anos 1880 e invadiriam o século XX com variadas possibilidades de gosto.

Nunca é demais lembrar que uma cidade formada por indivíduos de múltipla procedência, também acolhe hábitos diferentes e, em meio a tantos outros, os torna comuns. Os resultados disso já se viu: germinaram ideologias, avanços sociais foram experimentados e, dentre tudo o mais, surgiu um apetite voraz por cultura, especialmente música, que envolvia todas as variantes de espetáculos cênicos.

Embora já existissem escolas que dessem grande atenção ao ensino musical, só em 1898 iniciaram-se os trabalhos de uma instituição específica, a Academia Amazonense Propagadora das Belas Artes, com estatutos publicados em 2 de julho de 1898. É quase certo que ela terá nascido como consequência dos ideais da Associação Lírica Amazonense, responsável pela primeira estação operística em nos idos de 1890/91. O elo que as une é o maestro Joaquim de Carvalho Franco, regente, organizador da companhia lírica pioneira e da Academia de Belas Artes. Ele já havia se apresentado em Manaus, pelo menos desde 1885, ocasião em que esteve ao lado das cantoras Adéle Naghel e Rosina Genolini.(1)

Antes que se fale mais da Academia de Belas Artes, faz-se necessário contar o pouco que se pôde saber dos antecedentes daquele que surge como o seu maior mentor.

Joaquim Franco nasceu em Campinas, antiga Província de São Paulo, e tanto a data de seu nascimento como as notícias de sua formação são incertas. O ilustre pesquisador paraense Vicente Salles atribui o nascimento do maestro a 21 de agôsto de 1863, dizendo ter Joaquim Franco se diplomado em ciências jurídicas e partido para Europa em seguida, a fim de fazer um curso de Direito em Roma, de onde teria voltado maestro.(2) Entretanto, um documento considerável traz à luz mais informações e algumas dúvidas. Trata-se de uma composição para piano, de Joaquim Franco, publicada provavelmente em 1871, ano em que mais certamente foi composta. Intitulada "D. Izabel", uma marcha de 118 compassos que vem precedida de uma dedicatória reveladora:

(1) - *Gazetinha*, 20 de setembro de 1885

(2) - Salles, V. *Musica e musicos do Pará*. Belem, Conselho Estadual de Cultura, 1970, p. 149

unesp

"D. IZABEL
MARCHA PARA PIANO
Composta e consagrada ao ilmo Sr. LOURENÇO DE ARAÚJO PEREIRA muito digno professor e diretor do Imperial Colégio de música PRINCESA IMPERIAL D. IZABEL
pelo seu aluno
JOAQUIM DE CARVALHO FRANCO

Prezado mestre e amigo
Ousando dedicar-vos a minha mesquinha composição, faço-o sem temor de ofender-vos, confiado na vossa reconhecida bondade; Relevai pois, os graves defeitos que ofenderem a pureza de sua maestria e protegei àquele que com 12 anos de idade não conhece a ofensa em tal dedicatória: quando no seu primeiro trabalho intenta a obrigação de mostrar-se reconhecido para convosco
Vosso discípulo respeitador J. de C. Franco
ARÊAS, 5 de novembro e 1871" (3)

Desta forma o menino Joaquim Franco deve ter nascido em 1859, ou mesmo em 1858. Sabe-se portanto, que estudou música no Colégio Imperial sob a orientação deste Lourenço de Araújo Pereira e não se deve desconsiderar que o principal motivo de sua homenagem possa ter sido o de requisitar uma bolsa ou pensão que o levasse à Europa para prosseguir os estudos em música. Pondo a prova seus talentos, em tão tenra idade, é possível mesmo que estivesse querendo chamar a atenção da Princesa Imperial, a quem também faz homenagem quando dá nome à peça. Associando-se tais conjecturas à afirmação de Vicente Salles, de que Joaquim Franco foi à Itália e de lá voltou maestro, não é de todo errado imaginar que a finalidade da sua ida ao exterior não tivesse por escopo a aplicação em música (também). Não se sabe até o momento quanto tempo esteve na Itália, mas a partir de meados da década de 1880, ele surge a organizar companhias líricas para apresentações, onde participou como regente, em São Luiz, Belém e Manaus. A data em que se fixou na capital amazonense também é obscura, sendo mais provável que o tenha feito entre 1897 e 1898, logo após a vinda da companhia lírica italiana que trouxe para inaugurar o Teatro Amazonas e antes da fundação da Academia de Belas Artes.

A Academia, que de início era um estabelecimento particular com subvenção governamental, passaria rapidamente à tutela do Estado, amparada pelo Decreto no 324, de 26 de abril de 1899, que a criava como repartição estadual:

"...como sabemos, este estabelecimento era de caráter particular, estipendiado pelo Estado.
Assoberbado por crise monetária caminhava para o desaparecimento. Va Exa porém... correu em socorro de utilíssima instituição impedindo assim de ficarmos privados de suas inestimáveis vantagens." (4)

(3) - A partitura não traz o local de sua publicação e a data da dedicatória é a única que se pôde encontrar.
(4) - *Relatorio... Secretario dos Negocios do Interior Cel. Francisco P.R. Bittencourt... 11 de junho de 1900.* anexos

Certamente, este pouco tempo inicial que a Academia passou como entidade particular se deve a notoriedade e reconhecimento de que gozava o maestro Franco(5). Mas a sua permanência como instituição pública terá sido curta também. Em 24 de julho de 1900, a lei no 301 extingue a Academia de Belas Artes. A Administração Pública parece ter entendido que a instituição funcionaria melhor como uma pessoa de direito privado, subvencionada pelo Estado.(5) O maestro Joaquim Franco continuaria à frente da Academia por toda a sua vida e até bem mais tarde quando esta transformara-se simplesmente em Conservatório de Música.

Os dois departamentos que compunham a Academia de Belas Artes em 1899, eram o Atelier de Artes Objetivas e o Conservatório de Música. Pertencem a esta mesma época os primeiros nomes de professores, de que se tem notícia. O Atelier de Artes Objetivas que deveria abranger as Artes Plásticas, estava ainda reduzido a uma aula de Desenho e outra de Filosofia e História da Arte. A primeira destas teve 3 professores em pouco mais de 6 meses: o primeiro provimento da cadeira de Desenho foi feito por Victorio Tangerini, que assumiu a 14 de junho de 1899 e lá permaneceu até setembro, quando foi substituído por Carlo Baron e este por Arturo Lucciani, que entrou nas funções em 7 de fevereiro de 1900.(6) Destes 3 italianos, conhece-se alguma coisa da vida do último, sobre quem já se falou: sabe-se que chegou na década de 1880, que esteve a serviço dos Educandos Artífices por mais de 10 anos na qualidade de professor de Desenho e que sempre manteve o seu ateliê de pintura, fotografia e propaganda, tendo funcionado até 1902, pelo menos. Quanto aos demais, nada se sabe até agora.

Conforme o regulamento da Academia de Belas Artes, deveriam ainda ser preenchidas as cadeiras de Pintura, Escultura e Arquitetura(7). Não só estas cadeiras encontravam-se vagas, também as de Recitação e Declamação e Leitura. Mesmo as da área de música encontravam dificuldade de provimento efetivo. Entretanto, os motivos aqui pareciam diferentes e mais fáceis de serem resolvidos. Enquanto o Atelier de Artes Objetivas via-se seriamente limitado pela falta de equipamento necessário para as aulas, o Conservatório de Música sofria com o rodízio de professores em todas as cadeiras, embora estivessem sempre providas.

O diretor da Academia, Joaquim Franco precisou preencher muitas das cadeiras do Conservatório para que estas não ficassem vagas, tanto no curso diurno quanto no noturno. Lecionou Solfejo no curso diurno de 2 de junho a 1o de julho, quando assumiu em seu lugar Luiz do Rego Lima. No curso noturno esta mesma cadeira foi inicialmente ocupada também pelo maestro Franco e depois por Luiz do Rego Lima, sendo que neste caso a substituição de um pelo outro só aconteceu em novembro de 1899. Ainda na mesma data de 2 de junho de 1899, Joaquim Franco passou a ocupar a cadeira de Piano (1o ao 3o grau) e as de Canto Coral, Canto Solo e Harmonia, sendo que estas 2 últimas foram as únicas que parecem não ter constado do curso noturno, nestes tempos iniciais. Joaquim Franco conservou-se professor de Canto Coral, no curso diurno e noturno, Piano e Canto Solo (estas disciplinas só eram lecionadas de dia). Além da cadeira de Solfejo, repassou também a de Harmonia e dividiu a de Piano; em ambas atuou o pianista e compositor Giácomo Cornetto, bastante solicitado para concertos e de quem ainda se há de falar em momento oportuno. Cornetto, que em novembro de 1899 assinara um contrato de 3 anos, lecionou efetivamente Harmonia e foi responsável pelos dois primeiros graus do curso de piano, deixando ao maestro Franco a turma de concludentes e outra de iniciantes.

(5) - A Academia de Belas Artes recebeu diversos auxílios financeiros. As peças orçamentárias municipais contemplaram-na com uma ajuda anual até 1915. O Estado, por seu turno, socorreu a Academia com quantias variáveis, provavelmente de ano em ano; exemplo disso são as leis no 454 de 10 de outubro de 1904, no 524, de 18 de outubro de 1906 e no 558, de 26 de outubro de 1907, onde se registra a ajuda.

(6) - *Relatorio... Secr. Neg. Interior Cel. Francisco P. R. Bittencourt... 11 de junho de 1900*, anexo, relatorio de Joaquim Franco.

(7) - Decreto no 324, de 26 de abril de 1899.

No curso diurno havia ainda aulas de clarinete, instruídas por Giacinto Minelli (que permaneceria de 15 de julho de 1899 a 5 de abril de 1900, quando ausentou-se por licença médica de 90 dias), violoncelo, a cargo de Cesar Vesce, este um requisitadíssimo instrumentista, que também assumira suas funções em 2 de junho de 1899, e outra aula de Elementos e Divisão. Esta foi inicialmente dada por Aristides Bayma, de 2 de junho de 1899 a 24 de janeiro de 1900, depois em curto espaço de tempo por Cesar Vesce, de 1o de fevereiro de 1900 a 30 de março deste mesmo ano, quando foi substituído por Luiz do Rego Lima que ocuparia esta cadeira efetivamente. Esta matéria, Elementos e Divisão, também era ensinada à noite e também encontrou dificuldades em fixar um professor. Teve as aulas inciadas em 2 de junho de 1899, por Marcellino Antonio da Silva Maya que seria substituído pelo violinista e regente José Marsicano. Este embora tenha assumido em 30 de janeiro de 1900, logo foi dispensado, a 9 de março do mesmo ano, quando então assumiu Giácomo Cornetto. Marcellino Maya passara 6 meses na cadeira de Elementos e Divisão e um tempo ainda menor a ensinar violino: desligar-se-ía ainda em novembro de 1899, tendo assumido esta função José Marsicano. As matérias noturnas, completavam-se com aulas de instrumentos de metal, que ficaram a cargo de João José Lentini (de junho de 1899 a março de 1900) e Manuel Napoleão Lavor. (8)

Uma só matéria completava ambos os departamentos e lhes era obrigatória: Filosofia e História da Arte ensinada pelo professor Manuel de Betthencourt, que tornara-se conhecido por transcrever libretos e sinopses de óperas para publicação quando das temporadas líricas em Manaus.(9)

Em 1901, novamente instituição particular, a Academia já possuía outros professores para seu Conservatório de Música. Permaneceram Joaquim Franco e Luiz do Rego Lima; este agora ensinava muitos instrumentos, inclusive em atividade paralela à da Academia. Os novos mestres eram o violinista e desembargador Paulino de Mello, o cantor e médico Antônio Barreto Praguer (pai da violonista e cantora Olga Praguer Coelho), o flautista Alfredo Campos e um tal de A. Moura, desconhecido até agora. Ainda neste mesmo ano, volta a integrar o corpo docente Manuel Napoleão Lavor.(10) Destes todos, com exceção de A. Moura, têm-se vasta comprovação de suas atividades como concertistas sobre o que há de se falar logo mais.

Neste mesmo ano de 1901, os nomes dos professores do Atelier de Artes Objetivas também já eram outros. Curiosamente, 3 músicos conhecidos faziam parte deste corpo docente: o barítono Eduardo de Vecchi e os violinistas Lourival Muniz e Raymundo Filgueiras, estes, discípulos exemplares do mestre Adelelmo do Nascimento. Completavam os quadros da Academia: Libânio do Amaral, Salvador Carlos de Oliveira, A. de Figueiredo, Alberto Rangel, A. Pereira, Júlio Cezar e Olavo Ferreira. (11)

Há que se fazer aqui uma ressalva sobre a inclusão daqueles 3 músicos na relação de professores de Artes Plásticas, não se devendo descartar um possível erro na fonte onde a informação foi recolhida. A atividade do cantor e dos violinistas está bem documentada e destes, só Lourival Muniz, que tinha formação de engenheiro agrimensor, exerceu em certa altura a cadeira de Desenho no Gymnasio Amazonense e mesmo assim por um curto espaço de tempo.(12)

---

(8) - Todos este nomes e datas constam do relatorio feito por Joaquim Franco ao Secretario dos Negocios do Interior, o Cel. Francisco Publio Ribeiro Bittencourt. Ver: *Relatorio... Sec. dos Neg. do Interior, Cel Francisco P. R. Bittencourt... 11 de junho de 1900*. anexos.

(9) - *Commercio do Amazonas*, 6 de julho de 1899. Manoel de Betthencourt também foi chefe de redação no jornal *A Federação*.

(10) - *A Federação*, 5 de novembro de 1901.

(11) - Idem.

(12) - *Relatorio... Francisco Antonio Monteiro... 30 de maio de 1899*. p. 273.

unesp

Dentre os demais professores do Atelier de Artes Objetivas devem ser destacados o nome de Libânio do Amaral, o de Salvador Carlos de Oliveira, professor de Desenho do Gymnasio Amazonense por algumas décadas, e do escritor Alberto Rangel. Libânio do Amaral, irmão do pintor, decorador e caricaturista Crispim do Amaral, havia se associado a George Hübner no famoso ateliê fotográfico "Hübner e Amaral" do Rio de Janeiro. A dupla abriu uma filial deste estabelecimento em Manaus (1901) e adquiriu a casa "Fidanza", firma paraense do mesmo ramo.(13)

As matérias do curso do Atelier de Artes Objetivas, a esta altura, eram todas relacionadas a desenho linear, arquitetônico, topográfico e figurativo, anatomia, pintura e stereotomia, além do salão anexo para exposições e o ateliê fotográfico.(14)

Os professores de música davam conta de uma grande quantidade de matérias, o que reforça a idéia de que Raymundo Filgueiras, Lourival Muniz e Eduardo de Vecchi podem ter atuado na área musical. O Conservatório de Música oferecia aulas de elementos de música, divisão rítmica, solfejo melódico e harmônico, canto coral, canto solo, flauta, oboé, fagote, clarinete, trompa, trombone, violino, violoncelo, contrabaixo, piano (3 cadeiras: elementar, médio e superior), harmonia, história da música, declamação, entoação, expressão de emoções, estética, ritmo, anatomia com aplicação ao canto, Física, acústica e língua italiana.(15)

Infelizmente, quase nada se sabe a respeito da formação musical dos professores do Conservatório de Música da Academia de Belas Artes, além do que já foi dito e da atividade concertista que há de se transcrever. Mas é de se supor que fossem bastante competentes nesta função pedagógica, além de corretos executantes. Exemplo disso é o fato de que a Academia de Belas Artes atraía um grande número de alunos, superior ao das demais instituições do Estado. Em junho de 1899, a Academia tinha matriculados 123 alunos (antes do término de seu prazo de inscrições) enquanto o Instituto Benjamin Constant possuía 100 alunas, a Escola Normal 73 alunos, os asilos orfanológicos e de artífices lavradores tinham 35, o Gymnasio Amazonense 31 e o Curso Comercial apenas 15. Observe-se que todos estes estabelecimentos também tinham em seus currículos a música e o desenho. Os únicos números que superaram os da Academia de Belas Artes dizem respeito a totalidade dos alunos da rede particular, que eram 300, e das escolas públicas primárias em todo o Estado, com 3912 matriculados.(16)

A tendência era de que a Academia de Belas Artes fosse cada vez mais procurada. Para o ano letivo de 1900/1901 (setembro a junho), o número de matrículas chegou a 200. Isto afasta a hipótese de que a Academia tenha sido desligada do Estado por ter sido considerada um estabelecimento sem uso.

E para que se tenha uma idéia de quais os cursos mais procurados, observe-se o quadro abaixo que indica o número de alunos que tem ano letivo de 1899/1900, discriminando-os por turno, matéria e sexo(17):

(13) - *A Federação*, 5 de setembro de 1901
(14) - *A Federação*, 5 de novembro de 1901
(15) - Idem
(16) - *Relatorio... Francisco Antonio Monteiro... 30 de maio de 1899*, p. 267
(17) - A predominância de mulheres na Academia de Belas Artes, neste primeiro ano letivo, 111 alunas para 50 alunos, não foi repetida no período seguinte quando 110 rapazes e 90 moças se matricularam, embora nos anos seguintes o sexo feminino tenha sido maioria.

Música

Período diurno

Sexo Masculino		**Sexo Feminino**	
Elementos e Divisão	- 10 alunos	Cánto Coral	- 34 alunas
Solfejo	- 6 alunos	Solfejo	- 34 alunas
Canto Coral	- 6 alunos	Elementos e Divisão	- 30 alunas
Harmonia	- 5 alunos	Piano (nivel médio)	- 30 alunas
Violino	- 5 alunos	Harmonia	- 25 alunas
Violoncelo	- 5 alunos	Violino	- 10 alunas
Canto Solo	- 3 alunos	Canto Solo	- 6 alunas
Piano (nível médio)	- 1 aluno	Piano (nível superior)	- 3 alunas

Total de alunos do curso diurno de música e idades mínima e máxima:
Sexo masculino - 25 alunos dos 12 aos 21 anos
Sexo feminino - 89 alunas dos 9 aos 21 anos (com uma exceção de 35 anos)

Período noturno (só para o sexo masculino)

Canto Coral	- 13 alunos
Elementos e Divisão	- 13 alunos
Solfejo	- 13 alunos
Instrumentos de metal (estão especificados 2 de clarinete e 1 de flauta) e lenho	- 9 alunos
Violino	- 2 alunos

Total de alunos e idades mínima e máxima: 13 alunos dos 12 aos 21 anos

Desenho

Período diurno: 22 alunos do sexo feminino e 3 do sexo masculino
Período Noturno (somente para o sexo masculino): 9 alunos

Total de Alunos da Academia de Belas Artes: 161 (18)

As despesas com a Academia eram muitas. Para a instalação e manutenção do Atelier de Artes Objetivas, o governo estadual gastou no ano letivo de 1899/1900, a quantia de 25.000$000 de réis. Some-se a isto (gasto anual) mais 6.000$000 de réis para o aluguel do prédio, 3.000$000 de réis para material de expediente e 124.200$000 réis com o pagamento dos professores (ganhavam 6.000$000 de réis por cadeira no curso diurno e 3.600$000 por cadeira no curso noturno) e dos funcionários: o diretor, com vencimento idêntico ao de uma cadeira diurna, o secretário, com 20% menos, o amanuense, com vencimento idêntico ao de uma cadeira noturna, o porteiro e o bedel, com 2.400$000 réis cada, 2 inspetoras de alunas que percebiam 3.000$000 réis e um servente que ganhava 1.800$000 réis. O total das despesas alcançava 158.200$000 réis,(19) quantia considerável, que obrigara o governo estadual a abrir crédito suplementar na ordem de 130.800$000 de réis para cobrir a baixa previsão inicial do ano anterior.(20)

(18) - *Relatório... Francisco P. R. Bittencourt... 11 de junho de 1900.* relatório anexo de Joaquim Franco diretor da Academia
(19) - Idem. Ildefonso Torres Pereira era porteiro da Academia de Belas Artes e lá deve ter estudado violino e violoncelo, que bem dominou
(20) - Decreto no 399, de 10 de fevereiro de 1900

Os resultados da criação da Academia de Belas Artes não tardaram a aparecer. A partir de 1902, pelo menos, têm início uma série de "Concertos Históricos", apresentações de alunos, professores e convidados, com finalidades didáticas. Um largo repertório era explorado, desde o Renascimento até aqueles dias, no alvorecer do século XX, ás vezes com peças de vários períodos num só concerto, por outras um recital dedicado a uma autor ou uma escola. Tais concertos eram recheados de monografias explicativas, lidas pelos alunos que pesquisavam a vida de grandes compositores. Sempre que se realizavam estas apresentações uma exposição com os trabalhos do Atelier de Artes Objetivas também acontecia no salão contíguo.(21)

Alguns alunos da Academia de Belas Artes foram revelados como bons executantes e professores. Dentre eles as irmãs Marina e Honorina Amora, que além de pianistas formadas pelo curso completo do Conservatório da Academia, tornaram-se dentistas diplomadas pela Escola Universitária Livre de Manaus.(22) Devem ser lembradas ainda as pianistas Edelvira Praguer (esposa de Antonio Praguer), Maria Sylvia Jardim, responsável por toda uma geração de pianistas a partir de meados dos anos 10, e o violinista Cassiano Gil da Encarnação, cujo talento valeu-lhe uma bolsa de estudos para o exterior(23). Embora estes não fossem os únicos exemplos dos profissionais formados pela instituição, a grande maioria que por lá passou não se tornaria conhecido como músico ou artista plástico, mas como cidadãos de distinta formação, habilidade e sensibilidade. Até mesmo o incessante rodízio de professores da Academia contribuiu para isso: os alunos tiveram oportunidade de estudar com nomes respeitáveis como o arquiteto italiano Sílvio Centofanti(24) e o regente francês Edouard Boni(25).

Com o passar dos anos, as dificuldades da Academia de Belas Artes, que foram as mesmas para todos os habitantes de Manaus, fizeram-na reduzir-se ao Conservatório de Música, sempre com o incansável Joaquim Franco à frente. E este só parou de labutar pela formação artística de Manaus quando morreu, em 27 de novembro de 1927.

---

(24) - *Amazonas, 30 de agosto de 1908.*

(25) - Idem. Edouard Boni era regente da *Companie Lyrique Française du Mediterrain* que esteve ativa entre 1904 e 1906, quando então o maestro francês veio para sua primeira empreitada no Norte do Brasil, o que foi repetido com igual sucesso em 1907. Após esta data fixou-se definitivamente em Manaus, como professor da Academia de Belas Artes, transferindo-se para Belem em 1924.

3.4 A Música e o ensino particular

Como é presumível, o ensino da música também foi aplicado em colégios particulares de Manaus, tanto naqueles em que havia cursos regulares como em outros que só se dedicaram a esta disciplina artística. Aulas avulsas com professores particulares também eram de fácil acesso. Como é sabido, instrumentistas, cantores, regentes e teóricos, de todas as épocas e lugares, sempre complementaram seus vencimentos com aulas particulares. Em Manaus não foi diferente. Pelo contrário, é caso de se dizer que professores particulares existiram em abundância.

Nos albores da província o governo pagava a um professor para ensinar à municipaldade, quer nas instituições públicas de ensino, quer nas casas onde fosse solicitado. Apesar disso, em julho de 1863, surgiu Jerônimo Emiliano de França, disposto a dar aulas de música vocal e instrumental, especialmente piano, a quem se interessasse, devendo para tanto procura-lo à casa de Mariano Sabino da Silva, onde residia. Em 1869, Heloísa Monteiro Castro e Costa anunciava seus préstimos como professora de instrução primária, prendas domésticas e música vocal, exclusivamente para o sexo feminino(1). Algumas sociedades particulares também contrataram professores de música para seus associados, como foi o caso da Euterpe Rio-Negrense, que em 1874 tinha o militar Avelino Antonio da Cruz como seu professor de música(2). Ainda que não haja comprovação, é possível que ao menos os rudimentos de música tenham sido ensinados nas várias escolas que surgiram ao longo desta década de 70 do século XIX. Nicolau Tolentino tinha a sua na rua da Palma. Antonia Secundina Leal e Theresa Simpson também possuíam seus estabelecimentos, só para meninas, e Francisca Salles Duarte Tavares possuía uma escola mixta.(3) Em 1882, duas outras escolas particulares de relevante importância surgiram na capital do Amazonas: o Colégio Brasileiro (que já existia anteriormente sob o nome de Colégio Amazonense), um internato feminino, amparado por subvenção governamentais, dirigido por Candida Maria Pedrosa (que depois, em março de 1886 transferiu o colégio para Carolina Ribeiro, sogra de Joaquim Rocha dos Santos, fundador do Jornal do Commercio); e o Colégio Amazonense, de Luna Messias Corrêa e Zazá Teixeira de Sousa (respectivamente mãe e filha), que durou de julho de 1882 até 1887. Em ambas as intituições ensinava-se música vocal e piano. O professor de música do Colégio Brasileiro era o afamado Adelelmo do Nascimento, desconhecendo-se até o momento quem ensinava no Colégio Amazonense igual disciplina (esta instituição teve uma filial em Lábrea por volta de 1883)(4). Também se desconhece quem terá substituído Adelelmo do Nascimento no Colégio Brasileiro e quanto tempo o ilustre baiano passou na função (em 1889, havendo falecido Carolina Ribeiro, o colégio passou a ser orientado por Maria do Carmo Rodrigues de Sousa).

---

(1) - *Correio de Manaos*, 15 de outubro de 1869

(2) - *Amazonas*, 27 de novembro de 1874

(3) - *Jornal do Amazonas*, junho a dezembro de 1877

(4) - Uenoa, J.B. *"Flagrantes..."* Ob. Cit. pp. 128-130

Em 1889, surgiram três outras escolas particulares, de igual importância para o ensino em Manaus. Da primeira delas, o Ateneu Amazonense, dirigido pelo médico Jônatas de Freitas Pedrosa, não se encontram registros de aulas de música, apesar de que não estão afastadas as possibilidades desta disciplina ter sido ensinada ao longo da existência da instituição. A segunda escola surgida neste ano de 1889 foi o Colégio de Santa Teresa, instalado a 7 de janeiro, sob a direção de Ninfa Pontual, com aulas de várias matérias incluíndo música, não se sabendo até o momento quem foi o titular desta cadeira de ensino.(5) Por fim, deve ser mencionada a existência do Colégio 13 de Maio, fundado em 1888, mas instalado somente em 1889 (também a 7 de janeiro). Seu proprietário era Alexandre Rayol (1855-1934), violoncelista maranhense que viera para o Amazonas alguns poucos anos antes. Alexandre tinha mais dois irmãos músicos: Leocádio (violinista que também esteve em Manaus) e Antonio (tenor), que parece ter sido o primeiro professor de música do Colégio 13 de Maio(6). Aliás, foi Antonio Rayol o mais famoso dos irmãos, pela notoriedade que alcançou no Brasil (esteve ocupando a cadeira de música vocal em diversas instituições importantes, no Rio de Janeiro e no Nordeste, onde em São Luiz veio a fundar e dirigir a Academia de Belas Artes) e no exterior (cantou em eventos de grande importância como naquele sob regência de Verdi, em Roma)(7). Entretanto, Antonio Rayol não parece ter ficado muito tempo no estabelecimento amazonense, pois em 1893 o ano letivo já contava com o pianista, restaurador e construtor Max Brunn, na aula de piano(8).

Neste ano de 1893, por causa de uma enfermidade na família, Alexandre Rayol mudou-se para Itacoatiara (AM), reabrindo o Colégio 13 de Maio, em Manaus, em março de 1895. Apesar disso, Alexandre Rayol retornaria após esta data para sua São Luiz natal, onde fundou o Colégio Rayol, somente voltando ao Amazonas em 1910, a convite do Superintendente Municipal de Manaus, Agnello Bittencourt, para instalar estabelecimento de igual nome.(9) Deve-se dizer ainda sobre o professor Alexandre Rayol, que sua carreira de musicista jamais foi abandonada, embora ele tenha sido sempre muito solicitado como educador. Ele integrou diversos grupos camerísticos tanto em Manaus quanto fora da capital amazonense e esteve nas orquestras de temporadas líricas, como a de 1893, ocorrida no Éden-Theatro. Nesta mesma época, o Colégio 13 de Maio possuia um teatrinho para as apresentações dos alunos, professores e convidados da instituição(10).

Sobre o professor Max Brunn há poucas, mas interessantes informações. Sabe-se que mantinha em 1898 o *"Depósito de Músicas e Instrumentos"* de partituras e instrumentos, situada na Rua Henrique Martins(11). Neste estabelecimento, Max Brunn chegou a construir pianos, inclusive com dispositivos para tocarem sozinhos, como aquele que fez para o Café da Paz, em 1900: *"Um piano fabricado por Max Brunn e movido por um pequeno motor faz com variadas peças as delícias dos frequentadores"*(12).

Max Brunn não deve ter construído apenas pianos em seu estabelecimento, pois lá podia ser encontrado *"um bom sortimento de instrumentos fabricados especialmente para o nosso clima, harmônios, rabecas, flautas, etc..."* (13).

(5) - Uchôa, J.B. *Flagrantes...* Ob. Cit. pp. 178 e 179.
(6) - Idem, p. 177.
(7) - Sobre Antonio Rayol, ver: Cernicchiaro, V. *Storia della Musica nel Brasile...* ; Almeida, R. *Historia da Musica brasileira*.
(8) - *Diario de Manaos*, 2 de janeiro de 1893.
(9) - Bittencourt, A. *Dicionário Amazonense de Biografias*, Obra Citada, p. 52-55.
(10) - O *Diario de Manaos* de 7 de maio de 1892 anunciava para o dia 13 seguinte um espetáculo contendo *"a comédia 'Um marido vitima das modas' e a opereta 'Sentinela de saias'"*.
(11) - *Commercio do Amazonas*, 18 de julho de 1898.
(12) - *Diario de Noticias*, 26 de janeiro de 1900.
(13) - *Amazonas*, 17 de janeiro de 1901. Max Brunn tambem foi revendedor exclusivo de pianos das marcas *Dorner* e *Rönisch*.

unesp

Ainda em fins de 1903, Max Brunn transferira seu estabelecimento para a rua Saldanha Marinho, no 51 (paralela à rua Henrique Martins), anunciando aulas de piano no mesmo endereço(14). Entretanto, já no início de 1904 o *"Depósito de Músicas e Instrumentos"* foi vendido para uma grande loja de produtos variados, desconhecendo-se o que terá sido feito de Max Brunn:

> *"Aviso aos amadores e profissionais de Música.*
> *Tendo adquirido o importante depósito de músicas e instrumentos da antiga Casa Max Brunn, levamos ao conhecimento dos nossos amigos e fregueses que de hoje em diante vendemos por preços reduzidos todas as mercadorias que de lá retiramos como seja: pianos, harmoniuns, violoncelos, violões, guitarras, bandolins, etc, banjos, oboés, flautas, clarinetes, saxophones, etc, etc.*
> *E os respectivos pertences, assim como: papel de música, óperas completas, diferentes partituras para orquestra e banda métodos e trechos originais para todos os instrumentos*
> [...]
> *A LA VILLE DE PARIS*
> *Grande estabelecimentos de jóias e relógios,*
> *Rua Municipal, 57, esquina da Rua da Matriz."* (15)

A referência mais antiga a Max Brunn é de um recital em 1891, em que ele toma parte como pianista. Pelo que se pode perceber do repertório que executou e dos músicos com quem tocou, deve ter sido instrumentista de certa desenvoltura conforme atestam os anúncios de concerto. Com alguns destes músicos e diletantes de nome, Max Brunn fundou o Club Musical Amazonense, que por vezes utilizou-se de sua loja de partituras e instrumentos para os encontros dos associados. O Club Musical Amazonense era uma sociedade de concertos que surgiu com o intuito de se dedicar a execuções privadas(16):

> *"CLUB MUSICAL AMAZONENSE*
> *Ontem às 7 horas da noite reuniu-se no estabelecimento de músicas do professor Max Brunn um numeroso grupo de cavalheiros para tratarem da fundação de uma sociedade nesta capital com o nome de Club Musical Amazonense, cujo fim é dar a seus associados 1 concerto mensal no qual só serão executadas músicas de autores clássicos.*
> *O dr. Olavo Ferreira foi quem teve a idéia... e foi o promotor da reunião. Explicou seus estatutos... a 1a mensalidade de 20000 réis e da 2a em diante 10000.. Só os sócios e família terão direito aos concertos bem como qualquer pessoa merecedora de convite a passeio nesta capital... A idéia do sr. Olavo Ferreira vem satisfazer uma necessidade da sociedade amazonense"*

(14) - *Commercio do Amazonas*, 29 de novembro de 1903
(15) - *Quo Vadis ?*, 17 de janeiro de 1904
(16) - A rara menção encontrada a esta associação vem publicada no *Rio Negro*, de 11 de fevereiro de 1898, não tendo sido encontradas mais notícias a respeito de suas reuniões ou mesmo de concertos que possa ter vindo a organizar. Se a sua existência se prolongou, suas atividades ainda não foram apuradas e possivelmente restringiram-se a ambientes e ocasiões privados.

unesp

Neste grupo, Max Brunn ocupava posição na comissão de sindicância, ao lado do violinista e compositor Elpídio Pereira e do pianista Henry Muckenhirn. Este último também era um dos diretores de concertos, dividindo a função com o maestro Joaquim Franco. Os demais membros da diretoria do Club Musical Amazonense eram o médico Jorge de Moraes (um diletante) na função de presidente da entidade, o dr.O. Miranda como tesoureiro, o regente, compositor e arranjador Aristides Bayma como procurador e o violinista Gentil Bittencourt como secretário(17)

Mas, Max Brunn não era o único musicista a viver de múltiplas atividades relacionadas à Música, incluíndo lições particulares, e tampouco foi o primeiro a fabricar e vender instrumentos musicais adequados ao clima amazonense. Antes e depois dele, outros existiram.

Em 1888, o francês François Saint-Geran já vendia 4 modelos de pianos, fabricados especialmente para a clientela de Manaus:

> *"Depósito de Pianos*
> *Chegado aqui com a intenção de abrir um depósito de pianos nesta capital, tenho a honra de notificar ao respeitável público que primeira seção chegou em 4 modelos: BOUDOIR, CABINET, SALON, CONCERT.*
> *Estes pianos da primeira qualidade estão expressamente construídos a minhas prescrições baseadas nas experiências feitas durante a minha residência de 10 anos nesta terra, para combater quanto possível, as injúrias do clima. A respeito da solidez da construção deles dou garantia completa. Na espera que o respeitável público me ajude benevolentemente nesta empresa, convido todos os amigos da música, praticantes e diletantes a vir ve-los e examina-los Faltando-me uma localidade conveniente os instrumentos acham-se, por favor especial, na casa dos srs. Schramm & Cia., rua do Imperador*
> *François de Saint-Geran"* (18)

Certamente que Saint-Geran não se instalou em Manaus, com empresa tão especial se não tivesse em vista um retorno lucrativo. Pode-se deduzir que um número considerável de executantes já existia na capital do Amazonas, para amparar não só os negócios do construtor francês, mas como para estimular uma concorrência ao seu estabelecimento comercial, como foi o caso de Max Brunn. Vicenzo Cernicchiaro em sua *"Storia della Musica nel Brasile..."* identifica um número razoável de professoras de piano e de boas executantes, no período de 1884 a 1889, com as quais deve ter tomado contato quando de sua vinda a Manaus. Ele nomeia algumas delas: as professoras Cândida Maria Pedrosa (a proprietária do Colégio Brasileiro), Zazá Teixeira de Souza (uma das proprietárias do Colégio Amazonense), Virgínia Ferreira do Couto, Raymunda de A. Magalhães, Eulália S. Rêgo Monteiro e as diletantes Amélia, Leonina e Ortensia Sarmento de Sá, Amélia Amorim, Anézia Rodrigues Teixeira, Antonia Vianna Cardozo, Carlota Augusta Baird, Arcelina Vianna Prata, Carolina Barroso e Joana Gruna Pereira.(19)

---

(17) - A composição da diretoria do Club Musical, bem como a sua intenção em solicitar o Teatro Amazonas para seus concertos, vêm transcritos no *Rio Negro*, 11 de fevereiro de 1898.

(18) - *Jornal do Amazonas*, 28 de junho de 1888. Outros vários anuncios semelhantes, sobre o deposito de pianos de François Saint-Geran podem ser encontrados em jornais locais por volta desta mesma epoca.

(19) Cernicchiaro, V. *Storia della Musica nel Brasile...* Milano, Fratelli Riccioni, 1926, p.388.

Certamente havia mais gente se dedicando ao ensino e prática musical em Manaus. Mesmo Adelelmo do Nascimento, professor a serviço da Província e depois do Estado do Amazonas, não se via impedido de ministrar lições particulares e como ele, outros tantos que serviram igualmente ao governo do Amazonas, como o professor Manuel Napoleão Lavor, assim também o fizeram: *"Manuel Napolião Lavor leciona música vocal e instrumental e afina pianos. Pode ser procurado de manhã (9 às 12h) no Regimento Militar do Estado"*(20)

Como já se viu a música era uma disciplina constante em currículos escolares públicos e assim o devia ser em estabelecimentos privados de ensino. Com a proclamação da república e o consequente crescimento de unidades da nova federação, expandiram-se rapidamente aquelas que se viam melhor privilegiadas financeiramente. No Amazonas, um destes ricos estados na virada do século XIX para o XX, a quantidade de escolas particulares aumentou bastante. Das que existiam na época provincial, poucas avançaram pelo período republicano, é bem verdade, mas outras tantas se estabeleceram em seu lugar.

No início de 1907, havia 9 colégios particulares que se anunciavam nas páginas do *Amazonas* alertando para os prazos de inscrição e ingresso no período letivo que se seguiria àquele ano, bem como, em alguns casos, o currículo de matérias e o quadro de professores que punham à disposição da clientela: *Sagrado Coração de Jesus, Instituto Amazonense, Colégio Santa Infância, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Seminário Episcopal, Colégio Francez, Colégio Cinco de Setembro, Externato São Sebastião* e o *Cours Saint Joseph*(21) No Externato de São Sebastião lecionavam música o maestro Joaquim Franco (ainda à frente da Academia de Belas Artes) e o jovem violinista cearense Raymundo Donizetti Filho, cujo talento o havia levado a estudar na Europa como um bolsista do Amazonas.(22) Nos demais colégios, ainda que não se saiba exatamente o nome dos professores, sabe-se em quais a música era oferecida como disciplina de importância: o Seminário Episcopal, que já existia antes da instalação da província, continuava a oferecer aulas de música vocal e instrumental(23); o Colégio Cinco de Setembro, que possuía cursos primário, secundário e de habilitação para Escola Normal, também tinha aulas de dança, música vocal e piano(24); no *Cours Saint Joseph*, situado à Rua da Independência, número 33, os vários cursos e matérias, ministrados em francês, também preparavam para o ingresso em escolas francesas, possuindo portanto uma parte do currículo dedicada às Artes, onde havia a aplicação de Música (piano, canto, acompanhamento e solfejo)(25)

(20) - *Amazonas*, 5 de fevereiro de 1908

(21) - *Amazonas*, 4 de janeiro de 1907

(22) - *Amazonas*, 2 de novembro de 1908. O Externato de São Sebastião era dirigido pelos frades capuchinhos e tinha um quadro de materias que incluia Portugués, Francês, Aritmetica, Geografia, Historia do Brasil, Religião, Leitura e, como já foi dito, Música. A saber, no ano de 1908 foram aprovados nas classes dos professores Joaquim Franco e Raymundo Donizetti Filho 10 alunos: Wanderley Normando e Luiz Paulino (com distunção, ou seja, grau 9), P. Arcoverde (com grau 8), F. Nogueira e A. Braga, Luiz Gonzaga, J. Pereira, A. França, O. de Carvalho e H. Barbosa.

(23) - *Quo Vadis?*, 10 de fevereiro de 1904

(24) - *Quo Vadis?*, 5 de janeiro de 1904. O Colegio Cinco de Setembro cobrava 390$000 por trimestre e alem das materias habituais oferecia Educação Fisica e Higiênica, serviços medicos e de enfermaria, roupa lavada e engomada, e todas as refeições.

(25) - *Amazonas*, 4 de janeiro de 1907. O anuncio do *Cours Saint Joseph*, no jornal, estava todo em francês e o estabelecimento oferecia um numero consideravel de materias e cursos com vistas ao exame de preparatorios para as escolas francesas, onde muitos amazonenses foram estudar aquela epoca. As principais materias do *Saint-Joseph* eram Francês e Inglês (do elementar ao superior), Literatura, Historia, Geografia, Matematicas, Geometria, Estenografia, Pedagogia, Ciências (Historia Natural, Fisica e Quimica), Instrucão Religiosa, Historia da Igreja, Historia Santa e Eclesiastica, Pintura, Piro-gravura, Foto-pintura, Miniatura, Musica (nas modalidades ja descritas), direção, ginastica e trabalhos manuais. A escola *"pour dames et jeunes filles"* era dirigida por Mme. Jeanne Bilhar, diplomada na França.

unesp

Embora neste anúncio de 1907 não apareça o nome de certas escolas particulares de importância, quer por um motivo ou outro, devem ser citadas a Cristoforo Colombo e o Colégio Santanna Nery(26), ativos em 1905, e o Atheneu Amazonense, refundado em 1900/01, e que em 1904 funcionou com 4 cursos distintos, o primário, o secundário, o comercial e o decorativo. As aulas de Música eram ministradas no Curso Decorativo (que também incluía aulas de Taquigrafia) pelos violinistas Raymundo Donizetti Filho e o italiano Francisco Pacciani.(27)

Apesar de todas estas escolas, havia ainda em Manaus um grande número de professores particulares de música desenvolvendo seu ofício, como já se pôde perceber, ao lado de outras atividades e em diversas ocasiões e lugares. Muitos deles eram italianos (ou descendentes diretos) como o eram alguns dos professores da Academia de Belas Artes e o já citado Francisco Pacciani. Dionízio Burgio, por exemplo, chegou em Manaus como *spalla* da Companhia Lírica Italiana que veio ao Éden-Theatro para a temporada de 1890/91 e aqui se deixou ficar por alguns anos. Em 1899 ele vivia, dentre outras atividades, do ensino particular de violino, viola, mandolim e solfejo, cobrando para tanto a módica quantia de 40$000 réis por duas aulas semanais, ou 50$000 réis por três aulas semanais (pagamento adiantado)(28). Sobre o trompetista João José Lentini não se tem muitas informações e nem se sabe ao certo quando chegou em Manaus, mas em 1900, após algum tempo na cidade, já estava à disposição do público para ensinar seu instrumento e dividia suas atividades didáticas com as de concertista.(29)

Dentre os concertistas locais que viviam do ensino da música pode-se citar também o multi-instrumentista Luis R. de Lima, (o mesmo da Academia de Belas Artes) que não só ensinava piano, violão (dentre outros) e canto (ou apenas solfejo), como também encarregava-se de afinar pianos e realizar quaisquer trabalhos de escrita musical, transcrições, instrumentações, cópias, etc.(30) Luiz Lima morava na rua Ferreira Penna, logo depois da esquina da antiga rua Cearense, próximo a outro violinista que também vivia de aulas e de composições para grupos locais, o *monsieur* Desperiez. Este atendia alunos a qualquer hora, em sua casa na rua Ramos Ferreira, número 11, e orgulhava-se de ter *"desde o menor até o maior prêmios obtidos no Conservatório de Paris e outros concedidos pelo Ministro de Belas Artes* [da França] *em recompensa por seus grandes méritos artísticos"*(31)

No mesmo ano de 1901, em que todos estes músicos acima mencionados estavam ativos, Emília Machado também dava aulas de violino em sua residência na Praça da República(32). E como já se viu momentos atrás, ela não era a única mulher a competir com tantos homens pela clientela de aprendizes de música. Em 1904, Laura de Souza Coelho ensinava piano e música vocal, tanto em sua residência na rua Quintino Bocaiúva, número 64, quanto nas casas particulares que a solicitassem(33).

Os violinistas Mamede da Costa, formado em Leipzig, e Henrique Jorge, faziam parte de um contingente de músicos que vinha comumente a Manaus para dar concertos e lições de música; é possível que muitos destes, incluindo os dois acima mencionados, tenham residido na capital do Amazonas, tal é a frequência com que se encontram seus nomes nos periódicos locais daquela época.

---

(26) - Ambos os estabelecimentos anunciaram-se por diversas vezes durante o mês de janeiro de 1905 nas páginas do *Amazonas*

(27) - *Amazonas*, 10 de fevereiro de 1904. O Atheneu Amazonense situava-se à Rua Municipal, 95

(28) - O professor e violinista Dionízio Burgio chegou a Manaus com a Companhia Lírica do maestro Franco em dezembro de 1890. Ver *Diario de Manaos*, 10 de dezembro de 1890. Para o anuncio das aulas de musica, ver: *Commercio do Amazonas*, 10 de março de 1899

(29) - *Diário de Notícias*, 13 de março de 1900. *A Federação*, 14 de setembro de 1901

(30) - *A Federação*, 3 de outubro de 1901.

(31) - *Amazonas*, 28 de junho de 1901. Desperiez parece ter chegado neste mesmo ano a Manaus e só deu início às aulas em 5 de julho.

(32) - *A Federação*, 3 de março de 1901.

(33) - *Jornal do Commercio*, 21 de agosto de 1904.

Tanto Henrique Jorge como Mamede da Costa tinham alunos fixos em Manaus e faziam-se exibir ao lado deles em muitos dos concertos que ambos os violinistas promoveram na capital amazonense.

Falou-se que Mamede da Costa era formado pelo afamado Conservatório de Leipzig, tal qual o pianista Paulino Chaves que de 1910 a 1913 ocupou a cadeira de Música da Escola Normal, e que o violinista Desperiez havia sido um aluno laureado do Conservatório de Paris. Tais informações, nem sempre disponíveis, constituem-se em fontes de valiosa referência para se entender quais as escolas que influenciaram a educação musical em Manaus. Infelizmente não há riqueza de detalhes sobre estes tantos músicos que aqui viveram parte de suas vidas e fizeram carreira, como também são incompletos os poucos dados que se pôde obter sobre os já mencionados e outros dos quais ainda se há de falar aqui neste trabalho. Ao menos sabe-se em alguns casos, que pelo repertório que executavam e pelas solicitações que tinham por parte do público e companheiros de ofício, deviam desempenhar muito a contento suas funções. Encaixa-se muito bem neste exemplo o professor e pianista Arão Benjamin, formado pelo Conservatório Real de Lisboa. Arão Benjamin foi músico solicitado para diversas formações camerísticas e, além de compor alguma música para elas, passou a receber chamados para lecionar piano, na Livraria Universal, na Rua Henrique Martins, onde também trabalhava(34) Posteriormente, abriu sua própria loja de partituras, na rua Henrique Martins, número 17c, repassando-a por volta de 1906 ao violoncelista Cesar Vesce(35); desde 1904/05 que Vesce atendia a chamados para afinar pianos no estabelecimento de Benjamin(36). Entretanto, Arão Benjamin permaneceu em Manaus desenvolvendo sua atividade de concertista, ao lado de músicos locais e estrangeiros, até 1907, pelo menos.

O violoncelista Cesar Vesce, por seu turno, também estava comprometido com várias formações camerísticas e orquestrais em Manaus, quando resolveu tornar-se sucessor de Arão Benjamin na loja de partituras. Cesar Vesce compunha a orquestra do teatro do Cassino Amazonense, as orquestras das temporadas líricas locais, os grupos orquestrais e camerísticos ligados à Academia de Belas Artes onde era titular da cadeira de violoncelo, e fazia um incontável número de participações em recitais e saraus.

Na loja de partituras de Cesar Vesce, à rua Henrique Martins, então no nº 17a, encontrava-se um pianista, das 9 às 11h da manhã, todos os dias, para provar ao piano qualquer das músicas(37). Era ele Guido Gazoppi, maestro italiano que regera a orquestra do Eden-Theatro, nos primeiros anos do século XX, quando a casa de diversões investiu em uma companhia estável de músicos e cantores para oferecer diversão todas as noites. Gazoppi que também viveu da atividade de concertista, como bom pianista acompanhador que deveria ser (as solicitações de músicos estrangeiros assim fazem presumir), deve ter arrematado a loja de Cesar Vesce por volta de 1908.

Diz-se isto porque logo no início de 1908 surgiu na mesma rua Henrique Martins, desta vez no nº 23, a "Casa de Músicas", mesmo nome pelo qual ficara conhecido o estabelecimento de Cesar Vesce(38).

---

(34) - *Jornal do Commercio*, 29 de outubro de 1904. A Livraria Universal vendia deste muito antes desta data, um variado sortimento de partituras e utensílios musicais, incluindo instrumentos. É possível que Arão Benjamin já estivesse ligado ao estabelecimento também há mais tempo, pois ele já estava em Manaus desde o final de 1903, quando se sabe que ele estava a tocar nos fins de tarde do Grande Hotel, um vasto e luxuoso estabelecimento, que possuía jardins e pomares, inaugurado em 9 de fevereiro de 1899 (com festa a partir das 4 da tarde) na Rua Municipal, número 95. O prédio permanece no mesmo local ainda hoje.

(35) - *Amazonas*, 21 de julho de 1906.

(36) - *Amazonas*, 2 de janeiro de 1905. Devido à data da publicação do anuncio, há que se levar em conta a possibilidade de Cesar Vesce já ter estado a trabalhar com Arão Benjamin, atendendo aos chamados para afinar pianos, desde o final de 1904, ao menos.

(37) - *Amazonas*, 6 de março de 1907. Neste mesmo jornal lê-se o nome do pianista que provava as músicas.

(38) - *Amazonas*, 2 de janeiro de 1908. Cesar Vesce anunciou sua loja com este mesmo nome durante 1907.

O anúncio da "Casa de Músicas" aparece no início de 1908 sem identificar seu proprietário, embora o endereço na altura do nº 23 da rua Henrique Martins fosse sempre publicado. Em 28 de março deste ano de 1908, surgiu outro anúncio da Casa de Músicas, reportando-se às novidades em partituras nacionais e estrangeiras que sempre foram sua especialidade. Neste anúncio, ao qual se seguiram outros ainda neste mesmo ano, não mais se publicou o endereço, porém o dono do estabelecimento parecia bastar como referência de lugar e qualidade: era Guido Gazoppi.(39) A coincidência de nomes, a proximidade de endereços e a relação entre os músicos envolvidos sugere que Guido Gazoppi deve ter sucedido Cesar Vesce à frente do negócio de partituras da loja da rua Henrique Martins, trocando de endereço (do nº 17 para o 23) e conservando o nome e a especialidade: Gazoppi continuava a vender música de dança e métodos de piano, violão, mandolim e flauta, bem como papel de música e cordas *"de 1a qualidade para todos os instrumentos"*, além do sortimento tradicional de partituras nacionais e estrangeiras.(40)

Neste meio tempo, instalava-se na rua Henrique Martins, na altura do nº 30, uma outra loja de instrumentos e partituras, esta pertencente ao maestro francês Edouard Boni. Boni viera para Manaus como regente da Companhia Lírica Francesa em 1906 e 1907, sob empresa de Joaquim Franco; quando o maestro Franco contratou Edouard Boni este já possuía a sua própria companhia lírica, a *Companie Française du Mediterrain*, e já era um membro da Sociedade de Compositores de Música, de Paris. Ao final da temporada de 1907, tão bem ou melhor sucedida que a do ano anterior, o regente francês fixou-se em Manaus com sua esposa. Abriu então a loja de partituras e instrumentos na rua Henrique Martins, onde também atendia ao público, dando lições de piano, canto e língua francesa (provavelmente dicção, prosódia, etc.): em seu estabelecimento podiam ser encontrados desde os instrumentos mais comuns como pianos da marca *Pleyel*, até percussão de orquestra, como um par de tímpanos. Dentre as partituras, a loja do maestro Boni tinha por especialidade óperas e operetas integrais e música para piano e orquestra, *"todas modernas"*(41).

Vê-se perfeitamente que a prática da música em Manaus estava bem amparada por um grande número de professores, construtores, restauradores, lojas de partituras e instrumentos e estabelecimentos afins. Como no caso de associações e clubes (conforme se verá a seguir), nem sempre as lojas de partituras e instrumentos e as casas de restauração e construção eram empreendimentos de musicistas, o que reforça a certeza de que a cidade de Manaus tinha grande número de profissionais e diletantes a praticar música em ocasiões diversas. Estudantes e profissonais tinham facilidade em adquirir partituras, mesmo os mais recentes lançamentos, ou instrumentos musicais de qualquer categoria e marca.

Na rua da Instalação, nº 5b, achava-se a Agência Freitas, que vendia revistas, jornais, livros e *"musicas dos mais afamados compositores"*(42). A *Palais Royal*, localizada na rua Guilherme Moreira, que desde 1893 vendia livros, revistas, jornais, impressos de vários tipos e outros artigos de bazar (óleo para cabelo, bonecas, etc.), passou também a ser correspondente e agente revendedor da gazeta musical, teatral e literária "Música para Todos", editada em São Paulo e na Itália. Vendia instrumentos musicais e partituras(43), tornando-se mais tarde ponto tradicional na coercialização deste último produto(44); tudo isto lá podia ser encontrado em largo sortimento desde 1897.

(39) - *Amazonas*, 28 de março de 1908. No mesmo ano e jornal, pode-se encontrar anuncio da Casa de Musicas ate novembro
(40) - Idem
(41) - *Amazonas*, 9 de janeiro de 1908. Em 1909, Melle. Boni abriu no mesmo endereço uma loja de chapeus. *Amazonas*, 7 /2/ 1909
(42) - *Amazonas*, 4 de junho de 1907
(43) - *Rio Negro*, 24 de julho de 1897. Ver tambem *Diario de Manaos*, 5 de janeiro de 1893
(44) - *Amazonas*, 26 de janeiro de 1908

unesp

O famoso Bazar *Passe-Partout* também vendia partituras, principalmente para piano.(45) E na rua Municipal, nos 85 e 87, podia-se achar farto estoque de partituras em liquidação.(46)

Deve-se dizer que nem todas as partituras utilizadas pelos músicos e aprendizes em Manaus, eram vindas de fora do Amazonas. Desde o início de 1888, pelo menos, a tipografia do jornal "Província do Amazonas" imprimia partituras para piano, flauta e violino (solo ou combinados), e os vendia diretamente ao público de Manaus, na rua Municipal, no 22, *"frente encarnada"*, a *"um preço sem competência no mercado"*(47). Muitos podem ter sido os autores locais que tiveram suas peças impressas nesta tipografia, pois lá eram encontradas obras do flautista e maestro português Roberto de Barros (radicado no Pará, mas que estava frequentemente em Manaus, inclusive neste ano de 1888) e do tenor Antônio Rayol.(48) Pouco mais tarde na rua da Instalação, 22, próximo à Agência Freitas, também era possível encontrar partituras(49). Deve ser observado que a antiga rua Municipal é perpendicular à rua da Instalação e paralela à rua Henrique Martins; nestas três ruas em endereços muito próximos situava-se a maioria das lojas citadas acima. Na rua Henrique Martins a concentração de estabelecimentos ligados à música parecia ser ainda maior. A loja em que Cesar Vesce iniciou seus negócios em sucessão a Arão Benjamin era no no 17. Em seguida, Guido Gazoppi estabeleceu-se na altura do no 23 e Edouard Boni na altura do no 30. Entre estes endereços, na mesma rua Henrique Martins, no no 20, situava-se o Salão Pedro Américo, de exposição permanente de Belas Artes, que dividia seu espaço com a Photographia Artística e a Sala de Concertos Populares Alberto Nepomuceno: tudo isto fazia parte do Centro Artístico, sob responsabilidade de Joaquim Franco, que ainda envolvia muitas outras atividades, quiçá no mesmo local. No Centro Artístico podia ser encontrada também a Revista Musical, outra das muitas publicações do gênero que parecia ter excelente aceitação na cidade.(50)

Quanto aos instrumentos musicais, estes não eram encontrados somente em lojas especializadas. Sem relacionar aqui o incontável elenco de anúncios de instrumentos usados sendo vendidos por particulares, quer nas residências ou nas tipografias de jornal, pode-se destacar os grandes depósitos e bazares como a casa de Bernardo Bockris, que vendeu pianos (quase sempre da marca *H. Kohl*, de Hamburgo) por uma boa dúzia de anos, desde 1888, pelo menos, e pode tê-lo feito por muito mais tempo.(51) Do mesmo modo o grande estabelecimento comercial *Dusendschon, Zarges & Co.* também vendia pianos, exclusivamente da marca *"Dorner"*(52). Em outros estabelecimentos semelhantes pôde-se encontrar eventualmente instrumentos musicais.

Dentre os restauradores, que por vezes também venderam e construíram instrumentos para clientela manauense, havia a Oficina de Instrumentos de Paul Lucien Joly, situada à rua Campos Salles, no 7, *"com os serviços do habilitadíssimo Cândido S. Carneiro* [que] *conserta instrumentos de metal, madeira, harmônio, banjo, piano, etc"*(53).

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

(45) - *Amazonas*, 2 de abril de 1909
(46) - *Amazonas*, 26 de janeiro de 1908
(47) - *Provincia do Amazonas*, 15 de janeiro de 1888
(48) - *Provincia do Amazonas*, 7 de outubro de 1888
(49) - *Diario der Manaos*, 5 de janeiro de 1893
(50) - Sobre o Centro Artístico dirigido pelo maestro Joaquim Franco e a Revista Musical, ver *Diario de Noticias*, 21 de fevereiro de 1900 e os capítulos seguintes deste trabalho.
(51) - Ver *Provincia do Amazonas*, maio de 1888 e o *Imparcial*, 30 de maio de 1897
(52) - *Diario do Amazonas*, 28 de fevereiro de 1910
(53) - *Diario de Manaos*, março de 1892

Em 1904, havia também a Oficina de Pianos de Pedro Cernak, situada à Avenida Eduardo Ribeiro, 37.(54) Em 1906, dois ex-oficiais da Fábrica de Pianos *Pleyel*, de Paris, chamados A. Jourdain e L. Martin, instalaram-se na rua Henrique Antony, 2b, consertando, afinando, comprando e vendendo pianos.(55) Em 1909, a joalheria de Roberti e Pelosi (que até 1913 tornar-se-ia concessionára dos carros Fiat) também tinha um afinador de pianos recebendo chamados.(56)

Sabe-se que desde o início da época provincial até os anos primeiros deste século XX, bazares e lojas especializadas comercializaram partituras e instrumentos musicais. Em muitos destes lugares o ponto comercial servia também como referência para contatos profissionais dos músicos, incluindo-se aí o ensino da música, como já se viu. Este largo número de lojas e oficinas de restauro, construção, afinação e comércio de instrumentos musicais, bem como de venda de partituras, foram surgindo em solo amazonense à medida que músicos profissionais chegavam de outros pontos da nação e do exterior, e o interesse do público manauara em aprender música, crescia na mesma intensidade (por este e outros motivos). Assistindo a bons espetáculos e convivendo com artistas de experiência e qualidade, o cidadão comum entusiasmava-se em praticar música, como diletante ou profissional, necessitando para isto de toda a estrutura necessária à execução de nível elevado. Esta estrutura existiu não só porque os músicos e seus discípulos desejavam fazer boa música, mas porque também o público assim o exigia. Composto por conhecedores mas também formado por pessoas que pouco ou nada sabiam sobre música, este público reunia-se em um enorme contingente desejoso por audições de qualidade. Desta forma, pode-se seguramente afirmar que a prática musical e o ensino da música estavam envolvidas numa relação de causa e efeito. A intimidade entre estes agentes, as relações e as estruturas que desenvolveram, certamente apoiaram o crescimento da prática musical em Manaus. Deve ser lembrado que a Academia de Belas Artes funcionou de forma autônoma, como entidade de direito privado, durante quase toda sua existência, amparada pela sua clientela, sua audiência, e por periódicas subvenções públicas também. E esta não era a única instituição a oferecer cursos regulares de música na cidade de Manaus.

Em 1903 havia também o Salão Musical, situado na rua Saldanha Marinho, nº 79, com aulas diurnas, (das 7 às 11h e das 14 às 16h) e noturnas (das 19 às 21h): *" de Elemento, Solfejo, Violino, Flauta e Basso, e instrumentos de metais"*(57). Os professores que se associaram a esta empreitada eram o flautista Sobreira Lima (1868-1922) e o violinista Armando Lameira (1876-1950). Sobreira Lima, egresso do Conservatório de Milão onde estudou com Zamperoni, o primeiro flautista da orquestra do Teatro Scala, nasceu no Ceará e antes de vir para Manaus, esteve em Belém ocupando-se como concertista e regente em algumas formações musicais.(58) Em Manaus, além do Salão Musical, ensinou flauta e teoria musical em outras instituições, assim como apresentou-se em diversas ocasiões e estabelecimentos.

(54) - *Jornal do Commercio*, 27 de julho de 1904
(55) - *Amazonas*, 22 de fevereiro de 1906, 21 de julho de 1906
(56) - *Amazonas*, 29 de janeiro de 1909
(57) - *Quo Vadis?*, 4 de março de 1903
(58) - Salles, V. *Musica e Musicos no Para*, pp. 178 e 179

unesp

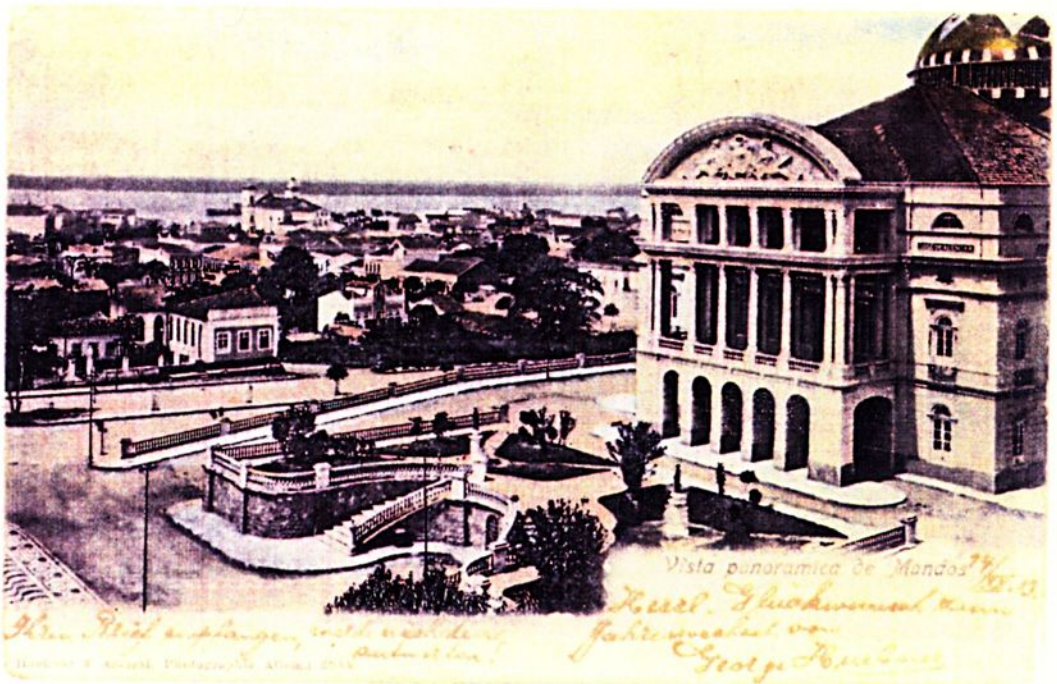
Sobreira Lima também compôs algumas peças para flauta e orquestra, bem como para formações camerísticas, incluindo-se diversas danças (valsas, *schottisches*, etc.), um "Prelúdio e *arpeggi in mi minore*" e uma peça descritiva intitulada: "O Vento na Floresta", mas a sua obra de maior destaque é uma opereta, intitulada "A Marquesinha", com texto do amazonense Coriolano Durand(59). O violinista Armando Lameira também estudou uns poucos anos em Milão, mas teve quase toda sua formação com músicos italianos que estavam a residir no Pará (Luigi Sarti, Ettore Bosio, dentre outros), onde nasceu. Não se sabe ao certo quando veio para Manaus, mas o fato é que deve ter permanecido por uns 10 anos na capital amazonense, pois aí viveu desde 1903, pelo menos, quando do estabelecimento do Salão Musical, até cerca de 1911, quando retirou-se com uma companhia viajante numa excursão pelo nordeste. Manaus terá sido apenas uma de suas muitas moradas(60). Suas atividades também se dividiram entre as funções de executante e de professor, ambas realizadas intensamente em Manaus.

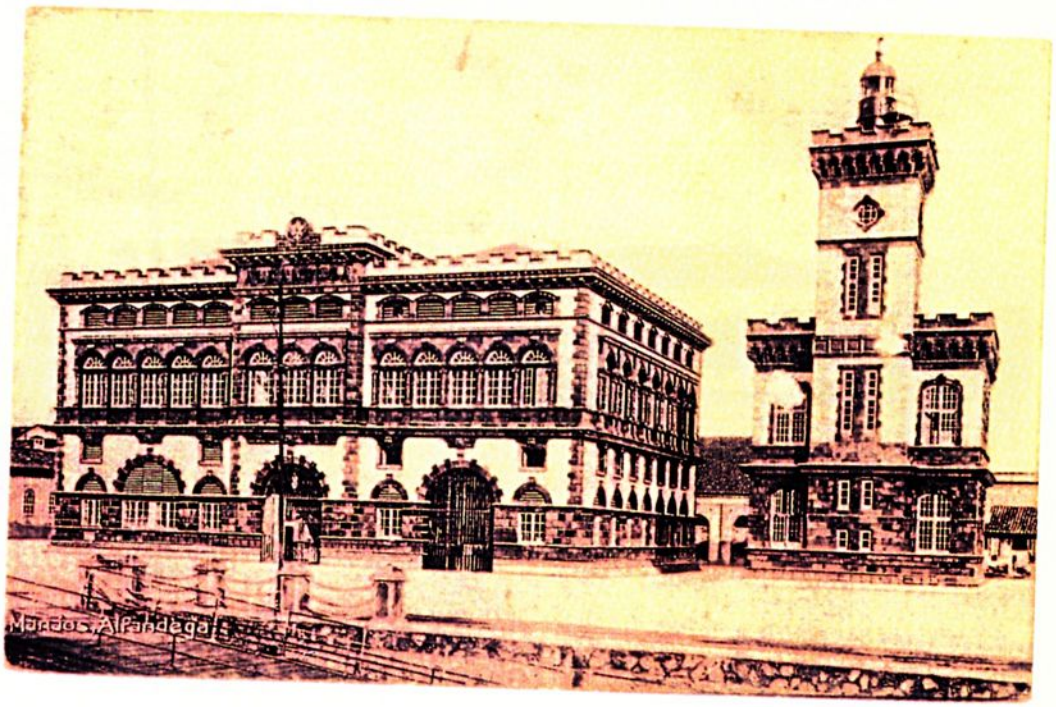
Vê-se portanto, em que intensidade o ensino da música em Manaus àquele período, confundiu-se com a sua prática em diversos ambientes e ocasiões. E sem mais tardar, é disto que se fala agora, na segunda parte deste trabalho.

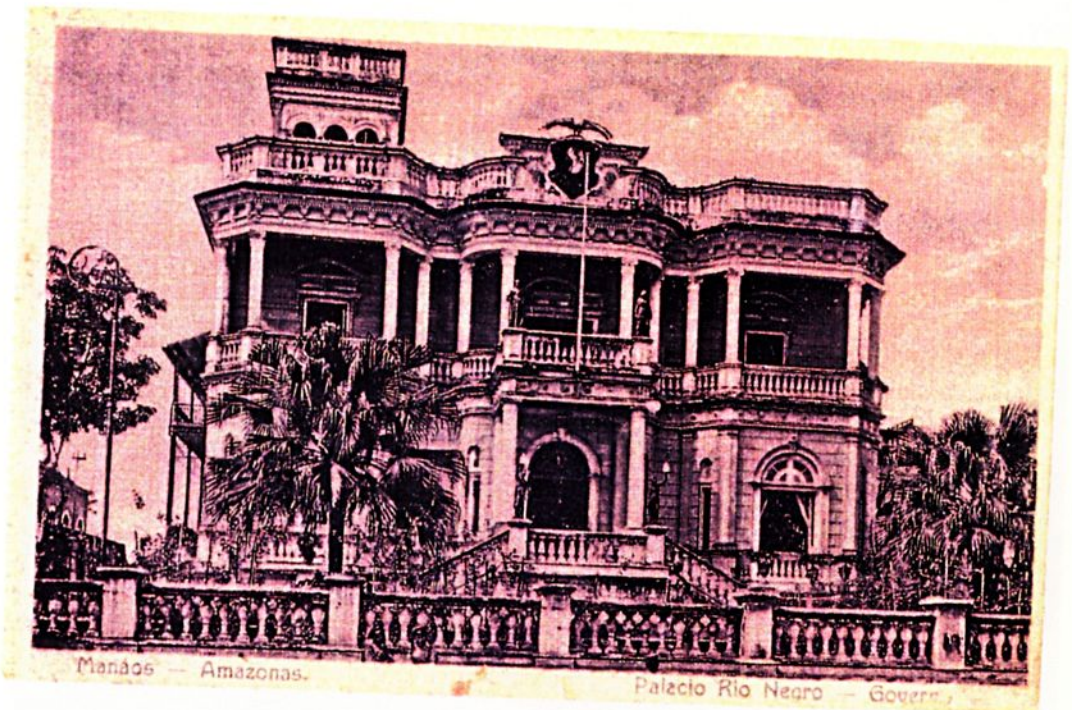
(59) - Idem

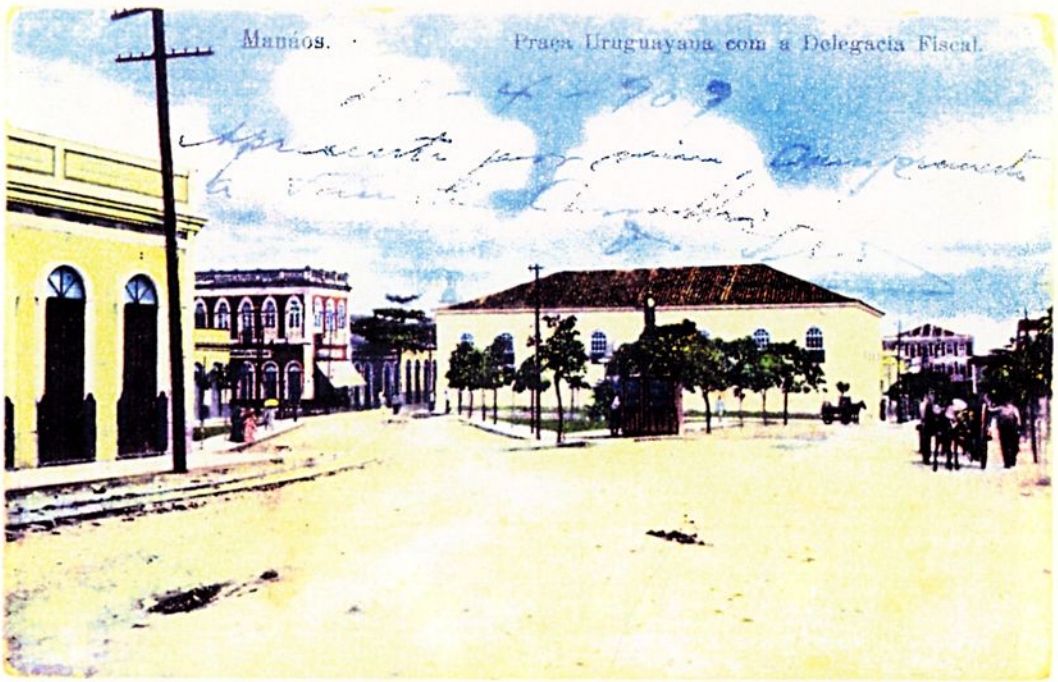
(60) - Sobre a vida do violinista Armando Lameira ver a obra citada acima, pp 167-171

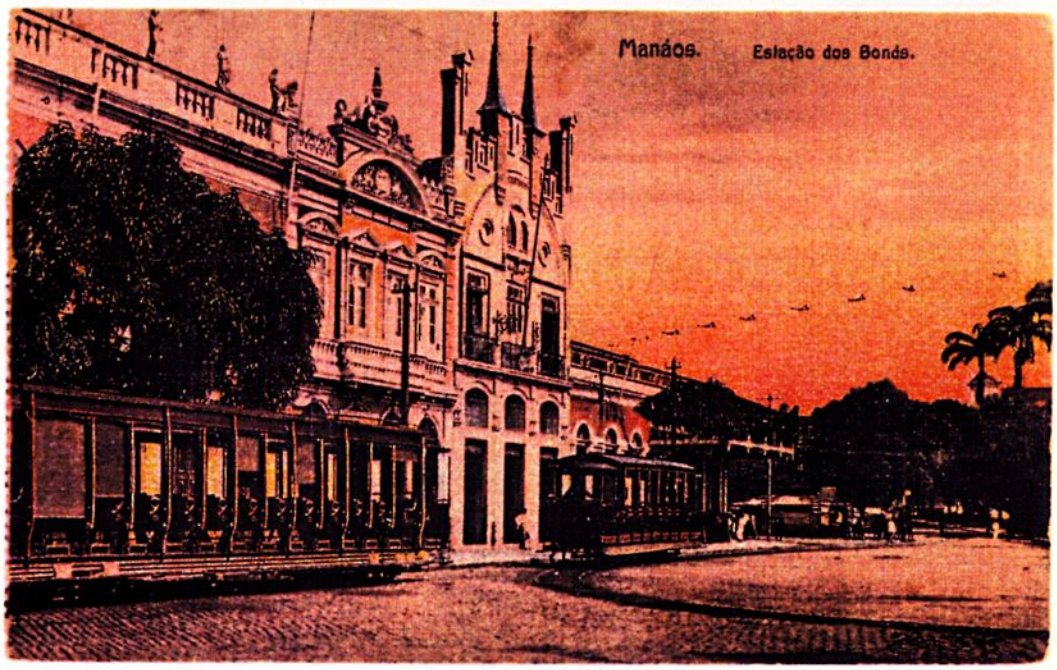
Manaos – Avenida E. Ribeiro


Vista panoramica de Manáos




Manáos — Amazonas.
Palacio Rio Negro — Governo


Manáos.
Praça Uruguayana com a Delegacia Fiscal.


Manáos.
Estação dos Bonds.

FABRICA DE AGUAS GAZOSAS DE

ANDRADE IRMÃOS

RUA LEOVEGILDO COELHO, 24

MANÁOS

Premiada na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908 e de Turim em 1911.

Caixa Postal : 391. ** Endereço Telegraphico : VARZIM.

ANDRADE IRMAOS

Rua Leovegildo Coelho, 24

MANÁOS

Reproducção prohibida

A MINERVA

Grande Torração e Moagem de Café
Migação e Desfiação de Tabaco

CAMELLO & IRMÃOS

Rua dos Barés n.º 10 — Filial na mesma rua T K (Mercado)

Caixa Postal n.º 733 MANÁOS

Miranda Corrêa & C.ª

MANÁOS

CERVEJARIA AMAZONENSE = *MANÁOS*

Vale quem tem DE J. d'OLIVEIRA FRANÇA

E' a casa mais importante do extremo norte do Brazil. Vende-se sortes grandes diariamente.

Agencia de jornaes illustrados nacionaes e estrangeiros. End. Teleg : SOFRAN, Teleph. 133, Caixa Postal, 450

Agencia Geral das Loterias Nacionaes do Brazil — MANÁOS

Armazem de Estivas

Pinto da Fonseca & Irmão

Agentes dos Banqueiros Pinto da Fonseca & Irmão, do Porto

Actualmente, RUA MARECHAL DEODORO N.º 27

Caixa Postal n.º 56 — End. Teleg. CASILHAS

MANÁOS (Amazonas)

GRANDE ARMAZEM DE MOVEIS

DE

MANÁOS MANOEL RODRIGUES JUNIOR MANÁOS

Maison française de confiance vendant bon marché, au comptant.

ANTICA CASA
DE MADAME MARIE
ROUAIX & Cia Succes

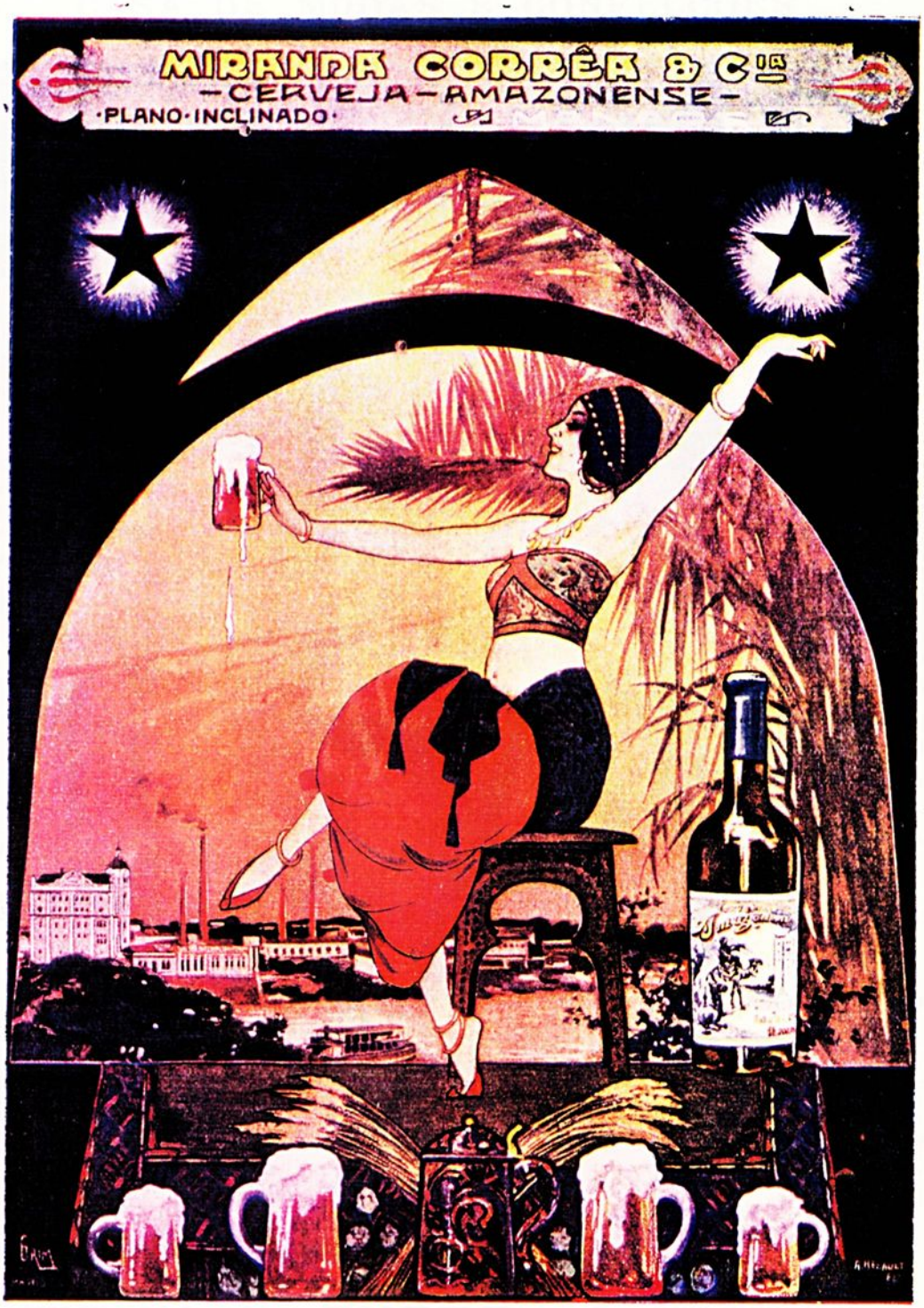
MODES & CONFECTIONS
Hies Nouvtes DE PARIS
CAIXA POSTAL 447
TELEPHONE 253

Avenida Eduardo Ribeiro. -:- MANÁOS
Esq.ª da Rua Municipal

Propriedade exclusiva do annunciante

Reproducção prohibida

Cervejaria Amazonense



MANÁOS (Amazonas)

CAIXA POSTAL
N° 325

AU BON MARCHÉ

CASA DE MODAS E CONFECÇÕES

TELEPHONE
N° 275.

A Casa mais importante do Estado do Amazonas em Roupas feitas para Senhoras, Moemhas e Creanças. Sortimento lindissimo e sempre novo das ultimas Novidades de Pariz. Artigos finos. Especialidade de vestidos ricos. Lindissimo sortimento de Chapéos para Senhoras. Roupas Brancas em todas as qualidades. Enxovaes completos para Casamentos. Unica casa na praça recebendo directamente e cada semana as ultimas Novidades de Pariz. Todas as mercadorias sao garantidas pela superioridade da qualidade e pela elegancia.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LIFSITCH & RUSSO

6, Rua Municipal, 67
MANÁOS.

Reproducção prohibida

Fallecido em Paris aos 28 de Fevereiro de 1898

Maestro João Sebastião Nunes, (1877-1951); *Maestro Elpidio Britto Pereira.* (1872-?); *Tenor Antônio Rayol.*

PAPELARIA VELHO LINO

LINO AGUIAR & IRMÃO

Papelaria VELHO LINO

Papelaria—Livraria—Typographia

R. Municipal, 99 - Manáos

Telephone 430

Caixa Postal 15-A

LIVRARIA "PALAIS ROYAL"

TYPOGRAPHIA — ENCADERNAÇÃO — E PAUTAÇÃO — A VAPOR

Cesar Cavalcanti e Ca

ARMAZEM DE PAPEIS E ARTIGOS PARA ESCRIPTORIO

Importante Secção de Livraria

Rua Municipal 85 e 87

Endereço Telegraphico: "ROYAL" — Caixa do Correio Nº 11A

Telephone 22

MANÁOS

Amazonas

Roberti & Pelosi

Relojoaria

Ourivesaria

Lunettaria

64, RUA MUNICIPAL, 64

MANÁOS AMAZONAS - BRAZIL

Casa importadora de Joias, Relogios, Artigos de Optica e Lunetaria. Officina de 1.ª Ordem de Joalharia e Concertos de Relogios.

Caixa Postal 355

Unicos Concessionarios das afamadas marcas de Piano: Richard LIPP & SOHN e SCHIEDMAYER de Stuttgart.

Theatro Alcazar de MANÁOS

Parte 2

A vida musical de Manaus

Capítulo 1 A Música de Cena

1.1 Os gêneros do teatro musicado

Das várias possibilidades de diversão que uma cidade como Manaus oferecia em sua fase esplendorosa, durante o ciclo da borracha, a música seguramente foi a preferida. Mais que isso, a música estava envolvida em quase todos momentos do cotidiano e atendia a inúmeros fins. Basta que se manuseie os perió daquele tempo para que se encontre um grande número de notas, anúncios e artigos tratam de música. Fazia-se música em casa, para amigos ou só entre os familiares, nas escolas, onde o aprendizado tinha por fim a formação humanista, nas igrejas, nos quartéis, nos bares, cafés-concerto, *music-halls*, nas ruas de um modo geral, em quase todos os lugares e para todas as ocasiões e, de forma mais intensa e com especial participação popular, nos teatros. Sem dúvida, a música de cena se não era a mais praticada era o alvo da cobiça de muitas pessoas (público e artistas) e estabelecimentos; qualquer hotel, clube ou café de mais ambição tinha um palco e cadeiras, às vezes também camarotes, com a pretensão de levar espetáculos musicais e teatrais, talvez alguns de qualidade e gosto desconfiáveis. Mas isto só vem provar como o homem daquela época, de qualquer gosto e condição social, conservava um enorme apetite por teatros e atividade cênica, a tal ponto que a variedade de gostos e formas bastavam a todos, e esta não se compreendia de forma alguma sem música. Atores e cantores, em particular, sabiam que a fama não lhes aconteceria sem a combinação de atributos dramáticos e musicais. E ainda que se imagine que artistas de qualidade não devessem se envolver com as funções artísticas das casas noturnas de diversão, deve-se observar que isto podia significar só uma questão de lugar e ocasião: os gêneros, do grande teatro ao tablado de bairro, tinham referências semelhantes, e embora estivessem circunstancialmente separados, mantinham raízes comuns. É claro que lugares mais modestos levavam espetáculos compatíveis com suas possibilidades e com os anseios dos frequentadores. Mas de um modo geral todos falavam em opereta, *vaudeville*, revista, comédia, zarzuela e mesmo a *grand opera* quando não podia ser encenada, tinha em seus exemplares mais comuns uma fonte inesgotável de adaptações e paródias. Tudo era executado em enorme profusão e miscelânea. Uma companhia de operetas, por exemplo, não ficava em lugar algum por menos de 20 espetáculos e não podia se furtar de encenar as zarzuelas mais famosas e algumas óperas de um ato, confundindo os gêneros: chamava-se a quase tudo de opereta, mesmo que não fosse, assim como também se chamava *vaudeville* de revista, etc.

Um reflexo disso é o embaraço dos dias atuais em tentar definir estes gêneros e separa-los nas categorias para as quais foram concebidos. Neste ponto observa-se uma semelhança entre o Romantismo e o Barroco. Os autores, e consequentemente os executantes e o público, não tinham o menor interesse em encaixar as criações em modelos ou denominações formais e as peças concebidas ganhavam, por vezes, classificação quase que particular.

unesp

O fato é que ainda hoje tem-se a tendência de 'arrumar' tudo sob denominações iguais, ignorando-se o caráter, a finalidade e, claro, as diferenças dos gêneros, no caso os do teatro musicado, desrespeitando suas particularidades, obrigando a um entendimento rudimentar e por vezes equivocado das formas de espetáculo. Vai aqui um exemplo: sobre a obra lírica de um autor como Jean Phillipe Rameau (1683-1764) não se pode dizer que é composta de 30 óperas, mas sim de 6 *tragédie-lyrique*, 7 *opera-ballet*, 1 *pastorale*, 4 *pastorale-heroïque*, 1 *comédie-ballet*, 2 *comédie-lyrique*, 1 *ballet-boufon* e 8 *acte de ballet*. Para que não se imagine ser isto um preciosismo, veja-se a França do período revolucionário, aquele que se segue imediatamente ao de Rameau e que interessa diretamente a este trabalho.

Estando decadentes todas as formas de teatro cortesão, começam a florescer as modalidades mais populares e aceitas pelo regime revolucionário; é preciso ressalvar que nem as primeiras terão sumido e nem as últimas apareceram nesta época pois já vinham em desenvolvimento, de longo tempo. No primeiro caso o exemplo é a ópera, que sobreviveria após algumas mudanças estruturais e estéticas como a troca dos temas utilizados, sendo descartados os acontecimentos mitológicos e aristocráticos para dar vez aos idílios campestres e ao cotidiano burguês, ou na duração dos espetáculos que de 5 atos passaram a ser preferencialmente representados em 1 ou no máximo 3 atos. Dentre os gêneros que floresceram estão alguns dos descendentes diretos da *comedia dell'arte* e que não podem ser 'arrumados' sob uma só denominação.

A primeira metade do século XIX, na França, viu a consolidação de gêneros teatrais que envolviam a participação direta da música. Teatros como o *Odeon* e a *Comédie Française* mantiveram-se como o reduto do teatro literário (Racine, Molière, etc.), embora para garantir a sobrevivência, passassem a levar uma variante das tradições clássicas chamada *comédie en 5 actes et vers*, (com raízes no teatro literário, portanto). Nos demais teatros, aqueles dos *boulevards*, o *Gymnase*, o *Gaieté*, o *Ambigu-Comique*, o *Varietés*, o *Nouveautés* e o *Vaudeville*, passam a ser representados: a *comédie de moeurs en prose*, uma peça de costumes, que mesmo mais modesta do que a antecedente, tinha prestígio suficiente para ser representada também nos principais teatros, por se ver apoiada em nomes de certa importância como Scribe: o *drame en prose*, um drama sentimental de ambiente doméstico, mas de qualidade inferior a comédia de costume; a *comédie-historique*, onde os caracteres de história e drama são postos de lado em favor de cenas espetaculares, texto de efeito e uma abordagem de fatos e personalidades mais parecida com uma revista de curiosidades, gênero por onde transitou Dumas e Mérimée; o *vaudeville*, que é a comédia musical, ou melhor, 'ornada de música' como era comumente chamada; e o *melodrame* que compartilha com o *vaudeville* os seus acessórios musicais, mas voltando-se para o drama sentimental, de aspectos trágicos ou exaltação histórica e nacional.(1)

A maior produtividade recai justamente nestes dois últimos gêneros, preferidos das grandes massas. O *vaudeville*, de enredo simples e movimentado, geralmente de costumes cotidianos, é formalmente a comédia com canções (e danças) interpoladas(2). Não há uma regra ou medida para se avaliar a quantidade de números de música neste tipo de peça, mas a prática parece indicar um número crescente de cançonetas e coros, uma vez que o *vaudeville* é predecessor da opereta e está entrelaçado à revista de fatos e costumes.

(1) - Esta classificação pertence a Hauser, A. *Historia da Literatura e da Arte*. São Paulo, Martins Fontes, 1995, p. 700
(2) - Idem

unesp

Em Manaus, desde os primeiros tempos, toda cena cômica, ato cômico e muitas das peças de mais de um ato, que se anunciassem 'ornadas de música' podem ser consideradas como *vaudeville*. A prova disto está na tabela de cachês da banda do Estabelecimento de Educandos Artífices publicada em 1873. O item relativo a sua participação em funções teatrais, dá o nome de *vaudeville* às peças e cenas em que atuava, sem distinção.(3)

Entretanto, é bastante temeroso classificar todas as comédias ornadas de música como *vaudeville*, posto que até mesmo algumas operetas eram, errôneamente, assim chamadas (por exemplo: *Les Cloches de Corneville*, Theatro Beneficente, 1886). Mas há elementos que podem ajudar na identificação do gênero, diferenciando-os de outros: são as sinopses das peças e os nomes dos atores e autores de texto e música; curiosamente, no *vaudeville*, a autoria da música é quase sempre obscura.

O melodrama, que também teve largo conhecimento em Manaus, principalmente associado a temas históricos e religiosos, tem por característica a obediência aos princípios da tragédia, o conflito do drama clássico, explorando, entretanto, o lado emocional das situações e dos fatos mais ou menos conhecidos. O melodrama é, nas palavras de Hauser *"... a tragédia popularizada, ou se preferirmos, corrompida"*.(4) A sua natureza lacrimosa e de efeito moral tem origem nas pantomimas históricas e romanescas, de onde conservou a conotação idílica e, por vezes, heróica. Este gênero está bem próximo do *vaudeville*, por sua estrutura e utilização musical, com canções, coros e até danças, e da revista de fatos e costumes, quando se aproveita de acontecimentos recentes. Nestes gêneros a música pode até envolver certa dificuldade para a orquestra, mas quase nunca para as partes cantadas, geralmente desempenhadas por atores com alguma instrução musical, mas de quem não se pode exigir a mesma técnica e aplicação usados na ópera.

Assim como o melodrama e o *vaudeville* são as vertentes populares e 'corrompidas' da tragédia e da comédia, o drama romântico e a opereta são respectivamente seus sucessores diretos(5), sendo que neste a música passa a dominar e naquele satisfaz-se em ser um elemento acessório.

A opereta que floresce na França a partir da segunda metade do século XIX, conserva o caráter gracioso, travesso e ligeiro do *vaudeville*. Também se ocupa de assuntos cotidianos, do dia a dia de pessoas comuns, com o mesmo humor jovial e despreocupado do *vaudeville*. Embora ela seja acusada de efêmera e lhe seja, até hoje, imposta a pecha de arte improvisada, de pouca qualidade, ou ainda, de ser irreal e atabalhoadamente absurda, a opereta prova por seu conteúdo, que é uma das formas mais críticas da sociedade do Segundo Império, e num sentido mais amplo, da sociedade do século XIX. Sua fantasia e improbalidade, que lhe são peculiares, proporcionam ao espectador a visão das diferentes e absurdas situações que caracterizaram o *fin-de-siècle*. E aqui é necessário que se entenda *fin-de-siécle* como um termo que identifica decadência moral, política, social e cultural.(6) Não são poucas as comparações à própria época que associam falta de decoro, delinquência, criminalidade, insolência, vagabundagem, mau gosto, irreverência e outros adjetivos que possam caracterizar atitudes rudes (e mesmo algumas não rudes) e fora dos padrões, com o termo *fin-de-siècle*.(7)

(3) - *Diario do* Amazonas, 27 de fevereiro de 1873

(4) - Hauser, Obra Citada, p. 702

(5) - Idem, pp. 699-702

(6) - Weber, E. *França, fin-de-siecle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, pp. 19-39

(7) - Weber transcreve dos periódicos franceses das ultimas decadas do seculo XIX, algumas exemplos que usam o termo *fin-de-siecle*. Em 1892, determinado jornal descreve como *fin-de-siecle* determinado padre que queria escrever nos jornais e participar dos debates politicos. Neste mesmo ano, quando um tribunal julgava um marido chantagista que vivia da prostituição da mulher, teve que ouvi-lo explicar que não passava de um homem *fin-de-siecle*, a mesma acusação que algumas pessoas e orgãos públicos ouviram, por sua falta de probidade

A opereta, que tem no compositor Jacques Offenbach uma de suas maiores referências, foi o gênero que mais se identificou com o *fin-de-siécle*, pelo seu enorme sucesso em ser irresponsavelmente sarcástica com a sociedade que punha a descoberto. Paradoxalmente, este sucesso alcançado entre todas as classes sociais, alimentava-se, em muitos sentidos, da sociedade que criticava; talvez o segredo estivesse em dizer as coisas no ritmo frenético, insinuante e envolvente das danças, ou de um jeito airoso, quase inocente, ainda que carregado de conteúdo desmoralizador. A imoralidade da opereta não está na sua negação em confronto direto com o sistema, mas na forma natural e inofensiva como descreve a frivolidade dos *bons-viveurs*, das prostitutas, dos delinqüentes, das muitas figuras mundanas do cotidiano urbano. É justamente aí que reside uma das principais diferenças da opereta em relação à ópera. A primeira fala das pessoas comuns, da rua, do cotidiano citadino e seus assuntos ligeiros, situação não admitida na ópera séria. Aliás, para as vicissitudes cotidianas, havia a ópera cômica. Em tempo, vale lembrar que o têrmo cômico só ganharia o sentido que tem hoje, de engraçado, hilariante ou aparvalhado, durante as mudanças que o século XIX presenciou. A comédia até então, era *"... a representação dramática em que se trata de alguma ação popular."*(8) Mesmo durante todo o século XIX algumas peças, que nada tinham de engraçadas, foram classificadas de *opéra-comique*, obedecendo ao antigo significado léxico e do qual o melhor exemplo é a ópera *Carmem*, de Georges Bizet.

Mas a *grand opera* surgida por volta do último quartel do século XIX, veio com a renovada intenção de conquistar a preferência pública e, se não desbancou a opereta, dividiu-lhe a primazia. Para isto, lançou mão da opulência e grandiosidade do espetáculo, com requintados figurinos, magníficos cenários e uma nova e heterogênea combinação de música, dança e canções populares. A *grand opera* tornou-se bem sucedida pela exigência que fazia de ser vista e ouvida, subjugando desta forma o público a uma narrativa sedutora com artifícios dos mais criativos, tanto na produção das cenas quanto nas tramas de que se valia. O monumental deste gênero tem por fim impressionar o público, embora tenha sido acusado de artificialidade em muitos momentos.(9) Mesmo que se possa atribuir o pioneirismo da *grand opera* a Meyerbeer, não pertence a ele o ideal de arte grandiosa e total que se fez da ópera; isto bem mais ao gosto de Wagner, ou mesmo de alguns momentos da carreira de Verdi. Esta grandiosidade interferiu profundamente na produção musical, exigindo sonoridade excessiva, e portanto, orquestras e coros numerosos e cantores com voz cada vez mais potente.

Todos estes gêneros encontraram grande acolhida nos países onde estiveram, chegando a monopolizar os teatros de muitas cidades. Foi na preocupação com uma forma teatral e musical, de temática nacional, que na Espanha desenvolveu-se a zarzuela. O termo vem, seguramente, de muito antes do florescimento da opereta ou do *vaudeville*. O nome zarzuela pertence às composições feitas para serem levadas no Palácio de la Zarzuela, situado numa paragem do Pardo, abundante em zarzas, em meados do século XVII.(10) Estas composições, entremeadas de partes faladas e cantadas, quase nada têm a ver com a zarzuela que surgiu mais tarde, no século XIX. Esta, empresta o nome da sua predecessora, num arroubo nacionalista em meio ao domínio que a ópera italiana impôs no início do século XIX. Nesta época renasceram zarzuelas de assunto italiano ou francês, com o nome de operetas. Foi então preciso que algumas gerações de grandes compositores nacionais se pusessem a trabalhar sobre textos castelhanos, para consolidar um gênero de assunto exclusivamente espanhol.

(8) - Rego, J. J. *Dicionário Portuguez, e Latino* s.l. , s.n. , s.d. [segunda metade do seculo XVIII] p. 185
(9) - Hauser, A. *Historia da Literatura e da Arte* Obra Citada, p. 830
(10) - Fernandez-Cid, A. *Cien Años de teatro musicado em España (1875-1975)* Madri, Real Musical, 1975, p. 22

unesp

Em 1832, uma autêntica zarzuela que terá levado o nome de melodrama, foi escrita por Pedro Albéniz, Ramon Carnicer e Baltasar Saldoni, professores do Conservatório de Maria Cristina. Chamava-se "Los enredos de un curioso". Outras peças nacionais passaram a ser levadas à cena, a partir daí; ainda neste mesmo ano Mariano José de Larra escreveu "El Rapto", com música de Tomás Genovés, tendo partes inteiramente faladas.(11)

A partir de 1853, com uma associação de compositores, como Barbieri, Oudrid e Gaztambide, dispostos a se comprometer e explorar a zarzuela, o gênero lírico espanhol encontrou o caminho de sua maturidade. Será também uma época em q e abriram-se teatros e os já existentes trocaram de nome e passam a apostar em variadas funções. Quando o último quarto do século XIX começou, a zarzuela entrou na sua etapa gloriosa e o seu derivado, o gênero "chico", em um de seus momentos mais brilhantes(12) A zarzuela do fim do século XIX, conserva as partes faladas e a temática nacional, como características próprias. Para garantir sua sobrevivência até os dias de hoje, a zarzuela terá tomado o sabor da época, tal como a revista.

E o último gênero que há de se abordar aqui é justamente a revista, por manter relações com a ópera, a opereta, a zarzuela, o melodrama e o *vaudeville*.

A origem da revista, até chegar nos teatros de feira de Paris, a vertente que praticamente cria o gênero no século XIX, pode remontar a Aristófanes e não será falsa a afirmação de que Gil Vicente e Juan del Enzina também andaram a escrever peças de costumes, que parodiavam sua época, criticavam a política e a sociedade e passavam em revista os últimos acontecimentos, ou aqueles de justificada importância. Neste sentido, estes renomados autores terão sido antepassados da revista. Entretanto, o espetáculo que se chamou inicialmente 'revista do ano', tem suas origens, de forma mais humilde, nos tablados das feiras de Paris (século XVIII), com representações que não primavam exatamente pela qualidade literária, ou pelo gosto artístico. A única finalidade da revista era, e sempre o seria a partir de então, de divertir o seu público. Fazia-o passando em revista, de forma burlesca, os principais acontecimentos do ano transacto, parodiando pessoas, situações, lugares e tudo quanto tivesse sido assunto daqueles últimos doze meses.(13) A revista do ano tem duas principais opções: pode tomar a forma satírica, sintetizando assuntos e acontecimentos picarescos, ou faz uso do espetáculo para contar todos os fatos de qualquer natureza(14). A partir daí, duas tendências distintas levaram a revista a trilhar caminhos de observadora criteriosa e desveladora da consciência crítica popular, no primeiro caso, e, no segundo, de pueril espetáculo de diversão que explora o exotismo e a fantasia sem compromisso.

A revista que se viu em Manaus até o início dos anos 10 do século XX, foi quase sempre o espetáculo do tipo que deseja resumir os acontecimentos que deram fisionomia especial ao decurso do ano e/ou que caracterizam os costumes de lugar, para o qual dirige sua atenção: revoluções, fatos políticos ou artísticos, inventos, modas, escândalos, crimes, fofocas e tudo o mais que possa oferecer à exploração da revista um lado cômico, ridículo. O ridículo, principalmente, é a matéria-prima de que se constitui a revista; o lado cômico, torpe, os vícios humanos.(15)

(11) - Fernandez-Cid, A. Obra Citada, pp. 27 e 28
(12) - Idem. p. 32
(13) - Rebelo, L. F. *Historia do Teatro de Revista em Portugal*. Lisboa, Dom Quixote, 1984, pp. 17 e 18
(14) - Idem. p. 21
(15) - Idem p. 25

Para que se tenha idéia do que foi a revista que se viu em Manaus naqueles idos, transcreve-se a interessante definição surgida das páginas do jornal *"Amazonas"*, por um cronista anônimo:

> *"... em toda a Revista a música é saltitante, leve, aqui e ali faiscando uma piada de espírito e aparecendo de momento a momento a alusão maliciosa...*
>
> *A Revista, apesar de parecer o contrário é um gênero difícil de ser explorado. É necessário talento aliado a muita habilidade para não se fatigar o público e não se cair na cena banal, cenas vulgares e processos corriqueiros que já não podem produzir o efeito desejado por que de todos são conhecidos."* (16)

O imaginário da revista, de incidência predominantemente política, embora dê conta de muitos outros assuntos, exige um público razoavelmente informado e por isso o seu público principal estava entre os estratos da burguesia, embora o destino de tal forma de espetáculo fosse todo o tipo de público, moldando-se a ele em seus desejos e linguagem.(17) Portanto, a revista não é como se pensa, um espetáculo indisciplinado, aviltante, imoral, desqualificado. As reações conservadoras à acidez e contundência de suas críticas, censuradas (previamente) inúmeras vezes e em muitos países, é que lhe impuseram a pecha de leviana; levaram-na a abandonar, por questões de sobrevivência, o caminho original, o que ocorreu só mais modernamente em países como o Brasil e a França, mas mantendo-se fiel às suas propostas noutros lugares, como Portugal, por exemplo.(18)

O esquema formal da revista baseava-se em 2 atos, sendo que no 1º havia: quadro de abertura, estruturado em fantasia; quadro de comédia; quadro de rua, com as atualidades, terminando com uma apoteose. O 2º ato contém: dois quadros com variedades, números com cenários próprios e a apoteose final(19).

A revista que se praticou em palcos manauenses, não terá sido unicamente aquela de veia crítica, dos tradicionais autores portugueses e brasileiros, mas também a que se chamou 'mágica', variante nacional próxima do *vaudeville*, mas com características próprias, que já se desviava do esquema original. Mais uma vez, quem nos oferece definição é o *"Amazonas"*:

> *"Como todas as mágicas, tem um soberano palerma, um escudeiro ladino, um príncipe aventureiro, uma princesa apaixonada, um príncipe paspalhão, um gênio mau e uma fada bem-feitora."* (20)

Estes são, enfim, os gêneros do teatro musicado que Manaus viu em abundância, quando do seu fastigioso período. Todos eles, em menor e maior quantidade, foram fielmente representados pelas suas melhores peças e artistas de comprovada qualidade, em temporadas memoráveis. É sobre elas que se fala agora

(16) - *Amazonas*, 16 de junho de 1906
(17) - Rebelo, L. F. *História do Teatro de Revista em Portugal*. Obra Citada, p. 31
(18) - Na Alemanha nazista, a revista seria terminantemente proibida. Noutros países, que viveram regimes de exceção, ela seria alterada.
(19) - Rebelo, L. F. Obra Citada, p. 26
(20) - *Amazonas*, *10 de maio de 1906*

unesp

1.2 Os teatros e suas temporadas

A primeira construção com vistas a receber algum tipo de atividade teatral, em Manaus, remonta à década de 1850. Não se sabe exatamente quando foi erigida, mas ao tempo em que o viajante Robert Avé-Lallemant esteve na capital do Amazonas, ela já existia. Dele, tem-se a descrição do local:

> *"Quem, em julho de 1859, se arriscasse a atravessar a ponte inteiramente arruinada, que leva ao bairro da Matriz, em baixo, aos Remédios, através do tranqüilo igarapé; e subisse o outeiro para a igreja, podia, antes de chegar a esta, ver à direita do caminho a ereção dum edifício singular, dando nas vistas pela sua extensão, seu material e ainda mais pelo seu destino.*
>
> *Sobre altos pilares, que cercavam um grande espaço, tinham posto um grosso telhado de folhas secas de palmeira, ao meio exatamente dos grandes ranchos das províncias do Sul sob os quais abrigam durante as noites as cargas, os volumes transportados pelos muares, mediante o pagamento de certa taxa. Mas o telhado deste era alto demais para isso. Os andaimes na estrada indicavam, também, que pretendiam acrescentar-lhe uma fachada bonita e de gosto. As paredes estavam sendo feitas, aos poucos, de folhas de palmeiras entrançadas, sem que se pudesse ver janela alguma. E quando me informei a que potências tenebrosas seria dedicado o monstruoso porco-espinho - pois a construção com o que mais se parecia era com isso - disseram-me que ia ser o teatro"* (1)

Este teatro pode ser o mesmo para onde se convidava o público da capital, um ano antes:

> *"Theatro*
>
> *PHIZICO*
>
> *Quinta-feira, 15 de abril de 1858*
>
> *Finalizada que seja uma bela sinfonia, o Artista Mágico dará princípio as seus trabalhos físicos, pela seguinte ordem."* (2)

A participação da música neste espetáculo (não se sabe quem esteve a executar a tal sinfonia), não parece ter ido além do que foi anunciado e nem o prestidigitador parece ter ficado muito tempo (não se encontra anúncio de outro espetáculo seu). Um detalhe curioso chama a atenção sobre a existência do teatro:

(1) - Ave-Lallemant, R. *No Rio Amazonas*. Obra Citada, pp. 150-151
(2) - *Estrella do Amazonas*, 14 de abril de 1858

"O artista... faz ciente aos chefes de família que os camarotes se acham com mais comodidade e divididos a táboas a fim de evitar desgostos que poderiam haver. Os preços dos bilhetes são os de costume, os quais acham-se à venda à porta do mesmo theatro.

Principiará às 8 e ½ horas" (3)

Conforme pode se deduzir, o teatro não só já existia, sem o conforto de camarotes divididos, pelo que diz a nota do jornal, como já poderia ter recebido função anteriormente.

Em 1861, um outro mágico estava a se apresentar na cidade, embora desta vez não haja menção a um teatro, onde estivesse a atuar.(4) Neste mesmo ano um Polyorama foi trazido à cidade para ser exibido. Indicou-se como lugar de sua instalação, *"... uma das salas contíguas à Casa Comercial do Ilmo. Senhor Francisco Antonio Monteiro Tapajós"*(5) As vistas que foram mostradas ao público pagante nas três primeiras noites, foram repetidas na quarta e última noite, todas de uma vez, sendo que após os espetáculos o projetista continuou a passar suas imagens para o povo.(6)

Em 1862, o artista polonês de nome Luiz Pisllr(sic), apresentou números de equilibrismo e ginástica, com ingressos pagos: *"Platéa superior: cadeiras da direita para senhoras, da esquerda para cavalheiros, 2000; platéa, 1000"*(7) Teria se apresentado em um teatro? Existiria ainda o teatro visto por Avé-Lallemant? Embora as indicações transcritas acima dêem conta de que o prédio sofria reparos para um considerável melhora, é bem possível que ele tenha se desativado em meados da década de 1860. Motivos há muitos, desde a escassez de recursos naqueles tempos provinciais primevos à dificuldade de qualquer cidadão, artista que fosse, para chegar até o Amazonas. Mas o que se dá como prova de que as funções deste primeiro teatro de Manaus haviam ao menos se interrompido, é a seguinte informação datada de 1868:

"Há muito que Manaus precisava de um teatro...
Essa idéia por fim realizou-se com a chegada do inteligente ator José de Lima Penante. Hoje vemos erguido ao esforço e a sacrifícios deste ator, o Theatro Variedade Cômica" (8)

Possivelmente, o antigo teatro não foi concluído ou deteriorou-se tal era a precariedade da construção. De qualquer forma, o Theatro Variedade Cômica é o primeiro teatro de Manaus onde se tem notícia de representações de cenas dramáticas e cômicas, pequemas peças, cançonetas e monólogos. Também é incerta a data da edificação do teatro de José de Lima Penante e tampouco se sabe quando o ator chegou a Manaus,(9) mas as récitas desta que pode ser considerada a primeira temporada [illegible] teatro, tiveram seu início entre o fim de fevereiro (provavelmente após o carnaval) e início de março, estendendo-se até o segundo semestre de 1868. O primeiro espetáculo de teatro, cujo anúncio chegou até os dias de hoje, data de 10 de março de 1868.

---

(3) - *Estrella do Amazonas*. 14 de abril de 1858

(4) - *Estrella do Amazonas*. 13 de julho de 1861, anuncia a exibição de Joaquim Alves Guerra em 14 de julho

(5) - *Estrella do Amazonas*. 28 de agosto de 1861

(6) - Idem

(7) - *Estrella do Amazonas*. 5 de novembro de 1862

(8) - *Jornal do Rio Negro*. 23 de abril de 1868

(9) - Em 8 de novembro de 1866, a Assembléia Provincial do Pará autoriza uma subvenção ao ator Lima Penante para dar espetáculos no Pará, o que deve ter acontecido durante boa parte, senão todo, o ano de 1867. Desta forma, Lima Penante deverá ter chegado a Manaus por volta do final de 1867, ou mesmo no início de 1868. Ver: Salles *Épocas do Teatro no Grão Pará*... Obra Citada p. 65

unesp

"Theatro Variedade Cômica
Domingo, 10 de março de 1868
A orquestra tendo executado uma de suas lindas peças se representará a cena dramática pela 2a vez
CERRAÇÃO NO MAR
Seguir-se-há a mui jocosa cena cômica ornada de música
PROGRESSISTA DE ESCACHA PECEGUEIRO
ou
DEFENSOR DA CLASSE CAIXEIRAL
O sr. Leonardo representará uma cena cômica. Em seguida subirá à cena a cançoneta BOAS RASÕES
O autor Penante representará ao mesmo tempo nesta interessante cançoneta sem retirar-se do palco fazendo os papéis de velho e de moço. Música de grande efeito. Terminará o espetáculo chistosa cena cômica do ator Penante
A SURPRESA" (10)

Antes disso, a predileção pelo gênero teatral já encontrara acolhida na capital do Amazonas. Ao menos é o que se entende de um outro anúncio, bastante curioso, também pertencente às páginas do "Jornal do Rio Negro", datado de 1o de setembro de 1867, que dá conhecimento de peça traduzida e publicada em Manaus:

"Breve sairá a luz o interessante Drama em 5 atos, de grande espetáculo denominado
A TRINDADE MALDITA
Personagens do Drama
José, diplomata - homem de má índole
Manoel, padre - perverso e devasso
Augusto, funcionário público - autômato de José
Dr. Romano, juiz protetor - amigo forçado de José
Ignácio, secretário de Augusto - de um caráter incompreensível
Um estrangeiro - vítima da Trindade Maldita
Ma da Glória, amásia de Manoel
Um criado, N.N.
Marinheiros, esbirros da Polícia, soldado, homem do povo.
Época da atualidade
1o ato (tribunal da inquisição) passa-se na residência do Dr. Romano
2o ato (a Trindade Maldita conspira) passa-se no hotel da Marinha
3o ato (o duelo entre José e Romano) passa-se na Câmara
4o ato. José furioso contra Manoel, na residência de José
5o ato. A queda de Augusto - nos campos elísios
Recebe-se as assinaturas na casa do Tradutor"

Há até a possibilidade de se imaginar que este anúncio tenha a ver com José de Lima Penante, sabidamente um socialista e portanto um crítico do sistema.

(10) - *Jornal do Rio Negro*, 7 de março de 1868

De qualquer forma, o ator e sua companhia, parecem não ter representado dramas muito extensos e com muitas variações de cenário. Aliás, os espetáculos que o jornal publicou para as temporadas de Lima Penante em 1868 e 1869, eram compostos de pequenos melodramas, *vaudevilles* e fragmentos constitutivos destes gêneros, como os monólogos e as cançonetas.(11) Estes, dominariam os palcos de Manaus durante muito tempo, estando presentes até o amanhecer do século XX, já um tanto influenciados pela Revista, é bem verdade. Ainda que não se disponha dos textos, nem de outros detalhes sobre a música que deveria acompanhar as representações, o conteúdo das récitas anunciadas que sempre envolve cançonetas, algumas árias, comédias chistosas, situações trágicas e monólogos, parece suficientemente elucidativo.

Os preços das assinaturas da temporada de 1868 eram de 8$000 para os camarotes de lado, 10$000 para os de frente e o mesmo preço de 2$000 para a galeria e o salão; estes eram mais baratos porque o espectador precisava levar sua cadeira de casa para não ficar de pé no teatro: *"as cadeiras uma vez colocadas por seus donos não poderão ser mudadas por outrem, pois tem o privilégio aquele que primeiro chegar"* (12)

O Theatro Variedade Cômica e a companhia teatral de José de Lima Penante, terão sido, no Amazonas, os pioneiros de uma atividade artística com profissionalismo elaborado. Diz-se isso não só pela organização das récitas em sistema de assinaturas, mas pela construção e conservação do teatro, manutenção dos atores, variedade de peças, além de algumas despesas que não se fazem sem a certeza do lucro, como a contratação de músicos (possivelmente a Banda dos Educandos Artífices) e os anúncios de página inteira nos jornais locais. Uma das dificuldades do ofício do sr. Penante em Manaus, era justamente o pagamento de tributos à província. Uma lei provincial de 12 de julho de 1867, impõe ao teatro o pagamento de 20$000 réis por espetáculo, *"...oneroso imposto a uma empresa que a toda parte tem sido subvencionada por cofres públicos"*(13) Ao que parece, o texto da referida lei, não prevendo tal atividade em Manaus, permitiu a aplicação arbitrária de uma taxa, como se o Theatro Variedade Cômica fosse uma casa comercial comum. Tal equívoco dá quase a certeza de que no momento em que o legislador provincial elaborava a medida legal, o teatro do sr. Penante ainda não existia e o anterior, que fôra visto por Avé-Lallemant, já havia desaparecido.

As funções do Theatro Variedade Cômica chegam aos primeiros dias de 1870 com espetáculos e benefícios em favor de instituições e pessoas, pois Lima Penante e sua companhia, que já contava com 12 atores, vinham de uma temporada em 1869, de mais de 25 espetáculos.(14) O movimento que Lima Penante e sua companhia de teatro proporcionaram à pacata Manaus daquele tempo, rendeu querelas entre jornais (o "Commercio do Amazonas" criticava o ator e o "Amazonas" defendia-o com intensidade) e fez nascer o desejo pelo estabelecimento de mais teatros e grupos de artistas. Ainda em maio de 1870, um espetáculo em favor do Atheneu das Artes, foi levado à cena em um teatro cujo nome não foi revelado. Infelizmente, o nome dos atores e autores das peças também não foi divulgado, sabendo-se unicamente que representou-se o *vaudeville* "Tribulação e Ventura", a *"cena cômica de costumes regionais"* intitulada "O matuto no Recife" e a comédia *"ornada de música, pela 1a vez representada nesta capital"* de nome "As consequências do carnaval".(15)

---

(11) - *Jornal do Rio Negro*, 26 de abril, 3 de maio, 7 de maio, 10 de maio, 21 de maio, 31 de maio, 7 de junho e 14 de junho de 1868. *Amazonas*, 1o de janeiro de 1870

(12) - *Jornal do Rio Negro*, 26 de abril de 1868

(13) - *Jornal do Rio Negro*, 23 de abril de 1868

(14) - *Amazonas*, 1o de janeiro de 1870

(15) - *Amazonas*, 21 de maio de 1870

unesp

A música desta apresentação ficou a cargo da Banda dos Educandos Artífices,(16) a essa época comandada por Miguel Torres que como hábil e profícuo compositor que era, deve ter composto para a ocasião.

Uma outra apresentação, feita em 1871, revela a existência daquele que pode ser o primeiro grupo local de teatro. Era uma sociedade militar chamada Ensaios Dramáticos, que na noite de 7 de setembro daquele ano, fez subir à cena em seu próprio teatro as comédias "Não há fumo sem fogo", "A ordem é roncar" e uma cena cômica adaptada: "O sr. Anastácio fora do sério"(17) Fez-se tocar o Hino da Independência, antes de começar o espetáculo, e provavelmente durante a récita outra música mais deve ter sido executada pela Banda do 3o Batalhão de Artilharia, agrupamento em que nesta mesma época servia Miguel Torres. A programação agradou bastante, porque *"...boliu com as coisas locais."*(18)

Uma outro grupo sob o nome de Sociedade Dramática também esteve atuando entre 1872 e início de 1873, quando parece ter se desfeito em vista de algumas discórdias; restou-nos o nome de um amador bastante elogiado: Souto (19)

Em 1874, em um teatro que as notas de jornal não revelam o nome, esteve o mágico Juan Rossi, assessorado por uma "orquestra" (que podia ser a Banda do 3o Batalhão de Artilharia ou a Banda de Educandos Artífices) e o clarinetista Raymundo João Carneiro que era mestre de música dos Educandos. Juan Rossi não parece ter chegado antes de junho e foi-se embora antes de entrar o mês de agosto.(20) A primeira vez que se tem notícia de ser cantada uma ária de ópera, foi justamente durante a temporada de Rossi; ele cantou um trecho de "*Lucia di Lamermoor*", de G. Donizetti, mais precisamente uma ária de Edgardo.(21)

Em 5 de agosto de 1875, a recém constituída Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas, faz construir em Manaus, na praça Uruguayana, exatamente onde hoje está situado o colégio Dom Bosco, um teatro, que deveria servir como fonte de renda para a construção do hospital da entidade. Por 700$000 réis, Manuel Fontão erigiu o teatro em forma de pavilhão, que havia sido projetado pelo engenheiro russo Alexander Waag.(22) Logo a 3 de outubro, do mesmo ano de 1875, o presidente da entidade informa em reunião de diretoria que fez constituir *"...uma pequena companhia de curiosos para dar algumas récitas no teatro desta Sociedade, nomeando-se para este fim uma comissão de 3 membros para fazer aquisição de pessoal, sendo escolhido: Manuel Joaquim Machado e Silva, Manuel José de Gama e Lima e Domingos d'Almeida Souto"*(23) Será este Souto, o mesmo que se mencionava em 1873 como um *"...rapaz com tendência dramática para a cena..."* ? (24)

---

(16) - *Amazonas*, 21 de maio de 1870
(17) - *Amazonas*, 10 de setmbro de 1871
(18) - Idem
(19) - *Diario do Amazonas*, 11 de janeiro de 1873
(20) - *Amazonas*, 19 de julho de 1874. O primeiro espetáculo de Juan Rossi foi em 14 de junho. Ver *Amazonas*,12 de junho de 1874
(21) - Idem
(22) - *Real e Benemerita Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas: Flagrantes Historicos*, Manaus, Ed. Umberto Calderaro, 1973 pp. 32 e 33
(23) - Idem
(24) - *Diario do Amazonas*, 11 de janeiro de 1873

unesp

As informações sobre o aspecto do Theatro Beneficente dão conta de que era *"...um antigo barracão levantado por aquela associação* [a Sociedade Portuguesa Beneficente]... *e ao qual pela forma circular de seu telhado e pelo esteio que sustentava no centro o público dava o nome tão típico quanto pitoresco de Chapéu de Sol"*(25) Em 1880 o pavilhão recebeu melhorias:(26)

> *"Hoje já as famílias não tomam suador nos apertados camarotes. Na frente proporcionou-lhes um salão e duas varandas a fim de poderem respirar o ar a pulmões cheios e distraír-se um pouco contemplando o nosso azulado firmamento"*

Alguns outros melhoramentos internos foram propiciados em 1886, incluíndo o arco do proscênio e o pano de boca, pintado por José de Lima Penante(27) O modesto Theatro Beneficente, que teria sido originalmente um pavilhão para a realização de leilões em prol do hospital, aposentou-se em 1888, já cheio de cupins e telhas podres.(28)

Seus empreendedores, quando da sua construção, não pretenderam mais do modesto teatro que não uma fonte de renda para uma obra maior e que a Sociedade Beneficente considerava a principal, o hospital. Para tanto, o Theatro Beneficente foi também alugado a terceiros, o que incluiu bailes de carnaval e, por absoluta falta de espaço adequado em Manaus, a artistas viajantes.(29)

Desta forma, em 1875, dois mágicos ocuparam o teatro com espetáculos de prestidigitação(30). Em 1876, um outro mágico, de nome A. J. Wallace, apresentou alguns pequenos números musicais, que ele chamou de *"cenas cômicas ornadas de música"* e cançonetas.(31)

Antes de A.J. Wallace ocupar o palco do Theatro Beneficente, encontra-se a notícia de um espetáculo em benefício das obras do hospital da Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas. Na ocasião foram representadas as comédias: "A viúva", em 2 atos; Um velho de bom gosto", em forma de poema; e "Othelo, tocador de realejo, em um ato. O espetáculo, pouco concorrido, contou com a participação de pouco agrado da Banda do 3o Batalhão de Artilharia.(32) São desconhecidos até o momento, os nomes dos artistas que tomaram parte neste espetáculo, não se descartando a hipótese de serem os amadores mantidos pela instituição.

Em 1877, o artista de nome Silveira, acompanhado de uma banda de música e do clarinetista Raymundo João Carneiro, ocupou o palco do Theatro Beneficente até o fim de maio(33), quando foi substituído por José de Lima Penante que retornava a Manaus para uma temporada dupla, ao lado de sua companhia. Silveira desempenhou um repertório de pequenos *vaudevilles*, com textos mais conhecidos, como "Eu! Sou um alho!", de Eduardo Garrido(34).

---

(25) - *A Platea*, no 3, de 16 de abril de 1907.

(26) - *Jornal do Amazonas*, 8 de setembro de 1880.

(27) - *Jornal do Amazonas*, 11 de novembro de 1886.

(28) - *A Platea*, 16 de abril de 1907.

(29) - Outros teatros parecem ter existido. Dentre eles o Teatro Fênix em 1879 e o Teatro Recreio Oriental, este quase certamente pertencente a Pingarilho, ou a seu serviço, para as partidas dançantes que promovia.

(30) - *Jornal do Amzonas*, 28 de agosto de 1875. Houve espetáculos também em setembro (a mesma fonte notícia em 8 e 12 de setembro).

(31) - *Amazonas*, 12 de outubro de 1876. Esta e a data da estreia de Wallace no Theatro Beneficente. O último espetáculo do artista, que foi noticiado pelo jornal *Amazonas*, é de 9 de novembro de 1876.

(32) - *Amazonas*, 1o de outubro de 1876.

(33) - *Jornal do Amazonas*, 20 de maio de 1877.

(34) - *Jornal do Amazonas*, 13 de maio de 1877. Silveira repetiu a recita deste dia em 20 de maio de 1877, com "Eu! sou um alho!", "Devoto de Baco" e "Defensor da Classe Caixeiral". Ver: *Jornal do Amazonas*, 20 de maio de 1877.

unesp

José de Lima Penante, que estreou em 27 de maio e ficou até 17 de junho(35), retirou-se em 19 deste mês para algumas apresentações em Óbidos, havendo retornado a Manaus em fins de julho para uma segunda temporada(36). Trouxe peças novas e já conhecidas do público local, em seu repertório de *vaudevilles* e melodramas, distribuindo ao público fequentador do teatro os textos impressos de algumas delas.(37)

A década de 1880 viu um assédio cada vez maior de companhias de dramas, comédias e *vaudevilles*, a Manaus. Artistas trazidos por José de Lima Penante e outros que de seu sucesso devem ter ouvido falar, passaram a vir para Manaus periodicamente e é bem provável que muitos deles tenham fixado residência na capital do Amzonas, mesmo que temporariamente. A maioria se originava de Belém, São Luiz ou Recife, havendo muitos portugueses entre eles.

Em julho de 1880, instalou-se a Empreza Câmara, da qual tomavam parte Joaquim Infante da Câmara, sua esposa Emília Augusta Câmara, Henriqueta Augusta da Silva, Augusto Cezar de Mendonça e João Máximo Coelho, dentre outros. Trazia a companhia um repertório de dramas e *vaudevilles* quase que exclusivamente de autores portugueses, como o "Poder do ouro", de Aristides Abranches e a "Corda Sensível".(38) Há a possibilidade de que esta companhia tenha voltado em 1882 com um elenco praticamente igual.(39) O seu maior destaque é certamente o ator português Joaquim Infante da Câmara (18 ? - 1888), irmão de Eugênia Infante da Câmara, que era bastante experiente e viajado, tendo frequentado palcos do norte ao sul do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Recife, São Luiz, Belém e Manaus), quer em empresas de outrem, como a de Vicente Pontes de Oliveira e José de Lima Penante, quer por conta própria como nas ocasiões em que esteve em Manaus.(40)

Sob os auspícios da Associação Dramática Amazonense, dirigida por Augusto Cezar de Mendonça, que pode ter vindo a Manaus pela primeira vez com a Empreza Câmara(41), a capital do Amazonas viu a mais longa de suas temporadas teatrais até então; havia começado em 1883 e chegou a meados de 1884. Dos espetáculos desta associação tomaram parte Izabel Maria Cândida, Joaquim Vilela, Candida de Mendonça, Luiz Musso, Antonio Coimbra, o próprio Augusto Cezar de Mendonça.(42) É muito provável que esta companhia, que parecia haver se fixado em Manaus, tenha se apresentado continuamente até 1885. Os desfalques na coleção de periódicos do Amazonas no segundo semestre de 1884 não permitem a confirmação, mas a série de espetáculos que se verifica de janeiro a abril de 1885, em que figuram os mesmos nomes dos anos anteriores, sugere uma sequência que pode ter sido ininterrupta. (43)

Nesta temporada de 1885, além do grupo de Augusto Cezar e de seus Festivais Dramáticos, o Theatro Beneficente abrigou a companhia de Manuela Lucci, artista de grande nome em todo o país. Manuella Lucci era portuguesa de pais italianos e com eles veio para o Brasil, ao lado de mais dois irmãos que também foram artistas, Augusto, que morreu em um naufrágio nas águas amazônicas, e Carmela Adelaide, cantora lírica casada com Francisco Libânio Colás.(44)

---

(35) - *Amazonas*, 27 de maio e 19 de junho de 1877
(36) - *Amazonas*, 19 de junho de 1877
(37) - *Amazonas*, 3 de junho de 1877
(38) - *Amazonas*, 8 de setembro de 1880
(39) - Salles, V. *Épocas do Teatro no Grão Pará*... Obra Citada, p. 92
(40) - Gonçalves, A. F. L. *Dicionario Historico e Literário do Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Catedra, 1979, v. 3, p. 46
(41) - Salles, V. *Épocas do Teatro no Grão Pará*... Obra Citada, p. 92
(42) - *Jornal do Amazonas*, 30 de março de 1884
(43) - *Jornal do Amazonas*, 20 de janeiro, 30 e 31 de março de 1884; *Jornal do Amazonas*, 4 de janeiro e 2 de abril de 1885
(44) - Vieira, L. *Historia do Teatro Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ministerio da Educação e Saúde, 1938, p. 226

unesp

Manuela Lucci casou-se com o ator e empresário Vicente Pontes de Oliveira. Ambos fizeram a temporada inaugural do Teatro da Paz, em Belém do Pará.(45) Manuela Lucci deve ter começado sua carreira de atriz em Recife, lugar onde Germano Francisco de Oliveira, empresário e ator da primeira companhia a pisar o Teatro Santa Izabel (Recife), a conheceu.(46) Manuela Lucci recebeu os mais altos elogios de seus contemporâneos, como o próprio Germano de Oliveira e Artur de Azevedo.(47) Em Manaus, Manuela Lucci obteve retumbante sucesso com a primeira opereta que se tem notícia em Manaus: "Os Sinos de Corneville" de Robert Planquette, em provável tradução portuguesa de Eduardo Garrido. Trouxe um elenco de profissionais que atuavam no Pará e Maranhão, bastante conhecido do público manauara (Izabel Maria Cândida, Joaquim Vilela, Cândida de Mendonça, João Máximo, etc.), destacando-se Antonio Dias dos Passos.(48)

No final de 1885, apareceram Soares de Medeiros, ator português, e Isolina Monclar, numa empresa que se associou a Manuela Lucci. A temporada invadiu o ano de 1886 e deve ter durado até fevereiro, quando se verifica uma ausência de anúncios de espetáculos(49) Entretanto, Manuela Lucci e outros atores da temporada 1885/86 parecem ter ficado em Manaus pelo resto do ano de 1886; apresentaram-se ainda a 4 de maio e 13 de novembro.(50)

O ano de 1886 não terminaria sem o retorno de José de Lima Penante ao palco do Theatro Beneficente. Não é certa a data da sua estréia, mas de 15 de novembro de 1886 a 6 de fevereiro de 1887 a sua empresa dramática deu espetáculos consecutivos. É possível que tenham permanecido, ao menos alguns remanescentes, até maio, quando se anuncia o benefício a Augusto Cezar de Mendonça *"...uma das fortes colunas da companhia dramática que ultimamente vem proporcionando ao público desta capital noites de distração"*(51) José de Lima Penante vinha associado a Helena Balsemão, atriz portuguesa (1850-1903) que se casou em Manaus com outro ator português desta mesma companhia, Eduardo Rodrigues(52) O casal iniciou-se em épocas diferentes no Teatro Príncipe Real, de Lisboa.(53) O vasto repertório da empresa Penante-Balsemão garantiu-lhe sucesso absoluto: "O guia da montanha", "Um cavaleiro de Malta", "Almas d'outro mundo", "Fé, esperança e caridade", dentre outras peças, sendo que as mais importantes eram "A cabana do Pai Tomaz", drama abolicionista, "João, o cocheiro", "Fidalgos e Operários" e "O Filho do Povo", dramas socialistas(54), o *vaudeville "...dos mais ruidosos sucessos do Follies Bergéres"*(55) intitulado "O Cara linda, pregador de cartazes", a famosa revista portuguesa "O Casamento do Descascamilho"(56) e a não menos conhecida paródia musical à obra "Traviata", de Giuseppe Verdi, intitulada "Cenas da vida do Rio de Janeiro", que além dos trechos da obra arremedada, incluíam-se outros tantos números de música em quantidade variável e do punho de variados compositores.

(45) - Salles, V. *Épocas do Teatro no Grão Pará*... Obra citada, p. 78

(46) - Jansen, J. *Teatro no Maranhão* Rio de Janeiro, Gráf. Olímpica Ed. 1974, p. 50

(47) - Ver: Obra Citada acima, p. 50; Vieira, L. *Historia do Teatro Brasileiro*, Obra citada, p. 226

(48) - *Jornal do Amazonas*, 29 de outubro de 1885 anuncia a dupla Manuela Lucci e Antonio Passos em "Os Sinos de Corneville". Podem ser consultados também os exemplares do *Jornal do Amazonas* de 31 de outubro, 5 e 28 de novembro e 8 de dezembro de 1885.

(49) - A fonte continua sendo o *Jornal do Amazonas*, nas datas mencionadas e nas outras disponíveis na bibliografia.

(50) - Ver *Jornal do Amazonas*, das datas citadas

(51) - *Jornal do Amazonas*, 12 de maio de 1887

(52) - O casamento foi em 1o de janeiro de 1887. Ver: *Jornal do Amazonas*, 4 de janeiro de 1887

(53) - Galante de Sousa, J. *O Teatro no Brasil* Rio de Janeiro, MEC, 1960, pp. 97 e 462

(54) - No *Jornal do Amazonas* de 30 de novembro de 1886 lê-se *"1a representação do importante drama de grande espetaculo, inspirado nas eternas lutas dos direitos populares contra a opressão e a tirania, traduzido pelo notavel escritor português Salvador Marques; em 5 atos, intitulado O FILHO DO POVO"*

(55) - *Jornal do Amzonas*, 22 de janeiro de 1887

(56) - "O Casamento do Descascamilho" é um dos espetáculos da série do "Descasca-Milho", que o seu autor, Pedro Carlos de Alcântara Chaves (1829-1893) fez representar no Teatro da Rua dos Condes, em Lisboa, Portugal, entre 1861 e 1863, atingindo enorme sucesso. Ver: Rebelo, L. F. *Historia do Teatro de Revista em Portugal* Obra Citada, p. 72

unesp

A música que se ouviu na década de 1880 no Theatro Beneficente, ficou a cargo de diferentes grupos. Em 1880, na temporada da Empreza Câmara, apresentou-se uma orquestra elogiadíssima, sob a direção do maestro Zuany(57): *"A orquestra... continua caprichando para satisfazer ao mais exigente diletanti... é bem ensaiada e é hoje a melhor que temos na capital"*(58) Desta afirmação conclue-se que mais de um grupo orquestral já estava a atuar na cidade, além das tradicionais bandas dos Educandos Artífices e do 3o Batalhão de Artilharia, que continuavam a existir. Por sua vez, as temporadas de 1883 e 1885 foram acompanhadas pela orquestra do maestro Manuel Napoleão Lavor. Infelizmente não há maiores informações sobre os grupos do maestro Zuany e do maestro Lavor, tampouco se sabe quais foram os acompanhantes nas demais temporadas de *vaudevilles* e melodramas, no Theatro Beneficente. Sobre Manuel Napoleão Lavor em particular, há um pouco mais de notícias. Sabe-se que dividiu suas atividades entre os grupos musicais que integrou ora como regente, ora como executante e o ensino da música, tendo rápida passagem pelo Instituto Amazonense de Educandos Artífices, em 1885 e pela Academia de Belas Artes, em 1901 (e quase certamente em outros períodos). Em 1908 ainda ensinava violino e solfejo(59)

Em 1888 surgiu um novo teatro em Manaus: *"... tem muito melhores acomodações do que o teatro da Beneficente Portuguesa, que é preciso abandonar-se por estar fora de atualidade."*(60). Os motivos não eram só estes. Há muito que o público interessado em funções teatrais havia aumentado, e bastante(61). Foi então que o proprietário do Hotel do Commercio, o português Benjamin Lucas, construiu o Éden Theatro, em um terreno contiguo ao seu hotel, que se situava naquela que viria a se chamar Praça da República.(62) O Éden-Theatro foi inaugurado em 3 de maio de 1888, pela Companhia Dramática e de Operetas de Eduardo Álvares, empresa esta contratada exclusivamente por Benjamin Lucas para vir trabalhar em Manaus(63)

O Éden Theatro recebeu luz elétrica logo na sua primeira temporada(64), embora alguns reclames pela fraca iluminação da sua sala de espetáculos nos leve a crer que esta tecnologia pode ter sido usada apenas eventualmente.(65) Com o passar do tempo muitas reformas vieram a modificar o aspecto do Éden-Theatro. Em 1893, a iluminação melhorou definitivamente, incluindo os corredores, somando-se a isto um passadiço à entrada por causa da lama dos dias chuvosos e *"...mais umas cabinezinhas nos camarotes"*(66) Tais comodidades foram aparecendo à medida que o número de espetáculos aumentava e o público afluia ao teatro, exigindo condições de exibição e apreciação. Uma outra reforma aconteceu no inicio de 1899. Nessa altura, os fundos do teatro, que davam para a rua Demetrio Ribeiro, foram usados como entrada independente sendo que em 1901 interceptou-se a passagem do hotel *"... o que é uma garantia para as famílias..."*(67). Certamente deveria ser um tanto constrangedor utilizar a entrada do hotel para se alcançar o teatro. Pelo que se pode deduzir, quando este mudou de dono,(68) sua clientela deve ter se diferenciado daquela que frequentava o Éden, havendo portanto a necessidade de abrir, inicialmente, uma nova entrada e depois interceptar a comunicação do teatro com o hotel.

(57) - O *Jornal do Amazonas*, de 25 de julho, 8 e 12 de setembro de 1880, traz referências ao bom desempenho do grupo
(58) - *Jornal do Amazonas*, 12 de setembro de 1880. Havia em 1888 um Zuany responsavel pelo jornal "O Artista"
(59) - *Amazonas*, 5 de fevereiro de 1908
(60) - *Jornal do Amazonas*, 2 de abril de 1888
(61) - Idem
(62) - Idem
(63) - *Jornal do Amazonas*, 8 de maio de 1888
(64) - *Jornal do Amazonas*, 25 de novembro de 1888
(65) - *Diário de Manaos*, 9 de junho de 1892
(66) - *Diário de Manaos*, 19 de fevereiro de 1893
(67) - *A Federação*, 18 de setembro de 1901
(68) - Em 1892, o Eden Theatro passa a pertencer a Manoel Grangeiro

unesp

A peça que inaugurou o Éden-Theatro foi o drama "A Virgem Aparecida", de autoria do próprio Eduardo Álvares(69), mas a temporada só começaria mesmo em 30 de agosto com a primeira récita de assinatura, sendo representada a opereta de Edmond Audran, "A Mascotte", em versão portuguesa de Eduardo Garrido.(70) A companhia foi se constituindo com a chegada dos atores, especialmente os cantores, vindos de outras capitais. Na estréia estavam presentes: Beatriz Rosália e Affonso Vilela, a dupla principal (e protagonista da "Mascotte"), Santos Silva, Aurora de Freitas, Conceição Martins, Alexandre Costa, Máximo, Braga, Maria Amância, Josephina Ferraz e mais alguns pontas e figurantes.(71) A companhia vinha com orquestra dirigida por Roberto de Barros.

Roberto de Barros (1861-1928) nasceu em Portugal (Arcos do Val-de-Vez) e veio para o Brasil aos 13 anos de idade, fixando-se em Belém, onde começou seus estudos de música. Foi aluno de Enrico Bernardi (regente da temporada inaugural do Teatro Amazonas), em piano, composição e harmonia. Começou sua carreira tocando flauta em algumas bandas e orquestras, passando depois a providenciar música para os espetáculos de companhias teatrais que iam se apresentar no Pará, como a de Emília Adelaide em 1885 (compôs a opereta fantástica "A princesa Azulina ou a filha do mar", da obra de Eduardo Garrido), Soares de Medeiros em 1886 (com o qual pode ter vindo a Manaus neste mesmo ano) e a companhia lírica de Joaquim Franco e Adéle Naghel, também em 1886. Em 1895 passou a ocupar uma das cadeiras do Instituto Carlos Gomes, de Belém. Sua atividade ligada ao teatro, na condição de regente e de compositor, foi bem grande. Compôs ainda uma sinfonia, em ré menor e um poema sinfônico intitulado "A Revolução", dentre várias peças para orquestra e grupos de câmara.(72)

Os cantores que vieram reforçar a primeira temporada do Éden Theatro foram o tenor Luigi Tirelli, o barítono Guillelmo Camoletti e a soprano Aliverti. Os três estrearam na opereta "Os Sinos de Corneville", em 6 e 25 de outubro e em 4 de novembro, respectivamente.(73) Alguns outros atores conhecidos participaram esporadicamente da temporada, como por exemplo, Manuela Lucci e Augusto Cesar, que estreou na opereta "A Filha do Capitão Mór", de Roberto de Barros e Xisto Bahia.(74) A temporada do Éden incluiu outras operetas bastante famosas à época, como "Niniche", de Mario Boullard e "Bocaccio", de Franz Suppé, além do "Fantasma Branco" de Francisco Libânio Colás. Assim, a primeira temporada do Éden Theatro foi até o fim do ano.

E foi no Éden-Theatro que Manaus viu a primeira estação operística. Em 10 de dezembro de 1890 chega a Companhia Lyrica Italiana dirigida por Joaquim Franco, que já estivera na capital do Amazonas com alguns cantores, em 1885. O grupo de Joaquim Franco, que estreou em 16 de dezembro com *"Il Trovatore"* de Verdi, apresentou-se 34 vezes, com 13 óperas diferentes, sendo 6 de Verdi (a já mencionada e mais "*Traviata*", "*Ernani*", "*Rigoletto*", "*Un Ballo in Maschera*" e "*Aída*"), 3 de Donizetti ("*Lucia di Lamermoor*", "*Linda di Chamounix*" e "A Favorita"), o "Ruy Blas", de Filipo Marchetti, "*Il barbiere di Siviglia*", de Rossini, "*Crispino e la Comare*" dos irmãos Federico e Luigi Ricci e "Norma" de Bellini. Todas foram reprisadas, o que leva a crer que tenha havido interesse do público (o que comprovar-se-á mais adiante). O grupo era bastante superior aos que haviam estado ultimamente no Pará, no Maranhão e em São Paulo, conforme o crítico do Diário de Manaos, Binocolini.

(69) - *Jornal do Amazonas*, 5 de maio de 1888
(70) - *Jornal do Amazonas*, 30 de agosto de 1888
(71) - Idem
(72) - Salles, V. *Musica e musicos do Pará*. Belem, Conselho Estadual de Cultura, 1970. pp. 85 e 86
(73) - *Jornal do Amazonas*, 6 e 25 de outubro e 6 de novembro de 1888
(74) - *Jornal do Amazonas*, 20 e 27 de outubro de 1888

unesp

"... numerosas pessoa vindas do Pará e que vão assitir aos espetáculos no Éden-Theatro, proclamam a superioridade dos artistas contratados pelo maestro Franco, em confronto com os que trouxe Gama Malcher, embora este contasse com vultosa subvenção e quele não contasse mais do que o ridículo capital unido à sua experiência... Mas o que talvez não se saiba é que o sr. Malcher terminando como pôde a sua estação no Pará fez-se de vela com os artistas que sobraram da sua Companhia para São Paulo, em cuja capital estão fazendo sucesso!"(75)

A presença de Gama Malcher, com um grupo de pouca expressão internacional, na temporada paulista e carioca daquele ano, é confirmada por Paulo de Oliveira Castro Cerquera em sua obra "Um século de ópera em São Paulo"(76)

O grupo de Joaquim Franco era formado pelas sopranos dramáticas Adéle Bianchi-Montaldo e Constanza Brini, as sopranos ligeiro Maria Bosi e Paulina Motta, as *mezzo*-sopranos Giulia Vitoria e Mathilde Schiavinato, os tenores Carlo Callioni, Ferdinando Ambrosi, Ventura Bruschi e Abelardo Biondo (estes dois últimos, ligeiros), os barítonos Antonio Bucci e Giuseppe Dominici, o baixo barítono Carlo Cristofori e os baixos Alessandro Nicolini, Talem Lamponi, Rabellini e Ferdinando Fava. A direção dos coros era de Cesare Gianini, o primeiro violino era Dionízio Burgio e o regente da orquestra o próprio Joaquim Franco. Dentre os mais experientes do grupo de cantores estava o tenor Carlo Callioni, que em 1886, no Rio de janeiro e em São Paulo, já havia desempenhado os papéis principais da temporada(77). Em Manaus não foi diferente. Fez os papéis principais em "Ernani", "Ruy Blas"e o Duque de Mantua do "*Rigoletto*", além de outras óperas. Dentre as sopranos, Maria Bosi ficou com os papéis principais em "*Crispino e la Comare*", "*Lucia di Lamermoor*", "*Linda di Chamounix*" e na "*Traviata*", Bianchi Montaldo foi a protagonista da "Norma" e Constanza Brini de "Aída". Giuseppe Dominici, que também já era experimentado cantor de temporadas passadas, no sul do país, fez o papel título do "Rigoletto", além dos destaques do "*Barbiere di Siviglia*" (Fígaro) e Lucia di Lamermoor (Lord Eurico Ashton). Cristofori fez os papéis de baixo bufo (Crispino e la Comare) e comprimário, cabendo a Nicolini a posição de primeiro baixo da companhia. Os demais cantores desempenharam somente papéis comprimários, sendo que todos também o fizeram em alguma ópera.(78) Da orquestra a única nota que se tem é a inclusão a meio da temporada do violoncelista Alexandre Rayol, à época um proprietário de escola em Manaus.(79) Os libretos eram vendidos na Agência da Ferreira Penna e no próprio Éden-Theatro e as assinaturas eram de responsabilidade da Associação Lyrica Amazonense(80).

O enorme sucesso da primeira estação lírica em Manaus(81), permitiu que Joaquim Franco voltasse com nova empresa em 1892. Desta vez o repertório havia aumentado, contando com 18 óperas. Verdi, Donizetti e Bellini continuavam a ser maioria. De Verdi foram representadas 6 peças: as mesmas da temporada anterior . De Donizetti levou-se à cena "*Lucrezia Borgia*", "*Poliuto*", além da "*Lucia di Lamermoor*" e da "*Favorita*". De Bellini retornou "Norma" e estreou "*Sonambulla*".

(75) - *Diário de Manáos*, 4 de janeiro de 1891

(76) - Leite, P. O. C. *Um século de opera em São Paulo*. São Paulo, Empresa Gráfica e editora Guia Fiscal, 1954, pp. 18 e 19

(77) - Idem p. 13

(78) - Ver *Diario de Manaos*, 3, 4, 5, 10, 15, 17, 20, 22, 24, 25 e 29 de jan.; 4, 5, 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 26 e 27 de fev.; 3 de mar. 1891

(79) - Ucôa, J. B. *Flagantes Educacainais do Amazonas de Ontem*. Manaus, Ed. Governo do Estado, 1966, p. 177

(80) - *Diario de Manaos*, 15 de janeiro de 1891

(81) - As receitas de assinatura terminaram em 15 de janeiro mas a temporada estendeu-se ate março

unesp

Algumas outras óperas de maior agrado na estação passada voltaram ao Éden-Theatro em sua segunda temporada operística: "Ruy Blas"e "*Barbiere di Siviglia*".

A temporada também chamou a atenção pela primeira representação em Manaus de uma ópera de autor não italiano ("Fausto", de Gounod). Completaram as récitas, a ópera em um ato de Pietro Mascagni "*Cavallaria Rusticana*" e o "*Fra Diavolo*" de Auber. Ao todo foram cerca de 28 espetáculos, incluindo 3 noites de benefícios variados, O ínicio dos espetáculos foi em 7 de junho e prologaram-se até 14 de agosto. A companhia veio quase que totalmente modificada, sendo que Maria Bosi era uma das poucas conhecidas do público manauara. Vieram as sopranos Amélia Conte Foroni, Maria Petich, Alasia Boriani, Mathilde Schiavinato, além de Maria Bosi, mais as *mezzo*-sopranos Maria Masia e Desdêmona Campagnolli, os tenores Martinez Patti, Luigi Bianchi e Luigi Ferrari, os barítonos Sante Athos e Giuseppe Dominici, os baixos Ladislao Pascoschi, Ferdinando Fava e Costa. Estes cantores também eram experientes e de grande qualidade. Basta dizer que Sante Athos contracenou, na qualidade de 1º barítono ao lado de Maria Luísa Durand(82). O público do Rio de Janeiro e de São Paulo também já conhecia Amélia Conte Foroni.(83) Os papéis principais de tenor em todas as peças foram desempenhados por Martinez Patti, assim como os de baixo por Ladislao Pascoschi. Os barítonos Athos e Dominici dividiram as funções e as sopranos Maria Bosi e Conti Foroni revezaram-se na atuação dos papéis principais; esta fez "Norma", "*Lucrezia Borgia*", "*La Gioconda*" e a Leonora da "*Forza del Destino*" (Mathilde Schiavinato depois a substutuiu nesta ópera) e Bosi fez "*Lucia di Lamermoor*", "*Traviata*" e a Margarida do "Fausto". Todos estes atuaram também como comprimários nas demais récitas, assim como os outros cantores. A orquestra, dirigida por Giácomo Cornetti (que mais tarde fixar-se-ía em Manaus), tinha como destaque uma mulher no naipe dos violinos.(84)

Entretanto esta não seria a única companhia a aportar no Éden, em 1892. Antes da companhia lírica de Joaquim Franco, entre 23 de julho de 1891 e 24 de maio de 1892 (com grandes interrupções), a companhia de Beatriz Rozália deu vários espetáculos, com as operetas "Sinos de Corneville", "Mascotte", "Niniche" e "Bocaccio", além de dramas e comédias. O elenco era em parte conhecido pelo público amazonense: Luigi Tirelli, Cesare Ficarra (também empresário do grupo), Luiza Giordano, Ermínia Scaramea, Bibiani, Figueiredo, Madureira, além de Beatriz Rozália e mais uma dúzia de outros atores (85).

Com o apoio de uma subvenção pública, Joaquim Franco volta em 1893 para uma curta temporada de 12 récitas (apenas uma ópera mereceu reprise). As poucas peças novas resumiram-se à ópera "Martha", de Flotow, uma exibição não confirmada de "Don Pasquale" de Donizetti e principalmente a estréia de "O Duque de Vizeu", de Ettore Bosio, italiano radicado no Pará.(86) Retornam também as sopranos Maria Bosi, Constanza Brini, Mathilde Schiavinato e Desdêmona Campagnolli, os tenores Luigi Bianchi, Luigi Ferrari e os barítonos Sante Athos e Giuseppe Dominici e o baixo Ferdinando Fava. Completaram a companhia a soprano Amália Bourman, o primeiro tenor Pietro Prati e o baixo português Carlos Lopes.(87)

---

(82) - Cerqueira, P. O. C. *Um século de ópera em São Paulo*. Obra Citada, pp. 243, 252 e 320

(83) - Idem, p. 5

(84) - *Diário de Manaos*, 7 e 9 de junho de 1892. Sobre o tenor palermitano Gino Martinez Patti, ver N.R. 109

(85) - *Diário de Manaos*, 22 e 27 de março, 5, 7, 17, 20, e 27 de abril, 9, 10, 15, 17, 21, 24 e 19 de maio de 1892

(86) - *Diário de Manaos*, 4 de abril de 1893

(87) - *Diário de Manaos*, 19, 23, 25 e 26 de fevereiro, 11, 12, 18, 22 e 25 de março e 4 e 7 de abril de 1893

Estas três temporadas líricas consecutivas no Éden-Theatro foram decisivas para o término das obras do Teatro Amazonas. Sabia-se agora que para continuar mantendo as pretensões de assistir companhias líricas, era mais que necessário um prédio condizente em acomodações, para artistas e público, melhor aparelhado e de propriedade do Poder Público; este, assim, poderia subvencionar livremente as companhias, contrata-las através de empresário, escolhendo o gênero do repertório a ser levado e a extensão da temporada. Para que se tenha uma idéia dos esforços que são necessários para uma empresa lírica, veja-se o exemplo de Joaquim Franco. Em dezembro de 1890 chegou a Manaus, sob os auspícios ds Associação Lyrica Amazonense, para dar 34 espetáculos e aqui permaneceu até março de 1891.(88) Em abril o grupo já estava a se apresentar no Teatro da Paz, em Belém do Pará(89) e em maio estreou em São Luiz(90). Joaquim Franco, então sob os auspícios de associação lírica do Maranhão, levou a São Luiz, em dezembro de 1891(91), grupo que estreou em Manaus em junho de 1892, passando antes por Belém onde permaneceu de março a maio.(92). Por causa do clima de insurreição política que se instaurara em 1893, inclusive em Manaus quando Antonio Constantino Nery (que seria governador uma dúzia de anos depois) tentou depor em quartelada o governador eleito Eduardo Gonçalves Ribeiro, o maestro Franco não conseguiu renovar o elenco da companhia e teve sérias dificuldades para prover os naipes da orquestra(93); as orquestras eram formadas em parte com membros fixos para viajar com o grupo e acrescidas com músicos das cidades onde se apresentavam.

Recomeçaria as apresentações em Manaus, de fevereiro a abril de 1893 e partiu em seguida para Belém onde ficou pelo resto de abril(94) e depois, em maio, para São Luiz(95) Como se vê, a companhia trabalhou, ao menos, sete meses por ano consecutivamente, sendo que em 1892 e 1893 o elenco era praticamente o mesmo, com uma ou outra alteração. Não admira que os artistas, ao fim deste tempo, já não estivessem fatigados com as viagens. Para completar, a adapatação era um sério problema para os estrangeiros. As doenças equatoriais e as condições sanitárias, ainda em fase de melhoramento, foram responsáveis por muitas indisposições (e isso era bastante comum) de artistas em todas as temporadas, e em muitas delas houve vítimas fatais, por febre amarela, diarréia e outras mazelas. Uma breve lista destes desaparecimentos inclui o tenor Ferdinando Ambrosi(96) (Manaus, Éden-Theatro, 1891), o compositor e regente português Plácido Sticchini(97), autor de inúmeras partituras para revistas dentre as quais *Tim-tim por tim-tim*, de Sousa Bastos (Belém, Teatro da Paz, 1896), a soprano Cleonice Campagnolli Quirolli(98) (Manaus, Teatro Amazonas, 1902) dentre outros tantos. E pode ser mais trágico se for levado em conta os artistas de menor destaque. Estes motivos foram suficientes para que muitos artistas deixassem de vir aos palcos do norte do Brasil. Mesmo assim, os amazonenses puderam ver alguns grandes nomes da música de cena, como o barítono Francesco Maria Bonini.

---

(88) - *Diário do Amazonas*, 15 de abril de 1891
(89) - Salles, V. *Epocas do Teatro no Grão Pará*... Obra Citada p. 137
(90) - Jansen, J. *Teatro no Maranhão* Obra Citada, p. 154
(91) - Idem, p. 63
(92) - Salles, V. Obra Citada, p. 141
(93) - *Diario de Manaos*
(94) - Salles, V. Obra Citada, p. 159
(95) - Idem
(96) - Idem, p. 137
(97) - Idem, p. 241
(98) - Idem, p. 178

Entretanto, em meio à ressaca lírica, surgiu em 1894 a primeira companhia de zarzuelas em Manaus, empresa de Arsênio Maximiano da Costa, chegada a 30 de abril. Trouxe um elenco de 32 pessoas: dentre elas a tiple dramática Eulália Faise, as tiples ligeiras Júlia Catuentes e Júlia Plá, as características Dulcina Berneaud e Francisca Ferrer, o tenor dramático Ramón González, os comprimários M. Sanchez e S. Cifuentes, o tenor cômico Manuel Vitori, o barítono Francisco Critelli, o comprimário S. Laborda, o baixo Pedro Echegaray e o comprimário R. Álvarez. O diretor de cena era José Berneaud e o regente da orquestra era Romízio Domenech(99).

A lamentável escassez de fontes que testemunhem os acontecidos do ano de 1895 e parte de 1894, jogam no obscurantismo as atividades deste período. Entretanto há evidências bastante fortes para crêr que ao menos uma boa companhia de artistas esteve a atuar em Manaus, por volta de 1895. Seria ela a Companhia Sousa Bastos, de revistas portuguesas. O empresário e autor Antônio de Sousa Bastos é uma das proeminentes figuras do teatro português. Vicente Salles, em obra já citada aqui, afirma que a referida companhia esteve no Éden-Theatro de Manaus, nos últimos meses de 1895(100). Esteve em Belém, no início do segundo semestre de 1895 (agosto)(101) e já havia estado em São Paulo no início de 1893(102), o que dá a entender que teria subido até o norte, parando ao menos nas principais capitais do nordeste (Salvador, Recife e São Luiz). Tendo se ausentado de Belém após a temporada de 1895, reapareceu na capital paraense em 20 de março de 1896, *"...depois de vitoriosa excursão a Manaus"*(103). Entretanto, Antônio Barreto do Amaral, em sua "História dos Velhos Teatros de São Paulo", afirma que *"Quase ao terminar o ano de 1895, a Companhia Souza Bastos do Teatro Trindade, de Lisboa organizou, no Apolo, uma das melhores temporadas que se prolongou até 26 de fevereiro de 1896"*(104). Haveria dois grupos da mesma companhia a se apresentar pelo Brasil? E se fosse um grupo só, haveria tempo suficiente para sair de Belém, vir a Manaus e no final do ano estar em São Paulo, tudo num único semestre?

As dúvidas em relação à possível temporada dos artistas portugueses em Manaus, continuarão até que surjam novas fontes, com provas mais esclarecedoras.

O mesmo problema da ausência de fontes afeta o primeiro semestre de 1897, que desgraçadamente coincide com a temporada inaugural do Teatro Amazonas, nos meses em que aí esteve a Companhia Lyrica Italiana trazida por Joaquim Franco, especialmente para inauguração desta casa. Dos jornais pertencentes aos acêrvos consultados, cujas datas interessam ao registro do primeiro semestre de 1897, somente *O Imparcial* parece ter sobrevivido e mesmo assim apenas o mês de março(105). Como consolo pode-se saber que o grupo lírico do maestro Franco atingiu 40 récitas de assinatura, numa das mais longas temporadas, que duraria três meses (o nome das óperas representadas neste período, estão relacionadas no apêndice "A"). Por causa do atraso na conclusão das obras do Teatro Amazonas, previstas para o segundo semestre de 1896, a companhia do maestro Franco ficou retida em Belém, apresentando-se em alguns espetáculos, por autorização do governo amazonense(106).

---

(99) - Monteiro, M. V. *Teatro Amazonas*. Manaus, Ed. Governo do Estado, 1965, v. 1, pp. 107 - 109.
(100) - Salles, V. *Épocas do teatro no Pará*... Obra Citada, p. 157.
(101) - Idem.
(102) - Amaral, A. B. *História dos Velhos Teaatros de São Paulo*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1979, p. 185.
(103) - Salles, V. Obra Citada, p. 157.
(104) - Amaral, A. B. Obra Citada, p. 191.
(105) - As óperas apresentadas, cujo registro se transcreve neste trabalho, estão relacionadas em: *O Imparcial*, de 7, 9, 11, 13, 14, 23, 28, 30 e 31 de março de 1897.
(106) - Salles, V. Obra Citada, p. 163.

O elenco que partiu de Belém para Manaus a fim de fazer a temporada inaugural do Teatro Amazonas, cujo início foi a 7 de janeiro com a ópera "La Gioconda" de Amilcare Ponchielli, estava constituído pelas sopranos Líbia Drog, que cantou o papel título na noite da estréia, Maria Peri, Ítala Malaspina e Anita Baccarini, a mezzo-soprano Ana Berti Cecchi, a soprano ligeiro Madalena Alonso, a contralto Alice Fumagalli, os tenores Lázaro Ottaviani, Vincenzo Maina, Amos Ciocci e Angelo Morini, os barítonos Francesco Bonini, Cesare Bacchetta e Henrique Serbolini, os baixos Francesco Conti, Vincenzo Gasparini e Giuseppe Conti e o maestro Enrico Bernardi.(107) A companhia contava ainda com doze coristas de ambos os sexos, doze bailarinas, trinta e seis músicos de orquestra (mais quatro comprimários), um coreógrafo e o diretor de cena Egisto Scarlatti.(108)

Precisa ficar registrado aqui que o barítono napolitano Francesco Maria Bonini (1865-1931) foi um dos maiores de seu tempo. Estudou com Beniamino Carelli (pai da soprano Emma Carelli), professor do Conservatório de Nápoles. Debutou no Teatro Mercadante de Nápoles, na "*Forza del Destino*" de Verdi, seguida do "*Rigoletto*", "*Il Trovatore*", "Fausto" e "*La Favorita*"; este excelente início de carreira levou-o a outros teatros, não só de Nápoles (ele frequentou o palco do San Carlo entre 1903 e 1918), mas de outras grandes cidades italianas, como Milão (Teatro Lirico, La Scala), e do exterior, como Cairo e Buenos Aires. Sua privilegiada extensão vocal, aliada a uma eficiente técnica, permitiram-no interpretar papéis de vários autores e diferentes escolas, de Verdi a Wagner (ele fez Hans Sachs, personagem dos "Mestres Cantores de Nuremberg"). Seu repertório também incluía personagens de óperas um tanto desconhecidas nos dias de hoje, como "*Rolando di Berlino*" de Leoncavallo, "*Isabeau*" de Mascagni ou "*Teodora*" de Leroux. Bonini gravou cerca de 40 faixas de disco, todos para Fonotipia, dentre as quais vale a pena destacar aqui o dueto *"Le minacce, i fieri accenti"* da *"Forza del Destino"* de Verdi, com o tenor palermitano Gino Martinez Patti, que esteve na temporada lírica de 1892 do Éden-Theatro, empresa de Joaquim Franco.(109)

Embora não haja informações mais consistentes sobre os demais cantores, o grupo lírico do maestro Franco parece ter sido bastante qualificado para a ocasião (assim como esforços também não foram poupados para que o prédio fosse a obra de arte que é), pois o Teatro Amazonas terá se regozijado com uma brilhante temporada inaugural(110); sabe-se igualmente pouco a respeito das óperas desempenhadas pelo grupo: foram cerca de 40 récitas de assinatura (não se sabe quantas récitas extra foram dadas) que incluiram "O Guarany" de Carlos Gomes, "Ernani" e "Otello" de Verdi, "*Sonambulla*" de Bellini, *"Lucrezia Borgia"* de Donizetti, *"Cavallaria Rusticana"* de Mascagni e *"La Juive"* de Halevy (provavelmente em tradução italiana)(111). Tão logo possa dispor das fontes que registraram a temporada lírica inaugural do Teatro Amazonas, poder-se-á saber como foi o desempenho deste grupo.

(107) - Salles, V. Obra Citada, p. 163

(108) - Idem

(109) - Algumas das gravações de Francesco Maria Bonini, feitas entre 1904 e 1906, são disponíveis atualmente em CD, pelo selo Bongiovanni. O dueto entre Bonini e Martinez Patti também existe em CD, pelo mesmo selo Bongiovanni. O registro de suas vozes deu-se em 1906. Fonotipia-Odeon 59010/11; Bongiovanni GB 1043-2

(110) - A companhia estreou em 31 de dezembro de 1896, na noite de inauguração do Teatro Amazonas, com um recital que incluía trechos da ópera "La Gioconda", mas a temporada das recitas de assinatura só tiveram início em 7 de janeiro de 1897, quando então repetiu-se "La Gioconda", desta vez na íntegra

(111) *Imparcial*, 7, 9, 11, 14, 23, 28, 30 e 31 de março de 1897

Ainda em 1897, depois da eufórica passagem da companhia lírica que inaugurou a casa, chegou a Companhia de Óperas e Operetas de Rafaele Tomba, bastante conhecida no Brasil e que se apresentava em Manaus pela primeira vez. Deu 40 espetáculos com as operetas mais significativas da época: "Orfeu nos Infernos", de Jacques Offenbach, "Os Sinos de Corneville", de Robert Planquette, "Dona Juanita", de Daniel Auber, "Mascotte", de Edmond Audran, "Bocaccio", de Franz Suppé, "Mosqueteiros no Convento", de Edouard Varney, "A Filha da Madame Angot", de Charles Lecocq, "O Guitarreiro", de Karl Milhöcker, "O Vendedor de Pássaros", de Karl Zeller e "Os Granadeiros", de Vincenzo Valente, dentre muitas outras (todas cantadas em italiano).

O restante da temporada teve um grande repertório de operetas italianas, como "Pescadores de Nápoles", de Sarriá, "Dom Pedro de Medina", de Vico Redi ou "*Rafaello e Fornarina*", de Paolo Maggi. O repertório também contou com 2 zarzuelas, "*El rey que rabió*" e "*Gran Via*", e 2 óperas, "*Fra Diavolo*", de Auber e "*Crispino e la comare*", dos irmãos Ricci. A orquestra tinha a regência de Francesco Coniglio, casado com a primeiro soprano Adéle Marchese. Compunham o enorme elenco o barítono cômico Oreste Lambiase, que fez enorme sucesso em Manaus, o barítono Emílio Marangoni, as sopranos Angeolina Vergani Marangoni, Alda Ratti, Elvira Lafon os baixos Enrico Betz e Giuseppe Sabatini (primo do conde Sabatini, violinista amazonense que estudava na Europa), os tenores Domenico Maieroni, Derubeis e Sartori, mais os comprimários, Busacchi, Macentelli e Castelli, dentre outros cantores, inclusive o côro.(112)

No ano de 1897, o palco do Teatro Amazonas ainda seria ocupado pela companhia dramática de Dias Braga, no último trimestre. Como toda a companhia dramática fazia se acompanhar por uma orquestra, era inevitável que uma zarzuela ou revista mais conhecida fosse levada à cena, embora houvesse a necessidade de que fossem musicalmente acessíveis aos atores. Durante a temporada de Dias Braga apresentou-se a "Gran Via", traduzida e adaptada (levava o nome de Grande Avenida)(113). É importante salientar que adaptações como esta aconteceram em várias temporadas. A "Gran Via" prestou-se bastante para isso. Era enxertada uma quantidade de números de canto e dança de motivo nacional (maxixes, lundús, etc.) e o ambiente madrilhenho dava lugar ao do Rio de Janeiro. Este tipo de modificação, ou paródia, que não aconteceu só com esta peça (a "Traviata" de Giuseppe Verdi também é um exemplo famoso), era feita mais comumente pelas companhias nacionais; obviamente as companhias estrangeiras (de qualquer gênero) apresentavam versões originais. Isto não quer dizer que companhias vindas do exterior não apresentassem versões de peças famosas (é possível que a "*Gran Via*" levada pela Companhia Tomba fosse em versão traduzida para o italiano) em forma de paródia e tampouco que as companhias nacionais não apresentassem as versões originais. A companhia de Dias Braga levou à cena ainda a revista "O Solar dos Barrigas".

Entretanto, os laços do ator Dias Braga em Manaus, não terminariam com o fim das representações de seu grupo. Dias Braga assinara contrato com o Governo do Estado comprometendo-se a trazer a companhia de mágicas, operetas e *vaudevilles*, sob direção de Ismênia dos Santos, e o Amazonas, por seu turno, dava luz elétrica, passagens e uma subvenção regular para a companhia contratada. Dias Braga, com o prazo a vencer e sem poder organizar o grupo com os componentes que se havia obrigado a trazer, propôs que, por uma liberalidade do governo amazonense, se autorizasse a vinda da Companhia Silva Pinto com os famosos João Colás e Pepa Ruiz, o que também não aconteceu.

(112) - *O imparcial*, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 29 e 30 de maio; 1, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 16, 17, 19, 20, 22, 24, 26, 17, 29 de junho; 1, 3, 4, 6, 10, 11, 13, 14, 17, 18 e 20 de julho de 1897.

(113) - *Commercio do Amazonas*, 7 de novembro de 1897

A Companhia Silva Pinto não poderia estar em Manaus em prazo hábil. Dias Braga então propôs a vinda de uma companhia de zarzuelas(114). O fato chamou a atenção na época pela revelação das somas que o Estado gastava para trazer as companhias. As subvenções das companhias, consideradas altas por alguns e em conta para outros, correspondiam ao transporte e manutenção de um número considerável de pessoas: entre solistas de qualidade superior, coros afinados (o que significa a inclusão de mais 12 ou 16 bons cantores), orquestra (que dependendo do gênero apresentado variava entre 22 a 40 músicos), equipe de contra-regras e os dois maestros: o grupo podia exceder facilmente a 50 pessoas e beirar a 100 elementos. O que à opinião pública reclamava, a despeito dos valores envolvidos, era a compensação dos investimentos públicos, não devendo permitir o Estado que lhe dessem menos do que o contrato estipulasse.(115) Apesar do incidente, e de outros mais que certamente terão acontecido, o público estivera bem servido e sentia-se assim.(116)

O desfecho da vexatória situação provocada por Dias Braga não terá sido tão ruim. As partes concordaram em trazer a Companhia de Zarzuelas de Valentim Garrido, que recentemente se apresentara no Pará(117).

Mas o ano de 1898 começara com a estréia, a 1º de janeiro, de uma outra companhia de zarzuelas, no Éden-Theatro, um tanto ensombrecido pela nova casa de espetáculos de Manaus. Ao Éden, a partir de então, destinaram-se as companhias consideradas de segunda categoria(118). Esta, um tanto desarrumada, tinha por destaque uns poucos artistas conhecidos (o que lhes rendeu ainda uma noite no Teatro Amazonas(119)), não só do público manaura mas nacionalmente, como Elódia Miola, Petra Ceballos, Blanche Barbe, Eduardo Souza, Critelli e Martinez(120)

A Companhia de Zarzuelas de Valentim Garrido, por sua vez, estreou no Teatro Amazonas em 19 de fevereiro de 1898, com as tiples Josepha Plá, Pilar Chaves, Anita Santafé (cômica), o tenor Riuhet, o baixo Sottomayor e os comprimários Cristina Garrido Chaves, Eugenio Ayangurén, Freixas, Pastor e o próprio Valentim Garrido quando necessário, dentre outros cantores. A temporada foi bastante aplaudida, pois as peças escolhidas estavam entre as melhores do gênero: "Marina" de Emílio Arrieta, "Anillo de Hierro", "La Tempestad". "El rey que rabió" e "Campanone".(121)

Nem bem havia acabado a 11ª récita e a companhia de zarzuelas deu lugar a Companhia Silva Pinto, de Operetas e Revistas Portuguesas e Brasileiras. A última apresentação do grupo de Valentim Garrido fôra a 8 de março de 1898 e logo a 12 do mesmo mês estreava a Companhia Silva Pinto. O elenco e o repertório eram de primeira ordem. Os destaques da companhia eram Pepa Ruiz, Medina de Souza, Leonardo e João Colás, que fizeram estrondoso sucesso. A escolha das peças foi muito feliz. Clássicos do gênero da revista portuguesa como "Tim-tim por tim-tim", de Souza Bastos e Plácido Sticchini, ou da revista brasileira como "Capital Federal", de Artur Azevedo e "Rio Nú", de Moreira Sampaio, ambas com música de vários autores, foram repetidos várias vezes: o "Tim-tim..." subiu à cena 9 vezes e as outras duas revistas foram exibidas 6 vezes cada uma, apenas nesta ocasião. Ao final dos trabalhos, que estenderam-se de 12 de março a 16 de maio, haviam sido dadas 43 récitas ao público amazonense (20 delas com as 3 revistas citadas) e a casa raras vezes não ficou lotada.(122)

---

(114) - *Rio Negro*, 2 de agosto de 1898
(115) - *Rio Negro*, 9 de fevereiro de 1898
(116) - Idem
(117) - Idem
(118) - *Álbem de Manaos 1901-1902*
(119) - *Rio Negro*, 30 de janeiro de 1898
(120) - Idem, 28 de janeiro de 1898
(121) - *Rio Negro*, 21, 23, 26 e 28 de fevereiro; 1, 2, 4, 6, 8, 10 e 11 de março de 1898
(122) - *Relatório... Pedro Freire... 11 de junho de 1900*

unesp

O maestro Coniglio, que estivera com a Companhia Tomba em 1897, percebendo o enorme sucesso dos artistas daquela temporada e principalmente do gênero que pela primeira vez, àquela altura, apresentara em Manaus as suas melhores peças em versões originais, organizou uma companhia com os melhores cantores daquela temporada e voltou a capital do Amazonas, ao lado do maestro Ettore Valla. Estreou o grupo no Teatro Amazonas em 11 de dezembro de 1898, com a ópera cômica "D'artagnan" de Louis Varney. As demais peças do repertório quase não diferiram daquelas apresentadas no ano passado, mas parecem ter sido mais bem sucedidas na interpretação mais segura dos cantores desta temporada 1898/1899. As cantoras principais eram Adele Marchesi Coniglio, Elda Morroto, Clotilde Lombardo Valla e Luíza Pagay, além das comprimárias Amélia Rossetti, Maria Ury e Maria Marchesi. Dentre os cantores estavam Arnoldo Bottaro, Arturo Furlai, Enrico Sacchi, Giovanni Galassi, Salvatore Manceti, Osmin Madalena e Bernagozzi.(123)

Tendo saído aclamados de Manaus, os integrantes da Companhia Coniglio-Valla seriam sucedidos no Teatro Amazonas pelo famoso Giovanni Emmanuel e a companhia dramática que o acompanhava, tendo outros nomes conhecidos internacionalmente, como Nella Montagna.

Enquanto a empresa dramática de Emmanuel não se instalava, o que só aconteceria em junho, o Éden-Theatro recebeu a companhia de zarzuelas de Manuel Sanches para uma temporada com poucos atrativos; as primeiras récitas aconteceram no Teatro Amazonas enquanto o Éden saía de reformas. Muitas peças repetidas e de menor importância, com um elenco pouco conhecido, terão sido certamente os motivos para uma fraca concorrência do público. Mesmo assim havia alguma novidade na coletânea de zarzuelas em um ato (que os espanhóis chamaram de gênero *chico* e que chegaria ao auge neste último quarto de século XIX), escolhidas para compor esta temporada do Éden. Dos cantores, Riguet, Marín, Velasco, Castillo, dentre outros, só se ouvira falar em Cândida Palácios. A companhia trouxera também um casal de bailarinos, bastante útil para a variada seção de danças que se enxertou na "Gran Via", inclusive com modificações ao longo das repetições; danças populares da Espanha, Portugal e Brasil, como o maxixe e o lundú.(124)

As companhias artísticas trabalharam consecutivamente neste ano de 1899, em Manaus. A companhia de zarzuelas do Éden demorou-se até início de maio. Em seguida, no Teatro Amazonas, Giovanni Emmanuel concentraria todas as atenções da cidade. Após a partida de Emmanuel, estabeleceu-se no Teatro Amazonas também, a Companhia Portuguesa de Operetas, de Tomaz Del Negro. O empresário e maestro Tomáz Del Negro (1850-1933), que também fôra trompista da orquestra do Teatro Nacional São Carlos de Lisboa e professor de trompa do conservatório de música da mesma cidade, quando esteve em Manaus no apagar das luzes do século XIX, já era um compositor relativamente conhecido. Mas a sua fase mais próspera, que dar-lhe-ía a fama e o prestígio de ser um dos mais importantes compositores do teatro de revista português, ainda estaria por começar.(125)

(123) - *Commercio do Amazonas*, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29 e 30 de dezembro de 1898; 3, 6, 8, 11, 12, 14, 15, 18, 19, 22, 23, 24, 26, 28, 30 e 31 de janeiro de 1899; 1, 2, 4, 5 e 8 de fevereiro de 1899

(124) - *Commercio do Amazonas*, 14 e 28 de março; 4, 6, 8, 13, 16, 18, 20, 21, 23, 25, 27, 28, 29 e 30 de abril; 6 e 9 de maio de 1899

(125) - Borba, T. e Lopes-Graça, F. *Dicionário de Música Ilustrado*. Obra Citada p. 406

Para Manaus, Del Negro trouxe operetas suas de grande agrado popular: "A Basoche", "O Capitão Lobisomem" e "O Sr. Especial". A temporada contou ainda com outros sucessos garantidos: "A Noite e o Dia", de Charles Lecocq, "A Mascotte", de Edmond Audran, "O Rei que danou", de Ruperto Chapí, "Os 28 dias de Clarinha", de Victor Roger, todas em versões traduzidas para o português (a maioria por Gervásio Lobato, Dom João da Câmara e Eduardo Rodrigues), e "O Solar dos Barrigas" e "O Burro do Sr. Alcaide", ambas de Cyriaco de Cardoso. Os principais atores da companhia, que também foram responsáveis pelo sucesso das récitas eram: Amélia Lopícollo, Aurélia dos Santos, Encarnação Reis, Joaquim Costa, Raul Plantier e Miranda(126)

Alguns destes artistas deixaram-se ficar em Manaus ao final das récitas da Companhia Del Negro, para promover uma sequência de espetáculos cômicos no Éden-Theatro, entre o fim de novembro e o fim de dezembro: Elvira Santos, Adelina Roque, Raul Plantier e Francisco Santos. Outros incorporar-se-íam no decorrer dos espetáculos: Eduardo de Souza, Joana de Carvalho, Amélia dos Santos, Celina Garcia e Cândida Palácios, que já estivera aqui no início do ano(127). Antes desta trupe iniciar seus trabalhos, a Companhia Infantil de Operetas instalara-se no Teatro Amazonas, em temporada pequena se comparada ao costume da época. Com a companhia, na condição de maestro, veio o violinista José Marsicano, que assumiria as funções de professor da Academia Amazonense de Belas Artes.(128)

A curta estada da Companhia Infantil de Operetas pode ter sido provocada em razão da ressaca teatral que se fez sentir no público neste ano de 1899. embora a Companhia de Operetas de Tomáz Del Negro fosse de apreciáveis qualidades, os periódicos (que inclusive a elogiaram bastante) mostraram-se pouco entusiasmados. É que as companhias já vinham se apresentando quase que ininterruptamente, desde a inauguração do Teatro Amazonas. Situação fastigiosa para uma cidade de cerca de 40.000 habitantes, como era Manaus, que não tinha só no Éden-Theatro e no Teatro Amazonas as suas fontes de diversão.

O ano de 1900 nem bem começara e a Companhia Italiana de Operetas e Óperas Cômicas de Calil e Aprea estréia no Teatro Amazonas. Na estréia, sobe à cena, em 31 de janeiro, "*Fan-fan la Tulipe*", de Louis Varney. Foram exibidas cerca de 15 peças em 30 récitas. Algumas obras eram novidade nos palcos amazonenses, além da peça de estréia: "Os Fantoches de Lila" e "A Princesa Ricardo", ambas de Pasquale Rispetto, "A Befana"", de Eduardo Canti e "Sargento Cocó", opereta em um ato de Mariotti. As demais, eram bastante conhecidas do público, caso da "*Mascotte*", "A Filha da Madame Angot" e "Os Sinos de Corneville", a 'santíssima trindade' das operetas; não havia companhia do gênero, de qualquer qualidade e nacionalidade que fosse, que não as encenasse. E, como não podia deixar de ser, levou-se também a "*Gran Via*", sucesso garantido em qualquer lugar. O elenco veio composto pelas sopranos Terezina Capelli, Tereza Zucchi e Edwige Ostengo, o tenor Felice Tati e os barítonos Umberto Franzini, Achille Rivelli, Domenico Fiore e Francesco Zucchi, além dos comprimários Carmem Giraud, Lina Rota, Luigi Langelli, Giuseppe Ostengo, Sante Monica, dentre outros(129)

(126) - *Commercio do Amazonas*, 14, 16, 19, 25, 27 e 29 de julho; 1, 2, 3, 4, 5,6, 10, 15, 19, 20, 24, 26 e 30 de agosto; 1, 2, 3, 5, 13, 16 e 17 de setembro de 1899

(127) - *Commercio do Amazonas*, 25 de novembro; 3, 5, 7, 8, 12, 20 e 29 de dezembro de 1899

(128) - Idem, 27 de outubro de 1899

(129) - *Diario de Noticias*, 31 de janeiro; 1,3, 5, 7, 8, 11, 13, 15, 17, 22 e 27 de fevereiro; 1, 6 e 10 de março de 1900

unesp

Entretanto, a Companhia Calil e Aprea sofreu como poucas, com a epidemia das sezões. Uma meia dúzia, ao menos, de seus integrantes morreram por causa das doenças, desde o maestro Jonata Salvatore até os membros do coro (Frederico di Stefano) e da orquestra (Emílio Mancini), atingindo alguns cantores (Tereza Zucchi e o marido). Muitos ainda conseguiram superar a febre amarela e restabeleceram-se, como aconteceu com o tenor Felice Tati.(130)

O malfadado ano de 1900 teria ainda a apresentação de duas companhias dramáticas: A do ator Alves da Silva, que também era o diretor deste grupo, e a de Dias Braga, que retornava a Manaus. A Companhia de Alves da Silva deu umas poucas dezenas de récitas, do começo de maio invadindo pelo segundo semestre. Dias Braga preencheu a pauta do Teatro Amazonas de 24 de outubro de 1900 até 16 de janeiro de 1901, dando um total de 55 récitas.

Somente em junho de 1901 é que outra companhia lírica voltou a se apresentar no Teatro Amazonas: A Companhia Lyrica Italiana, empresada por Juca Carvalho. Estréia em 29 de junho com "*La Gioconda*", reprisada no dia seguinte. Segue-se um repertório já conhecido do público manauara, trazendo interessante novidade: "Fedora", de Umberto Giordano, que havia estreado em Milão há menos de três anos (17 de novembro de 1898). As demais óperas eram pertencentes ao repertório tradicional, sendo a maioria de Verdi: "*Traviata*", "Ernani", *Forza del Destino*", "*Il Trovatore*", "*Rigoletto*", "*Un Ballo in Maschera*" e "Aída". Completaram a temporada a "Manon Lescaut" (esta também uma *premiére*) e "*La Boheme*", de Puccini, "*Il Guarany*", de Carlos Gomes, "*Lucia di Lamermoor*" de Donizetti", "*I Pagliacci*" de Leoncavallo, "*Cavalleria Rusticana*", de Mascagni e o "*Barbieri di Siviglia*", de Rossini. Foram dadas ao todo 28 récitas, havendo terminado a temporada a 15 de agosto. O elenco de primeira qualidade era encabeçado pelo maestro Giorgio Polacco *"...notável pelas qualidades que o tornaram ilustre nos maiores teatros do mundo"*(131): Giorgio Polacco (1875-1960), veneziano de nascimento, estreou no Metropolitan Opera House de Nova Iorque em 1912, e foi regente titular da Ópera de Chicago entre 1922 e 1930, tendo participado do *debut* de muitas óperas italianas em teatros americanos, como *Francesca da Rimini* de Zandonai, por exemplo(132). Ao lado do grande maestro estava um notável elenco: as sopranos eram Cleonice Campagnoli, Carlota Zucchi-Ferrigno, Mabel Nelma, Elvira Miotti e Líbia Drog, os tenores Giorgio Quirolli, Michele Sigaldi e Badaracco, o barítono Enrico de Franceschi, o baixo Andrea Mongelli, dentre outros; a mezzo-soprano Barbieri foi substituída em algumas récitas por Mathilde Schiavinatto. Todos os cantores eram de excelente procedência e grande experiência. Alguns, ainda novos, tornar-se-íam bastante conhecidos, como Sigaldi e De Franceschi que brilhou em teatros famosos (fez papéis principais em 9 óperas na temporada de 1917 no Teatro Colón de Buenos Aires, repetindo o sucesso em 1919, com destaque para as obras de Richard Strauss e Wagner(133)) e ao lado de nomes legendários (esteve ao lado de Caruso na temporada de 1917 no sudeste do país(134)). Outros artistas já haviam inclusive cantado juntos (Quirolli e Campagnolli, marido e mulher, já haviam estado sob a regência de Polacco em outras ocasiões e lugares). Todos foram reunidos exclusivamente para a temporada do Teatro Amazonas. Esta companhia terá sido uma das melhores já vistas pelo público manauara, pela qualidade dos artistas e mesmo pelas peças representadas.(135)

---

(130) - Felice Tati agradeceu em nota de jornal os cuidados médicos que recebeu do também cantor, dr. Antonio Barreto Praguer

(131) - Cerquera, P. O. C. *Um século de opera em São Paulo* Obra Citada, p. 29

(132) - Hamilton, D. *The Metropolitan Opera Enciclopedy: a comprehensive guide to the world of opera*, p. 276

(133) - De la Guardia, E. e Herrera, R. *Ela Arte Lirico en el Teatro Colón (1908-1933)*, p. 395

(134) - Cerquera, P. O. C. *Um século de opera em São Paulo* Obra Citada

(135) - *A Federação*, 2, 6, 7, 9, 10, 12, 14, 20, 21, 23, 25, 27, 28 e 30 de julho, 1, 3, 6, 8, 11, 13 e 15 de agosto de 1901

O segundo semestre ainda reservava grande interesse para o público de Manaus. No Éden-Theatro havia se estabelecido a Companhia Dramática e de Operetas, de Ferreira da Silva. Permaneceu de setembro a novembro, exibindo um repertório quase que todo de comédias. O destaque para sua estada em Manaus foi a apresentação da revista amazonense "O Regedor", de Simões Ferreira e Alfredo Santos (que coligiu a música), que mesmo não relacionando todos os fatos do ano transacto em Manaus, fez uma excelente caracterização das personagens locais, confirmando o sucesso do grupo artístico na temporada; já havia sido alcançado em outras revistas como "O Amapá", de Moreira de Vasconcellos, repetida três vezes. Sobre "O Regedor", estreada a 10 de dezembro de 1901, alguns detalhes (os que foram possíveis de se saber) devem ser aqui transcritos. Subiu à cena com 53 personagens, que representavam os acontecimentos do ano de 1900, mas que não se circunscreviam unicamente a Manaus, conforme fôra anunciado, exemplo do caso das notas falsas que rendeu uma personagem de igual nome.(136) Mas há que se ressaltar que as falhas que não permitiam a caracterização da revista como de costumes locais, além de outros detalhes sobre o andamento, foram corrigidas após a estréia(137).

O ano de 1901, apesar da companhia lírica de grandes referências e predicados que apareceu no Teatro Amazonas, e da bem sucedida trupe revisteira que havia se instalado no Éden, já não mostrara-se tão variado em opções teatrais. Apenas estas duas companhias haviam visitado Manaus neste ano, contra 3 do ano passado e 5 no ano anterior. Aliás, este pequeno período que vai do início de 1897 ao fim de 1900 foi o mais farto em atrações teatrais, para o público da capital amazonense. Note-se que este dado em nada desmerece as companhias operísticas trazidas por Joaquim Franco no início dos anos 90, do século XIX. Tampouco há de se reduzir a importância dos grupos dedicados ao melodrama e ao *vaudeville*, gêneros que dominaram Manaus nos respectivos anos 80. Neste caso, em particular, muitos foram os atores importantes, conhecidos pelos palcos brasileiros da época, que fixaram residência em Manaus por algum tempo, assim como não foram poucos os artistas estrangeiros que aqui moraram.

Muitos grupos de renomada qualidade ainda deixariam marcada a memória do público amazonense com espetáculos e temporadas, a exemplo da companhia lírica de 1897 e da de 1901. O sucesso desta última foi tanto, que se tentou uma reedição do evento em 1902.

Foi assim que Juca Carvalho retornou com uma companhia lírica que tinha alguns valores da temporada passada e, desta vez, com um repertório tanto de óperas quanto de operetas, trazendo para isso um duplo elenco. A soprano Cleonice Campagnoli, o tenor Giorgio Quirolli e o baixo De Giulio, eram remanescentes da companhia de 1901.

---

(136) - *A Federação*, 10 de dezembro de 1901. Eis a lista completa das personagens usadas na estreia da revista "O Regedor": O regedor, Zé, Mundoca, o Valle, Rosa, Cearense, Delorme, Chico Patrão, A nota falsa, Pimenta marchante, A companhia, A Alfândega, dr. Lopes, John, London beef, Janota, Yayá da pedreira, Maxixe, 1o Caixeiro, O Especial, Nogueira, Roda da Fortuna [ou Casa da Fortuna, estabelecimento amazonense da epoca], A Cerveja Ritter, Birau, Mme. Massada, Carteiro, Creada, Floricultor, Cazuza, Cassino Amazonense [casa de diversões inaugurada aquele ano], Negociante Falido, Saruhyba, Banabelab [mágico], Jonathas, 2o caixeiro, 3o caixeiro, 4o caixeiro, A Estátua, A Cia. Lyrica, Miloca, Musa do povo, Borracha, 1o cidadão, 2o cidadão, 1o policial, 2o policial, o banqueiro, Silva, Grande Novidade, Thome, Eleitor Independente, Azevedo, Juca (empresario teatral), Historia Velha, Amigo do Regedor, Partidarios da Delorme, espectadores do Cassino, maxixeiro, povo etc.

(137) - *A Federação*, 12 de dezembro de 1901

unesp

Dentre as novidades desta estação estavam as sopranos Salvina Fornari (soprano ligeiro, pois Campagnoli era dramático) e Vitorina Cezana, a contralto Cezira Gori, o tenor Ettore de Beaumont, o barítono Remo Billi e os baixos Formentini e Giovanni Dray. O elenco para operetas e óperas cômicas contava com as sopranos Anetta Gattini, Maria Bongini e Cesarini, o tenor De Beaumont, os barítonos Galassi e Soldatini, os baixos Arturo Furlai, Enrico Valla, Vittorio Sornaga e Schiavonni e mais alguns comprimários. A orquestra estava composta por 20 músicos e o côro com 36 cantores, sendo 24 mulheres. Os maestros Rogano e Longo, 2 maquinistas, um aderecista, um arquivista, um alfaite e o ponto, dentre outros funcionários menores, completavam a companhia. O repertório não trouxe novidades. Por causa do falecimento do primeiro soprano Cleonice Campagnolli, a meio da temporada, a estação lírica de 1902 viu-se quase que totalmente restrita às operetas e óperas cômicas: "Dona Juanita", "Dragões d'el Rey", "Vendedor de Pássaros", "*Mam'zelle Nitouche*", "Orfeu nos Infernos", "A Filha da Madame Angot", "Os Sinos de Corneville", "Os Granadeiros", "Bocaccio" e "Mascotte". Campagnolli ainda cantou em "Fausto", "Fedora" e "*Il Trovatore*" e pôde ser substituída em algumas outras peças como "*Lucia di Lamermoor*", "Ernani", *Traviata*" e "*La Boheme*". Apesar das baixas (houve outras) a exibição da companhia foi bastante a contento para o público do Teatro Amazonas.(138)

O Éden-Theatro por sua vez, que mantinha há algum tempo um elenco fixo, especialista em cançonetas e pequenas cenas cômico-musicais, deu mostras de que mudaria para o ramo dos *music-halls*, o que finalmente aconteceu pouco mais tarde. Ainda assim, neste final do ano de 1902, enquanto o Teatro Amazonas era ocupado pela Companhia Japoneza Kudara que incluía nas suas atrações o cinematógrafo, o Éden tinha espetáculos esporádicos de pequenas zarzuelas em um ato.(139)

O espaço de tempo cada vez maior entre a despedida de uma companhia e a estréia de outra, já não estava mais relacionado somente à febre amarela e outras mazelas tropicais. Havia certa falta de estabilidade financeira, causada pela prodigalidade de certos administradores que não se preocupavam muito com as oscilações da arrecadação; além do mais, já se sentia o efeito das especulações sobre o comércio da borracha, que ganhava a promissora concorrência oriental e causava incertezas nos investidores e comerciantes ligados a Belém e Manaus. Mesmo assim o fim do ciclo da borracha amazônica só se concretizaria com a mudança da primeira para a segunda década deste século.

A ausência de companhias forasteiras nos palcos de Manaus, abriu a perspectiva de muitos grupos locais para ocupar o espaço eventualmente vazio. Até mesmo muitos outros pequenos teatros foram construídos para abrigar os grêmios dramáticos, as tunas e os clubes. A organização de amadores e profissionais locais em corporações dramáticas e/ou musicais teve seu início ainda durante o período provincial, mas não eram tantas quanto as que surgem a partir desta virada de século.

Uma delas, em 1902, a Sociedade dos Pastores Lyricos, deu espetáculos no Teatro Amazonas e no Teatro Recreio Familiar, estabelecido na Estrada de Epaminondas(140). Outra, a Sociedade de Amparo à Pobreza, manteve teatro com o mesmo nome, situado no bairro periférico da Cachoeirinha.(141)

---

(138) - *Amazonas*, 9 e 16 de maio, 3, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 19, 22, 24, 26, 27, 28, 29 e 30 de junho; 1, 2, 3, 5, 6, 8, 10, 12, 13, 15, 17, 19, 21, 23 e 31 de julho; 1 e 2 de agosto de 1902

(139) - *Quo Vadis?*, 1o de janeiro de 1903. Nesta data foi levada a zarzuela "Coro de Senhoras". Posteriormente exibiram-se outras.

(140) - *Amazonas*, 31 de dezembro de 1902

(141) - *Commercio do Amazonas*, 27 de agosto de 1902. Este teatro localizava-se proximo a uma parada de bondes, chamada 'Felinto'.

O repertório que estes grupos exibiam não execedia muito às cenas cômicas ou pequenos dramas, vez por outra ornados de música (podem até mesmo ganhar a classificação de *vaudevilles* e melodramas, embora se desconheça maiores detalhes).(142)

Se a atividade musical 'importada' começou a decrescer, aquela feita pelos residentes da capital amazonense tendeu a aumentar. Em parte porque muitos foram os artistas estrangeiros e vindos de outros Estados que se fixaram em Manaus; uma lista de nomes não pode deixar de fora Lima Penante, no final da década de 1860, Manuela Lucci e Augusto Cezar já na década de 1880, o soprano Maria Bosi e o empresário Joaquim Franco na última década do século XIX e do barítono Giuseppe Dominici, que ocupou, inclusive, o cargo de administrador do Teatro Amazonas até sua morte(143). Por outro lado, seus discípulos passaram a atuar com mais independência tão logo lhes surgiu o espaço, pois já vinham experimentando exibir-se acompanhados de seus mestres e outros artistas experientes.

A primeira companhia artística a visitar Manaus no ano de 1903 foi a Companhia Dramática do Theatro Príncipe Real de Lisboa, dirigida por Alves da Silva. Estreou em 25 de março com a "Tosca", de Victorien Sardou e terminou seus trabalhos no Teatro Amazonas em 19 de maio, após 35 récitas. Ao menos 2 revistas foram representadas pelo grupo: "Casamento Singular" e "À procura do badalo", esta com trechos de música popular portuguesa(144)

Somente em 26 de novembro deste mesmo ano é que nova temporada seria confirmada. Surgiu de novo a Companhia Silva Pinto, de Operetas, Revistas e Mágicas, trazida por Juca Carvalho, com grande elenco. Dentre as atrizes vieram Pepa Ruiz, Pepita Anglada, Vitorina Cezana, Gabriela Montani (filha de um casal de atores e casada com outro ator, João Colás), Julieta Pinto, Maria Granada, Emília Reis, Mathilde Carneiro e Olívia Araújo. Os atores principais eram todos portugueses: Machado, Leonardo, João Ayres, Serra, França e Amorim. A trupe se fazia acrescer de uma dupla de bailarinas: Ignês Oliva e Gina Fabiani. A orquestra era dirigida por Assis Pacheco(145).

As récitas se iniciaram a 4 de dezembro, com "A Fada de Coral", do próprio Assis Pacheco. Prosseguiram os espetáculos até 6 de fevereiro, apresentando-se neste período peças bastante populares como "A Capital Federal", "Tim-tim por tim-tim" e "Rio Nú". Algumas novidades foram bastante apreciadas: "Inana", de Moreira Sampaio e Costa Jr. (música), "Comeu!", de Artur Azevedo, com música de vários autores (Abdon Milanez, Assis Pacheco, Francisco Carvalho e Luiz Moreira), Ali-Babá, de Henrique de Mesquita e o *vaudeville* "As Andorinhas", com música de diversos autores.

---

(142) - A direção dos trabalhos teatrais no Teatro do Amparo à Pobreza, estavam a cargo de Evaristo Wanderley. Não foi possivel precisar até o momento se ele era o autor das pequenas comédias e cançonetas que ali se exibiam. Ver *Commercio do Amazonas*, 28 de outubro de 1902

(143) - *Diário Oficial do Estado*, 26 de novembro de 1897

(144) - *Quo Vadis?*, 17 de março de 1903

(145) - Francisco de Assis Pacheco (1865 - 1937), iniciou seus estudos musicais em Itu / SP, onde nasceu. Estudou posteriormente na Itália, frequentando a classe de composição de Amintore Galli. Bacharelado em Direito (em São Paulo), publicou inicialmente um livro de poesias, seguindo depois a carreira jornalística, colaborando e ajudando a fundar alguns periódicos. A sua estreia como compositor foi com "Moema" (1891), cujo libreto tambem e seu. Sua mudança para o gênero da revista coincide com a sua mudança para o Rio de Janeiro, onde faria a música para várias peças de sucesso, dentre elas "O Tribofe" e "A Capital Federal", sem entretanto deixar de compor operas. Sua carreira de regente começou em 1894 dirigindo a opereta de Edmond Audran, "A Cigarra e a Formiga". Atuou tambem ao lado de Villa-Lobos no projeto de instituição do canto orfeônico nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Foi autor de 6 óperas e de um número indefinido de partituras para revistas. Ver: *Enciclopédia da Música Brasileira*, obra citada, v. 2, p. 581.

unesp

Os trabalhos da companhia se desenrolaram até fevereiro de 1904. E se na temporada de 1898 as atenções haviam se dividido entre Pepa Ruiz(146) e Medina de Souza(147), agora a rival de Pepa era Pepita Anglada(148)

A maior novidade proporcionada pela Companhia Silva Pinto, nesta sua estada em Manaus foi a revista de costumes locais intitulada "Chico Francisco", com texto e versos de Corrêa Mendes e Demétrio Álvares, música (mais de 40 números de música) de Assis Pacheco: *"A ação passa-se toda em Manaus, passando em revista os maiores acontecimentos dos últimos tempos e sobre os quais se faz uma crítica amena, leve, finamente sarcástica, sem ofensas pessoais e sobretudo compietamente limpas"*(149) Pouco mais se sabe do enredo desta revista de temas regionais, apenas que no final o protagonista *"...volta à floresta onde é recebido com aparato asiático"*[!](150)

A revista "Chico Francisco" foi estruturada em 3 atos e 12 quadros, tendo guarda roupa luxuoso e cenários próprios, pintados com exclusividade(151). Foi reprisada ao menos uma vez, em 29 de janeiro. Ainda em 1904, o Teatro Amazonas estaria a exibir mais uma companhia estrangeira. A Companhia Dramática de Lucinda Simões e Cristiano de Sousa, que além dos dois renomados atores trazia um elenco famoso: Telmo Larcher, Chaby Pinheiro e Adelaide Coutinho, dentre muitos outros.

Apesar do repertório da Companhia Lucinda-Cristiano estar inteiramente voltado para o teatro declamado, houve ainda a apresentação de 2 *vaudevilles* conhecidos: "A Lagartixa" e "Hotel de livre câmbio". As apresentações deste grupo estenderam-se do dia 20 de julho, quando foi levada à cena "Demi-monde", de Dumas até 30 de agosto com uma récita da "Lagartixa", de Feydeau.(152)

Novidades cênicas só voltariam a acontecer em 1905, com a vinda da Grande Companhia de Zarzuelas de José Garrido. Trazia como primeira tiple Amália Martins Gruas e para segunda tiple Carmem Fernández. Vieram ainda o tenor José Barella, o baixo José Medina, sendo que o primeiro barítono da companhia era o próprio José Garrido. Para os papéis cômicos havia as tiples Pepita Anglada e Maria Alonso e o tenor Máximo Fernández, além de alguns comprimários: o barítono Juan Iglesias, o tenor Manuel Montero, dentre outros. O elenco copletava-se com 24 coristas de ambos os sexos e mais 20 músicos de orquestra, dirigidos por Romeu Dionesi.(153)

---

(146) - Pepa Ruiz é possivelmente o exemplo mais bem sucedido dentre as muitas atrizes espanholas que atuaram em Portugal e no Brasil. Nascida em 1859 na cidade de Badajoz. Pepa estreou aos 16 anos no Teatro da rua dos Condes, em Lisboa, numa revista de Sousa Bastos. A sua primeira vinda ao Brasil parece ter sido em 1881, para o Rio de Janeiro. Foi na mais famosa revista de Sousa Bastos, Tim-tim por tim-tim, que Pepa Ruiz ganhou notoriedade, pois fazia 18 papéis diferentes. Sua carreira movimentadíssima incluiu uma enorme variedade de personagens, muitos criados por ela e para ela. Apresentou-se em vários teatros de norte a sul do Brasil e em Portugal. Chegou a ser empresária de sua própria companhia, assim como trabalhou com muitos dos grandes diretores e atores do gênero, à sua época. Mas se em Portugal ela chegou ao auge com o "Tim-tim..." em 1892, no Brasil ela viveria sua fase dourada entre 1896 e 1906, quando estreou as revistas "Rio-nú", "Capital Federal", "Inana", "Fada de Coral" e "Tribofe", esta a única que o público manauara não teve a oportunidade de ver com a sua criadora. Ver: Silva, L. *História do Teatro Brasileiro* Obra Citada, pp. 233 e 234.

(147) - Medina de Sousa nascida em Portugal em 1877, foi uma das muitas atrizes portuguesas que fez sucesso em palcos brasileiros. A sua estréia no Brasil parece ter sido em 1896 e logo em 1898 ela estaria em Manaus onde foi homenageada pelo público e pela crítica, com maior ênfase até do que Pepa Ruiz. Ver: Silva, L. Obra Citada, p. 247.

(148) - Pepita Anglada também foi outra das espanholas de imenso sucesso em palcos brasileiros. Trabalhou em várias companhias de zarzuelas e revistas. Ver: Gonçalves, A. F. L. *"Dicionário Histórico e Literário do Teatro no Brasil"*, Obra Citada, p. 203

(149) - *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1904

(150) - Idem

(151) - *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1904

(152) - *Jornal do Commercio*, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29 e 31 de julho; 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 18, 20, 21, 26 e 27 de agosto de 1904

(153) - O maestro Romeu Dionesi era italiano e exerceu o magistério em Pernambuco, durante muitos anos. Em 1901 ele estava em Manaus a dirigir a orquestra do Cassino Amazonense. Em 1902 vai para Belém do Pará. Em 1904 surge novamente em Manaus a dirigir a Companhia de Zarzuelas de Valentim Garrido. Faleceu em Mosqueiro (PA) para onde se havia retirado definitivamente a fim de compor. Dentre as suas peças há uma *Berceuse* de muito sucesso à época. Ver: *Enciclopédia da Música Brasileira*... Obra Citada, p. 234

unesp

O repertório da Companhia de Zarzuelas, embora enxertado com algumas operetas ("Mascotte" e "Mosqueteiros no Convento"), trouxe algumas boas novidades do gênero, executadas com distinção pelo grupo. Dentre as zarzuelas grandes: "*El salto del Pasiego*", *Los sobrinos del Capitán Grant*" e "A Marselhesa", todas de Caballero, "*Jugar con Fuego*" de Barbieri, "Os Madgyares" de Gaztambide", "Milagres da Virgem" de Chapí e um dos maiores clássicos do gênero, "O Moleiro de Sobiza" de Oudrid. Mas havia ainda uma boa coletânea de zarzuelas em um ato, inteiramente novas para o público do Teatro Amazonas: "*Una vieja*" de Gaztambide, "*El cabo 1o*" de Caballero, "*El Guitarrico*" de Soriano, Carnaval na Polícia" de Chueca, "*Certamen Nacional*", "*Vento en popa*" de Jimenez e "*El tambor de Granaderos*" de Chapí, dentre muitas outras de grande sucesso, incluindo as conhecidas (e preferidas) do público como "*Gran Via*", "*El rey que rabió*" e "*Anillo de Hierro*". Uma das zarzuelas ganhou versão especial para homenagear os manauenses: do original de Chueca e Valverde, "De Madrid a Paris", foi criada "De Madri a Manaus", provável adaptação do maestro Dionesi (154).

O público de Manaus passaria o resto do ano de 1905 a espera da Companhia Lyrica de Donato Rotoli. As assinaturas para as récita no Teatro Amazonas chegaram a ser abertas, mas a companhia não veio(155).

Frustrada a temporada de 1905, Joaquim Franco dispôs-se a ir novamente à Europa em busca de artistas de boa qualidade para organizar uma companhia lírica, afinal a última havia sido trazida em 1902 por Juca Carvalho.(156) O maestro Franco, que não se envolvia com este ramo de atividade desde a bem sucedida empresa lírica da estação inaugural do Teatro Amazonas, associou-se a Aristides Bayma, possivelmente pelo prestígio que este possuía nos meios governamentais (basta lembrar que ele era professor no Gymnasio Amazonense e havia sido também na Academia de Belas Artes).

Como o grupo de Joaquim Franco só confirmaria as datas na pauta do Teatro Amazonas no mês de maio, reservando-o a partir de fins de junho(157), o primeiro semestre ficou por conta de Juca Carvalho. Ainda houve tempo para a apresentação de duas companhias no primeiro semestre. A primeira delas, a Companhia de Operetas de Rafaele Tomba, já era conhecida dos amazonenses, vinda em outra empresa de Juca Carvalho, em 1897; muitos deste mesmo grupo retornariam em 1898 para nova temporada no Teatro Amazonas, sob o nome da associação de Valla e Coniglio.

Chegou então a Companhia Tomba de Óperas e Operetas, em 9 de janeiro e não tardou a estrear no palco do Teatro Amazonas. Logo a 12 do mesmo mês foi levada à cena a "*Geisha*", de Siney Jones, uma apreciada novidade, assim como "O Carnet do Diabo", de Gastone Serpette. Mas desta vez nem só com operetas se exibiu a Companhia Tomba. Foram levadas algumas óperas de grande estima popular, como "*La Boheme*", "*Lucia di Lamermoor*" e "*Rigoletto*", esta em especial, com desempenho acima da média e casa lotada, destacando-se no elenco o barítono Michele Rossini, bastante ovacionado durante a temporada.

---

(154) - *Amazonas*, 5, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29 e 31 de janeiro; 1, 3, 4, 5, 10, 14, 15, 17, 21, 22, 24, 25, 26 e 28 de fevereiro; 1 e 2 de março de 1905

(155) - *Amazonas*, 1o de julho de 1905

(156) - José Fenands Carvalho, o Juca Carvalho, nasceu em Portugal a 9 de fevereiro de 1865. Em 1872, veio para o Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro. Em 1883, associado a Silva Pinto, passou a explorar companhias viajantes em Minas Gerais e São Paulo, tornando-se empresário do Teatro Fênix, no Rio de Janeiro, em 1886. Consta ter fundado ainda uma empresa com Silva Pinto, de nome Meia Porção, para auxiliar artistas desempregados. Sua atividade no Norte parece ter começado em 1896, em Belém, não tardando a aparecer em Manaus, onde atuou durante muitos anos com quase total exclusividade. Ver: Salles, V. *Épocas do Teatro*.... Obra Citada, p. 242

(157) - *Amazonas*, 27 de maio de 1906

unesp

Não faltaram também outras obras célebres, sempre exigidas pelo público, como "Os Sinos de Corneville", "*I Pagliacci*" e "*Cavalleria Rusticana*". O elenco, do qual sobressaiu o excelente barítono Rossini, contava ainda com as sopranos Amália Occhiolini, Adelina Motta e Amália Agostoni, a mezzo-soprano Maria Bellis, o tenor Arturo Maccentelli, o barítono Carlo Farinetti, o baixo Luigi de Leandri e os comprimários Amélia Bianchi (soprano), Gabrielle Sabatini (tenor), Dante Bacarini e Ciro Frasca (baixos). No grupo havia um elenco especialista em operetas e óperas cômicas: as sopranos Anita Furlai, Angela Marangoni e Gisella Govoni, a mezzo Nina Fischetti, os tenores Ettore de Beaumont e Carlo Gatti, o barítono Alberto Adami (e também Michele Rossini), os baixos Arturo Furlai, Emílio Marangoni e Luigi Dalla Guardia e os comprimários Anibale Furlai e Ettore Marini. Coro (de 20 mulheres e 14 homens) e orquestra dirigidos por Genaro Pesce.(158) Sobre o casal Marangoni é necessário que se faça aqui uma ressalva. Remanescentes de outras formações líricas desta mesma companhia (assim como outros cantores nesta mesma temporada), tiveram como parceira na temporada de 1893, em São Paulo, a jovem Luísa Tetrazzini, famosa soprano que começava uma das fulgurantes carreiras da música lírica.(159) De Emílio Marangoni ainda pode se dizer mais. Sua carreira parece ter sido bastante extensa, pois estaria ele a integrar em 1928 uma das raras companhias líricas nacionais, cantando ainda em temporadas oficiais até 1933.(160)

O grupo Tomba fez em Manaus uma curta temporada. Um total de 24 récitas deve ser considerado assim, para um grupo que se acostumara às dezenas de representações seguidas.

Havendo a Companhia Tomba dado sua última récita em 16 de fevereiro, ficou o público de Manaus a espera da Companhia Silva Pinto, prometida para o primeiro semestre do ano, ainda. Após alguma demora o grupo chegou em 24 de abril (estreou em 27) trazendo como grande novidade o maestro Nicolino Milano(161), um dos nomes mais respeitados na música de concerto, tanto em Portugal quanto no Brasil. O maestro Nicolino Milano enveredara pela composição de revistas há algum tempo e não raras vezes obteve sucesso como na "Capital Federal", em parceria com Assis Pacheco e Luiz Moreira. Em Manaus foi o responsável por um enorme êxito: a revista de costumes locais "Manáos em Revista", peça que, pelo número de vezes que foi repetida, parece ter arrebatado o público; foram 5 vezes em apenas uma semana e só não foi possível que subisse mais vezes à cena porque a Companhia Lyrica Francesa de Joaquim Franco já estava a espera de cumprir sua pauta no Teatro Amazonas.

(158) - *Amazonas*, 6, 9, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30 e 31 de janeiro; 2, 3, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21 e 22 de fevereiro de 1906

(159) - Alem do casal Marangoni, tambem Gabrielle Sabatini teve a oportunidade de cantar ao lado de Luisa Tetrazzini. Ver: Cerquera, P. O. C. *Um seculo de opera em São Paulo*. Obra Citada, pp. 225, 236, 250 e 308.

(160) - Idem, pp. 132 e 144

(161) - Nicolino Milano nasceu em Lorena, São Paulo, a 25 de junho de 1876 e faleceu no Rio de Janeiro em 1o de outubro de 1962. Começou seus estudos de musica na Academia do Club Beethoven, no Rio e depois no Instituto Nacional de Musica, onde foi aluno de Vincenzo Cernicchiaro (violino) e Miguel Cardoso (harmonia). Tornou-se professor do mesmo instituto mais tarde, na cadeira de pratica de orquestra. Viveu grande parte de sua vida em Portugal, onde fez enorme sucesso, chegando a ser nomeado instrumentista da Real Câmara, o rei D. Carlos, que muito o prestigiou, presenteou-lhe em certa ocasião com um valioso violino. Sua imensa produção inclui um trio de violino, viola e violoncelo e a partitura de muitas revistas, dentre elas "A Capital Federal", "Conselheiro", "Gavroche", A Roda da Fortuna", "Os Caprichos do Diabo" e "Fado Luró". Ver: *Enciclopédia da Musica Brasileira*. Obra Citada, p. 484

Ainda assim a Companhia Silva Pinto teve tempo suficiente para fazer boas récitas; permaneceu até 19 de junho em cartaz. O elenco era competente e de grande experiência. Os maiores destaques foram para Medina de Sousa já muito apreciada do público local, Blanche Grau(162) e Ernesto Portulez, dentre muitos outros, quase todos portugueses: Isaura Ferreira, Adelaide Rezende, Plácida dos Santos, Maria Brizuela, Carmelita Rabelo, Angela Dias, Izabel Morine, Afonso de Oliveira, Olympio Nogueira, Cândido Nazareth, João Ayres, Luís de França, Martins Veiga, Asdrúbal Miranda, José Amorim, José Rogatti e Álvaro Fonseca. O repertório bastante conhecido, só traria pouca coisa nova, dentre elas as revistas "Ilha do Paraízo", do trio Milano, Moreira e Sacramento, e "O Sino do Eremitério", de Francisco Alvarenga.(163)

A 21 de junho chegou a Companhia Lyrica Franceza, empresa de Joaquim Franco, esperada como a grande atração do ano. E não decepcionaria. Estreou na data prometida e fez uma das mais brilhantes exibições operísticas dos palcos de Manaus. Com exceção de "*La Boheme*", de Puccini, a temporada foi de autores exclusivamente franceses e o público pôde ver pela primeira vez, com o libreto original, uma boa quantidade de peças já conhecidas e muito aplaudidas nos palcos de Manaus: "Fausto" de Gounod, "Carmem" de Bizet, "*Les Cloches de Corneville*" de Planquette, "A Mascotte" de Audran, "*La Fille de Madame Angot*" de Lecocq e "*Les 28 jours de Clairette*" de Victor Roger. A temporada contou com muitas novidades de peso. A mais anunciada era a primeira exibição no Brasil da ópera "Fausto" de Gounod, em versão integral, com o bailado da "Noite de Walpurgis", sendo que para isso os cenários foram confeccionados especialmente para as medidas do Teatro Amazonas. Mas havia mais. A *premiére* de duas óperas de Gounod, "*Romeo et Juliette*" e "*Mireille*", da "*Mignon*" de Ambroise Thomas e de "*Les Saltimbanques*" de Louis Ganne, impressionaram bastante e foram muito bem recebidas. O público também pôde conhecer o trabalho diferente de um de seus autores prediletos. Foi exibido "*Le Gran-Mogol*", de Audran, causando satisfação e surpresa.

O elenco era totalmente novo para os amazonenses e os informes de jornal, bem como os programas das récitas, davam a procedência de todos os cantores. A soprano lírico, Lucy Delmay, era da *Opera-Comique*, assim como o primeiro baixo da companhia, Serviéres. A soprano ligeiro, Berty, havia atuado em Paris, Bruxelas e Nantes. A mezzo-soprano D'Angeville, provavelmente a cantora mais bem sucedida desta estação lírica, dizia-se ter estado em teatros de Lyon, Bruxelas, Marselha e Argélia. O tenor lírico Demauroy era proveniente da Grande Ópera de Paris, já havendo atuado em Nantes, Genebra, Gand e Nova Orleães. O segundo tenor, Dalbiés, também já teria passado por outros teatros franceses além dos parisienses. O barítono Vilette era considerado absoluto em sua posição nos teatros de Lyon, Marselha e Bordéus e o baixo buffo Dupuy seria proveniente de Anvers e Liége. O maestro Edouard Boni regozijava-se de ter chefiado orquestras em lugares como Cairo e Buenos Aires, além de Paris e Marselha(164).

---

(162) - Blanche Grau (1863-1951), nasceu na Rússia, filha de um comerciante francês (Jacques Pfaler). Substituiu o seu nome Pfaler por Grau, a conselho de Maurice Grau em cuja escola de teatro, nos Estados Unidos, fizera parte. Chegou ao Brasil em 1882 em uma companhia viajante. Estreou em português em 1884, na peça "O Mandarim", embora Lafayette Silva (História do Teatro Brasileiro, p. 217) afirme que isto tenha acontecido em 1883 em "O Sino do Eremitério". Era especialista em operetas. Casou-se em 1894 com o jornalista José Augusto Vinhais. Ver: Galante de Sousa. *O Teatro no Brasil*. Obra Citada pp. 270-271

(163) - O repertório exibido em Manaus foi divulgado pelo *Amazonas*, de 24, 27 e 29 de abril; 1, 2, 4, 5, 6, 8, 10, 13, 15, 17, 19, 20, 22, 24, 26 e 29 de maio; 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 13, 14, 15, 16, 17, e 19 de junho de 1906.

(164) - Sobre a procedência do elenco ver: *Amazonas*, 21 de junho de 1906

Outros cantores não anunciados inicialmente, mas ao l das récitas, à medida em que iam tomando parte das peças, chamaram a atenção do púl e equipararam-se aos demais. Pode-se citar antes de mais nada a soprano Ricordeau ganharia inúmeros fãs em Manaus. Outra soprano, Armel, não ficaria muito atrá preferência dos manauaras. A trupe francesa foi reforçada de última hora com o bar Corbiniano Vilaça, para executar papéis menores. Os cenários foram preparados firmas Sormani Ercole e Rovescale. Perucas, adereços e objetos de cena, fornecidos firmas Leduc e Delvallé. Tudo encomendado exclusivamente para Manaus. Há a refer até dos fornecedores das partituras: Durand e filhos e Choudens e Joubert.(165) Quar Companhia Lyrica Francesa se despediu em 16 de agosto, com o "*Petit Duc*", de Mess após 35 espetáculos, Joaquim Franco saía mais uma vez aclamado pelo público e crítica.

Por todo o resto do ano de 1906 não se falou mais n coisa. Sequer houve outra companhia a se apresentar no palco do Teatro Amazonas ano, que já havia sido pródigo no primeiro semestre.

Só em janeiro de 1907 surge nova trupe no Teatro Amaz A Companhia Portuguesa Dramática do Teatro Águia de Ouro, do Porto, estreou e deste mês e permaneceu em cartaz até 10 de março, dando 43 espetáculos. Alg revistas e *vaudevilles* foram levadas à cena: "Tim-tim por tim-tim", "A Lagartixa", de Livre Câmbio" e "Os Milagres de Santo Antônio".(166)

A Companhia do Águia de Ouro vinha de Belém, substituiu a Companhia Francesa levada por Joaquim Franco para se apresentar no após a conclusão de suas atividades em Manaus. Joaquim Franco encerrou a tempora Belém no mês de novembro de 1906 e deve ter partido para a Europa antes do fim d pois em 26 de março de 1907, poucos dias depois da Companhia do Águia de Ou deixado o Teatro Amazonas, já havia chegado novo grupo lírico organizado pelo m Franco, nos mesmos moldes do anterior e que também se intitulou Companhia Francesa. O elenco parecia ser ainda melhor do que o que veio no ano anterior, lidera Edouard Boni, chefe de orquestra na temporada passada.

As sopranos, Leon de Mendez, Moska e Demours, divi mais uma vez as preferências do público, ainda que desta vez 4 outros cantores te encantado de forma a igualar as opiniões: o tenor Hughes, o barítono Valdor e os Manent e Darnaud. Dentre os outros, ainda que muito ofuscados, sobressaíram-se o Jagorel e o tenor Henric, falecido em Manaus. No restante do elenco estavam a so Conti, a mezzo-soprano Botti, a contralto Durand, o tenor ligeiro Benevadi, o ba Tritignan, o baixo bufo Servat e os comprimários Henriot (tenor), Delange (barítono sras. Boni, Dumond e Lherme. A orquestra contava 55 componentes (20 ditos de banc coro, 30 pessoas. Foi trazido também um corpo de baile com 10 bailarinas. O atrat temporada seria a versão francesa do "Guarany" de Carlos Gomes, traduzida por Inclusive, o libreto da ópera teve uma tiragem especial na sua estréia, quando distribuídos exemplares com o nome dos destinatários gravados a ouro na pr página.(167)

(165) - Sobre a temporada ver: *Amazonas*, 21 de junho ; 16 de agosto de 1906

(166) - *Amazonas*, 4, 18 , 19, 20, 22 - 27, 29 , 30 e 31 de janeiro, 1, 2, 5 - 12, 14 - 17, 19 - 22, 24, 26 - 28 de fevereiro, 1 - 10 de 1907

(167) - *Amazonas*, 26 de março de 1907

Nesta temporada também houve novidades: "*Galathée*", de Victor Massé, "*Dragons de Villars*" de Maillart e "*L'Africaine*" de Meyerbeer. Além destas, pode-se destacar a exibição de óperas de autores italianos, mas que foram compostas originalmente em francês: "*Guillaume Tell*" de Rossini (com libreto da famosa dupla Saint-Georges e Bayard), "*La Favorite*" e "*La Fille du Regiment*" de Donizetti. Outras peças já conhecidas do público local, levadas anteriormente em italiano, agora também eram representadas na língua original, caso de "Les *Huguenots*", de Meyebeer e "*La Juive*" de Halévy. O restante do repertório inclui reprises de sucessos da temporada passada, como "Fausto" e "Carmem". A maior ovação da temporada foi para "O Guarany" de Carlos Gomes, que teve o maior número de reprises, sempre com casa cheia(168). "O Guarany" e "*La Juive*" foram as duas últimas óperas encenadas no palco do Teatro Amazonas, não havendo qualquer notícia de outra representação do gênero nos 90 anos que se seguiram a esta última estação lírica em Manaus. A sequência jejuna só foi interrompida uma vez, porque em 1991 exibiu-se no palco do mesmo teatro uma versão camerística de "*L'Enfant e les Sortiléges*" de Maurice Ravel. É bom que se faça aqui a ressalva de que após a temporada de 1893, o Éden não veria mais companhias líricas, chegando a mudar de gênero e de nome, em 1904, por força da concorrência do Teatro Amazonas.

A crise do sistema extrativista no Amazonas já se anunciava com tintas mais fortes. Além disso, uma série de pequenos conflitos na Europa, que culminariam com o inicio da Primeira Guerra Mundial em 1914, passaram a dificultar o entendimento político entre as nações. Tais conflitos causariam, de imediato, dificuldades de relação comercial e diplomática. A comunicação que com a tecnologia parecia estar ficando mais fácil, tornara-se mais difícil por causa da instabilidade política e social. Esta é também a época em que grupos ideologicamente organizados, como os anarquistas e comunistas, voltam a protestar com maior contundência, em muitos países, por justiça social, distribuição de renda e participaçào popular nas decisões de governo. Os sistemas de governo, sentindo-se ameaçados, empregam um poder de polícia cada vez maior.

Se na Europa a *belle époque* estava dando mostras de que chegaria ao seu final, em Manaus (e também em Belém) sentir-se-ía os efeitos bem mais cedo. Como se não bastasse o Amazonas sofrer a danosa concorrência oriental, some-se a isto o fato de que, com a Guerra, países acostumados a se abastecer de borracha amazônica para revendê-la às indústrias que beneficiavam a matéria-prima, passaram a não mais frequentar os portos da Amazônia.

Embora a escassez de dinheiro, causada pelos motivos acima expostos, só fosse incomodar realmente a partir de 1911, com uma expressiva queda na arrecadação do Estado do Amazonas, as especulações dos acontecimentos internacionais que se delineavam de forma irreversível, passavam a preocupar cada vez mais.

Muita coisa terá mudado, a partir de então, inclusive a forma de gastar o dinheiro que ainda se tinha. Investimentos nesta época também não eram aconselháveis. Daí a ausência das onerosas empresas líricas, que eram muitas vezes subvencionadas pelo Estado.

É bem verdade que depois de 1908 ainda viriam algumas companhias dramáticas e de revistas, mas nada como antes.

(168) - Sobre a temporada da Companhia Lyrica Francesa em 1907, ver: *Amazonas*, 26, 30 e 31 de março; 2 de abril a 31 de maio de 1907

unesp

No ano de 1907, Manaus ainda receberia a Companhia Portuguesa de Operetas, de José Ricardo, um respeitável nome no gênero das revistas. Foram dadas cerca de 38 récitas entre julho e agosto, com muitas novidades. Algumas das composições mais recentes de Tomaz Del Negro, como "Mancheia de Rosas" e "O Homem das Mangas", e uma parceria de Del Negro e Nicolino Milano: "Santo Antônio em Lisboa". De Nicolino Milano levou-se ainda "A Flor do Tojo" e "João das Velhas". As zarzuelas de uma ato só também não podiam faltar: "Marcha de Cádiz" e "*Chateaux Margaux*". Algumas operetas foram encenadas pela primeira vez, ainda que em versão portuguesa: "*La Poupée*", de Audran (que ganhou o nome de "A Boneca") e "*La Perichole*" de Offenbach. Dentre as peças mais reprisadas estavam "Agulhas e Alfinetes" e "Um ano em 3 dias!", ambas de Filipe Duarte(169), outro grande nome da revista portuguesa, que pela primeira vez era assistido pelo público do Teatro Amazonas.

O Teatro Amazonas viu em 1908 mais 3 companhias teatrais. A primeira delas, dirigida por Christiano de Souza, estreou a 15 de fevereiro e ficou em cartaz até 8 de abril, levando um repertório bastante misturado, de dramas, comédias e *vaudevilles*. Deste último gênero, subiu à cena "Quasi..." de Artur Azevedo, "O primeiro marido de França", "O Macaco", de James Carlisle, "Hotel de Livre Câmbio", "O Homem das Barbas", "O Amor engarrafado" e "O Mangerico". Boas atrizes vieram nesta trupe: Pepa Ruiz, Adelaide Coutinho e Guilermina Rocha.(170)

Nem bem o grupo do ator Christiano de Souza havia partido de Manaus e já chegava a Companhia de Operetas, Mágicas, Vaudevilles e Revistas, de Francisco Sousa. Trazia 20 músicos de orquestra e 20 coristas de ambos os sexos, mais a equipe indispensável a todas as companhias da época: maquinistas, pontos, cabeleireiro etc. Estreou a 24 de abril com "Céu com escriptos", do maestro Paulino Sacramento, o chefe de orquestra da companhia. Com música de sua autoria ainda seriam encenadas outras peças: "Fé em Deus", "O Maxixe" e "O Casamento do Maxixe", estas duas certamente parodiando a célebre sequência de peças portuguesas do mesmo gênero, sobre o Descascamilho. Além das conhecidas "Tim-tim..." e "28 dias de Clarinha", houve a estréia em palcos manauaras do "Mambembe, de Artur Azevedo e Assis Pacheco e uma boa quantidade de outras peças musicadas, de autores não identificados(171)

Mas a grande expectativa ficou por conta da revista "O Patureba", do poeta amazonense Thaumaturgo Vaz(172), que para esta empreitada usou o pseudônimo de José Clemente para assinar a peça. A música ficou a cargo de Paulino Sacramento, Verdi de Carvalho e João Donizetti. Sobre estes dois últimos, por terem vivido muitos anos em Manaus, ainda há de se falar mais adiante. A *mis-en-scéne* era de Adolpho Faria e o guarda-roupa por conta do Atelier Deolindo.(173)

"O Patureba" estava composto nos moldes tradicionais da revista da época, em 2 atos, ambos com 3 cenas. O 1º ato: no Largo da Matriz, no Mercado e no Quintas. O 2º ato: A Bijou, No Theatro e Apoteose.

---

(169) - Filipe Duarte é um dos maiores compositores do gênero. Ver: Rebelo L. F. *História do Teatro de Revista em Portugal* Ob. Cit.
(170) - *Amazonas*, 24 de abril de 1908
(171) - *Amazonas*, 24 - 30 de abril, 1 - 4, 7 - 21, 23, 24, 26 - 31 de maio, 1, 3 - 7, 9, 10, 11, 13, 18 e 21 de junho de 1908
(172) - *Amazonas*, 13 de junho de 1908
(173) - Idem

Cerca de 52 personagens apareciam em cena, excluíndo os figurantes. Sr. João, o Patureba foi interpretado pelo ator Machado. Os demais papéis foram assim distribuídos: (174)

"Cidade"	Amélia Lopicolo
"Crise" e "Lâmpada Nova"	Irene Esquiros
"Repórter"	Edmundo Silva
"Estrella" e "Jardim Amazonas"	Abigail Maia
"1º artista", "A Macaca" e "Tribuna do Caixeiro"	Vitorina Cesana
"Rosca", "1ª Mulata", "2º artista" e "Portuguezito"	Thereza Salles
"Domingo", "O Maxixeiro" e "O propagandista"	Maria Lina
"A Moral"	Angélica Silveira
"2ª Mulata" e "Jornal do Commercio"	Julieta Vianna
"3º artista", "La Union" e "Pão"	Anita Capelli
"Paparoca" e "Cabuloso"	Leonardo
"1º Poeta", "Chefe da Guarda", "Cego" e "4º Peruano"	Durand
"2º Poeta", "Aduana"e "Mr. Piment"	Eduardo Leite
"Dr. Félix", "Seu Félix" e "Elegante"	Martins Veiga
"Maestro", "Comodoro" e "3º Poeta"	José Vianna
"Um Homem"	Campos
"Pampeiro"	Thomé Veiga
"Birruseta" e "Juca Ferrão"	Samuel Rosalvos
"Dr. Coxixo" e "Dr. Improvement"	Oliveira M.Mattos
"Dr. Virgínio" e "Agência Freitas"	J. Paulo
"Inspetor" e "3º Peruano"	Roberto Guimarães
"1º creado", "1 Freguez" e "6º Peruano"	Jayme
"1º, 2º e 5º peruano"	Humberto, Juanito e Guarany

A crítica do espetáculo de estréia foi impiedosa com o autor do texto e com os atores, e ao menos estes parecem ter conseguido aprimorar seus papéis, pois Thaumaturgo Vaz desencadearia pequena querela.(175)

O ano de 1908 se encerraria com a Companhia Dramática de Alves da Silva, que permaneceu no palco do Teatro Amazonas de 7 de novembro a 26 de dezembro, quando foi levada à cena a peça "Vende-se", do autor amazonense Coriolano Durand (176). Depois desta, muito poucas companhias viriam trabalhar no palco do Teatro Amazonas.

Entre 22 de setembro e 11 de outubro de 1909, esteve se exibindo a Companhia Dramática de Angela Pinto. Esta, apesar de ter atuado em revistas, não trouxe este gênero no seu repertório, para esta ocasião.(177)

(174) - Idem
(175) - *Amazonas* 16 de junho de 1908
(176) - *Amazonas*, 26 de dezembro de 1908
(177) - *Amazonas*, 23, 24, 25, 26, 28, 29 e 30 de setembro; 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8 e 11 de outubro de 1909

Em 1912, a Companhia Dramática de Alves da Silva retornou, assim como a Companhia Portuguesa de Operetas do Teatro Águia de Ouro do Porto (trazendo Nicolino Milano de maestro concertador), em 1913; esta como já se vira anteriormente trazia um repertório composto em sua maioria por revistas ("Tim-tim..." e outras menos conhecidas) e *vaudevilles*, havendo também operetas, como, a "Viúva Alegre", em tradução portuguesa.(178) Em 1916 duas companhias vieram lembrar tempos outros ao público manauara: março teve a exibição da companhia dramática da atriz Lucília Péres e no fim do ano, de novembro a dezembro, foi a vez da Companhia de Revistas de Antonio Souza, com peças célebres, como "Capital Federal" e "Tim-tim...". A partir de então só mais dois ou três conjuntos de atores, em execução de teatro declamado e de revista, viriam do sudeste do país para se apresentar em Manaus, entre 1925 e 1937.(179)

A última vez que se falara em trazer uma companhia lírica, nos idos de 1910(180), imaginava-se que a economia da borracha ainda poderia se recuperar da decadência em que se encontrava, afinal, o preço do quilo da borracha havia alcançado o mais alto índice neste ano. Mas, tanto uma coisa como outra não passara de especulação. Nem veio companhia lírica, nem a economia extrativista se salvou da derrocada.

Entretanto, em meio à crise, o teatro local assume a cena e passa a exibir os gêneros possíveis de se produzir, numa época já tão escassa de recursos. A revista será a única, dentre os demais (pequenas comédias e dramas), que se apoiará na música. Não que este teatro regional tenha se manifestado somente a partir da vacância dos palcos pelas companhias estrangeiras. Sabe-se perfeitamente que desde 1873, pelo menos, já haviam germinado associações locais, compostas por amadores e também por profissionais, em aparições nem tão eventuais. O crescimento gradativo da participação dos grupos locais em espetáculos de teatro, e em revistas, deve-se, portanto, à toda movimentação ocorrida ao longo dos 60 anos que envolveram o período provincial e as primeiras décadas da república, quando as diversas formações e gêneros vindos do estrangeiro terão influído na formação de artistas locais. Dos grupos atuantes em Manaus, dedicados à representação cênica em que havia alguma música, devem ser lembrados: o Grêmio Dramático Taborda, nascido ainda no século XIX; aquele pertencente ao Teatro do Amparo à Pobreza (1902), no bairro da Cachoeirinha; e o Grupo Gil Vicente, que por volta de 1907/1908 já estava a dar partidas mensais em sua sede. Este último, além do corpo de atores, possuía uma tuna para os saraus mensais e que eventualmente atuava em espetáculos de revista e *vaudevilles* organizados e desempenhados pela própria associação.(181)

Dentre os músicos de Manaus que estiveram a acompanhar algum tipo de espetáculo cênico, praticamente todos se envolveram com concertos, saraus e música de câmara. Nada mais justo que se venha a falar deles no mesmo momento em que se fala da atividade que os fez serem apreciados. Portanto é disto que se há de tratar agora.

---

(178) - Monteiro, M. Y. *Teatro Amazonas* Manaus, Governo do Estado, 1966, v. 3, p. 800 - 826

(179) - Idem, p. 827 - 856

(180) - *Amazonas*, 9 de janeiro de 1910

(181) - Ver capítulo seguinte

unesp

Capítulo 2

Música Instrumental e outra Música Vocal

Reserva-se este capítulo para tratar de toda aquela música que não esteve associada a espetáculos cênicos. Primeiro porque o gênero lírico e os seus assemelhados correspondem à maior parte de tudo quanto se encontrou anunciado em periódicos e nas demais fontes da época. Depois, porque reunindo todas as informações encontradas sobre as outras possibilidades de se fazer música, verifica-se assunto de equivalente tamanho e importância àquele do primeiro capítulo. Sendo assim, a partir de agora, dá-se notícia da música de concerto, de salão, saraus, cafés, *music-halls*, praticadas nos mais diversos lugares públicos ou privados, quer fossem praças, associações, clubes, grêmios dramáticos e musicais, bem como na igreja e em ocasiões solenes, ou ainda em reuniões familiares. Enfim, como já diz bem o título deste capítulo: a música instrumental e qualquer outra música vocal.

Em seu livro "A Imprensa no Amazonas", Faria e Souza afirma que certa audição musical acontecida a bordo do vapor "Manáos", surto no porto da capital do Amazonas, em 23 de agosto de 1866, era o *"1o festival, no gênero, realizado em Manaus"*(1). Apresentava-se em concerto, nesta ocasião, um clarinetista de nome Croner. Tal acontecimento foi relatado pelo cronista Baré Mano, o pseudônimo jornalístico de Bento Figueiredo Tenreiro Aranha, em folhetim de sua responsabilidade, e mencionado por Faria e Souza quase 50 anos depois.(2) Dos três assuntos abordados pelo folhetim, este não era o único que relatava um evento musical: a 4 de agosto deste mesmo ano, efetuava-se um baile na casa do sr. Joaquim José da Silva Pingarilho.(3)

Nem Croner e tampouco Pingarilho foram os responsáveis pelos primeiros passos da atividade musical nascente da Manaus dos tempos da Província. A despeito do que Faria e Souza possa ter considerado como "festival", faz-se necessário dizer que as primeiras músicas daquele tempo de antanho, a serem ouvidas publicamente na província, se não foram entoadas por músicos como o professor Gaspar Ferreira de Lucena, ou seus alunos, foram seguramente executadas por bandas como a Banda dos Educandos Artífices. Estes, como já se viu anteriormente, começaram em pequeno número e de forma modestíssima, e pelo interesse dos governantes que ali investiram e proveram a casa com tudo quanto era necessário e possível de lhe dar, fizeram do asilo de meninos desvalidos uma das mais afamadas corporações musicais do Amazonas.

Os Educandos Artífices, enquanto não lhes chegava a concorrência, participaram dos mais diversos acontecimentos daquela época. A extensa tabela de emolumentos, transcrita anteriormente deste trabalho, revela a variedade de ocasiões e situações em que se viam comissionados.

A preparação da banda de música demorou tempo suficiente para se arregimentar alunos dispostos a estudar a disciplina musical e como também já foi visto, não parecia haver grandes impedimentos para que instrumentistas de fora da Casa viessem a preencher algum lugar vago no grupo. Logo que o número de educandos aumentou, e consequentemente o número de alunos com aplicação em música também, esta situação deve ter se alterado.

---

(1) - Faria e Souza, J. B. *A Imprensa no Amazonas*. Manáos, Typ. do *Amazonas*, 1908, p. 5.
(2) - Idem, p. 82.
(3) - Idem.

unesp

As primeiras audições públicas da Banda dos Educandos Artífices devem ter sido dadas a partir de 1859 (a casa foi instalada em 1858), pois é desta data o primeiro relato:

> *"Convidaram-me na véspera para ver o Estabelecimento dos 'Educandos', um instituto inteiramente instalado no modo da 'Rauhes Haus' de Hamburgo. [...] Se as caras fuscas e sadias dos pequenos índios não me fizessem lembrar que estava em Manaus, julgar-me-ía num bem dirigido asilo de órfãos na Alemanha. [...] O que mais me atraiu foi sua música. Seu professor de música, um rapaz pernambucano, de cor, por nome Francisco da Silva Galvão, com evidente talento para música, foi conosco para fazer sua pequena banda tocar. Sete instrumentos de sopro estavam representados em dobro, os dois cornetins tinham 10 e 11 anos. Nenhum dos pequenos músicos poderia contar mais de 15 anos. E tocaram duas marchas com tal entusiasmo, precisão e desembaraço que fiquei realmente surpreso. O cornetim menor, sobretudo, uma figurinha robusta, o garoto mais engraçado que se podia ver, soprava como um homem e parecia compenetrado de que a regência de toda uma banda dependia de um bom cornetim"* (4)

Mas é preciso ressalvar que esta banda de música não era a única em Manaus a esta época. Ainda que nenhum outro nome seja expressamente mencionado nesta primeira década provincial, sabe-se que outros agrupamentos instrumentais, que até podiam se aproveitar de bons executantes da Casa dos Educandos, estavam a animar eventos da cidade:

> *"Alguns cidadãos ofereciam ao Exmo. Sr. Dr. Furtado Presidente desta Província, um esplêndido baile na véspera do dia de reis... na casa do comandante superior da Guarda Nacional, Leonardo Ferreira Marques...*
>
> *...foi saudado por uma banda de música* [o presidente da provincia] *... dançou a primeira quadrilha com a Exa. Sra. D. Lina Ferreira Marques.*
>
> *Em suma dançou-se dez quadrilhas, algumas valsas e chothetz*[sic] *Às cinco horas da madrugada findou-se o baile ... depois da banda de música tocar o Hino Nacional* (5)

(4) - Ave-Lallemant, R. *No Rio Amazonas* Obra Citada, p. 118
(5) - *Estrella do Amazonas*, 8 de janeiro de 1859

unesp

Há pelo menos duas evidências de que este grupo musical que tocava para o homenageado, não era a banda dos Educandos Artífices. A primeira delas diz respeito ao avançado da hora em que os músicos ainda tocavam naquela noite de janeiro de 1859; situação nada adequada para os pequenos internos de um estabelecimento público onde, se sabe, o rigor da disciplina era mantido. Ainda assim pode-se argumentar que, posteriormente, os músicos do Estabelecimento atuaram em récitas teatrais, estas sempre à noite (embora não se arrastassem para tão tarde quanto o referido baile). Mas a segunda evidência praticamente apaga as dúvidas:

> *"Ontem foi visitado pelo Exmo. Sr. Vice-Presidente o Estabelecimento dos Educandos*
>
> *A ordem estabelecida no arranjo do edifício foi uma prova bem manifesta do zelo do seu Administrador; e o adiantamento dos alunos de música o atestado mais honroso da dedicação do respectivo professor que se tem esforçado com o maior empenho para faze-los aparecer preparados no dia 7 de setembro, aniversário da nossa Independência. Os meninos já sabem o Hino e mais 3 peças..."* (6)

Como se vê, seis meses depois do baile da noite de reis, os Educandos Artífices ainda não possuíam repertório para igual empreitada.

Quaisquer outras formações musicais em atividade na cidade de Manaus, à mesma época, ainda estão entregues ao obscurantismo. Nada se sabe, por exemplo, do grupo que no dia 2 de junho de 1859 fez acompanhar *"à grande instrumental"*(7) a missa solene das festividades do Divino Espírito Santo, realizadas na Igreja dos Remédios. Tampouco se sabe quem foram os instrumentistas que tocaram nas Vésperas e na Missa dos dias 9 e 10 de janeiro de 1860, durante larga festividade acontecida na mesma Igreja dos Remédios(8). Será lícito pensar que estes músicos eram os mesmos que proporcionavam os *"bailes à francesa e à turca"*(9), durante as quermesses da mesma ocasião festiva?

Em todas estas ocasiões, o que se pode assegurar é que não terá sido a Banda dos Educandos Artífices a responsável pela música. Um precioso (e raro) relatório do professor Francisco da Silva Galvão, redigido em 14 de março de 1861, mostra-se decisivo, diante de especulações:

> *"A Banda toca no Público há 18 meses e ensaia 3 vezes por semana fora os ensaios extraordinários, já executam 30 peças, sendo: uma ária, seis marchas, 4 alegre, 2 fúnebre, 5 passo dobrado, 4 alegre, 1 fúnebre, 4 valsas, 3 polkas, 2 schottisch, 1 varsoviana, 6 números de contradança, com 5 quadrilhas cada um e dois hinos nacionais, e não toca cavatinas, sinfonias, pelo instrumental se achar em mau estado. Pela numeração das classes se distingue o adiantamento de cada um"*(10)

(6) - *Estrella do Amazonas*, 23 de julho de 1859
(7) - *Estrella do Amazonas*, 25 de maio de 1859
(8) - *Estrella do Amazonas*, 11 de janeiro de 1860
(9) - Idem
(10) - *Falla... Presidente Carneiro da Cunha... 3 de maio de 1861*. Documento anexo número 6, p. 2

Se o relato do professor Galvão for exato, fica novamente comprovada a existência de, pelo menos, mais um grupo instrumental, nos anos em questão. Mas, ainda há mais para se dizer sobre os incógnitos musicos. Um artigo de jornal noticia a execução, em 8 de agosto de 1860, de uma missa solene com *libera me* e *dies irae*, e afirma: *"... a música foi a melhor que temos aqui"*(11). Cabe aqui uma lembrança. Nem o Estabelecimento dos Educandos Artífices era o único lugar onde se aprendia e praticava música com intenções profissionais, naquela época, nem o professor Galvão era o único professor de música de Manaus. Para o primeiro caso vale recordar que dentre as obrigações do professor público de música, estava a de dar aulas no Seminário de São José e nos domicílios que o solicitassem(12). Em segundo lugar, não se deve esquecer de Jerônimo Emiliano de França, que pelo jornal oferecia-se ao público para ensinar música.(13)

A ascensão da Banda dos Educandos Artífices à prestigiosa conceituação de que privou dentre os manauenses, parece acontecer a partir de meados da década de 60, deste século XIX. Coincide com os últimos anos de Francisco da Silva Galvão à frente do grupo e com o ingresso do profícuo baiano Miguel Torres na instituição.

A despeito do temperamento voluntarioso e algo agressivo do pernambucano Francisco Galvão, há que se reconhecer que ele entregou a Banda de Música dos Educandos Artífices em condições de bom desempenho e aprendizado. Nas mãos de Miguel Torres haveria de subir degraus que a deixaram longe de concorrência.

Se num primeiro momento a banda dos Educandos Artífces limitava suas atividades às solenidades oficiais(14), na virada da década de 60 para 70, já se prestava aos mais variados eventos. Recolhe-se aqui uma série de registros de sua participação e apenas no primeiro semestre do ano de 1870, para que se tenha idéia do volume de suas incumbências:

> *"Anteontem teve lugar a solenidade no paço d'assembleia provincial do primeiro aniversário da instalação do ATHENEU DAS ARTES desta província.*
>
> *O edifício achava-se exteriormente ornado com bandeiras de todas as nações do mundo, e à noite com a mais bela iluminação das luzes realçava a magestade da festa e interiormente deslumbrava pela suntuosidade de outros ornatos...*
>
> *Às 5 horas da tarde compareceu o exmo. Sr. Presidente da Província, presidente honorário do Atheneu das Artes...*
> *... e em seguida, ante um numeroso concurso de pessoas de todas as escalas sociais foi aberta sessão...*
>
> *A todos eles a música dos educandos da província, saudava com seus harmoniosos hinos, com os quais não só exaltava-os, mas elevava-os até os pés do Altíssimo"* (15)

(11) - *Estrella do Amazonas*, 15 de agosto de 1860
(12) - *Relatório...*
(13) - *Estrella do Amazonas*, 8 de julho de 1863
(14) - Tocava em datas comemorativas oficiais, como o 7 de setembro. Ver, por exemplo: *Estrella do Amazonas*, 4 de setmbro de 1861 e 4 de dezembro de 1861, quando chegou a executar *"... uma passagem do Trovador"*. *Jornal do Rio Negro*, 1o de setembro de 1868
(15) - *Amazonas*, 9 de janeiro de 1870

Dentre os ofícios endereçados ao chefe de polícia, lê-se:

Tendo de cantar-se na igreja dos Remédios no dia 25 do corrente pelas 9 horas da manhã, aniversário do juramento da Constituição Política do Império, um Te-Deum [e aí é feito o convite ao destacamento militar bem como às demais autoridades]. *A guarda será puxada pela banda de música dos educandos."* (16)

Dias depois foi celebrado outro Te Deum Laudamus, para comemorar o fim da Guerra do Paraguai. Mais uma vez esteve presente a Banda dos Educandos Artífces. Na casa da Sociedade Harmonia:

"...foi-lhe oferecido [ao Presidente da Província] *um jantar, o qual teve lugar na Casa da Sociedade Harmonia... A música dos educandos artífices postada em um dos salões do edifício, solenizava harmoniosamente estas expansões fervorosas..."*(17)

No teatro:

"Domingo, dia 22 de maio de 1870. Em favor do Atheneu das Artes.

Depois que a música dos educandos artífices tiver executado uma de suas lindas peças, subirá à cena o muito aplaudido VAUDEVILLE em uma ato: Tribulação e Ventura... (18)

Em janeiro de 1871 atesta-se um crescimento não só das solicitações pela presença da Banda dos Educandos em festas, bailes e solenidades (sete vezes, só neste mês), como também sobe o número de pedidos de ingresso no Estabelecimento dos Educandos Artífices.(19)

Até que a Banda do 3º Batalhão de Infantaria viesse a concorrer com os Educandos Artífices, poucos eram os divertimentos que contavam com alguma música. Dentre eles estavam os bailes promovidos por Joaquim José da Silva Pingarilho, que os realizava quase sempre nos dias à volta do Carnaval. Em 1868, em duas ocasiões pelo menos, ele até divulgou os gêneros dançantes que deveriam ser tocados:

"Começará o baile [de máscaras] *com uma faceira polka, seguir-se-hão lindas quadrilhas, compassadas polkas, delirantes valsas, pausadas varsovianas, alegres schotisches, variadas sicilianas, modernas karkovianas e o suspirado Kan-Kan. Terminar-se-lhe-á com o magestoso e frenético - Galope Infernal. Além disto à meia noite correrá o chá. Nesta ocasião as famílias decidirão qual o mascarado que por espírito e gosto foi digno de merecer 1Prêmio."*(20)

(16) - *Amazonas*. 18 de abril de 1870
(17) - *Amazonas*. 22 de abril de 1870
(18) - *Amazonas*. 21 de maio de 1870
(19) - *Amazonas*. 30 de janeiro de 1870
(20) - *Jornal do Rio Negro*. 20 de fevereiro de 1868. Houve outro anuncio semelhante no mesmo jornal, no dia 2 do mesmo mês e ano

unesp

O número de bailes anuais, organizados por Pingarilho podia ser variável e talvez não se limitasse à época do Carnaval. Mesmo assim, em 1871, encontra-se apenas um documento a respeito; um ofício seu, solicitando a Banda dos Educandos Artífices para as noites de 28 de janeiro e 5, 12, 19 e 21 de fevereiro deste ano.(21) Em 1873, a Casa Pingarilho anunciou bailes para 8 noites (26 de janeiro, 2, 8, 9, 15, 16, 23 e 25 de fevereiro) e o estabelecimento já se encontrava em condições de alugar trajes para os cavalheiros; estes, aliás, pagavam por seus ingressos, enquanto as senhoras entravam de graça.(22) Posteriormente, Pingarilho continuou com sua loja de fantasias e ao que parece, passou a dar bailes fora do período carnavalesco, quase certamente motivado por um concorrente de nome Raposo(23)

Nesta mesma época começaram a surgir as sociedades musicais, com vistas a promover partidas dançantes e saraus. Já se viu que em 1870 havia a Sociedade Harmonia, a mesma que em outros momentos se anunciou como Harmonia Amazonense. Havia ainda a Euterpe Rio Negrense(24), o Club Amazonense(25) e a Sociedade Philarmônica Amazonense(26), além do já mencionado Atheneu das Artes e da Sociedade Juvenil Amazonense, da qual não se comprova até o momento a finalidade.(27)

Destas todas, infelizmente quase nada se sabe, salvando-se informações isoladas acerca da Philarmônica Amazonense:

> *"A Sociedade Philarmônica Amazonense anuncia que sua banda de música se acha disponível para contratos e habilitada a participar e comparecer inclusive no interior da província.*
>
> *Raymundo Pereira da Silva Lobo"* (28)

Há um outro anúncio semelhante, em data próxima, sobre a Sociedade Philarmônica. Neste, fica-se sabendo que a referida banda necessitava ser contratada pelo menos 24 horas antes dos eventos a que se propunha. O anúncio desta vez vem assinado por Raymundo Pereira da Silva Lobo e Affonso Amaro Guimarães(29)

Um destes muitos grupos terá participado, em 1874, dos espetáculos dados pelo artista Juan Rossi, que se apresentava no Theatro Beneficente. Além da peça de abertura, a orquestra (pois é assim que ela é mencionada) acompanhou Rossi, que à rabeca executou a valsa "Primeiro Suspiro de Amor", de sua autoria.(30) Igual número seria repetido dias mais tarde, quando Rossi executaria a valsa "Flor do Amazonas", que compôs para homenagear os amazonenses.(31)

---

(21) - *Amazonas*, 17 de janeiro de 1871

(22) - *Jornal do Rio Negro*, 31 de março de 1868

(23) - *Jornal do Amazonas*, 4 de março de 1877. Os bailes de Pingarilho eram *"... ao som da batida do violão choroso..."* e o brincante iria *"... descadeirar-se no taboqueado fadinho..."*. Antes, em 1875, nos anuncios da temporada de bailes carnavalescos e pre-carnavalescos da Casa Pingarilho, surge a primeira menção ao *"lundum"*. Ver: *Amazonas* 24 de janeiro de 1875. Mais tarde, em 1888, surgiu Deodato da Fonseca a promover bailes e com ele trabalhou o maestro e instrumentista Roberto de Barros.

(24) - *Amazonas*, 4 de junho de 1874. Pelo *Amazonas* de 27 de novembro de 1874, fica-se sabendo que a Sociedade Euterpe Rio Negrense tinha a seu serviço um professor de musica, chamado Avelino Antonio da Cruz, de quem se sabe apenas ser ele um militar.

(25) - *Amazonas*, 7 de julho de 1876

(26) - *Jornal do Amazonas*, 19 de agosto de 1877

(27) - *Amazonas*, 28 de fevereiro de 1877

(28) - *Jornal do Amazonas*, 19 de agosto de 1877. Raymundo Pereira da Silva Lobo havia sido Diretor de Oficina e Editor do *Amazonas*, quando este periódico ainda era propriedade de Antonio da Cunha Mendes, em 1870/71

(29) - *Jornal do Amazonas*, 29 de agosto de 1877

(30) - *Amazonas*, 12 de junho de 1874

(31) - *Amazonas*, 3 de julho de 1874

unesp

Ainda durante a temporada de Rossi seria levado à cena o ato final da "*Lucia di Lamermoor*", "*...com andante, ária, e morte de Edgardo, em trajes como pede a ópera e todos os pertences que recomendam o cenário*"(32) Neste mesmo dia o espetáculo contou com a participação do clarinetista Raymundo João Carneiro, mestre da Banda dos Educandos Artífices; este, acompanhado da orquestra, tocou a valsa "O Diabo à quatro", tendo começado pelas "*quatro variações sobre o tema da Carolina*"(33). Por fim, Rossi e Carneiro executaram "*... o duo da grande ópera Norma - mira o Norma al tuo signor - entre o violino e a clarineta onde estes distintos artistas mostram-se conhecedôres dos seus instrumentos*"(34)

O hábito de entremear uma parte concertante entre números de variedade, como no caso das apresentações do artista Juan Rossi, também deve ter sido adotado durante a permanência de outros artistas que se faziam acompanhar por banda ou orquestra. Sabe-se que tais grupos tocavam um número de abertura e que acompanhavam melodramas e *vaudevilles*. Há referências suficientes para se afirmar que, em récitas teatrais (e mesmo de outra natureza), os músicos executavam peças para entreter o público nos intervalos e mudanças de ato.

Assim o fez a orquestra do maestro Zuany, "*...composta por moços dedicados à arte...*"(35), durante a temporada da Empreza Câmara, em 1880. Tocando nos intervalos e, é claro, na abertura, o grupo executou peças diversas, saíndo-se muito bem para o entender do cronista da época. Na data da apresentação do *vaudeville* "A Corda Sensivel":

> *"A orquestra para festejar o nosso dia 5 tocou com maestria o hino nacional. Conduzida sob a batuta do maestro Zuany houve-se na execução das seguintes peças que foram bem tocadas antes de levantar-se o pano: Dueto do Trovador; 'Ai que me quebro', linda polka de um maestro maranhense e 2 delirantes contradanças de Offenbach. Nossos apalusos à orquestra"* (36)

E na noite em que foi assistido um drama de José de Alencar, intitulado "Mãe":

> *"A orquestra sob a direção do maestro Zuany continua caprichando para satisfazer ao mais exigente diletanti.*
>
> *No último espetáculo tocou com maestria antes de cada ato do drama, as seguintes peças que tiveram boa execução a suavíssima fantasia 'Brilhante', a arrebatadora polka 'Granduqueza', uma delirante valsa 'Amanhã menina!' composição do maestro Zuany e finalmente uma outra deliciosa valsa 'A Infância', composição também do maestro Zuany. A orquestra é bem ensaiada e é hoje a melhor que temos na capital"* (37)

(32) - *Amazonas*, 19 de julho de 1874
(33) - Idem
(34) - Idem
(35) - *Jornal do Amazonas*, 25 de julho de 1880
(36) - *Jornal do Amazonas*, 8 de setembro de 1880
(37) - *Jornal do Amazonas*, 12 de setembro de 1880

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

Esta última assertiva do cronista do *Jornal do Amazonas*, leva a crer que havia outra ou outras orquestras em Manaus, a concorrer com a do maestro Zuany. Malfadadamente não foi encontrado registro algum nos escassos exemplares de periódicos disponíveis, pertencentes a esta época (1879 - 1885).

De qualquer forma, em 1884, observa-se a existência de uma orquestra regida pelo trompetista Manoel Napoleão Lavor, grupo que acompanhou a temporada da Associação Dramática Amazonense, naquele ano.(38) Aparentemente este mesmo grupo, regido pelo maestro Lavor, atuou também durante a temporada teatral de 1885:

> *"Logo que a orquestra tiver executado a variação 'Flores da Amizade', composta expressamente para oficleide pelo hábil professor Pedro Gomes e oferecida pelo mesmo ao maestro Napoleão Lavor, terá lugar a apresentação da aplaudidíssima comédia em um ato original português e ornada com 12 lindos números de música..."* (39)

O maestro Lavor, com a competência de sempre, terá atuado à frente da orquestra que acompanhou a temporada da Companhia de Lima Penante e Helena Balsemão, em 1887.(40)

Antes, em 1886, realizara-se um concerto *"...dado por maranhenses em benefício da Santa Casa, por ocasião da posse da sociedade"*(41). Além da informação de que teria acontecido no paço da Assembléia, nada mais se pôde saber a respeito desta apresentação..(42) Igual escassez de dados envolve possíveis récitas do flautista Ernesto A. Dias, vindo do Pará e que chegara no fim de julho *"... para dar alguns concertos entre nós"*(43)

A década de 80 registra o aparecimento de outras sociedades que se dedicavam a divertimentos musicais. Na noite de 10 de julho de 1886 houve baile no palacete legislativo, organizado pelo Club Amazonense e pela Sociedade 1o de Janeiro(44). Além destas havia também o Club Terpsichore(45).

Com o aparecimento de novas corporações musicais, dos clubes e das sociedades musicais e dançantes, bem como o crescimento da urbe e a necessidade de outras diversões além das temporadas teatrais, bailes e festas passam a ser dados com maior frequência, fora do período carnavalesco e em qualquer local.(46) A formação de tais orquestras e bandas pode ser perfeitamente associada à vinda para a capital amazonense de artistas de fora que, eventualmente, deixaram-se ficar por aqui ao fim de uma temporada, na intenção de explorar seu ofício em um novo mercado de trabalho, certamente menos competitivo e mais promissor que muitas outras localidades. Por vezes, vinham também para ocupar postos nas milícias da província, integrando a banda de música.

---

(38) - *Jornal do Amazonas*, 30 de março de 1884

(39) - *Jornal do Amazonas*, 9 de abril de 1885. Outras menções a Napoleão Lavor e sua orquestra, ver *Jornal do Amazonas*, de 4 de janeiro e de 2 de abril de 1885.

(40) - *Jornal do Amazonas*, 1o de janeiro de 1887.

(41) - *Jornal do Amazonas*, 28 de julho de 1886

(42) - Idem

(43) - *Jornal do Amazonas*, 27 de julho de 1886

(44) - *Jornal do Amazonas*, 10 de julho de 1886

(45) - *Jornal do Amazonas*, 11 de fevereiro de 1888. O Club Terpsichore existiu até 1909, pelo menos: *Amazonas*, 7 de fevereiro de 1909

(46) - Dois exemplos podem ser dados: Bazar-concerto em favor do asilo "Providência" de Belem do Para (*Jornal do Amazonas*, 9 de abril de 1886) : *"Grande Baile no Hotel de Manaus hoje. Sábado 1o de outubro. Às 9 horas da noite rompera uma deliciosa orquestra que fara deleitar com prazer infindo os convivas desta grande e pomposa festa..."* (*Jornal do Amazonas*, 1o de outubro de 1887)

Dentre estes muitos músicos que para Manaus vieram, à procura de oportunidades, há que se destacar Elpídio Pereira.

Nascido em Caxias, Maranhão, a 16 de outubro de 1872, Elpídio Pereira teve suas primeiras lições de música com os mestres de banda da sua cidade natal (inicialmente com o violinista Antonio Cariman e depois com o clarinetista Antonio Coutinho). Sua família, percebendo o seu interesse e talento, envia-o a Lisbôa para estudar. Na capital portuguesa, o jovem Elpídio, chegado em meados de 1890, é matriculado em um colégio, para frequentar o curso preparatório a fim de ingressar no Conservatório de Paris. Nesta instituição ele passa a estudar como aluno-ouvinte na classe de Taudou (harmonia), a mesma onde Francisco Braga era aluno-efetivo. Entretanto, mantinha lições com Domenico Ferroni, fora do Conservatório, para estudar violino e reforçar seus conhecimentos de harmonia, pois sua intenção maior era a carreira de compositor. Por volta de 1892/93, por conveniência financeira, é obrigado a voltar para o Brasil; seu pai, com a crise econômica que brotara no início da República, viu-se em grandes dificuldades e fica impossibilitado de prover os estudos do filho em Paris. Neste momento de sua volta ao Brasil é que Elpídio Pereira tomou o seu primeiro contato com a capital do Amazonas. Não é certa a data de sua chegada a Manaus, mas o que se sabe é que aí ele terá encontrado dois irmãos e um amigo da família, o Visconde de Vila Gião. Nesta sua estada em Manaus, Elpídio foi convidado por Adelelmo do Nascimento, para participar com dois números de sua escolha, em um concerto que o baiano estava a organizar. O jovem violinista então optou por uma peça de sua autoria, a "Serenade Brasilienne", a primeira de suas composições a ser ouvida no Brasil após o seu primeiro estágio de instrução musical em Paris. Em seguida, Elpídio Pereira foi para Caxias, onde encontrou os pais, demorando-se algum tempo; no caminho deu concertos em Belém, São Luiz e Terezina. Sua nova saída do Maranhão não tardaria a acontecer, pois foi convidado por Joaquim Franco, que ele conhecera em Manaus, para integrar o naipe de violinos na Companhia Lírica que o empresário paulista trouxera para o norte do país e que naquele momento estava em Belém. Na capital do Pará, Elpídio Pereira permaneceu por dois anos e meio até que em 1895 sua família mudou-se para Manaus; seu pai era agora o agente da Companhia de Navegação Maranhense, na capital do Amazonas. Em Manaus, Elpídio viu-se obrigado, por causa de um sinistro que destruiu os bens da família, a trabalhar em atividade não relacionada à Música: foi empregado do setor de cobranças da Casa Marius & Levy. Esta situação não duraria muito tempo. Com a aposentadoria de Adelelmo do Nascimento do cargo de professor de música do Gymnasio Amazonense, Elpídio Pereira é chamado para reger interinamente a cadeira; o musicista maranhense privava da intimidade do chefe de gabinete do Governador Fileto Pires: o escritor Raul de Azevedo. E foi justamente este quem propôs a Elpídio a troca da posição no magistério estadual por uma bolsa de estudos na Europa. De fato, em 1898, após certo atraso, o compositor maranhense partiu para Paris, a fim de continuar sua instrução. Até 1902, quando expirou o prazo da bolsa concedida pelo governo amazonense (pois Silvério Nery tornando-se governador concedeu-lhe ainda mais um ano), a grande influência de Elpídio Pereira foi Domenico Ferroni e a obra teórica de Berlioz (ele já havia utilizado os escritos teóricos de Rossini, em uma fase mais jovem). Antes de se despedir de Paris deu dois concertos na Sala Hoche, onde apresentou peças somente de sua autoria, regendo a orquestra dos *Concerts Lamoureux*; uma destas récitas, a de 14 de fevereiro de 1902 (a outra foi em 19 de fevereiro de 1903), em que tomaram parte os também brasileiros Edgard Guerra (violinista) e Madame Paulssen (soprano), teve a respectiva crônica publicada em Manaus.

(47) - Pereira E. *A musica, o consulado e eu: memoria de Elpidio Pereira (1872 - 1957)*. Rio de Janeiro, s. n. , 1957, pp. 1 - 56

Antes da sua volta à Manaus, em maio deste mesmo ano, deu um concerto em Lisboa.

Em sua biografia, Elpídio Pereira afirma ter dado apenas um concerto em Manaus, quando da sua volta da França. No Teatro Amazonas em 23 de agosto de 1903.(48) Entretanto, a crônica cotidiana atesta a presença do violinista e compositor em mais algumas récitas em seu favor e na de amigos. Seu primeiro concerto foi anunciado nos periódicos locais para 16 de agosto; pode ser que tenha realmente havido alteração de datas desta apresentação, pois foram consumidos cerca de 10 ensaios com a orquestra para passar toda a obra do bolsista recém-chegado(49). Em 13 de setembro ele esteve no Salão Nobre da Intendência Municipal em um concerto do violinista Armando Lameira, que contou além da sua participação, com a habilidade do maestro Joaquim Franco (certamente ao piano), dos violoncelistas Cesar Vesce e Ildefonso Pereira, do flautista Sobreira Lima, dos violinistas Raimundo Donizetti Filho, Gentil Bittencourt e Lourival Muniz (estes dois últimos anunciados como amadores), e dos alunos da Academia de Belas Artes: Thrazibula Figueiredo e Bernardo Godinho(50). Antes, a 12 de setembro de 1903, Elpídio Pereira fez outro concerto com obras de sua autoria, também no Salão Nobre da Intendência Municipal. O programa das apresentações de suas peças foi o seguinte. No mês de agosto foram executados o "Prelúdio Sinfônico", a "*Suíte Brasilienne*", a "*Ouverture* de Tiradentes", o "Tango à Brasileira", a "*Chanson du Soldat*", para bandolim e cordas, a invocação para barítono e orquestra intitulada "*Dieu et la Nature*", outra peça vocal, esta para coro uníssono e orquestra, chamada "*A la viérge*", e mais o "*Romance sans paroles*", para violoncelo e piano e duas outras peças para piano solo, "Mimosa" e "*Polonaise*"; a orquestra estava composta por 30 pessoas(51). O outro concerto teve algumas repetições: a "*Suite Brasilienne*" e a "*Ouverture* Tiradentes". As peças restantes eram totalmente novas para o público amazonense: "Plainte", para meio-soprano e piano; "Prelúdio Sinfônico", para piano a 4 mãos (transcrição); "*Lange du pardon*", para barítono e orquestra; "*Matinée d'Octobre*", *aubade* para soprano e orquestra; "*Devil d'Amour*", para barítono e orquestra; "*Une noir a la belle etoile*", recitativo e orquestra (poesia de Luiz Paes Leme), "*Allegro*" de uma sinfonia; e a "Legenda" para violino e piano(52). Para este concerto foi convidado um grupo de 22 pessoas, sem especificação de instrumentos que tocaram (muitos deles eram bastante conhecidos): Edelvira Alves Praguer (piano), Amélia Thompson Nogueira, Maria Amélia de Oliveira, Dr. Barreto Praguer (cantor), Dr. Rodolpho C. de Albuquerque Filho, Maxim Holden, maestro Joaquim Franco, Lourival Muniz (violino), Gentil Bittencourt (violino), Armando Lameira (violino), Taurino Silva, Georges Marques Pereira (anunciado como 2º tenente), Ildefonso Pereira (violoncelo), Cesar Vesce (violoncelo), Donizetti Filho (violino), Fulgêncio E. de Souza, Sobreira Lima (flauta), alferes Raymundo Cândido, Jovita Rabello, José Braule Pinto, José Paes Landim e Joaquim Sarmento.(53)

Elpídio Pereira passou os anos de 1904 a 1906, percorrendo algumas capitais, onde havia interesse em divulgar sua obra. Esteve em Belém, São Luiz, Rio de Janeiro e São Paulo; na capital paulista ele encontrou dificuldades em formar uma orquestra, precisando recorrer aos músicos de uma companhia lírica que terminava sua exibição na cidade àquela altura(54).

---

(48) - Pereira, E. Obra Citada, p. 56. Elpídio conta também a respeito do significado de seu nome: Elpis
(49) - Idem; *Commercio do Amazonas*, 6 de agosto de 1903
(50) - *Commercio do Amazonas*, 13 de setembro de 1903
(51) - Idem
(52) - *Commercio do Amazonas*, 7 de setembro de 1903
(53) - *Commercio do Amazonas*, 13 de setembro de 1903
(54) - Pereira, E. Obra Citada, p. 60

unesp

Demorou-se no sudeste mais tempo do que queria, pois antes mesmo do concerto em São Paulo ele já expressara sua vontade em retornar a Manaus, para onde de fato voltou, ainda em 1906. Antes, em agosto deste mesmo ano de 1906, ele organizaria um concerto de suas obras no Rio de Janeiro, coadjuvado por Francisco Braga e Alberto Nepomuceno que dirigiu a orquestra(55).Em Manaus, Elpídio Pereira vinha atraído sobretudo pela promessa do Governador Antônio Constantino Nery de lhe conceder uma vultosa bolsa de estudos. Mudanças no mando político do Estado (Constantino Nery entregou o governo do Estado ao vice-governador, Affonso de Carvalho) resultaram em um revés para o compositor, pois a bolsa de estudos não lhe seria mais concedida. Mesmo assim, ele ainda ficou estabelecido na capital amazonense até abril de 1908. Nestes quase dois anos que passou em Manaus, teve tempo para realizar atividades bastante interessantes: compôs o Hino Escolar do Amazonas (pelo qual ganhou 7 contos de réis), que foi apresentado em maio de 1907 por duas bandas militares e um coro infantil de cerca de mil vozes; participou do jornal *A Platéa* (periódico em 14 números, dedicado a cobrir os espetáculos da Companhia Lyrica Francesa, na temporada de 1907) como crítico e cronista musical; e participou de pelo menos três concertos.(56)

Os dois primeiros concertos aos quais o compositor se relaciona, não foram em datas distantes. No primeiro, a 19 de março de 1907, Elpídio Pereira tocou peças suas e de outros autores. Acompanhado pelas pianistas Celeste Ramos e Edelvira Praguer, ele executou um trecho de bailado de Charles Bériot e "Mazurka" de Wieniawsky, autores que exigem muito do executante de violino; com as mesmas pianistas Elpídio Pereira apresentou as suas "Legenda"e "Serenata", ambas para violino e piano. Uma outra peça sua seria executada por um quarteto de cordas e um quarteto de flautas: "Ária de Dança". O programa desta noite, bastante longo, contou ainda com peças de Chopin, Chaminade, Mozkowsky, Kuhlau e até mesmo Wagner. Os demais intérpretes eram os violinistas Gentil Bittencourt e Paulino de Mello (amigos de Elpídio), os flautistas Sobreira Lima, Manoel Alfredo de Campos, R. Benayon e Salles Vieira, o violista Pedro Belfort, o violoncelista Cesar Vesce, o contrabaixista Fulgêncio de Souza e os pianistas Giácomo Cornetto, Domingos Roque, Adelaide Carneiro da Costa e as já mencionadas Edelvira Praguer e Celeste Ramos.(57)

No recital do dia 15 de abril de 1907, tomaram parte dois cantores da Companhia Lyrica Francesa, que estava a trabalhar no Teatro Amazonas: Melle.Boni (soprano) e Mr. Tritignan (barítono). Exibiram-se ainda o flautista Sobreira Lima, o maestro e pianista Giácomo Cornetto, além das irmãs Marina e Honorina Amora, discípulas da beneficiada da noite, a pianista Celeste Ramos. Elpídio terá tocado uma peça de Nepomuceno, "*Priére*", e mais a "*Serenade Badine*", de G. Marie e a "Aragonesa", de sua autoria.(58) Ainda neste ano de 1907, Elpídio Pereira organizou o concerto do violinista Vicenzo Cernicchiaro e do pianista Artur Napoleão, em Manaus.(59)

O último concerto do violinista e compositor Elpídio Pereira, em Manaus, aconteceu no dia 19 de janeiro de 1908, no Salão Nobre da Intendência Municipal. O programa não continha peças exclusivas do autor e tampouco trouxe novidades, exceto a formação exótica: violino, viola, oboé, piano, harmônio e barítono(60)

(55) - Pereira, E. Obra Citada pp. 57 - 64
(56) - Idem. p. 62
(57) - *Amazonas*, 5 de fevereiro (data em que os concertos são anunciados pela primeira vez), 19 de março de 1903
(58) - *Amazonas*, 15 de abril de 1903
(59) - Pereira, E. Obra Citada p. 65
(60) - *Amazonas*, 19 de janeiro de 1908

unesp

Um outro concerto, a 13 de maio de 1907, reúne a orquestra da Companhia Lyrica Francesa, o baixo Manent e o barítono Tritignan, na Igreja Matriz de Manaus, para um concerto sacro com obras de Alexandre Levy ("*Revêrie*"), Alberto Nepomuceno ("*Priére*"), Francisco Braga ("Episódio Sinfônico"), Halevy ("Cavatina"), J. Granier ("Hosanah"), D. de Carvalho ("*Elegie*") e Elpídio Pereira ("Prelúdio Sinfônico", "Meditação", "*Dieu et la Nature*", "A Missão de Jesus", "Noturno", "*A la Vièrge*" e "Marcha Nupcial"): não se sabe se Elpídio Pereira terá participado, na qualidade de regente ou violinista, mas seguramente foi ele quem, ao lado do maestro Joaquim Franco organizou a apresentação(61)

Mas esta não seria a primeira vez que Elpídio Pereira havia se envolvido com a organização de concertos sacros. Quando estabelecido em Manaus, na última década do século XIX, ele já estivera a trabalhar com o gênero.(62)

A música sacra, por sinal, terá sido bastante praticada, na forma de concerto e em ofícios solenes. Embora haja escassez de informações sobre tal assunto, faz-se necessário deixar aqui algumas palavras a respeito. Vale lembrar que, pelo menos desde a fundação do Seminário de São José (1848), com sua cadeira de música, já havia um número de cantores suficiente para prover os serviços litúrgicos e, posteriormente, com o crescimento das irmandades, muitos leigos tomaram parte nestas solenidades e passaram a organizar récitas dentro do ambiente eclesiástico.

As notícias mais antigas da província dão conta de um grupo vocal que auxiliava as solenidades na Igreja dos Remédios. Este grupo era possivelmente egresso do Seminário, onde se aprendia música vocal e instrumental e canto gregoriano. Suas atividades eram regidas pela tabela de emolumentos, baixada pelo Bispo do Pará e que abrangia a província do Amazonas. Há duas destas tabelas, publicadas em 1855 e 1859, que relacionavam os preços em qualquer ofício e horário, fosse em cantochão ou por música(sic), na Matriz, nas paróquias ou fora delas(63). Em muitas desas ocasiões, um grupo instrumental acompanhou o coro. Cita-se algumas delas:

> *"O Encarregado das festividades do Espírito Santo convida a todos os fiéis para assitirem a respectiva festividade de que se tem de celebrar na Igreja dos Remédios no dia 2 de junho próximo vindouro, com Missa solene, com grande instrumental... No dia 12 dará lugar às vésperas... No dia seguinte entrará às 10 h. a missa solene* [outra ?](64)

Na festa à Nossa Senhora dos Remédios:

> *"Antes de ontem houve vésperas solenes por música... Ontem celebrou-se a missa da Festa com grande instrumental e à tarde a procissão acompanhada por uma Brigada..."*(65)

(61) - *A Platea*, 7 de maio de 1907.
(62) - Pereira, E. Obra Citada, p. 40. Elpídio fala nas festas religiosas da Catedral.
(63) - As duas tabelas estão publicadas no jornal *Estrella do Amazonas*, de 24 de fevereiro de 1855 e 10 de dezembro de 1859.
(64) - *Estrella do Amazonas*, 25 de maio de 1859.
(65) - *Estrella do Amazonas*, 11 de janeiro de 1860.

No dia 8 de agosto do ano de 1860 também registrou-se uma missa pelo passamento da sra. Mariana Martins Furtado, com música, tendo sido executado um *Libera me* e um *Dies Irae*. Outra festividade religiosa contaria, em 1861, com a participação da Banda de Educandos Artífices: os festejos de São Sebastião(66).

Em 1870, pelo aniversário da Constituição Política do Império foi cantado um *Te Deum laudamus*(67). Em 1871, o mestre de banda, oficlidista e compositor Miguel Torres solicita 9 instrumentistas do Estabelecimento dos Educandos Artífices para a festa do *"...martyr glorioso, São Sebastião"*(68) A capela de São Sebastião também parece ter contado com certa movimentação, pois a Banda do 3o Batalhão de Infantaria tocou um *Gloria in excelsis Deo*, durante o 5o leilão realizado na paróquia, e também para os circunstantes: *"A Banda de Música do 3o Batalhão soltará de seu especial repertório sons harmoniosos e deleitará suas almas"*(69)

Infelizmente, nada mais se pôde saber a respeito da atividade musical que se praticou nas igrejas, nem o repertório, nem o nome dos executantes, tampouco os instrumentos utilizados ou quantas vozes formaram o coro. Mesmo em datas posteriores, quando um número maior de periódicos circulou e muitos músicos conhecidos tomaram parte, os dados continuaram sendo insuficientes para uma melhor apreciação. Sabe-se que em 17 de fevereiro de 1886 foi mandada celebrar uma Missa de Requiem com grande instrumental, mas quem a executou? O que foi tocado? Sobre os dez ou vinte anos seguintes, pouco mais se pôde saber, além da certeza de que a música continuou a ser praticada nas igrejas e nas festas religiosas, até mesmo porque qualquer devoto podia mandar cantar (e tocar) uma missa em qualquer das três paróquias de Manaus(70)

Durante os festejos à São Luiz de Gonzaga, em 1893, cantou-se missa à grande instrumental e o nome do compositor das peças apresentadas foi revelado como sendo *"O imortal maestro Battmann"*(71) Embora pareça bastante apreciado à época, nada se sabe também sobre ele.

Sabe-se que Elpídio Pereira esteve envolvido com a música da Matriz de Manaus, entre 1895 e 1898, e que um certo Alexandre Oliveira, clarinetista *"... deixou nome como compositor sacro, diretor e regente do coro da Sé*(sic)*"*(72)

As informações mais consistentes sobre o assunto relacionam-se à incansável labuta do maestro Joaquim Franco, que criara em 1900 (talvez antes) o Círculo Musical Religioso Dom Antonio Costa. Composto também por membros da Orquestra Carlos Gomes, de Manaus, o grupo apresentou-se na missa de réquiem de Eduardo Ribeiro neste mesmo ano. Desta vez, o nome de todos os integrantes aparece em crônica e pode-se ter uma idéia dos esforços utilizados para a execução das peças:

(66) - *Estrella do Amazonas*, 6 de fevereiro de 1861. Traz publicado o ofício em que a administração provincial autoriza a Banda a tocar.
(67) - *Amazonas*, 18 de abril de 1870.
(68) - *Amazonas*, 22 de abril e 25 de junho de 1871. Nesta última data realizou-se o primeiro leilão para arrecadar fundos para a construção da capela de São Sebastião.
(69) - *Amazonas*, 9 de novembro de 1871.
(70) - *Jornal do Amazonas*, 11 de junho de 1887.
(71) - *Diário de Manaos*, 15 de julho de 1893.
(72) - Salles, V. *Música e músicos no Pará*. Obra Citada, p. 219.

"Compunham a orquestra os violinos Marsicano, Alípio, Salvador, Albano, Ildefonso, Turino e Granjeiro; a viola Belfort; o violoncelo Vesce; o contrabaixo Palácio; as flautas Campos e Sobreira; os pistões Rodrigues e Sarmento; os trombones Tenório e Lisímaco; o tímpano Antunes; o tambor Silva. O côro estava constituído das senhoras Lavor e Mathilde Schiavinato e senhores Lavor, F. Fava, A. Soares, N. Tangerini e J. Bernardo."(73)

Regidos por Joaquim Franco, tanto a orquestra quanto o côro faziam parte de uma programação que o maestro paulista havia estabelecido sob o nome de Centro Artístico, uma atividade paralela a da Academia de Belas Artes, mas com fins práticos e envolvendo profissionais ou amadores de comprovado nível de formação. O Centro Artístico compreendia o Quarteto Clássico Henrique Gurjão, a Orquesra Carlos Gomes, a Escola de Música Francisco Colás, o Coral Padre José Maurício, a Escola de Pintura Vitor Meirelles, a Filarmônica Adelelmo do Nascimento, a Fanfarra Henrique de Mesquita e o Círculo Musical Religioso Dom Antonio Costa, cada um com um dia diferente da semana para suas atividades; de segunda à sábado, respectivamente. Domingo promovia-se um concerto sacro na Matriz, com a participação destes grupos(74)

Até o fim da primeira década deste século XX, os concertos sacros semanais, sempre às 9h, jamais deixaram de acontecer um domingo sequer.(75)

Mas o coro e a orquestra que o maestro Franco dirigiu em concertos dominicais na Matriz também trabalhava sob encomenda; de missas, réquiens, e na Páscoa e *"ainda cantavam antífonas do estilo e bradados"*(76)

Como se vê, a participação de Joaquim Franco na música local não se limitou às empresas operísticas que organizou e nem à instrução musical, a qual se dedicou até o fim da vida. Além dos próprios grupos, Joaquim Franco, também prestigiou os concertos de outros músicos, ainda que com menor frequência.(77)

Os concertos dos alunos da Academia de Belas Artes eram dirigidos pelo maestro Franco e chamavam-se Concertos Históricos. O primeiro desta série teve lugar a 31 de agosto de 1902 no Conservatório de Música. A orquestra Carlos Gomes executou um *poutpourri* da ópera "Il Guarany". Seguiu-se a leitura de monografias sobre a vida de alguns compositores: Bach, Handel e Haydn. Depois então teve início o recital dos alunos que em muitos momentos foram acompanhados pela orquestra ou membros dela. A idéia de organizar o programa em sequência cronológica tinha fins didáticos, tanto para os alunos quanto para o público. Foram executadas obras (ainda que de modesta envergadura) de Caccini, Lully, J. S. Bach, Handel, Haydn, Mozart, Beethoven, Weber, Berger, Schubert, Bériot, Grieg, Reichert (o flautista europeu que morava no Brasil) e Papini, dentre outros.(78) Muitos alunos iniciaram nesta ocasião a sua carreira. Foi o caso de Bernardo Godinho, as irmãs Marina e Honorina Amora, Oscar Maia, Thrazibula Figueiredo e Maria Sílvia Jardim, dentre tantos outros que aparentemente não se tornaram profissionais.

---

(73) - Braga, G. *Fastigio e sensibilidade do Amazonas de ontem*. Obra Citada, p. 76

(74) - *Diario de Noticias*, 21 de fevereiro de 1900

(75) - Veja-se por exemplo: *Amazonas*, de 3 de janeiro (um domingo) a 30 de dezembro (do no 1718 ao no 2080) de 1909

(76) - *Amazonas*, 15 de março de 1901. Para os concertos na catedral podia ser utilizado o harmonium que até hoje existe. Alguns outros grupos, inclusive de pastorinhas, tambem providenciavam música para os festejos religiosos. Ver: *Commercio do Amazonas*, 15 de junho de 1902 e *Amazonas*, 24 de dezembro de 1902

(77) - Um destes privilegiados foi o pianista português Americo Angelo. Ver: *Commercio do Amazonas*, 17 de abril de 1903

(78) - *Commercio do Amazonas*, 31 de agosto de 1902

unesp

Tais apresentações a cargo do maestro Franco parecem ter sido muito bem sucedidas junto ao público, pois em 5 de setembro de 1902 (a data é comemorativa à instalação da província do Amazonas), foi realizado um Festival Artístico no Teatro Amazonas com a presença do Governador Silvério Nery. O programa da ocasião previa uma sessão literária, a conferência do Dr. Rodrigo Costa e o concerto de alunos e professores da Academia de Belas Artes e outros profissionais.(79)

A primeira vez que o maestro Joaquim Fanco esteve em Manaus, trazia as cantoras Adéle Naghel e Rosina Genolini para um concerto lírico. Os recitais tomaram lugar no Theatro Beneficente em 1885.(80) Tais cantoras eram integrantes de uma companhia lírica que o maestro Franco dirigira em Belém(81).

Estes recitais de música lírica foram comuns em Manaus, desempenhados tanto por artistas vindos de fora como por cantores residentes na capital amazonense. Dentre estes pode-se destacar a soprano Maria Bosi, que após três bem sucedidas temporadas líricas, estabeleceu-se em Manaus. Pode-se observar com relativa frequência, nos jornais, os anúncios de seus concertos e nos de alguns outros músicos, para os quais foi convidada. Esteve a acompanhar o violinista paraense Mamede da Costa (egresso de Leipzig), quando este se apresentou em Manaus, em 1902.(82) Também abrilhantou o recital do professor João José Lentini dois anos antes(83). E jamais se negava a participar de espetáculos beneficentes, como o que aconteceu no Teatro Amazonas em 5 de setembro de 1900, quando foram arrecadados fundos para as vítimas da sêca no Ceará: Maria Bosi dividiu o palco com o Quarteto Henrique Gurjão, o violinista Raymundo Filgueiras, a contralto Mathilde Schiavinato e as sociedades dramáticas Taborda e Recreio da Mocidade(84). Por volta de 1904 casou-se com o barítono Emílio Brunori(85) e até 1908 ainda cantava em exibições individuais.(86)

Outra cantora que parece ter gozado de predicados consideráveis foi Mathilde Schiavinato que também participou de temporadas líricas, na Empreza Franco (com a qual chegou a Manaus em dezembro de 1890) e na de Beatriz Rozália (1892)(87). Mathilde Schiavinato foi solicitada muitas vezes para acompanhar artistas de Manaus e de fora do Amazonas: em 1892, o barítono paraense José de Lima Braga a convidou para um concerto seu, no Salão do Instituto Normal(88); em 1893 ela foi convidada para compor o grupo que atuaria ao lado do flautista pernambucano Gervásio de Castro (tomaram parte também os violinistas Adelelmo do Nascimento e Raimundo Filgueiras, o violoncelista Alexandre Rayol e as pianistas Lídia Soares, Amália e Hortência Sá)(89); em 1900, por duas ocasiões, ao menos, Mathilde Schiavinato estaria se apresentando com Maria Bosi (já citadas acima); em 1901, a contralto se apresentou no recital do tenor espanhol Eugênio Oyangurén(90); dentre outros.

(79) - *Amazonas*, 5 de setembro de 1902
(80) - *Gazetinha*, 20 de setembro de 1885
(81) - Salles, V. *Epocas do Teatro no Grão Pará* Obra Citada, p. 113
(82) - *A Federação*, 21 de dezembro de 1901 (o concerto foi em 22 de dezembro)
(83) - *Diario de Noticias*, 13 de março de 1900
(84) - *Amazonas*, 5 de setembro de 1900
(85) - *Jornal do Commercio*, 7 de janeiro de 1904
(86) - *Amazonas*, 30 de agosto de 1908
(87) - *Diário de Manaos*, 7 de fevereiro de 1892: atesta a sua participação em concertos da Empreza de Beatriz Rosália, em 1892; *Diario de Manaos*, 30 de março de 1893: comprova sua atuação em concerto lírico da Companhia Lyrica Italiana trazida por Joaquim Franco
(88) - *Diario de Manaos*, 19 de abril de 1892
(89) - *Diario de Manaos*, 15 de outubro de 1893
(90) - *A Federação*, 23 de novembro de 1901

Bastante apreciado, o barítono paraense Corbiniano Vilaça parece ter morado em Manaus, tal foi a frequência com que esteve na cidade. Corbiniano Vilaça nasceu em Belém a 7 de setembro de 1873 e dedicou-se inicialmente à pintura, sendo aluno de Pignatelli e Crispim do Amaral. Foi bolsista do Estado do Pará de 1891 a 1898, indo estudar em Paris, tanto pintura quanto música. Cantou em teatros da capital francesa, incluindo o Opera-Comique, e por todo o Brasil. Tomou parte em elencos de companhias líricas estrangeiras e nesta condição viajou muito, chegando até Montevidéu e Buenos Aires. Terá sido um dos primeiros cantores a se dedicar à canção camerística de autores nacionais.(91) Ele apareceu na capital amazonense logo depois de sua volta da Europa, em fins de 1899, quando foi oferecido um jantar em sua homenagem, no Restaurante Le Cercle, por um provável parente, o Cel. Vilaça.(92) Poucos dias depois, em 25 de novembro deste mesmo ano, ele se apresentou no Teatro Amazonas com um repertório que incluía Verdi, Wagner, C. Gomes e Francisco Braga, sendo coadjuvado pelos pianistas Giácomo Cornetti e Clara Borelli, pelo violinista José Marsicano e o flautista Manuel Alfredo Campos(93) Regressando de empreitadas líricas no sul do país e no estrangeiro, Corbiniano Vilaça deu o seu primeiro concerto individual da sua *Tournée* de 1903, em Manaus e para tanto fez-se acompanhar de uma pequena orquestra local, composta por Paulino Mello, Armando Lameira, Pedro Belfort, Cesar Vesce, Ildefonso Pereira, Taurino Salermo, Sobreira Lima, Antão Campelo, Luiz Lima, Bernardo Godinho, Lauro Soares, Clarindo Jr. e Nelson.(94) Vilaça desempenhou a contento um repertório de alto nível, que incluía C. Gomes, Leoncavallo, Massenet, Rossini, Thomas, Verdi, Wagner.(95) De volta em 1905, Vilaça passou a se fazer acompanhar por um grupo camerístico, O Quarteto Carlos Gomes (de Manaus), o violinista Henrique Jorge, outro frequente visitante dos palcos manauenses, e Joaquim Franco como pianista. Vilaça cantou o prólogo de *"Pagliacci"* de Leonacavallo, a ària do *Toreador* da "Carmem" de Bizet, além de Wagner e Massenet, autores infalíveis em seu repertório. Este concerto deu destaque também para Henrique Jorge, que tocou a *"Legende"*, de Wieniawsky(96) Em 2 de março de 1906, menos de um ano depois do último concerto citado, o barítono estava de volta, ao lado de Carmo Marsicano (violino) e Amaro Barreto (violino). A despeito do repertório do barítono, desta feita os dois instrumentistas roubaram-lhe a cena: Amaro Barreto tocou o "Noturno em ré bemol" e a "*Polonaise*" em dó sustenido menor, de Chopin; Carmo Marsicano não fez por menos e executou a "*Romanza Andaluza*" de Sarasate, o "*Scherzo Tarantella*" de Wieniawsky, uma sonata de Beethoven e a difícil sonata em dó menor, de Grieg.(97) Após a realização deste concerto no Salão Nobre da Intendêndecia Municipal, Vilaça tomou parte do grupo lírico da Companhia Francesa de 1906, merecendo até uma noite em seu benefício(98). Ainda em 1906, a 28 de outubro, novo benefício é realizado em seu favor, por artistas amazonenses.(99) Em 1907, Vilaça esteve a se apresentar no Club Internacional (de Manaus), ao lado de Regina Balaguer, do violinista português Antonio Gomes e dos pianistas Domingos Roque e Arão Benjamin(100).

(91) - Sallles, V. *Música e músicos no Pará* Obra Citada p. 282
(92) - *Amazonas Comercial*, 21 de novembro de 1899
(93) - *Amazonas Comercial*, 25 de novembro de 1899
(94) - *Commercio do Amazonas*, 3 de abril de 1903
(95) - Idem
(96) - *Amazonas*, 15 de abril de 1905
(97) - *Amazonas*, 2 de março de 1906
(98) - *O Theatro*, 8 de agosto de 1906
(99) - *Amazonas*, 26 de outubro de 1906
(100) - *Amazonas*, 14 de agosto de 1907

Nem Vilaça, nem Bosi e nem Schiavinato foram os únicos cantores a se apresentar em Manaus àquela época. Mesmo assim, o maior número de recitais de música lírica parece ter sido dado pelas companhias estrangeiras, que se apresentavam em concertos com peças variadas, de diversos autores, sempre ao final da temporada (ver Apêndices)

Como a música lírica (e de cena, em geral) era bastante apreciada pelo público manauense, um bom número de estabelecimentos tomou lugar a partir de 1890. De início, o próprio Éden-Theatro sobreviveu à concorrência do Teatro Amazonas, ocupando seu palco com empresas menores e cantores que executavam repertório variado, entre a cançoneta e a ària de *grand opera*. A maior frequência destes artistas parece ter se dado a partir da virada do século. Em 1901, o artista cômico Carlos Braga sucedeu à cantora Elene Dupard, que se fazia acompanhar do seu filho Artur(101). Ainda em março deste mesmo ano quem pisava o palco do Éden Theatro era a francesa Clemence, *"... conhecida pelo seu trino de garganta de rouxinol."*(102) Em maio de 1901 uma companhia de variedades ocupava o teatro a fim de proporcionar ao seu público uma temporada mais longa(103). Vale lembrar que para a manutenção de artistas no Éden-Theatro havia uma facilidade com que não contavam outros estabelecimentos do gênero. O Éden foi por muito tempo um anexo do Hotel do Commercio e, ao que parece, mesmo trocando de mãos, ambos os negócios sempre pertenceram ao mesmo dono. Para garantir o decoro, dadas as conveniências e costumes da época, os proprietários, em épocas diferentes e conforme a necessidade, desligaram a passagem entre o hotel e o teatro, o que deve ter acontecido ao menos em períodos de renovado movimento para os estabelecimentos.

No Éden, a partir de 1902, é certa a presença permanente de uma companhia de variedades, composta essencialmente de cantores e de uma orquestra. A orquestra estava a cargo do maestro Guido Gazoppi(104), pianista e dono de uma loja de partituras e instrumentos musicais(105). Sob sua direção trabalhou um numeroso grupo de cantores: Giustina Polegatta, Gina Blasi, Lina Grimaldi, Assunta Falconetti, E. Esperanza, Elvira Espanha, Eduvirges Zucra, Lina Colombo, Salvador Palau e Pedro Borcelo. Esta trupe desempenhou um repertório que ia desde as cançonetas, romanzas e árias prediletas do momento, até zarzuelas ("Coro de Senhoras", "*El Gorro Frígio*" e "*Sobriños de Ramón*") e *vaudevilles* ("*Para casa de los padres*")(106); as danças da moda, como o maxixe, também não eram esquecidas(107).

Tendo obtido sucesso como *music-hall*, o Éden em breve mudaria de dono e de nome. Em 1904, foi comprado pela firma Metello & Soares, que já mantinha outros estabelecimentos do gênero em outras capitais(108), e passou a se chamar Teatro El Dorado.(109) Não é sabido se o maestro Gazoppi, ou qualquer outro membro da companhia anterior permaneceu na equipe do El Dorado. O certo é que em 1905 outros nomes passaram a fazer grande sucesso no teatro da Praça da República: as cançonetistas Elvira Beneventi, Jeanne de Jençais, Josephina Ferran (também bailarina) e Isolina Santori, harpista(110). A orquestra do El Dorado era dirigida, nesta mesma época, pelo maestro Manoel Coll(111).

---

(101) - *Amazonas*, 6 de março de 1901
(102) - *Amazonas*, 30 de março de 1901
(103) - *Amazonas*, 21 de maio de 1901
(104) - *Quo Vadis?*, 29 de novembro de 1902
(105) - *Amazonas*, 28 de março de 1908. A loja de Guido Gazoppi ficava na Rua Henrique Martins, no 23.
(106) - *Quo Vadis?*, 1o de janeiro e 22 de março de 1903
(107) - *Quo Vadis?*, 13 de janeiro de 1903
(108) - *Jornal do Commercio*, 19 de julho de 1904
(109) - Idem. Referência mais antiga do El Dorado: *"El Dorado, café cantante, antigo Éden, Para e Manaos, musica todas as noites"*
(110) - *Amazonas*, 4 de novembro de 1905
(111) - Idem

Os artistas da empresa Metello & Soares, dada a sua popularidade, chegaram a ocupar o palco do Teatro Amazonas em determinadas ocasiões, para alguns benefícios.(112) Isto também atesta a qualidade do grupo contratado para as noitadas musicais do El Dorado.

É claro que nem só de música vivia o El Dorado. Em fins de 1905, por exemplo, após a festa artística da cançonetista Palmira Pires, o teatro passa a ser ocupado pelo grupo dramático dos atores Carlos Pestana e Machado Corrêa, que intercalava pequenas comédias com *vaudevilles*(113), cuja autoria de alguns saiu de dentro do próprio grupo, (como "O Eclipse"); este grupo contava com artistas residentes em Manaus: Emília Rebello, Lino Rebello, Mercedes Ballart e Henrique Maia, dentre outros(114).

Deve dizer-se que os preços de ingresso no Éden-Theatro, às vésperas de se tornar El Dorado eram razoavelmente acessíveis: cadeiras a 2 mil e 5 mil réis e camarotes de 15 mil e 20 mil réis (preços de segunda e primeira classe respectivamente). (115)

Para manter a fama de ser o único teatro de Manaus, *"com diversões permanentes"*(116), pois a casa abria irrepreensivelmente todas as noites (basta que para isso se veja as datas dos espetáculos ao longo de sua história), o El Dorado trazia sempre que possível uma grande variedade de atrações, como mágicos e até mesmo, em certa ocasião, uma dupla de nome Negri e Marini com seus 30 papagaios amestrados(117).

As últimas atrações anunciadas no El Dorado, além do grupo do ator Carlos Pestana e Machado, em 1907, foram as cançonetistas Dina Gigli, Izabel Moronini, Sílvia Olivars e Isolina Santori (em segunda temporada), em maio de 1906(118), e as cançonetistas Lucinda Novaes e Elma Biarry; esta estreou no fim de 1906 e esteve em cartaz até 1907.(119) Diz-se isso porque a partir de então não se vêem mais os anúncios do dito teatro e da respectiva empresa nos jornais locais, ainda que de forma esporádica, como noutras vezes.

Ignora-se também se o estabelecimento foi vendido e/ou mudou de nome após essa data. Afinal a estrutura do Éden-Theatro já vinha sofrendo reformas ao longo dos tempos, para abrigar mais confortavelmente os seus frequentadores, e quando se transformou em El Dorado recebeu melhoramentos artísticos consideráveis, realizados por Arturo Luciani, como por exemplo os panos de boca(120). Sua localização, uma das melhores da capital amazonense, àquela época, era ao lado do Hotel do Commercio, em frente ao Hotel Cassina(121), na mesma praça onde se localizava a sede do governo. Esta região, aliás, era uma das de maior movimentação noturna em Manaus, repleta de cafés-concerto, pequenos teatros e *music-halls*, que iniciavam as atividades desde bem cedo.

(112) - *Amazonas*, 4 de novembro de 1905
(113) - *Amazonas*, 19 de novembro de 1905
(114) - *Amazonas*, 12 de dezembro de 1907
(115) - *Quo Vadis?*, 1o de janeiro de 1903
(116) - *Amazonas*, 25 de maio de 1906
(117) - *Amazonas*, 29 de maio de 1906
(118) - Idem
(119) - *Amazonas*, 29 de janeiro de 1907. Elma Biarry estreou no El Dorado em novembro de 1906
(120) - *Jornal do Commercio*, 22 de julho de 1904
(121) - Inaugurado em

Um dos grandes concorrentes do El Dorado era o Cassino Amazonense. Localizado na Avenida Eduardo Ribeiro, sua inauguração se deu em 14 de setembro de 1901, às 2 da tarde, com a presença do governador Silvério Nery; nesta mesma noite a afluência do público que fez lotar suas dependências, dava mostras do sucesso que seria(122). Possuía além de um excelente botequim e restaurante, um teatro(123) com uma orquestra e grupo de cantores líricos de primeira ordem. A orquestra, dirigida por Romeu Dionesi, tinha nomes como o de Cesar Vesce (professor da Academia de Belas Artes), José Brancatti, Ildefonso Pereira, Sobreira Lima e Giovanni Gollia(124) Os cantores foram arregimentados na Companhia Lyrica que Juca Carvalho trouxera poucos meses antes: Elvira Miotti, Maria Brandolini, Thereza Piantani, Ida Bordonetti, João Gollio(sic) e o barítono Stanislau Guillori(125). Além da trupe lírica, o Cassino Amazonense também contou com um par de boas cantoras, que fizeram estrondoso sucesso com um repertório de modinhas, lundús, maxixes e cançonetas: Flora Ribeiro e Júlia d'Érico(126)

Mas o gênero do café-concerto e do *music-hall* não terão se iniciado com estas duas grandes casas. Apesar de, até o momento, não ser possível precisar qual foi a primeira de todas, pode-se afirmar que antes das duas acima mencionadas começarem a explorar esta atividade, outras como a que se chamou Bilhares do Jardim, já dava concertos às terças, quintas, sábados e domingos, no ano de 1898.(127). Depois desta (ou possivelmente ao mesmo tempo) muitas outras passam a se anunciar, todas com função musical, à tarde e à noite, para seus frequentadores.

Em 1900 já existia o Café da Paz(128) e o High Life Club(129). Em 1901 o Recreio Aurora(130) Em 1902, o Café Suisso(131). Em 1904, o Café dos Terríveis(132). Em 1906, o Café Montanha, com um pequeno teatro(133). Em 1907, o Café Riche(134) e o Chalet Jardim(135) Em 1908, o Parc Amazonense(136) e o Reform Club(137). Em 1909, a Confeitaria Bijou, o Salão Amazonas, o Recreio Amazonense, o Grande Hotel, o Restaurant 31 e restaurante Campos Elysios(138).

Não há muitas informações sobre os conjuntos musicais destes estabelecimentos. O Café Riche possuía um quarteto permanente, formado por Guido Gazoppi (não se sabe que instrumento tocava neste grupo), o violinista Armando Lameira, o flautista Manuel Alfredo de Campos e mais um quarto membro de nome não revelado, acompanhados eventualmente pelo flautista Sobreira Lima(139). Posteriormente, em 1909, o grupo do Café Riche, que atuava sempre das 4h da tarde até as 6:30h, modificou-se para quinteto e em seguida para um terceto.(140)

---

(122) - *A Federação*, 11 de setembro de 1901
(123) - Idem
(124) - Idem
(125) - Idem
(126) - *A Federação*, 29 de setembro e 16 de outubro de 1901
(127) - *Commercio do Amazonas*, 18 de julho de 1898
(128) - *Diario de Noticias*, 26 de janeiro de 1900. O Cafe da Paz possuia um piano *"movido por um pequeno motor, fazendo com variadas peças as delicias dos frequentadores"*. O autor, Max Brunn, era construtor e restaurador de pianos, residente em Manaus.
(129) - *Diario de Noticias*, 13 de fevereiro de 1900
(130) - *Amazonas*, 6 de março de 1901
(131) - *Quo Vadis?*, 24 de dezembro de 1902. Localizava-se na Rua da Instalação
(132) - *Jornal do Commercio*, 17 de outubro de 1904
(133) - *Amazonas*, 23 de outubro de 1906
(134) - *Amazonas*, 16 de junho de 1907
(135) - *Amazonas*, 14 de março de 1907
(136) - *Amazonas*, 22 de abril de 1908
(137) - *Amazonas*, 12 de dezembro de 1908. Localizava-se nos altos do sobrado do Cafe dos Terriveis
(138) - *Jornal do Commercio*, 24 de janeiro de 1909
(139) - *Amazonas*, 16 de junho de 1907
(140) - *Jornal do Commercio*, 28 de março e 17 de abril de 1909

unesp

No Parc Amazonense a programação era diferente. Localizado na antiga chácara "O Pensador", funcionava como um clube campestre, com áreas ao ar livre, para jogos (malha, barra, trapézio e outros que se praticavam nesta época), cômodos para alugar às famílias (ou também no regime de pensão) e, aos sábados, bailes das 3 da tarde às 11 da noite.(141)

O Chalet Jardim deu início a sua temporada de concertos instrumentais em 1907. Com início às 8h da noite, um grupo de tamanho não determinado (mais provavelmente um quarteto de cordas) executava um programa, sempre de 12 peças, constituído de *poutpourris* de óperas conhecidas e música erudita ligeira, geralmente valsas, *schottisches* e polcas, de autores bastante famosos à época, como Waldteufel, Gillet e Berger(142). A frequência destas apresentações dava conta de 6 a 8 concertos por mês e intercalava-se a música instrumental com a exibição de cançonetistas. Em 1909, uma companhia de artistas, constituída principalmente por cançonetistas, mantinha a casa aberta todos os dias da semana(143)

No início de 1909, as irmãs Bressler, duas instrumentistas que atuavam na Confeitaria Bijou, foram substituídas neste estabelecimento por um terceto não identificado (o duo teria ganhado um novo membro?).(144) A Confeitaria Bijou funcionava de terça a domingo e seus concertos começavam às 8:30; na época do terceto eles se estenderam até meia-noite.(145)

No restaurante Campos Elysios, os professores italianos Gino Carpanetti e Giuseppe Saudre trabalhavam de terça a domingo a partir das 8:30h da noite, também, havendo por vezes um quarteto em seu lugar(146). Este restaurante ficava aberto das 6h da manhã até a meia-noite. O largo horário de atendimento e a música de ambiente não eram prerrogativas exclusivas do restaurante Campos Elysios, pois no mesmo estilo havia também (pelo menos) o Restaurante Degas e o Restaurante 31, neste existindo famoso e elogiado quinteto.(147)

O Salão Amazonas e o Recreio Amazonense eram casas de diversão musical variada, quase certamente *music-halls*, mas também alugando as suas dependências para festas e bailes particulares.(148)

O Grande Hotel, localizado na Rua Municipal (hoje Sete de Setembro) mantinha um quinteto tocando das 6:30h da tarde às 8h da noite.(149)

Entretanto, o que parece ter sido o mais bem sucedido de todos estes grupos, que atuavam junto aos cafés e restaurantes, chamava-se Quarteto dos Terríveis. O quarteto surge com a reinauguração do Café dos Terríveis em outubro de 1904(150). O prédio do estabelecimento abrigou, a partir de então, em seu piso superior, o Clube dos Terríveis e mais tarde, por certo tempo, o Reform Club. O Quarteto dos Terríveis era formado pelo pianista Arão Benjamin, o violinista Ugo Pagani, o violoncelista Cesar Vesce e o flautista Manuel Alfredo de Campos.(151)

---

(141) - *Amazonas*, 22 de abril de 1908

(142) - *Amazonas*, 14, 16, 20 e 27 de março de 1907: oferece o repertório dos primeiros concertos que foram dados no Chalet Jardim.

(143) - *Jornal do Commercio*, 1 a 21, 23 a 28 de fevereiro de 1909

(144) - *Jornal do Commercio*, 2 de maio de 1909

(145) - Idem

(146) - Campos Elysios era um restauarante de propriedade de Manoel Alves de Oliveira e localizava-se à Praça Tamandaré. Ver *Jornal do Commercio* , 30 de janeior de 1909

(147) - *Jornal do Commercio*, 23 de fevereiro de 1909. O Restaurante Degas tinha *"dois professores italianos"*. Ver *Jornal do Commercio* de 31 de janeiro de 1909.

(148) - Idem nota número 143

(149) - *Jornal do Commercio*, 28 de março de 1909

(150) - *Jornal do Commercio*, 17 de outubro de 1904

(151) - *Jornal do Commercio*, 29 de outubro de 1904

unesp

O repertório do grupo era semelhante aos de tantos outros que tocavam nos restaurantes e cafés da cidade (*poutpourris* de óperas e operetas, e música de dança de salão: valsas, polcas, etc.), mas com certa ênfase para autores locais. O Quarteto dos Terríveis terá executado em primeira mão, obras de Raymundo Donizetti (o *schottisches* "Luizinha" e "Zizi", e a valsa "Como esquecer-te"), M. Deprez (a valsa "*Souvriz d'Avril*), Giácomo Cornetti (a valsa "As ondas do Guajará" e o *schottisch* "Elegância Amazonense"), Guido Gazoppi (a valsa "*Souvenirs*"), Luiz R. Lima (o *schottisch* "*Hymen*"); Alfredo Verdi de Carvalho (o *schottisch* "Sorrindo") e do próprio Arão Benjamin (as valsas "Morena", "Ella" e "*Toujours Glissant*" e a *passacalle* "*El Portuguesito*").(152)

Eventualmente outros músicos eram convidados a participar dos concertos do Quarteto dos Terríveis, como foi o caso do violinista E. Pacciani e do flautista Sobreira Lima(153). Os concertos do Quarteto dos Terríveis deixaram de ser anunciados nos periódicos locais (eram inclusive numerados) por volta de fevereiro de 1907. Nesta época o grupo já se anunciava como quinteto e coincidentemente, isto acontece ao mesmo tempo em que o quarteto do Chalet Jardim já iniciava seus trabalhos, fazendo-se anunciar nos periódicos locais.

Certamente existiam outros estabelecimentos do gênero, em Manaus, mas pouco anunciaram e muitos ainda devem permanecer incógnitos por algum tempo. Exemplo disso é um certo Theatro Variedades que acusa sua existência em 1908.

Algumas casas iniciaram suas atividades como teatro, passando em seguida a *music-hall* e posteriormente à cinema. Uma delas é o Theatro Polytheama, que ainda viu alguma representação dramática em seu palco. Parece ter começado com circo de cavalinhos, em seguida tornando-se uma espécie de *music-hall*, passando depois a cinema.(154) Outra destas casas, e que até gozou de maior prestígio em seu tempo, foi o Theatro Cassino Julieta. Inaugurado pela Companhia Lyrica Francesa de 1907, com um variado concerto lírico, permaneceu uns bons anos ainda a abrigar espetáculos de grupos dramáticos locais. A partir de 1908/9 já possuía récitas regulares de cinematógrafo, praticamente todos os dias, vindo então a mudar o seu nome em 1912 para Cine Teatro Alcazar. O Theatro Cassino Julieta também tinha a sua orquestra para as sessões cinematográficas, tal qual o Polytheama e o Teatro Amazonas, quando nestes se instalava o cinematógrafo.(155) Em 1910, outro estabelecimento similar, o Teatro Alhambra, também explorou espetáculos cinematográficos e possue a sua orquestra própria.(156)

Entretanto, fala-se dos teatros, cafés-concerto, *music-halls* e cinemas, mas não se deve esquecer que também foram muitos os clubes particulares onde as partidas concertantes e dançantes tinham lugar. Alguns deles cediam seus salões para concertos de câmara. Os sócios do Internacional Club, por exemplo, assistiram em 1907 ao violoncelista Luiz Figueras, no dia 29 de maio, ao tenor José Maragliano, nos dias 13 e 19 de novembro. Em 13 de janeiro de 1908 ao mandolinista Martiniano Brandão, e em 6 de março deste mesmo ano, ao violinista Armando Lameira(157). O repertório destes artistas era de grande nível técnico e qualidade, como muitas peças de virtuosidade. O violoncelista Luiz Figueras executou um Concerto de Goltermann, um quarteto de Boccherini, as "*Czardas*" de Fischer, uma "*Polonaise*" de Metsdorff, para violoncelo e piano, um minueto de Becker e o "Romance Brasileiro" de Artur Napoleão.

---

(152) - Ver Apêndice "B"

(153) - *Amazonas*, 13 de dezembro e 25 de outubro de 1905.

(154) - Vale, S. Obra Citada p.45

(155) - A orquestra que acompanhou o cinematografo no Teatro Amazonas, era dirigida por Alfredo Donizetti

(156) - *Diario do Amazonas*, 3 de março de 1910.

(157) - *Amazonas*, 29 de maio, 13 e 19 de novembro de 1907; 13 de janeiro e 6 de março de 1908

unesp

O grupo que o acompanhou estava composto pelos violinistas Geraldo Amorim, Gentil Bittencourt e Armando Lameira, o pianista Dolne (maestro ensaiador da Companha Lyrica Francesa de 1906) e o flautista Sobreira Lima, que teve a oportunidade de se destacar nos quartetos de Boccherini e Kuhlau, e nos "*Morceaux*" no 3 e 5, de G. Popp, para flauta e piano; Lameira também fez dois solos acompanhado do piano: a "*Mazurka Obertass*" de Wieniawsky e "*Souvenir d'Amerique*" de Henry Vieuxtemps.(158) Não se sabe quais as peças interpretadas pelo tenor Maragliano, mas sabe-se que foi acompanhado por Antonio Campos, Quintino Cunha, Patrocínio Filho e o pianista Domingos Roque.(159) Martiniano Brandão foi auxiliado por João Moreira, o violinista Armando Lameira, o pianista Domingos Roque e um quinteto de cordas cujos membros são desconhecidos até o momento. Brandão interpretou 4 peças (a "*Inspiration*" de Patierno, o *intermezzo* da "*Cavalleria Rusticana*" de Mascagni e 2 valsas, sendo uma de sua autoria e a outra de Puccini, extarída da ópera "*La Boheme*") e as outras 5 ficaram a cargo de seus coadjuvantes; Armando Lameira tocou uma peça de Schumann e exibiu-se mais um vez no "*Souvenir d'Amerique*", enquanto Domingos Roque tocou duas peças de sua autoria, intituladas "Diálogo" e "*Impromptu*". O quinteto de cordas executou um *poutpourri* da célebre opereta de Lecocq, "*La fille de Madam Angot*"(160) O concerto de Lameira dias mais tarde também ofereceu peças de virtuosidade (obras de Sarasate, Wieniawsky e Beriot) ao público do Internacional Club, mas o mais importante a se registrar aqui é a participação de seus alunos de violino neste recital. Eram eles: Eloy Cezar, Consuelo Canuto, Cícero Bezerra, Celeste Maia, Raphael Afialos e Nanete Worms (provavelmente filha da pintora impressionista francesa Betty Worms, que viveu em Manaus).(161) É bastante possível que os concertos do Internacional Club, mesmo sendo divulgados em jornal, fossem assistidos exclusivamente por associados. E o que leva a crer nesta hipótese é o fato de que o violoncelista Luiz Figueras deu novo recital dias depois daquele no Internacional Club, quase sem alterações no repertório, sendo que desta vez o concerto tomou lugar no Salão Nobre da Intendência Municipal, que como já foi possível perceber era uma das salas públicas de concerto na cidade.(162)

Outro clube particular que oferecia concertos aos seus associados era o Ideal Club, fundado em 1903. O concerto de inauguração do clube foi na verdade uma partida dançante, mas que contava com a presença do renomado Sobreira Lima na orquestra, e este teve oportunidade de fazer incluir no repertório algumas peças de sua autoria; ao que parece este grupo musical, dirigido pelo jovem Raymundo Donizetti Filho, manteve-se junto ao Ideal Club por mais algumas *soirées*.(163) Em 1906, um quinteto formado pelo violinista Henrique Jorge, o violoncelista Giorgio Favaron, o contabaixista Campelo, o flautista Alfredo Santos e o pianista Domingos Roque, executou peças, em sua maioria de autores nacionais. Do próprio Domingos Roque ouviu-se "Barcarola", "Tarantela", a gavota "Nunca Mais" e o "Romance" op. 4, para piano. De Romeu Dionesi foi executada a sua famosa "*Berceuse*" para violino e piano. Completou-se o programa com obras de Júlio Reis, Angelo Mariani, Faulhaber e dos europeus Bériot e Schumann.(164)

(158) - *Amazonas*, 29 de maio de 1907
(159) - *Amazonas*, 13 de novembro de 1907
(160) - *Amazonas*, 13 de janeiro de 1908
(161) - *Amazonas*, 6 de março de 1908
(162) - *Amazonas*, 8 de junho de 1908
(163) - Braga, G. *Assim Nasceu o Ideal Clube* Manaus, Imprensa Oficial do Estado, 1980, p. 17 e 26
(164) - *Amazonas*, 20 de julho de 1906

unesp

Vários outros clubes particulares reuniam-se frequentemente para *soirées* dançantes. Em 1897 fundava-se o Sport Club(165). Em 1901, o Club dos XXXV(166), e o Club Recreativo Mocoense, de Anchises Brasil Corrêa, Francisco Tapajós, Joaquim Sarmento e Samuel Souto(167). Em 1903, o Club Democrata, o Cluc Cacau, o Club União, o Clube da Mocidade, o Bosque da Cachoeirinha e o Centro Artístico Operário Amazonense(168). Em 1908 o Arion da Cachoeirinha(169), o Clube Dramático da Amazônia(170) (mais um onde trabalhava o flautista Sobreira Lima) e o Grupo Dramático Gil Vicente, com sua Tuna dirigida por Alfredo Verdi de Carvalho, que em pouco tempo tornou-se famosa(171). No Gil Vicente, a Tuna desempenhava papel importante, pois os espetáculos mensais do Grupo incluíam uma parte dramática, onde quase sempre se executava uma revista ou *vaudeville*, e uma parte dançante(172). É bem provável que o maestro Verdi de Carvalho tenha começado a sua brilhante carreira de revisteiro à frente da Tuna do Gil Vicente.

Entretanto outra tuna, alguns anos antes, já fizera sucesso e sem se mostrar vinculada a algum clube dramático. Em 1902, no prédio de número 25 da Estrada de Epaminondas, fundou-se a Tuna Amazonense, composta por 18 membros sob a regência de Manuel A. de Campos.(173). A Tuna Amazonense, constituída por sócios executantes e contribuintes, vinha formada por *"rabecas, guitarras, bandolins, violões, flautas, violoncelo, dois pandeiros e castanholas"*(174) e era considerada uma novidade no gênero.(175) Os seus membros tocavam vestidos a caráter e até possuíam um estandarte.(176)

Certamente, muitos outros grupos mais, que não podiam, ou não precisavam se anunciar nos periódicos, mantinham-se ativos na cidade. O número de concertos e *soirées* deve ser muito maior do que o relacionado no Apêndice "B" deste trabalho e o fundamento para tal afirmação é a enorme quantidade de pequenas notas que indicam em determinado dia, ou lugar uma apresentação muiscal. Muitas destas pequenas notas trazem uma indicação isolada (por vezes somente o nome de algum músico, noutras o lugar ou o repertório) e por absoluta falta de conteúdo informativo não podem fazer parte da sobredita relação de concertos. Desta feita tem-se a plena certeza de que muitos nomes de músicos, grupos e lugares onde se praticava música, permanecem ocultos.

Sabe-se ainda que houve um bom número de concertos nas residências particulares, promovidos por grupos de amigos ou mesmo por um diletante mais abastado ou apaixonado. Para que exemplos disto não fiquem sem registro, basta que se diga que o flautista Gervásio de Castro, dentre muitos concertos que deu em Manaus quando aqui esteve em 1893, executou um na casa do capitão Hilário Álvares, em que tomou parte também o violinista Adelelmo do Nascimento(177) e que em 1907, na residência do sr. Paes de Andrade, apresentou-se o jovem violinista francês Daumau(178)

---

(165) - *Amazonas Commercial*, 15 de novembro de 1899
(166) - *Amazonas*, 6 de março de 1901
(167) - *Amazonas*, 5 de fevereiro de 1901
(168) - *Quo Vadis?*, 7 de fevereiro de 1903. Libânio do Amaral era sócio do Club Cacau
(169) - *Amazonas*, 2 de março de 1908
(170) - *Amazonas*, 10 de outubro de 1908. Este clube é quase certamente mais antigo.
(171) - *Amazonas*, 19 de janeiro e 9 de agosto de 1908
(172) - Os espetáculos aconteciam no fim do mês.
(173) - *Quo Vadis?*, 13 de fevereiro de 1902
(174) - Idem
(175) - *Quo Vadis?*, 3 de fevereiro de 1902
(176) - Idem
(177) - *Diario de Manaos*, 9 de dezembro de 1893
(178) - *Amazonas*, 30 de agosto de 1907

unesp

O cultivo da música em ambientes privados é consequência da profusão de espetáculos e estabelecimentos onde eles ocorriam. Mesmo nas ruas, praças e nos passeios públicos sempre houve música. As Bandas do Regimento Militar do Estado tinham por tradição apresentar-se todos os dias em mais de um ponto da cidade; quase sempre nos coretos das praças. Eram pelo menos 2 bandas, do 1º e 2º Batalhão do Estado, que sucederam nas obrigações àquela do 3º Batalhão de Infantaria, pertencente ao período provincial. O repertório destes grupos constituía-se de *poutpourris* de óperas conhecidas da época e diversas valsas, polcas, *schottisches* e outros ritmos dançantes do agrado popular; nestes casos, ainda que não faltassem peças de Waldteufel e seus contemporâneos europeus, as bandas executavam em especial as partituras de autores locais, em sua maioria músicos do próprio regimento, como é o caso do maestro Aristides Bayma, que atravessou décadas no comando destas corporações. Aristides Bayma chegou a fazer alguns arranjos, fantasias e *poutpourris* de óperas ("*Fra Diavolo*" de Auber e "*Il Trovatore*" de Verdi, por exemplo), dada a sua paixão pelo gênero(179). As bandas em concerto, não se demoravam menos de uma hora e parece que nunca excederam a 3 horas de apresentação contínua.

Por fim, deve ser feito o registro de 3 concertos em especial, ambos ocorridos em 1906(180). O primeiro, com obras do maestro Giácomo Cornetti, realizado no Teatro Amazonas, com uma orquestra local, chama a atenção para este autor relegado ao obscurantismo nos tempos atuais, apesar de gozar da aceitação do público e da crítica de sua época. Cornetti, além de músico de qualidades evidentes, revelou-se compositor de habilidade. Este concerto de 1906 mereceu atenção especial da crítica. Da mesma forma, o violinista ítalo-amazonense José Sabattini (chamado de conde), que foi bolsista do Estado do Amazonas na Europa, obteve atenção da crítica local quando, no ano de 1906, dirigiu uma orquestra no Teatro Amazonas; ele deu um segundo recital, desta vez empunhando o seu violino, no mesmo ano e local.

A descrição dos concertos de ambos os músicos, bem como as impressões sobre as obras e as interpretações, fazem parte do capítulo seguinte, que trata da crítica musical.

(179) - *Diario de Manaos*, 15 de novembro de 1893 e 18 de fevereiro de 1894
(180) - *Amazonas*, 12 de outubro e 26 de dezembro de 1906

unesp

Capítulo 3

A Crítica Musical e as preferências do público

3.1 O gênero lírico e seus semelhantes

A despeito do que se costuma dizer hodiernamente acerca da movimentação cultural de Manaus neste período da borracha - que ela teria sido incipiente e na melhor das hipóteses medíocre - a cidade viveu intensamente esta época e gozou de avanços significativos que a tecnologia de seu tempo estava a proporcionar. Os bens culturais de que seus cidadãos puderam dispor, ficam equivalentes a tais privilégios, ainda que do elenco reunido nos palcos da capital amazonense não faça parte a constelação desejada, e até 'exigida', por muitos dos atuais detratores da Manaus daquele tempo. Pergunta-se a estes: terá sido Caruso o único grande cantor lírico do mundo àquele tempo? E Sarah Bernhardt a única exímia em seu gênero? Será que os desmistificadores de hoje não estão recorrendo a novos (velhos) mitos para se libertarem de outros mais antigos? Dizer que a vida cultural de Manaus na época da borracha foi um engodo, por não ter presenciado Caruso ou Sarah Bernhardt, é querer reduzir o mundo cultural a estes artistas; ambos obtiveram fama (até por motivos extra teatrais) e não se quer negar isto, mas seguramente não foram eles os únicos capazes de grandes interpretações e de arrebatar o público (ainda mais um público cosmopolita como o daquela Manaus), provocando comoção e reflexão.

Então, qual teria sido o desempenho dos vários artistas que visitaram Manaus nas diversas temporadas teatrais? Como se saíram os concertistas que atuaram nas salas da capital amazonense? Baseados em quê, crítica e público de Manaus se manifestaram por este ou aquele espetáculo, a favor deste ou daquele artista?

Deve-se admitir que a consciência crítica e o juízo de gosto destes cidadãos formaram-se, principalmente, a partir da chegada dos migrantes de variada procedência, que para cá vieram trazendo novos padrões culturais. Prova disto é a ausência de crônicas que emitam qualquer opinião a respeito dos espetáculos, nas primeiras décadas provinciais. Inclusive, nestas duas primeiras décadas poucos foram os periódicos que circularam em Manaus. O primeiro deles, chamado "Cinco de Setembro", é hoje raríssimo e o seu sucedâneo, O "Estrella do Amazonas" também é difícil de ser encontrado, ainda que não tão escasso. À mesma época do "Estrella do Amazonas", circulou em Manaus o "Jornal do Amazonas" (o primeiro com este nome), propriedade da Sociedade Aliança Amazonense; era dirigido por José Coelho de Miranda Leão Jr. e no posto de impressor estava Francisco de Paula Britto(1). Logo depois surgem o " Jornal do Rio Negro"(1867), o "Correio de Manáos"(1869), o "Commercio do Amazonas"(1869) e antes deles o "Amazonas" (1866). Os dois primeiros parecem não ter sobrevivido muito tempo. Os dois últimos ("Amazonas"e "Commercio do Amazonas"), além de terem existido por décadas, tornar-se-íam jornais de grande porte, nos quais apareceram comentários valiosos sobre a vida artísitica de Manaus (infelizmente, o que se pôde retirar do "Commercio do Amazonas" é muito pouco, por estarem seus exemplares quase que totalmente desaparecidos).

(1) - *Estrella do Amazonas*", 29 de fevereiro e 10 de março de 1860

unesp

Mas, antes que se fale destes periódicos, e de outros mais, deve-se falar de um outro "Jornal do Amazonas", surgido em 1875, onde aparece o primeiro cronista de que se sabe o nome: Luiz Viarello. Ele aparece a comentar os espetáculos da Empreza Câmara, na temporada do Theatro Beneficente, em 1880. Eis o que disse Luiz Viarello sobre a exibição do *vaudeville* "A Corda Sensível":

> *"... é interessante, burlesco e original, abundando em traças de fino espírito e em sátiras delicadíssimas, conserva-se expurgado de todo o vício grosseiro e do equívoco indecente que é a feição característica de quase todas todas as comédias francesas"* (2)

É ainda pelas palavras de Luiz Viarello que se pode saber como o público reagiu ao espetáculo:

> *"A platéia delirou: os artistas foram aplaudidos em todos os atos... A orquestra, que é composta por moços dedicados à arte, nada deixou a desejar, por vezes arrancando palmas à platéia..."* (3)

A orquestra do maestro Zuany receberia mais elogios de Luiz Viarello ao longo da temporada de Joaquim Infante da Câmara e sua Companhia, e o público também continuava a dar mostras de satisfação.(4)

Somente uns poucos anos antes é que nas páginas do "Diário do Amazonas", havia aparecido a primeira manifestação crítica a respeito de uma atividade cultural. É pena que o nome do cronista esteja incógnito:

> *"Sinto só que tão brilhante entretenimento deixe de progredir* [referindo-se a um grupo dramático]*...rapazes que tanta tendência mostravam característica para a cena, como era Souto, e outros, desanimem por falta de um ou dois influentes..."* (5)

Anônimo também era o articulista do "Jornal do Amazonas" que em 1876 não se agradou com a Banda do 3º Batalhão de Artilharia, achando-a mal ensaiada, quando de um espetáculo no Theatro Beneficente.(6)

Talvez seja o mesmo quem, no ano seguinte considerou o ator Lima Penante um artista talentoso, mas desaprovou os guarda roupas e cenários da sua companhia(7).

---

(2) - *Jornal do Amazonas*, 8 de setembro de 1880
(3) - Idem
(4) - Ver também *Jornal do Amazonas* de 25 de julho, 5 de agosto e de 12 de setembro de 1880
(5) - *Diario do Amazonas*, 11 de janeiro de 1873
(6) - *Amazonas*, 5 de julho de 1876
(7) - *Jornal do Amazonas*, 8 de setembro de 1877

unesp

Da mesma forma, anônimas serão muitas das críticas e crônicas de espetáculos a partir de Luiz Viarello, restando conjecturar que os redatores destes noticiosos, se não eram os articulistas, responsabilizavam-se pelos escritos, concordando com eles. Assim aconteceu em 1885, quando o cronista do "Jornal do Amazonas" garante que o público não arrepender-se-ía com a série de espetáculos que estava sendo dada no Theatro Beneficente, ocupado pelo grupo de Soares de Medeiros.(8) No ano seguinte, nas páginas do mesmo jornal, outro articulista desconhecido detem-se a comentar as atuações dos atores da Companhia de Lima Penante e Helena Balsemão, achando que o desempenho da maioria foi corretíssimo(9).

A primeira obra lírica a ser comentada terá sido um das preferidas do público manauara, "Os Sinos de Corneville" (na verdade representou-se uma paródia, com a música original de Planquette, intitulada "Os Sinos de Corneville em Arronches"), em 1887:

> *"Garantimos ao público que a peça é muito engraçada... A música é lindíssima e afiançam-nos pessoas que assistiram ao ensaio, que o sr. Lavor tem caprichado na boa execução"* (10)

O resultado da récita foi o melhor possível, pois Helena Balsemão estaria consagrada em Manaus, como artista de opereta e comédia; público e cronistas de jornal encarregaram-se em aplaudi-la bastante(11)

Boas atuações fizeram com que o público crescesse rapidamente e um número maior de pessoas passasse a se interessar por música e teatro, mesmo que por curiosidade.(12) Foi diante deste aumento da procura de lugares na sala do teatro que surgiu a necessidade de se fazer um outro, que acomodasse um pouco melhor os espectadores, resultando no Éden-Theatro, em 1888, uma vez que sem este tipo de diversão o público se considerava *"asfixiado pela fatal rotina"*.(13)

Só com a vinda da Companhia Lyrica Italiana de Joaquim Franco, em 3 anos consecutivos, (1890/91, 1892 e 1893) é que se tem a oportunidade de conhecer outro cronista. Este, escrevendo para o "Diário de Manáos", adotou o pseudônimo de Binocolini. Embora nem todas as crônicas e manifestações críticas que o "Diário de Manáos" fez publicar ao longo dos três anos, venham expressamente assinadas por Binocolini, o seu estilo inconfundível não deixa dúvida alguma sobre quem comentava os espetáculos operísticos naquela folha. Seus escritos são sempre bem humorados e ele revela-se ansioso por uma ópera de Wagner, ou qualquer outra diferente do tradicional repertório italiano. Para tanto, veja-se o que escreveu, em três ocasiões e anos diversos.

(8) - *Jornal do Amazonas*, 19 de dezembro de 1885
(9) - *Jornal do Amazonas*, 18 de novembro de 1886
(10) - *Jornal do Amazonas*, 6 de janeiro de 1887
(11) - *Jornal do Amazonas*, 11 de janeiro de 1887
(12) - É o que afirma o cronista do *Jornal do Amazonas*, em 2 de abril de 1888, ao anunciar o Eden-Theatro
(13) - *Jornal do Amazonas*, 8 de maio de 1888.

unesp

Em 1891:

"Não sendo o autor destas crônicas entendido em música e só tratando deste assunto com simples registros e nunca como crítico.. pouco se dá com questões de estilo e de época...

Tanto batemos palmas a Traviata como a Força do Destino, do mesmo autor mas de estilo totalmente diverso e depois de termos feito reverência a uma obra de Donizetti, não hesitaríamos em queimar incenso no altar wagneriano se alguma vez nos for dado ouvir uma obra do mestre de Bayreuth" (14)

Em 1892, sobre a representação do "Fra Diavolo", de Auber:

"outra partitura velha, aliás como todas as outras óperas, pois que de dois anos a esta parte é que temos tido companhias líricas regulares para Manaus como novidade.

Demais já era tempo de variarmos de gênero e de estilo. Servir-nos todos os dias com a música de Verdi, as melifluidades de Bellini e de Donizetti à guisa de doces de sobremesa acabaria por estragar o paladar ao público e o aparecimento de mais um compositor no programa... muito influirá na educação do grato público" (15)

Em 1893, diante do repertório anunciado ele revela-se algo mais conformado, mas sempre mostrando suas preferências. Veja-se como ele descreve a ópera "O Duque de Vizeu", de Ettore Bosio:

"Os mais belos trechos são o dueto de amor do 1º e 3º ato em que o autor se revela francamente wagneriano, o bem trabalhado trecho da Ave Maria cantado nos bastidores enquanto outro motivo também diferente, trecho este que com a companhia melhor organizada viria a abrir brechas nas melodias que estamos habituados..." (16)

Ao longo destas três temporadas, Binocolini desenvolveria artigos com muito senso de humor e propriedade. Um dos seus alvos preferidos foi o público manauara, quando este se portava mal ou não comparecia nesta ou naquela récita:

(14) - *Diario de Manaos*, 20 de janeiro de 1891
(15) - *Diario de Manaos*, 26 de junho de 1892
(16) - *Diario de Manaos*, 5 de abril de 1893

"Sabe o leitor que esteve há pouco tempo na capital do Pará uma companhia lírica italiana dirigida pelo maestro Gama Malcher e largamente estipendiada pelos cofres daquele Estado; sabe também que esta companhia, por defeito de organização, desagradou geralmente ao público paraense, e que a maior parte das óperas que cantou fizeram fiasco, pela falta de afinidade entre os artistas principais; sabe mais que numerosas pessoas vindas do Pará e que vão assistir aos espetáculos no Éden-Theatro, proclamam a superioridade dos artistas contratados pelo maestro Franco, em confronto com os que trouxe o maestro Malcher, embora este contasse com vultosa subvenção e aquele não contasse mais do que com um ridículo capital unido à sua experiência e à boa vontade. Mas o que talvez não saiba é que o maestro Malcher, terminando como pôde a sua estação no Pará, fez-se de vela com os artistas que sobraram de sua companhia para São Paulo, em cuja capital estão fazendo sucesso. Pelo menos é o que vemos numa correspondência escrita de São Paulo ao "Nacional" de Santos e cujo crítico na opinião daquela folha é respeitado em São Paulo. E agora querem saber quanto custa uma cadeira em São Paulo, no Teatro São José - preparem-se para arregalar os olhos - oito mil réis - para ouvir as sobras da Companhia que o maestro Malcher enviou a São Paulo. E tú manauense amigo, te encolhes todo para esbrugar os 3 mil da cadeira do Éden-Theatro. Tens uma cadeira a 3000 e deixas às moscas a Bianchi Montaldo, a Bosi, a Brini, o Callioni, o Dominici, ao passo que o paulista destemido de estômago fácil e ouvido condescendente, para ouvir os 4 pecados do maestro Malcher se bate à porta do Teatro São José pelos bilhetes. Tú, manauense amigo és um abalo de felicidade... Tens coragem de não encher o Éden?" (17)

Os cantores também não eram poupados se algo lhes acontecia de errado ou se soavam estranhas certas notas e passagens de suas partes:

"A sra Bourman revela prática de cena e apodera-se da personagem... desagrada a muitos espectadores um certo tremer na sua voz. Pode até ser que seja chic. É que não estamos acostumados." (18)

(17) - *Diario de Manaos*, 4 de janeiro de 1891
(18) - *Diario de Manaos*, 23 de fevereiro de 1893

Não eram poupados nem os defeitos do Éden-Theatro:

"... vamos antes de concluir, a algumas notas sobre o serviço do teatro.

Em primeiro lugar, a sala de espetáculos é pouco iluminada, uma senhora que se esmera no seu traje para ir ao teatro é pura perda. A quem cai na asneira de levar para lá um binóculo não leva mais que um trambolho inútil pelo simples fato de que, nesse caso, os vidros de aumento não servem senão para aumentar... a penumbra!

Em compensação o que faltou lá dentro de querosene sobejou cá fora de pólvora. Queimaram-se os costumeiros foquetes. Foguetes à porta de um teatro lírico! Oh! Manaus, esconde a tua cara envergonhada. Tú queres te elevar na riqueza e nos costumes e eles fizeram do teu teatro barraca de feira, com foguetes à porta. Por pouco não saí à rua o classico pregoeiro: -Hoje tem espetáculo? - Tem sim senhor!..." (19)

Apesar de seu humor contundente, Binocolini registra com satisfação e elogios, o bom desempenho de larga maioria dos artistas, das melhorias que se procederam no teatro e do público que, afinal de contas, ele mesmo admite que prestigiou as companhias de todas as temporadas: *"...o público, aliás, sempre disposto a apreciar e a aplaudir... deliciou-se com a voz maviosa do sr. Ambrosi"*(20). Pois foi por esforço pecuniário de particulares que a primeira companhia de ópera terá chegado a Manaus.

"O sacrifício pecuniário feito há um ano por meia dúzia de homens corajosos e de boa vontade fazendo vir a esta capital pela primeira vez uma companhia regular de ópera está hoje produzindo seus frutos. Sala cheia na estréia [da temporada de 1892, da Companhia Lyrica Italiana]..."(21)

Os escritos de Binocolini, descontando o seu ardor e mordacidade, deixam entrever um público heterogêneo, que estava a se formar, na sala das apresentações operísticas em Manaus. De forma alguma pode-se dizer que apenas a elite social, de costumes convencionais, compareceu a tais espetáculos. Bastaria argumentar que o jornal "O Guttenberg" tinha seu cronista teatral, que dava pareceres sobre os espetáculos que corriam no Éden e isto já é indicativo suficiente para se perceber que os leitores deste periódico, a classe trabalhadora, também se interessava pela ópera.(22) Entretanto, a heterogeneidade de que se fala, compreende um grupo de pessoas que variava entre o curioso e o apreciador. Em umas poucas noites, Binocolini se deparou com sujeitos grossos e mal educados, de maus hábitos, que entravam atrasados na sala de espetáculos, cuspiam no chão do *hall* e até levavam os cachorros...(23)

(19) - *Diario de Manaos*, 9 de junho de 1892.
(20) - *Diario de Manaos*, 10 de janeiro de 1891.
(21) - *Diario de Manaos*, 7 de junho de 1892.
(22) - *O Guttenberg*, 1o de maio de 1892.
(23) - Ver "Diário de Manaos" de 14 de junho de 1892. *"... permanece inabalável o costume de entrarem espectadores depois de começado o espetaculo, se bem que alguns que o cronista visse adotarem a sua receita, o que o honra e o enterneceu... ...andaram por lá três cachorros, um preto que sacudia sossegadamente as suas pulgas as pernas dos circunstantes; um cinzento e felpudo muito bem educado pois conservava-se quietinho. E um branco que soltou um expressivo gemido em Si bemol no meio de uma aria da sra. Bosi"*. A crônica refere-se a apresentação do "Rigoletto" de Verdi, no dia 12 do mesmo mês e ano. Ver tb. "Diario de Manaos" de 17 de junho.

unesp

"O ilustre colega do Commercio do Amazonas reclamou contra o hábito de alguns espectadores que entram na sala depois de começado o espetáculo, perturbando assim a representação; e lembra a propósito disto a recomendação de um sinal especial que poderia consistir num toque de campainha no próprio recinto do botequim, como cremos se usa no Pará. Quanto aos cães que têm a veleidade de querer intervir garganteando intempestivamente os seus latidos acode-nos uma idéia que não hesitariamos em classificar de extremamente luminosa. É cobrar-lhes a entrada. A compra do bilhete pelos proprietários desses amáveis bichanos não lhes confere direito além de suas próprias pessoas. Se querem levar um amigo em sua companhia, paguem" (24)

Dias depois deste artigo, por ocasião da récita de "Lucrezia Borgia", de Donizetti, com o teatro igualmente lotado, observa-se pela crônica de Binocolini um outro tipo de público presente ao Éden. A diferença de procedimento foi notada pelo cronista do "Diário de Manáos":

"Tudo andou perfeitamente: artistas, orquestra, coros, cenário, guarda-roupa e até o público, bateu palmas 3 ou 4 vezes aos cantores e ao Maestro Franco. O colega do jornal Commercio do Amazonas sugere que a companhia lírica seja auxiliada pelos cofres públicos com uma subvenção que a ponha ao abrigo dos prejuízos infalíveis sem intervenção pecuniária do governo" (25)

Teriam sido os mesmos que, dias depois, marcaram a apresentação, considerada irreprensível por Binocolini, com largos aplausos ainda no fim do 2º ato do "Poliuto" de Donizetti?(26) De qualquer forma, as diferenças de comportamento provocaram uma ligeira queda na frequência das récitas do Éden Theatro àquela temporada de 1892. O público parece ter se desagradado com problemas diversos, como a má iluminação da sala de concerto, a relativa falta de segurança (o público exigia que houvesse policiais no teatro, inclusive nos corredores) e a liberdade excessiva de ingresso ao teatro, quiçá provocada pelo preço baixo dos bilhetes associando-se a isto o fato de ser o gênero uma novidade; até mesmo o mau tempo em muitas daquelas noites, terá concorrido para a ausência de uma casa lotada como quis o cronista do "Diário de Manáos". Em uma das reprises da "Norma" de Bellini, ele terá exclamado:

"O público afluiu pouco ao teatro: coisa singular! Levamos aqui todos os dias a queixar-nos da pasmaceira, da carência de divertimentos, que Manaus já podia ter um bom teatro com uma boa companhia, e afinal, vem uma companhia mais que regular, e o próprio pequeno e único teatro que possuímos fica às moscas." (27)

(24) - *Diario de Manaos*, 12 de junho de 1892
(25) - *Diario de Manaos*, 18 de junho de 1892
(26) - *Diario de Manaos*, 29 de junho de 1892
(27) - *Diario de Manaos*, 17 de junho de 1892

unesp

Certamente, alguns dos problemas, como o da segurança, por exemplo, foram resolvidos ao longo desta movimentada temporada. Outros ficariam sem resolução adequada, e isto também deve ter contribuído para a falta de comparecimento ao teatro. Afastados os curiosos indisciplinados e o grupo diletante mantendo-se esquivo, Binocolini fez um apelo:

> *"A ópera foi magistralmente executada, mas não se sabe porque o público anda arredio. sentimos saudades dos soldados e dos cães, eles ao menos em sua predileção pela ópera povoariam aquela sala e aqueles corredores desertos* [aludindo ao não comparecimento da guarda aos corredores do teatro]. *Temos até ímpeto de mudar radicalmente de opinião.. ...que se faculte os lugares vagos à toda militança e cachorrança e mais quanto bicharoco tenha. Que entrem, que se assentem, que se repoltreiem, que escarrem, conversem, arrastem os pés, ladrem Wagner, uivem Donizetti, miem Verdi, mas encham o teatro, já que o público foge de lá! Deus dá nozes a quem não tem dentes: em que teatro numa estação lírica já se viu, em 25 dias, 12 óperas diferentes. Servem-lhes uma orgia de autores diversos e nada."*(28)

O resultado viria. O cronista Binocolini terá se regozijado ao ver o teatro novamente lotado, *"com cachorros e tudo"*, em noite de grande desempenho da ópera "*La Gioconda*" de Ponchielli(29).

Mas, para transcrever a reação do público às récitas das três temporadas, é necessário que se saiba a opinião de Binocolini a respeito dos artistas que integraram estas companhias.

Sabe-se que o elenco trazido por Joaquim Franco para a temporada de 1891, em Manaus, era bem superior ao que se apresentara no Pará e que seguira para o sudeste, àquela altura; o cronista do "Diário de Manáos" elogiou os cantores Maria Bosi, Constanza Brini, Bianchi Montaldo, Ambrosi e Callioni, eles tenores e elas sopranos. Viu-se também que Binocolini, ao considerar o tenor Ambrosi dono de uma voz maviosa, mostrou certa preferência por este cantor; nas palavras do cronista, Ambrosi foi um dos responsáveis por *"uma das melhores apresentações da temporada"*, em "Ruy Blas", de Marchetti, dividindo as glórias desta noite com Constanza Brini e a orquestra que teve *"elogioso desempenho"*(30) O único dos cantores que parece não ter agradado o cronista, foi o tenor Vicenzo Bruschi(31).

Na temporada de 1892, os destaques ficaram por conta do baixo Ladislão Pascoschi, que *"confirmou o que se esperava dele"*(32), e da orquestra: *"A fila dos violinos, em que está uma talentosa moça e outros gentis senhores é como que um pelotão denodado"*(33)

---

(28) - *Diario de Manaos*, 2 de julho de 1892. Em crônica de 5 de julho, no mesmo jornal: *"O unico apelativo para o publico não habituado com tais condimentos não pode deixar de ser a intervenção oficial. Agora, se o publico não esta satisfeito senhor Franco, abriremos uma companhia em favor de Maria Cochucha e Chê Iracema."*

(29) - *Diario de Manaos*, 21 de julho de 1892. Espetaculo em beneficio do maestro da companhia, Giacomo Cornetti.

(30) - *Diario de Manaos*, 5 de fevereiro de 1891

(31) - *Diario de Manaos*, 10 de janeiro de 1891

(32) - *Diario de Manaos*, 21 de junho de 1892

(33) - *Diario de Manaos*, 9 de junho de 1892

unesp

A reprise de "Ruy Blas" nesta temporada também foi *"magistralmente executada"*(34), assim como "*La Gioconda*", "*Lucrezia Borgia*" e "*Poliuto*", que como já se viu, estiveram acima da média. Não vá se imaginar que as demais récitas foram um fiasco. Pelo contrário. O grupo tinha qualidade e experiência. Basta que se diga que a estréia da companhia, com "*Il Trovatore*" de Verdi, foi um sucesso de crítica e público (este lotando a casa). Veja-se o que disse o exigente Binocolini:

> *"Conte Foroni* [Leonor] *é dotada de agradável presença e desembaraço cênico...*
>
> *Maria Petich* [Azucena] *tem recursos vocais e inteligente interpretação...*
>
> *Martinez Patti* [Manrico] *é um belo rapaz, de excelentes qualidades físicas, não é um simples autômato, preocupa-se com o lado dramático. Rigoroso observador das regras que adotou, Sante Athos* [Conde de Luna] *houve-se mais do que satisfatoriamente, com especialidade na ária do 2o ato. Os coros são um tanto fraquinhos. Os que lá estavam fizeram o que puderam. Há deficiências de pessoal. Para a orquestra uma menção especial - especialíssima mesmo!"* (35)

No "*Rigoletto*", uma semana depois, seria a vez de Bosi arrebatar o público em *"um de seus melhores papéis"*, brilhando ao lado de Ladislão Pascoschi, Martinez Patti e Desdêmona Campagnoli(36). Antes, a 9 de junho, numa récita da "*Lucia di Lamermoor*", onde a orquestra foi considerada esplêndida, Sante Athos foi *"de inexcedível correção"*(37). Elogios gerais granjearam todos os artistas, quando da "Norma" de Bellini, poucos dias mais tarde, ficando uma restrição *"à flauta que na 'casta diva' esteve de uma deplorável timidez"*(38). Em "Ernani", outra ovação: *"Martinez Patti, perfeito...!"*(39). Até o fim da temporada, antes dos benefícios, Conti-Foroni terá dominado completamente o público, em uma sequência de grandes óperas: ela esteve nos principais paéis de "Norma", "*Cavalleria Rusticana*", "Ernani", "*Lucrezia Borgia*" "*Poliuto*" e "*Il Trovatore*", obtendo êxito de tal forma que quando se anunciou a récita de "*Poliuto*", o "Diário de Manáos" afiançou: *"Conte Foroni em mais um sucesso no Éden"*(40)

Para a temporada de 1893, dados os problemas políticos que afetaram grande parte do país neste ano, foi difícil reunir novamente um grupo orquestral do porte apresentado nas temporadas anteriores: *"A orquestra parece não ser boa, ao incorrer sempre em erros e desacertos..."*(41) Ao que parece, na estréia da companhia lírica de Joaquim Franco, já se notavam os desfalques: *"A orquestra não é tão numerosa quanto a da estação passada, mas fez boa impressão a ausência de metais que da outra vez soaram estridentes"*(42). Mas a temporada foi salva por interpretações como a de Giuseppe Dominici, no "*Rigoletto*": *"Todos os elogios são poucos para Dominici... é a peça mais aplaudida e procurada da estação"*(43)

---

(34) - *Diário de Manáos*, 2 de julho de 1892
(35) - *Diário de Manáos*, 7 de junho de 1892
(36) - *Diário de Manáos*, 14 de junho de 1892. A ópera foi a 12 de junho
(37) - *Diário de Manáos*, 12 de junho de 1892
(38) - *Diário de Manáos*, 17 de junho de 1892
(39) - *Diário de Manáos*, 25 de junho de 1892. Martinez Patti gravou pela Fonotipia, em 1906. Este registro está disponível hoje em CD
(40) - *Diário de Manáos*, 28 de junho de 1892
(41) - *Diário de Manáos*, 18 de março de 1893
(42) - *Diário de Manáos*, 19 de fevereiro de 1893
(43) - *Diário de Manáos*, 25 de março de 1893

unesp

E pela experiência e senso de conjunto dos cantores, resultando em récitas aplaudidas com entusiasmo, como "Martha", de Flotow, onde Binocolini terá destacado Bosi: *"...notas cristalinas, puras e expressivas que só ela sabe o segredo..."*; a contralto Mathilde Schiavinatto: *"bela voz, timbre enérgico e agradável"*; e, mais uma vez, o barítono Dominici: *"... raras vezes se encarregará de um papel de que não se saia bem"*(44). Outros bons desempenhos foram dados por artistas que haviam se mantido na companhia desde a temporada passada, caso de Santè Athos, e Desdêmona Campagnoli, e também pelo novato Pietro Pratti, *"francamente ovacionado"*(45).

O público estava agora iniciado na ópera e parece que o resultado das três temporadas terá sido bastante favorável, pois foram levadas mais de 20 óperas diferentes em cerca de 70 récitas. Um tanto ofuscada ficaria a temporada da companhia de Beatriz Rosália, que apesar de ter seus componentes bastante elogiados e a casa cheia em algumas noites(46), viu reduzida a sua jornada em função da vinda do grupo do maestro Franco.

Outro periódico com cronista assinando sob pseudônimo foi "O Imparcial", que circulou em 1897: Iberê comentou as récitas da Companhia Tomba, de operetas e óperas cômicas. Suas impressões da Companhia Tomba são bastante favoráveis quanto a *mis-en-scene*, que ele elogiou em várias récitas: "Dona Juanita", de Suppé, "A Filha da Madame Angot" de Lecocq, "Os Mosqueteiros no Convento" de Louis Varney e "Orfeu nos Infernos" de Offenbach(47). Certamente, não só a encenação garantiu o sucesso de tais operetas, mas um bom desempenho vocal. O grupo tinha alguns excelentes artistas, que reuniam as qualidades de cantor e cômico com graça especial. O barítono Oreste Lambiase, que chegou a conduzir a orquestra em umas poucas récitas em que o maestro Coniglio descansou, foi um dos destaques da temporada, talvez mesmo o maior, porque por vezes *"até acanhou o grito de 'Bravo' na garganta de quem lá esteve"*(48) Ainda assim, o cronista do Imparcial lhe fez ressalvas: *"O sr. Lambiase se não apalhaçasse tanto os papéis faria jus aos nossos aplausos e á nossa admiração pois reconhecemos que é um artista de incontestável mérito. Possuído porém do desejo louco de fazer rir a platéia transforma muitas vezes a parte em pilhéria..."*.(49) A crítica, que não parou por aí, parece ter provocado resultados, pois dois dias depois Iberê já elogiava as modificações: *"Nós que apreciamos Lambiase... sentimos prazer em vê-lo com graça, com espírito, abandonando por uma vez o tal ruim sistema de fazer rir à força de ditos sem originalidade."*(50)

O tenor Derubeis também agradou bastante, mesmo se emprestando a papéis pequenos como o protagonista da "Gran Via", esta uma zarzuela que ganhou cenários e vestuários luxuosos na versão manauara da Companhia Tomba(51). Derubeis pôde brilhar em partituras de maior porte e de exigência musical, como aconteceu na ópera "Em Procura da Felicidade" de Serpette: *" Derubeis no papel de Rodolfo, filho adotivo de Gualtieri, esteve magnífico, cantou com firmeza e agradou bastante, firmando sua reputação, abalada quando da apresentação da Gran Via, quando não pôde trabalhar à larga"*(52).

---

(44) - *Diario de Manaos*, 23 de março de 1893
(45) - Idem.
(46) - As duas receitas de "Sinos de Corneville", em 19 e 20 de fevereiro de 1892, lotaram o Eden. As crônicas dão conta de que o elenco era bom e desempenhou a contento o pequeno repertorio.
(47) - *Diario de Manaos*, 7 de abril de 1892
(48) - *O Imparcial*, 25 de junho de 1897
(49) - *O Imparcial*, 10 de junho de 1897
(50) - *O Imparcial*, 12 de junho de 1897
(51) - *O Imparcial*, 5 de junho de 1897
(52) - *O Imparcial*, 8 de junho de 1897

unesp

Dentre as cantoras, a mais destacada foi Elvira Lafon, que esteve bem em todas as peças que participou. Deve-se destacar ainda Alba Ratti e Emílio Marangoni, e este, no início de sua carreira, já demonstrando qualidades suficientes para sustentar papéis cômicos(53) A orquestra manteve-se à altura das demais, que foram formadas para as outras temporadas líricas; de Manaus, participavam Adelelmo do Nascimento (que chegou a regê-la), Elpídio Pereira, Gentil Bittencourt e Geraldo Amorim.(54)

O ano de 1898 verá duas companhias de zarzuelas em teatros diferentes. A primeira a se apresentar, exibiu-se no Éden e teve amplo sucesso com o gênero *chico*. O grupo até tentou inserir algumas peças mais sérias, mas em parte ressentia-se pela falta de recursos para representar obras maiores, zarzuelas grandes. Entretanto, foi o público quem impôs o repertório. É o que diz Iberê, este, articulista que escreve no "Rio Negro":

> *"Ontem houve espetáculo no Éden. Nào agradou o intermezzo que quiseram fazer sério e grave como um velho de 80 anos. É preferível representarem-se coisas ligeiras do que nos darem pedaços de ópera por pessoas que sabem cantar cançonetas e tangos.*
>
> *Os empresários no Éden lucrarão mais se derem ao publico zarzuelas ligeiras, maxixes, cançonetas, dançantes-espanholas, etc. do que impingirem à platéia e às vezes muito mal, pedaços de ópera. Chegou a tempo a gravidade no Éden. O público dali quer a 'meia preta'."*(55)

Vê-se perfeitamente que o público do Éden, após a inauguração do Teatro Amazonas, passou a ser outro. A companhia, a despeito de ter sido considerada pretensiosa pelo cronista do "Rio Negro", era formada por nomes capazes de desempenhar, tanto o repertório chistoso que trazia execelente concorrência ao Éden(56), quanto o gênero sério (embora pareça que os recursos vocais do grupo não fossem condizentes com zarzuelas mais arrojadas). De qualquer forma o público não queria outra coisa a não ser música ligeira e comédia. Sua indiferença (e até as possíveis reclamações) ao espetáculo da noite de 3 de fevereiro e a nota do jornal, provocaram certo mal-estar na companhia; de tal ordem que Petra Ceballos, uma das atrizes mais aplaudidas, recusou-se a subir ao palco novamente, o mesmo fazendo o maestro da companhia, o violinista Próspero Marsicano(57). A temporada não demorou a terminar.

Apesar de parecer melhor, a segunda companhia de zarzuelas que veio a Manaus neste ano de 1898, não parece ter obtido sucesso. O grupo de Valentim Garrido era modesto, conforme nos conta o cronista Iberê. Veja-se o que ele diz dos tiples principais, tenor e baixo: *"Josepha Plá é artista conhecida. Sua voz, pouco extensa é agradável e* [ela] *desempenha bem o papel.."*; *"Pilar Chaves representa com bastante firmeza..."*; *"Juan Rinuet... boa voz, mas não muito firme.*(58) *...corrigido de marcar o compasso com a mão, habituado a ter uma das mãos espalmada ao peito enquanto a outra fica suspensa à espera de alguma coisa"*(59);

(53) - Alba Ratti fez seus melhores papeis em "Os Granadeiros" de Vicenzo Valente e "Baboulin" de Louis Varney. Marangoni obteve sucesso em "Mosqueteiros no Convento", tambem de Varney. Ver *O Imparcial*, 27 de junho de 1897.
(54) - *O Imparcial*, 2 de julho de 1897.
(55) - *Rio Negro*, 4 de fevereiro de 1898.
(56) - O propro Iberê reconhece em crônicas dos dias seguintes que o grupo tinha artistas de merito para a comedia.
(57) - *Rio Negro*, 7 de fevereiro de 1898. V. Cernicchiaro considerou Prospero Marsicano um dos grandes violinistas daquela epoca.
(58) - *Rio Negro*, 21 de fevereiro de 1898.
(59) - *Rio Negro*, 23 de fevereiro de 1898.

"Sottomayor... uma voz potente, extensa e vibrante. Soube agradar o público"(60). O cronista do " Rio Negro" até acreditava que o grupo poderia render mais, não fosse *"a orquestra detestável... os coros fraquinhos"* e *"o maestro que pode saber tudo menos reger"*(61). O público parece que também não gostou muito. As rendas da companhia, récita por récita, deixam ver o fracasso desta pequena temporada:

Mês	Dia	Repr.	Nome das Peças	Renda
Fev.	19	1a	La Tempestad	3:826$000
-	20	2a	La Tempestad	1:565$000
-	22	3a	Anillo de Hierro	1:628$000
-	24	4a	Campanone	2:039$000
-	26	5a	El rey que rabió	2:918$000
-	27	6a	Campanone	1:529$000
Mar	1	7a	Mascotte	2:519$000
-	2	8a	Marina	709$000
-	5	9a	Marina	1:737$000
-	6	10a	Gallina Ciega	2:404$000
-	8	11a	Postillon de la Rioja	633$000 (62)

No fim de 1898, uma cantora que havia tido atuação discreta na Companhia Tomba, foi a responsável pela bem sucedida temporada da Companhia Coniglio-Valla, que esteve em cartaz em Manaus, entre dezembro de 1898 e fevereiro de 1899. Era a soprano Adéle Marchesi. Veja-se o que falou dela o "Commercio do Amazonas": *"... alia uma belíssima voz a um grande conhecimento profundo de cena. Na própria Itália não encontra competidora* [em seu gênero] *que possa empanar-lhe o brilho"*(63). Não só a crítica apreciou Marchesi, como também o público. Seu benefício artístico foi uma grande festa:

> *"O Teatro lotadíssimo... A sala de entrada e a de espetáculos achavam-se galharda e vistosamente adornadas...*
> *... chegou enfim o momento, ao alto da boca de cena uma magnífica estrela formada por uma infinidade de focos de luz elétrica... enchia de claridade o retrato da simpática senhora.* [...]*Recebeu presentes valiosos... serviços de prata, mesas de costura com trabalhos artísticos, etc.*
> *Tudo quanto de mais ilustre existe em Manaus, ontem ali passou."*(64)

Elogiadíssima por toda a estação lírica, Marchesi e seu marido, o maestro Coniglio, foram convidados para homenagens diversas. O próprio "Commercio do Amazonas", ofereceu-lhes um banquete íntimo, quando da sua despedida(65). A atitude diplomática e cortês da companhia, oferecendo espetáculos em benefício da Sociedade Portuguesa Beneficente e dos Empregados no Commercio do Amazonas(66), deve ter contribuído para o seu amplo sucesso.

---

(60) - *Rio Negro*, 21 de fevereiro de 1898
(61) - *Rio Negro*, 2 de março de 1898
(62) - *Rio Negro*, 4 de março de 1898
(63) - *Commercio do Amazonas*, 4 de fevereiro de 1899
(64) - *Commercio do Amazonas*, 8 de fevereiro de 1899
(65) - Idem
(66) - O benefício da S.B.P.A. foi em 4 de fevereiro com "Os Granadeiros". Houve ainda um espetáculo em homenagem a Eduardo Ribeiro, em 14 de janeiro (receita variada)

Na data em que se apresentou "Mosqueteiros no Convento", em favor da class comerciária (ou caixeiral, como se dizia à época), os lugares no teatro foram disputados at o último instante e as notícias são de que a sala de espetáculos ficou cheia à cunha.(6 Mesmo havendo outras noites memoráveis, de grande execução da companhia, em que público também mostrou-se satisfeito, homenageando outros artistas(68), o cronista d "Commercio do Amazonas" observou certa desigualdade entre os membros do grup artístico, classificando o conjunto de despretensioso; é bem verdade que tal apreciação vei em decorrência dos primeiros espetáculos, ainda antes do natal de 1898(69). O mai importante, no entender do anônimo articulista do "Commercio..." era manter a sequênci de espetáculos e a presença de grupos líricos pois *"...não é fácil reunir um grupo d artistas todos de 1a ordem"* e arrematou:

> *"... convenhamos, lá fora no estrangeiro quando se cita o nome de Manaus, salvas honrosas exceções, ou se faz uma monstruosa interrogação, sintomática da profunda ignorância que a nosso respeito há, ou o que é ainda pior, os sábios dignam-se a elucidar os povos apontando-nos como legítimos antropóides encasacados"*(70)

O cronista do "Commercio do Amazonas", revela cert lucidez e consciência crítica. Sabia seguramente discernir a posição de Manaus aquel época e o que pensavam da cidade, estrangeiros e nacionais. A julgar pela sua análise fri pode-se atribuir confiabilidade aos modestos comentários sobre as récitas da Companhi Coniglio Valla. Seus comentários só não foram mais extensos porque o jornal encetou um briga de tal ordem com o diretor do Teatro Amazonas à época, o sr. Leônidas e Sá, qu grande parte da coluna teatral (e também nos editoriais), ao longo da temporada dedicou-s ao assunto. Em pelo menos um momento, o jornal parece ter se execedido nas afirmações causando mal-estar. Não se sabe se forjou ou se deu azo às acusações de que ocorrian desmandos administrativos no Teatro Amazonas e mais; que o camarote do governador er usado para práticas libidinosas(71). Aberto um inquérito, foram ouvidas algumas pessoas dentre empregados da casa, artistas da companhia e frequentadores do teatro. Nenhum irregularidade foi constatada e nada que pudesse dar fundamento às acusações fo verficado.(72)

Coincidência ou não, é de Leônidas e Sá o único relatóri detalhado de um diretor do Teatro Amazonas, que chegou até os dias de hoje. Neste encontra-se uma evidência que até pode ajudar a entender o conflito entre o diretor d Teatro e o "Commercio do Amazonas".

---

(67) - *Commercio do Amazonas*, 30 de janeiro de 1899

(68) - Houve benefícios para outros artistas da companhia (Elda Morroto, Arturo Furlai,Giovanni Galassi e Clotilde Valla, dentre outros sendo que o de Maria Alonso parece ter sido um dos mais concorridos: *"...muitas flores, pombas e artisticos ramalhetes juncaram palco em honra à lindia espanhola"*. Ver *Commercio do Amazonas*, 26 de janeiro de 1899.

(69) - *Commercio do Amazonas*, 28 de dezembro de 1898. A crítica considerou pessima a apresentação da zarzuela *"Duo de la Africana"*

(70) - *Commercio do Amazonas*, 18 de dezembro de 1898

(71) - *Commercio do Amazonas*, 8 de janeiro de 1899. O autor das praticas libidinosas seria o proprio Leônidas e Sá

(72) - Alguns depoimentos estão publicados em Monteiro, M. Y. *Teatro Amazonas* obra citada pp. 454 - 468

"Compreende-se facilmente que o dinheiro gasto com as companhias desta ordem redunda em benefício do público, que de outro modo não encontraria oportunidade para apreciar as grandes manifestações da Arte" [referindo-se à subvenção que o Estado concedeu à Companhia Dramática de Giovanni Emanuel]

"Sou, porém de opinião que os favores do Estado se devem limitar à concessão de teatro e luz às companhias que não estejam nas condições acima indicadas, que vivem de explorar o maxixe e outras coisas que aviltam a Arte"(73).

A querela entre o sr. Leônidas e Sá, dono de posições conservadoras, e o "Commercio do Amazonas", jornal de idéias progressitas, bem pode ter acontecido por questões políticas, apesar de que contra Leônidas e Sá também recaíram queixas sobre o seu procedimento ilógico e repentino.(74) Outra hipótese bastante plausível faz recordar que Leônidas e Sá era redator chefe do "Amazonas Commercial", concorrente do "Commercio do Amazonas".

De qualquer forma, o público não deixou de ir assistir às récitas da Companhia Coniglio-Valla. O relatório que Leônidas e Sá entregou a Pedro Freire traz os valores arrecadados em quase todas as 45 récitas da companhia, não tendo sidos incluídas as noites beneficentes(75). A maior renda foi a da estréia (3:673$000 réis), com "*D'Artagnan*", de Louis Varney, seguida pelas reprises dos "Granadeiros" (3:561$000 réis), esta já uma segunda repetição, e da Dona Juanita (3:541$000 réis). Outras poucas exibições terão ultrapassado os 3 contos de réis: a 19ª e a 24ª récita, dois espetáculos variados (3:450$000 e 3:216$000 respectivamente); a reprise dos "Mosqueteiros no Convento" de Louis Varney; e a *premiere* da "Befana" de Canti (3:417$000), da "*Mam'zelle Nitouche*", da "*Mascotte*" de Audran (3:243$000) e do "*Bocaccio*" de Suppé (3:183$000). Tais rendas confirmam o largo sucesso das operetas "Os Granadeiros" (que foi apresentada ao menos 4 vezes nesta estação), "Dona Juanita" e "*D'Artagnan*", junto ao público, principalmente porque a vultosa arrecadação foi obtida nas reprises (e a *premiere* também não foi ruim). Entretanto, as reprises da "Mascotte" e "Bocaccio" (e também a "Befana"), operetas conhecidas do público, que chamaram atenção quando da sua estréia, não foram bem sucedidas e não chegaram a 2 contos de réis, conforme a bilheteria; equipararam-se ao maior fracasso de público da temporada, "Dom Pedro de Medina" de Vico Redi, que não somou 3 contos de réis em 2 récitas regulares. As demais peças, obtiveram mais público na estréia do que em suas reprises. Também não se deve deixar de notar a grande presença do público nas noites do natal e sua véspera, o mesmo não acontecendo com a véspera de ano novo e o dia primeiro de 1899, quando a afluência ao teatro foi pequena. Outro detalhe curioso diz respeito aos benefícios, pois eles não aparecem relacionados pelo diretor do Teatro Amazonas, exceção feita ao do dia 1º de fevereiro de 1899. A peça escolhida para o festival da artista Clotilde Lombardo Valla, esposa de um dos sócios e maestros da companhia, foi "Dom Pedro de Medina", que nesta noite chegou a obter cerca de 2 contos e meio de réis, quase o total das duas outras récitas desta mesma opereta. Para maiores observações, eis a lista integral das rendas de cada noite:

(73) - *Relatorio... Pedro Freire... 11 de junho de 1900*. Anexos, pp. 99 e 100.

(74) - Leônidas e Sá chegou a proibir, sem motivo aparente, que se trouxessem bengalas e guarda-chuvas para dentro do teatro. Ver: Monteiro, M. Y. Obra Citada, p. 476.

(75) - Sob os auspícios da companhia, somente eram dados benefícios em favor dos artistas principais. Os comprimarios podiam fazê-lo taambem durante a temporada, mas em noites que reunissem dois ou mais artistas. Os demais só após o final da temporada.

Ano	Mês	Dia	Repr.	Nome da Peça	Renda
1898	Dez.	11	1a	D'Artagnan	3:673$000
-	-	13	2a	Bocaccio	3:183$000
-	-	14	3a	D'Artagnan	1:587$000
-	-	15	4a	Dona Juanita	2:670$000
-	-	17	5a	Bocaccio	2:632$000
-	-	18	6a	Dona Juanita	3:541$000
-	-	20	7a	Befana	3:417$000
-	-	21	8a	Mosqueteiros no Convento	1:995$000
-	-	22	9a	Sinos de Corneville	2:857$000
-	-	24	10a	Mascotte	3:243$000
-	-	25	11a	Mosqueteiros no Convento	3:433$000
-	-	27	12a	Mascotte	1:777$000
-	-	28	13a	Befana	1:394$000
-	-	29	14a	Gran Via e Sinos de Corneville	1:785$000
-	-	31	15a	A Filha da Madame Angot	2:399$000
1899	Jan.	1	16a	Bocaccio	1:386$000
-	-	4	17a	A Filha da Madame Angot	1:933$000
-	-	5	18a	D. Pedro de Medina	1:437$000
-	-	6	19a	variado	3:450$000
-	-	7	20a	D. Pedro de Medina	1:437$000
-	-	8	21a	Dona Juanita	2:205$000
-	-	11	22a	Granadeiros	2:448$000
-	-	12	23a	Granadeiros	1:978$000
-	-	14	24a	variado	3:216$000
-	-	15	25a	Granadeiros	3:567$000
-	-	16	26a	Pescadores de Nápoles	1:875$000
-	-	19	27a	Bocaccio	1:597$000
-	-	21	28a	Granadeiros	2:496$000
-	-	22	29a	M'elle Nitouche	3:340$000
-	-	23	30a	variado	2:298$000
-	-	24	31a	beneficio	1:438$000
-	-	25	32a	-	-
-	-	26	33a	-	-
-	-	28	34a	-	-
-	-	29	35a	M'elle Nitouche	2:630$000
-	-	30	36a	beneficio	-
-	-	31	37a	Baboulin	1:298$000
-	Fev.	1	38a	beneficio	2:540$000
-	-	2	39a	Marquês de Grillo	1:470$000
-	-	3	40a	beneficio	-
-	-	4	41a	beneficio	-
-	-	5	42a	Miss Hellyet	2:293$000
-	-	6	43a	beneficio	-
-	-	7	44a	beneficio	-
-	-	8	45a	beneficio	-
				TOTAL	886:677$000

(76)

(76) - *Relatorio... Pedro Freire... 11 de junho de 1900*. Quadro Anexo ao Relatorio do Diretor Leônidas e Sa

Aproveitando que já se falou momentos atrás no "Amazonas Commercial", cabe dizer que este periódico de circulação diária também tinha seu cronista teatral. Chamava-se, também, Yberê (este assinava-se com 'y'). Não é sabido se era o mesmo que poucos anos antes estivera nas páginas do "Rio Negro"(77). São dele as impressões que se transcreve aqui, sobre a temporada da Companhia Portuguesa de Operetas, de Tomáz Del Negro. Veja-se o que terá dito da récita da "Mascotte", uma das primeiras que se apresentou: *"A distinta atriz* [Amélia Lopícolo] *esmerou-se para dar uma boa figura que não esteve ainda à altura do papel... .. o guarda roupa é pobre e velho. Os cenários não correspondem à elegância do teatro."*(78)

Mais a meio da temporada, com bom desempenho dos artistas, a falta de recursos materiais da companhia, parecem ter sido relevados:

> *"... nesta semana deu-nos a 'Noite e o Dia' e o 'Solar dos Barrigas'. Ambas operetas, leves, muito boas com a pilhéria que obriga a gente a rir, a gargalhar franco, enfim, a sair deste ramerrão monótono e roufenho ainda que o napolitano que mastiga no seu velho realejo o explorado 'Trovador' de Verdi - a grande vítima deste instrumento"*(79)

Embora pareça contraditória a apreciação, o próprio Yberê se encarrega de dizer que *"nestas crônicas leves não temos paixões"*(80). E se isto for suficiente para que se lhe dê crédito, então os "28 dias de Clarinha" terá significado um dos maiores sucessos da temporada, com grande desempenho de Amélia Lopícolo: *" ...é uma fábrica de gargalhadas... folgamos com mais este sucesso da Lopícolo, a flor da opereta. Foi bem regular o desempenho da companhia. A música andou bem e os coros maus, com raras exceções"*(81) Yberê de certo não terá se enganado. Um pequeno acontecimento pode corroborar suas palavras elogiosas à atriz. Lopícolo, que em meio à temporada adoecera, foi visitada nos hospital, por autoridades, dentre elas o governador do Estado do Amazonas e personalidades do meio artístico e literário, como Coelho Netto(82).

Outro jornal contemporâneo ao "Commercio do Amazonas" e ao "Amazonas Commercial" é o "Diário de Notícias". Ainda que ele tenha anunciado todas (ou quase todas) as récitas da Companhia de Operetas de Calil e Aprea(83), acontecidas no Teatro Amazonas, no primeiro semestre de 1900, o seu cronista, que se assinou pelo singelo nome de Piff Paff, pouco as comentou. Mas terá escrito o suficiente para que se tenha uma idéia da qualidade deste grupo:

> *"... fará uma incontestável carreira entre nós se o desempenho for esforçado como o de ontem.*[...]

(77) - Pode ser dada como certa a identidade de ambos os Iberês. Eram uma só pessoa, o escritor Raul de Azevedo. Ele era um dos redatores do "Rio Negro", em 1898, e aparece como diretor do "Amazonas Commercial" em 1899. É quem informa o uso deste pseudônimo pelo referido escritor e Galante de Sousa. Ver: *Cem Anos de Imprensa no Amazonas*. Obra Citada, pp. 35 e 189; Sousa, G. de *O Teatro no Brasil*. Obra Citada, p. 282.

(78) - *Amazonas Commercial*, 16 de julho de 1899.

(79) - *Amazonas Commercial*, 6 de agosto de 1899.

(80) - *Amazonas Commercial*, 15 de agosto de 1899.

(81) - Idem.

(82) - *Amazonas Commercial*, 1o de setembro de 1899.

(83) - Ha uma confusão em relação a este nome, provocada pelo proprio jornal que noticiou as recitas, chamando por vezes Agnea ao inves de Aprea. Adotou-se o que foi chamado mais vezes.

A sra. Capelli de cujos recursos vocais desconfiamos a princípio, teve ensejo de nos conquistar durante o espetáculo. Pronta no gesto sensível timbre de voz, desenvolta que nem uma dançarina, uma atriz insinuante e talentosa. Supera inteiramente a sra. Marchesi, que tantos encômios arranjou nesta região. [...]

Os coros estiveram bons. Guarda roupas e cenários bons, adequados à excelente companhia"(84)

Não só ao crítico do "Diário de Notícias" terá agradado a companhia de operetas, mas também ao público, que até então, de operetas em língua original, não conhecera nada diferente dos grupos regidos pelo maestro Coniglio.

"Felice Tati é um tenor de mérito: voz suave, melodiosa e bem educada: naturalíssimo em cena. Foi alvo de grande ovação pela nossa judiciosa platéia...

Umbert Franzini [barítono] *também agradou sobremaneira... E os corais esplêndidos..."*(85)

Mais um, dentre os grandes periódicos, comentava os espetáculos de ópera e opereta. "A Federação", surgido em 1895, dividia a preferência dos leitores com os quatro últimos acima mencionados ("O Imparcial", "Commercio do Amazonas", "Amazonas Commercial" e "Diário de Notícias") e ainda com o mais antigo de todos eles, o "Amazonas". Para enfrentar tão ferrenha concorrência, precisava (também) de um cronista conhecedor dos espetáculos a que fosse assistir. Este assinou-se Jayme Aroldo, provavelmente seu nome verdadeiro. Ele terá reclamado da apresentação fragmentada do "*Barbiere di Siviglia*"(86) e, principalmente, da indisciplina da orquestra dirigida pelo maestro Donizetti (Alfredo, João ou Raymundo?), que comprometia as atuações dos solistas: *"só se saiu vitoriosa a miss Nelma, que nos deu um pagem delicioso, afinado, primoroso, correto, alegre, representado com perfeição, com vivacidade e arte"*(87). E os elogios a esta cantora não ficaram por aí:

"Esplêndida figura, muito para apreciar na sua delicada parte, servida por uma voz rigorosamente afinada, de timbre agradável, doce e maleável, miss Nelma, que na 'Boheme' nos dera uma Musette endiabrada, viva, no Baile de Máscaras acabou de conquistar o público"(88)

Embora a orquestra não parecesse tão bem ensaiada, os cantores tinham qualidade, o que levou Jayme Aroldo a observar a enorme excitação que causavam no público, récita após récita, de tal monta que durante os espetáculos as pessoas não se continham em nenhum tipo de manifestação, incluindo pateadas e vaias, o que faziam ruidosamente, fosse pelos aspectos técnicos ou envolvidas pela ópera.(89)

---

(84) - *Diario de Noticias*, 1o de fevereiro de 1900. Este periodico era dirigido por Fran Paxeco que, pelo seu envolvimento com o teatro deve ter sido o autor das crônicas. Ver Galante de Sousa, Obra Citada.

(85) - Idem

(86) - *A Federação*, 17 de julho de 1901

(87) - *A Federação*, 12 de julho de 1901

(88) - Idem

(89) - *A Federação*, 28 de julho de 1901

E mesmo que de início alguns destes artistas tenham parecido negligentes ou incompetentes, ao crítico da "Federação", ele resolveu inaugurar uma seção intitulada "Carvões", onde delineia as qualidades dos cantores que se destacaram em um desempenho regular. Leia-se o que terá dito do tenor Giovanni Badaracco, um dos baluartes da temporada do Teatro Amazonas:

> *"...não é somente o tenor poderoso, cuja voz melodiosa pode enfeitiçar o mais indiferente auditório. Se ele possuísse apenas este dom precioso, que é puramente mecânico, não mereceria o qualificativo nobre de artista, de que se pode orgulhar. A expressão de sua frase musical, da sua mímica superior, suas atitudes perfeitas, riscam-lhe em relevo a mais acentuada psicologia de artista emocional...*
>
> *... achamo-lo inexcedível, assombroso e formidável, interpretando 'Os Palhaços', com tamanha intensidade... que parecia uma criação de momento, dessas que nascem da consciência de um cérebro predestinado..."* (90)

Outra descrição entusiamada sai na mesma coluna, no dia seguinte, sobre a cantora Barbieri. Desta vez a crônica é menos musical do que fantasiosa:

> "[após elogia-la muito] *tem uma voz veludosa e triste de flauta de trovador, ouvida à distância* [...]
>
> *Parece que sua garganta de prata foi trabalhada não para os sucessos ruidosos do palco mas para entoar salmos e laus perennes, no silêncio recolhido de uma catedral antiga, acompanhada de órgãos soluçantes em duelo soturno com os graves solenes e ritmado de sacerdotes viris, ciliciados de longa época por uma sêde tantálica de desejos pecaminosos.*
>
> *Vimo-la sublime na Gioconda, naquele papel sublime da cega que ela interpretou com o mais audaz de todos os talentos"* (91)

Ao fim da temporada, pode-se afirmar, tanto o público como Jayme Aroldo tinham sido conquistados; quando da última representação do "*Trovatore*", ele terá convocado o público, invocando o *"ruidoso sucesso"* que a companhia já havia feito com esta ópera (e outras mais)(92).

Uma outra crônica publicada em "A Federação" tem interesse para este trabalho. Diz respeito à revista "O Regedor", levada à cena pela Companhia de Ferreira da Silva, que ocupou o Éden no segundo semestre. Antes de transcrever a apreciação do crítico anônimo (teria sido Jayme Aroldo também?), deve-se lembrar que a esta altura a companhia estava a encerrar uma bem sucedida temporada, composta de comédias que *faziam rir a bandeiras despregadas"* e até alguns bem desempenhados melodramas(93). Diante do sucesso, arriscou-se encenar uma revista de costumes locais. Eis o que se disse da estréia:

(90) - *A Federação*, 25 de julho de 1901
(91) - *A Federação*, 26 de julho de 1901
(92) - *A Federação*, 11 de agosto de 1901
(93) - *A Federação*, 3 de outubro de 1901

unesp

"O público esperava o novo trabalho teatral de Simões Ferreira com uma certa ansiedade; e não ficou plenamente satisfeito com ele, também não deixou de se agradar de muitas cenas bem feitas e muitos ditos de graça, de que a revista se acha aqui e ali salpicada.

Gênero difícil de explorar, exigente de observação e graça popular, as revistas atraem os escritores novéis, que expõem facilidade de movimento em trabalhos em que não se observam os rigores da lógica, da concatenação das cenas.

Puro engano: - Se por um lado há essa liberdade, tão tão apetecida de quem começa e desconhece os segredos do palco, por outro lado a própria índole, ligeira, viva e saltitante das revistas, exige do autor um espírito animado pronto, e um justo apreço dos episódios e dos trechos de música, que sendo longos ou arrastados pervertem e prejudicam o interesse das peças.

Simões Ferreira, que revela dotes de autor teatral, e que já fez um trabalho muito desigual, no qual se denota ao primeiro golpe de vista, a preocupação de fugir aos assuntos de ordem política - manancial inesgotável deste gênero de trabalho - e ainda a precipitação que presidiu a sua manufatura. Muitos assuntos são apenas abordados, equivocamente esboçados; outros sem caráter local, e porventura mesmo sem propósito, são para aí chamados a encher largos espaços, que seriam bem preenchidos pela nota diária de nossa vida política. 'O Regedor' não é, por isso, uma revista local, embora nela figurem muitos personagens nossos conhecidos, alguns bem reproduzidos e embora essa cor lhe queiram dar as duas apoteoses finais do 2º e 3º ato. O 1º ato, mais bem medido e mais leve, é sem dúvida o melhor da peça [...] *O 2º ato é o mais fraco e o mais curto* [...] *O 3º ato recobra o ânimo*[...] *Nos trechos de música notam-se alguns de bom gosto, poucos. O resto pareceu-me repetido e monótono no seu andamento. Cantores e regência deveriam ter concorrido para o efeito. Os tipos de Manaus são bem apanhados, particularmente "O Regedor", que seja dito de passagem, esteve bem confiado ao ator Ferreira da Silva. Por vezes o público sublinhou com aplausos o seu agrado.* [...] *Isto significa que a reprodução dos tipos teve alguma fidelidade o que é motivo para felicitar o nosso colega Simões Ferreira* [...] *agradou e o seu autor foi chamado à cena"* (94)

Tais considerações, ditas certamente por um conhecedor, terão provocado mudanças nesta revista, pois nas apresentações seguintes foram incluídos mais nove personagens e a ação respectiva.(95)

(94) - *A Federação*, 12 de dezembro de 1901
(95) - *A Federação*, 16 de dezembro de 1901

Conhecidos quase todos os jornais que mantinham articulistas que criticavam as óperas, operetas, zarzuelas e revistas, resta apenas que se apresente o "Amazonas". Este não terá mantido um especialista para tal ofício, durante toda sua existência. Exemplo disto está na temporada de 1901, quase que ignorada por este noticioso.

Entretanto, em 1902, o "Amazonas" não se omitiu de comentar os espetáculos da Companhia Lyrica Italiana trazida por Juca Carvalho. Em quase todos os momentos terá concordado com o seu concorrente, o "Commercio do Amazonas": para ambos a orquestra mostrava-se eficiente e afinada(96). Ainda que divergências existissem, deve-se levar em conta que ambas as opiniões não foram expressadas como regra. Noutros pontos, ambos os periódicos mostraram-se concordes. Portanto veja-se como foi a temporada em que o "Commercio do Amazonas" terá começado assim: *Tenham paciência os paraenses, mas já agora ficou estabelecido que somos nós quem temos a preferência. Consolem-se, que por muito tempo já tivemos o rebutalho que por lá se esfrangalhava"*(97)

Do agrado do público, a estréia com a "Dona Juanita" teve casa lotada. Foi reprisada na récita seguinte, sendo tão bem sucedida quanto na véspera, com muitos números bisados e sendo mostrados guarda roupas diferentes para ambas as noites.(98) No entender do cronista do "Amazonas" (este se assina Chrispim em algumas poucas crônicas) aconteceu assim:

> *"A orquestra nada deixou a desejar.*
>
> *... Cesira Gori, não lhe podemos regatear os mais calorosos aplausos. Artista inteligente, dispondo de uma voz larga e agradabilíssima, de par com uma bem compreendida movimentação em cena...*
>
> *Seja-nos permitido dizer que Cesira Gori, na sua entrada no 1o ato, lhe excedeu em alguma coisa. A gargalhada musical, intercalada nesse trecho, nunca a ouvimos tão natural e tão pura..."*
>
> *A parte cômica do papel foi criteriosamente interpretada e facilitou em extremo o sucesso de Furlai. Este artista, cuja graça e cujo trabalho já não sugere dúvidas em nosso palco... Basta-nos dizer que é ainda o mesmo Furlai, o impagável Bernardo dos "Granadeiros", o engraçadíssimo Pomponet de "Mme. Angot"... Tem a direção clara, os movimentos engraçados e as contrações do rosto..*
>
> *Galassi... sobressaíndo-se extraordinariamente na sua entrada no 1o ato. O papel de Olympia teve uma intérprete fria na sra. Bongini. Esta atriz, talvez perturbada pela 'clássica emoção da estréia' em nosso palco, deixou a desejar no desempenho de seu papel, aliás fácil. No belíssimo quarteto do 2o ato (sogno impossible) foi de uma estranha parcimônia de voz, poupando-se a olhos vistos. O tenor De Beaumont é um artista de incontestável merecimento"* (99)

(96) - *Amazonas*, 10 de junho de 1902; *Commercio do Amazonas*, 28 de junho de 1902
(97) - *Commercio do Amazonas*, 16 de maio de 1902
(98) - *Commercio do Amazonas*, 8 de junho de 1902
(99) - *Amazonas*, 10 de junho de 1902

A excelente estréia foi sucedida por um desastroso "Fausto", e é bom que se diga, com um segundo elenco(100). o "*Trovatore*", que lhe seguiu, *"senão foi irrepreensível foi ao menos satisfatório. Cesira Gori deu a melhor Azucena que o palco do Teatro Amazonas já viu"*(101) As exibições seguintes foram da melhor qualidade ("Vendedor de Pássaros", "*Traviata*", Orfeu nos Infernos", "Mosqueteiros no Convento" e "*Melle Nitouche*" e "Fedora") segundo o "Commercio do Amazonas", que considerou cantores e orquestra, de técnica apurada e de grande capacidade dramática.(102) Ainda assim, o "Amazonas" viu alguns exageros, mas que não parecem ter comprometido o conjunto(103). A peça mais esperada desta estação, a ópera "Fedora" de Giordano, de composição recente (1898), após a elogiada *premiere* caiu em desacerto, na sua reprise de casa cheia: *"teve muitos senões, especialmente na parte dramática, no conjunto, no movimento das pequenas partes. A orquestra fraca e indecisa. A mis-en-scene com muitas faltas. A ópera esteve muito mal ensaiada"*(104) E Chrispim arrisca os motivos de muitos desacertos: *"os maestros embora competentes são muito frouxos, muito tolerantes, o que dá em resultado fracassos que se podiam evitar ou remediar"*(105) Outro motivo que deve ter comprometido algumas apresentações foi a enfermidade que culminou no passamento da primeira soprano, Cleonice Campagnolli, embora a companhia contasse com outros bons membros, como já se viu, dentre eles o tenor Giorgio Quirolli(106)

O último dos grandes jornais, cujas crônicas há de se expor aqui, é o "Jornal do Commercio", nascido em 1904 e que ainda está em circulação. Seus elogios à Companhia Silva Pinto, deram causa a uma bem humorada carta que o diretor da companhia encaminhou à redação, dizendo-se *"desgraçado pelo que havia feito o jornal"*:

> *"Se visse e ouvisse meus artistas desde o dia desta bela crônica maldita! Sobretudo se visse minhas artistas! Tinha pena de mim e do seu compadre Juca. Já todos nos exigiram aumento de ordenados, consagrados pelo jornal da terra"*(107)

O elenco, sem dúvida, era o que havia de melhor no gênero das revistas, *vaudevilles* e mágicas. Mesmo assim, algumas poucas peças não foram aprovadas pelo cronista anônimo do "Jornal do Commercio", como a "Inana", com música de Costa Jr: *"bem executada, mas sem inspiração. As cenas têm um desfecho pobre, estão mal concatenadas"*(108).

A Companhia Silva Pinto também produziu uma revista de costumes locais, chamada "Chico Francisco". Veja-se o que o "Jornal do Commercio" disse sobre ela:

> *"O 1o ato é um ato completo, pequeno, leve, bem unido, bem medido, gracioso, cheio de tipos bons, muito bem observados. Satisfez completamente o público que com entusiasmo reclamou a presença do autor e o aplaudiu com muito calor.*

(100) - *Amazonas*, 14 de junho de 1902
(101) - Idem
(102) - *Commercio do Amazonas* 28 de junho de 1902
(103) - *Amazonas*, 1o de julho de 1902
(104) - *Amazonas*, 5 de julho de 1902
(105) - *Amazonas*, 8 de julho de 1902
(106) - Quirolli,depois do falecimento de Cleonice Campagnolli, desposou a famosa soprano Adelina Agostinelli (Cerquera, p. 55)
(107) - *Jornal do Commercio*, 6 de janeiro de 1904
(108) - *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1904

unesp

Não sucedeu o mesmo com o 2º ato que é o maior e mais substancioso da peça.. [Nele] *começou-se a sentir a indecisão dos artistas, a frouxidão na ligação das cenas, as quais embora graciosas e bem trabalhadas, ficaram aquém do efeito desejado. Assim foi que a começar do quadro político, aliás muito bem observado e finamente mordaz, a cena começou a diminuir, principalmente no diálogo entre o 'freguês e o 'criado'... em que o ator Machado teve a rara habilidade de não deixar perceber uma só palavra. Dizem-nos que correu sem estrondo, como devia ser...*

O 3º ato é encantador pela concepção artística, quer do poema, quer da música. Parece que o autor e maestro se deram as mãos para fazer um ato verdadeiramente artístico. Assis Pacheco escreveu com alma esse número [o final]. *Abre com um delicadíssimo poema sinfônico que evoca na nossa imaginação o cantar das aves selvagens, o sussuro do vento em noite escura. Pouco a pouco, à proporção que os habitantes da floresta vão aparecendo e que o dia vai resplandecendo, a orquestra cresce, enfurece-se com a chegada de Chico Francisco num palanquim.*[...]

...num formidável concertante assente no grandioso concertante da ópera "O Guarany", realizando-se o bailado da mesma ópera, os cânticos selvagens de saudação e regozijo pelo regresso do chefe da tribo.

Todo esse trabalho musical é esplêndido, delicado e aristocrático. Entre ensaios e execução tudo se fez nuns 4 ou 5 dias, segundo me consta"(109)

A ação da revista passa-se em Manaus e nela estavam retratados os maiores acontecimentos políticos dos últimos tempos. Poucas coplas terão sobrevivido, como a do Ideal Club, trabalho onde colaborou o poeta Demétrio Álvarez.(110)

Não há até o momento maiores informações sobre a revista "Chico Francisco", como também ainda falta muito a saber sobre outras revistas locais, como "O Regedor" (1901), "O Patureba" (1908), e muitas outras.

Deve também ficar registrado que tais periódicos detinham-se em comentar não só os espetáculos de teatro musicado, mas também aqueles levados por companhias dramáticas, podendo-se encontrar valiosa opinião sobre a interpretação de grandes atores como o italiano Giovanni Emanuel e a portuguesa Lucinda Simões.

Não havendo para mencionar nenhum outro grande jornal diário, que mantivesse seu cronista teatral, pode-se perfeitamente passar aos jornais especializados, que se destinaram a cobrir espetáculos acontecidos no Teatro Amazonas.

Mas, como até então esta exposição obedeceu também ao curso cronológico das temporadas mais importantes, parece lógico que se termine a relatar o desempenho das últimas temporadas à luz da crônica diária, sendo mister que se faça isto com base no "Amazonas", que oferece as mais significativas crônicas.

(109) - *Jornal do Commercio*, 27 de janeiro de 1904
(110) - *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1904

unesp

Será portanto, baseado no que disse o "Amazonas" que se pode concluir que a Companhia de Zarzuelas, vinda ao Teatro Amzonas, em janeiro de 1905, foi a melhor que até então se vira em Manaus. E isto ganha em importância quando se observa o repertório de grande qualidade trazido por este grupo, chefiado pelo maestro Romeu Dionesi, um velho conhecido do público amazonense (pois morou em Manaus nos anos anteriores). Da primeira récita o cronista anônimo do "Amazonas" disse:

> *"O nosso público é geralmente frio. Para romper o gelo da nossa platéia é preciso que os artistas muito se destaquem. A sra Gruas* [a primeira tiple] *logo ao final do 1º ato levou uma salva de palmas muito merecida. Durante o espetáculo não lhe faltaram aplausos. Agradaram sobremaneira Barella, bela voz de tenor, volumosa e extrema; Medina; Garrido*[voz razoável, sendo melhor ator do que cantor]. *A orquestra estava razoável e o coro bem afinado* [a crítica poupa os comprimários]" (111)

É necessário que se diga que esta companhia, como todas as outras grandes vindas à Manaus, trouxe dois elencos, para as variantes do repertório qual fosse o gênero; as de ópera, traziam especialistas em opereta e ópera cômica, as de zarzuela, traziam os especialistas no gênero *chico*, e assim por diante. Nesta temporada intercalou-se os espetáculos de zarzuela grande com aquelas de um ato. Logo a seguir ao "Campanone" a peça da estréia, deu-se uma noite com três pequenas zarzuelas, todas significativas do gênero. No entender do cronista do "Amazonas" esta noite não foi muito feliz, pois *"a música de 'Alegria de la Huerta' é pouco original... a 'Marcha de Cádiz' não fez o sucesso devido pois os papéis estavam mal sabidos...* [e] *a 'Niña Pancha' agradou mais com a senhorita Anglada, embora não tendo grande voz, tem graça e vivacidade"*(112)

O trio Gruas, Barella e Garrido repetiu o sucesso nas noites consecutivas, com "Marina", "*El Anillo de Hierro*", "*La Tempestad*", "*El Rey que rabió*", "Os Milagres da Virgem", "Os Madgyares" (onde também tiveram grande desempenho os cantores Fernandez, Medina e Ruiz) e "O Moleiro de Sobiza", dentre outras muitas que ainda foram levadas à cena(113). A grande qualidade do grupo principal terá sido certemente a causa da diminuição das peças em um ato, do repertório. Mais que isso, o grupo arriscou algumas operetas ("Mascotte"e "Mosqueteiros no Convento") e a ópera em um ato "*Cavalleria Rusticana*". E como a companhia teve temporada bem sucedida, o grupo fez subir à cena uma peça de costumes amazonenses, mas desta vez uma adaptação e não uma criação original como nas outras oportunidades: "De Manaus a Madrid", que teve grande aceitação pelo público, em meio ao período carnavalesco.(114)

O ano de 1906 presenciou grandes espetáculos; este terá sido um dos anos mais pródigos em companhias estrangeiras, que vieram para o Teatro Amazonas.

---

(111) - *Amazonas*, 13 de janeiro de 1905
(112) - *Amazonas*, 15 de janeiro de 1905
(113) - *Amazonas*, 15, 17, 18, 20, 22 de janeiro, 25 e 27 de fevereiro de 1905
(114) - *Amazonas*, 26 de fevereiro de 1905

unesp

Logo a 12 de janeiro a Companhia Tomba faz sua estréia, com a "*Geisha*", música de Sidney Jones e libreto de Howen Halle, peça nova para o público amazonense, cujo desempenho o "Amazonas" assim descreveu:

> *"Todos estavam ansiosos por conhecer a ópera e ver a companhia... Nem todos acreditavam na graça inglesa. Enganaram-se todos: o libreto é cheio de graça inofensiva, sem frases de sentido ambíguo, mas graciosas e as situações cômicas sucedem-se provocando a gargalhada franca. A música é belíssima destacando uma valsa no 2o ato que em breve se tornará popular. Sidney Jones é um maestro de reputação...*
>
> *Agostoni, incontestável... Coros regulares, mis-en-scene aparatosa e brilhante. Orquestra indecisa e pouco obediente à batuta do maestro"*(115)

A "Gueisha" repetir-se-ía dois dias depois, e o desempenho foi bem melhor, segundo o mesmo cronista: *"A sra. Amália Agostoni passado o nervoso da estréia cantou primorosamente e foi aplaudidíssima. O resto foi por conta de Marangoni e Furlai - Hilários. A orquestra discreta na maior parte do tempo só cochilou no 1o ato"*(116)

Antes desta reprise, houve a estréia do segundo elenco, em "*La Boheme*":

> *"É a ópera que modernamente maior impressão tem produzido, talvez maior ainda que a 'Cavalleria Rusticana'. Os processos musicais de Puccini seguidos por Giordano, Leoncavallo, Mascagni e outros modernos compositores conseguiram empolgar o público. Puccini faz traduzir pela música o pensamento do libretista. À orquestra cabe a maior responsabilidade da ópera. Entre nós a 'Boheme' também teve grande êxito quando da 1a vez.*
>
> *Infelizmente podemos dizer que o espetácuo de ontem não satisfez. À orquestra cabe quase toda a responsabilidade do insucesso. Parecia que não tinha sido ensaiada. O 1o ato foi o pior possível, chegando a comprometer os artistas...*
>
> *O maestro estava verdadeiramente atrapalhado. A orquestra é regular para uma opereta, mas deficiente para as responsabilidades de uma ópera. É deficiente em cordas e madeiras e daí o desequilíbrio em relação aos metais. A sra. Occhiollini cantou com expressão o papel de Mimi: representando-o com talento e arte. É muito afinada, um pouco fraca nos graves, mas excelente no médio e agudo. O tenor Maccentelli chegou a falhar no 3o ato do quarteto e no 'odio senza rancor'. Estaria doente da garganta. As honras da noite ficaram com o sr. Rossini* [baritono] *que tem uma magnífica voz. Di Liandri foi perfeito na 'vecchia cimarra'"*(117)

(115) - *Amazonas*, 12 de janeiro de 1906
(116) - *Amazonas*, 16 de janeiro de 1906
(117) - *Amazonas*, 14 de janeiro de 1906

unesp

O grupo que desempenhou o repertório de operetas, redimiu-se do fiasco da estréia e deu uma grande récita dos "Granadeiros"

> *"A sra. Anita Furlai teve que suportar o confronto com a sempre lembrada Marchesi. Suportou bem. Cantou com mimo e expressão e representou com graça e vivacidade. A sra Govoni fez uma excelente Dorothéa, talvez a melhor que tínhamos visto. Marangoni foi um magnífico marquês de Laergtrom. Soube manter sempre a nota cômica, sem cair nos exegeros. Furlai e Rossini estiveram ótimos e De Beaumont apenas regular.*
>
> *A orquestra é que ia comprometendo os artistas, apesar de ter agora direção mais enérgica. Os coros também tiveram suas descaídas. O guarda roupa é luxuoso."*(118)

Mas, com a enfermidade de Maccentelli e Occiolini, houve uma quebra na programação e foi apresentada em 17 de janeiro a "*Cavalleria Rusticana*" e os dois primeiros atos da "Gueisha"(119) Em seguida foi necessário inserir uma outra opereta e para não haver riscos, deu-se uma das preferidas do público, "*Melle. Nitouche*":

> *"A companhia Tomba representou perante um público numeroso... que saiu rindo a valer. A sra. Anita Furlai desempenhou o papel de Dionísia admiravelmente. Artur Furlai fez rir à bandeiras despregadas no interessante papel de Celestino. Marangoni arranjou um excelente tipo de major e apresentou-o com um engraçadíssimo cacoete."*(120)

Como os principais cantores do elenco operístico demoraram a se recuperar, foi dada mais uma récita dos "Granadeiros" e outra da "*Melle. Nitouche*". Uma sequência de peças do mesmo porte foram levadas à cena e pelo ritmo ininterrupto, algumas não tiveram o desempenho esperado, como em "Sinos de Corneville"(121), e se não foram ruins não chegaram a empolgar, como nos "Palhaços"(122). Na noite em que se apresentou esta última, retornaram o tenor e a soprano que estavam doentes. Ainda assim, deu-se a representação do "Carnet do Diabo", de Gastone Serpette, ocasião em que o elenco apesar de manter o ritmo empolgante, já dava sinais de cansaço(123). Ainda lhes foi possível garantir uma excelente exibição do "*Bocaccio*", em 6 de fevereiro.

Finalmente, a 7 de fevereiro, na décima primeira récita de assinatura, fez-se o "*Rigoletto*" de Verdi, com Michele Rossini, Di Liandri, Maccentelli e Adelina Motta. O sucesso foi absoluto. O público não se arrependeu pela espera: *"Michele Rossini esteve soberbo, conquistou totalmente o público..."*.(124) Os demais terão contribuído, é certo, mas o barítono Michele Rossini parece ter surpreendido a todos, revelando-se de qualidade superior a seus colegas.

(118) - *Amazonas*, 17 de janeiro de 1906
(119) - *Amazonas*, 18 de janeiro de 1906
(120) - *Amazonas*, 20 de janeiro de 1906
(121) - *Amazonas*, 27 de janeiro de 1906
(122) - *Amazonas*, 28 de janeiro de 1906
(123) - *Amazonas*, 31 de janeiro de 1906
(124) - *Amazonas*, 7 de fevereiro de 1906

unesp

Ao fim da temporada, depois de apresentações bem sucedidas e elogiadas da "*Lúcia di Lamermoor*" e do "*Dartagnan*", com aplausos para todos os cantores, o cronista do "Amazonas" manteve a sua opinião: *"Michele Rossini é artista completo, de bela voz, de rara correção e grande interpretação. Fez um grande número de admiradores"*(125)

Na espera pela Companhia Francesa que Joaquim Franco estava a trazer para Manaus, o público manauense reviu a Companhia Silva Pinto, esta sempre chefiada por uma grande maestro. Desta vez não foi diferente. Nicolino Milano e a orquestra da companhia, foram elogiados pelo desempenho, do começo ao fim da temporada. O grupo de atores só não terá se mostrado tão bem sucedido quanto antes por que, conforme o cronista do "Amazonas", a distribuição de papéis não foi adequada.(126)

Alguns poucos registros valem à pena serem transcritos aqui. O primeiro deles diz respeito à peça de estréia, "A Ilha do Paraíso".

> *"...é baixa, pesada, e pornográfica a revista Ilha do Paraízo. Não se tolera uma série de ditos indecentes. É uma manta de retalhos com que há de mais baixo nas Revistas portuguesas e espanholas se adaptou ao nosso teatro.*
>
> *A orquestra conduzida por Nicolino Milano andou quase que inpecavelmente. Medina de Souza e Blanche Grau são grandes cantoras. Isaura Ferreira e Plácida dos Santos são conscienciosas e carcaterizaram bem. Maria Brizuela é inexpressiva. Olympio Nogueira, o 1o ator da companhia, não está à altura de Leonardo, Machado e Brandão, os melhores cômicos..."*[poucos mais se destacaram](127)

Coube ao grupo, apoiando-se em Medina de Souza e Blanche Grau, adotar outra postura, depois da contundente crítica à ousada revista. Para tanto, foram levadas peças mais leves, como a mágica "A Fada de Coral", e de aceitação garantida como "O Sino do Eremitério", "Tim-tim por tim-tim"ou a "Capital Federal.

No fim da temporada, sobe à cena a "Manáos em Revista", com música de Nicolino Milano. Eis as informações do "Amazonas", sobre a revista:

> *"A revista era ansiosamente esperada. A nossa platéia como a de todo Brasil gosta deste gênero de espetáculo. Trata-se de uma revista local sobre coisas amazonenses daí a enchente à cunha da nossa elegante casa teatral.*
>
> *Como em toda a Revista a música é saltitante, leve, aqui e ali faiscando uma piada de espírito e aparecendo de momento a momento a alusão maliciosa. A revista apesar de parecer o contrário é um gênero difícil de explorar. É necessário talento aliado a muita habilidade para não se fatigar o público e não se cair na cena banal, cenas vulgares de processos corriqueiros que já não podem produzir efeito desejado por que de todos são conhecidos.*

(125) - *Amazonas*, 18 de fevereiro de 1906
(126) - *Amazonas*, 2 de maio de 1906
(127) - *Amazonas*, 29 de abril de 1906

unesp

A Manáos em Revista teve algumas cenas felizes e não foi nem podia ser um sucesso completo porque os seus autores tiveram de escreve-la rapidamente. O guarda roupa é pobre e os cenários são do conhecimento do público pois já apareceram em revistas locais anteriores[!]

Ressentindo-se também de ensaios, alguns artistas pouco sabiam dos seus papéis.

A música é do maestro Nicolino Milano e é alegre e vivaz, tendo o autor aproveitado diversos trechos conhecidos e da estima do público.

Quanto ao desempenho, Medina de Souza que foi a comadre da revista, esforçou-se o mais possível para agradar o que alcançou. Sublinhava muitas vezes com fina malícia algumas frases. Edmundo Silva que foi o compadre andou muito bem.

A orquestra desfalcada como está, sem cordas, não pôde corresponder a expectativa da platéia. A Manáos em Revista, nas condições especiais em que foi representada e principalmente devido às pressas com que foi posta em cena, não produziu o efeito esperado por todo o público, que era numeroso e seleto.

Algumas vezes da platéia ouvia-se o ponto melhor que o ator.

A peça é em 1 ato e 5 quadros e há desde a 1a a última cena o confronto entre o Amazonas antigo (um velho de bigode branco) e a Manaus Moderna, uma rapariga alegre, de chapéu do Chile ao meio da cabeça e bengalasinha na mão.

O público aplaudiu alguns tiros felizes, 2 advogados (o alto e magro foi a melhor cena de toda a peça), um negociante da borracha, um comerciante que cobra dívidas, a cena da falta da água, um farmacêutico e a bonita apoteose ao pranteado dr. Eduardo Ribeiro, o Pensador - apoteose que era de efeito seguro" (128)

O êxito da Companhia Silva Pinto, em Manaus, nas três vezes que esteve na capital amazonense, deveu-se aos bons atores que trouxe no elenco, sempre de primeira ordem. Mas principalmente à orquestra, sempre muito boa e dirigida por um nome de expressão nacional (e no caso de Nicolino Milano, de largo sucesso em terra estrangeira).

Ainda que as informações sobre a preferência do público, por esta ou aquela peça, estejam praticamente restritos ao que podem ter dito os cronistas dos diversos jornais acima expostos, uma das temporadas da Companhia Silva Pinto está devidamente registrada em relatório da Administração Pública, de igual maneira àquela que se procedeu quando das apresentações da Companhia Coniglio-Valla, em 1898. A lista que se segue, e é bastante reveladora, é extraída da mesma fonte já citada, momentos atrás.

(128) - *Amazonas*, 15 de junho de 1906

unesp

Mês	Dia	Repr.	Nome da Peça	Renda
Março	12	1a	Tim-tim por tim-tim	3:786$000
-	13	2a	Tim-tim por tim-tim	3:762$000
-	16	3a	Capital Federal	3:654$000
-	17	4a	Capital Federal	3:103$000
-	19	5a	Tim-tim por tim-tim	3:609$000
-	20	6a	Tim-tim por tim-tim	3:696$000
-	22	7a	Gran Via	3:546$000
-	23	8a	Tim-tim... e Gran Via	1:099$000
-	24	9a	Capital Federal	1:495$000
-	26	10a	O Jovem Telêmaco	3:474$000
-	27	11a	O Jovem Telêmaco	2:703$000
-	29	12a	Bela Helena	2:243$000
-	30	13a	Ali Babá	2:086$000
-	31	14a	Tim-tim por tim-tim	1:630$000
Abril	2	15a	Capital Federal	3:565$000
-	3	16a	Ali Babá	2:934$000
-	5	17a	Capital Federal	2:936$000
-	10	18a	Capital Federal	3:554$000
-	12	19a	Amor Molhado	3:614$000
-	13	20a	Amor Molhado	2:349$000
-	14	21a	Bilontra	1:364$000
-	16	22a	Rio Nú	3:610$000
-	17	23a	Bilontra	3:596$000
-	18	24a	Amor Molhado	1:370$000
-	22	25a	Rio Nú	3:064$000
-	23	26a	Rio Nú	2:924$000
-	24	27a	Rio Nú	3:600$000
-	25	28a	Bela Helena	1:918$000
-	27	29a	Capital Federal	3:348$000
-	28	30a	Capital Federal	1:572$000
-	30	31a	Tim-tim por tim-tim	3:479$000
Maio	1	32a	Tim-tim por tim-tim	2:835$000
-	3	33a	benefício	-
-	5	34a	benefício	-
-	7	35a	Rio Nú	1:176$000
-	8	36a	Rio Nú	2:173$000
-	10	37a	benefício	-
-	11	38a	Pão pão Queijo queijo	997$000
-	12	39a	benefício	-
-	13	40a	Pão pão...	1:268$000
-	14	41a	benefício (Tim-tim...)	-
-	15	42a	Capital Federal	2:422$000
-	16	43a	benefício	-

(129)

(129) - *Relatório... Pedro Freire... 11 de junho de 1900.* Relatório anexo do Diretor Leônidas e Sá.

A arrecadação verificada pela Companhia Silva Pinto nesta temporada, serve de parâmetro para as demais ocasiões em que esteve aqui e até mesmo para outras companhias que exploraram o mesmo gênero, ainda que nesta estação de 1898, em particular, o grupo de Silva Pinto tenha explorado o que havia de melhor no gênero, as revistas "Tim-tim...", "Capital Federal" e "Rio Nú"; as duas primeiras são as mais bem sucedidas revistas de todos os tempos, quer no Brasil ou em Portugal. Com estes números expressivos, de casa lotadíssima, a Companhia Silva Pinto superou a Companhia Coniglio-Valla em diversos aspectos: na arrecadação máxima por espetáculo (e até na mínima), no maior número de reprises e na participação popular; impressiona bastante o desempenho das peças consagradas, acima citadas, junto ao público.

Mesmo assim, àquela época, ainda houve cifras maiores. Somente a presença de Giovanni Emanuel no Teatro Amazonas terá proporcionado uma renda superior a 4 contos de réis numa noite só. E isto se repetiu duas vezes. Os êxitos foram na representação da "Morte Civil" (4:646$000), do "*Kean*" (4:131$000) e do "*Othello*" (4:058$000), não sendo desprezíveis os rendimentos das outras noites.(130)

Infelizmente, não há números semelhantes sobre nenhuma das companhias de ópera que vieram a Manaus, para que se pudesse fazer uma ligeira comparação entre as preferências do público amazonense, já que se dispõe dos registros, de um mesmo período, pertencentes às récitas de companhias de operetas, teatro declamado, revistas e zarzuelas; ainda que neste último caso a companhia em questão não tivesse a mesma qualidade das demais, o que foi percebido pelo público

A companhia de ópera a fazer parte deste rol que se pretende, bem que poderia ser a Companhia Francesa que o maestro Joaquim Franco trouxe a Manaus, em duas versões, de 1906 e 1907. A sua estréia em 1906, se deu poucos dias depois da Companhia Silva Pinto terminar seus trabalhos. As crônicas do "Amazonas" servem perfeitamente, não só para possíveis comparações, mas para avaliar do que foi capaz o grupo operístico, o que é muito mais importante.

A grande atração desta estação lírica de 1906, seria a exibição da ópera "Fausto" de Gounod, em versão original e integral, ou seja, cantada em francês e com o célebre bailado "A Noite de Walpurgis". Para esta cena de bailado, providenciou-se a confecção de cenários nas medidas do Teatro Amazonas. E a estréia da Companhia Lyrica Francesa não terá sido feita com outra ópera. Veja-se o que disse o "Amazonas", sobre a noite do "Fausto"

> *"O Fausto é uma ópera em que muito artista de nome naufraga e por isso nem todos se abalançam a canta-lo.*
>
> *O tenor, sr. Demauroy é fraco, não tem extensão de voz e nem sempre as notas lhe saem com a clareza que seria para desejar, mas é muito seguro, e esta segurança fez esquecer a fraqueza da sua voz. A natural emoção da estréia e o seu estado de saúde que nos disseram não ser dos melhores deixaram para mais tarde nossas melhores apreciações.*
>
> *O sr. Vilette agradou-nos francamente. Tem bonita voz e sabe fazer uso dela. Desde o 'Sainte Medaille' que cantou admiravelmente até o final do 4o ato foi muito bem. O sr. Serviéres no ingrato papel de Mefistófeles soube defender-se muito bem.*

(130) - *Relatório ... Pedro Freire... 11 de junho de 1900.* Obra Citada

É um baixo cantante de voz bem timbrada, que não desce muito, mas é agradável nos registros médios e agudos. É um artista de grande merecimento.

A sra. Delmay cantou o papel de Margarida e por vezes sacrificou-o. No final do 3o ato desviou-se um pouco da orquestra, o que não a absteve de ter muitos aplausos. Se no registro médio a ouvimos com prazer, no agudo sua voz é áspera e chega a desafinar.

Os coros por vezes incertos, ressentiam-se por falta de ensaios. Os soldados no 4o ato apresentaram-se uns de sapatos, outros de botinas e outros ainda de borzeguins. O corpo de baile agradou e tem duas bailarinas muito boas. A orquestra dirigida pelo maestro Edouard Boni, que é um artista de mérito e que rege com toda a segurança, andou regularmente

Os cenários são bons...

A companhia agradou e vamos ter muitos espetáculos. Ontem terminou à 1 e 1/2 da madrugada" (131)

Em seguida, estreou o segundo elenco, na "*Mascotte*" de Audran, que mereceu reprise na noite seguinte. O conjunto de cantores, encabeçado pela soprano Ricordeau, agradou bastante, apesar de coros e orquestra terem desempenhos apenas regular. Mas o principal trunfo, segundo o cronista do "Amazonas", foi uma encenação sem exageros aliada a um guarda roupa *"extraordinariamente luxuoso. A melhor Mascotte que já tivemos aqui"* (132)

Uma segunda exibição do "Fausto", em 30 de junho, agradou bem mais do que da primeira vez, especialmente a cena do bailado da "Noite de Walpurgis", que mereceu ser representado à parte, na noite seguinte(133).

Mas a primeira grande ovação foi para "Carmem", em 3 e 4 de julho:

"A Companhia Franco cantou ontem com verdadeiro sucesso a 'Carmem', ópera nova para a platéia mas não desconhecida para muitos dos admiradores da boa música, que a ouviram noutros teatros.

Em 1o lugar é dever de justiça destacar Melle. D'Angeville (Carmem). Possue uma excelente voz de contralto, bem timbrada, suave, melodiosa e agradabilíssima. É uma cantora de elevado mérito e uma cantora de 1a ordem. Com tais predicados não é de estranhar o público lhe faça ovações como lhe fez ontem...

O sr. Vilette é um excelente barítono... soube encantar com sua belíssima voz.

Demauroy desta vez agadou-nos bastante. Mais senhor do público, cantou com alma, sentimento e se não é um cantor capaz de contentar os mais exigente, satisfaz o público que aprecia um tenor lírico que se esforça para agradar e é bom ator.

(131) - *Amazonas*, 26 de junho de 1906
(132) - *Amazonas*, 29 de junho de 1906
(133) - *Amazonas*, 30 de junho de 1906

unesp

Melle. Delmay cantou o papel de Micaela regularmente.

Os trechos que mais agradaram foram: no 1º ato o coro dos soldados, a entrada das cigarreiras e a habanera da Carmen, primorosamente cantado por Melle. D'Angeville.

No 2º ato a canção bohemia, a canção do Toreador em que o sr. Vilette alcançou os mais francos aplausos, a cena de sedução da Carmem com D. José. O sr. Demauroy cantou muito bem a romanza desta cena e Melle. D'Angeville de novo extraordinária nesta cena: Si tu m'amais, la-ba tu me siurais. A ária de Micaela foi muito regularmente cantada

No 4º ato destaca-se a introdução e a cena patética de D. José e Carmem.

Enfim, foi um magnífico espetáculo"(134)

Dias mais tarde, quando foi exibida novamente a ópera "Carmem", D'Angeville recebeu presentes de fãs e dos administradores.(135)

Além do "Fausto", outras duas óperas de Gounod foram levadas ao público amazonense, pela primeira vez: "Romeu e Julietta" e "Mireille"

"Romeu e Julieta" estreou a 25 de julho e seu desempenho agradou muito:

"É justo registrar que nesta ópera o sr. Demauroy cantou como ainda não o tínhamos visto cantar e os aplausos dispensados foram os mais justos.

O sr. Duvernet ... satisfez outro tanto, porém, não podemos dizer do sr. Dalbiés e da sra. Geraizer.

A balada da Rainha Mab, no 1º ato, execelentemente cantada pelo sr. Vilette a quem coube o papel de Mercurio.

O segundo ato é um delicioso idílio, devendo destacar-se o dua da varanda em que Demauroy e Delmay mereceram francos aplausos.

O 3º ato também encerra beleza extraordinária. A cena severa da benção nupcial valeu a Cerviéres, Demauroy e Delmay uma veradadeira ovação. No 2º quadro deste ato há a canção do pagem graciosamente cantada por melle. D'Angeville. Há ainda cena dos duetos... Os srs. Vilette e Demauroy estiveram inexcedíveis.

O 4º ato, magnificamente trabalhado, dá lugar a um duo de amor... A cena do narcótico, muito bem jogada por Cerviéres e Delmay" (136)

Igual sucesso aconteceu com a "*Mireille*": *"O desempenho foi excelente por parte de todos os artistas. Demauroy esteve numa de suas noites mais felizes. Vilette mais uma vez demonstrou o seu valor e o sr. Cerviéres cada vez mais agrada."*(137).

(134) - *Amazonas*, 3 de julho de 1906
(135) - *Amazonas*, 2 de agosto de 1906
(136) - *Amazonas*, 26 de julho de 1906
(137) - *Amazonas*, 11 de agosto de 1906

unesp

Ao final desta récita mais do que aplausos para cantores e orquestra, o maestro Edouard Boni recebeu muitos presentes(138). O grupo vinha de uma sequência de apresentações que tiveram feliz resultado, quer pelo desempenho, quer pela escolha da obra a ser executada. Foram dadas ao público três novidades de grande êxito ("*Le 'Grand-Mogol*", "*Les Saltimbanques*" e "*Mignon*") e três versões originais das mais bem sucedidas operetas ("*Les 28 jours de Clairette*", "*La Fille de Madam Angot*" e "*Les Cloches de Corneville*").

As últimas récitas mantiveram o elevado nível a que tinha chegado o grupo trazido por Joaquim Franco.

Em "*La Boheme*", repetiu-se o sucesso: *"O sr. Demauroy cantou com 'entrain' o papel de Rodolpho. Outro tanto podemos dizer de Melle. Delmay, que nos deu uma Mimi terna, meiga e apaixonada. Foi ideal..."*(138) Elogios também para Vilette, Cerviéres, Duvernet e Berthy; o grupo ainda faria mais duas vezes esta ópera e teve que bisar o quarteto do 3o ato outras tantas de vezes. A orquestra esteve a contento e a única ressalva feita pelo crítico do "Amazonas" foi em relação a *mis-en-scene*: *"Peça de muito movimento, a Boheme exige que o diretor de cena seja um homem inteligente, sempre pronto a atender as exigências da peça, que não são poucas. Mas o diretor de cena* [Depere] *da Cia. Franco não é nada disso."*(139)

Em meio aos derradeiros espetáculos ("*Les Noces de Jeanette*" e "*Petit Duc*"), os cantores Vilette e Cerviéres prestaram homenagens aos jornalistas amazonenses(140). A temporada havia sido um sucesso. Apenas um acontecimento terá maculado a estação lírica de 1906. O jornal "Amazonas", em apoio às denúncias feitas pelo "Theatro", repreendeu a Companhia Franco pela má fé do seu procedimento: estaria provocando a enxurrada de espetáculos, misturando récitas de assinatura com extraordinárias e repetindo demasiadamente as peças, com o intuito de partir para Belém, onde poderia fazer mais uma temporada.

> *"Mas este pretexto é fútil e nós não deixaremos passar sem reparo. E a censura a este procedimento dos diretores da Companhia é tanto mais justa sabendo que o Estado no louvável intuito de proporcionar ao público desta capital uma diversão sadia e na altura de seu progresso intelectual estipendia onerosamente esta Cia.*
>
> *Ao chegar nesta capital essa empreza distribuiu com avulsos e publicou pelos jornais o repertório que aqui vinha desempenhar.*
>
> *Está ela, ao que se diz em vésperas de deixar Manaus sem levar à cena muitas peças: Pecheurs de Perles, Werther Sanson et Dalila, Lakmé, Manon e Pagliacci, e de operetas: Rip-Rap, Petit Duc, Belle Helene, Orpheu aux enfers, Gilette et Narbonne, Le Perichole, La Poupée e Miss Hellyett"*(141)

Ao que parece, isto não abalou a reputação do maestro Franco e não deve ter interferido no julgamento que foi feito pelo público, e até mesmo pela crítica, sobre a atuação da Companhia Francesa. Prova disto está na segunda temporada lírica que o maestro Franco promoveu a partir do final de março de 1907.

---

(138) - Idem. Dias antes, Joaquim Franco havia sido homenageado com uma coroa de ouro. Ver: *Amazonas*, 9 de agosto de 1906

(139) - *Amazonas*, 12 de agosto de 1906

(140) - *Amazonas*, 15 de agosto de 1906

(141) - *Amazonas*, 11 de agosto de 1906

unesp

Em 30 de março de 1907, outro grupo de cantores e mais o maestro Edouard Boni, estreava no palco do Teatro Amazonas o "Guilherme Tell" de Rossini, na versão francesa original:

> *"Não se pode dizer que foi um completo sucesso artístico. A tradução francesa do libreto de Jouvy é má, a mesma que Rossini se utilizou para musicar.*
>
> *O 1º ato foi muito frio apesar de Valdor e Hughes conquistarem o público logo, com animadoras palmas. O duo entre Guilherme e Arnold foi o destaque. No 2º ato cantou a sra. Leon de Mendez (voz afinada e agradável), cantou com ternura e foi aplaudida.*
>
> *O barítono Valdor é um verdadeiro artista, de voz excelente, bem timbrada, que se ouve com prazer.*
>
> *O sr, Manent é um magnífico baixo, destacando-se no trio do 2º ato. Estranhamente o espetáculo terminou no coro dos conjurados.*
>
> *Coros fracos. Orquestra boa."* (142)

Uma outra ópera de autor italiano, mas que foi composta originalmente em francês e foi levada pela Companhia Lyrica Francesa de 1907 ao Teatro Amazonas, foi "*La Fille du Regiment*", de Donizetti:

> *"A sra Leon de Mendez revelou-se execelente cantora e atriz. No duo com Suspice, nos couplets, na cantilena dos adeuses, no trio com a marquesa e Suspice e por fim no 'Salut a la France', foi incomparavelmente bem.*
>
> *Os seus agudos são melodiosos e nos pianíssimos é extraordinária de suavidade.*
>
> *A sra. Durand cantou também com correção, embora o seu fisico não se prestasse a encarnar o papel da velha duqueza. Ao sr. Darnaud coube papel de responsabilidade... logo às 1as cenas soube impor-se pela sua magnífica voz de baixo cantante.*
>
> *Servat mostrou-se um bom cômico. Benevady não tirou do seu papel todo o partido desejável e sua voz apesar de afinada não tem extensão nem registro agudo.*
>
> *Os coros mal ensaiados entraram em luta com a orquestra que não esteve muito segura. O espetáculo terminou com o grande bailado do 'Fausto'"* (143)

Uma terceira ópera, nas mesmas condições das precedentes, foi levada dias mais tarde. "*La Favorite*", de Donizetti, também foi composta originalmente em francês.

(142) - *Amazona* , 31 de março de 1907
(143) - *Amazonas*, 3 de abril de 1907

unesp

O elenco que subiu à cena veio com Moska (Leonor), Valdor (Affonso XI), Manent (Balthazar) e Hughes (Fernando), que *"fez um esforço digno de menção, cantando o papel de Fernando, que é para tenor meio caráter. Um artista que canta Guilherme Tell não pode sem sacrifício cantar a Favorita e o sr. Hughes não só o fez como muitas vezes se fez aplaudir. Merece louvores."*(144) Aparentemente, só o desempenho da sra. Moska, que substituiu a cantora principal Conte, não esteve à altura do espetáculo e principalmente de seus parceiros, mais uma vez bastante elogiados.(145) Ainda assim *"o mobiliário estava pobre para o palácio do riquíssimo rei de Castela"*(146).

Esta já não seria a primeira vez que a sra. Moska mostrara-se *"esforçada, mas sem voz alguma"*(147). Dias antes, quando da récita de "*Dragons de Villars*" ela havia se mostrado segura do papel, mas não tanto como cantora(148). E o cronista do "Amazonas", apesar de achar a música belíssima, protestou: *"A cia. tem elementos de sucesso e pode proporcionar ao público uma bela temporada lírica mas para isso precisa pôr de parte Filhas do Regimento e Dragões de Villars"*(149)

O protesto parece ter surtido efeito, pois logo a 9 de abril sobe à cena "Fausto" de Gounod, ópera levada na estação passada e que na ocasião, não convencera a todos. Entretanto, desta vez foi diferente:

> *"Peça muito conhecida do nosso público, para agradar tem de ser levada com correto desempenho e ser bem cantada.*
>
> *A cia.Franco tem bons elementos. Provou-o ante-ontem. O sr. Hughes cantou corretamente a parte do Fausto, principalmente a ária: 'Salut, demeure chaste et pure'. O sr. Manent, o excelente baixo cantante também agradou.*
>
> *O sr. Valdor confirma o juízo que dele se fazia: é um artista de mérito e um cantor correto, 'Sainte Medaille' valeu-lhe muitos aplausos.*
>
> *Entrou nesta ópera melle. Demours que apesar da clássica emoção da estréia agradou-nos muito. Tem voz extensa, timbrada, agradável. Destacou-se na canção do Rei Thuli, na ária das jóias e no final colheu os mais justos aplausos. Coros e orquestra, como sempre indecisos."*(150)

Corrigidos os problemas do grupo orquestral e do coro, a reprise do "Fausto" *"foi melhor ainda"*(151) E ficaria melhor ainda com a entrada de Leon de Mendes, na reprise do dia 14 de abril: *"A sra Leon de Mendes ao substituir a sra. Demours recebeu a maior ovação da temporada nomeadamente na ária das jóias"*(152)

Leon de Mendes deve ter sido uma cantora de voz bastante extensa, pois além dos papéis de que já se incumbira na temporada, fez o de Carmem, logo dois dias depois de ter cantado a Margarida do "Fausto". A comparação com D'Angeville foi inevitável para público e crítica.

---

(144) - *Amazonas*, 11 de abril de 1907
(145) - Idem
(146) - Idem
(147) - *Amazonas*, 11 de abril de 1907
(148) - *Amazonas*, 7 de abril de 1906
(149) - Idem
(150) - *Amazonas*, 9 de abril de 1907
(151) - *Amazonas*, 10 de abril de 1907
(152) - *Amazonas*, 15 de abril de 1907

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

unesp

Mas o elenco desta versão de 1907 era bastante seguro e a dupla Leon de Mendes e Valdor foi ovacionada; até *meile*. Moska saiu-se bem.(153)

Pelo que disse a crítica, esta cantora, de voz limitada e sem cor, tinha um grande trunfo, o de desempenhar convincentemente o seu papel. Com base nisto cantou dias antes (13/04) a protagonista da "*Mignon*" de Ambroise Thomas, que na estação passada não tinha dado a melhor das impressões. Agora, em 1907, coadjuvada por Leon de Mendes, Darnaud e Botti, soube agradar bastante. Mas não terá sido desta vez que a "*Mignon*" teve um desempenho a contento: *"O sr. Henric* [tenor] *não é artista, nem sabe pisar o palco, nem tem voz para cantar em teatro"*(154). Estaria o tenor sofrendo do mal que o mataria poucos dias depois? Talvez seja esta a explicação para o fiasco que proporcionou, pois a direção da companhia não confiaria o papel de Frederico (da "*Mignon*") a Henric; a estréia de "*Les Huguenots*" foi adiada três vezes, por causa de seu passamento.(155)

Quando finalmente "*Les Huguenots*" subiu à cena em 22 de abril, o fantasma de uma epidemia rondava a companhia; antes da reprise desta ópera outro tenor morreria, o comprimário Manrique. Ao menos as exibições de "*Les Huguenots*" no palco do Teatro Amazonas foram compensadoras ao esforço do grupo. A crítica elogiou a estréia, deu destaque a todos os cantores principais e comentou todas as passagens ato por ato, concluindo: *"Que a Companhia Franco nos dê sempre espetáculos como este"*(156).

Antes do final da temporada, três novas peças foram levadas. "*Galathée*" de Victor Massé foi confiada a sra. Moska e esta garantiu os aplausos.(157).

As duas últimas óperas fizeram sucesso estrondoso. Em meio às reprises de "Fausto", "*Les Huguenots*"e "*Galathée*", estrearam "*L'Africaine*" e "O Guarany", em versão francesa, traduzida especialmente para esta temporada.

Em "*L'Africaine*" foi a vez da soprano Conti, que até então tivera atuação discreta, se consagrar perante público e crítica: *"A sra. Conti cantou bem a ária do sono no 2o ato e o famoso dueto do 4o ato, para na cena final do 5o ato exprimindo todo sentimento, fazer jus aos mais francos aplausos"*(158)

A soprano Leon de Mendes e os baixos Manent e Darnaud, sempre muito corretos, contribuíram para a grande noite. Mas foi o tenor Hughes e o barítono Valdor que praticamente roubaram o espetáculo. *"Hughes esteve triunfal, não se esperava isto dele.[...] Incontestavelmente ao barítono Valdor são devidos os mais francos aplausos. Difícil é citar o trecho em que o distinto ator mais se salientou."*(159)

Infelizmente "*L'Africaine*" foi reprisada somente uma vez, pois havia a necessidade de dar descanso aos artistas (morrera mais um comprimário, além dos precedentes).

Com a temporada no final, sobe ao palco do Teatro Amazonas, "O Guarany", em francês. A sequência ininterrupta de 4 récitas com esta mesma ópera, já sugerem o grande evento que foi; a procura pelos bilhetes foi enorme, estimulada pelas notícias da estréia:

(153) - *Amazonas*, 17 de abril de 1907
(154) - *Amazonas*, 14 de abril de 1907
(155) - *Amazonas*, 20 de abril de 1907
(156) - *Amazonas*, 23 de abril de 1907
(157) - *Amazonas*, 27 de abril de 1907
(158) - *Amazonas*, 6 de maio de 1907
(159) - Idem

"A ópera mais bem cantada da temporada. Os artistas foram muito aplaudidos e o maestro Franco teve uma ovação por parte do público. Foi um verdadeiro delírio. Leon de Mendez substituiu Conte à última hora que caiu doente, e saiu-se muito bem no papel de Cecília; foi uma franca ovação. O sr. Hughes cantou admiravelmente com notas puras e claras como ainda não o tínhamos ouvido. Arrancou os aplausos no final do 1o ato e passou a partir daí a fazer jus a eles. O sr. Valdor fez impecavelmente o aventureiro. Manent foi um excelente cacique (não estamos acostumados a ver o Pery e o cacique barbados). O sr. Darnaud foi correto como Antonio Mariz. Os coros logo de início estiveram firmes. A orquestra (como sempre) hesitante. O bailado agradou muito.

Cenários belíssimos. Guarda roupa luxuoso.

Juntamos nossos aplausos aos do público pelo tour de force que fizeram os artistas par nos dar óperas como esta: um magnífico espetáculo." (160)

A crítica das outras noites não foi diferente. A companhia manteve o alto nível da exibição e o ritmo excitante da estréia

A última ópera que se encenou no palco do Teatro Amazonas foi "*La Juive*", de Halévy. Seu desempenho foi dos melhores, ainda que todos estivessem embriagados pelo "Guarany", e a crítica pouco tenha cuidado da derradeira ópera. O público deve ter apreciado, pois três dias depois, "*La Juive*" é reprisada em benefício de Leon de Mendes e Manent.(161)

Ainda que o Teatro Amazonas não tenha ficado relegado ao ostracismo, pois outras companhias de dramas e de revistas e operetas portuguesas ainda passariam por ele nos meses seguintes, o palco principal de Manaus viu a última companhia de ópera neste ano de 1907.

A ausência de companhias líricas nos anos seguintes, embora a arrecadação tenha se mantido alta (até 1910) e a cidade tenha crescido e melhorado ainda mais durante este meio tempo, era a premonição dos tempos ruins que estavam por vir. É certo também que os acontecimentos políticos na Europa e o medo das sezões tropicais contribuíram, e muito, para tal ausência. Até 1910 ainda se esperou em vão por mais uma estação lírica. Muitos consolar-se-iam com algumas revistas de mérito, como as de Filipe Duarte e Tomaz Del Negro ("Agulhas e Alfinetes" e "Santo Antonio em Lisboa", por exemplo) ou ao menos de interesse específico como foi "O Patureba", que divertiu o público mas não agradou inteiramente à crítica. Ainda foi possível ver "Tim-tim por tim-tim" com um grupo de nome. Em 1909 o público viu pela última vez uma .grande atriz portuguesa, Angela Pinto. Mas o *glamour* da Manaus da época da borracha começou a se perder quando a Companhia Lyrica Franceza se foi em 1907.

(160) - *Amazonas*, 13 de junho de 1907
(161) - *Amazonas*, 29 de junho de 1907

unesp

3.2 Os Concertos e os concertistas

O gosto popular por espetáculos teatrais foi predominante entre os manauenses que viveram durante o período da borracha. Durante 30 anos ininterruptos, este público teve a oportunidade de assistir a companhias de teatro, ópera, opereta, zarzuela, revista, melodrama, *vaudeville* e mágica. Certamente que nem todos os anos foram tão pródigos em quantidade e qualidade de representações, mas o público parece ter se reconfortado com a vinda de artistas corretos e alguns deles de grande expressão nacional e internacional. Se em algumas temporadas o público só teve uma companhia para assistir, noutras pôde escolher o gênero que mais lhe satisfizesse e o local para onde se dirigir, tal era a movimentação dos palcos manauenses. O público de Manaus pôde assistir a Manuela Lucci, Pepa Ruiz, Lucinda Simões, Chaby Pinheiro, Tomaz Del Negro, Amélia Lopícolo, Adelaide Coutinho, Angela Pinto, Lucília Péres Adéle Marchesi, Francesco Coniglio, Martinez Patti, Francesco Bonini, Michele Sigaldi, De Franceschi, Giorgio Polacco, dentre tantos outros intérpretes de grandes recursos e experiência.

Mas houve também espaço para os concertistas, para a música camerística e sinfônica e para outra música vocal. Entretanto, a imprensa local nem sempre deu o mesmo destaque que dispensou aos gêneros do teatro musicado. Não que os instrumentistas e os grupos de câmara fossem desinteressantes ou incompetentes. Já se sabe que bons cantores e instrumentistas estiveram a frequentar os palcos e salões manauenses, mas o fato é que nem toda a imprensa local se entusiasmou em comentar seus recitais e na grande maioria das vezes resumiu-se a divulgar, até com certa antecedência e em razoável número de vezes, os concertos e seus intérpretes.

A primeira explicação que se encontra para tal fenômeno, está no fato de que a ópera, o teatro, e seus assemelhados, atendiam com muito mais propriedade aos apelos enfáticos do público e da crítica da época; tal fenômeno, que atingiu um número cada vez maior de pessoas, não se restringiu a Manaus e tampouco ao Brasil. Embora o século XIX tenha sido a época em que a música instrumental assumiu-se mais independente da música vocal do que em períodos passados, as ideologias marcaram estes tempos de industrialização e mudanças de hábitos e mentalidades. Todos tiveram participação nesta ou naquela corrente de pensamento, principalmente artistas, escritores e intelectuais. A divulgação dos ideais libertários que dominaram o século XIX, foi feita amplamente pelo teatro declamado ou musicado: a causa nacionalista italiana teve em Giuseppe Verdi um de seus mais ardorosos militantes e isto ficou evidente em suas óperas, assim como a cultura e o mundo *parvenu* foram expostos pelo *vaudeville* e pela opereta que produziu expoentes musicais de qualidade inegável, como Offenbach, Planquette e Lecocq, dentre muitos outros. A identificação do público com as personagens e as situações descritas por estes e muitos outos autores, certamente estimulou a afluência cada vez maior de pessoas aos teatros. Deve se somar a isto o fato de que a redução da jornada de trabalho, uma das conquistas trabalhistas conseguidas pelas ideologias libertárias ao longo do século XIX, permitiu o acesso da classe trabalhadora ao teatro.

É bem certo que na Europa e nas Américas prosperaram as sociedades de concerto e que as execuções públicas também se multiplicaram.

unesp

Em Manaus, guardadas as devidas proporções, também floresceram grupos e clubes musicais, sociedades de concerto e associações similares, assim como a atividade de concertistas estrangeiros em solo amazonense cresceu significativamente nos 20 anos que envolveram a virada do século XIX para o XX.

A crítica musical, sempre presente aos espetáculos cênicos e do gênero lírico, reportou-se em escala bem menor aos recitais de instrumentistas e cantores. É bom que se enfatize: a divulgação dos concertos sempre ocorreu a contento, com dias de antecedência, informando ao público do repertório e dos antecedentes dos músicos, sempre que possível.

Um outro motivo parece ter influenciado a ausência de crítica aos concertos. A grande participação de profissionais e diletantes locais nos recitais. Pode-se argüir que uma crítica mais ácida ou destemperada pudesse indispor ou causar certo constrangimento em músicos que ocupassem posições respeitáveis, fossem eles altos dignitários ou profissionais afamados, desta e de outras localidades.

Entretanto, este último argumento não deve ser observado com generalidade e as linhas seguintes dirão o porquê.

A crítica do *Amazonas* foi rígida com o jovem Conde José Sabatini em seus concertos realizados em Manaus, em fins de 1906. Sabatini era há algum tempo bolsista do Estado do Amazonas, estudando música na Itália. Veja-se o que disse o crítico do referido jornal, sobre as apresentações do jovem violinista e regente.

> *"CONCERTO SABATINI*
>
> *Com regular concorrência realizou anteontem o sr. José Sabatini o seu concerto de despedida em um dos salões do Club Internacional. O programa foi cumprido sendo substituída a sonata n. 4 de Mozart por uma Fantasia de Weber.*
>
> *Agora que o simpático estudante amazonense se despede da sua terra natal seja-nos permitido fazer uma curta análise dos seus concertos declarando desde já que seremos imparciais.*
>
> *O sr. Sabatini quando se apresentou ao público de Manaus declarou-se diretor de orquestra, foi de uma infelicidade sem nome já na escolha de suas peças, já na execução das mesmas. Esquece-se, ou por outra, ignora o sr. Sabatini que ser diretor de orquestra é uma cousa um tanto difícil. Precisa ouvir os clássicos, ter noções de estética, alta composição, conhecimento completo de instrumentação e outros predicados indispensáveis que seria enfadonho mencionar.*
>
> *Como foi, ou é, subvencionado pelo governo de sua terra para estudar música e como se dedica especialmente ao estudo do violino, devemos portanto trata-lo por violinista.*
>
> *Como o sr. Sabatini não deve ignorar, o violino foi até certo tempo aplicado a execução de músicas populares e músicas para dança. Coube a Corelli a grata tarefa de estudar e desenvolver este instrumento, descobrindo uma maneira especial de dedilhação e de manejar o arco, circunstâncias até esse tempo ignoradas. Corelli compôs peças originais para violino que até hoje são consideradas trabalhos clássicos. Su-*

unesp

cederam a Corelli outros violinistas não menos ilustres, tais como: Vivaldi, Tartini, Nardini, Viotti, etc.

Viotti foi um reformador, foi além do que os outros fizeram, já transpondo o pequeno círculo a que o violino estava circunscrito, já compondo as mais belas jóias para este instrumento. De Viotti em diante o violino veio de progresso em progresso. Os alemães como sempre, amantes da técnica tornaram-se célebres no séc. XVIII pela destreza da mão esquerda tiraram porém pouco efeito com o arco, dando-se realmente o contrário em Itália e França Sucederam a Viotti distintos virtuoses tais como Benda, Ecki Froenzel, Spohr, Leclere [Leclair ?] *Gauniês, o célebre triunvirato de Kreentzer* [Kreutzer ?] *Rode e Baillot.*

Deste último, considerado o mais distinto dos três, ainda sobrevivem as suas obras cabendo-lhe a glória de ter fundado em França a escola de violino, a mais brilhante que houve na Europa, não só pelos seus resultados práticos, como também pelo seu mecanismo.

Como dissemos vem o violino sempre em progresso até Paganini, o homem que jamais dificuldades de execução venceu nesse instrumento, sendo portanto o violinista mais extraordinário que tem aparecido. Ninguém melhor do que ele produziu sons harmônicos em todos os tons e posições em duas cordas, etc, etc. Chegamos a Bériot que pertence a nova escola de violino e cujas composições fazem parte em todos os programas de concerto de violinistas célebres.

Tivemos ainda Sibori, Vieuxtemps, Leonardi, Sarasate Joachim, violinista húngaro, Tibaut e outros mais que seria supérfluo enumerar até chegarmos a Kubelik o artista divinamente extraordinário, assombroso, profundamente humano e que presentemente mais dificuldades vence no violino, de que ele faz o que quer, o que entende, chegando, segundo a opinião dos críticos europeus a reviver o repertório de Paganini.

Nós aqui pelo Amazonas se ainda não tivemos um Kubelick, um Joachim, um Sarasate, já tivemos o inesquecível Adelelmo do Nascimento, Leocádio Rayol, Próspero Marsicano, Mamede da Costa, Serra e Nicolino Milano.

Vê portanto simpático violinista que já podemos dar alguma opinião sobre os seus concertos.

Notamos nos programas do sr. Sabatini a ausência de escritores originais para o seu instrumento: Vieuxtemps, Bériot, Kreutzer, Leonardi e outros mestres. Fazemos esta observação porque o sr. Sabatini apresentou-se como violinista e o seu programa não passa do de um mediocre amador. Estamos certos de que o jovem amazonense estudante poderia chegar até estes mestres, pois quando sai da Sera de Catalani e da Serenata de Pierné o desastre é completo.

Falta-lhe afinação, o seu arco é flácido e sente-se logo à primeira vista que o moço artista faz o possível para a-

gradar mas não pode dar o que não possue.

Os 2 números de Bach para violino solo, Sarabanda e Gavotte, só poderiam ser suportados por celebridades que têm o savoir-faire do instrumento e da arte.

Outra causa digna de nota no sr. Sabatini é a maneira em que se conserva quando toca parecendo mais estar num navio que é balançado pelas agitadas ondas que um artista correto com arte e alma a reproduzir trechos dos grandes mestres. Abandone esse modo por demais exegerado. Procure ser despretensioso, modesto, sem ter veleidades de armar ao efeito de cousas ridículas que a ninguém recomendam.

Siga o exemplo de Kubelick que é um tudo por tudo a correção personificada.

Não queríamos tratar do Traumerei de Schumann, por quem temos quase uma idolatria e de quem dizia Emile Zola, compunha jóias para damas inteligentes. Mas o sr. Sabatini é tão incorreto quando o executa que não pôde passar despercebido. Na "música de câmera" o artista tem que se submeter a uma execução igual, medida sem os rallentando que o sr. Sabatini passo a passo lhe quer introduzir a seu arbítrio.

Se lá na Europa para onde se dirige se lhe oferecer alguma ocasião de assitir o violino de qualquer celebridade, ouvirá com certeza o Traumerei de Schumann. Observe então a maneira como é executada e verá que temos razão quando dizemos que o moço amazonense tem o arco flácido, frouxo, dedilha mal, desafina de quando em vez, chegando ao ponto de saltar compassos colocando por isso em sérios embaraços o seu acompanhador.

O sr. Sabatini é moço inteligente com largo futuro em sua frente. Dedique-se seriamente ao estudo da música e de seu instrumento. Desvende os sublimes mistérios da divina arte, procure compreender e interpretar os mestres, para que possa um dia vir a ser um artista notável com a alma de um Kubelick e a execução de um Paganini. Em música não há meio termo, ou tudo ou nada.

O sr. Sabatini que não se iluda com as louvaminhas dos seus amigos que outra coisa não conseguem senão prejudicar tornando-o vaidoso.

A arte - a pura arte - paira muito alto em regiões superiores, aonde só podem chegar os talentos privilegiados, as inteligências de elite, as organizações verdadeiramente artísticas. Para interpretar a obra dos mestres como eles a conceberam e escreveram, convém antes de tudo fazer aquisição de uma grande soma de estudos e de dispor de uma alma para sentir.

O sr. Sabatini não nos queira mal com que aí fica escrito. Se a nossa franqueza rude lhe desagradar creia firmemente que ela não tem outro fim senão a de ser-lhe útil indicando-lhe o caminho que fatalmente o conduzirá à gloria.

unesp

É o que sinceramente lhe desejamos"(1)

A transcrição da longa crítica feita pelo articulista do *Amazonas* ao violinista José Sabatini permite algumas reflexões. Primeiro, percebe-se que o crítico tem conhecimentos suficientes sobre o que fala, e esta foi seguramente sua intenção quando divergiu da técnica e do estilo de execução do jovem bolsista. Mais que isto, fica clara a referência estética do articulista, bem de acordo com o padrão dominante de sua época: tanto os seus conhecimentos históricos como seus conceitos, suas opções de gosto e valor, são fiéis às correntes principais que se seguiam na Europa. E, por último, vê-se o quão imparcial e exigente podia ser a crítica musical manauense àquela época.

Com base neste nível de exigência, veja-se que apreciação teve o mesmo articulista sobre um outro concerto realizado no Teatro Amazonas no mesmo mês de dezembro de 1906. Neste recital apresentaram-se diversos diletantes e profissionais locais, executando obras de autoria do maestro e pianista Giácomo Cornetto, que regeu a orquestra (Cornetto, que chegou ao Amazonas em 1892, já gozava fama como intérprete e regente, tendo atuado com empresas líricas e artistas estrangeiros de nomeada):

> *"Com um auditório pequeno porém seleto, realizou anteontem o maestro Giácomo Cornetto o seu concerto no Teatro Amazonas*
>
> *Tomaram parte alguns amadores da velha guarda como o sr. dr. Paulino de Mello, Raymundo Filgueiras, Geraldo Amorim, Cel. Gentil Bittencourt, Antão Campello, e os profs. Hugo Pagani, Sobreira Lima, Cesar Vesce, Pedro Belfort, Fulgêncio de Souza, etc. etc. Não podia o maestro Cornetto ser de forma alguma infeliz na execução dos trechos de sua composição confiadas a tão distintos professores.*
>
> *O maestro Cornetto foi também auxiliado po Mme. Bosi e pela exma. sra. dona Celeste Ramos. Mme. Bosi cantando a 'Legende Valacque' de Braga e a 'Balatta' de Cecy do 'Guarany', e a exma. sra. D. Celeste Ramos fazendo ao piano a parte da harpa da 'Sinfonia Dramática' do maestro Cornetto.*
>
> *Mme. Bosi fez recordar os tempos em que nos fazia ouvir a Gilda do 'Rigoletto' e a Violeta da 'Traviata'.*
>
> *A exma sra. D. Celeste Ramos saiu-se bem no desempenho da parte que lhe foi confiada à orquestra.*
>
> *O maestro Cornetto executou ao piano os 'Noturnos' op. 9 e op. 15 de Chopin, um 'Scherzo Valse' de Moszkowzky, a 'Sonate au clar de lune' de Beethoven e a 'Paraphrase do Rigoletto' de Liszt. já daqui o dissemos - todo e qualquer artista é recomendado ao conceito do público, pela organização do seu programa. A escolha de Beethoven por si só fazia a reputação do maestro Cornetto.*
>
> *A verdadeira escola de piano acha-se dividida em três fases sendo os representantes da primeira Handel e João Sebastião Bach, um talento de elite.*

(1) - *Amazonas*, 4 de dezembro de 1906

unesp

Consistia esta primeira fase da escola de piano em parte ao estilo. Poucos são os executores que lançam mão do repertório de João Sebastião Bach, pois a exigência para sua execuçào é enorme. É necessário que o pianista possua uma força de mão e independência de dedos capaz de detalhar bem as frases que às vezes são divididas em 5 partes que obedecem mais a um sistema harmônico que melódico. Há atualmente na Europa um pianista português que se chama Viana da Mota, que é considerado atualmente o primeiro intérprete de Bach, como tal aclamado pela imprensa de Londres que não é fértil em elogios.

A segunda fase começa em Carlos Manoel Bach, filho de João Sebastião Bach. Foi uma escola brilhante a da arte de cantar ao piano. Nessa época Carlos Manoel Bch e outros pianistas, reconhecendo a necessidade de agradar por meio da melodia, cousa que não acontecia na fase de Scarlatti, Haendel, João Sebastião Bach, etc, etc, começaram a deixar esse estilo introduzindo em suas obras diversas combinações na escala do piano que durante muito tempo determinaram o tipo de todas as passagens brilhantes nesse instrumento. Nesta segunda fase do piano são menores as dificuldades do que na primeira. Como já dissemos o Coripheu desta escola foi o filho de J.S. Bach que estudou na Alemanha, aparecendo depois Haydn, Mozart, Muller, Beethoven, Dussek, etc, etc. De toda essa plêiade o mais humano, o mais transcendente foi Beethoven. 'Creio em Deus e em Beethoven' como diz o mestre de capela de Blasco Ibañez, Clementi, nascido em Roma, executando com perfeição rara as obras de Martini, Marcello Scarlatti, Bach, etc, etc, seguiu a mesma escola de canto no piano, foi um grande colaborador dessa época e enriqueceu essa escola com mitas composições dentre as quais destacam-se os célebres estudos 'Gradus ad Parnassum' feitos com uma consciência e uma arte irreparáveis. 'Gradus ad Parnassum' é um monumento musical, um templo consagrado à arte moderna.

A 3a fase do piano começa com Hummer e Kallbrenner que pertencia a uma dinastia de músicos. Era um virtuose extraordinário com inúmeras qualidades.

Continuador de Clementi, o piano sob seus dedos tinha um efeito prodigioso. Hummel e Kallbrenner introduziram inovações na arte do piano, constituíndo um novo sistema de passos brilhantes, conservando contudo o que de grande e científico encontraram na escola precedente. Herz e Moscheles além de Hummel e Kallbrenner no que diz respeito a saltos arriscados e ao ruído de notas. Schunk executou depois passos mais extravagantes e mais difíceis, ainda mais dos que todos que se conheciam até então.

unesp

Estas inovações na 3ª fase do piano chegaram ao exagero, desvirtuando os princípios da arte.

Apareceram vultos gigantescos no mundo do piano tais como Prudent, Zimmermann, Mme. Pleyel, Amedé Mereaux, Cramer, Bertini, Thalber, Stephen Heller, Gottschalk, Chopin, Liszt, etc, etc.

Chopin e Liszt, duas estrelas de primeira grandeza, talvez ôs dois mais célebres extraordinários pianistas do século passado. Chopin romanesco e impressionável até ao excesso. Sua imaginação divagava pelo mundo dos espíritos a evocar pálidos fantasmas e terríveis quimeras. O poeta-músico comprazia-se a improvisar numa penumbra cujos clarões indecisos acrescentavam um elemento mais surpreendente aos seus pensamentos - queixumes elegíacos, suspiros da brisa, sombrios terrores da noite, na frase de um seu biógrafo Liszt - o Paganini do piano - foi uma estrela brilhante cujo único defeito está em não se achar muito afastada e pela abundância de seus raios luminosos. Artista predestinado entre todos, cumulado de dons da providência, armado em guerra para todas as lutas, dotado de uma maravilhosa faculdade de assimilação, cheio de aspirações audaciosas para o belo e para o desconhecido, mantido por uma organização física e moral extraordinária, possuíndo enfim, todos os meios de execução excepcionais, ele teve ao nascer o seu berço cercado de fados - segundo o que escreveu a seu respeito um notável crítico de música.

Na execução dos 'Noturnos op. 9 e op. 15' e na 'Valse-Scherzo' de Moszkowsky e na 'Sonata' de Beethoven, o maestro Cornetto foi de uma felicidade extraordinária não obstante o piano não o ajudar. Mas na parte onde se revelou extraordinário e artista notável, não só quanto ao conhecimento do piano, foi na 'Paráphrase' de Liszt, em que o maestro se encontrava como peixe n'água. Fez-nos suportar o piano que não estava à altura do executor.

O maestro Cornetto, muito superior ao que já teve ensejo de se exibir perante o público do Amazonas há alguns anos atrás. Revela mais conhecimentos do seu instrumento que maneja com proficiência e paixão. O piano sob seus dedos adquirem uma sonoridade maravilhosa, sem nunca ser estridente, cousa que só se adquire com um trabalho não pequeno.

O maestro Cornetto apresentou-se também ao público do Amazonas como compositor, fazendo executar por um quinteto as suas composições. Visto por esse prisma também não foi infeliz. O maestro há de dar-nos permissão para destacar o trecho 'Am, Bach' não só pela sua execução, mas pela inspiração de quem o concebeu. Não temos aplausos para sua 'Sinfonia Dramática', por faltarem na execução elementos orquestrais de 1ª ordem, não abstante os esforços dos dignos professores que tomaram parte na orquestra.

unesp

Permita-nos o maestro as nossas felicitações."(2)

Mais uma vez o crítico do Amazonas, na seu peculiar estilo de escrever, deixou claro quais eram os parâmetros para o juízo de gosto em sua época. Ele estava, sem sombra de dúvida, de acordo com as preferências tradicionais do seu tempo.

Os dois longos artigos transcritos, mostram claramente que o articulista não era um despreparado para a função. Tinha conhecimentos musicais suficientes para avaliar o que ouvia e os usava em sua argumentação.

O anônimo articulista do *Amazonas*, também dá a oportunidade de que se saiba quem eram os seus ídolos, da escola violinística e pianística, opinião que não deviam diferir muito entre os demais diletantes e profissionais amazonenses daquele tempo. Sabe-se que os autores citados, todos grandes intérpretes, tiveram sua obra fartamente executada por músicos locais e forasteiros, nos salões de Manaus. Deve-se concluir que o público e a crítica tiveram várias oportunidades de regozijo. Mais que isso, deve-se entender que tais músicos que em Manaus se apresentaram, dentre os quais muitos amazonenses, tinham preparo suficiente para vencer as dificuldades técnicas exigíveis pelos grandes compositores apreciados àquela época

Em uma destas oportunidades, acontecida em janeiro de 1906, o público local pôde avaliar quem era Paulino Chaves, o músico que mais tarde fixar-se-ía em Manaus, assumindo a cadeira de Música da Escola Normal, e desenvolvendo atividade de concertista. Ainda que não se saiba exatamente qual o repertório tocado nesta ocasião, os predicados e a formação de Paulino Chaves eram pré-requisitos para uma perfeita exibição. Assim confirma a crítica ao seu recital:

> *"Francamente, ainda não tivemos aqui um pianista de tão impecável execução...*
>
> *Discípulo extremado da escola alemã, o jovem pianista tem o grande segredo da interpretação dos eminentes mestres. Na execução dos números do programa não houve falha e o artista salientou uma admirável naturalidade. Nós incitamos o habilíssimo pianista a dar outro concerto. ... para que mais uma vez o público conheça dos altos e inatacáveis conhecimentos de Paulino Chaves"*(3)

Ainda que mais uma vez não se saiba quem foi o responsável pela crítica publicada no *Amazonas*, sobre o concerto de Paulino Chaves em janeiro de 1906, pode-se presumir que seja a mesma pessoa que esteve presente em dezembro deste mesmo ano aos recitais de José Sabatini e Giácomo Cornetto.

Ao menos em um artigo desta natureza, publicado em junho de 1907, o crítico musical subscreve sua assinatura: Ana Cezar. Se Ana Cezar foi a mesma pessoa que fez as demais críticas sobre os concertos e as óperas, operetas e revistas levadas ao longo das temporadas de 1906 e 1907, não se sabe. Mas o seu estilo literário e a mentalidade que dele transparece, revelam uma proximidade com o crítico anônimo dos demais artigos. A crônica foi sobre o concerto realizado poucos dias antes pelo violoncelista Luiz Figueras:

(2) - *Amazonas*, 26 de dezembro de 1906
(3) - *Amazonas*, 17 de janeiro de 1906

unesp

"DUAS PALAVRAS SOBRE ARTE

Arte é a síntese do belo. Ser artista é ser belo e ser belo em arte é ser perfeito. Filha da inspiração e do trabalho, ela vive da concepção e da glória, burila-se na escola, molda-se no ideal, se enaltece e se enriquece pelo ensinamento de grandes mestres. Agradar, conquistar a admiração, celebrizar, aperfeiçoar, criar novos incentivos para novas gerações, eis a sua sublime missão.

E quão difícil é agradar, satisfazer as exigências da época, fazendo-se compreender e sentir sob as influências diversas das dos costumes e das tradições, da educação e cultura intelectual dos povos maximé quando se trata da mais bela e progressiva das Artes: a Música.

Embora não sejamos ainda um povo avançado nesta alta manifestação da inteligência humana, já possuímos entretanto considerável cultura para o compreender e julgar o mérito artístico dos nossos patrícios sem o beneplácito de opiniões estranhas.

A estética também pertence aos brasileiros. Temos muita alma para sentir as suavíssimas emoções do belo e para fazermos da arte no futuro um valioso patrimônio nacional" (4)

A estética positivista está mais que clara nas palavras de Ana Cezar, mais explícita do que nos artigos anônimos que o *Amazonas* publicou à mesma época. Uma das conclusões pertinentes a estes escritos, reforça a idéia do que era uma boa execução musical, para Ana Cezar e seus contemporâneos. O bom músico deveria exibir firmeza, sobriedade, clareza, correção, alguma gravidade e certamente deveria transmitir ao seu público, de modo muito natural, uma sublime superioridade. A escolha do repertório deveria obedecer a padrões pré-concebidos de beleza: virtuosidade técnica, sobretudo, caracterizava a execução bela.

Com base nestes conceitos, deve-se supor que muitos eram os músicos atuantes em Manaus, a envergar estas qualidades. Ainda com base na crítica jornalística pode-se saber o valor da soprano Maria Bosi, bem aceita pelo público e pela crítica: foi chamada pelo jornal "A Federação", em 1901, de *"... artista já consagrada pelo público... sempre correta, como artista consumada que é, cantou deliciosamente a 'Barcarola' do maestro Cornetto, aplaudida com entusiasmo* [assim como nas demais peças]"(5). Nesta oportunidade em que Maria Bosi se apresentou ao lado do violinista Mamede da Costa e do pianista Giácomo Corneto e suas alunas, houve mais registros: *"As srtas. Maria e Alcina Calmont de Andrade disseram distintamente os trechos que lhe confiaram, revelando decidida vocação para a arte do canto e o melhor aproveitamento das lições que lhe tem ministrado o maestro Cornetto"* [...] *"Mamede da Costa tocou com 'en train' a 'Cavatina' de Raff, um zapateado de Sarasate e revelou boa firmeza de arcada e facilidade de movimentos no 'Souvenir d'Amerique'* [de Vieuxtemps]"(6)

(4) - *Amazonas*, 11 de junho de 1907
(5) - *A Federação*, 24 de dezembro de 1901
(6) - Idem

unesp

Iguais elogios receberam o trompetista João José Lentini, a meio-soprano Mathilde Schiavinato, o violinista Raymundo Filgueiras e novamente Giácomo Cornetto, por ocasião de um concerto em março de 1900: *"A sra Schiavinato tem incontestavelmente uma bela voz..."* [...] *"Cornetto sempre corretíssimo no piano."* [...] *"Filgueiras, o mesmo temperamento de artista amável e emocionante"* [...] *"Lentini bom no piston..."*(7)

As críticas a concertos e recitais não se estenderam a muitos periódicos de Manaus. Além do *Amazonas*, do *Diário de Notícias* e da *Federação*, há poucos trechos que não acrescentam muito ao que já foi aqui transcrito. Entretanto, algumas menções são dignas de relação, mesmo que por curiosidade. Pelo *Jornal do Commercio* pode-se saber o quão bem sucedido era o afamado Quarteto dos Terríveis, que se apresentva no Café homônimo:

> *"Dia a dia aumenta a concorrência e o entusiasmo no Café dos Terríveis por causa não só de seu bom serviço, como também pelos excelentes concertos que costuma dar.*
>
> *Ainda ontem, completamente cheio o Café e o recinto em que ele se acha instalado, teve lugar o quarteto que foi primoroso. Não são tocadores de música que estão ali a massar os nossos ouvidos com barulhos e desafinações, são artistas conscienciosos, distintos, com alma, que sabem executar, que sabem interpretar toda doçura e devida expressão de trechos de grandes mestres.*
>
> *Aquele quarteto sai fora do comum... delicia-nos...*
>
> *Ontem quase todos os números foram bisados a pedido do público"*(8)

Imagina-se que o quarteto concorrente que se instalou no Chalet Jardim, em 1907, tenha sido formado por músicos de igual qualidade, em vista da afluência que o público teve à casa, dividindo a freguesia dos amantes da música.

Um destes músicos, saído de grupos que estavam a servir o público dos Cafés-concerto e *Music-Halls* de Manaus, era Raymundo Donizetti Filho. Vindo de uma família de músicos, Raymundo parece ter sido o mais talentoso dos Donizetti. Ainda que João Donizetti Gondim (1883-1958) tenha alcançado certo sucesso regional com a composição de música para dança e revistas amazonenses, ele não parece ter se destacado muito na execução do piano, seu instrumento de formação. Sua primeira aparição importante na vida musical de Manaus foi com o "Patureba" (1908), revista do amazonense Coriolano Durand que foi musicada por três autores: Paulino Sacramento, Verdi de Carvalho e o próprio João Donizetti. Ele continuou a compor outras peças do mesmo gênero durante os anos 10 e início dos anos 20. Nesta mesma época seu irmão Mozart Donizetti, flautista e negociante de instrumentos e partituras, mantinha uma loja do gênero na rua Henrique Martins. Além destes, houve José e Francisco Donizetti, que também sendo músicos, compuseram algumas peças de dança e gêneros populares. Nenhum deles deu mostras de ter se igualado a Raymundo Donizetti, cujo talento precoce granjeou-lhe uma bolsa de estudos para o exterior, às expensas do Estado do Amazonas. Veja-se o que disse dele o *Jornal do Commercio*, no ano de 1904, pouco antes do jovem violinista cearense ter sido agraciado com o privilégio governamental amazonense:

(7) - *Diário de Notícias*, 13 de março de 1900

(8) - *Jornal do Commercio*, 6 de novembro de 1904. O quarteto era formado por Arão Benjamin, Cesar Vesce, Ugo Pagani e Manuel Campos

unesp

"É preciso que todos saibam que o festival artístico de Donizetti Filho é amanhã.

Donizetti é o artista mais procurado e mais querido da nossa sociedade: talento, trabalho, tenacidade, modéstia, simplicidade, são as qualidades que o recomendam e o fazem admirado e estimado.

Talento múltiplo, maleável, uma aplicação musical extraordinária, conduzem o bravo maestrino a seguir para os centros artísticos da Europa, onde essa bela matéria prima que possue certo será eficazmente trabalhada com honra e proveito para o artista e com grande lustre para sua pátria.

O festival de amanhã é destinado a esse fim e nem uma só entrada resta já. Todas as famílias de Manaus vão assistir à festa de Donizetti...

Donizetti não toca um instrumento, toca todos, os instrumentos. Não executa música, interpreta-a, escreve-a, instrumenta-a, na perfeição.

Espírito bohêmico e indisciplinado, porém, preciso de tomar assento, dedicar-se a um só ramo da 'scientia-arte', e nele tornar-se grande, excepcional, para o que não lhe falta nem talento, nem vontade, nem intuição artística.

Quem escreve estas linhas é um grande admirador de Donizetti e mais de uma vez o tem aconselhado a não deixar-se envaidecer pelos aplausos dos amigos que o admiram superficialmente... por enquanto não tem mais do que a matéria prima, digna do mais cuidadoso lavor. Folgamos em ver nosso conselho acatado, sendo em boa hora o esforçado artista auxiliado pelo Governo do Estado"(9)

Outros músicos jovens foram merecedores de bolsa de estudos que o Estado do Amazonas lhes concedeu, para estudar na Europa; não houve somente os casos do Conde José Sabatini e do modesto violinista cearense Raymundo Donizetti Filho. Também foram bolsistas o violinista e compositor Elpídio Pereira, o violinista Cassiano da Encarnação, formado na Academia Amazonense de Belas Artes e outro violinista, Gentil Bittencourt.

Gentil Bittencourt foi o primeiro músico, que se tem notícia, a ganhar bolsa de estudos paga pelo governo do Amazonas. Ele foi bolsista da Província do Amazonas no ano de 1888 (tinha apenas 18 anos), estudando violino na Itália(10). Não se sabe ao certo quando voltou, mas seu nome só começa a surgir com frequência em programas de concertos camerísticos e orquestrais a partir de 1902. É provável que ele tenha voltado bem antes desta data pois seguiu carreira na extinta Guarda Nacional, chegando ao posto de Tenente Coronel (com o qual se aposentou) ainda nos primeiros anos da primeira década deste século (no ano de 1893 seu nome ingressa nos registros da loja maçônica de Manaus, chamada "Esperança e Porvir"). Sua carreira militar foi bastante discreta, apesar do posto que alcançou e dos cargos de confiança que exerceu. Sua atividade como violinista nas várias formações musicais em Manaus, inclusive ao lado de profissionais vindos de fora do Amazonas, foi bem mais intensa e divulgada.

(9) - *Jornal do Commercio*, 11 de outubro de 1904

(10) - *Jornal do Amazonas*, 2 de agosto de 1887. O nome e a destinação constam na publicação do Orçamento Provincial de 1888.

unesp

É possível que o jovem Gentil Bittencourt tenha ido para Itália em tão tenra idade a conselho de alguém mais experiente, como o mestre Adelelmo do Nascimento, professor em diversas escolas da província, e que deve ter observado nele predicados suficientes para que enveredasse pelo estudo da música. Embora o seu pai fosse um comerciante que em horas livres dedicava-se a clubes e associações, promovendo saraus e divertimentos, o jovem Gentil Bittencourt não teve mais estímulo para a Música que a bolsa para a Itália. Somente nos anos 10 do século XX ele veio a cursar Direito e Odontologia na nascente Universidade de Manaus(11).

Dentre os muitos colegas de estante do violinista Gentil Bittencourt, estavam amigos seus que foram seguramente instruídos por Adelelmo do Nascimento e bastante solicitados para apresentações musicais.

O primeiro deles, de quem já se falou momentos atrás, é Raymundo Filgueiras. Mais que a execução alegre e de têmpera, descrita pelo *Diário de Notícias*, Raymundo Filgueiras teve o privilégio de atuar ao lado do seu mestre Adelelmo do Nascimento em muitas ocasiões importantes e por bastante tempo (desde o início da década de 1890), o que já faz deduzir que ele tinha qualidades que se encaixavam dentro dos padrões estéticos exigidos pela sua época. Sua atividade estendeu-se por muitos anos e em muitos grupos camerísticos e orquestrais, acompanhando a grande maioria de musicistas que veio se apresentar no Amazonas. Seu talento foi suficiente para executar as peças célebres dos autores mais difíceis de sua época. Além disso chegou a se eleger deputado.

Outro violinista, que esteve ao lado dos precedentes em palcos e salões manauaras foi o professor Geraldo Amorim, assim chamado por ter ocupado uma cadeira do Gymnasio Amazonense durante muito tempo, chegando a ser seu diretor em algumas ocasiões. Geraldo Amorim também se formou em Direito, mas no Recife, e estando em 1890 de volta a Manaus, deve ter aperfeiçoado seus estudos de violino com Adelelmo do Nascimento(12), pois foi somente nos anos imediatamente a seguir à virada do século XIX para o XX que seu nome começou a aparecer em concertos ao lado de profissionais e amadores.(13)

Outro músico amazonense de grandes predicados, digno de menção, é Lourival Muniz (1876-1943). Embora sua família o tenha encaminhado para a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a fim de tirar o curso superior de Engenharia Geográfica, foram seus 4 anos no Instituto Normal Superior do Amazonas que lhe mostraram a grande vocação. Nesta instituição, Lourival Muniz conheceu Adelelmo do Nascimento de quem se fez o melhor discípulo, sendo durante todo o curso o primeiro em violino e canto coral. O mestre Adelelmo tinha motivos para se orgulhar deste seu aluno. Conta o cronista Agnello Bittencourt, contemporâneo de Lourival Muniz na mesma escola e classe, que:

---

(11) - Sobre Gentil Bittencourt ver : Bittencourt, A. *"Dicionário Amazonense de Biografias"* Obra Citada. pp. 239 e 140

(12) - Geraldo Amorim é um dos muitos alunos de Adelelmo citados na *Polyanthea* que se publicou em 1898, por ocasião da morte do ilustre baiano: *"Realizou-se em Manacapuru no dia 2 do corrente uma missa com 'Libera-me' que por alma do pranteado Adelelmo do Nascimento mandaram celebrar seus discípulos: Adolpho Coelho, João Coelho, Horacio José de Oliveira, Olivio Soriano Alves da Silva, D. Othília Sarmento da Silva, Aniceto Barrozo, João Sarmento, Dr. Geraldo Amorim, Pedro de Oliveira, D. Herminia Pires Coelho e senhorita Tereza Pires..."*

(13) - Bittencourt, A. *"Dicionário Amazonense de Biografias"* Ob. Cit. pp. 240 e 241

"Certo dia, eram onze horas da manhã, início da aula de Música, Adelelmo do Nascimento, dirigindo-se a Lourival, pede-lhe que se aprovisione de papel pentagramado e lápis, para apanhar o toque de corneta que àquela hora no quartel fronteiro se ía ouvir. O discípulo, como se fosse um 'ditado', registrou, da primeira à derradeira nota, todo o trecho do 'toque' militar. E, da mesma formà, de improviso, realizava uma transposição de tom. Não se achava ali um aluno comum, mas um mestre". (14)

Após o Instituto Normal e ter viajado ar cursar a Escola Politécnica, Lourival Muniz voltou ao Amazonas e ingressou no serviço público (realizou trabalhos de agrimensura e demarcação de terras) e na Academia de Belas Artes, mas já não encontrou o mestre Adelelmo que partira para Paris e lá morrera em 1898. Lourival Muniz tocou com frequência em vários grupos orquestrais e camerísticos, num período entre 1902 e 1905, pois em 1906 seguiu os passos do seu inesquecível mestre e viajou para Paris a fim de aperfeiçoar-se no seu instrumento, o violino. Não é sabido quanto tempo terá ficado em Paris, mas certamente mais de um ano e menos de quatro, pois em 3 de julho de 1909 seu nome reapareceu num concerto com a orquestra da Academia Amazonense de Belas Artes.(15) Em 8 de janeiro de 1910, estava a se casar em Manaus com a flautista e pianista Oda Nunes (que havia sido aluna da Academia de Belas Artes), para em seguida retornar à Europa. Deste consórcio que lhe deu 11 filhos, o primeiro foi batizado com o nome de Adelelmo.(16)

O objetivo destas linhas foi o de proporcionar uma idéia consistente sobre a qualidade das execuções musicais, através dos gostos e preferências do público e da crítica. Para tanto enriqueceu-se o trabalho com um bom número de exemplos, retirados de fontes jornalísticas e das crônicas de quem viveu a época. Tais exemplos mostram de maneira objetiva qual o pensamento dominante da estética musical no Amazonas e permitem avaliar o desempenho destes e de outros concertistas (não citados aqui), em outras ocasiões; para tanto observe-se a extensa relação contida no Apêndice "B" desta obra. Basta que se observe com atenção os principais requisitos, considerados por público e crítica, para que o bom músico tivesse um desempenho a contento: desde a escolha do repertório e dos seus companheiros de ofício, até a postura e o caráter que deviam exibir no momento de suas apresentações.

Infelizmente não foram muitas as críticas jornalísticas a recitais e concertos realizados em Manaus e são igualmente escassas as crônicas literárias que envolvem a vida e a carreira dos músicos deste período. As informações mais substanciais encontradas até o momento, foram transcritas acima, o que não quer dizer que sejam as únicas.

(14) - Bittencourt, A. Ob. Cit. pp. 331-333
(15) - *Amazonas*, 3 de julho de 1909
(16) - Bittencourt, A Ob. Cit. pp. 331-333

unesp

Em relação as crônicas biográficas transcritas, vale a pena dizer que elas são pertinentes por pelo menos mais um motivo. Mostrar a trajetória de músicos nascidos em Manaus (ou criados aqui desde tenra idade, como aconteceu com Lourival Muniz e Raymundo Donizetti) e que posição alcançaram perante seus companheiros de estante e aos olhos dos diletantes e do público em geral; necessário se fazia dar as notas, por tão poucas que fossem, sobre a vida destes músicos, sua procedência, formação, desempenho e o que deles ficou registrado. Outros tantos ficarão à espera de que se descubra a seu respeito, como são os casos da pianista Edelvira Praguèr e do violinista Paulino de Mello, de quem se sabe ainda muito pouco. Edelvira Praguer foi casada com o médico Antônio Barreto Praguer, um cantor diletante, mas a jovem pianista desde muito antes do seu enlace matrimonial já se exibia ao lado de bons nomes locais e de fora do Amazonas. Quanto a Paulino de Mello sabe-se que seguiu a carreira da magistratura, sendo um juiz em Barreirinha ainda em 1896 e desembargador no princípio deste século(17). Chegou a desempenhar repertório virtuosístico e virtuose chegou a ser chamado em algumas ocasiões, embora sua carreira musical tenha sido irregular devido às suas obrigações na magistratura.

Outros músicos locais e estrangeiros permanecem em quase total obscurantismo, à espera de que se lhes descubra informações sobre suas vidas. A lista daqueles que viveram muito tempo em Manaus, mas de quem praticamente nada se sabe, é bem extensa: Pedro Belfort, Ildefonso Pereira, Manuel Campos, Cesar Vesce, Ugo Pagani, Francisco Pacciani, Taurino Salermo, são apenas alguns dos tantos nomes. Ao menos para estes, o prestígio de concertistas parece permanecer, pois seus nomes aparecem arrolados nas mais variadas exibições, desempenhando várias funções e um repertório de nível considerável.

Enfim, ainda há muito por se saber.

(17) - Almanack... 1895. Ob. Cit. p. s/n

unesp

3.3 Publicações especializadas em Crítica Musical: "O Theatro" e "A Platéa"

Até agora, neste capítulo sobre a crítica musical em Manaus à época da borracha, as principais fontes citadas foram os grandes jornais de circulação diária. Para tratar dos espetáculos do gênero teatral, foram retiradas citações de cada um destes jornais, na mesma ordem cronológica em que se seguiram as temporadas. Deve ser novamente lembrado que em muitas destas temporadas, mais de um jornal (às vezes 3 ou 4) dedicou-se a criticar o desempenho dos espetáculos. A ordem estabelecida para o uso das citações foi a disponibilidade das fontes existentes, o conteúdo de suas páginas e a sequência das publicações.

Ao lado dos grandes jornais arrolados para esta pesquisa, surgiram duas publicações que diziam respeito aos espetáculos líricos nos anos de 1906 e 1907, exclusivamente: "O Theatro" e "A Platéa".

Ambas as publicações existiram em função das temporadas da Companhia Lírica Francesa trazida por Joaquim Franco; "O Theatro" em 1906 e "A Platéa" em 1907.

"O Theatro" foi publicado em 13 números, de 30 de junho a 11 de agosto de 1906. Seus dias de tiragem foram todos os sábados e quartas-feiras (com exceção da primeira semana, em que foi publicado na terça-feira, ao invés de quarta). "O Theatro" obedeceu a um padrão de organização de matérias. Publicado pela Typografia Universal, apresentava-se em 4 páginas, no formato de caderno, medindo 28cm X 21cm e com as seguintes seções: *'Foyer e corredores'*, *'Últimas representações'*, *'Notícias'*, uma página com o enredo ou o resumo das óperas estreantes, e uma série de pequenas colunas de conteúdo variado. Com exceção dos números inaugural e final, quando destinou-se um espaço para as apresentações e despedidas do jornal, a sequência de artigos praticamente não sofreu alteração.

Em *'Foyer e corredores'* discorria-se sobre os aspectos do Teatro Amazonas, no dia dos espetáculos, as pessoas de destaque social que frequentavam o *hall* antes das récitas e as *toilettes* mais elegantes. Esta espécie de coluna social do início do século vinha assinada por Zita, provavelmente um pseudônimo. Ao lado dos nomes de políticos e empresários destacados na cidade, lêem-se nesta coluna os nomes de artistas e intelectuais da época, tais como os violinistas Gentil Bittencourt e Geraldo Amorim, o poeta Thaumaturgo Vaz, o escritor Raul de Azevedo (também um crítico de espetáculos teatrais e operísticos), os autores teatrais Vicente Reis e Coriolano Durand, os professores da Academia de Belas Artes Salvador Carlos de Oliveira (este também do Gymnasio Amazonense) e Alberto Rangel. Estes são apenas os nomes mais assíduos, dentre os homens das artes no Amazonas, que mereceram menção nas páginas do "Theatro". Certamente, outros tantos vieram a frequentar a casa nesta temporada, tendo aparição mais discreta. A ausência de alguns nomes importantes do meio musical leva a crer que muitos músicos locais estavam a integrar a orquestra da companhia, caso de alguns professores da Academia de Belas Artes como o violoncelista Cesar Vesce, ou de profissionais locais com alto nível técnico para esta empreitada, como o violinista Ugo Pagani, o violista Pedro Belfort, o contrabaixista Giorgio Favaron, o flautista Manuel A. de Campos, o clarinetista Alexandre de Oliveira e o trompetista Napoleão Lavor.

unesp

Na coluna *"Últimas representações"* foram feitas as críticas pertinentes a cada uma das récitas operísticas da temporada. Todos os artigos são assinados por Gavroche. Embora este psudônimo tenha sido usado por Artur Azevedo(1), no Rio de Janeiro por volta desta mesma época, é bem pouco provável que tenha sido o ilustre maranhense o autor das críticas aos recitais da Companhia Lírica Francesa na temporada amazonense de 1906. Há a possibilidade de que um admirador do escritor ou alguém que se identificava com o significado da alcunha, tenha adotado o pseudônimo. Aliás, o bom humor parece ter sido uma constante do "Theatro". A começar pelos editores que se intitulavam *"vários perús aposentados"*;(2) conforme o significado da época perú era um cortejador, paquerador, ou namorado ridículo(3). Vejam-se suas vênias de apresentação ao público manauara:

> *"Lever de Rideau*
> *Pequeno travesso, que assestou baterias sobre as coisas do teatro, começamos por dar 'boa noite' ao público e aos artistas do Lyrico; prometemos ouvir tudo do nosso 'paraízo', com muito modo e atenção, dando as nossas piadinhas leves, justas, como sinete resplandescente e irrefutável da verdade. Faremos tudo para, em matéria de informações teatrais, dar uns 'furinhos' nas respeitáveis barrigas dos nossos respeitáveis vovôs... embora o maestro Franco não admita crianças nos bastidores.*
> *E nosso binóculo indiscreto, nos intervalos, saltitará sobre as toilettes das elegantes senhoras de nossa sociedade, e estando o pirralho O THEATRO ao serviço de uns 'perús aposentados', a ordem é bradar contra a peruada militante...*
> *Em guarda pois mestres de roda.*
> *O maestro Boni, com a sua varinha de condão, tem que levar esses rapazes da orquestra 'na hora', para não fazer tremeliques nos nossos ouvidos, e o Pirralho espera que o pessoal da ribalta não lhe dê motivos para reclamar...*
> *"O Theatro" pensa que com este comportamento pode apresentar-se à nossa sociedade, no Teatro.*(4)

Desta feita, foi com muito humor que a crítica musical misturou-se à crônica, nas páginas do "Theatro". Para tanto, veja-se a primeira das críticas do Gavroche local, feita à récita do "Fausto" de Gounod, levado à cena em 26 de junho:

---

(1) - Galante de Sousa, *O Teatro no Brasil*, Ob Cit. v. 2, p. 259. O pseudônimo não deve ter sido incomum, pois à mesma época, outro jornalista e autor teatral, J.F.Velho Sobrinho, tambem usou *Gavroche* para assinar crônicas em um jornal do Recife. Ver Galante de Sousa Ob. Cit. pp. 562 e 563.

(2) - Os redatores assim se chamam em todos os numeros de *O Theatro*

(3) - Cândido de Figueiredo, *Novo dicionário da lingua portuguesa*, 1949, Ob. Cit. V.2 p. 662

(4) - *O Theatro*, 30 de junho de 1906

unesp

"Terça, 26, a Companhia Lyrica Francesa de Óperas e Operetas estreou com o Fausto, de Gounod.

O nosso colega do Jornal do Commercio deu o resumo da ópera, que agradou bastante.

A nossa platéa, de ordinário fria e reservada, pelos seus órgãos mais autorisados, não poupou calorosos aplausos aos artistas que os mereceram.

Récita de estréa, a apreciação não podia ser definitiva sobre o mérito dos artistas encarregados da representação da noite.

Em linha geral dissemos sem o mínimo receio de contestação, que a companhia agradou. Captou as simpatias do público.

Houve pequenas hesitações na orquestra, onde o fagote apressou um pouco o ensemble orquestral numa das entradas da Sra. Delmay (Margarida), cujos agudos foram mais apreciáveis do que alguns dos seus graves, assim como deu bastante 'en train' à parte dramática do papel, a qual, pensamos, deveria ter sido algo mais branda, algo menos movimentada. Sustentou bem o terceto do 5º ato, fazendo belo conjunto com os Srs. Cerviéres (Mefistófeles) e Demauroy (Fausto).

Foi bastante aplaudida.

O Sr. Demauroy (Fausto) que nos parece ter forçado um pouquinho a sua voz logo no 1º ato, estava ligeiramente rouco o que aliás, não o impediu de conduzir bem e a contento o seu papel, sendo aplaudido.

Não temos reservas para manifestar a boa impressão que nos deixou o Sr. Cerviéres, um Mefistófeles brilhante, cheio de 'humour', e inteirmente à vontade no seu personagem, cantando com arte o 'Le veau d'or est toujours debout'

[...]

Córos homogêneos, com pequenos atrasos, às vezes devido à comoção da estréa. O Maestro Boni não poupou esforços para conduzir bem a orquestra, que obedeceu com ordem à sua insinuante batuta.

Os bailados que foram bastante aplaudidos estiveram brilhantes e o conjunto diciplinado das bailarinas deliciou a vista dos espectadores.

Bom guarda-roupa e cenários novos. Mutações de cena um tanto demoradas. Casa à cunha.(5)

(5) - *O Theatro*, 30 de junho de 1906

As observações de Gavroche seguiram-se no mesmo ritmo e estilo ao longo dos 13 números do "Theatro". Seguramente ele fez observações às representações menos convincentes. Suas maiores preocupações estavam com o poderio técnico e dramático dos cantores, além das ressalvas à unidade da orquestra e do coro. Quase sempre elogiou o maestro Edouard Boni e o diretor da companhia, o maestro Joaquim Franco. Mas tudo foi objeto de avaliação e nem os bailados escaparam:

> *"Nesta cena, o diretor da companhia intercalou como bailado, o da "Noite de Walpurgis" do Fausto, o que foi aprovado pelo público, que aplaudiu.*
>
> *Pareceu-nos que o desempenho por parte das bailarinas ainda foi melhor que na noite de estréia, pois mesmo a 1a bailarina esteve muito mais segura. A 2a bailarina 'escapole' às vezes da posição, destruindo a imobilidade que deve guardar, em harmonia com os outros 'centros' - 'senão' que facilmente corrigirá"*(6)

Gavroche também observou em minúcias, algumas ocasiões em que a apresentação ou o desempenho particular de algum dos cantores pareceu pior do que o esperado, destoante do conjunto ou do papel que interpretou, bem como os momentos que considerou acima da média e verdadeiramente sublimes. Todos os principais papéis, em todas as récitas foram comentados e ele o fez destacando o texto e as passagens em questão, para dar ao público os argumentos que reforçassem sua opinião.

Com este mesmo critério de avaliação do desempenho das peças, "O Theatro" fez publicar os enredos e as sinopses das óperas e operetas, de forma comentada, ressaltando as passagens mais importantes e difíceis, exemplificando-as com trechos do libreto e explicando as exigências musicais e dramáticas dos papéis e da partitura. As publicações integrais dos libretos, de todas as peças da temporada, estavam à venda na Casa Panhola, onde também se fizeram as assinaturas das récitas.

Uma série de colunas curtas e bem humoradas completava o conteúdo do jornal "O Theatro", a maioria delas sobre o *frisson* que os membros da companhia lírica estavam provocando em Manaus. Numa outra coluna, com o título de *"Perfis Rebarbativos"* dava-se a descrição de alguns 'perús' e 'ex-perús' da cidade que frequentavam o Teatro Amazonas àquelas noites. Noutra coluna, intitulada *"Silhuetas"*, os redatores descreviam as cantoras sem lhes dar o nome, para explorar a curiosidade do público (às vezes dando leves e picantes características e adjetivos, ainda que respeitosos)

Houve também a coluna *"Riscos e rabiscos"* , destinada a comentar atitudes dos fãs dos cantores e responder cartas e críticas ao próprio jornal. Foram publicados também artigos em francês e italiano, sobre a cidade de Manaus e a transcrição de artigos de periódicos do exterior. Reclamações públicas sobre o botequim do Teatro Amazonas e sobre a repetição de algumas óperas já não muito desejadas também foram publicadas nas páginas do "Theatro". O próprio corpo de redatores fez questão de reclamar à direção da companhia sobre o descumprimento parcial do programa prometido quando do anúncio das récitas e venda das assinaturas.

(6) - *O Theatro*, 30 de junho de 1906

unesp

Por fim, vale ressaltar que "O Theatro" fez um concurso dentre as senhoras do público para que elegessem a artista preferida. O entusiasmo foi tão grande que o público masculino pressionou para entrar neste colégio eleitoral e a apuração teve de ser adiada para perto do fim da temporada. Muitos postais, bilhetes e missivas em geral, chegaram à redação do "Theatro", alguns com comentários e justificativas pela escolha. O resultado da preferência do público ficou assim. A mezzo-soprano D'Angeville, intérprete da Carmem nesta temporada, foi a mais escolhida, com 93 votos, ficando em segundo lugar as sopranos Ricordeau e Armel, com 81 votos cada uma. A outra soprano, Delmay, obteve 69 votos e as comprimárias Berthy, Boni e Geraizés ficaram com 43 votos, 15 votos e 2 votos, respectivamente.(7)

Até o número 9, publicado em 28 de junho de 1906, "O Theatro" já havia atingido três mil leitores(8). Um dos motivos de tal sucesso foi possivelmente o seu preço: *"um boró"*(9)

O sucesso da empreitada de Joaquim Franco encorajou o maestro a trazer nova companhia lírica francesa, ainda no primeiro semestre de 1907. Do mesmo modo, a bem sucedida carreira do periódico "O Theatro" fez com que nova publicação surgisse durante a temporada de 1907.

Em 9 de abril de 1907, circulou a primeira edição de "A Platéa". Circularam ao todo 14 edições, sendo a última de 1º de junho deste mesmo ano. Saiu à luz quase que irrepreensívelmente todas as terças e sábados excetuando-se o número 10, de 13 de abril, publicado numa segunda-feira. Medindo cerca de 35cm X 30cm, "A Platéa" já possuía um caráter bem mais profissional e sério do que o seu antecedente, sem entretanto se tornar maçante ao leitor. A variedade de notas e artigos também foi muito maior: circulou cada edição com 4 ou 6 páginas. O nome dos redatores não foi publicado, mas o pseudônimo de alguns articulistas, especialmente o crítico das récitas aparece em diversos números; há até alguns 'perús' entre os cronistas. As colunas sociais perderam espaço para os textos sobre arte, a maioria sobre música, inclusive vindos do punho de colaboradores. Dentre estes, foram publicados uma série de artigos sobre a atividade artística em Manaus: alguns artigos dando o retrospecto de outras temporadas, anúncios de concertos que estavam acontecendo em outros pontos da cidade (da pianista Celeste Ramos, do violoncelista Luís Figueras, do concerto sacro na Matriz, com obras de Elpídio Pereira e outros compositores nacionais e estrangeiros, etc.) e os acontecimentos de bastidores da atual temporada. Claro que o registro dos nomes de frequentadores importantes do teatro não desapareceu, ainda que tenha diminuído. Tampouco as colunas com piadas e 'tiradas' bem humoradas. Mas a qualidade dos escritos melhorou, de maneira geral, talvez por tratar-se de uma obra com maior participação coletiva e entregue a penas especializadas nos assuntos que abordaram. Sabe-se pelo menos desta vez quem foi o crítico que avaliou as récitas. Ele se assinou Elpis e este era o pseudônimo do violinista e compositor Elpídio Pereira. Veja-se com que propriedade ele escreveu:

> *"As vocalizações de que está cheia a partitura de Victor Massé na parte da Galathéa, foram emitidas com uma perfeição à toda prova, o que fazia com que o auditório aclamasse Mendés com verdadeiro entusiasmo.*

(7) - *O Theatro*, 1º agosto de 1906 (n. 10)
(8) - Idem, 28 de julho de 1906 (n.9)
(9) - O preço veio afixado em todos os numeros

A senhorita Moska, sempre a mesma boa artista, correta em cena, tendo sempre uma 'mis-en-scene' apropriada ao assunto, não foi tão feliz quanto a senhora Mendés de Leon. Se bem que a parte do Pygmalião foi escrita pelo seu próprio autor como podendo ser cantada ou por contralto, ou por barítono, ou por baixo cantante, a inteligente artista com a voz que possue, não pode dar o realce que ela devia produduzir, especialmente nos números em coniunto com os outros personagens.

O Sr. Tritignan que tem uma bonita voz de barítono, teria produzido um outro efeito muito mais satisfatório"(10)

Elpis também realçou as qualidades do grupo francês. Na récita de *"Les Huguenotts"* ele disse:

"... os Huguenotes é propícia para uma estréia tão rica de vozes, na qual a empresa teve a melhor ocasião para apresentar as suas principais figuras.

Um conjunto de cantores como este que ouvimos anteontem nos Huquenotes, de Meyerbeer, é cousa rara no nosso país, mesmo no Rio de Janeiro.

Mendés de Leon, Conte, Hughes, Valdor, Manent e Darnaud, são artistas que por si só valem toda uma companhia lírica. [...]"(11)

As palavras de Elpis devem ser levadas em conta, pois o autor das crônicas e críticas da "Platéa", viveu, estudou, tocou e regeu em Paris durante alguns anos, como bolsista do Estado do Amazonas; Elpídio Pereira era também conhecedor das principais capitais brasileiras àquela época e sabia dos acontecimentos artísticos nestes lugares.

Os muitos colaboradores da "Platéa" também escreveram sob pseudônimo e até agora não se sabe exatamente quem foram. Eis a lista de articulistas: Nano (gêneros estéticos em ópera daquela época), Monóculo (crônica social), Jorge S, (dados biográficos sobre os principais artistas da companhia, na coluna "Instantâneos"), Pst e Pif-paf (notas rápidas e 'tiradas' espirituosas, na coluna "Scherzando"), Archivista (últimas publicações em jornal e revista chegadas a Manaus), Zig-Zag (crônica jocosa), Binoculino (anúncio de outros acontecimentos artísticos na cidade), Luiz Octávio (notas culturais e sobre os próximos espetáculos), W.W. (notas curtas sobre música e espetáculos da época, crítica a concertos na cidade) Repórter (pequenas charadas) Wagner (autor da série de artigos intitulados "O que tem sido o teatro entre nós") Ib. (notas aos argumentos das peças) Docteur Ranck (artigo em francês sobre higiene pública em Manaus), Pequeno (autor da coluna "Pequenos Retratos", sobre as jovens frequentadoras do teatro) Zut e G. (tradução de artigos de jornais estrangeiros) Puck (dados sobre a vida de artistas célebres), Ruy Vaz (trechos de contos), Nemo (crônicas) Gyp (autor da coluna "Perfis à carvão", sobre os espectadores masculinos do teatro) e uma grande quantidade de autores de poemas, versos e 'intermezzos' enviados à "Platéa".

(10) - *A Platéa*, 30 de abril de 1907, p. 3
(11) - Idem, 23 de abril de 1907, p. 3

unesp

O jornal também publicou enredos, sinopses e trechos comentados dos libretos das óperas, fazendo-o muito melhor do que o seu antecessor, "O Theatro". E tal qual este, "A Platéa" divulgou o elenco que subiu à cena em todas as óperas.

"A Platéa" também fez suas pesquisas em relação às preferências do público. A primeira enquete perguntou ao público leitor, frequentador do teatro, qual o gênero preferido. Obviamente, numa pesquisa feita durante temporada lírica, saiu vencedora a Ópera (38 votos), seguida de perto pela Opereta (30 votos), pela Comédia (29 votos) e por fim a Zarzuela (25 votos), o Drama (13 votos) e a Tragédia (4 votos).(12) O segundo concurso pediu a opinião do público sobre qual a artista preferida pela platéia amazonense. Sagrou-se incontestável no gosto dos leitores da "Platéa", a soberba soprano Mendéz de Leon, com 105 votos, seguida de outra soprano, Demours, com 98 votos, e das senhoras Moska (52 votos), Conte (30 votos) e Boni (10 votos), que atuaram relativamente menos que as duas primeiras.(13) A última pesquisa realizada pelos redatores do jornal, pediu ao público que escolhesse a sua ópera preferida. O resultado foi bastante interessante, embora não apresentasse grandes surpresas. A lista das 10 primeiras começou com a ópera "Aída" de Verdi, que superou "O Guarany" de Carlos Gomes por dois votos (62 a 60), segunido-se a estas, *"La Boheme"*, de Puccini (55 votos), "Carmem" de Bizet (54 votos), *"Il Trovatore"* (52 votos) e *"Traviata"* (50 votos) de Verdi, *"I Pagliacci"* de Leoncavallo (49 votos), *"Cavaleria Rusticana"* de Mascagni (45 votos), "Fausto" de Gounod (45 votos) e *"La Gioconda"* de Ponchielli (41 votos).(14)

Tais pesquisas de opinião deixam ver claramente que o público escolhera as peças que conhecia, e não só isso. As óperas citadas foram as que, segundo a crítica jornalística (incluíndo "O Theatro"e "A Platéa") tiveram melhor execução em temporadas passadas, mostrando assim que o público soube distinguir as boas exibições e as boas obras: *"Aída"* fez grande sucesso em 1892, O Guarany foi levado em 1897 na temporada inugural do Teatro Amazonas e estava sendo muito aguardado nesta temporada de 1907, *"Trovatore"*, *"Traviata"*, *"Cavaleria Rusticana"* e *"Pagliacci"* foram levadas em quase todas as temporadas operísticas de Manaus, e *"La Gioconda"* causou efeito especial não só pela grande exibição mas pela data inesquecível em que foi encenada, a inauguração do Teatro Amazonas.

Ainda há conteúdo em ambos os jornais, "O Theatro"e "A Platéa", suficiente para trabalhos de porte igual a este que se faz aqui sobre a vida musical em Manaus na época da borracha, tal é a riqueza de informações que estas fontes oferecem.

Entretanto, o conteúdo destes jornais, bem como das outras fontes utilizadas ao longo desta obra, estão servindo a este fim específico pela primeira vez. Espera-se que, não sendo a última, venha a enriquecer outros tantos trabalhos que devem ser feitos sobre tais assuntos.

O riquíssimo período da borracha deu seguramente um brilho à cidade de Manaus que ainda está por ser devidamente vislumbrado pelas gerações que se lhe seguiram; sem a costumeira cegueira, quer seja a dos mistificadores ou a dos desmistificadores.

(12) - *A Platéa*, 23 de abril de 1907, p. 3
(13) - Idem, 4 de maio de 1907, p. 3
(14) - Idem, 13 de maio de 1907, p. 5. Outras óperas votadas pertencem ao rol das conhecidas do público manauense.

Considerações Finais

Quando chegou o ano de 1910, os comentários em Manaus (e certamente em Belém) sobre a ameaçadora concorrência da borracha asiática, davam já os contornos de uma crise inevitável. Desde muito cedo os governantes tentaram fugir desta situação, investindo em outras fontes de produção. A agricultura e a pecuária ganharam implementos consideráveis, embora o estímulo à atividade extrativista não tenha cessado. Talvez porque o interesse estrangeiro sobre a borracha tivesse aumentado, com o passar do tempo.

O prenúncio da crise fôra a produção de mil toneladas de borracha asiática, em 1906. Quando estes números foram divulgados a repercussão só não foi maior porque a borracha amazônica continuara a determinar o preço do produto no mercado internacional. Neste meio tempo, o governo amazonense, por entusiasmo e precaução (os lucros ainda eram grandes e podiam ser maiores), criou uma nova taxa sobre o quilo da borracha, como forma de resguardar os cofres públicos. Estes, estavam comprometidos com altas despesas que vinham desde o fim do século anterior, por conta das obras urbanísticas que mudaram a cidade e as despesas advindas deste crescimento. Complicando um pouco mais as contas públicas, a má gestão administrativa e consequentemente financeira, principalmente no governo de Constantino Nery, fez com que a dívida pública aumentasse, chegando o Amazonas à situação ridícula de atrasar salários de parte do funcionalismo público.

O preço da borracha atingiu seu ponto máximo em 1910. O governador Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt então resolveu dar prioridade às dívidas do Estado e pagou os débitos em atraso, saldando todas as contas e promovendo o término dos compromissos em vigor, inclusive quitando as dívidas salariais deixadas pela gestão anterior.(1) Embora pareça que a cidade lucrou com a alta cotação da borracha nas Bolsas de Valores de Londres e Nova Iorque, deve ser lembrado que a comunicação telegráfica com o exterior, no fim de 1909 e início de 1910, foi interrompida. Desta forma, os preços praticados em Londres e Nova Iorque (L$ 2.462 libras/ton. e U$ 7.050 dólares/ton) foram muito superiores ao que a hévea amazônica custava na alfândega de Manaus (L$ 1057 libras/ton.). A confusão encontra vários argumentos e serve a muitas teorias. Numa delas, afirma-se que o preço da borracha comprada nos portos amazônicos custou menos porque as despesas dos que a atravessavam para as indústrias beneficiadoras, principalmente as fábricas automobilísticas americanas, haviam aumentado muito. Por esta linha de pensamento é possível imaginar que a especulação tenha servido apenas ao equilíbrio de caixa de algumas empresas. Entretanto, noutra argumentação que sustenta outra teoria, o envolvimento parece bem maior.

(1) - *Relatório... Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt... 1911* Ob. Citada

unesp

A quase totalidade das firmas de navegação, bem como uma razoável parcela de firmas extrativistas e aviadoras de alto capital, estavam comprometidas com o monopólio inglês de serviços públicos e privados, na região amazônica. A borracha asiática estava sendo plantada em larga escala nas colônias inglesas do Ceilão e Malásia; foram sementes de borracha amazônica, levadas pelos ingleses, que serviram a estas plantações. Como os primeiros anos de produção foram relativamente pequenos, a produção de borracha asiática (inglesa) deixou-se beneficiar pelos bons índices conquistados pela borracha amazônica no mercado internacional.

Chegando ao final da década e vendo um aumento de produção nas colônias do oriente, as autoridades britânicas começaram a investir cada vez mais forte contra a concorrente brasileira. Em 1909, no *Financial Times* recomendava-se que os investidores ingleses evitassem a região amazônica.(2) As empresas inglesas, de qualquer ramo, que estavam estabelecidas na Amazônia, passaram a se desfazer de seus negócios na região, liquidando as firmas, interrompendo contratos e retirando-se do mercado. Certamente que nem todos os ingleses fizeram o mesmo. Muits foram os que ainda em 1909/10 instalaram-se com largos capitais, na região amazônica: *"The Alves Braga Rubber Estates Trading Co."* de Liverpool (L$444000 libras de capital); *Suarez, Hermanos & Co. Ltd."* de Londres (L$750000 libras de capital); *"Envira Estates Ltd."* , de Londres (L$ 85000 libras para aplicar nos seringais do rio Envira); *"River Acre Rubber and Finance Ltd."*, de Londres (L$ 20000); *"Javary Rubber Estates Ltd."*, de Londres (L$ 350000); *"British Amazon Rubber Estates Ltd."*, Londres (L$ 400000); *"The Mello Brazilian Rubber Co. Ltd."* (L$ 495000) que foi criada para explorar os 700.000 hectares de S.F. Mello.(3)

Com esta relativa insistência de investidores ingleses em permanecer, o parlamento inglês baixou uma série de medidas favorecendo os plantadores do oriente e prejudicando os investidores amazônicos.(4)

Desta forma, surge a idéia de que a interrupção dos cabos telegráficos entre Manaus e o exterior foi proposital, servindo para favorecer com altos preços a borracha asiática ainda com produção pequena. Após a alta de 1910 (causada então por especulação), e o aumento de produção nos seringais do oriente, o preço da borracha caiu.

Em Manaus, até 1910, o fluxo de caixa do Poder Público contabilizou lucros dentro do esperado e conseguiu equilibrar suas dívidas com pessoas físicas e jurídicas. Embora, até 1913/14 a cidade já estivesse experimentando sensível declínio, o aspecto de Manaus nunca foi tão belo, conforme atestam as imagens destes anos(5). Mas no cotidiano já se percebia certa estagnação e o crescimento deixara de acontecer, ao menos naquele ritmo desenfreado. As receitas públicas diminuíram consideravelmente e os gastos públicos foram controlados ao máximo. Embora alguns negociantes ainda estivessem a prosperar, outros fecharam as portas, por falência ou medo dela. Empregos já começavam a escassear e se a cidade já não oferecia tantas oportunidades quanto antes, menos ainda podia receber novos aventureiros.

---

(2) - Loureiro, A. *"Xeque-mate à Amazônia"*, "A Crítica", Manaus, 8 de fevereiro de 1994.
(3) - Idem
(4) - Idem
(5) - *Álbum de Manaos, 1913-1914*. Traz farta iconografia da cidade.

O golpe de misericórdia na economia extrativista da Amazônia foi seguramente a 1a Guerra Mundial. E o período de dificuldades não se restringiu aos anos de combate (1914-1918). O início da derrocada das potências imperiais, como o Império Austro-Húngaro, e a deterioração das relações políticas e diplomáticas que a tais fatos se somaram, criaram um clima de instabilidade irreversível na Europa. Deve-se acrescentar a isto tudo um outro fator de enorme importância. A pressão das ideologias libertárias foi de tal forma corrosiva para os velhos modelos que estavam a vigir, que pôde-se atribuir o início destes conflitos a alguns anos antes do início da Guerra.

A situação política européia já vinha se mostrando insustentável e a ação de nacionalistas, anarquistas, comunistas, socialistas (muitas vezes misturados entre si) foi decisiva para acontecimentos importantes que precederam a 1a Guerra Mundial e nela culminaram: a unificação da Itália, o assassinato de chefes de Estado e autoridades, por ação de anarquistas e facções revoltosas (na França, por exemplo), a tentativa de separação de nações subjugadas a Impérios (como foi o caso da Hungria), etc.

A tendência em épocas de conflito, como foi esta, revela desgaste e dificuldades nas relações internacionais, quer na área diplomática, política, cultural ou econômica. Em Manaus, o comerciante Waldemar Scholz, apesar de possuir produto para exportar, não conseguiu embarcar sua borracha porque nenhuma companhia de navegação alemã oferecia condições seguras de traslado da mercadoria; consequentemente não atravessavam mais o Atlântico e poucas eram as rotas que não ofereciam risco às embarcações germânicas. Scholz faliu e voltou para a Alemanha.

A Inglaterra precaveu-se plantando em seu solo colonial o 'ouro negro' e considerava mais seguro buscar o produto em terras tão longínquas como a Malásia, do que vir ao Brasil, que tinha posicionamento particular diante do conflito, arriscando-se a comprometer sua economia interna e agravar mais ainda a crise européia.

Vê-se portanto, que muitos foram os interesses diretos e indiretos que, somados, depuseram contra o modelo econômico extrativista do Ciclo da Borracha no Norte do Brasil. Manaus teria sobrevivido da economia da borracha se não tivesse acontecido a Guerra Mundial? Teria a capital do Amazonas mantido seu nível de vida, caso tivesse florescido a agricultura e pecuária da região, como era da vontade de alguns governantes? Estas e tantas outras perguntas ficarão sem resposta, porque a História aconteceu de outra maneira e muitos são os caminhos originados pela suposição.

Talvez por isso, estes anos que precederam a 1a Guerra Mundial tenham sido chamados de *Belle Èpoque*. Viveu-se ignorando um futuro negro, na ilusão de que bastavam os avanços tecnológicos e a vastidão cultural que com eles floresceu. Mas foi possivelmente por isto que os adventos que culminaram em 1914 tiveram razão de ser. Queria-se mais e melhores condições de vida. Para todos. Não adiantava a reforma de velhos modelos: o século XIX convivera com *rentiers* e *parvenus* a disputar o mesmo espaço...!?

Manaus viu muitas mudanças a partir deste ano de 1910. A mais sensível foi o início da debandada geral. Não só comerciantes e profissionais liberais fugiram da crise, mas também os artistas. Arturo Lucciani, o públicitário, artista plástico e fotógrafo, que representara o Amazonas em exposições nacionais em outras partes do País(5), chegou a reforçar seu investimento num estabelecimento fotográfico e tornou-se até cidadão amazonense, mas dele mais nada se soube após 1904.(6)

(5) - Arturo Lucciani levou 75 telas de sua autoria para o Rio de Janeiro em 1901

(6) - Em 1902, o nome do artista italiano aparece entre os eleitores credenciados da capital (tb. Henrique Mazolani)

unesp

O violinista Armando Lameira, de tantas atividades ligadas à música no Amazonas, foi-se em 1911 com uma companhia viajante. A famíla Praguer, do médico e cantor Antônio Barreto Praguer, da pianista Edelvira Praguer e da menina Olga Praguer Coelho (que teria esplêndido futuro musical à sua espera) também retirou-se em meados dos anos 10. Alguns ficaram o máximo que puderam, como foi o caso do maestro Edouard Boni, que se retirou para Belém em 1922. Outros insistiram em ficar, como Joaquim Franco, que em Manaus morreu no ano de 1927.

O ano de 1910 já apresentou diferenças bastante perceptíveis no panorama cultural da cidade. Com a ausência de companhias líricas que não mais apareceram desde 1907 e a vinda esporádica de grupos teatrais, o cinema substituiu rapidamente os gêneros do teatro musicado, na preferência popular. A troca do *vaudeville* pelo cinema na Europa, foi menos abrupta do que em Manaus, embora a capital do Amazonas já assistisse a espetáculos de Polyorama com certa frequência, desde 1861(7). O gênero ficou tão popular que alguns teatros construídos para outros fins, vieram a abrigar exclusivamente as sessões de cinema, como aconteceu com o Teatro Julieta. Nesta mesma época pequenos filmes sobre aspectos de Manaus chegam a rodar nas telas da cidade, como por exemplo as atividades da Sociedade de Tiro Nº 10, que foi filmada e levada à tela em 1909(8).

Exposições de artes plásticas continuaram acontecendo, como a de C. de Servi, em setembro de 1909(9) e do já muito conhecido dos amazonenses, Aurélio de Figueiredo(10) E mesmo os fotógrafos que desenvolviam trabalhos artísticos continuaram a aparecer. Marco de Panigai, também bastante conhecido na cidade, manteve até o fim da década, ao menos, o seu Atelier do Fotógrafo(11). Esta atividade, a de retratar sob os novos métodos, é bom que seja dito, existe em Manaus desde a época dos antecessores da Fotografia, pois em novembro de 1858, Hypólito Marinette já tirava retratos em daguerreótipo em um endereço na Praça da Imperatriz(12)

Também a música não parou. Clubes e teatros continuaram a surgir. O teatrinho municipal reinaugurou-se [!] no ano de 1909(13) e em 1910 os recém-surgidos Teatro Eldorado Amazonense, explorando o gênero de *music-hall*, com excelentes artistas, e o Teatro Alhambra que abrigava sessões de cinema com orquestra em cena(14). No gênero de café-concerto (talvez *music-halls*) surgiram as casas Gato Malhado e Cometa, que competiam com o Chalet Jardim, promovendo cançonetistas e cômicos todas as noites(15)

(7) - *Estrella do Amazonas*, 28 de agosto de 1861

(8) -

(9) - *Amazonas*, 17 de agosto de 1909

(10) - *Diário do Amazonas*, 18 de março de 1910. Aurélio de Figueiredo foi professor da Academia Amazonense de Belas Artes.

(11) - *Jornal do Commercio*, 17 de abril de 1909. Em 1910 havia ainda: a Photographia Mendonça, na rua Municipal, n. 105, em frente ao Grande Hotel; a Officina Photographica de C. Bustamante, na rua Henrique Antony, esquina com a rua Itamaracá; a Photographia Portugueza, de João E. Maia, na rua Municipal, n. 27; e a Photographia Allemã, ainda na Av. Eduardo Ribeiro. Não é sabido se outros contemporâneos de Lucciani e de Hubner & Amaral (Photographia Allemã) permaneciam ativos. Photographia Lyra, por exemplo. Para os endereços fotográficos de 1910, ver *Jornal do Commercio*, 3 de fevereiro de 1910.

(12) - *Estrella do Amazonas*, 3 de novembro de 1858: *"O abaixo assinado avisa ao respeitável público que no dia 8 do corrente em diante principia a tirar retratos pelo sistema de daguerreótipo, no sobrado sito na Praça da Imperariz, ao lado da casa de Antônio Monteiro. Manaus 4 de Novembro de 1858. Hipólito Marinette"*

(13) - *Jornal do Commercio*, 16 de maio de 1909. Apesar de o jornal falar em reinauguração, não foi encontrada até o momento nenhuma menção mais antiga a este teatro municipal.

(14) - *Diário do Amazonas*, 7 de setembro de 1910. O Teatro El Dorado Amazonense abriu suas portas na "semana da patria" de 1910, utilizando-se do Parque da Pensão Condor, na rua Marcilio Dias n. 43. Entradas à Praça da Constituição n. 5.

(15) - *Diário do Amazonas*, 4 e 19 de novembro de 1910.

A "Casa de Músicas" de Guido Gazoppi continuava a existir no mesmo endereço(16). Além dela e da que pertencia ao maestro Boni, abrira na rua Muinicipal, no 90, a Casa Donizetti, (no prédio da Equitativa), que além da venda do tradicional sortimento de partituras ,para piano, aceitava chamados para organizar orquestras(17). Afinal, muitas eram as casas de diversão da cidade e muitos eram os artistas de mérito que ainda vinham se apresentar em Manaus. O violinista Marcos Salles apresentou-se em 8 de agosto ao lado do pianista Paulino Chaves e da orquestra da Companhia de Lucília Péres que estava em temporada no Teatro Amazonas(18). O afamado pianista maranhense João Nunes também voltara a Manaus para apresentar-se no início de 1910(19). A cantora italiana Inês Mancini também esteve na cidade e exibiu-se ao lado do Quarteto Carlos Gomes e de alguns novos integrantes da vida musical na cidade: Cândido Matos, o casal Berti e a cantora Laura Lago(20).

Apesar de já serem notadas algumas ausências no cenário musical de Manaus, bons músicos ainda habitavam a cidade. Um bom exemplo disto é a lista de inscritos para o concurso de provimento da cadeira de música da Escola Normal, deixada vaga pela morte de Aristides Bayma. Os concorrntes eram apenas quatro, mas de grande nível. Além do flautista Sobreira Lima e do pianista Paulino Chaves, cujas notas biográficas já foram dadas anteriormente participaram também o violinista Cassiano Gil da Encarnação, recém-chegado da Europa, onde havia estudado como bolsista do Amazonas, e o pianista João Nunes, que desde o início de 1909 tentara fixar-se em Manaus.(21) João Sebastião Rodrigues Nunes, formado pelo Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, com o primeiro prêmio de piano, foi aluno de Artur Napoleão e Alfredo Bevilácqua. Foi convidado pelo governo de sua terra natal para fundar e dirigir a Escola de Música de São Luiz do Maranhão. Conquistou a Livre Docência do curso de piano do Instituto Nacional de Música, fato que levou-o a ocupar uma cadeira deste estabelecimento e a integrar a Academia Nacional de Música. Teve duas teses publicadas ao lado de inúmeras composições para o seu instrumento.(22)

Do espetacular concurso em Manaus, neste ano de 1910, sagrou-se vencedor o pianista Paulino Chaves, com execução notável. O ensino da música continuava entregue a nomes competentes e espalhava-se por várias instituições: até mesmo a Associação dos Empregados no Comércio abriu aulas de música, ao lado de uma classe de primeiras letras, em sua sede(23)

A vida musical em Manaus não parara por causa da crise. Mesmo com a retirada de artistas de grande mérito, o espaço por eles deixado passou a ser ocupado por outros. Alguns destes vinham de fora, mas os maiores favorecidos foram os artistas locais, ou aqueles que há muito residiam em Manaus. Cresceram de forma consideravel as atividades teatrais e musicais desenvolvidas nos clubes e associações de diletantes. O maior deles neste fim da primeira década do século XX foi o "Gil Vicente". Continuava a dar espetáculos mensais com sua Tuna e levava à cena revistas, *vaudevilles* e entreatos cômicos, com seus membros que não só interpretavam, mas criavam, arranjavam e coligiam muitos destes textos e música.

---

(16) - *Diário do Amazonas*, 22 de maio de 1910. O afinador de pianos era a esta altura Ambrósio Mathias, vindo do Teatro Carlos Gomes de Belém do Pará.

(17) - *Folha do Amazonas*, 1o de outubro de 1910

(18) - *Diário do Amazonas*, 8 de agosto de 1910

(19) - *Amazonas*, 28 de dezembro de 1909. Dá o programa do concerto de João Nunes e avisa que o recital foi transferido para os primeiros dias de janeiro de 1910.

(20) - *Diário do Amazonas*, 15 de maio de 1910. Inês Mancini era egressa do Conservatório de Florença.

(21) - *Diário do Amazonas*, 4 de março de 1910.

(22) - Jansen, J. *O Teatro no Maranhão*. Ob. Cit. pp. 231-235. A referida obra contém mais informações sobre João Nunes.

(23) - *Diário do Amazonas*, 4 de maio de 1910. As aulas de música eram ministradas de segunda à quinta-feira, das 8 às 9 da noite.

unesp

Muito ainda está por se saber da música em Manaus durante o ciclo da borracha. Em nenhum momento teve-se aqui a pretensão de escrever um trabalho completo. Sabe-se também que ao lado das descobertas surgem novas dúvidas e perguntas. De que forma teria a crítica local apreciado o concerto do citarista Lennep em fins do século XIX? De igual modo, qual teria sido a opinião da crítica e do público acerca dos concertos do grupo *Três Bemoes*, que executava música em instrumentos não convencionais? Eles estiveram aqui em 3 ocasiões: 1891, 1899 e 1906. Isto seria uma evidência de aceitação destes precursores da música contemporânea? Que terá ocorrido ao conservatório municipal, aberto ainda durante a época provincial e que, embora tenha sido muito procurado, dele mais nada se soube até agora? Com teria se desenrolado a temporada inaugural do Teatro Amazonas, repleta de grandes nomes? E os anos de 1895 e 1896, grandes lacunas, que terão proporcionado aos amazonenses em sua vida musical? Onde estarão as partituras dos compositores locais desta época, em especial a produção dos mais profícuos, como Giácomo Cornetti, Miguel Torres e Adelelmo do Nascimento?

Estas e tantas outras perguntas surgem agora que se tem conhecimento da existência destes nomes e fatos que compuseram a História da Música do Amazonas e que são subsídios importantes para a História da Música Brasileira.

A investigação sobre a vida musical em Manaus na época da borracha não encontra aqui um termo, mas um começo. Deste modo, também a História do Amazonas, e de Manaus em particular, não foi aqui objeto da velha e maçante discussão sobre desmistificação *versus* reverenciamento, afinal a cidade, como já disse Ítalo Calvino, é descrita pelo humor de quem a vê.

A investigação sobre a vida musical em Manaus na época da borracha não encontra aqui um termo, mas um começo. Que a partir dele, muitas estradas se abram para outros começos.

Bibliografia

AGASSIZ, Mme. et M. Louis ***Voyage au Brésil*** *1a Ed. , Paris, Librairie de L. Hachette et Cie. 1869. 532p.*

ÁLBUM DO AMAZONAS 1901 - 1902 [Manaus ?] , s.n. [1901 ?] , 73p, 120 lâminas

ALMANACH DO AMAZONAS: histórico, administrativo, comercial, estatístico e literário, Manaus, Typografia do Amazonas, 1895, s.n.p.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de ***História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*** *Trad. Antonio Chizzotti, São Paulo: EDUC; Brasília: INEP / MEC. 1989. 365p.*

ALMEIDA, Renato ***História da Música Brasileira*** *2a Ed. Rio de Janeiro, F.Briguiet & Cia. 1942. 529p.*

AMARAL, Antonio Barreto do ***História dos Velhos Teatros de São Paulo*** , *São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1979. 458p.*

ANNUÁRIO DE MANAUS 1913 - 1914 [Manaus ?] s.n. [1913 ?] 303p.

ARAÚJO, André Vidal de ***Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação*** , *Manaus, Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1974. 339p.*

AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de ***Relação de Óperas de Autores Brasileiros*** , *Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1938*

AVÉ-LALLEMANT, Robert ***No Rio Amazonas (1859)*** , *Trad. Eduardo de Lima Castro Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.283p*

BATES, Henry W. ***Um Naturalista no Rio Amazonas*** , *trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979, 299p.*

BENCHIMOL, Samuel ***Amazônia: um pouco antes, além depois*** , *Manaus, Ed. Umberto Calderaro, 1977. 841p.*

Manáos - do - Amazonas : memória empresarial , *Manaus, Ed. Governo do Estado do Amazonas; Universidade do Amazonas; Associação Comercial do Amazonas, 1994. 373p.*

BITTENCOURT, Agnello ***Contribuição para a Chorographia Política do Estado do Amazonas*** , *Manaus, Typ. da Liv. Palais Royal, 1908. 48p.*

unesp

Dicionário Amazonense de Biografias : vultos do passado, *Rio de Janeiro, Ed. Conquista, 1973. 517p.*

BORBA, Tomás e LOPES-GRAÇA, Fernando ***Dicionário de Música (ilustrado)*** *Lisboa, Ed. Cosmos, 1958. 2v. 1530p [?]*

BRAGA, Genesino ***Assim Nasceu o Ideal***, *Manaus, Imp. Oficial do Estado, 1979. 100p.*

Chão e Graça de Manaus, *2a Ed. Manaus, Imprensa Oficial do Estado,1987. 284p*

Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem, *2a Ed. Manaus Imprensa Oficial do Estado, 1983. 234p.*

Nascença e Vivência da Biblioteca do Amazonas, *2a Ed. Manaus, Imprensa Oficial do Estado, 1989. 190p.*

BRAGA, João Wilkens Lopes ***Indicador Alfabético da Legislação Amazonense (1890-1927)***, Manaus, Imprensa Pública, 1928, 552p

BRANCO, Luís de Freitas ***História Popular da Música: desde as origens até à actua - lidade***, *Lisboa, Ed. Cosmos, 1943. 293p.*

BRITO, Manuel Carlos e CYMBRON, Luísa ***História da Música Portuguesa***, *Lisboa, Ed. Universidade Aberta, 1992. 187p.*

BURNS, Bradford ***Manaus 1910 - Retrato de uma cidade em expansão***, *Manaus, Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1966.*

CASCUDO, Luís da Câmara ***Em Memória de Stradelli***, *Manaus, Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1966. 107p.*

CASTRO, Mavignier de ***Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus***, *Manaus, Ed. e Tip. Fênix, 1948.*

CAVALCANTI, Carlos ***Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos***, *Brasília, Ed. Alvorada, s.d.*

CEM ANOS DE IMPRENSA NO AMAZONAS (1851-1950) Catálogo de Jornais, *Manaus, Ed. Umberto, 1990. 213p*

CERQUERA, Paulo Oliveira Castro ***Um Século de Ópera em São Paulo***, *São Paulo, Empresa Gráf. e Ed. Guia Fiscal, 1954. 417p.*

CERTEAU, Michel de ***A Invenção do Cotidiano: artes de fazer***, *Petrópolis, Ed. Vozes 1994. 351p*

COELHO, Geraldo Mártires ***O Brilho da Supernova: a morte bela de Carlos Gomes***, *Rio de Janeiro, Agir, 1995, 184p.*

DELLA CORTE, A. e PANNAIN, G. ***História de La Música***, *3a Ed. Barcelona, Editorial Labor, 196 ?. 3v. 1911p.*

ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA BRASILEIRA : erudita, folclórica e popular. *São Paulo Art Editora, 1977..3v. 1190p.*

ESTADO DO AMAZONAS ***Direitos do Amazonas ao Território do Acre***, *Typographia do "Amazonas", 1904. 101p.*

FALCÃO, Emílio ***Álbum do Rio Acre (1906 - 1907)***, *Acre, s.n. 1985 ? 157p. [132 l.]*

FERNÁNDEZ-CID, Antonio ***Cien Años de Teatro Musical en España (1875 - 1975)*** *Madrid, Real Musical Ed. 1975. 611p.*

FERREIRA, Francisco Cosme ***Porque perdemos a batalha da Borracha***, *Manaus, Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1965. 373p.*

FUBINI, Enrico ***La Estética Musical desde la Antigüedad hasta el Siglo XX***, *2a Ed. 4a reimp. Madrid, Alianza Ed. 1993. 521p.*

GONÇALVES, Augusto de Freitas Lopes ***Dicionário Histórico e Literário do Teatro no Brasil***, *Rio de Janeiro, Liv. Ed. Cátedra, 1975 - 1982. 4v [letra A a E] 1390p.*

HAREWOOD, Conde de ***Kobbé: O livro completo da Ópera***, *Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1991. 934p.*

HAMEL, Fred y HÜRLIMAN, Martin ***Enciclopedia da la Musica***, *Tradução e Adaptação de Otto Mayer-Serra, 3a Ed. México, Editorial Cumbre, 1954, 3v. 1394p.*

HAUSER, Arnold ***História Social da Arte e da Literatura***, Tradução: Álvaro Cabral, São Paulo, Martins Fontes, 1995, 1032p.

JANSEN, José ***Teatro no Maranhão***, *Rio de Janeiro, Gráf. Olímpica Ed. 1974. 266p.*

KIDDER, Daniel ***Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas Províncias***, *trad. Moacir Vasconcellos. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp 1980, 272p.*

KERMAN, Joseph ***A Ópera como Drama***, *Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1990. 272p.*

LIMA, Bertino de Miranda e LUCIANI, Arturo ***O Estado do Amazonas (Brasil)***, *Gênova, Stabilimento Tipografico ditta A. Montorfano, 1899. 89p. 42 l.*

LINO DE AGUIAR e Cia. ***Arquivo da Universidade de Manaus***, *Manaus, Ed. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas. 1906*

LISBÔA, Adolpho ***O Município de Manaus, de 1902 a 1907: Relatórios do superintendente Adolpho Lisbôa***, *Manaus, Liv. e Typ. Universal, 1907 ? 127p.*

LOUREIRO, Antonio ***A Grande Crise (1908-1916)***, *Manaus, Ed. Umberto Calderaro, 1985. 282p.*

O Amazonas na época imperial, *2a Ed. Manaus, T. Loureiro e Cia 1989. 288p.*

MAIA, Gonçalves ***Diário de Viagem***, *Manaus, Empreza do" Amazonas" Ed.•1906. 365p.*

MONTEIRO, Mário Ypiranga ***Fundação de Manaus***, *3a Edição, Manaus, Ed. Conquista 1971. 206p.*

Síntese Histórica da Polícia Militar do Amazonas, *Manaus, Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1981. 145p.*

Teatro Amazonas, *Manaus, Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1965 / 66. 3v. 867p.*

NASCIMENTO, Adelelmo do ***Compêndio de Música***, *Manaus, Ed. Lino Aguiar & Cia. 1904. 70p.*

NERY, Frederico José de Santana, Barão de Sant'anna ***O País das Amazonas***, *Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed.USP. 1979. 258p.*

OURIQUE, Jacques ***O Valle do Rio Branco : Estado do Amazonas***, *Manaus ? Huebner & Amaral, 1906. 34p. 85l.*

PORTOS DO BRASIL Ispetoria Federal de Portos e Canais / Ministério da Viação e Obras Públicas, Rio de Janeiro, Ed. "O Norte", 1922, 338p.

REAL E BENEMÉRITA SOCIEDADE PORTUGUESA BENEFICENTE DO AMAZONAS ***Flagrantes Históricos***, *Manaus, Ed Umberto Calderaro, 1973. 279p.*

REBELO, Luís Francisco ***História do Teatro de Revista em Portugal***, *Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1984, 2v. 581p.*

RESZLER, André ***La Estetica Anarquista***, *México, Fondo de Cultura Económica, 1974. 138p.*

RODRIGUES, J. Barbosa ***Vellosia. Contribuições do Museu Botânico do Amazonas***, *2a Ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1892. 258p.*

SALLES, Vicente ***Épocas do Teatro no Grão-Pará: ou, apresentação do teatro de época***, *Belém, UFPA, 1994, 2v, 551p.*

A Música e o Tempo no Grão-Pará, *Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1980. 426p.*

Música e Músicos no Pará, *Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1970. 297p.*

SANTOS, Sidney M. G. ***O Legado de Vicente Licínio Cardoso : as leis básicas de filosofia da arte.***, *Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, n.d.*

SOUZA, João Mendonça de ***O Grande Amazonas : mitologia, história e sociologia***, *Manaus, Ed. Sérgio Cardoso & Cia. 1950. 405p.*

THE SIMON & SCHUSTER BOOK OF THE OPERA: *a complete reference guide. A. Mondadori, 1978. 512p.*

TOCANTINS, Leandro ***Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido***, *Manaus, Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1966. 139p.*

UCHÔA, Júlio Benevides ***Flagrantes Educacionais do Amazonas de Ontem***, *Manaus, Edições do Governo do Estado do Amazonas, 1966. 201p.*

VATTIMO, Gianni ***A Sociedade Transparente***, *Lisboa, Relógio D'água, 1992. 83p.*
O Fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura Pós-Moderna, *Lisboa, Ed. Presença, 1987. 147p.*

VENÂNCIO Fº, Francisco ***Euclides da Cunha e seus amigos - Cartas***, *Col. Brasiliana, 1934.*
A Viagem de Alfred Wallace à Amazônia, *Col. Brasiliana, 1945.*

VENEZIANO, Neyde ***O Teatro de Revista no Brasil: dramaturgia e convenções***, *Campinas, Pontes; Ed.UNICAMP, 1991, 194p.*

WALLACE, Alfred Russel ***Viagens pelos Rios Amazonas e Negro***, *trad. Eugênio Amado Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp. 1979, 317p.*

WEBER, Eugen ***França Fin-de-siècle***, *São Paulo, Companhia das Letras, 1989.356p.*

WRIGHT, Marie Robinson ***The New Brazil***, *Philadelphia, George Barrie & Sons, 1907*

Outras Fontes:

Relatórios, Falas e Mensagens, dos administradores públicos, no período imperial.

- *Falla dirigida a Assembléia Legislativa da Província do Amazonas, na abertura da primeira sessão ordinária da Primeira Legislatura pelo Exmo. Vice-Presidente da mesma Província, o Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda, em 5 de setembro de 1852,* Capital do Amazonas, Typografia de Manoel da Silva Ramos 1852, 24p.
- *Exposição ao Exmo. Sr. 1º Vice-Presidente da Província do Amazonas o Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda pelo Presidente o Dr. João Pedro dias Vieira por ocasião de passar-lhe a Administração da mesma Província em 26 de fevereiro de 1857* Manaus, Typografia de Francisco José da Silva Ramos, 1857, 55p. e anexos.

- *Relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da Sessão ordinária em 7 de setembro de 1858. Francisco José Furtado. Presidente da mesma Província.* Manaus, Typografia de Francisco José da Silva Ramos, 1858. 26p. e anexos.

- *Relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da Sessão ordinária em 3 de maio de 1859. Francisco José Furtado. Presidente da mesma Província.* Manaus, Typografia de Francisco José da Silva Ramos, 1859. 18p.

- *Falla dirigida a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da da primeira Sessão ordinária da Quinta Legislatura no dia 3 de novembro de 1860, pelo 1º Vice-Presidente em exercício, o Exmo. Sr. Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda.* Manaus, Typografia de Francisco José da Silva Ramos, 1860, 23p. anexos.

- *Fala dirigida a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da 2ª Sessão ordinária da 5ª Legislatura no dia 3 de maio de 1861 pelo presidente da mesma o Exmo. Sr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha.* Manaus Typografia de Francisco José da Silva Ramos, 1861. 49p. anexos.

- *Relatório apresentado a Assembléia Legislativa da Província do Amazonas na Sessão ordinária de 1º de Outubro de 1864, pelo Dr. Adolpho de Barros Cavalcante Albuquerque Lacerda, Presidente da mesma Província.* Pernambuco Typografia de Manoel Figueiroa de Faria & Filho, 1864. 56p. anexos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

- *Relatório com que o Exmo. Sr. Dr. Antônio Epaminondas de Mello entregou a Administração da Província do Amazonas ao Exmo. Sr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira, Vice-Presidente da mesma. Em 24 de junho de 1866.* Recife, Typografia do Jornal do Recife, 1866. 1v. (paginação irregular)

- *Relatório que à Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou no ato da abertura das sessões ordinárias de 1871 o Presidente Bel. José de Miranda da Silva Reis.* Manaus, Typografia do "Amazonas", 1871. 18p. anexos.

- *Relatório apresentado ao Exmo Sr. Coronel José de Miranda da Silva Reis, Presidente da Província do Amazonas, pelo inspetor da Tesouraria da Fazenda Provincial, José Justiniano Braule Pinto.* Manaus, Tipografia do "Amazonas" 1871, 14p.

- *Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas na 1ª Sessão da 11ª Legislatura, no dia 25 de março de 1872, pelo Presidente da Província o Exmo. Sr. General José de Miranda da Silva Reis*, Manaus, Tipografia de Gregório José de Moraes, 1872. 41p. anexos.

- *Fala dirigida a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas na segunda sessão da 11ª Legislatura. Em 25 de março de 1873 pelo Presidente da Província Bel. Domingos Monteiro Peixoto*, Manaus, Tipografia do "Commercio do Amazonas", 1873. 48p. anexos.

- *Fala dirigida a Assembléia Provincial do Amazonas na Primeira Sessão da 12ª Legislatura. Em 25 de março de 1874, pelo Presidente da Província, Bacharel Domingos Monteiro Peixoto*, Manaus, Tip. do "Commercio do Amazonas" 1874, 61p.

- *Relatório com que o Exmo. Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto entregou a Administração da Província ao Exmo. Sr. 1º Vice-Presidente Capitão de Mar e Guerra Nuno Alves Pereira de Mello Cardoso. Em 16 de março de 1875.* Manaus, Tipografia do "Commercio do Amazonas", 1875, 40p.

- *Falla com que o Exmo. Sr. Barão de Maracajú, Presidente da Província do Amazonas, no dia 29 de março de 1879, abriu a 2ª Sessão da 14ª Legislatura da Assembléa Legislativa Provincial.* Manaus, Tipografia do "Amazonas", 1879, 56p.

- *Falla com que o Exmo. Sr. Dr. Satyro de Oliveira Dias, Presidente da Província do Amazonas, abriu a 2ª Sessão da 15ª Legislatura da Assembléa Provincial. Em 4 de abril de 1881.* Manaus, Tipografia do "Amazonas", 1881. 54p. anexo.

- *Exposição com que o Ex-Presidente do Amazonas , Exmo. Sr. Dr. Alarico José Furtado, passou a Administração da Província ao 2º Vice-Presidente Exmo. Sr. Dr. Romualdo de Souza Paes Andrade. Em 7 de março de 1882.* Manaus, s.n., s.d. 27p.

- *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente do Amazonas Dr. José Lustoza da Cunha Paranaguá pelo Inspector do Thezouro Provincial Joaquim José Paes da Silva Sarmento. Em 20 de março de 1882.* s.l., s.n., s.d. 13p. anexos

- *Relatório apresentado a Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da Segunda Sessão da Décima-Sexta Legislatura. Em 25 de março de 1883 pelo Presidente José Lustoza da Cunha Paranaguá.* Manaus, Tipografia do "Amazonas", 1883. 118p. apensos.

- *Exposição com que o Ex-Presidente da Província do Amazonas Dr. Theodoreto Carlos de Faria Souto entregou a Administração da mesma, ao Tenente-Coronel Joaquim José Paes da Silva Sarmento, em 12 de julho de 1884.* Manaus, Tipografia do "Amazonas", 1885. 51p.

- *Falla com que o Exmo. Sr. Dr. José Jansen Ferreira Júnor, Presidente da Província do Amazonas dirigiu à Assembléa Provincial, por ocasião da instalação da 2ª Sessão da 17ª Legislatura, em 25 demarço de 1885.* Manaus, Tipografia do "Amazonas", 1885. 29p. anexos.

- *Exposição com que o Ex-Presidente do Amazonas Exmo. Sr. Dr. José Jansen Ferreira Júnior passou a Administração da Província ao 1º Vice-Presidente Exmo. Sr. Coronel Clementino José Pereira Guimarães, em 21 de setembro de 1885.* Manaus, s.n., s.d. 32p. anexos.

- *Relatório com que o Exmo. Sr. Dr. Ernesto Adolpho de Vasconcellos Chaves, Presidente da Província do Amazonas, instalou a 1ª Sessão da 18ª Legislatura da Assembléa Legislativa Provincial no dia 25 de março de 1886.* Manaus, Tipografia do "Jornal do Amazonas", 1886. 42p. anexos.

- *Exposição com que o Exmo. Sr. Coronel Dr. Francisco Antonio Pimenta Bueno, passou a Administração da Província do Amazonas ao Exmo. Sr. 2º Vice-Presidente Tte. Cel. Antônio Lopes Braga, em 12 de junho de 1888.* Manaus, Tipografia do "Jornal do Amazonas", 1888. 61p. anexos.

- *Exposição com que o Exmo. e Rvdm. Sr. Cônego Raymundo Amâncio de Miranda, passou a Administração da Província do Amazonas ao Exmo. Dr. Joaquim Cardoso de Andrade, em 12 de junho de 1888.* Manaus, Tipografia do "Jornal do Amazonas", 1888. 9p.

- *Relatório com que o Exmo. Sr. Dr. Joaquim Cardoso de Andrade abru a 1ª Sessão da 19ª Legislatura da Assembléa Provincial do Amazonas, em 5 de setembro de 1888.* Manaus, Tipografia do "Commercio do Amazonas", 1888. 14p. anexos.

- *Relatório com que o Exmo. Sr. Dr. Joaquim de Oliveira Machado, presidente da Província do Amazonas, instalou a sessão extraordinária da Assembléa Legislativa Provincial nodia 2 de junho de 1889.* Manaus, Tipografia do "Commercio do Amazonas". 1889. 65p. anexos.

Mensagens e Relatórios dos Administradores públicos, no período republicano.

- *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, Governador do Estado do Amazonas, pelo Diretor do Gymnasio Amazonense Francisco Antonio Monteiro. Em 23 de junho de 1894.* Manaus, s.n. , s.d.

- *Relatório da Diretoria da Instrução Pública, apresentado ao Major Pedro Freire, Secretário dos Negócios do Interior, por Francisco Antonio Monteiro. Em 30 de maio de 1899.* Manaus, s.n. , s.d.

- *Relatório apresentado ao Governador do Estado do Amazonas, pelo cidadão Pedro Freire, Secretário dos Negócios do Interior.* Manaus, Typ. do "Palais Royal", 1900, 2v. s.n.p.

- *Relatório apresentado ao Governador do Estado, pelo Secretário dos Negócios do Interior, Coronel Francisco P.R. Bittencourt, em 11 de junho de 1900.* Manaus, Typ. do "Palais Royal", 1901, 2v.

- *Mensagem lida perante o Congresso dos Snrs. Representantes em Sessão extraordinária, de 15 de janeiro de 1901, pelo Dr. Silvério Nery, Governador do Estado do Amazonas.* Manaus, Tip. da Livraria Ferreira Pena, 1901.

- *Mensagem lida perante o Congresso dos Snrs. Representantes por ocasião da abertura da 2ª Sessão ordinária da 4ª legislatura, pelo Exmo. Sr. Dr. Silvério José Nery, em 10 de julho de 1902, acompanhada dos relatórios dos chefes de repartições.* Manaus, Tip. da Livraria Ferreira Pena, 1903. 2vls.

- *Mensagem lida perante o Congresso dos Snrs. Representantes, pelo Exmo. Sr. Dr. Silvério José Nery, em 10 de julho de 1903, acompanhada dos Relatórios dos Chefes de Repartições.* Manaus. Tip. do "Amazonas", 1905.

- *Mensagem lida perante o Congresso dos Snrs. Representantes por ocasião da >>>>em 15 de abril de 1905, pelo Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado Antônio Constantino Nery, acompanhado dos Relatórios dos Chefes de Repartições.* Manaus, Tip. do "Amazonas", 1906.

- *Recebedoria de Rendas Públicas. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Coronel Felippe Santiago Minhós, Inspector do Thesouro, por Domingos José de Andrade, escrivão sevindo de Administrador da Recebedoria. Maio de 1905.* Manaus, Typ. do Amazonas, 1906

unesp

- *Recebedoria de Rendas Públicas. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Geraldo de Souza Paes de Andrade, Inspector do Thesouro, por Domingos José de Andrade, Administrador da Recebedoria. Maio de 1906.* Manaus Typ. do Amazonas. 1907

- *Recebedoria de Rendas Públicas. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Cyrillo Leopoldo da Silva Neves, Inspector do Thesouro, por Domingos José de Andrade, Administrador da Recebedoria. Maio de 1907.* Manaus, Typ. do Amazonas, 1908

- *Mensagem lida perante o Congresso dos Representantes, em 10 de julho de 1910, pelo Exmo. Sr. Governador do Estado Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt.* Manaus, Imprensa Oficial, 1911.

- *Mensagem lida perante o Congresso dos Representantes por ocasião da Abertura da 3a Sessão ordinária da 7a legislatura, pelo Exmo. Sr. Governador Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, acompanhada dos Relatório dos Chefes de Repartições.* Manaus, Imprensa Oficial, 1912.

Biblioteca Pública do Estado do Amazonas

Seção de Periódicos

Segue abaixo a relação de jornais lidos, contendo nome, ano, ano de publicação, dia e número. Os números fora dos parênteses correspondem ao dia da publicação e os de dentro dos parênteses correspondem ao número da edição.

Amazonas - 1901 - Ano XXXVII

Janeiro a Dezembro, do número 137 de 1/1, ao número 501 de 31/12

Amazonas - 1902 - Ano XXXVIII

Março a Dezembro, do número 1, de 15/3, ao número 291 de 31/12

Amazonas Commercial - 1899 - Ano IV

De Janeiro a Dezemebro, do número 1065 de 1/1 ao número 1516 de 31/12 [Ano V]

Commercio do Amazonas - 1898 - Ano XXX

De julho a Dezembro, do número 156 de 22/7 ao número 342 de 31?12

Commercio do Amazonas - 1899 - Ano XXXI

De Março a Dezemebro, do número 400 de 1/3 ao número 99 de 30/12 [Ano XXXII]

Diário de Notícias - 1900 - Ano I

coleção integral, do no 236 de 2 de janeiro ao no 307, de 29 de março [Ano II]

A Federação - 1901 - Ano VIII

Julho a Dezembro, do número 987 de 2/7, ao número 1047 de 31/12

Jornal do Amazonas - 1887 - Ano XII

Janeiro - Dia 1. (n. 1318), 4 (1319), 6 (1320), 9 (1321), 11 (1322), 13 (1323), 15 (1324), 18 (1325), 20 (1326), 22 (1327), 25 (1328), 27 (1329), 30 (1330).

Fevereiro - 1 (1332), 5 (1333), 6 (1334), 8 (1335), 12 (1337), 15 (1338), 17 (1339), 19 (1340), 22 (1341), 24 (1342), 26 (1343).

Março - 1 (1344), 3 (1345), 5 (1346), 8 (1347), 10 (1348), 12 (1349), 15 (1350), 17 (1351), 19 (1352), 22 (1353), 25 (1354), 29 (1355), 31 (1356).

Abril - 2 (1357), 5 (1358), 7 (1359), 12 (1360), 15 (1361), 16 (1362), 19 (1363), 21 (1364), 23 (1365) 26 (1366), 28 (1367), 30 (1368).

Maio - 3 (1369), 5 (1370), 7 (1371), 10 (1372), 12 (1373), 14 (1374), 17 (1375), 19 (1376), 21 (1377), 24 (1378), 26 (1379), 28 (1380), 31 (1381).

Junho - 2 (1382), 4 (1383), 7 (1384), 9 (1385), 11 (1386), 14 (1387), 16 (1388), 18 (1389), 19 (1390), 22 (1391), 24 (1392), 26 (1393), 28 (1394).

Julho - 2 (1395), 3 (1396), 5 (1397), 7 (1398), 9 (1399), 12 (1400), 14 (1401), 16 (1402), 19 (1403) 21 (1404), 23 (1405), 26 (1406), 28 (1407), 30 (1408), 31 (1409).

Agosto - 2 (1410), 4 (1411), 6 (1412), 9 (1413), 11 (1414), 13 (1415), 18 (1416), 20 (1417), 21 (1418) 23 (1419), 25 (1420), 27 (1421), 30 (1422).

Setembro - 1 (1423), 3 (1424), 4 (1425), 6 (1426), 8 (1427), 10 (1428), 13 (1429), 15 (1430), 17 (1431), 20 (1432), 22 (1433), 24 (1434), 27 (1435), 29 (1436).

Outubro - 1 (1437), 4 (1438), 6 (1439), 8 (1440), 11(1441), 13 (1442), 15 (1443), 18 (1444), 20 (1445), 22 (1446), 25 (1447), 27 (1448), 29 (1449).

Novembro - 1 (1450), 3 (1451), 5 (1452), 8 (1453), 10 (1454), 12 (1455), 14 (1456), 15 (1457), 17 (1458), 19 (1459), 22 1460), 24 (1461), 26 (1462), 29 (1463).

Dezembro - 1 (1464), 3 (1465), 8 (1467), 10 (1468).

Jornal do Amazonas - 1888 - Ano XIII

Janeiro - 14 (1484), 17 (1485), 19 (1486), 21 (1487), 24 (1488), 28 (1490), 31)1491).

Fevereiro - 2 (1492), 4 (1493), 7 (1494), 9 (1495), 11 (1496), 14 (1497), 16 (1498), 18 (1499), 21 (1500), 23 (1501), 28 (1503).

Março - 1 (1504), 3 (1505), 6 (1506), 8 (1507), 13 (1509), 15 (1510), 17 (1511), 20 (1512), 22 (1513), 24 (1514), 27 (1515), 29 (1516).

Abril - 2 (1517), 5 (1518), 7 (1519), 10 (1520), 12 (1521), 14 (1522), 17 (1523), 19 (1524), 21 (1525), 24 (1526), 26 (1527), 28 (1528).

Maio - 1 (1529), 3 (1530), 5 (1531), 8 (1532), 10 (1533), 12 (1534), 15 (1535), 17 (1536), 19 (1537), 22 (1538), 24 (1539).

Junho - 2 (1540), 3 (1541), 6 (1542), 7 (1543), 9 (1544), 14 (1545), 16 (1546), 23 (1547), 26 (1548), 28 (1549).

Julho - 1 (1550), 3 (1551), 7 (1553), 10 (1554), 12 (1555), 14 (1556), 17 (1557), 19 (1558), 21 (1559), 22 (1560), 24 (1561), 26 (1562), 28 (1563), 31 (1564).
Agosto - 2 (1565), 4 (1566), 7 (1567), 9 (1568), 11 (1569), 13 (1570), 18 (1571), 21 (1572), 23 (1573), 25 (1574), 28 (1575), 30 (1576).

Setembro - 1 (1577), 4 (1578), 6 (1579), 8 (1580), 11 (1581), 13 (1582), 15 (1583), 18 (1584), 20 (1585), 22 (1586), 25 (1587), 27 (1588), 29 (1589).
Outubro - 2 (1590), 4 (1591), 6 (1592), 9 (1593), 11 (1594), 13 (1595), 16 (1596), 18 (1597), 20 (1598), 23 (1599), 25 (1600), 27 (1601), 30 (1602).
Novembro - 1 (1603), 3 (1604), 6 (1605), 8 (1606), 10 (1607), 13 (1608), 15 (1609), 18 (1611), 20 (1612), 22 (1613), 24 (1614), 27 (1615), 29 (1616).
Dezembro - 2 (1617), 4 (1618), 6 (1619), 6 (1620), 11 (1621), 13 (1622), 15 (1623), 18 (1624), 20 (1625), 22 (1626), 25 (1627), 27 (1628), 29 (1629).

Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

Acêrvo de Jornais

O nome dos periódicos está em *itálico*. Segue-se o ano lido e o ano de publicação, os meses e se houver necessidade, os dias (quando o jornal não for de cirulação diária). Quando o periódico for de publicação diária mencionarei somente as ausências, se houver.

Amazonas - 1905 - Ano XLI
Janeiro a Dezembro, coleção integral, do número 572 de 1/1 ao número 889 de 31/12

Amazonas - 1906 - Ano XLII
Janeiro a Dezembro, coleção integral, do número 1 de 2/1 ao número 316 de 31/12

Amazonas - 1907 - Ano XLIII
Janeiro a Dezembro, coleção integral, do número 1 de 1/1 ao número 311 de 31/12

Amazonas - 1908 - Ano XLIV
Janeiro a Dezembro, coleção integral, do número 1 de 1/1 ao número 365 de 31/12

Amazonas - 1909 - Ano XLV
Janeiro a Dezembro, coleção integral, do número 1,de 2/1, ao número 365, de 31/12

O Beijo - 1898
Abril - 17
Outubro - 9

Commercio do Amazonas - 1902 - Ano XXXIV
Março - dia 30 (n.100), 31 (101).
Abril - coleção integral, desde o dia 1. (n102) até o dia 30 (n. 131).
Maio - idem, do dia 1. (n.132) ao dia 31 (n.162).
Junho - idem, do dia 1. (n.163) ao dia 30 (n.192)
Agosto - do dia 6 (n.229) ao dia 17 (n.240) e do dia 18 (n.1) ao 22 (n. 5)

Commercio do Amazonas - 1903 - Ano XXXV
Julho - a partir do dia 23 (n.278)
até
Dezembro - dia 31 (n.106)[ano XXXVI]

Correio de Manáos - 1869 - Ano I
(numeração ilegível)

Diário de Manáos - 1891 - Ano I
De Janeiro a Dezembro, coleção integral, do n. 180 de 3/1 ao n.142 [ano II] de 31/12

Diário de Manáos - 1892 - AnoII
De Janeiro a Dezembro, coleção integral, do n. 143 de 1/1 ao n.72 [anoIII] de 30/12

Diário de Manáos - 1893 - Ano III
De Janeiro a Dezembro, coleção integral, do n. 74 de 3/1 ao n. 143 [anoIV] de 30/12

Diário de Manáos - 1894 - AnoIV

Janeiro - coleção integral, do dia 1.(n.144) ao dia 31 (n.168)
Fevereiro - do dia 1. (n. 169) ao dia 28 (n. 190) [neste mês não foram publicados números nos dias 3, 5, 7, 12, 19 e 26]
Março - do dia 1. (n.191) ao dia 22 (n.209)

Diário do Amazonas - 1873 - Ano VIII

Janeiro - dia 5 (n.4), dia 9 (n.6), dia 11 (n.8), 12 (9), 14 (10), 15 (11), 16 (12), 17 (13), 18 (14), 19 (15), 21 (16), 22 (17), 23 (18), 24 (19), 25 (20), 26 (21), 28 (22), 29 (23), 30 (24), 31 (25).
Fevereiro - dia 1. (n.26), 2 (27), 4 (28), 5 (29), 6 (30), 7 (31), 8 (32), 9 (33), 11 (34), 12 (35), 14 (37), 15 (38), 16 (39), 18 (40), 20 (42), 21 (43), 22(44), 23 (45), 25 (46), 27 (47), 28 (48).
Março - dia 1. (n.49), 2 (50), 4 (51), 5 (52), 6 (53), 7 (54), 8 (55), 9 (56), 11 (57), 12 (58), 13 (59), 14 (60), 15 (61), 18 (62), 19 (63), 20 (64), 21 (65), 22 (66), 23 (67), 25 (68), 27 (69), 28 (70).

Estrella do Amazonas - 1854 - Ano II

Janeiro - dia 4 (n. 73), 14 (74), 20 (75), 28 (76).
Fevereiro - 4 (77), 15 (78), 21 (79), 25 (80).
Março - 4 (81), 11 (82), 18 (83), 27 (84).
Abril - 4 (85), 21 (86), 29 (87).
Maio - 4 (88), 13 (89 e 90), 27 (91 e 92).
Junho - 7 (93), 17 (94), 24 (95).
Julho - 18 (96 e 97), 22 (98).
Agosto - 10 (99).
Setembro - Não houve publicação.
Outubro - 7 (100), 21 (101), 28 (102).
Novembro - 9 (103 e 104), 18 (105), 25 (106).
Dezembro - 5 (107), 14 (108).

Estrella do Amazonas - 1855 - Ano III

Janeiro - dia 10 (n.109)
Fevereiro - 6 (110), 15 (111), 24 (112).
Março - 5 (113).
Abril - Falta o n. 114
Maio - 9 (115).
Junho - Não houve publicação.
Julho - 21 (116 e 117), 25 (118).
Agosto - 9 (120), 18 (121), 25 (122).
Setembro - 3 (123), 12 (124), 19 (125).
Outubro - 3 (126), 13 (127), 27 (128).
Novembro - Falta o n. 129
Dezembro - 12 (130)

Estrella do Amazonas - 1856 - Ano IV

Janeiro - dia 16 (n. 131), 25 (132).
Fevereiro - 2 (133).
Março - 15 (137 e 138)
Abril - 2 (139), 16 (140), 30 (141).
Maio - 7 (142), 14 (143), 21 (144), 28 (145).
Junho - 4 (146), 7 (147), 11 (148), 18 (150), 21 (151), 25 (152), 28 (153).
Julho - 3 (154), 5 (155), 10 (156), 12 (157), 16 (158), 20 (159), 24 (160), 27 (161)
Agosto - 2 (162), 9 (163).
Setembro - 6 (168), 17 (170).
Outubro - perdido
Novembro - 12 (177), 19 (178), 22 (179).
Dezembro - perdido

Estrella do Amazonas - 1857 - Ano V

Janeiro - dia 21 (n. 189)
Fevereiro - 11 (192), 18 (194), 21 (195), 24 (196), 28 (197).
Março - 4 (198), 7 (199), 11 (200), 28 (204).
Abril - 8 (206), 15 (207), 18 (208), 29 (210).
Maio - 2 (211), 6 (212).

Estrella do Amazonas - 1858 - Ano VI

Janeiro - dia 6 (nº 259), 16 (261), 23 (263), 27 (264), 30 (265).
Fevereiro - 10 (267), 13 (268), 17 (269), 20 (270), 24 (271), 27 (272).
Março - 3 (273), 6 (274), 10 (275), 13 (276), 17 (277), 20 (278), 24 (279), 27 (280).
Abril - 3 (283), 14 (284), 17 (285), 24 (286), 28 (287).
Maio - 5 (288), 18 (289), 12 (290), 15 (291), 19 (292), 22 (293), 26 (294), 29 (295).
Junho - 2 (296), 5 (297), 9 (298), 12 (299), 16 (300), 19 (301), 26 (302), 30 (303).
Julho - 7 (304), 10 (305), 17 (306), 25 (308).
Agosto - 4 (309), 7 (310), 11 (311), 14 (312), 18 (313), 21 (314), 25 (315), 28 (316).
Setembro - 1 (317), 4 (318), 8 (319), 22 (321), 25 (322), 29 (323).
Outubro - 2 (324), 6 (325), 9 (326), 13 (327), 16 (328), 20 (329), 27 (330), 30 (331).
Novembro - 3 (332), 6 (333), 10 (334), 13 (335), 17 (336), 20 (337), 24 (338).
Dezembro - 8 (341), 11 (342), 15 (343), 18 (344), 22 (345), 25 (346).

Estrella do Amazonas - 1859 - Ano VII

Janeiro - 1 (347), 8 (348), 12 (349), 19 (350 e 351), 22 (352), 26 (353), 29 (354).
Fevereiro - 5 (355), 9 (356), 12 (357), 16 (358), 19 (359), 23 (360), 26 (361).
Março - 9 (362), 12 (363), 26 (364).
Abril - 2 (365), 6 (366), 9 (367), 16 (369), 23 (370), 27 (371).
Maio - 4 (372), 11 (373), 18 (374), 21 (375), 25 (376).
Junho - 25 (382).
Julho - 2 (383), 9 (384), 13 (385), 20 (386), 23 (387), 27 (388), 30 (389).
Agosto - 3 (390), 10 (391), 17 (392), 20 (393), 24 (394), 31 (395).
Setembro - 7 (396), 10 (397), 14 (398), 21 (399), 28 (400).
Outubro - 5 (401), 8 (402), 19 (405), 22 (406), 26 (407).
Novembro - 2 (408), 5 (409), 9 (410), 15 (411), 19 (412), 23 (413), 30 (414).
Dezembro - 3 (415), 7 (416), 10 (417), 14 (418), 17 (419), 21 (420), 28 (421).

Estrella do Amazonas - 1860 - Ano VIII

Janeiro - dia 4 (nº 422), 11 (423), 18 (424), 21 (425).
Fevereiro - 29 (434).
Março - 3 (435), 10 (436), 14 (437), 21 (438), 24 (439), 28 (440).
Abril - 4 (441), 7 (442), 14 (443), 18 (444), 21 (445), 25 (446).
Maio - 2 (447), 5 (448), 12 (449), 16 (450), 23 (451), 26 (452).
Junho - 5 (453), 9 (454), 13 (455), 16 (456), 20 (457), 24 (458), 27 (459), 30 (460).
Julho - 4 (461), 7 (462), 11 (463), 14 (464), 18 (465), 21 (466), 25 (467), 28 (468).
Agosto - 1 (469), 4 (470), 8 (471), 11 (472), 15 (473), 18 (474), 22 (475), 25 (476), 29 (477)
Setembro - 12 (480), 15 (481), 19 (482), 22 (483), 26 (484), 29 (485).
Outubro - 3 (486), 6 (487), 10 (488), 13 (489), 24 (492), 27 (493), 31 (494).
Novembro - 3 (495), 10 (496), 14 (497), 17 (498), 21 (499), 24 (500), 28 (501).
Dezembro - 1 (502), 5 (503), 8 (504), 12 (505), 15 (506), 19 (507), 22 (508), 26 (509), 29 (510).

Estrella do Amazonas - 1861 - Ano IX

Janeiro - dia 2 (nº 511), 9 (512), 12 (513), 16 (514), 23 (516), 26 (517), 30 (518).
Fevereiro - 2 (519), 6 (520), 9 (521), 13 (522), 16 (523), 20 (524), 27 (525).
Março - 2 (526), 9 (527), 13 (528), 16 (529), 20 (530), 23 (531), 30 (532).
Abril - 3 (533), 6 (534), 10 (535), 13 (536), 17 (537).
Maio - 11 (543), 15 (544), 18 (545), 22 (546), 25 (547), 29 (548).
Junho - 1 (549), 8 (550), 12 (551), 15 (552), 19 (553), 22 (554), 26 (555), 29 (556).
Julho - 3 (557), 6 (558), 10 (559), 13 (560), 17 (561).
Agosto - 10 (568), 14 (569), 17 (570), 21 (571), 24 (572), 28 (573), 31 (574).
Setembro - 4 (575), 17 (576), 11 (577), 14 (578), 18 (579), 25 (581), 28 (582).
Outubro - ? (583), 5 (584), 9 (585), 6 (586), 19 (587), 23 (588), 26 (589), 30 (590).
Novembro - 2 (591), 6 (592), 9 (593), 13 (594), 16 (595), 20 (596), 23 (597), 27 (598), 30 (599).
Dezembro - 4 (600), 25 (605), 28 (606).

Estrella do Amazonas - 1862 - Ano X

Janeiro - dia 4 (nº 607), 8 (608), 11 (609), 15 (610), 18 (611), 22 (612), 25 (613), 29 (614).
Fevereiro - 1 (615), 5 (616), 8 (617), 12 (618), 15 (619), 22 (620), 26 (621).
Março - 5 (622), 8 (623), 12 (624), 15 (625), 19 (626), 22 (627), 26 (628), 29 (629).
Abril - 5 (630), 9 (631), 12 (632), 16 (633), 23 (634), 30 (635).
Maio - 3 (636), 28 (641), 31 (642).
Junho - 4 (643), 7 (644), 11 (645), 14 (646), 18 (647), 21 (648), 25 (649), 28 (650).
Julho - 2 (651), 5 (652), 9 (653), 12 (654), 16 (655), 19 (656), 23 (657), 26 (658), 30 (659).

unesp

Agosto - 2 (660), 6 (661), 9 (662), 13 (663), 16 (664), 20 (665), 23 (666), 27 (667), 30 (668)
Setembro - 3 (669), 6 (670), 10 (671), 13 (672), 17 (673), 20 (674), 24 (675), 27 (676).
Outubro - 1 (677), 4 (678), 8 (679), 11 (680), 15 (681), 18 (682), 22 (683), 25 (684), 29 (685)
Novembro - 5 (686), 8 (687), 12 (688), 15 (689), 19 (690), 22 (691), 26 (692), 29 (693).
Dezembro - 3 (694), 6 (695), 10 (696), 13 (697), 17 (698), 20 (699), 28 (700), 31 (702).

Estrella do Amazonas - 1863 - Ano XI

Julho - dia 4 (nº755), 8 (756), 11 (757), 15 (758), 18 (759).

Equador - 1888 - Ano I

Abril - dia 15 (nº ?)
Maio - dia 6 (nº ?)

Gazetinha - 1885 - Ano I

Setembro - dia 20 (nº 1)
Outubro - dia 5 (nº 3)
Novembro - dia 10 (n?)

Guttenberg - 1891 - Ano I

Novembro - dia 15 (nº 1)

Guttenberg - 1892 - Ano I

Maio - dia 1 (?)
Julho - dia 25 (?)

Imparcial - 1897 - Ano VIII

Jornal do Amazonas - 1875 - Ano I

Julho - dia 12 (nº16), 20 (17), 23 (18), 25 (19), 30 (21).
Agosto - 1 (22), 4 (23), 6 (24), 11 (26), 15 (27), 17 (28), 22 (29), 26 (30), 29 (31).
Setembro - 3 (32), 7 (33), 12 (34), 16 (35), 19 (36), 22 (37), 27 (38), 30 (39).
Outubro - 4 (40), 6 (41), 8 (42), 11 (43), 17 (44), 21 (45), 25 (46), 28 (47).
Novembro - 2 (48), 5 (49), 8 (50), 11 (51), 13 (52), 18 (53), 21 (54), 25 55), 28 (56).
Dezembro - 2 (57), 5 (58), 8 (59), 12 (60), 16 (61), 19 (62), 23 (63), 27 (64), 30 (65).

Jornal do Amazonas - 1876 - Ano II

Janeiro - dia 2 (nº66), 6 (67), 10 (68), 14 (69), 17 (70), 21 (71), 26 (72), 31 (73).
Fevereiro - 3 (74), 8 (75), 11 (76), 15 (77), 20 (78), 24 (79), 28 (80).
Março - 3 (81), 8 (82), 12 (83), 16 (84), 19 (85), 24 (86), 29 (87).
Abril - 2 (88), 6 (89), 8 (90), 13 (91), 19 (92), 24 (93), 28 (94).
Maio - 5 (95), 11(97), 18 (98), 23 (99), 26 (100), 30 (101).
Junho - 1 (102), 8 (103), 11 (10), 15 (105), 18 (106), 22 (107), 25 (108), 28 (109).

Jornal do Amazonas - 1877 - Ano III

Julho - dia 5 (nº 192), 12 (193), 15 (194), 19 (195), 23 (196), 29 (197), 31 (198).
Agosto - dia 7 (nº 199), 23 (201), 29 (202).
Setembro - 1 (203), 8 (204).
Outubro e Novembro - Não encontrados. Possivelmente perdidos.
Dezembro - 14 (217), 20 (218), 27 (219).

Jornal do Amazonas - 1878 - Ano IV

Janeiro - dia 3 (nº 220), 10 (221), 15 (222), 24 (223), 31 (224).
Fevereiro - 7 (225), 14 (226), 21 (227).
Março - 23 (231).
Abril - 7 (233), 11 (234), 14 (235), 18 (236), 25 (237), 28 (238).
Maio - 2 (239), 5 (240), 9 (241), 12 (242), 16 (243), 19 (244), 23 (245), 26 (246), 30 (247).
Junho - 2 (248), 6 (249), 9 (250), 13 (251), 16 (252), 20 (253), 23 (254), 28 (255).
Julho - 4 (256), 7 (257), 14 (259), 18 (260), 21 (261), 28 (263).
Agosto - 1 (264), 4 (265), 11 (267), 15 (268), 18 (269).

unesp

Jornal do Amazonas - 1880 - Ano VI

Junho - dia 10 (nº 460), 17 (463).
Julho - 25 (475).
Agosto - 5 (478), 19 (482), 26 (484).
Setembro - 2 (487), 8 (489), 12 (490).

Jornal do Amazonas - 1882 - Ano VII

Janeiro - dia 26 (nº 653).
Abril - 23 (679).
Maio - 5 (683).

Jornal do Amazonas - 1883 - Ano IX

Setembro - dia 8 (nº 846), 12 (847), 20 (850)
Dezembro - dia 13 (nº 877)

Jornal do Amazonas - 1884 - Ano IX

Janeiro - dia 6 (nº 884), 10 (885), 20 (889), 24 (890), 27 (891).
Fevereiro - 14 (896), 21 (899).
Março - 2 (903), 30 (912).
Abril - 10 (918)

Jornal do Amazonas - 1885 - Ano X

Janeiro - dia 4 (nº 1009), 8 (1010).
Fevereiro - 24 (1030), 26 (1031).
Abril - 2 (1044), 5 (1045), 9 (1046).
Outubro - 29 (1123), 31 (1124).
Novembro - 5 (1127), 6 (1128), 12 (1131), 28 (1141).
Dezembro - 1 (1141), 3 (1143), 8 (1146), 19 (1152), 22 (1154), 24 (1155), 27 (1156), 29 (1157).

Jornal do Amazonas - 1886 - Ano XI / XII

Fevereiro - dia 9 (nº 1176), 11 (1177), 13 (1178), 14 (1179), 16 (1180), 18 (1181), 20 (1182) 23 (1183), 25 (1184), 27 (1185), 28 (1186).
Março - 2 (1187), 4 (1188), 6 (1189), 9 (1190), 11 (1191), 13 (1192), 16 (1193), 18 (1194) 20 (1195), 23 (1196), 25 (1197), 27 (1198).
Abril - 1 (1200), 3 (1201), 8 (1202), 10 (1204), 11 (1205), 13 (1206), 17 (1208), 18 (1209), 20 (1210), 22 (1211), 27 (1212), 29 (1213).
Maio - 1 (1214), 4 (1215), 6 (1216), 8 (1217), 11 (1218), 13 (1219), 15 (1220), 18 (1221), 22 (1223), 27 (1225), 29 (1226).
Junho - 1 (1227), 5 (1229), 10 (1231), 12 (1232), 19 (1235), 26 (1239).
Julho - 1 (1240), 3 (1241), 6 (1242), 8 (1243), 10 (1244), 13 (1245), 17 (1247), 20 (1248) 24 (1250), 25 (1251), 27 (1252), 29 (1253).
Agosto - 3 (1255), 5 (1256), 7 (1257), 12 (1259), 14 (1260), 17 (1262), 21 (1263), 24 (1264), 29 (1265), 31 (1266).
Setembro - 2 (1267), 5 (1268), 8 (1269), 11 (1270) 14 (1271), 16 (1272), 18 (1273), 21 (1274), 23 (1275), 25 (1276),28 (1277), 30 (1278).
Outubro - 2 (1279), 5 (1280), 7 (1281), 9 (1282), 12 (1283), 14 (1284), 16 (1285), 19 (1286), 21 (11287), 23 (1288), 26 (1290), 28 (1291), 30 (1292).
Novembro - 3 (1293), 6 (1294), 9 (1295), 11 (1296), 13 (1297), 16 (1298), 18 (1299), 20 (1300), 23 (1301), 25 (1302), 27 (1303), 30 (1304).
Dezembro - 2 (1305), 4 (1306), 7 (1307), 11 (1308), 12 (1309), 14 (1310), 16 (1311), 18 (1312), 21 (1313), 23 (1314), 25 (1315), 28 (1316).

Jornal do Commercio - 1904 - Ano I

De Janeiro a Dezembro, coleção integral, do nº 1 de 1/1 ao nº 365 de 31/12.

Operário - 1892 - Ano I

Dezembro - dia 12 (nº 1)

Polyanthea - 1898 - Número único que o Gymnasio Amazonense fez publicar em homenagem ao seu lente Adelelmo do Nascimento.

O Rio Negro - 1898 - Ano II

De 1. de Janeiro (n. ?) a 4 de Abril (n. ?)

Quo Vadis ? - 1902 - Ano I

De 20 de Novembro (n. 2) até 31 de Dezembro (n. 36) [Ano II]

Quo Vadis ? - 1903 - Ano II

De Janeiro a Dezembro, coleção integral, do n. 37 de 1/1 ao n. de 31/12

Universidade do Amazonas

Biblioteca e arquivo do Museu Amazônico.

PERIÓDICOS

Amazonas - 1870 - Ano IV

Janeiro - dia 1. (n. 207) dia 9 (n. 208), 29 (211).
Fevereiro - dia 20 (n. 214), e 26 (215).
Março - dia 5 (n. 216), 12 (217), 19 (218), 28 (220).
Abril - 2 (221), 5 (222), 8 (223), 18 (224), 22 (225), 29 (226), 30 (227).
Maio - 7 (228), 14 (229), 21 (230), 28 (231).
Junho - 4 (232), 9 (233), 18 (234), 25 (235).
Julho - 1 (236), 9 (237) [ano V], 14 (239), 19 (241), 23 (243), 26 (244), 28 (245), 30 (246).
Agosto - 2 (247), 4 (248), 6 (249), 9 (250), 11 (251), 13 (252), 16 (253), 20 (255), 23 (256), 25 (257), 27 (258), 30 (259).
Setembro - 1 (260), 3 (261), 6 (262), 8 (263, 10 (264), 13 (265), 15 (266), 17 (267) 20 (268), 22 (269), 24 (270), 27 (271), 29 (272).
Outubro - 1 (273), 4 (274), 6 (275), 8 (276), 11 (277), 13 (278), 15 (279), 18 (280) 20 (281), 22 (282), 25 (283), 29 (285).
Novembro - 3 (287), 5 (288), 8 (289), 10 (290), 12 (291), 15 (292), 17 (293), 19 (294), 22 (295), 24 (296), 26 (297), 29 (298).
Dezembro - 1 (299), 3 (300), 6 (301), 8 (302), 10 (303), 13 (304), 15 (305), 17 (306), 20 (307), 22 (308), 24 (309), 27 (310), 29 (311), 31 (312).

Amazonas - 1871 - Ano V

Janeiro - dia 3 (n. 313), dia 5 (n.314), 10 (316), 12 (317), 14 (318), 17 (319), 20 (320), 21 (321), 24 (322), 28 (324), 31 (325).
Fevereiro - 2 (326), 4 (327), 7 (328), 9 (329), 11 (330), 14 (331), 16 (332), 18 (333), 21 (334), 23 (335), 25 (336), 28 (337).
Março - 2 (338), 4 (339), 6 (340), 9 (341), 11 (342), 18 (343), 25 (344).
Abril - 1 (345), 4 (346), 15 (347), 22 (348), 29 (349).
Maio - 6 (350), 13 (351), 27 (353) [Ano VI].
Junho - 3 (354), 10 (355), 18 (356), 25 (357).
Julho - 1 (358), 9 (359), 16 (360), 22 (361), 29 (362).
Agosto - 5 (363), 13 (364), 21 (365), 26 (366).
Setembro - 2 (367), 10 (368), 19 (369), 25 (370).
Outubro - 2 (371), 7 (372), 13 (373), 18 (374), 21 (375), 25 (376), 28 (377).
Novembro - 1 (378), 4 (379), 8 (380), 11 (381), 15 (382), 18 (383), 22 (384 25 (385), 29 (386).
Dezembro - 2 (387), 6 (388), 9 (389), 13 (390), 16 (391), 20 (392), 27 (394), 30 (395).

Amazonas - 1874 - Ano VIII / IX

Abril - dia 8 (n.76), 12 (77), 15 (78), 22 (81), 24 (82), 26 (83), 29 (84).
Maio - 3 (86), 8 (87), 10 (87), 13 (89), 17 (90), 20 (91), 22 (92), ? (93), 29 (94), 31 (95).
Junho - 3 (96), 7 (97), 10 (98), 12 (99), 14 (100).
Julho - 1 (107), 3 (108), 5 (109), 8 (110), 10 (111), 12 (112), 15 (113), 17 (114), 19 (115), 22 (116), 24 (117), 26 (118), 29 (119), 31 (120).
Agosto - 2 (121), 5 (122), 9 123), 12 (124), 14 (125), 15 (126), 19 (127), 21 (128), 23 (129), 26 (130), 28 (131), 30 (132).

unesp

Setembro - 2 (133), 4 (134), 6 (135), 11 (136), 13 (137), 16 (138), 18 (139), 20 (140), 23 (141), 25 (142), 27 (143).
Outubro - 4 (144), 11 (145), 18 (146), 25 (147), 28 (148), 30 (149).
Novembro - 1 (150), 4 (151), 6 (152), 8 (153), 11 (154), 13 (155), 15 (156), 20 (158), 22 (159), 25 (160), 27 (161), 29 (162).
Dezembro - 2 (163), 4 (164), 6 (165), 11 (166), 13 (167), 16 (168), 18 (169), 20 (170), 23 (171), 25 (172), 30 (173).

Amazonas - 1875 - Ano IX

Janeiro - 3 (175), 6 (176), 8 (177), 10 (178), 15 (180), 17 (181), 20 (182), 22 (183) 24 (184), 27 (185), 29 (186), 31 (187).
Fevereiro - 3 (188), 5 (189), 7 (190), 10 (191), 12 (192), 14 (193), 19 (195), 24 (197), 26 (198), 28 (199).
Março - 3 (200), 5 (201), 7 (202), 10 (203), 12 (204), 14 (205), 17 (206), 19 (207), 21 (208), 24 (209), 28 (210), 31 (211).
Abril - 2 (212), 4 (213), 7 (214), 9 (215), 11 (216), 14 (217), 16 (218), 18 (219), 21 (220), 23 (221), 25 (222), 28 (223), 30 (224).
Maio - 5 (225), 8 (226), 10 (227), 12 (228), 14 (229), 16 (230), 19 (231), 21 (232), 23 (233), 26 (234), 29 (235), 30 (236).
Junho - 2 (237), 4 (238), 6 (239), 9 (240), 11 (241), 13 (242), 16 (243), 18 (244).

Amazonas - 1876 - Ano X / XI [julho - dezembro]

Julho - dia 2 (n.150), 5 (152), 7 (153),
12 (2), 14 (3), 16 (4), 19 (5), 21 (6), 24 (7), 26 (8), 28 (9), 30 (10).
Agosto - 2 (11), 4 (12), 6 (13), 11 (15), 13 (16), 17 (17), 20 (18), 23 (19), 25 (20), 27 (21), 30 (22).
Setembro - 1 (23), 3 (24), 6 (25), 7 (26), 10 (27), 13 (28), 15 (29), 17 (30), 20 (31), 22 (32), 27 (34), 29 (35).
Outubro - 1 (36), 4 (37), 6 (38), 8 (39), 11 (40), 13 (41), 15 (42), 18 (43), 20 (44), 22 (45), 25 (46), 29 (47).
Novembro - 1 (48), 3 (49), 5 (50), 8 (51), 10 (52), 12 (53), 15 (54), 17 (55), 19 (56), 22 (57), 24 (58), 26 (59), 29 (60).
Dezembro - 1 (61), 3 (62), 6 (63), 8 (64), 10 (65), 13 (66), 15 (67), 17 (68), 20 (69) 22 (70), 24 (71), 27 (72), 29 (73), 31 (74).

Amazonas - 1877 - Ano XI

Janeiro - 5 (76), 6 (77), 10 (78), 12 (79), 14 (80), 17 (81), 19 (82), 21 (83), 24 (84) 26 (85), 28 (86), 31 (87).
Fevereiro - 2 (88), 4 (89), 7 (90), 9 (91), 11 (92), 14 (93), 16 (94), 18 (95), 21 (96), 23 (97), 25 (98), 28 (99).
Março - 2 (100), 4 (101), 7 (102), 9 (103), 11 (104), 14 (105), 16 (106), 18 (107), 21 (108), 23 (109), 25 (110), 28 (111).
Abril - 1 (112), 4 (113), 6 (114), 8 (115), 11 (116), 13 (117), 15 (118), 18 (119), 20 (120), 22 (121), 25 (122), 27 (123), 29 (124).
Maio - 2 (125), 4 (126), 6 (127), 9 (128), 12 (129), 13 (130), 16 (131), 18 (132), 20 (133), 23 (134), 25 (135), 27 (136), 30 (137), 31 (138).
Junho - 3 (139), 6 (140), 8 (141), 10 (142), 13 (143), 15 (144), 17 (145), 20 (146) 22 (147), 24 (148), 27 (149), 29 (150).

APÊNDICE "A"

Companhias de ópera, opereta, zarzuela e revista que estiveram em Manaus no período entre 1890 e 1910. As datas e nomes dos espetáculos obedecem às fontes consultadas. Ver sequência de periódicos na bibliografia.

Companhia Lyrica Italiana, de Joaquim Franco
Éden Theatro, 1890-1891
Regente: Joaquim Franco

1890:

data	**espetáculo**	**autor**
16.12	Il Trovatore	G. Verdi
18.12	Il Trovatore	G. Verdi
20.12	Ernâni	G. Verdi
21.12	Ernâni	G. Verdi
23.12	La Favorita	G. Donizetti
25.12	Il Trovatore	G. Verdi
27.12	Ernâni	G. Verdi
28.12	La Favorita	G. Donizetti

*Entre os dias 29 de dezembro de 1890 e 2 de janeiro de 1891, houve pelo menos mais uma récita, a 6a de assinatura.

1891:

data	**espetáculo**	**autor**
03.01	Rigoletto	G.Verdi
04.01	Ernâni	G.Verdi
05.01	Crispino e la comare	L.Ricci
08.01	Crispino e la comare	L.Ricci
10.01	La Traviata	G.Verdi
11.01	La Traviata	G.Verdi
15.01	Crispino e la comare	L.Ricci
17.01	Rigoletto	G.Verdi
20.01	Norma	V.Bellini
22.01	Barbiere di Siviglia	G.Rossini
24.01	Lucia di Lamermoor	G.Donizetti
25.01	Barbiere di Siviglia	G.Rossini
29.01	Lucia di Lamermoor	G.Donizetti
02.02	Ernani	G.Verdi
04.02	Norma	V.Bellini
05.02	Ruy Blas	F.Marchetti
08.02	Crispino e la comare	L.Ricci
11.02	Rigoletto	G.Verdi
13.02	Norma	V.Bellini
15.02	Un Ballo in Maschera	G.Verdi
19.02	Ruy Blas	F.Marchetti
24.02	La Traviata	G.Verdi
26.02	Aida	G.Verdi

unesp

28.02	Aída	G.Verdi
03.03	Linda di Chamounix	G.Donizetti

Companhia de Beatriz Rozália
Éden Theatro,1892

data	**espetáculo**	**autor**
19.03	Os Sinos de Corneville	R.Planquette
20.03	Os Sinos de Corneville	R.Planquette
27.03	Niniche	M.Boullard
05.04	Mascote	E.Audran
07.04	Niniche	M.Boullard
20.04	Jorge,o marinheiro	?
	Os 30 Botões	Eduardo Garrido
17.04	As Amazonas	?
10.05	Bocaccio	F.Suppé
15.05	Galileu Galilei	?
17.05	Bocaccio	F.Suppé
21.05	Os Sinos de Corneville	R.Planquette
24.05	Bocaccio	F.Suppé

Companhia Lyrica Italiana de Joaquim Franco
Éden Theatro, 1892
Regente: Giácomo Cornetti

data	**espetáculo**	**autor**
07.06	Il Trovatore	G.Verdi
09.06	Lucia di Lamermoor	G.Donizetti
12.06	Rigoletto	G.Verdi
14.06	Norma	V.Bellini
16.06	Lucrezia Borgia	G.Donizetti
18.06	La Traviata	G.Verdi
19.06	Lucrezia Borgia	G.Donizetti
21.06	La Forza del Destino	G.Verdi
23.06	La Favorita	G.Donizetti
25.06	Ernani	G.Verdi
26.06	Fra Diavolo	D.Auber
28.06	Poliuto	G.Donizetti
30.06	Ruy Blas	F.Marchetti
02.07	Cavalleria Rusticana	P.Mascagni
05.07	Lucrezia Borgia	G.Donizetti
07.07	Fra Diavolo	D.Auber
09.07	Fausto	C.Gounod
12.07	Il Trovatore	G.Verdi
14.07	Cavalleria Rusticana	P.Mascagni
16.07	Barbiere di Siviglia	G.Rossini

21.07	Gioconda	A.Ponchielli
24.07	Un Ballo in Maschera	G.Verdi
28.07	Barbiere di Seviglia	G.Rossini
31.07	Sonambula	V.Bellini
04.08	La Favorita	G.Donizetti
07.08	espetáculo variado	
13.08	idem	
14.08	idem	

Grande Companhia Lyrica Italiana
Empreza Franco - Éden Theatro - 1893
Regente: Giácomo Cornetti

data		espetáculo		autor
19.02		Lucia di Lamermoor		G.Donizetti
23.02		La Favorita		G.Donizetti
25.02		Ernani		G.Verdi
26.02		Lucia di Lamermoor		G.Donizetti
11.03		Sonambula		V.Bellini
12.03		La Traviata		G.Verdi
18.03		Fra Diavolo		D.Auber
22.03		Martha		F.Flotow
25.03		Rigoletto		G.Verdi
30.03		espetáculo variado		
04.04		O Duque de Vizeu		Ettore Bosi
07.04	?	Don Pasquale	?	G.Donizetti

INSTITUTO DE ARTES - UNESP
BIBLIOTECA

Grande Companhia de Operetas de Rafaelle Tomba
Teatro Amazonas , 1897
Regentes: Francesco Coniglio e Oreste Lambiase

data	espetáculo	autor
?	Gran Via	Chueca e Valverde
?	Mascote	E.Audran
19.05	Os Granadeiros	V.Valente
20.05	Os Sinos de Corneville	R.Planquette
22.05	D.Juanita	F.Suppé
23.05	Mascote	E.Audran

25.05	Mosqueteiros no Convento	L.Varney
26.05	Orfeu nos Infernos	J Offenbach
27.05	Bocaccio	F Suppé
29.05	A Filha da Madame Angot	C.Lecocq
30.05	Dona Juanita	F.Suppé
01.06	O Velho da Montanha	E.Canti
02.06	?	?
03.06	Mosqueteiros no Convento (ato I)	L.Varney
	Lambiase Menino de um ano	pasticcio
	Gran Via	F Chueca e J.Valverde
05.06	Em Procura da Felicidade	F.Suppé
06.06	A Filha da Madame Angot	C.Lecocq
08.06	?	?
09.06	Rafaello e Fornarina	P.Maggi
10.06	Em Procura da Felicidade	F.Suppé
12.06	Vendedor de Pássaros	K.Zeller
14.06	Mosqueteiros no Convento	L.Varney
13 ou 15.06	Vendedor de Pássaros	K.Zeller
16.06	Fra Diavolo	D.Auber
17.06	Os Granadeiros	V.Valente
19.06	A Filha da Madame Angot	C.Lecocq
20.06	Fra Diavolo	D.Auber
22.06	Em Procura da Felicidade	F.Suppé
24.06	O Guitarreiro	K.Milhocker
26.06	El Rey que rabió	R.Chapí
27.06	Crispino e la Comare	F.e L.Ricci
29.06	El Rey que rabió (atos I eII)	R.Chapí
	Intemezzo " Lambiase,empresário de ópera lírica"	
01.07	O Guitarreiro	K.Milhocker
03.07	Os Granadeiros	V.Valente
04.07	Pescadores de Nápoles	Sarriá
06.07	D.Pedro de Medina	P. Landini
10.07	Os Granadeiros	V.Valente
11.07	D.Pedro de Medina	P. Landini
13.07	Bocaccio	F. Suppé
14.07	Baboulin	L.Varney
17.07	Os Granadeiros	V.Valente
18.07	Baboulin	L.Varney
20.07	Baboulin	L.Varney

Companhia de Zarzuelas de Valentim Garrido
Teatro Amazonas,1898

data	**espetáculo**	**autor**
19.02	La Tempestad	R.Chapí
20.02	La Tempestad	R.Chapí

22.02	El Anillo de Hierro	M.Marques
	Como está la Sociedad	A.Rubio
24.02	Campanone	F.Barbieri
	Ia somos três	A.Rubio
26.02	El Rey que rabió	R.Chapí
27.02	Campanone	F.Barbieri
	As Tentações de Sto.Antonio	R.Chapí
01.03	La Mascota	E.Audran
02ou03.03.	Marina	E.Arrieta
05.03	Marina	E.Arrieta
06.03	Galina Ciega	?
	Coro de Senhoras	?
08.03	El Postillon de la Rioja	F.Barbieri
	El duo de la Africana	M.F.Caballero
10.03	La Sensitiva	D.Auber ?
	Coro de Senhoras	?
11.03	espetáculo variado	?

Companhia Silva Pinto, 1898

Regente:Simões Jr.

Data	espetáculo	Nome do autor
12.03	Tim-tim por tim-tim	Plácido Sticchini
13.03	Tim-tim por tim-tim	P. Sticchini
16.03	Capital Federal	L. Moreira, N. Milano e P. Scaramento
17.03	Capital Federal	L. Moreira, N. Milano e P. Sacramento
19.03	Tim-tim por tim-tim	P.Sticchini
20.03	Tim-tim por tim-tim	P. Sticchini
22.03	Gran Via	Chueca e Valverde
	Tim-tim... e Gran Via	P. Sticchini / Chueca e Valverde
24.03	Capital Federal	L. Moreira, N. Milano e P. Sacramento
26.03	O Jovem Telêmaco	V. Roger
27.03	O Jovem Telêmaco	V. Roger
29.03	Bela Helena	J. Offenbach
30.03	Ali Babá	
31.03	Tim-tim por tim-tim	P. Sticchini
02.04	Capital Federal	L. Moreira, N. Milano e P. Sacramento
0304	Ali Babá	
05.04	Capital Federal	L. Moreira, N. Milano e P. Sacramento
10.04	Capital Federal	L. Moreira, N. Milano e P. Sacramento
12.04	Amor Molhado	
13.04	Amor Molhado	
14.04	Bilontra	
16.04	Rio Nú	Costa Jr.
17.04	Bilontra	
18.04	Amor Molhado	
22.04	Rio Nú	Costa Jr.
23.04	Rio Nú	Costa Jr.

24.04	Rio Nú	Costa Jr.
25.04	Bela Helena	J. Offenbach
27.04	Capital Federal	L. Moreira, N. Milano e P. Sacramento
28.04	Capital Federal	L. Moreira, N. Milano e P. Sacramento
30.04	Tim-tim por tim-tim	P. Sticchini
01.05	Tim-tim por tim-tim	P. Sticchini
03.05	beneficio	
05.05	beneficio	
07.05	Rio Nú	Costa Jr.
08.05	Rio Nú	Costa Jr.
10.05	beneficio	
11.05	Pão pão Queijo queijo	
12.05	beneficio	
13.05	Pão pão...	
14.05	beneficio (Tim-tim...)	
05.05	Capital Federal	L. Moreira, N. Milano e P. Sacramento
16.05	beneficio	

Grande Companhia Italiana de Operetas ***Coniglio-Valla***
Teatro Amazonas, 1898-1899
Regentes: Francesco Coniglio e Ettore Valla

data	**espetáculo**	**autor**
11.12	D'artagnan ou Os 3 Mosqueteiros	L.Varney
12.12	Bocaccio	F.Suppé
14.12	D'artagnan	L.Varney
15.12	Dona Juanita	F.Suppé
17.12	Bocaccio	F.Suppé
18.12	Dona Juanita	F.Suppé
20.12	A Befana ou As 2 Princesas	E.Canti
21.12	Mosqueteiros no Convento	L.Varney
22.12	Os Sinos de Corneville	R.Planquette
24.12	A Mascote	E.Audran
25.12	Mosqueteiros no Convento	L.Varney
27.12	A Mascote	E.Audran
28.12	Duo da Africana	M.F.Caballero
29.12	Gran Via	F.Chueca e J.Valverde
	Os Sinos de Corneville (atos I e III)	R.Planquette
30.12	A Filha da Madame Angot	C.Lecocq
02.01	A Filha da Madame Angot	C.Lecocq
03.01	D.Pedro de Medina	P.Landini

06.01	grande festival ,espetáculo variado	
08.01	Dona Juanita	F.Suppé
11.01	Os Granadeiros	V.Valente
12.01	Os Granadeiros	V.Valente
14.01	espetáculo variado	
15.01	Os Granadeiros	V.Valente
18.01	Pescadores de Nápoles	Sarriá
19.01	Bocaccio	F.Suppé
22.01	Santarellina ou Mam'zelle Nitouche	
23.01	Pescadores de Nápoles (ato II)	Sarriá
	Duo da Africana	M.F.Caballero
25.01	Mosqueteiros no Convento	L.Varney
26.01	Bocaccio (ato II)	F.Suppé
	Niña Pancha	J.Romea
28.01	Furlai-bambino de un anno	pasticcio
	El Campanaro	?
	Os Granadeiros (atos II e III)	V.Valente
30.01	Mosqueteiros no Convento	L.Varney
31.01	Baboulin	L.Varney
01.02	D.Pedro de Medina	P. Landini
02.02	Marquez do Grillo	G.Mascetti
04.02	Os Granadeiros	V.Valente
05.02	Miss Hellyet	E.Audran
08.02	Os Granadeiros	V Valente

Companhia de Zarzuelas de Manoel Sanches
Teatro Amazonas e Éden Teatro, 1899

data	**espetáculo**	**autor**
14.03	El alcaide interino	
	La leyenda del monge	
	Tentações de Santo Antônio	
28.03	A banda de cornetas	Forregrosse
	Coro de senhoras	Nieto
04.04	El Monaguillo	Marques
	El gorro frígio	
	Niña Pancha	M.F. Caballero
06.04	Niña Pancha	M.F. Caballero
	Torear por lo fino	
	El Monaguillo	
08.04	La Gran Via	Chueca e Valverde
13.04	Marina	E. Arrieta
	Gran Via (2o ato)	Chueca e Valverde
16.04	Sultana de Marrecos	
	Picro, Adan e Companhia	
	Música Clássica	
	Al água, patos	A. Rubio

20.04	Picro, Adan e Companhia	
	Torear por lo fino	
	Al água patos	A. Rubio
21.04	Los Baturros	M.F. Caballero
	Gran Via (3o ato)	Chueca e Valverde
	Duo de la Africana	M.F. Caballero
23.04	Al água, patos	A. Rubio
	Gran Via	Chueca e Valverde
25.04	La leyenda del monge	
	intermédio variado	
27.04	La leyenda del monge	
	Certamen Nacional	Nieto
	Coro de senhoras	Nieto
28.04	Torear porlo fino	
	intermédio	
	Certamen Nacional	Nieto
29.04	Quien fora libre	
	Niña Pancha	M.F. Caballero
	Certamen Nacional	Nieto
30.04	Al água, patos	A. Rubio
	Gran Via	Chueca e Valverde
	Certamen Nacional	Nieto
06.05	El gorro frígio	
	Los Africanistas	
07.05	El gorro frígio	
	Los Africanistas	
09.05	Marina	E. Arrieta

Companhia Portuguesa de Operetas e Revistas
de Tomaz del Negro
Teatro Amazonas, 1899
Regente: Tomaz Del Negro

data	**espetáculo**	**autor**
14.07	A Mascote	E. Audran
20.07 ?	O rei que danou	R. Chapí
23.07	O rei que danou	R. Chapí
27.07	O rei que danou	R. Chapí
29.07	A noite e o dia	C. Lecocq
01.08	A noite e o dia	C. Lecocq
03.08	O Solar dos Barrigas	C. Cardoso
05.08	O Solar dos Barrigas	C. Cardoso
06.08	A noite e o dia	C. Lecocq
08.08	O Solar dos Barrigas	C. Cardoso
10.08	Os 28 dias de Clarinha	V. Roger
19.08	A Basoche	T. del Negro/Messager

20.08	A Basoche	T. del Negro/Messager
24.08	O Moleiro de Alcalá	Helerio
25.08	O Moleiro de Alcalá	Helerio
30.08	O Moleiro de Alcalá	Helerio
01.09	O Burro do Sr. Alcaide	C. Cardoso
02.09	O Burro do Sr. Alcaide	C. Cardoso
05.09	A noite e o dia	C. Lecocq
	Os 28 dias de Clarinha	V. Roger
13.09	benefício	
16.09	O Sr. Especial	T. del Negro
	A noite e o dia (1o e 2o atos)	C. Lecocq
17.09	Casar para morrer	
	O Sr. Especial	T. del Negro

Companhia Italiana de Operetas e Óperas Cômicas, de Calil e Aprea
Regente: Jonata Salvatore

data	**espetáculo**	**autor**
31.01	Fan Fan la Tulipe	L. Varney
01.02	Mosqueteiros no Convento	L. Varney
03.02	Fan Fan la Tulipe	L. Varney
*04.02	Mosqueteiros no Convento	L. Varney
05.02	Bocaccio	F. Suppé
07.02	A Princesa Ricardo	P. Rispetto
08.02	A Princesa Ricardo	P. Rispetto
*10.02	Bocaccio	F. Suppé
11.02	Fan Fan la Tulipe	L. Varney
13.02	Fantoches de Lilla (com ato 2 e 3 do Bocaccio)	P. Rispetto
15.02	Sargento Cocó (ópera em um ato)	Mariotti
	Fantoches de Lilla	P. Rispetto
17.02	A Filha da Madame Angot	C. Lecocq
18.02	Mascotte	E. Audran
22.02	El duo de la Africana	M. F. Caballero
	Sargento Cocó	Mariotti
24.02	Dona Juanita	F. Suppé
25.02	La Gran Via	Chueca e Valverde
27.02	La Gran Via	Chueca e Valverde
01.03	Os Sinos de Corneville	E. Audran
03.03	Os Granadeiros	V. Valente
04.03	Os Granadeiros	V. Valente
06.03	Befana	E. Canti
07.03	La Gran Via	Chueca e Valverde
08.03	A Filha da Madame Angot	C. Lecocq
10.03	Befana	E. Canti
11.03	Fan Fan la Tulipe	L. Varney
12.03	Pescadores de Nápoles	Sarriá
13.03	Os Granadeiros	V. Valente
14.03	Pescadores de Nápoles	Sarriá

Companhia Lyrica Italiana
Teatro Amazonas. 1901
Regente: Giorgio Polacco

data	espetáculo	autor
?	La Gioconda	A. Ponchielli
02.07	La Boheme	G. Puccini
06.07	Rigoletto	G. Verdi
07.07	Il Trovatore	G. Verdi
09.07	Cavalleria Rusticana	P. Mascagni
10.07	Un Ballo in Maschera	G. Verdi
12.07	Aída	G. Verdi
14.07	La Boheme	G. Puccini
20.07	Ernani	G. Verdi
21.07	Aída	G. Verdi
23.07	O Guarany	C. Gomes
25.07	I Pagliacci	R. Leoncavallo
	Cavalleria Rusticana	P. Mascagni
27.07	Fedora	U. Giordano
28.07	I Pagliacci	R. Leoncavallo
	Cavalleria Rusticana	P. Mascagni
30.07	La Traviata	G. Verdi
01.08	Fedora	U. Giordano
03.08	Manon Lescaut	G. Puccini
06.08	Manon Lescaut	G. Puccini
08.08	La Forza del Destino	G. Verdi
10.08	Fedora	U. Giordano
11.08	Il Trovatore	G. Verdi
13.08	Forza del Destino	G. Verdi
15.08	La Boheme	G. Puccini

Companhia Lyrica Italiana, de óperas e operetas

Teatro Amazonas, 1902
Regenies: Rogano e Longo

data	espetáculo	autor
07.06	D. Juanita	F. Suppé
08.06	D. Juanita	F. Suppé
10.06	Fausto	C. Gounod
11.06	O Vendedor de Pássaros	K. Zeller
12.06	O Vendedor de Pássaros	K. Zeller
14.06	Il Trovatore	G. Verdi
15.06	O Vendedor de Pássaros	K. Zeller
17.06	M'elle Nitouche	Hervé
19.06	La Traviata	G. Verdi
21.06	Orfeu nos Infernos	J. Offenbach
22.06	D. Juanita	F. Suppé
24.06	Dragões d'El Rey (Mosqueteiros no Convento)	Varney
26.06	Fedora	U. Giordano
27.06	A Filha da Madame Angot	C. Lecocq
28.06	A Filha da Madame Angot	C. Lecocq
29.02	Dragões d'El Rey (Mosqueteiros no Convento)	Varney
30.06	Dragões d'El Rey	Varney
01.07	Os Sinos de Corneville	R. Planquette
02.07	Ernani	G. Verdi
03.07	Ernani	G. Verdi
05.07	Fedora	U. Giordano
06.07	A Filha da Madame Angot	C. Lecocq
08.07	Bocaccio	F. Suppé
10.07	Cavalleria Rusticana	P. Mascagni
	La Traviata (1o e 4o atos)	G. Verdi
12.07	Mascotte	E. Audran
13.07	Bocaccio	F. Suppé
15.07	D. Juanita	F. Suppé
17.07	Lucia di Lamermoor	G. Donizetti
19.07	Os Granadeiros	V. Valente
21.07	Bocaccio	F. Suppé
23.07	La Boheme	G. Puccini
25.07	Il Trovatore	G. Verdi
26.07	Os Granadeiros	V. Valente
29.07	La Boheme (1o, 3o e 4o atos)	G. Puccini
31.07	Mascotte	E. Audran
01.08	Os Granadeiros	V. Valente

02.08	Os Granadeiros	V. Valente

Companhia de Operetas, Revistas e Mágicas ***Silva Pinto****, 1903/04*
Regente: Assis Pacheco

data	**espetáculo**	**autor**
04.12	Fada de Coral	Sousa Bastos e Assis Pacheco
05.12	Fada de Coral	Sousa Bastos e Assis Pacheco
09.12	Comeu!	Artur Azevedo, Abdon Milanez, Assis Pacheco Luiz Moreira e Francisco Carvalho
11.12	Andorinhas	vários
12.12	Capital Federal	Assis Pacheco, Luiz Moreira e Nicolino Milano
13.12	Capital Federal	Assis Pacheco, Luiz Moreira e Nicolino Milano
15.12	Capital Federal	Assis Pacheco, Luiz Moreira e Nicolino Milano
16.12	Andorinhas	Vários
18.12	O Periquito	Sousa Bastos e Francisco Alvarenga
19.12	Capital Federal	A. Pacheco, L. Moreira e N. Milano
20.12	Capital Federal	A. Pacheco, L. Moreira e.N. Milano
22.12	Os Sinos de Corneville	R. Planquette (Trad. Eduardo Garrido)
23.12	Ali Babá ou o s 40 Ladrões	H. de Mesquita
25.12	Os Szinos de Corneville	R. Planquette
26.12	Rio Nú	Costa Jr.
27.12	Rio Nú	Costa Jr.
29.12	Tim-tim por tim-tim	Plácido Stichini
30.12	Tim-tim por tim-tim	P. Stichini
01.01	Tim-tim por tim-tim	P. Stichini
02.01	Rio Nú	
05.01	Os 28 dias de Clarinha	Victor Roger
06.01	Os 28 dias de Clarinha	Victor Roger
08.01	Capital Federal	A. Pacheco, L. Moreira e N. Milano
09.01	Fada de Coral	Assis Pacheco
10.01	Tim-tim por tim-tim	P. Stichini
12.01	Inana	Costa Jr.
13.01	Inana	Costa Jr.
15.01	Capital Federal	A. Pacheco, L. Moreira e N. Milano
16.01	Inana	Costa Jr.
17.01	Inana (13:30h)	Costa Jr.
	Capital Federal (20:30h)	A. Pacheco, L. Moreira e N. Milano
20.01	Milagres de São Francisco	Angelo Frondoni
21.01	Rio Nú	Costa Jr.
23.01	Chico Francisco	Assis Pacheco
24.01	Milagres de Santo Antonio (13:30h)	A. Frondoni
	Chico Francisco (20:30h)	Assis Pacheco
26.01	Capital Federal	A. Pacheco, L. Moreira e N. Milano
29.01	Chico Francisco	Assis Pacheco
30.01	Tim-tim por tim-tim	P. Stichini
31.01	Capital Federal (às 13:30h e 20:30h)	A. Pacheco, L. Moreira e N. Milano
04.02	Sinos de Corneville (1.º e 2.º atos)	R. Planquette

05.02	Capital Federal	A. Pacheco, L. Moreira e N. Milano
06.02	Niniche	Mário Boullard
07.02	espetáculo carnavalesco	

Grande Companhia de Zarzuelas de José Garrido
Teatro Amazonas, 1905
Regente: Romeu Dionesi

data	**espetáculo**	**autor**
13.01	Campanone	F.Barbieri
14.01	La Alegria de la Huerta	F.Chueca
	Niña Pancha	J.Romea
	Marcha de Cádiz	Q.Valverde
17.01	El Anillo de Hierro	M.Marques
18.01	La Tempestad	R.Chapí
20.01	El Rey que rabió	R.Chapí
21.01	Certamen Nacional	M.Nieto
	Chateaux Margaux	J.Caballero
	Marcha de Cádiz	Q.Valverde
22.01	El Rey que rabió	R.Chapí
24.01	El Tambor de Granaderos	R.Chapí
	Certamen Nacional	M.Nieto
	Vento en Popa	J.Jimenez
25.01	Los Milagres de la Virgen	R.Chapí
28.01	Gran Via	F.Chueca e J.Valverde
	Marina	E.Arrieta
29.01	Los Milagros de la Virgen	R.Chapí
31.01	El Salto del Pasiego	M.F.Caballero
01.02	Al Agua, Patos!	ARubio
	Aniello de Hierro	M.Marques
03.02	Niña Pancha	J.Romea
	Cavalleria Rusticana	P.Mascagni
	Al Agua,Patos!	A.Rubio
04.02	A Marselhesa	M.F.Caballero
05.02	El Salto del Pasiego	M.F.Caballero
10.02	La Mascota	E.Audran
12.02	La Mascota	E.Audran
14.02	GranVia	F.Chueca e J.Valverde
	Cavalleria Rusticana	P.Mascagni
15.02	Jugar con Fuego	F.Barbieri
17.02	Mosqueteiros no Convento	L.Varney
18.02	espetáculo carnavalesco	
19.02	Tim Gran Tim Via Tim	paródia
21.02	El Guitarrico	M.Soriano
	Carnaval na Policia	F.Chueca
	Marcha de Cádiz	Q.Valverde
22.02	Una Vieja	J.Gaztambide
	El Cabo 1o	M.F.Caballero

	El Duo de la Africana	M.F.Caballero
24.02	Mosqueteiros no Convento	L.Varney
24.02	El duo de la Africana	M.F.Caballero
25.02	El Moleiro de Sobiza	C.Oudrid
26.02	De Madrid a Manaus	Paródia
	Exposição	Paródia
	Munguzá	Paródia
28.02	General Ozório	?
	Los Zanglotinos	M.F.Caballero
01.03	Marina	E.Arrieta
	Música Clássica	R.Chapí
02.03	Los Sobrinos del Cap.Grant	M.F.Caballero

*Companhia **Tomba** de Óperas e Operetas*
Teatro Amazonas, 1906
Regentes: Genaro Pesce e Virgílio Marrarosa

data	**espetáculo**	**autor**
12.01	Geisha	S.Jones
13.01	La Boheme	G.Puccini
14.01	Geisha	S.Jones
16.01	Os Granadeiros	V.Valente
17.01	Cavalleria Rusticana	P.Mascagni
19.01	Mam'zelle Nitouche	Hervé
20.01	Os Granadeiros	V.Valente
21.01	Mam'zelle Nitouche	Hervé
24.01	O Vendedor de Pássaros	K.Zeller
26.01	Os Sinos de Corneville	R.Planquette
27.01	I Pagliacci	R.Leoncavallo
28.01	O Vendedor de Pássaros	K.Zeller
30.01	Carnet do Diabo	G.Serpette
31.01	I Pagliacci	R.Leoncavallo
02.02	Os Pescadores de Nápoles	Sarriá
03.02	Carnet do Diabo	G.Serpette
06.02	Bocaccio	F.Suppé
07.02	Rigoletto	G.Verdi
09.02	Lucia di Lamermoor	G.Donizetti
10.02	Mascote	E.Audran
11.02	Bocaccio	F.Suppé
13.02	Dona Juanita	F.Suppé
15.02	D'artagnan	L.Varney
16.02	Os Granadeiros	V.Valente

*Companhia de Revistas e Mágicas **Silva Pinto***
Teatro Amazonas, 1906

Regente: Nicolino Milano

data	espetáculo	autor
27.04	A Ilha do Paraízo	L.Moreira,P.Sacramento e N.Milano
01.05	O Sino do Eremitério	Alvarenga ?
02.05	Tim Tim por Tim Tim	P.Stichini
04.05	Tim Tim por Tim Tim	P.Stichini
05.05	O Sino do Eremitério	Alvarenga ?
06.05	Tim Tim por Tim Tim	P.Stichini
08.05	A Fada de Coral	Assis Pacheco
10.05	Rio Nú	Costa Jr.
13.05	A Fada de Coral	Assis Pacheco
15.05	Os 28 dias de Clarinha	V.Roger
17.05	Tim Tim por Tim Tim	P.Stichini
19.05	Os 28 dias de Clarinha	V.Roger
20.05	A Ilha do Paraízo	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
22.05	A Capital Federal	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
24.05	Rio Nú	Costa Jr.
26.05	A Capital Federal	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
29.05	O Homem do Guarda-Chuva	?
01.06	A Capital Federal	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
02.06	O Homem do Guarda-Chuva	?
03.06	A Fada deCoral	Assis Pacheco
04.06	Os 28 dias de Clarinha	V.Roger
05.06	A Mascote	E.Audran
06.06	A Capital Federal	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
08.06	Os 30 Botões	?
	O Homem do Guarda-Chuva	?
13.06	Manáos em Revista	N.Milano
	A Mascote(atos I e II)	E.Audran
14.06	A Capital Federal	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
15.06	Manáos em Revista	N.Milano
	O Homem do Guarda-Chuva	?
16.06	Manáos em Revista	N.Milano
17.06	Manáos em Revista	N.Milano
19.06	Manáos em Revista	N.Milano

Companhia Francesa de Óperas e Operetas
Empreza Franco,Teatro Amazonas,1906
Regente: Edouard Boni

data	espetáculo	autor
26.06	Fausto	C.Gounod
28.06	Mascotte	E.Audran
29.06	Mascotte	E.Audran
30.06	Fausto	C.Gounod
01.07	Mascotte	E.Audran
03.07	Carmem	G.Bizet
04.07	Carmem	G.Bizet

06.07	Les Saltimbanques	L.Ganne
07.07	Carmem	G.Bizet
08.07	Les Saltimbanques	L.Ganne
10.07	Fausto	C.Gounod
14.07	La Fille du Tambor Major	J.Offenbach
15.07	La Fille du Tambor Major	J.Offenbach
16.07	Mascotte	E.Audran
17.07	Mignon	A.Thomas
19.07	Les 28 Jours de Clairette	V.Roger
22.07	Les Saltimbanques	L.Ganne
25.07	Romeo et Juliette	C.Gounod
27.07	Le Gran-Mogol	E.Audran
28.07	Romeo et Juliette	C.Gounod
29.07	Le Gran-Mogol	E.Audran
31.07	Les Cloches de Corneville	E.Audran
02.08	Carmem	G.Bizet
03.08	La Fille de Madame Angot	C.Lecocq
04.08	Mignon	A.Thomas
05.08	Romeo et Juliette	C.Gounod
06.08	espetáculo variado	
07.08	La Fille de Madame Angot	C.Lecocq
09.08	Les 28 Jours de Clairette	V.Roger
10.08	Mireille	C.Gounod
11.08 ?	La Bohéme ?	G.Puccini
12.08	La Bohéme	G.Puccini
15.08	La Bohéme	G.Puccini
	Les Noces de Jeanette	?
16.08	Petit Duc	?

Companhia Lyrica Francesa
Teatro Amazonas, 1907
Regente: Edouard Boni

data	**espetáculo**	**autor**
31.03	Guillaume Tell	G.Rossini
02.04	La Fille du Regiment	G.Donizetti
04.04	La Fille du Regiment	G.Donizetti
06.04	Dragons de Villars	A.Maillart
07.04	Fausto	C.Gounod
09.04	Fausto	C.Gounod
11.04	La Favorite	G.Donizetti
13.04	Mignon	A Thomas
14.04	Fausto	C.Gounod
16.04	Carmem	G.Bizet
19.04	Carmem	G.Bizet

21.04	Les Huguenots	G.Meyerbeer
25.04 ?	Les Huguenots	G.Meyerbeer
27.04	Galathée	V.Massé
28.04	Les Huguenots	G.Meyerbeer
30.04	Fausto	C.Gounod
02.05	Galathée	V.Massé
05.05	L'Africaine	G.Meyerbeer
08.05	L'Africaine	G.Meyerbeer
11.05	Galathée	V.Massé
13.05	O Guarany	C.Gomes
16.05	O Guarany	C.Gomes
19.05	O Guarany	C.Gomes
22.05	O Guarany	C.Gomes
26.05	La Juive	J.F.Halévy
29.05	La Juive	J.F.Halévy

Companhia Portuguesa de Operetas e Revistas, de José Ricardo
Teatro Amazonas, 1907

data	**espetáculo**	**autor**
01.07	?	?
02.07	?	?
03.07	A Flor do Tojo	N.Milano
04.07	O Homem das Mangas	T.Del Negro
05.07	A Flor do Tojo	N.Milano
06.07	João das Velhas	N.Milano
07.07	O Homem das Mangas	T.Del Negro
08.07	?	?
09.07	João das Velhas	N.Milano
10.07	O Hotel da Barafunda	V.Roger
11.07	O Testamento da Velha	C.Cardoso
13.07	A Boneca	E Audran
14.07	O Testamento da Velha	C.Cardoso
15.07	?	?
16.07	A Boneca	E.Audran
17.07	Uma Mancheia de Rosas	T.Del Negro
	Chateaux Margaux	M.F.Caballero
19.07	Um ano em 3 dias!	F.Duarte
20.07	Um ano em 3 dias!	F.Duarte
21.07	Um ano em 3 dias!	F.Duarte
22.07	?	?
23.07	O Homem das Mangas	T.Del Negro
24.07	Uma Mancheia de Rosas	T.Del Negro
24.07	Marcha de Cádiz	Q.Valverde

unesp

26.07	Os Sinos de Corneville	E.Audran
27.07	Santo Antonio em Lisboa	T.Del Negro e N.Milano
28.07	Santo Antonio em Lisboa	T.Del Negro e N.Milano
29.07	?	?
30.07	A Perichole	J.Offenbach
31.07	A Boneca	E.Audran
01.08	Uma Mancheia de Rosas	T.Del Negro
	Chateaux Margaux	M.F.Caballero
02.08	A Perichole	J.Offenbach
03.08	Agulhas e Alfinetes	F.Duarte
04.08	Agulhas e Alfinetes	F.Duarte
05.08	A Flor do Tojo	N.Milano
06.08	A Perichole	J.Offenbach
07.08	Agulhas e Alfinetes	F.Duarte

Grande Companhia de Operetas, Mágicas, Vaudevilles e Revistas
de Francisco Sousa *Theatro Amazonas, 1908*
Regente: Paulino Sacramento

data	**espetáculo**	**autor**
24.04	Céu com Escriptos	P.Sacramento
26.04	Paquita ?	P.Sacramento ?
28.04	Os 28 dias de Clarinha	V.Roger
29.04	As Maçãs de Ouro	?
30.04	O Maxixe	L.Moreira e P.Sacramento
01.05 ?	Fé em Deus ?	P.Sacramento
02.05	Céu com Escriptos	P.Sacramento
03.05	Céu com Escriptos	P.Sacramento
04.05	Fé em Deus	P.Sacramento
07.05	Tim Tim por Tim Tim	P.Stichini
08.05	Florete e Pataron	?
09.05	Tim Tim por Tim Tim	P.Stichini
10.05	Fé em Deus	P.Sacramento
12.05	O Mambembe	Assis Pacheco
13.05	A Cabana do Pai Tomáz	L.Canepa
14.05	Pé de Cabra	?
15.05	Pé de Cabra	?
16.05	Um Tipo de Força	?
17.05	Pé de Cabra	?
18.05	O Guarda da Alfândega	?
19.05	O Guarda da Alfândega	?
20.05	Robinson Crusoé ou A Ilha Misteriosa	?
21.05	Sorte de...!	?
23.05	O Casamento do Maxixe	P.Sacramento
24.05	O Guarda da Alfândega	?

26.05	O Maxixe	L.Moreira e P.Sacramento
27.05	Céu com Escriptos	P.Sacramento
28.05	Paquita	?
29.05	Casamento do Maxixe	P.Sacramento
30.05	Capital Federal	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
31.05	Capital Federal	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
01.06	espetáculo variado	
02.06	TimTim por Tim Tim	P.Stichini
03.06	Capital Federal	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
04.06	O Periquito	?
	Chateaux Margaux	M.F.Caballero
05.06	Céu com Escriptos	P.Sacramento
06.06	O Guarda da Alfândega	?
07.06	Capital Federal	N.Milano,L.Moreira e A.Pacheco
09.06	espetáculo variado	
10.06	O Lambeferas	?
11.06	?	?
13.06	O Patureba	P.Sacramento
21.06	Tim Tim por Tim Tim	P.Stichini

APÊNDICE "B"

Concertos noticiados pelos jornais locais, entre 1891 e 1909. Todos os créditos em itálico pertencem às fontes pesquisadas. Ver sequência de periódicos na bibliografia.

1891

2 de Abril

local

Éden-Theatro

executantes

Os Três Bemoes (bandurras, guitarras, tímpanos, garrafas, instrumentos índigenas, guisos, macarrões [!] etc.)

repertório

Trechos das óperas "Il Trovatore", "Lucia di Lamermoor", "Guarany"
Peças de dança

crítica

"Diário de Manaus"

25 de junho

local

Salão de honra do Palácio

executantes

Henrique Jorge (violinista), Raymundo Filgueiras (violinista), Alexandre Rayol (violoncelista), Max Brunn (pianista), Constanza Brini (soprano), Mathilde Schiavinato (mezzo-soprano) e Vicenzo Bruschi (tenor).

repertório

1a Parte

1. *"Quarteto sobre o 'Elixir do Amor' de Donizetti"* ____ *Beriot e Fauconier*
2. *"Berceuse", para violino e piano* _____ *G. Fauré* {H.J. e M.B.}
3. *"Pace mio dio", da ópera "Forza del Destino* ___ *G. Verdi* {C.B.}
4. *"Romanza de L'Ebrea"* _____ *F. Halévy* {V.B.}
5. *"Romanza"* _____ *Ponchielli* {V.B.}
6. *"Prelúdio del Aniello de Hierro"* _____ *Marques* {Instrumentos}

2a Parte

1. *"Quarteto sobre a 'Gazza Ladra' de Rossini* ___ *Bériot e Fauconier*
2. *"Il Segreto", romanza* _____ *P. Tosti* {M.S.}
3. *"Fantasia de Il Trovatore"* _____ *G. Verdi* {H.J. e M.B.}
4. *"Romanza da Mignon"* _____ *A. Thomas* {V.B.}
5. *"Serenata"* _____ *Braga* {C.B. , H.J. e M.B.}
6. *"Fantasia sobre 'Lohengrin' de Wagner* ___ *Singelé* {H.J. e M.B.}
7. *"Serenata para 2 violinos e piano"* _____ *Desorme* {H.J. e R.F. e M.B.}

1892

7 de Fevereiro

local

Hotel do Comércio

executantes

Ferdinando Fava(baixo), Mathilde Schiavinato(soprano)
Beatriz Rosália(soprano)
[acompanhantes desconhecidos]

repertório

Romanza "Il Segreto" de Paolo Tosta	*{M.S.}*
Romanza da ópera "Lohengrin" de Richard Wagner	*{F.F.}*
Cançoneta "Meios de Transporte"	*{B.R.}*
"Vale di dona" da ópera "Gioconda" de A.Ponchielli	*{M.S.}*
"Raconto" da ópera "Lohengrin" de R.Wagner	*{F.F}*

crítica

Não houve

19 de Abril

local

Salão do Instituto Normal

executantes

José de Lima Braga (barítono) e Mathilde Schiavinato (soprano)
[acompanhantes desconhecidos]

repertório

desconhecido

crítica

Diário de Manáos

7 de Maio

local

"Theatrinho do Colégio 13 de Maio"

executantes

desconhecido [provavelmente alunos do colégio]

repertório

"a agradável opereta Sentinela de Saias" [sem indicação do autor]

crítica

Não Houve

19 de Junho

local

Éden-Theatro [presumível]

executantes

Maria Bosi , Mathilde Schiavinato (sopranos), Desdêmona Campagnuoli (Mezzo-Soprano) , Conti Foroni, Maria Petich (contraltos), Martinez Patti (Tenor), Sante Athos (barítono)
Adelelmo do Nascimento , Tranquilino Diogo, Raymundo Filgueiras e Paulina Gattinoni (Violinos), Alexandre Rayol (Violoncelo)
Josephina de Freitas, Armênio de Figueiredo (Pianos), Giacomo Cornetti (Regencia e Piano)
Orquestra da Companhia Lyrica Italiana

repertório

1.Sinfonia do Barbeiro de Sevilha____G.Rossini Orquestra
2.Sonata "Patética" p. Piano solo ____L.Beethoven {J.F.}
3. "o mio Fernando" da ópera La Favorita___G.Rossini {D.C.} e Orq.
4. Violino Solo -Cena de Ballet_____C.Bériot {P.G. e G.C.}
5.Fantasia da öpera "O Guarany",p.Piano a4 mãos___C.Gomes {G.C. e ?}
6.Solo e Dueto de Contralto, da ópera "Gioconda"___A.Ponchielli {M.P. e C.F.} C/ Orq.

7.Quarteto p. 2violinos, cello e piano,da ópera"Ana Bolena"___G.Donizetti {A.N. e T.D.}violinos, {A.R.}violoncello , {A.F.}piano

2a Parte

1. Sinfonia da ópera "Fra Diavolo"_____D.Auber Orquestra
2. "son junta" solo p. soprano da ópera "Forza del Destino"____G.Verdi {M.S.} e Orq.
3."mia picciorela" solo p. soprano ligeiro da ópera "Salvatore Rosa"_____C.Gomes { M.B.} e Orq.
4. Rapsódia Húngara [piano]_____*F.Liszt {G.C.}*
5. "dio possent, dio d'amor" solo p. barítono [baixo ?] da ópera "Fausto"_____C.Gounod {S.A.} [prov. c/ Orq.]
6. Dueto "Sento una forza indomita" da ópera "Il Guarany"___C.Gomes {C.F. e M.Patti} e {G.C.} piano
7.Quarteto p. 2 violinos, violoncello e piano, da ópera "Semiramide"_____G.Rossini {A.N. e R.F.}violinos, {A.R.}violoncello e{A.F.}piano

crítica

Não Houve

1893

30 de Março

local

Éden-Theatro

executantes

Mathilde Schiavinato(soprano), Pietro Pratti(baixo)
Ettore Bosi (violoncelo)

repertório

1o e 2o atos da ópera "Martha"_____F.von Flotow
Dueto bufo da ópera "Crispino e la comare"_____L. e F. Ricci
Romanza da ópera "Martha"_____F.von Flotow {M.S.}
Dueto bufo da ópera "Educandi di Sorriento" [?] {M.S. e P.P}
Grande ária "M'appari tutto amore" da ópera "Martha"____F.von Flotow {P.P.}
Cavatina p. Violoncello solo_____A.Raff {E.B.}

crítica

Não Houve

23 de Julho

local

[desconhecido]

executantes

[desconhecidos]

repertório

Composições do '*Maestro Battmann*'

OBSERVAÇÃO

O jornal "Diário de Manáos", do dia 13 de julho, nos dá a seguinte notícia:

"Festividade de S.Luiz de Gonzaga [de 14 a 23 de julho] [...]
... no dia 23 de julho às 9 horas da manhã será cantada missa a grande instrumental composição do imortal Maestro Battmann.
Às 4 horas seguir-se-à uma procissão [...]
... à entrada da procissão depois de feito o panegírico do glorioso santo, pelo Reverendo Padre Dr. Israel Freire da Silva será entoado à grande instrumental o TE-DEUM-LAUDAMUS..."

15 de Outubro

local

Éden-Theatro

executantes

Gervásio de Castro(flauta), Adelelmo do Nascimento e Raymundo Filgueiras(violinos), Joaquim Gonzaga(viola), Alexandre Rayol (violoncelo), Lydia Soares, Amália e Hortencia Sá (piano) e Mathilde Schiavinato(soprano)

repertório

1.Abertura do "Barbeiro de Sevilha"_____G.Rossini / Burchard
{G.C.}flauta, {R.F.}violino e {H.Sá}piano
2.Canzoneta do 1o ato da ópera "Salvatore Rosa"____C.Gomes {M.S.}
3.Serenata de Concerto[p.flauta ?] *'com acompanhamento de piano'*
{A.N. e R.F.}violinos, { J.G.}viola, {A.R.}violoncello e {L.S.}piano
4.Marcha Triunfal p. piano a 4 mãos_____Meneleu Campos {L.S. e H.Sá}
5.Ária p. mezzo-soprano da ópera "Gioconda"_____A.Ponchielli {M.S.}
6. "Voyage en Chine", p.flauta, violino e piano_____Th.Lack
{G.C.}, {A.N.} e {A.Sá}

intervalo de 10 minutos

7. "Capricho" p.flauta_____Terschack [?] *{G.C.}*
8. "Canto Luntano"_____Meneleu Campos {M.S.}
9. "Vespri Siciliani", fantasia p. violino solo_____Verdi Menozzi {R.F.}
10. "Pescatori di Coralli"_____P.Tosti {M.S.}
11. "Aída"p.flauta, violino e piano_____G.Verdi {G.C.}, {A.N.} e {A.Sá}

crítica

No *"Diário de Manáos"* de 15 de outubro há um poema elogioso a Gevásio de Castro, assinado por Silva Paranhos.

OBSERVAÇÃO:

Segundo o que se lê no *"Diário de Manáos"* , o *"Canto Luntano"* e a *"Marcha Triunfal"* de Meneleu Campos estavam sendo dados em 1a e 2a audição no Brasil, respectivamente.

15 de Novembro

local

"...em frente ao Palácio do Governo , das 5 e meia às 6 e meia"
"Das 7 às 8 e meia tocará no Batalhão de Segurança"

executantes

Banda de Música do Batalhão de Segurança

repertório

Em frente ao Palácio doGoverno:

*1.Hino da Proclamação da República*_____*L.Miguez*
*2. "Kean", polka*_____*João Elias da Cunha*
*3. "Life Insurance", 'dedicada ao D.Rocco'*_____*Antonio Rayol*
*4. "Fra Diavolo", Poutpourri*_____*D.Auber / Aristides Bayma*
*5. "Idílio", tango*_____*Misael Domingues*

No Batalhão de Segurança:

*1.Hino da Proclamação da República*_____*L.Miguez*
*2. "Le Cors Blanc", polka*_____*H.Telam*
*3. "Baugnicé"*_____*Coquelet*
*4. "Fra Diavolo", Poutpourri*_____*D.Auber / Aristides Bayma*
*5. "Les Fleurs", valsa*_____*E.Waldteufel*
*6. Polka*_____*Leocádio Rayol*
*7. "Le Premiére Rome", mazurka*_____*E.Mullot*
*8. "Die Goldamsel", polka p. piston solo*_____*Schwer*
*9. "Life Insurance"*_____*Antonio Rayol*

crítica

Não Houve

19 de Novembro

local

"...em frente ao quartel [do batalhão miltar] *das 4 e meia às 6 e meia"*

executantes

Banda de Música doBatalhãoMilitar

repertório

*1. "Les Chevaliers Savateurs", marcha*_____*E.Mullot*
*2. "Beaugenei"*_____*Coquelet*
*3. "Ritinha"*_____*J.Gonzaga*
*4. Polka*_____*Antonio Rayol*
*5. "Áurea Matutina", valsa*_____*J.Gonzaga*
*6. "Muete de Portici", valsa*_____*D.Auber*
*7. "Idílio", tango*_____*Misael Domingues*
*8. " Valsa Málaga"*_____*F.Ziegler*
*9. "Batalhão Militar de Segurança"*_____*Aristides Bayma*

crítica

Não Houve

9 de Dezembro

local

Casa do Capitão Hilário Álvares

executantes

Gervásio de Castro(flauta), Adelelmo do Nascimento(violino)
Sarah Stela de Freitas, Lydia Freitas Soares, Amélia e Hortencia Pereira de

Sá(piano).

repertório

1. "Lucia di Lamermoor" p. flauta, violino e piano_____G.Donizetti
2. "La Charité" p. violino, harmônio e piano_____ G.Rossini / F.Brisson
3. "Salut a la russe", fantasia p. flauta solo_____ G.Popp
4. Grande Valsa (Radieuse) p. piano a 4 mãos_____L.Gottschalk
5. "Traviata" p. violino, harmônio e piano____G.Verdi / Ketterer e Durand
6. "Il Trovatore" p. flauta, violino e piano_____G.Verdi

intervalo de 10 minutos

7. "Le Voyage en Chine" p. flauta, violino e piano_____Th.Lack
8. "Danse d'un Honneton" p. piano a 4 mãos_____E.Holts
9. "Dansa Española" p. piano a 4 mãos_____E.Holts
10. "Guilherme Tell" p. violino e piano_____G.Rossini / Allard
11. "Marcha Religiosa" p. violino, harmônio e piano__C.Gounod / Herman
12. "L'Africaine"p. flauta e piano_____G.Meyerbeer / Panzini
13. "Marcha Triunfal"_____Meneleu Campos

** executada pela Banda de Segurança [Pública]*

1894

4 de fevereiro

local

Jardim Público

executantes

Banda de Música do Batalhão Militar de Segurança

repertório

1. "Veribus Unitus", marcha_____ H. Krall
2. "Die Afrikareise", polka_____F. Suppé
3. "Jaloux et coquette", mazurka_____A. Corbin
4. "Trovador", quinteto da ópera_____L. F. de Souza
5. "Jonathan", valsa_____K. Milhöcker
6. "Polka des Sultanes"_____A. Corbin
7. "Perruche et perroquet"_____ A. Corbin
8. "Le Cors Blanche", polka_____H. Sellan
9. "Ritinha", mazurka_____C. Gonzaga

11 de fevereiro

local

JardimPúblico (das 5 às 9)

executantes

Banda doBatalhão Militar de Segurança Pública

repertório

1. *"La Ferté-Saint-Aubin", redoublé* _____ *G. Klard*
2. *"El Correo", polka* _____ *A. Corbin*
3. *"Le Premiere Pomme"*
4. *"La Pètit Duchesse", polka*
5. *"Perrouche et perrouquet", schottisch* _____ *A. Corbin*
6. *"Les Fleurs", valsa* _____ *E. Waldteufel*
7. *"Fra Diavolo", poutpourri* _____ *Auber A. Bayma*
8. *"Áurea Matutina", valsa* _____ *J. Gonzaga*
9. *"Mundica", polka* _____ *A. Bayma*
10. *"Le Bourguignon", pas redoublé*

18 de fevereiro

local

Jardim Público (das 5 às 9)

executantes

Banda Militar de Segurança

repertório

1. *"L'Arrogant", marcha* _____ *Bleger*
2. *"Polka des Sultanes"* _____ *A. Corbin*
3. *"Floriano Peixoto", passo ordinário* _____ *A. Bahia A. Bayma**
4. *"Trovador", coro e canção* _____ *Verdi A. Bayma*
5. *"Democrata", polka* _____ *J. P. de Araújo**
6. *"Carmem", fantasia* _____ *Bizet E. Mulotte**
7. *"Jaloux et coquette", polka mazurka* _____ *A. Corbin*
8. *"Die Goldamsel", polka* _____ *Hugo Schwer*
9. *"Jonathan", valsa* _____ *K. Milhöcker*
10. *"La Muletier de Madrid", ballet* _____ *E. Mulotte*

* primeira audição

4 de março

local

Jardim Público

executantes

Banda de Música do Batalhão Militar de Segurança

repertório

1. *"Cleopatre", marcha* _____ *H. Godard*
2. *"Die Afrikareise", polka* _____ *F. Suppé*
3. *"Miss Hellyett", fantasia* _____ *F. Boisson*
4. *"Jaloux Coquette", mazurka* _____ *A. Corbin*
5. *"Recuerdo del dia 7 de setembro"* _____ *A. Bayma*
6. *"Áurea Matutina", valsa* _____ *J. Gonzaga*
7. *"Louco d'Amor", polka* _____ *Billio*
8. *"Idílio", tango* _____ *A. Rayol*
9. *"Cascadette", polka* _____ *F. Signer*
10. *"Batalhão de Segurança", passo doble* _____ *A. Bayma*

11 de março

local

Jardim Público

executantes

Banda Musical do Batlhão Militar de Segurança

repertório

1. *"Ceylan", marcha triunfal* — *O. Coquelet*
2. *"Face a l'enemie", Pas redoblé* — *F. Ziegler*
3. *"Rita", bolero* — *E. Mullot*
4. *"A Formoza Amazonense", polka* — *R. Cândido*
5. *"Sous L'ormeau", schottisch* — *E. Mullot*
6. *"Simple - violette", valsa* — *F. Ziegler*
7. *"Democrata", polka* — *J. P. de Araújo*
8. *"Málaga", valsa* — *F. Boisson*
9. *"Vichy, la belle", polka* — *M. Bléger*
10. *"La premiére pomme", mazurka* — *M. Bléger*

18 de março

local

Jardim Público

executantes

Banda de Música do Batalhão Militar de Segurança

repertório

1. *"L'arrogant", marcha* — *M. Bléger*
2. *"Carnet do Baile", polka* — *J. Varella*
3. *"Pour quois pas?", mazurka* — *E. Mullot*
4. *"Coro da ópera Trovatore"* — *Verdi*
5. *"L'etendord", pas redoblé* — *F. Boisson*
6. *"Santiago", valsa* — *A. Corbin*
7. *"Vichy, la belle", polka* — *M. Bléger*
8. *"Le muletier de Madrid", bolero* — *E. Mullot*
9. *"Des Sultanes", polka* — *A. Corbin*
10. *"Des Eunuques"* — *A. Corbin*

1898

27 de Julho

local

Sala do Jury da Intendencia

executantes

Gaspar do Nascimento (tenor), Albertina Kirchoffer e Sá (?)
Albino José de Almeida (?), Raymundo da Rocha Filgueiras (violino)
Henry Muckenhirn e Max Brunn (pianista)

repertório

desconhecido

14 de Agosto

local

Teatro Amazonas

executantes

Gaspar do Nascimento(tenor). * acompanhantes desconhecidos.

repertório

desconhecido

crítica

Sem registro até o momento

1899

26 de fevereiro

local

[Teatro Amazonas]

executantes

"remanescentes da Cia. Coniglio-Valla"

repertório

desconhecido

21 de setembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Três Bemoes

repertório

1o ato

1. "Trecho do Trovador", executado em cítara e rabeca árabes
2 "Mato Grosso", marcha
3. "Valsa Tam Tam", nos tambores harmoniosos
4. "Picante", valsa
5. "Queijos Chester", polka executada com 5 quilos de macarrão
6. "Valsa Andaluza"
7. "Motivos de "Carnaval em Veneza", em ziether, instrumento aéreo
8. "Valsa Gato Preto", executada nas guiseiras diabólicas

2o ato

1. "Novilho", polka
2. "Mimi", habanera executada em bandurra
3. "Em Canudos", marcha
4. "Retirada de Canudos", valsa executada em canudos musicais
5. "Mercedes", mazurka
6. "Polka do Burro", executada em guitarrão ou guitarra portuguesa
7. "Bemoes", polka
8. "Gemida", valsa, executad nas garrafas infernais

3o ato

1. "Sobre as ondas", valsa

2. *"Boulanger", marcha executada nos mármores*
3. *"Amor", valsa*
4. *"A Jovem Amazonense", valsa executada em cocófone*
5. *"Bife à cavalo", valsa em 3 dúzias de frigideiras*
6. *"A Conversa Musical", feita com guizos (novidade premiada pela exposição de Paris, 1890)*

15 de novembro

local

Sport Club

executantes

desconhecidos

repertório

1. *"Abertura do 'Guarany"* _____ *C. Gomes*
2. *"La Vague", valsa* _____ *O. Metra*
3. *"Chateau [?]", quadrilha* _____ *A. Lamotte*
4. *"Nid d'oiseau", polka* _____ *E. Waldteufel*
5. *"Mignon", quadrilha* _____ *Strauss*
6. *"Saudade", valsa* _____ *Cesar Vesce*
7. *"Sport Club", shcottisch* _____ *José Mastrean **
8. *"Le diable au bal",quadrilha* _____ *O. Metra*
9. *"M. Charmante", valsa* _____ *E. Waldteufel*
10. *"F. Moretti", polka* _____ *Cometti*
11. *"P. Gateau", quadrilha* _____ *A. Corbru*
12. *"Les Patineurs", valsa* _____ *E. Waldteufel*
13. *"S. Carleuses", schottisch* _____ *Prop Mastrean **
14. *"Farinelli", quadrilha* _____ *Theod. Micaelo*
15. *"Tout en Rose", valsa* _____ *E. Waldteufel*
16. *"Bella Rocca", polka* _____ *E. Waldteufel*
17. *"Amour et prinetmps", valsa* _____ *E. Waldteufel*
18. *"Sport Club", polka* _____ *Aristides Bayma*

*É possivel que sejam os irmãos José e Próspero Marsicano, ambos violinistas.

25 de novembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Corbiniano Vilaça [barítono], *José Marsicano* [violinista], *Alfredo Campos* [flautista], *Clara Borella* [pianista] e *Giácomo Cornetti* [pianista]

repertório

1a Parte

1. *"Ária do cacique, da ópera 'Guarany'"* ___ *C. Gomes* {C.V.}
2. *"La Stella", para violino* _____ *Popp* {J.M.}
3. *"Ária de Wolfano, da ópera Tanhauser"* ___ *R. Wagner* {C.V.}
4. *"La Belle Amazone", para flauta e piano* __ *Popp* {A.C. e C.B.}
5. *"Ária do Trovador", par a trovador* _____ *Verdi* {C.V.}
6. *"Hymno Brasil"* [provavelmente a fantasia sobre o hino brasileiro] _____ _____ L.M.Gottschalk {C.B.}
7. *"Declaration"* _____ *F. Braga* {C.V.}
8. *"Couplet de 'Sansão e Dalila'"* _____ *Saint Saens* {C.V.}
9. *"Un ballo in Maschera", para violino*

1900

4 de janeiro

local

Teatro Amazonas

executantes

"Festa de Aurélia dos Santos"

repertório

"árias de óperas (Boheme, Lucia di Lamermoor, etc.), cançonetas e 'Os Sinos de Corneville"

6 de janeiro

local

Teatro Amazonas

executantes

desconhecidos

repertório

1a Parte - "Amor por Anexins", com orquestra dirigida por José Marsicano.
2a Parte - "Uma experiência de Amor", opereta de Baptista Machado
3a Parte - Intermezzo variado
4a Parte - "O Fim do Mundo", de Américo Azevedo

13 de março

local

desconhecido

executantes

João José Lentini, Maria Bosi, Mathilde Schiavinato, Giácomo Cornetti e Raymundo Filgueiras.

repertório

desconhecido

observação

Existe uma crítica a este concerto, no "Diário de Notícias" de 13 de março.

3 de julho

local

[Teatro Amazonas ?]

executantes

Clotilde Maragliano (soprano), Mathilde Schiavinato (contralto),Eduardo de Vecchi (barítono) e quarteto de cordas.

repertório

1a Parte

1. "Serenade"	*Vidor*	*{Q.}*
2. "ária da ópera 'Lo Schiavo"	*C. Gomes*	*{C.M.}*
3. "Sylvia", piazicati	*L. Delibes*	*(Q.}*
4. "Non conosci il bel suono, da ópera Mingon"	*A. Thomas*	*{M.S.}*
5. "Plainte", romanza	*Deusa*	*{E.V.}*
6. "ária da Forza del Destino"	*Verdi*	*{C.M.}*

2a Parte

7. "Serenade"	*Pierné*	*{Q.}*
8. "Balata da ópera O Guarany"	*C. Gomes*	*{C.M.}*
9. "Gavota"	*Bolzoni*	*(Q.}*
10. "I pescatori di coralli"	*Tosti*	*(M.S.}*
11. "Vorrei", romanza	*Tosti*	*{E.V.}*
12. "Menina venha cá", modinha	*C. Gomes*	*{C.M.}*

5 de setembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Maria Bosi, Mathilde Schiavinato, Raymundo Filgueiras e Quarteto Gurjão.

repertório

desconhecido

23 de setembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Maria Suíno (harpista)

repertório

desconhecido

1901

15 de março

local

desconhecido

executantes

"orquestra bem formada e inteligente, sob a direção da batuta do maestro Franco"

repertório

Missa, com liberta me [?]

18 de agosto

local

Jardim Público

executantes

Banda do 2o Batalhão

repertório

1. *"Candido Mariano", dobrado* _____ *Vieira*
2. *"Aureliana", mazurka* _____ *Vieira*
3. *"Les Posilains", largo* _____ *Clodomin*
4. *"Variatione und Walzer", tromba* _____ *P. F.*
5. *"O popular dobrado X"*
6. *"Cavatine Robert"* _____ *Meyerbeer*
7. *"La Serenata"* _____ *Hubert*
8. *"La Vallée de Ossan"* _____ *Benoit*
9. *"O Meders", doble* _____ *?*

6 de setembro

local

Casa da Fortuna

executantes

desconhecidos

repertório

1a Parte

1. *"Bocaccio", poutpourri* _____ *Suppé*
2. *"Boheme", valsa lenta* _____ *?*
3. *"Myosótis", valsa* _____ *E. Waldteufel*
4. *"Alba", polka* _____ *J. Campos*
5. *"Belisário", fantasia* _____ *Leyback*
6. *"Revel", polka* _____ *A. Neuparth*
7. *"Il morenio"* _____ *F. Moreno*

2a Parte

1. *"Reverie", passecalhe* _____ *?*
2. *"Morrer sonhando", valsa* _____ *J. Christo*
3. *"Spirito Français", polka* _____ *E. Waldteufel*
4. *"Transylvania", schottisch* _____ *?*
5. *"Emília", mazurka* _____ *?*
6. *"Czarina", mazurka (hino russo)* _____ *?*
7. *"Espartêro", passecalhe* _____ *?*

7 de novembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Esmeralda Cervantes (harpista), Giácomo Cornetto, Cesar Vesce, Guido Gazoppi, Raymundo Filgueiras (violinista), Clara Borelli (pianista), S. Grumbacher, Mme. Cornetto (violinista) Maria Bosi (soprano).

repertório

desconhecido

1o de dezembro

local

Salão Nobre da Intendência Municipal

executantes

Eugênio Oyangurén (tenor), Mathilde Schiavinato (contralto), Clara Borelli (pianista) e Guido Gazoppi.

repertório

desconhecido

21 de dezembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Mamede da Costa (violinista), Giácomo Cornetto (pianista), Maria Bosi (soprano), Maria Calmont e Alcina Calmont (alunas de Cornetto).

repertório

1a Parte

1. *"Cavatina"* _____ *Raff* {M.C.}
2. *"1a Mazurka"* _____ *Wieniawsky* {M.C.}
3. *"Chacone"* _____ *Chaminade* {Ma. Cal}
4. *"Valse Capriceuse"* _____ *Pessard* {Alc. C.}
5. *"Serenade Hungroise"* _____ *Jonciéres* {Ma. e A. Cal.}
6. *"Romanza"* _____ *Tosti* {M.B.}
7. *"Salvatore Rosa"* [ária ?]_____ *C. Gomes* {M.B.}
8. *"Minueto"* _____ *Paderewsky* {G.C.}

2a Parte

9. *"Andante religioso"* _____ *Frei Thomé* {M.C.}
10. *"Zapateado"* _____ *Sarasate* {M.C.}
11. *"Barcarola"* _____ *Cornetto* {M.B.}
12. *"2a Rapsódia"* _____ *Liszt* {G.C.}
13. *"Souvenir d'Amerique"* _____ *Vieuxtemps* {M.C.}

1902

5 de abril

local

Teatro Amazonas

executantes

Alfredo Schiappe (pianista), Geraldo Amorim, Raymundo Filgueiras, Paulino de Mello e Henrique Jorge (violinistas).

repertório

1a Parte

1. "Sonata Apassionata, op. 57"	*L. Beethoven*	{A.S.}
2. "Ballade"	*Roche*	{G.A.}
3. "Fiabre de Amor"	*Monasterio*	{G.A.}
4. "Des Abends"	*Schumann*	{A.S.}
5. "Impromptu"	*Schubert*	{A.S.}
6. "Fantasia (1a Parte)"	*Mendelsohn*	{A.S.}
7. "Chant de Grand-Mére"	*Battanchon*	{R.F.}
8. "Marcha de Tanhäuser"	*Wagner/Liszt*	{A.S.}

2a Parte

1. "Étude"	*Rubinstein*	{A.S.}
2. "Berceuse"	*Fauré*	{P.M.}
3. "2a Mazurka"	*Wieniawsky*	{P.M.}
4. "Noturno n.17"	*Chopin*	{A.S.}
5. "Choral"	*Franck*	{A.S.}
6. "Le roi de Aulnes"	*Schubert/Liszt*	{A.S.}
7. "Lamento"	*Nicolino Milano*	{H.J.}
8. "Souvenir d'Amerique"	*Vieuxtemps*	{H.J.}
9. "XIII Rapsódia Húngara"	*Liszt*	{A.S}

6 de abril

local

Jardim Público

executantes

Banda do 1o Batalhão do Regimento de Segurança do Estado

repertório

1. "Sertaneja", marcha	*Odilon Medeiros*
2. "Maria Amélia", valsa	*Des. Joaquim Lisbôa*
3. "Follie", marcha	*Raymundo C. de Souza*
4. "Gran Via", poutpourri	*Cândido Filho*
5. "Polka para 2 pistões"	*E. Hasselmann*
6. "Rapsódia Portuguesa"	*J. A. Gomes*
7. "Meiguices de Virgínia", mazurka	*Odilon de Medeiros*
8. "Lucrezia Borgia", poutpourri	*Donizetti*
9. Amor em Casa", valsa	*Raymundo C. de Souza*
10. "Retraite", marcha	*E. Patierno*

12 de abril

local

Teatro Amazonas

executantes

Leocádio Rayol (violinista), Edelvira Alves, Adelaide Carneiro, maestro Cornetto (pianistas), Paulino de Mello, Raymundo Filgueiras, Geraldo Amorim e Mme. Cornetto (violinistas).

repertório

1a Parte

1. *"Fantasie Suedoise"* — *Leonard* {L.R.}
2. *"Danças Húmgaras (piano à 4 mãos)* — *Brahms* {E.A. e A.C.}
3. *"Habanera", para 4 violinos e piano* — *J. White* {G.C. ao piano}
4. *"Les Asparges", caprice* — *Prune* {L.R.}

2a Parte

1. *"Airs Hungrois"* — *Tirindelli* {L.R.}
2. *"Concerto em sol menor"* — *Mendelsohn* {E.A. [?]}
3. *"Minuet" e "Serenade"* — *Godard* {Mme. C. e L.R.}
4. *"Souvenir de Haydn"* — *Leonard* {L.R.}

* *"os acompanhamentos são confiados ao provecto pianista Maestro Cornetto"*

10 ou 16 de abril

local

Gymnasio Amazonense

executantes

Henrique Jorge [violinista], *maestros* [Romeu]*Dionesi e* [Giácomo] *Cornetti Antonina e Edelvira Borges ["discípulas do saudoso maestro Adelelmo do Nascimento"], Sobreira Lima* [flautista], *Alfredo Schiappe* [pianista], *Pedro Belfort* [violinista]

repertório

1. *"Sinfonia da ópera 'Guarany', para piano a 4 mãos"* — *C. Gomes* {D e C.}
2. *"Legende", p. violino e piano* — *Wieniawsky* {H.J. e R.D.}
3. *"Fantasie sur le 'Faust' de Gounod"* — *Leyback* {A.e E. Borges}
4. *"Esmeraldo", mazurka p/ flauta e piano* — *Poppe* {S.L. e R.D.}
5. *"Sur les Alles de Reve"* — *Mendelsohn Liszt* {A. Schiappe}
6. *"Etude"* — *A. Rubinstein* {A. Schiappe}
7. *"Tempo de Mazurca (fragmento da ópera 'Dartagnan')"* — *Romeu Dionesi*
8. *"Serenata Burlesca"* — *Romeu Dionesi* {sexteto dirigido pelo autor}

2a Parte

1. *"Prelúdio da cena do delírio da ópera 'Noite no Castelo'* — *C. Gomes* [sexteto}
2. *"Sonho d'Amor"* — *Romeu Dionesi* {Romeu Dionesi executou-as ao piano}
3. *"Amazonense"* — *Romeu Dionesi*
4. *"Scherzo"* — *Romeu Dionesi*
5. *"Marionette", gavote* — *Francisco Braga* {sexteto}
6. *"Trio para flauta, violino e piano"* — *F. Beyer* {S.L., P.B. e R.D.}
7. *"Scherzo"* — *Martucci* {G.C.}

8. *"Paráfrase do 'Rigoletto"* _____ *F. Liszt* {G.C.}
9. *"À beira mar", canção barcarola* _____ *Henrique Jorge*
10. *"Hulanzo-Bellaton"* _____ *Hubay* {H.J. e R.D.}

20 de abril

local

Jardim Público

executantes

Banda de Música do 1o Batalhão

repertório

1. *"Sonho da virgem", marcha* _____ *?*
2. *"Adam", valsa* _____ *A. Cibulka*
3. *"La Coquette", polka* _____ *J. Kessels*
4. *"La Forza del Destino", fantasia* _____ *G. Verdi*
5. *"Elixir do Amor", fantasia* _____ *Donizetti*
6. *"Olga", polka* _____ *Cezar Júlio da Silva*
7. *"Aída", fantasia* _____ *G. Verdi*
8. *"Raketem walzer"* _____ *M. Froyd*
9. *"Gipsy's Warning"* _____ *J. Hartmann*
10. *"Cruzador Falke", dobrado* _____ *Raymundo Cândido de Souza*

24 de abril

local

Jardim Público

executantes

Banda de Música do 1o Batalhão

repertório

1. *"Disciplina", marcha* _____ *M.N.O. Tavares*
2. *"La Capriciesi", polka* _____ *R. Fausto*
3. *"Amor em Casa", valsa* _____ *R. Cândido*
4. *"Fantasia sur l'opera* [?] _____ *Donizetti*
5. *"Stephanie", gavotte* _____ *Czibulka*
6. *"Meine Köningen", valsa* _____ *Charles Coste*
7. *"Hino Operário de 1o de maio"* _____ *?*
8. *"As meiguices de Virgínia", mazurka* _____ *O. Medeiros*
9. *"Toujours gai", polka p/ 2 pistons* _____ *Kessels*
10. *"O Nabado"* [Nababo ?] _____ *Queiroz*

26 de abril

local

Palácio do Governo

executantes

desconhecidos

repertório

1. *"Tanhäuser", marcha* — *R. Wagner*
2. *"Sintiers Fleuri", valsa* — *E. Waldteufel*
3. *"Freundschaff", polka* — *O. Muth*
4. *"Gran Duchesse", quadrilha* — *Bial*
5. *"L'Imensité", valsa* — *Grec*
6. *"Non voglio marito", polka* — *R. Mareneo*
7. *"Mignon", quadrilha* — *Strauss*
8. *"Recits d'Amour", valsa* — *E. Waldteufel*
9. *"Lust", schottisch* — ?
10. *"Lanciers", quadrilha* — *Schubert*
11. *"La Vergue", valsa* — *O. Metra*
12. *"Schottisch"* — *Czibulka*
13. *"Quadrilha"* — *Turinelli*
14. *"Nees des Oiseaux", polka* — *E. Waldteufel*
15. *"Stardo d'Amore", valsa* — *Cornetto*

27 de abril

local

Jardim Público

executantes

Banda de Música do 2º Batalhão

repertório

1. *"Kaiser Wilhelm", marcha* — *Fritz Baselt*
2. *"Beatriz", valsa* — *Julião*
3. *"Concerto para 2 pistons", polka* [?] — *Kaling*
4. *"La Buyere", abertura* — *Kessels*
5. *"Die Regimentsochter"* [La Fille du Regiment], *abertura* — *Donizetti*
6. *"Recorda-te", polka* — *A. Bayma*
7. *"Miscelânea de cantos populares portugueses"* — *A. José Gomes*
8. *"Josefina", polka* — ?
9. *"Baulitenskeiche", abertura* — *F. Suppé*
10. *"De Matosinhos a Leça", dobrado* — ?

10 de maio

local

Gymnasio Amazonense

executantes

Maestro Cornetto, Mme. Cornetto, Edelvira Alves, Adelaide e Edelvira Car-

neiro, Antônio Barreto Praguer (cantor), Paulino de Mello, Raymundo Filgueiras e Lourival Muniz (violinistas).

repertório

1. *"Raymond", abertura* _____ *A. Thomas (piano à 4 m.)*
2. *"Ária variada", para violino e piano* _____ *C. Bériot* {Sr. e Sra. Cornetto)
3. *"Tema melodia para canto com acompanhamento de violino e piano"* _____ *Denza* {B. Praguer, R. Filg. e Ed. Alves}
4. *"Habanera para bandolim e piano"* _____ *Patterno* {Ad. e Ed. Carn.}
5. *"Trio da Caridade, de Rossini", para violino, piano e harmônio* _____ *Ketterer e Durand* {Ed. Alves, G. Am. e Sr. Corn.}
6. *"En Songe"* _____ *Godard* {Ad. Carneiro - piano}
7. *"Ária de Don Carlo"* _____ *Verdi* {B. Praguer e Ed. Alves}
8. *"Serenade d'outre fois", para bandolim, com acompanhamento de violino e piano* _____ *Silvestri* {Ad. e Ed. Carn.e R. Filg.}
9. *"Rondó para piano"* _____ *Mendelsohn* {Ed. Alves}
10. *"Habanera para 4 violinos e piano"* _____ *J. White* {Mme. Cornetto, P. de Mello, L. Muniz e R. Filgueiras}

15 de junho

local

Jardim Público

executantes

Banda de Música do 1º Batalhão

repertório

1. *"15 de novembro", marcha* _____ *Fco Lima*
2. *"Polka"* _____ *José Kessel*
3. *"Dolores", fantasia* _____ *O. Métre*
4. *"Fantasia para clarinete"* _____ *W. W. Bright*
5. *"Gran Via", poutpourri* _____ *Cândido Filho*
6. *"Ave Maria, da ópera 'Guarany"* _____ *C. Gomes*
7. *"Sinfonia, de 'La Forza del Destino"* _____ *G. Verdi*
8. *"La porte de Danube", valsa* _____ *R. Vollstel*
9. *"Gypsy Warning", fantasia* _____ *J. Hartman*
10. *"Cassilda", gavota* _____ *J. Hartman*

31 de agosto

local

[Academia de Belas Artes ?]

executantes

Piano - alunos do Conservatório de Música: Maria S. Jardim, Alice No-

gueira, Sarah Costa, Oda Nunes, Laura Tapajós, Anna Pinheiro, Julieta Lima, Marina Amora, Izaura Antunes, Beatriz Maia, Adélia Cezar, Carmosina Maia, Esther Ferreira, Honorina Amora, Maria Júlia, Maria Alzira, Francisca Barreto, Tharcilla Vasconcellos, Maria Pinheiro, Elvira Soares, Maria Victória e Crispiana Ferreira.
Quinteto de Cordas dos alunos: Thereza Souza, Thrazibula Figueiredo, Maria Iracema, Oscar Maia e Bernardo Godinho.
Professores convidados: Paulino de Mello, Armando Lameira, Luiz Lima, Gentil Bitencourt e Lourival Muniz (violinistas); Pedro Belfort e Ildefonso Pereira (violistas); Cesar Vesce, Taurino Salermo e Lauro Soares (violoncelistas); Ricardo de Berredo e Sobreira Lima (flautistas).
Orquestra Carlos Gomes, sob a direção do maestro Joaquim Franco.

repertório

1. *"Il Guarany", poutpourri da ópera* — *C. Gomes* {O. C. G.}
2. *"Gavota"* — *Le Bourgeois* {M.S.}
3. *"La Romanesca" (piano e flauta)* — *Caccini* {A.N.}
4. *"Gavotta" (piano e quarteto de cordas)* — *Lully* {S.C.}
5. *"Cantilena" (piano e violino)* — *J. S. Bach* {O.N.}
6. *"Minueto" (piano, violino e cello)* — *Haydn* {A.P.}
7. *"La Chasse", minueto (piano e violino)* — *Haydn* {J.L.}
8. *"Trio com Variações" (piano, violino e cello)* — *Haydn* {M.A.}
9. *"Sonata em Lá maior" (piano e quarteto)* — *Mozart* {I.A.}
10. *"Minueto" (piano e violino)* — *Beethoven* {B.M.}
11. *"Septuor" (piano, quarteto e flautas)* — *Beethoven* {O.N.}
12. *"Le Desir" (piano e violino)* — *Beethoven* {A.C.}
13. *"Noturno" (piano, violino e flauta)* — *C. Berger* {M.A.}
14. *"Trio" (piano e 2 violinos)* — *C. Weber* {C.M.}
15. *"Lieder" (piano e violino)* — *Schubert* {E.F.}
16. *"Romance sans paroles" (piano e violino)* — *Bériot* {H.A.}
17. *"Lieder" (piano e violino)* — *Mendelsohn* {M.J.}
18. *"Lieder" (piano e violino)* — *Schumann* {M.A.}
19. *"Quatuor" (piano e violinos)* — *Dancla* {F.B.}
20. *"Quinteto para cordas"* — *Dancla* {Q.}
21. *"Reverie" (piano e flauta)* — *Reichert* {T.V.}
22. *"Elegie" (piano e quarteto)* — *Dancla* {M.P.}
23. *"Idylle" (piano e violoncelo)* — *Schulhoff* {A.N.}
24. *"Danse d'Anitra" (piano e quarteto de flautas)* — *Grieg* {O.N.}
25. *"L'Illusion" (piano e flauta)* — *Reichert* {E.S.}
26. *"Barcarola em Si bemol" (piano e violino)* — *Papini* {M.V.}
27. *"Estudo em sol" (piano e violino)* — *Papini* {B.M.}
28. *"Estudo em si menor" (piano e violino)* — *Papini* (C.F.}
29. *"Simple Aveu - Romance sans paroles" (piano e quarteto de flautas)* — *F. Thomé* {O.N.}

5 de setembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Adelaide e Edelvira Carneiro, Oda Nunes, Sarah Costa, Marina Amora (pianistas), Paulino de Mello, Lourival Muniz, Raymundo Filgueiras, Gentil Bittencourt (violinistas), Pedro Belfort (violista), Bernardo Godinho (contrabaixista ?), Lauro Soares (violoncelista), Sobreira Lima (flautista), Cesar Vesce (violoncelista), Ildefonso Pereira (violista), Armando Lameira (violinista), Lima Jr. e Antão Campelo. Sob a direção de Joaquim Franco.

repertório

1. *"Sinfonia do Guarany"* _____ *C. Gomes* {Bandas do Reg.}
2. *"Meditation", para flauta [Oda Nunes] e cordas* __ *E. Fauconier*
3. *"Pas de Echarps"* _____ *Chaminade* {Ed.Carn.}
4. *"Gavota célebre", para piano [Sarah Costa] arcos e flauta* ___ *Lully*
5. *"Musica Proibita"* _____ *G. Grazziani Walter* {Ad.e Ed.C.}
6. *"Cavalleria Rusticana", intermezzo para piano, [Hon. Amora] arcos e flauta* _____ *Mascagni*
7. *"Claribel"* _____ *Graham Moore* {Ad.C.}
8. *"Simple Aveu", para pano [Oda Nunes], arcos e flauta* _____ *Thomé*
9. *"Bolero Mazurka" para bandolim e piano* _____ *Patierno* {Ad. e Ed.C.}
10. *"Il Guarany", poutpourri da ópera* _____ *C. Gomes* {orq.}

1903

1º de Janeiro

local

Éden Theatro

executantes

Grupo Artístico de Variedades

repertório

"Coro de Senhoras" - zarzuela em um ato de ?
e "diversas cançonetas"

13 de Janeiro

local

Éden Theatro

executantes

Lina Grimaldi, Lina Colombo, Gina Blasi, Marieta Costa e Salvador Palau (cançonetistas) e a orquestra do Éden Theatro dirigida por Guido Gazoppi.

repertório

"Cançonetas, danças e maxixe!"

OBSERVAÇÃO

Com a produção de espetáculos entregue à empresa Metello & Soares, o Éden Theatro passará a ter espetáculos musicais todos os dias. Para efeito de divulgação estes primeiros espetáculos do dia 1/1 e 13/1 foram anuncidos nos jornais, bem como nos dias 25/1 e 16/2, não aparecendo mais a partir de então, salvo casos excepcionais que se farão registrar no nosso apêndice. Para os dias 25/1 e 16/2, as únicas diferenças anunciadas são as cançonetistas Giustina Polegatti e Elvira Espanha.

22 de Março

local

Éden Theatro

executantes

Edelvira Zucra, Cia. Metelo & Soares e Orquestra sob a direção de Guido Gazoppi.

repertório

1a Parte - "El Gorro Frígio", joguete lyrico [sem indicação do autor].
2a Parte - Cançonetas diversas, por Lina Grimaldi.
3a Parte - "El Sobriño de Rameau", joguete cômico em espanhol.

3 de Abril

local

Teatro Amaonas [?]

executantes

Soirée artística do barítono Corbiniano Vilaça (Tournée 1903, 1o Concerto)
Tomam parte gentilmente os artistas e diletantes:
Maestro Joaquim Franco (fez os acompanhamentos ao piano), Paulino de Mello [violinista], Pedro Belfort, Alfredo Santos, Armando Lameira [violinista], Nelson, Clarindo Júnior, Cesar Vesce, Ildefonso Pereira {violoncelistas, estes dois], Taurino Salermo, Antão Campello, Luiz Lima, Sobreira Lima [flautista], Bernardo Godinho e Lauro Soares.

repertório

1a Parte

1. "Meditation"	*Fauconier*	*{Orquestra}*
2. "Barbeiro de Sevilha", ária	*G. Rossini*	*{C.V.}*
3. "Benevenuto"	*Diaz*	*{C.V.}*
4. "Rein's Prayer"	*R. Wagner*	*{Orquestra}*
5. "Pagliacci", ária	*Leoncavallo*	*{C.V.}*

2a Parte

6. *"Lo Schiavo", ária* _____ *C.Gomes* *{C.V.}*
7. *"Cavatina"* _____ *A. Raff* *{?}*
8. *"Herodíade", ária* _____ *J.Massenet* *{C.V.}*
9. *"Simple Aveu"* _____ *Thomé* *{Orquestra}*
10. *"Hamlet", 'canção bachica'* _____ *A. Thomas* *{C.V.}*

17 de Abril

local

Teatro Amazonas [?]

executantes

Américo Ângelo [pianista português] com o gracioso concurso do maestro Joaquim Franco e dos distintos amadores e professores: Gentil Bittencourt [violinista], Antão Campelo, Pedro Belfort, Alfredo Santos, Armando Lameira [violinista], Clarindo Júnior, Cesar Vesce [violoncelista ?], Luiz Lima, Ildefonso Pereira [violoncelista ?], Sobreira Lima [flautista], Nelson, Taurino Salerno, Bernardo Godinho e Lima Filho.

repertório

1a Parte

1. *"Meditation" p septeto* _____ *Fauconier*
2. *"Frohlieher Sardmann" e "Des Abends"* _____ *R. Schumann*
3. *"Allegro de Concerto"* _____ *Blumen* *{A.A.}*
4. *"Quarteto de Cordas"* _____ *White*
5. *"Fantasia"* _____ *Américo Ângelo*

2a Parte

1. *"Fraumerei", quarteto* _____ *R. Schumann*
2. *"Canções"* _____ *Américo Ângelo*
3. *"Rondó"* _____ *Fumagalli*
4. *"L'Illusion", p piano e flauta* _____ *Reichert* *{J.F. e S.L.}*
5. *"Valse Caprice"* _____ *Rubinstein*

15 de Agosto

local

Ideal Club

executantes

"oito professores de orquestra"

repertório

Ouverture - "Invitation a la Gavotte" _____ *E. Waldteufel*

1a Parte

1a valsa "La Fiancée" _____ *E.Waldteufel*
1a polka "Ideal" _____ *Sobreira Lima*
1o schottisch "Olhar Altivo" _____ *Clemente Ferreira*
1a quadrilha "Feu de Lair" _____ *L.Doufour*
2a valsa "Le retour de printemps" _____ *E.Waldteufel*
2a polka "Amitié" _____ *A.Muth*
2o schottisch "Cour d'Ange" _____ *Raymundo Donizetti*
2a quadrilha "Probekuss" _____ *K.Millöcker*
3a valsa "Amável" _____ *Raymundo Donizetti*
3a polka "Dusk Duds" _____ *X*

3o schottisch "Pequena cacau" _____ *Sobreira Lima*
3a quadrilha "Simplicious" _____ *Johann Strauss*
4a valsa "Ange d'Amour" _____ *E.Waldteufel*
4a polka "Ideal" _____ *Sobreira Lima*
4o schottisch "Immenso Dolor" _____ *Inácio Aragon*
valsa "Tout Paris" _____ *E.Waldteufel*

16 de Agosto

local

Teatro Amazonas

executantes

Concerto com as obras de Elpídio Pereira, regido pelo autor. "A orquestra será composta por 30 artistas..."

repertório

1a Parte

1. *"Prelúdio Symphonico", p/ orquestra.*
2. *"A la vièrge - Priére", p/ coro em uníssono e orquestra.*
3. *"Chanson du soldat", p/ bandolim e instrumentos de cordas.*
4. *"Dieu et la Nature", invocação p/ barítono e orquestra.*
5. *"Suite Brasilienne - Nocturne; Serenade; Air a danser; Marche Triumphale"*

2a Parte

6. *"Ouverture Tiradentes", p/ orquestra*
7. *"Polonaise" e "Mimosa"(valsa), peças para piano.*
8. *"A Brasileira", tango p/ coro em uníssono e orquestra*
9. *"Romance sans paroles", p/ violoncelo e piano.*
10. *"Marcha Nupcial", p/ orquestra.*

12 de Setembro

local

Salão da Intendência Municipal

executantes

Concerto das obras de Elpídio Pereira, sob a direção do autor. Tomaram parte neste concerto:
Edelvira Alves Praguer [pianista], Amélia Thompson Nogueira, Maria Amélia de Oliveira, dr. Barreto Praguer [canto], dr. Rodolpho C. de Alburqueque Filho, Maxim Holden, Maestro Joaquim Franco [piano], Lourival Muniz [violinista], Gentil Bittencourt [violinista], Armando Lameira [violinista], Taurino Silva, 2o tenente George Marques Pereira, Ildefonso Pereira, Cesar Vesce [violoncelista], Donizetti Filho, Fulgêncio E. de Souza, Sobreira Lima [flautista], alferes Raymundo Cândido, Jovita Rebelo, José Bráulio Pinto, José Paes Landim e Joaquim Sarmento.

repertório

1a Parte

1. *"Allegro de Sinfonia"*

2. *"Matiné d'Octobre - aubade", p soprano e orquestra*
3. *"Legenda", p/ violino e piano.*
4. *"Devil d'Amour", melodia p/ barítono e orquestra.*
5. *"Une noir a la belle étoile", recitativo e orquestra*
   (poesia de Luiz Paes Leme)

2a Parte

6. *"Ouverture Tiradentes", piano e quarteto de cordas.*
7. *"Plainte", melodia p/ meio-soprano e piano.*
8. *"Prelúdio Simphonico", p/ piano a 4 mãos (transcrição)*
9. *"L'Ange du Pardon", melodia p barítono e orquestra.*
10. *"Suite bresillienne - Noturno; Serenata; Air a Danser", p/ orquestra.*

13 de Setembro

local

Salão Nobre da Intendência Municipal

executantes

Concerto de Armando Lameira. Tomaram parte os maestros Joaquim Franco [pianista] e Elpídio Pereira [violinista]. Os professores Cesar Vesce, Ildefonso Pereira, R. Donizetti filho, Sobreira Lima [flautista] e Taurino Silva Os amadores: Gentil Bittencourt e Lourival Muniz (violinistas). E os alunos da Academia de Bellas Artes: dr. Trazibula e Bernardo Godinho.

repertório

Desconhecido

20 de Setembro

local

Praça General Ozório

executantes

Banda do 1o Batalhão de Infantaria

repertório

1. *Marcha-continência "Plácido de Castro"* _____ *B. Silva*
2. *Polka "Quartel-General"* _____ *C.M.Zuhrer*
3. *valsa "Paquita"* _____ *J.Videiros*
4. *Cavatina da Ópera "Beatrice di Tenda"* _____ *V.Bellini*
5. *Fantasia da Ópera "Sonâmbula"* _____ *V.Bellini*
6. *Valsa "Saudades de Leonora"* _____ *J. Moreira*
7. *"Sinfonia da Ópera "Forza de Destino"* _____ *G. Verdi*
8. *Polka de salão "Nachtingall und Drossel"* _____ *G.Verdi*
9. *Fantasia "Une perle de l'ocean"* _____ *C. Otterer*

10. Dobrado "Saudades do Ceará" _____ *A.R.Nascimento*

7 de novembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Sexteto regido pelo maestro Donizetti. [O violinista Raymundo Donizetti Fo]

repertório

desconhecido

1904

7 de Janeiro

local

Salão Nobre da Intendência Municipal

executantes

Concerto do Professor Luigi Sarti. Com o concurso dos distintos artistas: Sra. Maria Bosi Brunori (soprano) e Emílio Brunori (barítono). E a participação dos professores: Clarindo, Belfort, Solon Pagani, [Bernardo] Godinho, Levindo, Ildefonso [Pereira], Barabani e Maestro Joaquim Franco.

repertório

1a Parte

1. "Cavatina" _____ *A. Raff*
2. Ária p/ soprano da ópera "Pescadores de Pérolas" _____ *G.Bizet*
3. "Balada e Polonaise" _____ *H. Vieuxtemps*
4. "O di tu?" marinaresca-romanza, p barítono _____ *Mattei*
5. "Rapsódia Húngara", p/ violino _____ *Hauser*

2a Parte

1. "Fraumerei" _____ *R. Schumann*
2. Cena e dueto do 2o ato da ópera "Traviata" _____ *G. Verdi*
3. "Vorrei morire", romanza p soprano _____ *P. Tosti*
4. "Andante" _____ *Haggine*
5. "Zapateado" _____ *P. Sarasate*

21 de Janeiro

local

Teatro Amazonas

executantes

Maria Bosi Brunori (soprano), Emílio Brunori (barítono) e Antonio Serra.

repertório

"...haverá canções e árias nos intervalos [da revista "Inana", temporada da Cia Silva Pinto 1904]

26 de Janeiro

local

Teatro Amazonas

executantes

"4 bandas de música"

repertório

"...executarão um repertório escolhido" [intervalo do espetáculo "Capital Federal", Temporada da Cia. Silva Pinto].

13 de abril

local

Ideal Club

executantes

desconhecidos

repertório

Além das peças de autores estrangeiros, há várias de Raymundo Donizetti Filho: *"Luizinha", schottisch; "Minuza", schottisch; "Club Internacional", schottisch; "Invisível", schottisch; "Como esquecer-te", valsa; "Bella Cacau", polka; "28 dias de Clarinha", quadrilha.*

10 de Setembro

local

Assembléia Comercial

executantes

Festa artística do maestrino Donizetti Filho

repertório

Danças (valsas, schottisches, polkas e quadrilhas), em quantidade e distribuição irregular.

24 de Setembro

local

Ideal Club

executantes

Orquestra regida por Donizetti Filho.

repertório

Danças (polkas, schottisches, quadrilhas e valsas).

17 de Outubro

local

Café dos Terríveis (reinauguração)

executantes

Quarteto dos Terríveis [?]

repertório

Desconhecido

29 de Outubro

local

Café dos Terríveis

executantes

Arão Benjamin [pianista], Cesar Vesce [violoncelista], Hugo Pagani e Manuel Campos. (2º concerto)

repertório

1ª Parte

1. *"Alba", polka* _____ *J.C.Campos*
2. *"As ondas do Guajará", valsa* _____ *G. Cornetti*
3. *"Cavalleria Rusticana", intermezzo* _____ *P. Mascagni*
4. *"Hyminen", schottisch* _____ *L.R. de Lima*
5. *"Tosca", romanza e preghiera* _____ *G. Puccini*
6. *"Cake Walk",* _____ *Beyer*

2ª Parte

7. *"Elisa", polka* _____ *G.Blanche*
8. *"La Parisienne", valsa* _____ *D. Ferron*
9. *"La Bohéme", valsa* _____ *G. Puccini*
10. *"Luizinha", schottisch* _____ *Donizetti*
11. *"Au Moulin"* _____ *E.Gillet*
12. *"Enjoeleuse", valse e egiptienne* _____ *Borel Clerc*

3 de Novembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis (Arão Benjamin, Cesar Vesce, Ugo Pagani e Manuel Campos). (3º concerto)

repertório

1ª Parte

1. *"Sourir d'Avril", valsa* _____ *M.Deprez*
2. *"Mascotte", duetto* _____ *E. Audran*
3. *"Chanson de bon vieux temps"* _____ *G. Bachmann*
4. *"Maria", schottisch* _____ *Bertollini*
5. *"Ave Maria" (da ópera 'Guarany')* _____ *C. Gomes*
6. *"Sílvia", polka* _____ *G. Blanchi*

2ª Parte

7. *"Valse Enchantée"* _____ *R.Berger*
8. *"Rapsódia 2ª" (dedicada a S.M. El Rei D. Carlos)* _____ *V. Hussla*
9. *"Chanson du rossignol" (da ópera "O vendedor de pássaros")* _____ *K.Zeller*
10. *"Serenade Italienne"(pizzicato)* _____ *E. Scherz*
11. *"Babilage"* _____ *E.Gillet*
12. *"Cake Walk"* _____ *R. Berger*

19 de Novembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis (8º concerto)

repertório

1ª Parte

1. *"Prestíssimo", galop* — *E. Waldteufel*
2. *"Chanson de bon vieux temps"* — *G.Bachmann*
3. *"Amoureuse", valse lente* — *R.Berger*
4. *"Fantasia da ópera Fausto"* — *C. Gounod*
5. *"Lein du Bal"* — *E. Gillet*
6. *"Romanza e Serenata da ópera I Pagliacci" (prólogo)* — *R. Leoncavallo*

2a Parte

7. *"Rapsódia Portuguesa"* — *V. Hussla*
8. *"Tosca", fantasia* — *G. Puccini*
9. *"Petit Marquis", gavotte* — *J. Demarquoy*
10. *"Rigoletto", grande fantasia* — *G. Verdi*
11. *"Morena", valsa* — *Arão Benjamim*
12. *"Tim-Tim", polka* — *E. Beucucci*

23 de Novembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis (9o concerto)

repertório

1a Parte

1. *"Valse Enchantée"* — *R. Berger*
2. *"Stephanie", gavotte* — *A. Cibitha*
3. *"Canção do rouxinol"[da ópera "O vendedor de pássaros"]* — *K. Zeller*
4. *"Fausto", grande fantasia* — *C.Gounod*
5. *"Amoureuse", valse lente* — *R. Berger*
6. *"I Pagliacci" [?]* — *R. Leoncavallo*

2a Parte

7. *"Mascotte"* — *E. Audran*
8. *"Rigoletto", grande fantasia* — *G. Verdi*
9. *"Babillage"* — *E. Gillet*
10. *"Tosca" [fantasia ?]* — *G.Puccini*
11. *"Lorn du Bal" [sic]* — *E. Gillet*
12. *"La Bohéme" [?]* — *G.Puccini*

30 de Novembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis (11o concerto)

repertório

1a Parte

1. *"Fin-de-siècle", valsa* — *E. Waldteufel*
2. *"Au moulin"* — *E. Gillet*
3. *"Gavotte"* — *Bachmann*
4. *"Minueto"* — *G. Bolzoni*

5. *"Rigoletto"[fantasia]* _____ *G. Verdi*
6. *"Rapsódia Portuguesa"* _____ *V. Hussla*

2a Parte

7. *"Morena", valsa* _____ *Arão Benjamim*
8. *"Sinfonia dos Granadeiros"* _____ *V. Valente*
9. *"Lain du Bal"[sic]* _____ *E. Gillet*
10. *"Fausto" [grande fantasia]* _____ *C. Gounod*
11. *"Vendedor de Pássaros" [?]* _____ *K. Zeller*
12. *"Amazonense"* _____ *R. Berger*

3 de Dezembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis (12o concerto)

repertório

1a Parte

1. *"Gouthes de Rosé" [?], valsa* _____ *E. Waldteufel*
2. *"I Pagliacci" [?]* _____ *R. Leoncavallo*
3. *"Serenade"* _____ *C. Gounod*
4. *"Fausto" [grande fantasia]* _____ *C. Gounod*
5. *"Tosca" [?]* _____ *G. Puccini*
6. *"Loin du Pays", valsa* _____ *R. Zerner*

2a Parte

7. *"Propheta", marcha* _____ *G. Meyerbeer*
8. *"Tanhauser" [?]* _____ *R. Wagner*
9. *"Os Granadeiros" [?]* _____ *V. Valente*
10. *"Cavalleria Rusticana" [?]* _____ *P. Mascagni*
11. *"Ernani" [?]* _____ *G. Verdi*
12. *"Babillage"* _____ *E. Gillet*

14 de Dezembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis (15o concerto)

repertório

1a Parte

1. *"Granadeiros", poutpourri* _____ *V. Valente*
2. *"Morena", valsa* _____ *A. Benjamin*
3. *"Serenade Hungroise"* _____ *V. Janciéres*

4. *"J'y pensée", gavotte* _____ *R. Eilenberg*
5. *"Trovador", poutpourri* _____ *G. Verdi*
6. *"Loyn du Bal", intermezzo* _____ *E. Gillet*

2a Parte

7. *"Rigoletto" [poutpourri ?]* _____ *G. Verdi*
8. *"Amoureuse"* _____ *R. Berger*
9. *"I Pagliacci" [?]* _____ *R. Leoncavallo*
10. *"Tim-Tim"* _____ *E. Becucci*
11. *"Babillage"* _____ *E. Gillet*
12. *"Loyn du Pays"* _____ *R. Berger*

21 de Dezembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis (17o concerto)

repertório

Todas as peças executadas neste programa são de R. Berger.

1a Parte

1. *"Les Forains", suite*
2. *"Nuages Roses", valsa*
3. *"Amoureuse", valsa*
4. *"Majestic", gavotte*
5. *"Comic", polka*
6. *"Repome et Lamoureuse"*

2a Parte

7. *"Moto-Girl", air anglais*
8. *"Etern Printemps", valsa*
9. *"Modern title", schottisch*
10. *"L'amour qui pane", valsa*
11. *"Joyes Nigres", cake walk*
12. *"Loyn du Pays", valsa*

28 de Dezembro

INSTITUTO DE ARTES · UNESP · BIBLIOTECA

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis (20o concerto)

repertório

1a Parte

1. *" Moto Girl"* _____ *R. Berger*
2. *"Valse bleu"* _____ *Margis*
3. *"Característica", marcha* _____ *G. Michels*
4. *"Célebre gavotte"* _____ *Demarquoy*
5. *"Trovador"* _____ *G. Verdi*
6. *"La response amoureuse"* _____ *R. Zerner*

2a Parte

7. *"Sourir d'Avril", valsa* _____ *M. Depret*
8. *"Immense dolor"* _____ *?*
9. *"L'Amour"* _____ *A. Figueira*
10. *"I Pagliacci" [?]* _____ *R. Leoncavallo*
11. *"Nuages Roses"* _____ *R. Zerner*
12. *"Cake Walk"* _____ *C. Mills*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

1905

2 de Fevereiro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis

repertório

'26o concerto do Quarteto dos Terríveis'

1. *"Revê du Printemps", valsa* — *J.Strauss*
2. *"Il Trovatore", poutpourri* — *G.Verdi*
3. *"Chanson de Bon Vieux Temps"* — *Bachmann*
4. *"Virages Roses", valsa* — *R.Berger*
5. *"Faust", poutpourri* — *C.Gounod*
6. *"Rapsódia Portuguesa", fados* — *I.Hussla*
7. *"Retour de Printemps"* — *E.Waldteufel*
8. *"La Bohéme"* [poutpourri] — *G.Puccini*
9. *"Petit Marquise", gavote* — *Des Marquoy*
10. *"Traviata",poutpourri* — *G.Verdi*
11. *"Serenade de Mandolines"* — *Desormes*
12. *"Cake Walk"* — *K.Mills*

OBSERVAÇÃO:

O jornal "Amazonas", fonte desta notícia, informa-nos ainda que:

"...depois [do Quarteto] apresentar-se-ão o Sr. Gambôa, cantando fados à guitarra e o cançonetista José Vaz."

9 de Fevereiro

local

Provavelmente o Café dos Terríveis

executantes

José Vaz e Raul Plantier (Cançonetistas)

Quarteto dos Terríveis

repertório

1a Parte

Simphonia { *Quarteto*)
José Vaz (imitações)

2à Parte

"Amoreuse" _____ *R.Berger* { *Quarteto* }
Monólogos e imitações, por José Vaz
"Babillage" _____ *E.Gillet* { *Quarteto* }
"Valse du Clicout", "Vous danser marquise" e "Parais a la fenetre", canconetas [sem indicação de autor] { *Raul Plantier* }

3a Parte

"Vin de Pays", valse _____ *R.Berger* { *Quarteto* }
Canções diversas {*José Vaz*}
Fados {*Raul Plantier*}
Caçonetas { *José Vaz* }

5 de Abril

local

Café dos Terríveis

executantes

Quinteto dos Terríveis

repertório

"39o Concerto do Quinteto dos Terríveis"

1. *"Marche des Gemins de Paris"* _____ *R.Berger*
2. *"A propos", intermede* _____ *H.Tellam*
3. *"Cavallaria Rusticana", poutpourri* _____ *P.Mascagni*
4. *"Como esquecer-te", valsa* _____ *R.Donizetti, filho*
5. *"La Mascote", dueto* _____ *E.Audran*
6. *"Zizi", schottisch* _____ *R.Donizetti, filho*

intervalo

7. *"Stephanie", gavote* _____ *Czibulka*
8. *"La Bohéme", poutpourri* _____ *G.Puccini*
9. *"Vendedor de Pássaros", poutpourri* _____ *K.Zeller*
10. *"Sourive d'Avril"*, *valse* _____ *Depret*
11. *"[...] penso", gavote* _____ *Eilenberg*
12. *"Sorrindo", schottisch* _____ *Verdi de Carvalho*

OBSERVAÇÃO

Em 9 de Abril houve o *"40o Concerto"* com omesmo repertório.

15 de Abril

local

desconhecido

executantes

Corbiniano Vilaça (barítono)
Henrique Jorge (violinista), Joaquim Franco (pianista)
Quarteto Carlos Gomes

repertório

1. "I Pagliacci" , prólogo_____R.Leoncavallo {C.V. e Q.}
2. "Vision"_____Fauconier { grupo }
3 "Legenda"_____Wieniawski { H]
4. "Vision Fugitive", da ópera "Herodíade"_____Massenet {C.V.}
2a Parte
5. "Aben Hamet"_____Th. Dubois { C.V. }
6. "Contemplation"_____Fauconier { grupo }
7. "Chant d'amour", da ópera "La Walkyrie"_____R.Wagner {C.V.}
8. "Csard Scenen No5, Op.33"_____Hubay {H.J.}
9. "Canção do Toreador" da ópera "Carmem"___G.Bizet { C.V.}

crítica

Jornal "Amazonas" [crítica favorável ao concerto]

30 de Abril

local

desconhecido

executantes

Arão Benjamin, Carlos Witte, Alcina Calmont, Maria Calmont, Edith Castro Raymundo de Moraes, B.Borba, Clotilde de Lima e Maria Rezende Rubim (pianistas)
Gentil Bittencourt, Lourival Muniz, Paulino de Mello, Ária Ramos (violinistas) e A. Campos (viola ?)
Julieta Stella Braga, Raul Plantier, E.R.Hawkins, E.W Ahlers (cantores)

repertório

1. Ouverture de "La Muete de Portici", p. quarteto_____D.Auber
{ G.B. e L.M. }violinos, { A.Campos }viola ? e {A.B.}piano ou cello
2. "Rapsódia Húngara"_____F.Liszt { C.W. }
3. "Música Proibida"_____Gastaldon {E.R.H. }
4. "An Evening Song"_____J.Rosenthal { E.R.H.}
5. "A Travers Bois", p. piano a 4 mãos___Fischer {C.L. e M.R.R.}
6. "Concerto No6", p. violino_____C.Bériot { P.M. }
7. "Noturno No5"_____F.Chopin { A.C. }
8. "Tema com variações"_____L.Beethoven { A.B. }
intervalo
9. "Penso"_____P.Tosti { J.S.B.}
10. "Voix de Coeur"p. piano a 4 mãos___Gael {E.C. e B.B }
11. "Sonata Op.27 No 2"_____L.Beethoven {R.M.}
12. "Vous danser marquise"_____Lemaire {R.P.}
13. Ouverture de "Poeta e Paisano"____F.Suppé {A.C. e M.C.}
14. "Allerseelentag"_____E.Lascen {E.W.A.}
15. "Valsa Lenta"_____F.Chopin {C.W.}

intervalo

16. *"Tzigana", 'morceaux característico'* ___ *Godard* {A.B.}
17. *"Io vivo e te amo", dueto de canto* ____ *Campana* {J.S.B. e R.P.}
18. *"Rondó"* _____ *F.Mendelsohn* { M.C.}
19. *"Dança Maxixe", da revista "Capital Federal"* __ *N.Milano* {A.R.}
20. *"Rapsódia Húngara" a 4 mãos* ____ *F.Liszt* {A.B. e C.W.}

6 de Maio

local

desconhecido

executantes

Américo Angelo e Arão Benjamin (piano)
Manuel A. de Campos (Flauta ?)
F.Pacciani (violino)

repetório

"Clair de Lune" _____ *C.Debussy*
"Scherzo" _____ *R.Schumann*
"Valsa" _____ *Moszkowsky*
Canções Portuguesas

crítica

Jornal "Amazonas", de 6 de maio.

5 de Agosto

local

desconhecido

executantes

"Concerto do violinista Henrique Jorge, com o concurso dos distintíssimos amadores Edelvira Praguer e Carmem Sarmento [pianistas] e dos inteligentes discípulos Maria Luiza de Queiroz, Abigail de Queiroz, Alcina Calmont [estas duas últimas eram também bandolinistas e tal qual a primeira tocavam piano] e Thimóteo Spíndola, assim como dos amadores Gentil Bittencourt e Paulo Silva [cantor]. E do apreciado flautista SobreiraLima"

repertório

1a Parte

1. *"Sonata Op.8", p. violino e piano* _____ *E.Grieg* { H.J. e E.Pr.}
2. *" ? Op.250 ", p. flauta e piano* _____ *Poppow* {S.L. e M.L.Q.}
3. *" Op.2 Sinfonia" [?]* _____ *F.Mendelsohn* {A. e M.L.Q.}
4. *"Rondó Apassionato", p. 2 violinos e piano* __ *G.Viotti* {T.S. H.J. e A.Q.}
5. *"Polonaise Op. 53"* _____ *F.Chopin* {M.L.Q.}
6. *"Si fossi", romanza* _____ *Quaranta* {P.S. e C.S.}
7. *"Berceuse"* _____ *Romeu Dionesi* {H.J. e E.P.}
8. *"Zamacueca"* _____ *N.Milano* {H.J. e E.P.}

2a Parte

9. *"Concerto em sol menor",p.2 pianos* ___ *F.Mendelsohn* { E.P. e M.L.Q.}
10. *"Serenata Lombarda", p. 2 bandolins e piano* ___ *Walter*

{A.C. e A.Q.} bandolins e { M.L.Q.}piano

11. "Papillon"_____E.Grieg { C.S.}
12. "Noturno", p. flauta,violino e piano___F.Beehr {S.L. , G.B. e C.S.}
13. Trechos das óperas "La Bohéme" , de G.Puccini e "I Pagliacci", de R.Leoncavallo {G.B. e C.S.}
14. "Souvenir d'Amerique"_____H.Vieuxtemps { H.J. e M.L.Q}

crítica

Jornal "Amazonas", de 8 de agosto.

31 de Agosto

local

desconhecido

executantes

Alcindo Barcelos (pianista)
Com a participação de Henrique Jorge (violinista), Isa de Queiroz e Abigail de Queiroz (pianistas)

repertório

1a Parte

"Prelúdio"_____F.Mendelsohn { A.B. }
"Konzertstück"_____Hummel { A.B. }
"Legende"_____Wieniawsky {H.J. e I.Q.}
"Berceuse"_____F.Chopin { I.Q.}
"Polka"_____Scharwenka { I.Q. ? }
"Romance"_____R.Schumann { A.B.}
"Sonata"_____Rubinstein { A.B. }
"Sinfonia", piano a4 mãos___F.Mendelsohn {A. e I.Q.}
"Estudo de concerto"_____F.Liszt { A.B. }
"Scenes de la Csarda"____Hubay {H.J. e A.B.}
"Barcarola"_____F.Mendelsohn { A.B. }
"Sonata"_____G.F.Handel { A.B. }
"Dança Norueguesa"___E.Grieg { A.B. }
"Estudo Transcendente"___F.Liszt { A.B. }

crítica

Jornal "Amazonas"

25 de Outubro

local

Café dos Terríveis

executantes

repertório

Quarteto dos Terríveis

1a Parte

1. *"La Muéte de Portici", ouverture* _____ *D.Auber*
2. *"Serenade des Mandolines"* _____ *Desormes*
3. *"L'amour qui passe", valsa* _____ *Rod. Berger*
4. *"Tosca", selection* _____ *G.Puccini*
5. *"Cocktail", cake walk* _____ *Finch*

2a Parte

1. *"Marche des Cambrioleurs"* _____ *Rod. Berger*
2. *'Solo de violino pelo Prof. Pasciani'*
3. *"Valse sur la montagne"* _____ *Cantish*
4. *"Majesty", gavote* _____ *Rod. Berger*
5. *"Et allez done", polka* _____ *Rod. Berger*

28 de Outubro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis

repertório

1a Parte

1. *Marcha da ópera "Profeta"* _____ *G.Meyerbeer*
2. *"Si j'etais roi", ouverture* _____ *A.Adam*
3. *Pizzicato do balé "Sylvia"* _____ *L.Delibes*
4. *'O célebre Cake Walk, de Linck'*

2a Parte

1. *"La Bohéme", selection* _____ *G.Puccini*
2. *"Pomone", valsa* _____ *E. Waldteufel*
3. *"Coquete", gavote* _____ *Sudessi*
4. *"Carmem", selection* _____ *G.Bizet*
5. *"Hanky Panky", polka* _____ *Coote*

4 de Novembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Empresa Metelo e Soares: *Isolina Santori (Cançonetista e Harpista*
Elvira Beneventi, Jane de Jençais (cançonet.)
Josephina Ferran (cançonetista e bailarina)
'Orquestra sob a regencia de Manoel Coll'

repertório

1a Parte

"Ouverture", pela Orquestra

"Habanera", da zarzuela "Niña Pancha"_____ J.Romea {J.F.}
"Torear pelo fino", cançoneta {J.F.}
"Vissi d'arte", da ópera "Tosca"_____G.Puccini {I.S.}
'Ballada do Guarany'_____ [Carlos Gomes] {I.S.}
"Paloma mia" e "machuca", cançonetas {E.B.}

2a Parte

"Ouverture", pela Orquestra
'Salvador' [provavelmente um humorista ou mágico]

3a Parte

Trechos das zarzuelas "Chateaux Margaux" ___M.F.Caballero
e "Gran Via"_____Chueca e Valverde
" Adio del passato", da ópera "La Traviata" (solo de harpa) {I.S.}
"Siciliana", da ópera "Cavalleria Rusticana" (solo de harpa) {I.S.}

crítica

Jornal "Amazonas", de 5 de novembro [houve reapresentação nesta data]

8 de Novembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis

repertório

1a Parte

1. "Fuentes", passacalle_____C.A.Graça
2. "Campanone", ouverture_____Mazzas
3. "çe que femme veut" [sic], valsa_____Rod. Berger
4. "Ballo in Maschera", selection_____G.Verdi
5. "Parfums Envolés",gavote_____M.Carmai

2a Parte

6. "Moraima",capricho espanhol_____Espinoza
7. "Le Source", valse_____E.Waldteufel
8. "Intermezzo", da ópera "Cavalleria Rusticana"____P.Mascagni
9. "Pole Norde", pas des patineurs_____Strigelli
10. "La Mari-Juana" [sic] , polka_____J.Valverde

11 de Novembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis

repertório

1a Parte

1. "El Portuguesito", passacalle_____Arão Benjamin
2. "Anillo de Hierro", prelúdio do 3o ato_____M.Marques
3. "Les Patineurs", valsa_____E.Waldteufel
4. "Babillage"_____E.Gillet
5. "Il Trovatore", selection_____G.Verdi

2a Parte

6. "Rondo des petits pierrots"_____Bose
7. "Nuages Roses", valsa_____R.Berger
8. "Ballo in Maschera", selection_____G.Verdi
9. "Au Moulin"_____E.Gillet
10. "Confidence", polka_____R.Berger

19 de Novembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Palmira Pires (cançonetista) e Companhia artística Metelo e Soares
Carlos Pestana (diretor do espetáculo)

repertório

"Genro nem pintado", 'música de diversos autores'

Observação:

A Cia. Metelo e Soares ocupou o Teatro Amazonas em 11, 12 e 24 de novembro sendo que nem repertório e nem os artistas que tomaram parte nos espetáculos foram divulgados.

6 de Dezembro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis

repertório

1a Parte

1. Passacalle da zarzuela "Alegria de la huerta"_____F.Chueca
2. "Fra Diavolo", ouverture_____D.Auber
3. "Petit Anoule", valsa_____Rod. Berger
4. "Romance"_____F.Thomé
5. Coro e cavatina da ópera "Lucia di Lamermoor"____G.Donizetti

2a Parte

6. Valsa [?]_____E.Waldteufel
7. Entre acte e gavote da ópera "Mignon"____A.Thomas
8. "Tosca", selection_____G.Puccini
9. "Ella", valsa_____Arão Benjamin
10. ' o célebre Cake Walk de Linck'

13 de Dezembro

local

Café dos Terríveis

excutantes

Quarteto dos Terríveis e Sobreira Lima (flautista)

repertório

1a Parte

1. "Alle et retour", marcha_____A.Taborda
2. "Zampa", ouverture_____Herold
3. "Quand l'amour meurt..."_____Cremiona
4. Pizzicato do balé "Sylvia"_____L.Delibes
5. "Pole Nord"_____Strigiello

2a Parte

6. "Carnaval de Veneza, com variações", 'solo de flauta pelo Prof. Sobreira Lima'_____[?]
7. "Lucia di Lamermoor", selection_____G.Donizetti
8. "Bleu d'azur" [sic], valsa_____H.Reardou
9. "Simple aveu" [sic], romance_____Thomé
10. "Hanky Panky", polka_____Ch. Coote

28 de Dezembro

local

Café dos Terríveis

excutantes

Quarteto dos Terríveis

repertório

1a Parte

1 "Alle et retour", marcha_____A.Taborda
2. "Si j'etais roi", ouverture_____A.Adam
3. "Opris le bal" [sic], songe d'amour_____Czibulka
4. "A toi", valsa_____E.Waldteufel
5. "Cavalleria Rusticana", selection_____P.Mascagni

2a Parte

6. "Delírio del cuore", romanza_____Papini
7. "Sur la montagne", valsa_____Kaulick
8. Pizzicato do balé "Sylvia"_____L.Delibes
9. "Lucrezia Borgia", selection_____G.Donizetti
10. "Souviens toi", valsa_____E.Waldteufel
11. "Voyeux Negres", Cake Walk_____Rod. Berger

1906

9 de Janeiro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis

repertório

1. *"Marche des Bersaglieri"* ____ *R.Eilenberg*
2. *"Suite d'Orchestre - Les Forains: No1, 2 e 3"* ____ *R.Berger*
3. *"Ange d'amour", valse* ____ *E.Waldteufel*
4. *"Danse dans style ancienne"* ____ *Rod. Berger*
5. *"Barbeiro de Sevilha", selection* ____ *G.Rossini*
6. *"Duo de la Africana"[selection ?]* ____ *M.F.Caballero*
7. *"Toujours goussant", valsa* ____ *Arão Benjamin*
8. *"Minuet Rococó"* ____ *Rod. Berger*
9. *"Polka"* ____ *Rod. Berger*
10. *"Marche Saharienne"* ____ *Rod. Berger*

15 ou 16 de Janeiro

local

desconhecido

executante

Paulino Chaves (pianista)

repertório

desconhecido

2 de Março

local

desconhecido

executantes

Corbiniano Vilaça (Barítono)
Carmo Marsicano (violino) e Amaro Barreto(piano)

repertório

1. *"Sonata em Ré, p. violino e piano"* ____ *L. Beethoven*
2. *Ária p. barítono da ópera "Herodíade"* ____ *J.Massenet*
3. *"Noturno em ré bemol"* ____ *F.Chopin*
4. *"Polonaise em dó sustenido menor"* ____ *F.Chopin*
5. *"Fantasie Suedoise"* ____ *Leonard*
6. *"Sonata em dó menor p. violino e piano"* ____ *E.Grieg*
7. *"Romanza Andaluza"* ____ *P.Sarasate*
8. *'Grande ária' p. barítono, da ópera "Ballo in Maschera"* ____ *G.Verd*
9. *"Berceuse"* ____ *G.Fauré*

10. "Scherzo Tarantella"_____Wieniawsky

30 de Março

local

desconhecido

excutantes

"Concerto dos alunos do violinista Henrique Jorge"
Abigail Queiroz,Thimóteo Spíndola, Jacy Cezar e Ma Luísa Miranda Leão, com a participação das pianistas Isa de Queiroz, Cassilda Melo e Lourdes Araújo.

repertório

1. "Sonata Op. 27 No2"_____L.Beethoven {A.Q.}
2. "Reverie"_____R.Schumann {T.S.}
3. "Valse de Concert"_____A.Landry {J.C. e L.A.}
4. "Rondó Op.57"_____Moret {H.J. , A.Q. e C.M.}
5. "Rapsódia Húngara No12"____F.Liszt {I.Q.}
intervalo
6. "Danças Húngaras No2 e No5"___J.Brahms {I. e A.Q.}
7. "Aniello de Hierro", prelúdio____M.Marques {T.S. e H.J.}
8. "Papillon"_____E.Grieg { M.L.M.L.}
9. "Estudo No12"_____F.Chopin {I.Q.}
10. "Polonaise Op26 No7"___F.Chopin {I.Q.}
11. "Andaluza"_____P.Sarasate {H.J. e I.Q.}
12. "Habanera"_____P.Sarasate {H.J. e I.Q.}

20 de Julho

local

Ideal Club

executantes

Domingos Roque (pianista)
Alfredo Santos (flauta), Henrique Jorge (violino), Giorgio Favaron (violoncelo) e Sr. Campello ("Basso").

repertório

1. "Romance Op.4", p. piano_____Domingos Roque { D.R.}
2. "Valsa em ré bemol", p. piano_____M.Faulhaber { D.R.}
3. "Andante do Concerto No6 de Bériot"____P.Poop {A.S.}
4. "Abandono", p. violoncelo_____Angelo Mariani {G.F.}
5. "Berceuse", p.violino [e piano]_____Romeu Dionesi {H.J.}
intervalo
1. "Alma em flor", berceuse_____Júlio Reis { Quinteto}
2. "Nunca mais", gavota_____Domingos Roque { Quinteto}
3. "Prelúdio Op.3", p. piano_____Domingos Roque {D.R.}
4. "Barcarola", p. piano_____Domingos Roque {D.R.}
5. "Tarantela", p.flauta_____Domingos Roque {A.S.}
6. "Andante Maestoso e Allegro de Concerto"___R.Schumann {D.R. e ?}

23 de Julho

local

Praça XV de Novembro

executantes

Bandas de Música do 1o e 2o Batalhão doEstado. Aristides Bayma - reg.

repertório

1. *"Tanhauser", marcha_____R.Wagner*
2. *"Cavalleria Rusticana", prelúdio e marcha_____P.Mascagni*
3. *"Rigoletto", poutpourri_____G.Verdi*
4. *"Poet e Paysan", ouverture_____D.Auber*
5. *Introdução da ópera "Carmem"_____G.Bizet*
6. *"Propheta", marcha_____G.Meyerbeer*
7. *"Um dia em Sevilha", fantasia_____ ?*
8. *"Alessandro Stradella", ouvertura____F.Flotow*

crítica

Jornal "Amazonas", de 24 de julho de 1906.

23 de Julho

local

Palácio do Governo

executantes

Melles. Ricordeau (sopranos) *Mrs.Demauroy (tenor)*
Berthy *Vilette (barítono)*
Delmay *Cerviéres (baixo)*
Armel *Duvernet (baixo)*
Boni *Mr.Bonafous (piano)*

repertório

1. *"Pauvre Fous", romance_____Tagliaphico* *{ Cerviéres }*
2. *"Romance"_____[Tagliaphico ?]* *{ Armel }*
3. *"Cruelie Casée" [?], bolero_____Vasseur* *{ Vilette }*
4. *"Je suis rieuse"_____E.Boni* *{ Boni }*
5. *"Stances", romance_____Flegier* *{ Demauroy }*
6. *"La fille de Mme. Angot", dueto____C.Lecocq* *{Ricordeau e Berthy}*
7. *"Dons Biblions", monólogo_____?* *{ Mr.Devilliers}*
8. *"Eclat de rire", da ópera Manon____J.Massenet* *{ Berthy }*
9. *"De sa mére de souvient toujours"____?* *{ Duvernet }*
10. *"Air de l'opera "Mireille"_____C.Gounod* *{ Delmay }*

crítica

Jornal "Amazonas", de 24 de julho de 1906.

23 de Julho

local

Palácio do Governo

executantes

Orquestra da Companhia Lyrica Francesa sob a regência de Eduard Boni

repertório

1. *"Chasse Royale", valse* — *Franz*
2. *"Pas de patineurs",schottisch* — *Sandoz*
3. *"Zigennerbaron",quadrilha* — *Strauss*
4. *"Les Beaux Yeux", polka* — *Krose*
5. *"Suzon", valsa* — *L.Ganne*
6. *"Maria", schottisch* — *N.N. [?]*
7. *"Ein nacht in Venedig", quadrilha* — *Strauss*
8. *"Con slancio" [?], polka* — *A.Bayma*
9. *"Caresse", valsa* — *Pary*
10. *"Luizinha", schottisch* — *R.Donizetti [?]*
11. *"Ninette", quadrilha* — *Strauss*
12. *"Carte de visite", polka* — *Frank*
13. *"Lanceiros"* — *F.Schubert*
14. *"Magui", schottisch* — *N.N. [?]*
15. *"Veglione", polka* — *Becucci*

crítica

Jornal "Amazonas", de 24 de julho de 1906.

14 de Outubro

local

Teatro Amazonas

executantes

"O violinista amazonense José Sabatini rege uma orquestra de 20 músicos"

repertório

1a Parte

1. *"Marcha Turca"* — *W.A.Mozart*
2. *"Minueto da sinfonia "A Caça"* — *J.Haydn*
3. *"Abertura da ópera "Bodas de Fígaro"* — *W.A.Mozart*

2a Parte

1. *"Largo e Introdução do 4o oratório" [?]* — *G.F.Handel*
2. *"Canto da Noite"* — *R.Schumann*
3. *"Sinfonia da ópera "La Gazza Ladra"* — *G.Rossini*

8 de dezembro

local

Theatro Polytheama

executantes

Três Bemoes

repertório

desconhecido

Observação

Repetiu-se o espetáculo em 19 de dezembro.

26 de Dezembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Paulino de Mello, Raymundo Filgueiras, Geraldo Amorim, Gentil Bittencourt (violinistas) , Antão Campelo, Hugo Pagani, Sobreira Lima (flauta) Cesar Vesce (violoncelo), Pedro Belfort (viola), Fulgêncio de Souza Celeste Ramos (piano), Maria Bosi (soprano) e Giácomo Cornetto(reg.)

repertório

"Legende Valacque"	*G.Braga*	*{M.B. e G.C.}*
"Balatta de Ceci", da ópera 'O Guarany'	*C.Gomes*	*{M.B. e G.C.}*
"Sinfonia Dramática"	*Giacomo Cornetto*	*{ Orquestra}*
"Noturnos , Op.9 e Op.15"	*F.Chopin*	*{G.C.}*
"Scherzo valse"	*Moszkowsky*	*{G.C.}*
"Sonate au clair de lune"	*L.Beethoven*	*{G.C.}*
"Paraphrase do Rigoletto"	*F.Liszt*	*{G.C.}*

crítica

Jornal "Amazonas", de 28 de dezembro de 1906.

Obsevação

Somente pela crítica do "Amazonas" foi possível saber que tinha havido este concerto. As peças acima citadas são apenas algumas do vasto programa daquela noite e mesmo assim a ordem em que estão dispostas acima não há de corresponder à verdadeira. As composições do maestro Giacomo Cornetto apresentadas àquela noite, à exceção de sua "Sinfonia Dramática", são desconhecidas de nós no momento. Veja-se o texto da crítica citada:

> *"O maestro Cornetto apresentou-se também ao público do Amazonas como compositor fazendo executar por um quinteto as suas composições..." ("Amazonas", 28 de dezembro de 1906)*

1907

3 de Janeiro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quarteto dos Terríveis

repertório

1a Parte

1. *"A passagem do regimento", marcha* — *Calamo [?]*
2. *"J'ai per d'aimer", valse* — *Rico*
3. *"Trovatore", poutpourri* — *G.Verdi*
4. *"Elegância Amazonense", schottisch* — *G.Cornetto*
5. *"La Bohéme", poutpourri* — *G.Puccini*
6. *"Les Saltimbanques" [poutpourri ?]* — *L.Ganne*

2a Parte

7. *"The Permans Brooklin", cake walk* — *?*
8. *"Fin de siècle", valsa* — *E. Waldteufel*
9. *"Nabuco", poutpourri* — *G.Verdi*
10. *"Gueisha", poutpourri* — *Sidney*
11. *"Vendedor de pássaros", poutpourri* — *K.Zeller*
12. *"A Francesa", marcha* — *Kaiser*

13 de Janeiro

local

desconhecido

executantes

Banda de música do 2o batalhão de infantaria do Estado

repertório

1. *"Fuon bland", marcha* — *?*
2. *"Die Aprikareise" [?], polka* — *F.Suppé*
3. *"Valsa"* — *E.Waldteufel*
4. *"Der kilgere gibtlmarche"[?], Polka mazurka* — *J.Strauss*
5. *"Gasparone", poutpourri* — *K.Milhöcker*
6. *"Polka"* — *Dellinger*
7. *"Les Patineurs", valse* — *E.Waldteufel*

8. *"Pora Maura" [?], polka* — *J.Bayer*
9. *"Polka Mazurka"* — *K.Milhöcker*
10. *"Marche"* — *F.Suppé*

16 de Janeiro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quinteto dos Terríveis

repertório

1a Parte

1. *"Viennais", marcha* — *Beyer [?] (Bayer)*
2. *"Les Saltimbanques", poutpourri* — *L.Ganne*
3. *"Nabuco", poutpourri* — *G.Verdi*
4. *"Souvenirs", valsa* — *L.Ganne*
5. *"Gueisha", poutpourri* — *Sidney*
6. *"Mazurka"* — *Becucci*

2a Parte

7. *"Le corso blanc", marcha* — *Tellam*
8. *"Serenade Espagnole"* — *Metra*
9. *"Elegância Amazônica" [?], schottisch* — *G.Cornetto*
10. *"Valsa"* — *E.Waldteufel*
11. *"La Matchiche"* — *Clerc*
12. *"Le Cakewalk"* — *Webbs*

2 de Fevereiro

local

Café dos Terríveis

executantes

Quinteto dos Terríveis

repertório

1a Parte

1. *"Marche Tyrolienne"* — *Berger*
2. *"As ondas do Guajará", valsa* — *G.Cornetto*
3. *"Il Trovatore", poutpourri* — *G.Verdi*
4. *"Souvenirs", valsa lenta* — *GuidoGazoppi*
5. *"Cavalleria Rusticana", intermezzo* — *P.Mascagni*
6. *"Le bloc français", chanson* — *Binetti*

2a Parte

7. *"Les Saltimbanques", valse* _____ *L.Ganne*
8. *"Carmem", habanera* _____ *G.Bizet*
9. *"Mazurka"* _____ *Becucci*
10. *"Fin de siècle", valsa* _____ *E.Waldteufel*
11. *"A francesa", marcha* _____ *Kaiser*
12. *"Galopp"* _____ *Neul [?]*

14 de Março

local

Chalet Jardim

executantes

Não identificado, mas pelo repertório é pelo menos um quarteto de cordas.

repertório

1a Parte

1. *"Le Gamin de Paris", marcha* _____ *Beyer*
2. *"Danube Valse"* _____ *J.Strauss*
3. *"Cavatina"* _____ *Barge*
4. *"Gueisha", valsa* _____ *Sidney*
5. *"Minueto"* _____ *M.Voigt*
6. *"Quand amour muert" [?], valsa* _____ *Cremiense [?]*

2a Parte

7. *"Japonez", marcha* _____ *Fluclider [?]*
8. *"Fin de siècle", valsa* _____ *E.Waldteufel*
9. *"Noturno"* _____ *O.Klose*
10. *"Nabuco", poutpourri* _____ *G.Verdi*
11. *"Elegância Amazonense", schottisch* _____ *G.Cornetto*
12. *"Vienois", marcha* _____ *Beyer [?]*

16 de Março

local

Chalet Jardim

executantes

Provavelmente um quarteto ou quinteto de cordas
[repertório bastante semelhante ao executado pelo Quarteto dos Terríveis]

repertório

1a Parte

1. *"A passagem do regimento", marcha* _____ *Calamor*
2. *"Vendedor de Pássaros", valsa* _____ *K.Zeller*
3. *"La Serenata"* _____ *Silvestri*
4. *"Guarany", aventuriosa [?]* _____ *C.Gomes*
5. *"Fausto", valsa* _____ *C.Gounod*
6. *"Gioconda", romanza* _____ *A.Ponchielli*

2a Parte

1. "Indiana", marcha _____ *Cremieux*
2. "Cavalleria Rusticana", valsa _____ *P.Mascagni*
3. "Valsa" _____ *E.Gillet*
4. "Aida", poutpourri _____ *G.Verdi*
5. " Neapel", valsa _____ *E.Waldteufel*
6. "Tyrolienne", marcha _____ *R.Berger*

19 de Março

local

Não divulgado

executantes

Elpídio Pereira (violino), coadjuvado por:
Sobreira Lima, Salles Vieira, Manuel Alfredo de Campos, R.Benayon(flautas), Paulino de Mello, Gentil Bittencourt e Raymundo Filgueiras (violinos) PedroBelfort(viola), Cesar Vesce (violoncelo), Fulgêncio de Souza (contrabaixo), Celeste Ramos, Edelvira Praguer, Adelaide Carneiro da Costa, GiacomoCornetto e Domingos Roque (pianistas)
Mathilde Schiavinato (soprano) **?**

repertório

1a Parte
1. "Cena de Ballet", p. violino e piano _____ *C.Bériot {E.P. e C.R.}*
2. "Canção do Soldado", p. cordas e piano _____ *E.Pereira*
{ R.F. e G.B.} vln. {P.B.}vla. {C.V.}cello {F.S.}cbx. {D.R.}piano
3. "1o Noturno", p. piano, violino e flauta _____ *F.Behr {A.C., P.M. e S.L.}*
4. "Mazurkas: Obertass e ?" _____ *Wieniawsky { Ed.P.}*

2a Parte
1. "Valsa", p. piano _____ *Moszkowsky {A.C.}*
2. "Qurteto p. flautas" _____ *Kuhlau*
3a. "Tristesse" _____ *C.Chaminade {C.R.}*
3b. "Castagnetta" _____ *Ketten {C.R.}*
4a. "Noturno Op.48 No1" _____ *F.Chopin {Ed.P.}*
4b. "Encourant" _____ *B.Godard {Ed.P.}*

3a Parte
1. "Tanhäuser", abertura, p.piano à 4 mãos, violino e viloncelo _____ *R.Wagner {Ed.P. e C.R.}piano {E.P.}vln. {C.V.} cello*
2a. "Vision" _____ *G.Cornetto*
2b. "An Bach ", p. quinteto de cordas, flauta e piano _____ *G.Cornetto*
{P.M. e G.B.}vln. {P.B.}vla {C.V.}cello {F.S.}cbx {G.C.}piano
3a. "Legenda", p.piano e violino _____ *E.Pereira*
{E.P. e Ed.P.}
3b. "Serenata", p.piano e violino _____ *E.Pereira*
{E.P. e C.R.}
4. "Ária de dança", p. instrumentos de arco, 4 flautas e piano _____ *E.Pereira*
{R.F. e G.B.}vln. {P.B.}vla / {C.V.}cello/ {F.S.}cbx {D.R.}piano

20 de Março

local

Chalet Jardim

executantes

Quarteto de cordas ?

repertório

"Músicas de Berger(2), Verdi (poutpourri da Traviata), Micael, Depret, Binetti, Nevi, Sidney, Balzari, Czibulka, Corbin e Wagner."

27 de Março

local

Chalet Jardim

executantes

Quarteto de cordas ?

repertório

1. "Caminhos de Paris" _____ *R.Berger*
2. "Valse lente" _____ *Vitmann*
3. "Aniello de Hierro", prelúdio _____ *M.Marquez*
4. "Danza Campestre" _____ *Mussa*
5. "Reverie" _____ *Panizza*
6. "Fleur d'or" _____ *E.Waldteufel*
7. "Wienner Schalbein", marcha _____ *Bayer*
8. "Les Saltimbanques", valsa _____ *L.Ganne*
9. "Cavatina" _____ *Varge [?]*
10. "Geisha", poutpourri _____ *Sidney*
11. "Marcha" _____ *Rico*
12. "Cakewalk" _____ *Webbs*

15 de Abril

local

Não divulgado

executantes

"Celeste Ramos (piano), com a participação:
das suas discípulas Marina e Honorina Amora
da artista lírica da Cia. francesa Mme. Boni
do barítono da mesma Cia. Sr. Trintignan
e do maestro Giacomo Cornetto."
[E mais o flautista Sobreira Lima e o violinista / compositor Elpídio Pereira.

repertório

1a Parte

1. "En Songe, estudo artístico" _____ *Godard* *{C.R.}*
2. "Gazouillement du printemps" _____ *Sinding* *{C.R.}*
3. "Benvenuto", ária _____ *Diaz* *{T. e G.C.}*

4. "Valsa Brilhante", piano à 4 mãos_____Lysber {H.A. e C.R.}
5. "Oeuvre tesguex bleu" [?]_____J.Massenet {B. e G.C.}
6. "Priére"_____A.Nepomuceno {E.P. e C.R.}
7. "Aragonesa"_____E.Pereira {E.P. e C.R.}

2a Parte

1. "Mar calmo e feliz viagem"_____F.Mendelsohn {M.A. e C.R.}
2. "Solo romântico"_____Briccialdi {S.L. e G.C.}
3. "Valsa Op.64 No2"_____F.Chopin {C.R.}
4. "Sharwenka", dança polaca_____? {C.R.}
5. "Misére et gonié"_____Arnaud {T. e G.C.}
6. "Valsa Op.64 No1"_____F.Chopin {C.R.}
7. "Serenate Badine"_____G.Marie {E.P. e C.R.}

3 de Maio

local

Teatro Amazonas

executantes

Membros da Cia. lírica francesa
Soprano: Melles. Mendez, Conte, Boni e Moska.
Mezzo-soprano: Melle. Demours
Tenor: Mr. Hughes
Barítono: Mr. Valdor e Manent [provavelmente um baixo-barítono]
Baixo: Mr.Darnaud

repertório

1a Parte

Hino Nacinal [Espetáculo comemorativo ao descobrimento do Brasil]
1. "Sinfonia do Guilherme Tell"_____G.Rossini
2. "Credo du chemmeau"_____Joubert {Man.}
3. "Je suis rieuse"_____E.Boni {B.}
4. "La Favorita", ária do 2o ato_____G.Donizetti {T.}
5. "La Favorita", duo do 2o ato_____G.Donizetti {C. e T.}
6a. "Je ne chante que le vin"_____Lamare {V.}
6b. "Titania - Ronde infernale"_____Lamare {V.}
7. "Grande ária da Africana"_____G.Meyerbeer {H.}
8. "Habanera", da ópera "Carmem"_____G.Bizet {Dem. }
9. "L'Arlesienne", suite d'orchestre_____G.Bizet

2a Parte

10. "Prelúdio da ópera Rigoletto"_____G.Verdi
11. "Ária do 2o ato da ópera Rigoletto"_____G.Verdi {Mend.}
12. "Recitativo e dueto do Rigoletto"_____G.Verdi {Mend., V. e Da.}
13. "Grande ária da ópera I Pagliacci"____R.Leoncavallo {Dem.}
14. "Quarteto do 3o ato da ópera Rigoletto___G.Verdi {Men. Mos. V. H.}

3a Parte

15. "Tutti ih Maschera",ouvertura p. orq._____Pedrotti
16. "Divertissements "_____Lacombe
17. "Sinfonia do Guarany"_____C.Gomes

13 de Maio

local

Cathedral de Manaus

executantes

"Será um concerto à grande orquestra e canto..." [...] "São iniciadores desta idéia, que toda Manaus há de aprovar, os maestros Joaquim Franco e Elpídio Pereira, encarregando-se este de sua organisação e direcção..."
Canto: Sr. Manent (baixo) e Sr. Tritignan (barítono)
Orquestra de 40 professores sob direção de Elpídio Pereira.

repertório

1. *"Prelúdio Symphonico", a grande orquestra* _____ *E.Pereira*
2. *"Hosannah !", canto da Páscoa* _____ *J.Granier {T.}*
3. *"Meditação", p. instrumentos de arco* _____ *E.Pereira*
4. *"Priére", p. instr. de arco* _____ *A.Nepomuceno*
5. *"Dieu et la Nature", Invocação* _____ *E.Pereira {M.}*
6. *"Episódio Symphonico"* _____ *F.Braga*
7. *"A Missão de Jesus", poema sinfônico* _____ *E.Pereira*
8. *"Cavatina"* _____ *Halevy {M.}*
9. *"Noturno"* _____ *E.Pereira*
10. *" Rêverie"* _____ *A.Levy*
11. *"A la viérge", priére* _____ *E.Pereira {T.}*
12. *"Elégie"* _____ *D.de Carvalho*
13. *"Marcha Nupcial"* _____ *E.Pereira*

14 de Maio

local

Teatro Amazonas

executantes

Américo Ângelo (pianista), com a participação de Mr. Valdor (barítono)

repertório

1a Parte

1. *3 Lieds: "Das Abends", "Aufschwung" e "Warum ?"* _____ *R.Schumann*
2. *"Scherzo"* _____ *R. Schumann*
3. *"Pátria", p. canto e piano* _____ *Paladilhe*
4. *"Sonata Op.27"* _____ *L.Beethoven*

2a Parte

1. *"Legenda"* _____ *Elpídio Pereira*
2. *"Serenade Badine"* _____ *G.Morris*
3. *"Fantasias"* _____ *Américo Ângelo*
4. *"Canções"* _____ *Américo Ângelo*
5. *"Impromptu"* _____ *F.Chopin*
6. *"Charité"* _____ *G.Fauré*
7. *"Capricho"* _____ *Américo Ângelo*
8. *"Étude"* _____ *F. Liszt*

crítica

Jornal "Amazonas", de 15 de maio de 1907.(Mudanças de última hora no programa de concerto incluíram as 2 primeiras peças da 2a parte que tiveram a assistencia do violinista e compqsitor Elpídio Pereira.)

21 de Maio

local

Casino Julieta (inauguração)

executantes

Grupo dramático Pestana, o violoncelista Luiz Figueras e
Membros da Cia. lírica francesa, com a orquestra dirigida por Eduard Boni
Sopranos: Melles. Mendez de León, Conti e Botti
Barítono: Mr. Trintignan
Baixo: Mrs. Manent e Darnaud
Acompanhamentos de piano por Mr. Dolne

repertório

1a Parte

" O pato assado", comédia_____ ? *{G.P.}*

2a Parte

1. "La muette de portici", ouverture_____ D.Auber
2. "Ária da Santuzza" ["Cavalleria Rusticana"]___ P.Mascagni {B.}
3. "Ária benevenuto"_____ Dias {T.}
4. "Stauce[?] da ópera Lakmé"_____ L.Delibes {D.}
5. "Grande Ária de La Juive"_____ Halevy {C.}

3a Parte

"Nhó Manduca", comédia_____ ? *{G.P.}*

4a Parte

1. "O Califa de Bagdá", ouverture_____ Boieldieu
2. "Robert le diable", evocação_____ G.Meyerbeer {M.}
3. "Tosca", ária_____ G.Puccini {B.}
4a. "Romance Brasileiro"_____ A.Napoleão {L.F.}
4b. "Minueto e solo da grande ária de Thais"___ J.Massenet {M.L.}

28 [?] deMaio

local

Club Internacional

executantes

Luís Figueras(violoncelista), com a participação de Sobreira Lima(flauta) Geraldo Amorim, Gentil Bittencourt (violinistas).
*[O nome de Armando Lameira, violinista paraense, aparece como acompanhante de piano em 2 peças (*) e Mr. Dolne, pianista da Cia. lírica francesa, em apenas uma (=).]*

repertório

"Quarteto p. flauta e cordas"_____ L.Boccherini
"Quarteto p. flauta e cordas"_____ F.Kuhlau
*"Souvenir d'Amerique"_____ H.Vieuxtemps **

"Mazurka Obertass" _____ *Wieniawsky* *
"Polonesa", p. violoncelo e piano _____ *Metsdorff*
"5ème morceau de concert", p. flauta e piano ___ *G.Popp* #
"Csardas" _____ *Fischer*
"Grande Concerto" _____ *Goltermann*
"Minueto" _____ *Becker*
"Romance Brasileiro" _____ *A. Napoleão*

crítica

Jornal "Amazonas", de 29 de maio de 1907.

1o de Junho

local

Teatro Amazonas

executantes

"Festa artística do barítono Valdor com a participação da Sra Comte(sopr.)"

repertório

Trechos das óperas "L'Africaine", "O Guarany" e "La Juive"

8 de Junho

local

Salão Nobre da Intedência Municipal

executantes

"Festival artístico do violoncelista Luís Figueras". "Acompanhamentos de piano pelo prof. França."

repertório

1a Parte

"Cavatina" _____ *A.Raff*
"Minueto" _____ *Becker*
"Romanza" _____ *Popper*
"Czardas" _____ *Fischer*
"Concerto" _____ *Goltermann*

2a Parte

"Adagio" _____ *Goltermann*
"Concerto Polonês" _____ *Metsdorff*
"Capricho", p. violoncelo solo ____ *G.Platti*
"Melodia" _____ *Rubinstein*

16 de junho

local

Café Riche

executantes

Sobreira Lima (flauta) e o "quarteto da casa".
*[Possivelmente Armando Lameira é um dos violinistas deste quarteto. Seu nome aparece em 2 peças (*). Também aparecem o flautista A. deCampos e o pianista Guido Gazoppi (#).]*

repertório

1a Parte

1. *"Marche Tyrolienne"* _____ *R.Berger* *{Q.}*
2. *"Cavalleria Rusticana", poutpourri* _____ *P.Mascagni* *{Q.}*
3. *"Amorini in festa", scherzo p. flauta* _____ *Zamperoni* *{S.L.}*
4. *"1o Noturno", p. flauta, violino e piano* _____ *Fr. Behr* * #
5. *"Souvenir de Prague", duo p. flautas* _____ *Ch. Doppler*

2a Parte

6. *"Legende", p. violino* _____ *Wieniawsky* *
7. *"Pizzicato"* _____ *E.Gillet* *{Q.}*
8. *"La Mascotte (duo)" [?]* _____ *E.Audran*
9. *"La Chasse", galopp p. flauta* _____ *G.Popp*
10. *"Fin de siècle", valsa* _____ *E.Waldteufel* *{Q.}*

20 de Junho

local

Café Riche

executantes

Quarteto de Cordas. "Concerto das 8 às 11 da noite."

repertório

1a Parte

1. *"Os caminhos de Paris", marcha* _____ *R.Berger*
2. *"Deux a deux", valsa* _____ *E.Waldteufel*
3. *"Rigoletto", poutpourri* _____ *G.Verdi*
4. *"Sourir d'avril", valsa* _____ *Depret*
5. *"Lucia di Lamermoor", poutpourri* _____ *G.Donizetti*

2a Parte

6. *"La matchiche", dança espanhola* _____ *Blerc*
7. *"Fausto", valsa* _____ *C.Gounod*
8. *"Os Granadeiros", tirolesa* _____ *V.Valente*
9. *"Marche Marcaque" [?]* _____ *Cervantes*
10. *"Gran Galopp"* _____ *Cerri*

10 de Agosto

local

Não divulgado

executantes

Paulo Tagliaferro (piano)

repertório

1a Parte

1. *"Prelúdio e fuga em Lá menor (de órgão)"* _____ *Bach / Liszt*
2. *"Warum ?" [quem cantou ?]* _____ *R.Schumann*
3. *"Saudades"* _____ *Henrique Oswald*
4. *"Idylle"* _____ *Chabrier*
5. *"Sonata em Lá"* _____ *D.Scarlatti*
6. *"Grande Sonata em lá bemol"* _____ *L.Beethoven*

2a Parte

1. *"Prelúdio"* _____ *F.Chopin*
2. *"Noturno em fá#"* _____ *F.Chopin*
3. *"2 Mazurkas"* _____ *F.Chopin*
4. *"Valsa em dó# menor"* _____ *F.Chopin*
5. *"Polonaise em dó# menor"* _____ *F.Chopin*
6. *"Noturno 1"* _____ *Field*
7. *"Romance"* _____ *A.Napoleão*
8. *"Grande Fantasia triunfal sobre o Hino Nacional brasileiro"* _____ *L.M.Gottschalk*

14 de Agosto

local

Club Internacional

executantes

"Festa artística de Corbiniano Vilaça [barítono], com a prticipação de Regina Balaguer [?], Antonio Gomes [violinista], Domingos Roque [pianista] e Arão Benjamin [pianista].

repertório

Não divulgado

14 de Agosto [?]

local

Intendência Municipal ?

executantes

Quinteto formado por Manoel Campos (Seria o flautista A. de Campos ?), Hugo Pagani, Armando Lameira, Fulgêncio de Souza e Arão Benjamin

repertório

Poutpourris de óperas e operetas: "Il Trovatore", "Carmem", "Mascote", "Cavalleria Rusticana" e "La Gitana". Finalizaram com o Hino Nacional.

15 de Agosto

local

Palácio do Governo

executantes

"...tocaram [na praça em frente ao Palácio do Governo] as bandas do Regimento Militar do Estado regidas por Aristides Bayma..."
"...depois [dentro do Palácio do Governo], começou a 'soirée'."
[Desta 'soirée' participaram o pianista Paulo Tagliaferro, a orquestra da Cia. lírica francesa, e a soprano Melle. Boni.]

repertório

Das bandas do Regimento Militar:

1. *"Marcha da ópera O Profeta"* _____ *G.Meyerbeer*
2. *"Carmem", seleção* _____ *G.Bizet*
3. *"Guilherme Tell", ouverture* _____ *G.Rossini*
4. *"Cavaleria Rusticana", intermezzo* _____ *P.Mascagni*

Da 'soirée':

1a Parte

1. *"Meditação",p. orquestra* _____ *Elpídio Pereira*
2. *"Mazurkas", p. piano* _____ *F.Chopin*
3. *"Ária de Micaela, da ópera Carmem"* _____ *G.Bizet*
4. *"Minueto", p. orquestra* _____ *Elpídio Pereira*

2a Parte

5. *"Mathilde", gavote p. orquestra* _____ *E.Boni*
6. *"Sonata em lá menor"* _____ *D.Scarlatti*
7. *"En sourdine", romance* _____ *Cellame*
8. *"Marcha Nupcial", p. orquestra* _____ *Elpídio Pereira*

"Após este concerto [...] teve início ao programa dançante: valsas, polkas, schottischs, quadilhas ..."

crítica

Jornal "Amazonas", de 16 de agosto de 1907.

17 de Agosto

local

Casino Julieta

executantes

Antonio Gomes (violinista), com a participação de Gentil Bittencourt (violino), Ildefonso Pereira (violoncelo ?), Fulgêncio de Souza (contrabaixo), Arão Benjamin (piano) e Corbiniano Vilaça (barítono).

repertório

Conhece-se apenas as peças que teriam sido executadas por Antonio Gomes:

"Grande Fantasia Militar" _____ *Leonard*
"Legende" _____ *Wieniawsky*

"Revêrie" _____ *Mynarski*
"Mazurka" _____ *Mynarski*

30 de Agosto

local

Residência do sr. Paes de Andrade

executantes

Andrés Daumau (violinista da Cia lírica francesa)
Não foram divulgados outros nomes, de possíveis acompanhantes.

repertório

"...peças de Hauser dentre outros..."

crítica

Jornal "Amazonas", de 30 de agosto de 1907.

? de Setembro

local

Salão Nobre da Intendência Municipal

executantes

Andrés Daumau (violinista), com a participação de Edelvira Praguer (pianista), Eduardo [sic] Boni (maestro da Cia lírica francesa) e Domingos Roque (pianista)

repertório

Desconhecido

14 de Setembro (?)

local

Teatro (Casino) Julieta

executantes

Não divulgados

repertório

Revista "Manaus em Relance", peça de Jovelino de Souza e música de Domingos Roque

crítica

Jornal "Amazonas", de 15 de Setembro de 1907.

Observação

Esta revista deveria ser aumentada para ser levada no Teatro Amazonas.

13 de Novembro

local

Club Internacional

executantes

"Festa artística do tenorino José Maragliano Júnior..." [Sem mais nomes]

repertório

Desconhecido

19 de Novembro

local

Club Internacional

executantes

José Maragliano Jr.(o "tenorino"), "... gentilmente auxiliado pelos profs. Domingos Roque, Antonio Campos, Quintino Cunha e Patrocínio Filho."

repertório

Desconhecido

12 de Dezembro

local

Desconhecido

executantes

"Récita organizada pelo ator cômico Machado [...] participam Emília Rebelo, Mercedes Balart, Mathilde, Lino Rebello, Fraga, Carlos Pestana, Henrique Maia [e Machado].

repertório

"O Eclypse", vaudeville em 2 atos ornado de música _____ ?
"Alguns intermédios" [sic]
"Os 30 botões", peça ornada de música _____ ?

1908

1o de Janeiro

local

Teatro Amazonas

executantes

Orquestra dirigida por Alfredo Santos, para acompanhar o espetáculo do

'Cinematógrapho fallante' da Empreza Fontenelle.

repertório

Desconhecido

13 de Janeiro

local

Club Internacional

executantes

Martiniano Brandão (bandolinista), com a participação de Armando Lameira (violino [e talvez piano]), Domingos Roque (piano), J.Moreira(?) e um quinteto de cordas.

repertório

1. *"Inspiration"* _____ *Patierno* *{M.B.}*
2. *"Sonho"* _____ *R.Schumann* *{A.L.}*
3. *"Diálogo"* _____ *Domingos Roque* *{D.R.}*
4. *"Cavalleria Rusticana", intermezzo* __ *P.Mascagni* *{M.B. e J.M.}*
5. *"Valsa"* _____ *Martiniano Brandão* *{M.B.}*
6. *"Souvenir d'Amerique"* _____ *H.Vieuxtemps* *{A.L.}*
7. *"Impromptu"* _____ *Domingos Roque* *{D.R.}*
8. *"Valsa de La Bohéme"* _____ *G.Puccini* *{M.B., J.M. e D.R.}*
9. *"La fille de Mme.Angot"* ____ *C.Lecocq* *{Q.}*

18 de janeiro

local

Teatro Julieta

executantes

Nena Gil, Mercedes Balart, Mathilde Costa, Valentina, D'Elias e Machado.

repertório

-Cançonetas, romanzas, serenatas, "Ballata da ópera O Guarany"; divididos em 2 partes e com participação igual dos cançonetistas.

- "A viúva das camélias", 'comédia em 1 ato ornada de música'

19 de Janeiro

local

Teatro Amazonas

executantes

Grupo Dramático "Gil Vicente"

repertório

"...espetáculo dedicado à Associação Comercial do Amazonas, com a comédia 'Médicomania', a opereta 'Os Noivos de Margarida' e um variado intermezzo.

19 de Janeiro

local

Salão Nobre da Intendência Municipal

executantes

Elpídio Pereira, "com o concurso de valores amadores"

repertório

1a Parte

1. *"Fantasie Ballet", p. violino e piano_____C.Bériot*
2. *"Meditação", p.violino, alto, oboé, harmônio e piano__Elpídio Pereira*
3. *"Ária de Iberê", da ópera "Lo Schiavo", p. barítono e piano__C.Gomes*
4. *"Noturno No3", p. violino, harmônio e piano_____Elpídio Pereira*
5. *"Reveuse" [?], p. violino e piano_____Ch.Bériot*
6. *"Aragonesa", p. violino e piano_____Elpídio Pereira*

2a Parte

7. *"Priére", p. violino, alto e piano_____A.Nepomuceno*
8. *"Romance sem palavras", p. violino, alto e piano____E.Pereira*
9. *"Sansão e Dalila", [fantasia ?] p. violino, oboé, harmônio e piano _____C.Saint-Saens*
10. *"J'aime", romance p. berítono, violino e piano____Elpídio Pereira*
11. *"Meditação de Thaís", p. violino, oboé, harmônio e piano___J.Massenet*
12. *"Minha Terra", serenata p. barítono, violino e piano__Elpídio Pereira*

23 de Janeiro

local

Teatro Julieta

executantes

Companhia de Variedades. " Estréia da 1a cançonetista Rosita Portuguesa"

repertório

"O Eclypse", 'vaudeville ornado de música'

Obsevação

Repetiu-se em 25 deste mesmo mês.

6 de Março

local

Club Internacional

executantes

Armando Lameira (violino), com a participação dos professores: Alberto Lavandeyra (violino), Manuel Campos (viola), João Moreira(violoncelo), Guido Gazoppi e Domingos Roque (pianistas); e dos seus distintos alunos: Nanete Worms, Eloy Cezar, Cícero Bezerra, Consuelo Canuto, Celeste Maia e Raphael Afialos.

repertório

1. "Poet e Paysan", abertura_____F.Suppé {Quint.}

2. *"Ave Maria"* _____ *C.Gounod* *{ alunos }*
3. *"Aída", fantasia* _____ *G.Verdi*
4. *"Grande Duo Concertante" p. 2 violinos e piano* ____ *C.Bériot*
5. *"Obertass Mazurka"* _____ *Wieniawsky* *{A.L.}*
6. *"Romanza Andaluza"* _____ *P.Sarasate* *{A.L.}*
7. *"Le Retour", marcha* _____ *Dancia [?]* *{ alunos }*
8. *"Si j'etais roi", sinfonia* _____ *A.Adam* *{Q.}*

20 de Junho

local

Teatro Amazonas

executantes

Francisco de Souza Coutinho (Marquês de Valença), o "Chico Redondo 'com o concurso das festejadas Amélia Lopícolo e Irene Isquiros e do Prof. Paulo Roque.'

repertório

1a Parte

1. *"I Pagliacci", prólogo* _____ *R.Leoncavallo* *{C.R.}*
2. *"Maria", romanza brasileira* _____ *A.Vianna* *{C.R.}*
3. *"Otelo", Credo da ópera* _____ *G.Verdi* *{C.R.}*
4. *"Romanza"* _____ *G.Puccini* *{I.I.}*
5. *"Macharmante"* _____ *Quaranta* *{C.R.}*
6. *"Vous éte joue"* _____ *P.Dalmet* *{C.R.}*
7. *"Quando era pagem", da ópera "Falstaff"* __ *G.Verdi* *{C.R.}*

2a Parte

1. *"Romanza da ópera Fausto"* _____ *C.Gounod* *{C.R.}*
2. *"Romanza da ópera ?"* _____ *R.Wagner* *{C.R.}*
3. *"Romanza"* _____ *P.Mascagni* *{A.L.}*
4. *(a pedido) "Casa Branca da Serra", modinha brasileira* __ *A.C.Oliveira*
5. *"Ideale"* _____ *P.Tosti*
6. *"Dueto"* _____ *E.Audran* *{A.L. e I.I.}*
7. *"Canção do toureiro", da ópera "Carmem"* __ *G.Bizet* *{C.R.}*

Observação

"Chico Redondo" fez um outro concerto no Teatro Amazonas em 30 de Junho, mas o programa e os demais executantes não foram divulgados.

21 de junho

local

Salão Nobre da Intendência Municipal

executantes

Paulino Sacramento

programa

Desconhecido. *"dedicado à Academia de Belas Artes"*

2 de julho

local

Teatro Julieta

executantes

Grupo Dramático "Gil Vicente", 'Chico Redondo' entre outros.

repertório

"...sarau esportivo, musical e dramático dedicado à classe comercial amazonense."

11 de Julho

local

Salão Nobre da Intendência Municipal

executantes

"...com o concurso das gentis senhoritas Maria Minhós, Maria Gonçalves Olívia Canuto, Winifred Gonçalves, Maria A. Braga, Adelaide Crêspo de Castro, Alice Neves e Jacy Cezar e dos profs. Armando Lameira, Guido Gazoppi e Madame Bosi, o concerto do prof. J.França..."

repertório

Não divulgado

crítica

Saiu uma pequena nota no "Amazonas", de 11 de Julho de 1908.

17 de Julho

local

Chalet Jardim

executantes

"...festa artística da cançonetista Anita Lopes."

repertório

Não divulgado

19 de Julho

local

Praça da República

executantes

Banda de Música do 1o Batalhão

repertório

1. *"Marcha"* _____ *Miguel Torres*
2. *"Julieta", polka* _____ *?*
3. *"Bebé", xote* _____ *Alfredo Santos*
4. *"Martha", ouverture* _____ *F.Flotow*
5. *"Souvenir de Chatteleault", valsa* _____ *P.Clodomir*
6. *"Dolores", mazurka* _____ *Smídio*
7. *"Fausto", poutpourri* _____ *C.Gounod*
8. *"Baules", valsa* _____ *M.Zuhrer*

9. "Ouverture sobre melodias eslavas"_____ ?
10. "Sous les fonillages", polka p. 2 pistons___?
11. "Fantasia da Traviata"_____G.Verdi
12. "Jubileu",dobrado_____Anacleto [?]

20 de Agosto

local

Salão Nobre da Intendência Municipal

executantes

Maria Bosi (soprano), com a participação de Anina Bosi (soprano), Armando Lameira (violino), Sobreira Lima (flauta) e J.França (piano)

repertório

1a Parte

1. "Legenda Valaca"_____G.Braga {M.B. , A.L. e J.F.}
2. "Serenata"_____Kubelich {A.L.}
3. "Noturno"_____I.Behr {S.L. , A.L. e J.F.}
4. "Non e ver", romanza_____Mattei {M.B. e J.F.}
5. "Duo da ópera Linda di Chamounix"__G.Donizetti {M. e A.Bosi}

2a Parte

1. "Barcarola Veneziana"_____Mário Foresi {A.B.}
2. "Romanza da ópera Os Pescadores de Pérolas"__G.Bizet {M.B.}
3. "Notte d'amore"_____Mário Foresi {A.B.}
4. "Vorrei morire"_____Paolo Tosti (M.B.}
5. "La Chasse", galope brilhante____G.Popp {S.L. e J.F.}

3 de Setembro

local

Teatro Amazonas ?

executantes

Olívia Canuto, Maria Gonçalves, Quitéria de Araújo Miranda, Honorina Amora, Maria de Lourdes Araújo, Isa de Queiroz, Jacy Cezar (pianistas), Antonia Sampaio, Consuelo Canuto, Lucina Amora (violinistas), Alcina Calmon, Abigail Queiroz, Virgínia Côrrea, Marina Amora e Luíza Tibúrcio (bandolinistas)

repertório

1. "Carnaval Hespanhol", p. piano_____? {O.C.}
2. "Terceto de violinos"_____E.Patierno
3. "Les Muscadins", p. piano_____P.Wachs {M.G.}
4. "Grande Galope de Concerto", p. piano à 4 mãos__? {Q.A.M. e H.A.}
5. "Pas de Amphores", p.piano_____C.Chaminade {M.L.A.}
6. "Loin de Toi", quinteto p. bandolins____J.Silvestri
7. "La Morena", p.piano_____C.Chaminade {J.C.}
8. "Rapsódia", p.piano_____F.Liszt {I.Q.}

10 de setembro

local

[Sede do Grupo Gil Vicente ?]

executantes

Tuna do Gil Vicente, sob direção de Alfredo Verdi de Carvalho.

repertório

"...inusitados trechos de música." "Soirée dançante..."

13 de setembro

local

Sede do Grupo Gil Vicente

executantes

Tuna do Gil Vicente

repertório

"...peças especialmente escritas para ela [a Tuna] *de Verdi de Carvalho e outros. Depois, programa dançante."*

10 de Outubro

local

Desconhecido

executantes

Sobreira Lima (flautista), Diva Pena de Barros, Maria Antonieta, Maria Antonieta, João Brígido, Sérgio Olindense e J.Martins (Não se sabe o que faziam)

repertório

Sobreira Lima tocou "Carnaval de Veneza" e é só o que se sabe.

10 de Outubro

local

Sede do Grupo Dramático "Gil Vicente".

executantes

Tuna sob direção do maestro Alfredo Verdi de Carvalho.

repertório

Danças variadas (7 valsas, schottisches e polkas, intercaladas por 2 quadrilhas). Algumas composições de autores locais Incluindo o maestro.

17 de Outubro

local

Ideal Club

executantes

Tuna ou Orquestra desconhecida.

repertório

'Soirée dançante' (valsas, polkas, schottisches e lanceiros [?])

7 de Novembro

local

Sede do Grupo Dramático "Gil Vicente"

executantes

Tuna sob direção do maestro Alfredo Verdi de Carvalho

repertório

"Hyawatha", two steps _____ ?
"Serenade", p.solo de bandolim _____ ?
"Amor Noturno", valsa _____ ?

Foram executadas 4 séries de danças , de 3 polkas, 3 valsas e 3 schottisches sempre com quadrilha entre cada série e valsa ao fim de tudo, cujos nomes não foram divulgados.

1909

10 de janeiro

local

Coreto na Avenida Eduardo Ribeiro

executantes

Banda do Regimento Militar

repertório

1. "Unter dem Doppelander", marcha _____ R. Wagner
2. "La Fille du Regiment", abertura _____ Donizetti
3. "Auf un Metropol", canção _____ Holaender
4. "Nathalie", valsa _____ Pagano
5. "Unter Dusch", dobrado _____ Manthey
6. "Ballsiren", da opereta Viúva Alegre _____ Lehar
7. "I Puritani", seleção _____ Bellini
8. "Barbeiro de Sevilha", fantasia _____ Rossini
9. "Alexandre Girard", marcha _____ Mathey
10. "Nabucodonosor", abertura _____ Verdi
11. "Romeu e Julieta", fantasia _____ Bellini

12. "Carmem", marcha _____ Bizet

Observação

"As bandas do 15o e 36o tocarão uma marcha sinfônica, composição do sr. Henrique Lustre Carregal, oferecida ao sr. dr. Porphírio Nogueira"

16 de janeiro

local

Club Internacional

executantes

Banda de Música do 36o Batalhão Militar

repertório

1a valsa - "Marianna"
2a valsa - "Valsa de Vênus"
1o schottisch - "Toujour a toi"
1a quadrilha - "Julieta"
3a valsa - "Je t'aime"
1a polka - "La Likette"
2o schottisch - "Club Internacional"
4a valsa - "Illusion"
2a polka
5a valsa - "Goutes de Rosée"
3o schottisch - "Horas Amargas"
LANCEIROS
3a polka - "Les Cérises"
6a valsa - "Tout en Rose"
4o schottisch - "Douces paroles"
7a valsa - "Un doux poeme"
4a polka - "Retour des champs"
8a valsa - "Solitude"

17 de janeiro

local

Teatro Amazonas

executantes

João Nunes (pianista)

repertório

1a Parte
1. *"Polonaise em lá bemol"*
2. *"Prelúdios no 1, 3, 6, 7 e 15"* — *F. Chopin*
3. *"Valsa em lá bemol"*
4. *"Balada em sol menor"*
5. *"VIII Rapsódia Húngara"* _____ *Liszt*

2a Parte
6. *"Cavalgada das Valquírias"* _____ *R. Wagner*
7. *"Estudo em si bemol maior"* _____ *Mendelsohn*
8. *"Gavota"* _____ *Gluck Brahms*
9. *"Dança Húngara no 6"* _____ *Brahms*

10. *"Romance"* _____ *João Nunes*
11. *"Polonaise"* _____ *João Nunes*
12. *"Marcha-Húngara"* _____ *Schubert/Liszt*

24 de janeiro

local

[Sede do Grupo Gil Vicente ?]

executantes

Tuna sob direção de Alfredo Verdi de Carvalho

repertório

"Brasil - Portugal"; "Nid d'oiseau" (berceuse); "Lágrimas" (valsa); "Fado" (balata): peças de Alfredo Verdi de Carvalho.
Posteriormente, foi executada uma partida dançante.

28 de janeiro

local

Palácio [do governo]

executantes

Banda do Batalhão Militar Estadual

repertório

1. *"Pelorus", marcha* _____ *A. Bayma*
2. *"Guarany", seleção* _____ *C. Gomes*
3. *"Les sirenes", valsa* _____ *E. Waldteufel*
4. *"Com slancio", polka* _____ *A. Bayma*
5. *"Esperance", valsa* _____ *O. Metra*
6. *"Le Surprise d'Amour", quadrilha* _____ *Arban*
7. *"Guimazotis", schottisch* _____ *A. Bayma*
8. *"A toi", valsa* _____ *E. Waldteufel*
9. *"Sans farçon", polka* _____ *E. Waldteufel*
10. *"Le Beau Danube bleau", valsa* _____ *J. Strauss*
11. *"Quand l'amour meur", valsa* _____ *Octave Cremieux*
12. *"De Paris a Londres", schottisch* _____ *A. Corbin*
13. *"Serenade", valsa* _____ *O. Metra*
14. *"Simplicius", quadrilha* _____ *J. Strauss*
15. *"Illusion", valsa* _____ *E. Waldteufel*
16. *"Tic-tac"* _____ *A. Bayma*
17. *"Avants-propos"* _____ *Dubois*
18. *"Valsa"* _____ *E. Waldteufel*

7 de fevereiro

local

Club Dramático Gil Vicente

executantes

Tuna do Club Gil Vicente, sob direção de Alfredo Verdi de Carvalho.

repertório

Existe uma relação quase ilegível de peças, e sem o nome do autor.
Outro anúncios nos mesmos moldes foram publicados no *Amazonas*, de 4 de abril, 5 e 30 de maio (quando foram executadas as peças: *"Os tunos"*, polka; *"Seduizante"*, valsa; *"Diabinho"*, polka-mazurka; *"Retraite"*, marcha.)

17 de abril

local

Café Riche

executantes

Tercetto

repertório

1a Parte

1. "Marche Noble" _____ *Gilis*
2. "My Waltz" _____ *Nilssen*
3. "Trovador", seleção _____ *Verdi*
4. "Souvenirs", valsa lenta _____ *G. Gazoppi*
5. "La Bousse - bousse -mée", polka _____ *Clerc*

2a Parte

6. "Messe d'amour", valsa lenta _____ *Filipucci*
7. "Miss Hellyett", poutpourri _____ *Audran*
8. "Etincelle", valsa _____ *E. Waldteufel*
9. "La Petit Marquise" _____ *Demarquoy*
10. "Les Cerises", two steps _____ *Cremieux*

30 de maio

local

Club Dramático Gil Vicente

executantes

Orquestra dirigida pelo Professor Armando Lameira

repertório

A relação de peças, cujos títulos estão em português e francês, não se faz acompanhar pelo nome dos respectivos autores.

3 de julho

local

[Academia Amazonense de Belas Artes ?]

executante

Professores e alunos da Academia Amazonense de Belas Artes. Com o gentil concurso dos senhores diletanti dr. Paulino de Mello (violinista), Raymundo Filgueiras (violinista), Lourival Muniz (violinista), ten. cel. Gentil Bittencourt (violinista), Antão Campelo, Pedro Belfort (violista), Pedro Lobo, e os distintos professores Armando Lameira (violinista) e Ildefonso Pereira (violoncelista)

repertório

1a Parte

Hino Nacional pela Banda do Regimento Militar do Estado

1. "Sonata em dó sustenido menor (clair de lune)" _____ *Beethoven*
executada por Maria Sylvia Jardim
2. "Le Rêve de Pierrot", caprice _____ *Goublier*

executada por Honorina Amora

3. *"Septuor Vision"* _____ *Fauconier* {Evangelina Ferreira}
4. *"Quand l'oiseau chante"* _____ *Tagliafico* {Lina Antogini}
5. *"Septuor Reverie"* _____ *Fauconier* {Judith Amorim}
6. *"Valsa"* _____ *Chopin* {Marina Amora}
7. *"Coeur brisé", adagio* _____ *Chopin* {Lídia Nery}
8. *"Pizzicati"* _____ *Gillet* {Maria Braga}
9. *"Sur l'eau", barcarolle* _____ *Binotti* {Etelvina Germano}
10. *"Charm d'Espagne", habanera* _ *?* {Marcelina Cabral}

2a Parte

Hino Municipal, cantado pelaclasse de solfejo dos alunos do Conservatório

1. *"Valsa"* _____ *Chopin* {Marina Amora}
2. *"Serenade Au Clair de Lune"* ___ *Casaneuve* {Hermínia Carneiro}
3. *"Meditation"* _____ *Gounod Bach* {Nathália Bittencourt}
4. *"Marivandage", caprice* _____ *Gauvin* {Maria Nazareth}
5. *"Aubade a ma Mie"* _____ *Bosc* {Maria Mello}
6. *"Andante-Scherzo"* _____ *Kuhlau* {Quarteto de flautas}
7. *"Septuor Meditation"* _____ *Fauconier* {Alzira Bezerra}
8. *"Scherzo de Sonata"* _____ *Beethoven* {Maria Sylvia Jardim}

12 de julho

local

Teatro Amazonas

executantes

Luíz Figueras (violoncelo) e Maxim Holden (piano).

repertório

1a Parte

1. *"Concerto em lá menor"* _____ *Golterman*
2. *"Abenlied"* _____ *Schumann*
3. *"Minueto"* _____ *Becker*
4. *"Tempo Mobile", capricho para violoncelo solo* _ *L. Figueras*

2a Parte

1. *"Célebre Ária"* _____ *J. S. Bach*
2. *"Dança ligeira"* _____ *Fischer*
3. *"An die gelette"* _____ *E. Goldof*
4. *"Tarantella Fantástica"* _____ *D. Popper*

29 de julho

local

[Teatro Amazonas ?]

executantes

Helena Nobre (soprano), Ulysses Nobre (tenor), Sobreira Lima (flautista) e orquestra dirigida por Alfredo Santos.

repertório

1a Parte

1. *"Abertura da ópera portuguesa 'Dona Branca'* _____ *A. Keil* {O.}
2. *"Balada do Guarany"* _____ *C. Gomes* {H.N.}

3. "Homage de la Russie" _____ *W. Popp* {S.L.}
4. "Prológo do Pagliacci" _____ *Leoncavallo* {U.N.}
5. "Gioconda", dueto do 4o ato _____ *Ponchielli* {H. e U. N}

2a Parte

1. "Manon", intermezzo do 3o ato _____ *Puccini* {O.}
2. "Manon", romanza do 4o ato _____ *Puccini* {H.N.}
3. "Occhi de Fata", romanza _____ *L. Deliza* {U.N.}
4. "Lo Schiavo", romanza do 3o ato _____ *C. Gomes* {H.N.}

7 de agosto

local

[Teatro Amazonas ?]

executantes

Helena Nobre (soprano), Ulysses Nobre (tenor), Gilda Nobre e Alfredo Verdi de Carvalho.

repertório

1a Parte

1. "Rolando", romanza _____ *Leoncavallo* {H.N.}
2. "Ballo in Maschera", romanza _____ *Verdi* {U.N.}
3. "Amore, amore", romanza _____ *A. Tirindelli* {G.N.}
4. "Trovas" _____ *A. Nepomuceno* {U.N.}
5. "Voce di Primavera", grande valsa _____ *J. Strauss* {H.N.}

2a Parte

1. "La Boheme", romanza _____ *Puccini* {H.N.}
2. "Tosca", ária para tenor _____ *Puccini* {U.N.}
3. "Manon", romanza do 3o ato _____ *Puccini* {U.N.}
4. "Maria", romanza dedicada à Sociedade Amazonense _____ *Araújo Vianna*
5. "Tango à brasileira" _____ *Elpídio Pereira* {H.N.}

20 de agosto

local

Teatro Amazonas

executantes

Júlio Cardona (violinista) e Hernani Torres (pianista)

repertório

1. "Concerto no 2, op. 22" _____ *Wieniawsky* {J.C.}
2. "Carnaval a la Russie" _____ *Wieniawsky* {J.C.}
3. "Estudo no 12, op. 10" _____ *Chopin* {H.T.}
4. "Estudo no 2, op. 25" _____ *Chopin* {H.T.}
5. "Impromptu op. 56" _____ *Chopin* {H.T.}
6. "Polonaise op. 53" _____ *Chopin* {H.T.}
7. "Balada op. 118" _____ *Brahms* {H.T.}
8. "Marche des Nains op. 54" _____ *Grieg* {H.T.}

9. "São Francisco de Paula" _____ *Liszt* {H.T.}
10. "Caminhando sobre as ondas" _____ *Hernani Torres* {H.T.}
11. "Spanischer Tanz op. 58" _____ *Rehfeld* {J.C.}
12. "Yankee Doodle op. 17" _____ *H. Vieuxtemps* {J.C.}

24 de setembro

local

Grêmio Familiar Amazonense

executantes

Gentil Náder Figueiredo (canto), Marina Amora, Dalila Bittencourt, Sarah Mesquita, Esther Jacintho (bandolins), Honorina Amora, Consuelo Canuto (violino), Laura Coelho (piano ?), Marieta Fischer (canto)

repertório

1. "Radieuse", grande valsa de concerto _____ *L.M. Gottschalk*
2. "Amor te chiedo", romanza _____ ? {M.F, M e H. A.}
3. "Robert le diable", fantasia para violino _ *J.B.Singele* {C.C.}
4. "Les Adieux", fantasia _____ *Weber* {L.C.}
5. "Fuggime", romanza _____ *Luigi Denza* {M.F.}
6. "Cançoneta para soprano e quarteto de bandolins" {G.N.F.}

* Houve mais cançonetas entremeadas de poesias. Terminou com uma partida dançante.

5 de dezembro

local

Teatro Amazonas

executantes

Grupo Dramático Gil Vicente e orquestra dirigida por Armando Lameira, com a participação de Emma Biarry e outros.

repertório

Comédias e cançonetas

12 de dezembro

local

Salão Nobre da Intendência Municipal

executantes

Mamede da Costa (violinista), Esther Bezerra da Costa (pianista) e o menino Adamor (ao violoncelo).

repertório

1a Parte

1. "Cavattina" _____ *Raff*
2. "Rapsódia Húngara" _____ *Hauser*
3. "Aveu" _____ *Ronchini*
4. "Romanza Brasileira" _____ *Artur Napoleão* {menino Adamor}
5. "Berceuse" _____ *Mamede da Costa*

6. *"Zapateado"* _____ *Sarasate*
7. *"Minueto"* _____ *Becker*
8. *"Zamacueca"* _____ *Milano*

2a Parte

9. *"Souvenir de Haydn"* _____ *Leonard*
10. *"Sonata em Lá maior"* _____ *Paganini*
11. *"Le Streghe"* _____ *Paganini*
12. *"Canto do Cisne"* _____ *Saint-Saens*
13. *"Yankee Doodle"* _____ *H. Vieuxtemps*

28 de dezembro

local

[Teatro Amazonas ?]

executante

João Nunes (pianista)

repertório

1. *"Sonata em si bemol menor op. 35"* _____ *Chopin*
2. *"Valsa em lá bemol"* _____ *Chopin*
3. *"Noturno e Sol"* _____ *Chopin*
4. *"Scherzo op. 31"* _____ *Chopin*
5. *"Gavota"* _____ *Gluck Brahms*
6. *"Impromptu em lá bemol"* _____ *Schubert*
7. *"Jardin sous la pluie"* _____ *Debussy*
8. *"Gavota"* _____ *Saint Saens*
9. *"Novellette em lá"* _____ *R. Schumann*
10. *"Novellette em mi"* _____ *R. Schumann*
11. *"Harmonie du soir"* _____ *Liszt*
12. *"Marcha Húngara"* _____ *Schubert/Liszt*

observação

Este concerto foi possivelmente transferido para o dia 2 de janeiro de 1910.

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

BIA

cm 1 2 3 4 5 6 7
unesp
1 12 13 14 15 16 17 18